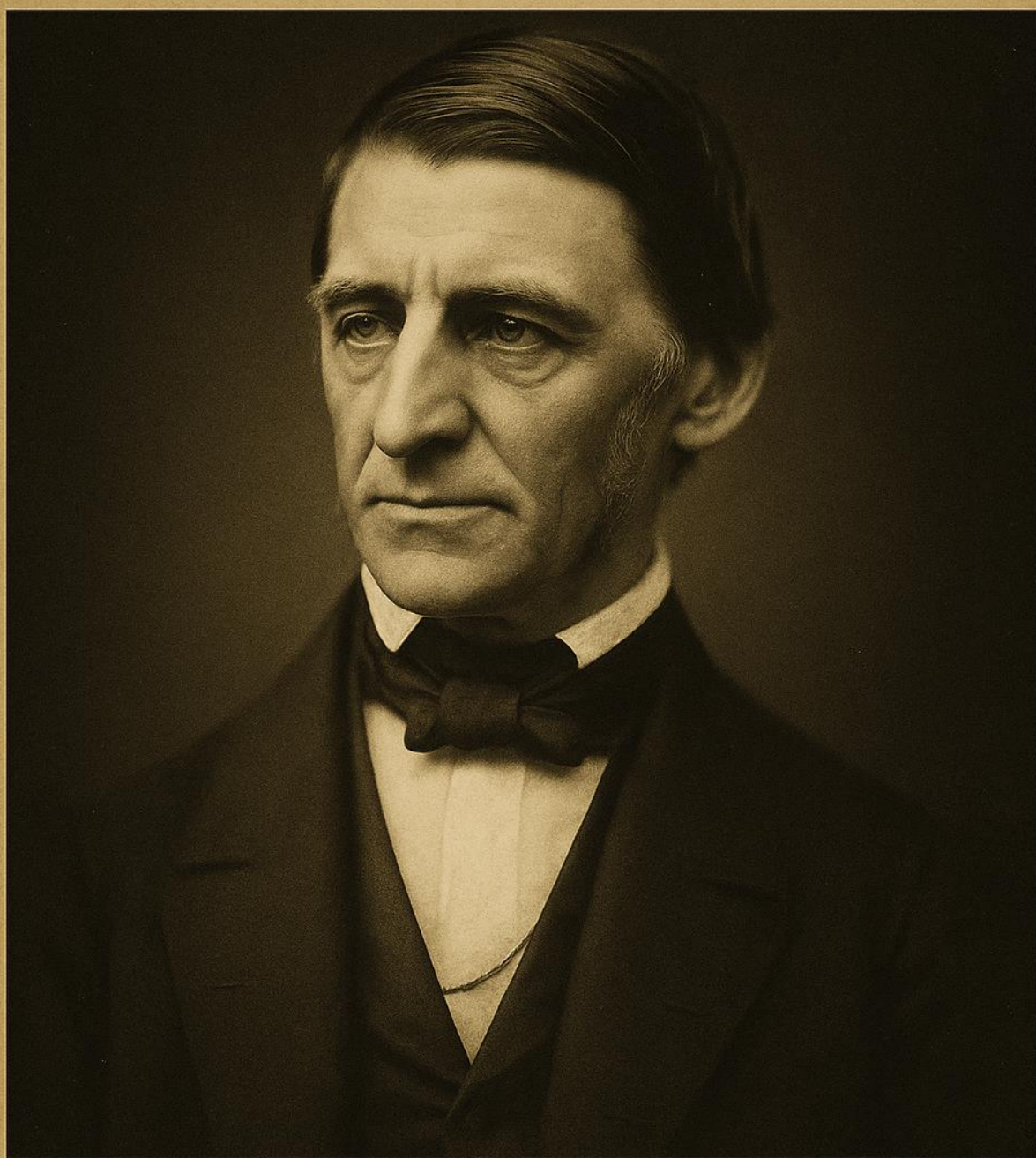
EMERSON
ENSAIOS
Tradução: Amadeu António

Em 1838, diz Henry Thomas, Emerson escreveu que parecia que a distinção da Nova Era deveria vir a assentar na recusa da autoridade. Nesse ano discursou na Universidade de Harvard (Divinity School) em que confrontou e desafiou a autoridade estabelecida, ao proclamar a simplicidade e a energia da Lei Suprema -- a unidade da humanidade. Proclamou a doutrina da liberdade individual e da tolerância universal -- o princípio do Novo Mundo de colaboração mútua entre os homens livres, contra a velha fórmula do Velho Mundo de mútua desconfiança, entre os indivíduos e as nações escravizadas. Colocou o código ético da humanidade numa base pratica Americana -- Viver, Deixar Viver, e Ensinar a Viver. Essa aula marcou a Declaração da Independência Moral dos Estados Unidos. "De agora em diante," observou um membro do auditório, "terão os nossos jovens um Quinto Evangelho nos seus testamentos -- o Evangelho Americano."

O discurso, todavia, causou uma enorme afronta e despertou uma feroz oposição. Apontava a escassez que grassava nas paróquias e a imobilidade da religião, e argumentava a favor da necessidade de todo um novo modo de revelação, o que, na circunstância da época e do local, representava um feito anarquista ímpar. Com isso deixou de ser convidado para discursar na Universidade de Harvard por trinta anos. Mas nessa altura desfechou a rutura final com a Igreja. A interpretação que fazia da religião era demasiado heterodoxa para as fórmulas rígidas da igreja estabelecida. "O Cristianismo, conforme o encaro tem por objeto simplesmente tornar os homens bons e sábios. As suas instituições deviam, pois, ser tão flexíveis quanto as necessidades dos homens."

Já tinha resignado ao cargo que assumira de ministro em 1832, mas tinha continuado a pregar em Concórdia. Agora, porém, ele sentiu que tinha que se dissociar até mesmo da burocracia residual do púlpito. Advogava ele a aplicação do Sermão da Montanha em vez da adesão convencional às cerimónias da igreja. O "Reino de Deus", dizia, "não está na comida nem na bebida, mas na retidão e na paz." Ao se afastar da sua igreja não atacou nenhum homem nem nenhuma instituição. Observou apenas que, já que era incapaz de ver com os mesmos olhos da congregação, melhor seria que esta última arranjasse um outro pastor. Oliver Wendell Olmes observou: "Ali estava um iconoclasta sem martelo, que retirava os ídolos dos seus pedestais com tamanha delicadeza quem mais se diria ser um ato de adoração."

Hawthorne descreve-nos um gracioso retrato do sábio sereno e amistoso de Concord durante os seus passeios diários. Era bom encontrá-lo nos caminhos das florestas, ou, às vezes, na nossa avenida, com aquele puro brilho intelectual difundido em torno da sua presença, como brilhante vestidura; tão calmo, tão simples, tão despretensioso, indo ao encontro de cada homem vivo como se esperasse receber mais do que poderia dar..." Não havia, na sua atitude, ódio, rancor ou desdém, mas apenas perdão e amor infinito.

Os seus críticos caracterizavam a sua filosofia transcendentalista como uma "filosofia em que nada é tudo no geral, e tudo é nada em particular"- definição tão falsa quanto graciosa: "Em todas as minhas conferências preguei uma doutrina, a da infinidade do homem particular e da unidade humana."

Na verdade, porém, Emerson não possuía um sistema preciso de filosofia. O seu pensamento não tinha, propositadamente, consistência dogmática. "Uma tola Consistência", observou, "é um fantasma para os espíritos tacanhos." Para ele o poder constituía palavra-chave. "A Lei da Natureza diz para agirmos; assim se obterá o poder." (Compensação) "O poder constitui na natureza a medida essencial do correcto." E para ele o poder era inseparável do movimento.

Não tinha ele pretensão de conhecer a verdade. A verdade, dizia, é tão difícil de agarrar e de engarrafar quanto a luz. Tudo o que se esforçava por fazer era apanhar, aqui e ali, um fio isolado que lhe parecesse parte de um desenho intrincadamente tecido, porém definido, de uma Providência benevolente. Esses fios podem ser rapidamente reunidos da seguinte maneira: todos os homens são partes vitais de um organismo – a humanidade.

"Deixemos de ser seguidores; sejamos fundadores e chefes. Construí o vosso próprio mundo. Construí a vossa própria vida. A vida particular de um homem pode tornar-se mais ilustre que qualquer reino da história. Que cada um de nós comece em casa." Mas, que significava essa *maneira de ser americana*? O reconhecimento da importância de cada qual na soma total O tamanho não importa; nem importam a pompa, a jactância nem a fama. Os deuses descem à Terra em disfarces modestos. Nas tradições de muitas nações, as criaturas mais poderosas são as menores. Que cada indivíduo se preocupe com o seu trabalho e que cada indivíduo respeite o trabalho dos semelhantes. Se o ferreiro é incapaz de escrever um poema, o poeta, por seu turno, é incapaz de pregar uma ferradura.

"Estamos sempre à beira de tudo quanto é grande. Confiai em vós mesmos. Reclamai a vossa parte na grandeza da vida. Aprendei a relação entre que existe entre o humano e o divino. Entregai-vos à força que tendes dentro de vós – não à força de escravizar, mas à força para libertar, para ajudar. Ousai tornar-vos senhores dos vossos próprios destinos e ensinai toda a gente a ousar da mesma maneira.

A filosofia de Emerson realçou a nobreza do comum: "Sabei, quem quer que sejais, que o mundo existe para vós. Em cada homem há um anjo disfarçado que faz papel de bobo." Era a esses anjos disfarçados que se dirigia nos seus auditórios, exortando-os a sacudirem de si as tolas vestes exteriores da servidão e do servilismo, da humilhação, do preconceito e do ódio, e a apresentarem-se em todo o seu esplendor de homens livres. Dizia-lhes para se libertarem da filosofia europeia da resignação e aceitassem o Evangelho americano da aspiração. Instava com cada um para que se afirmasse -- não como essência isolada mas como essência inclusiva,

que fortificassem o coração com essa essência inclusiva, desse individualismo social que é deles por direito de nascença. "Arrebatai aos vossos espíritos as suas cadeias e aprendei a conhecer-vos como o homem que estais destinado a ser. Não há limites às possibilidades do homem."

"Sede joviais! Este mundo pertence aos alegres, aos enérgicos, aos ousados. Ousai afirmar-vos como cidadão acreditado da Humanidade. O vosso nascimento neste mundo não foi um erro. Sois um convidado para o banquete da vida. E aquele que vos enviou o convite não é hospedeiro mesquinho. A generosidade divina está oculta em algum lugar, atrás do mistério da criação. Há inteligência e boa vontade no coração das coisas."

A vida do homem é uma busca pela amizade, uma luta pela reunião de classes da alma humana. Mas a verdadeira amizade não é apenas uma paixão, mas também um ato da alma. É um jogo divino de dar e receber. "A única maneira de ter um amigo é ser um amigo. Devemos aprender a apertar mãos heroicas em mãos heroicas."

Essa concepção ativa e heroica da amizade é, para Emerson, a única coisa verdadeira num mundo de sombras.

"Cultivai a arte da amizade e vós vos aproximareis do coração da realidade. Deixareis de contemplar o arco-íris e vereis a verdadeira fonte de luz. Se o homem pudesse inspirar uma terna bondade em relação às almas dos homens e viesse a sentir que cada homem era uma outro eu... esse sentimento provocaria as mais impressionantes mudanças nas coisas externas."

Da tradução usada pela Martin Claret

NE TE QUAESIVERIS EXTRA

(NÃO PROCURES POR TI NO EXTERIOR)

O homem é a sua própria estrela; e a alma que pode
Tornar um homem honesto e perfeito
Comanda toda a luz, toda a influência, todo o destino;
Nada lhe acontece demasiado cedo nem demasiado tarde.
Os nossos atos são os nossos anjos, bons ou maus,
Sombras do destino que caminham ainda a nosso lado.

In: Fletcher e Beaumont, *"Epílogo de A Fortuna do Homem Honesto"*

Deita o pirralho sobre os rochedos,
Amamenta-o na teta da loba,
Que ele hiberne com a raposa e o falcão,
Que velocidade e potência sejam seus pés e suas mãos.

Li, há dias, uns versos de um pintor eminente, cheios de originalidade e sem nada de convencional. A alma sempre entende uma advertência em tal género de versos, qualquer que seja o assunto tratado. O sentimento que eles instilam vale mais do que qualquer pensamento que possam conter. Crer no teu próprio pensamento, crer que aquilo que é verdade para ti, pessoalmente, é ainda verdade para todos os homens - isso é génio.

Dá voz às tuas convicções latentes e tornar-se-á o seu sentido universal; porque o que é interior se tornar sempre no exterior e o nosso primeiro pensamento (motivo) nos vir a ser restituído pelas trombetas do Juízo Final. Conhecido como a voz do espírito de cada um, maior mérito que atribuímos a Moisés, Platão ou Milton é o de não terem feito nenhum caso dos livros e das tradições e de terem dito, não o que pensavam os homens, mas o que eles próprios pensavam.

O homem deveria aprender a detetar e a observar este brilho de luz, que interiormente lhe cruza o espírito como um raio, mais do que a cintilação do firmamento dos bardos e dos sábios. E, no entanto, afasta, sem lhe dar importância, tal pensamento, por ele ser seu. Em toda a obra de génio reconhecemos os nossos próprios pensamentos rejeitados: eles regressam a nós com uma certa majestade alheada. As grandes obras de arte não nos dão lição mais válida que a seguinte: ensinam-nos a persistir nas nossas impressões genuínas com serena inflexibilidade, sobretudo quando o coro das opiniões se encontra no campo oposto. Assim, poderá ser um estranho, amanhã, a dizer-nos precisamente, e com

magistral com senso, aquilo que sempre pensamos e sentimos, e ver-nos-emos constrangidos e envergonhados a receber de outro aquela que era a nossa própria opinião.

Chega um momento, na educação de todo o indivíduo, em que ele se convence de que a inveja é ignorância; de que a imitação é suicídio; de que deve procurar saber aceitar-se a si mesmo para o melhor e para o pior, conforme a sorte que lhe coube; de que mesmo que o bem abunde no universo nenhum grão nutriente poderá alcançar sem ser por intermédio do labor que consagre ao bocado de terra que lhe foi dado a cultivar. O poder que nele reside é, por natureza, novo, e ninguém senão ele próprio pode saber o que pode fazer; além disso não o saberá senão quando o experimentar.

Não é por acaso que tal rosto, tal personalidade, tal acontecimento o impressionam fortemente enquanto outros o deixam indiferente. O que se agrava na memória não existe sem harmonia pré-estabelecida. O olho foi posto aí onde devia cair um raio de luz a fim de que ele pudesse testemunhar da presença desse raio particular. Nós não nos exprimimos senão pela metade. E sentimos vergonha dessa ideia divina que cada um representa. Pode dizer-se, com toda a certeza e confiança que ela foi repartida de maneira justa e equitativa a fim de ser fielmente transmitida, mas a obra de Deus não pode ser testemunhada por covardes.

Um homem torna-se assertivo e alegre se empenhar o coração em todo o seu trabalho e der o seu melhor; mas o que ele disser ou fizer de outro modo não lhe trará a paz. Será uma libertação que não liberta; e, entretanto, o seu génio abandoná-lo-á; nenhuma musa lhe sorri, nenhuma criação, nenhuma esperança.

Confia em ti próprio: cada coração vibra através desta corda de aço. Aceita o lugar que a divina providência encontrou para ti, a sociedade dos teus contemporâneos, o encadeamento dos factos. Os grandes homens sempre fizeram assim e, tal como as crianças, abandonaram-se ao génio da sua época, testemunhando desse modo a sua perceção de que o absolutamente digno de confiança residia no seu coração, manifestando-se através das suas mãos e predominando em todo o seu ser.

E somos nós agora também homens, e devemos acolher com a mais elevada convicção o nosso destino transcendente. Não sejamos menores e inválidos a um canto protegidos, nem covardes fugitivos diante duma revolução, mas guias,

redentores e benfeitores, obedecendo ao esforço do Todo-Poderoso e triunfando sobre o Caos e as Trevas.

Que belos oráculos a natureza nos estende sobre este assunto no rosto e comportamento das crianças, nos recém-nascidos e até nos animais. Eles não têm o espírito dividido e rebelde nem qualquer desconfiança com relação a um sentimento. Achando-se o seu espírito intato, o seu olhar não se acha ainda vencido; quando fixamos o seu rosto ficamos desconsertados. A infância não se molda a ninguém, todos se lhe moldam.

Assim, Deus, concedeu igualmente à juventude, à adolescência e à maturidade o seu próprio sabor e fascínio, tornando-as desejáveis e graciosas com as suas particulares exigências, na medida em que cada uma se afirma por si própria. Não pensem que o ser jovem não tenha força própria só por não ser capaz de articular uma conversa convosco ou comigo.

O jovem representa o centro das atenções: independente, irresponsável, enquanto observa do seu canto o que acontece e as pessoas que passam, e julgando, e emitindo sentenças sobre os seus méritos no modo célere e sumário da juventude, achando-as boas, más, interessantes, estúpidas, eloquentes ou fastidiosas; sem jamais se preocupar com interesses ou consequências, emite ele um veredicto independente e autêntico. É a vós que cabe cortejá-lo, porque ele não os cortejará nunca. O homem maduro é como se estivesse encerrado na prisão pela sua consciência.

Uma vez que tenha agido ou falado com brilho, torna-se comprometido e os outros passam a reparar nele pela compaixão ou a raiva que apresenta, pelo que deve desde então tomar em conta os sentimentos. Mas para isso não existe nenhum Letes. Ah, se ele pudesse regressar à sua neutralidade anterior. Mas aquele que consegue também ditar os seus compromissos, e tendo observado, observar de novo com a mesma inocência imparcial, incorruptível, desprovida de medo e de afeção, esse não pode senão ser formidável. Poderia emitir opiniões sobre todos os assuntos, opiniões essas que, sendo consideradas não como pessoais mas como necessárias, penetrariam como dardos nos ouvidos dos outros e os encheriam de temor.

São essas as vozes que ouvimos na solidão, mas que se tornam fracas e inaudíveis desde que entramos no mundo. Por todo o lado a sociedade conspira contra a virilidade de cada um dos seus membros. A virtude mais procurada é o

conformismo. Pela confiança em si ela não tem senão aversão. Ela não ama as realidades e as criaturas mas os nomes e os costumes.

Aquele que quiser ser um homem deverá ser não conformista. Aquele que quiser colher louros imortais não deve ser impedido disso em nome da bondade, mas deve indagar se se trata verdadeiramente de bondade. Nada em definitivo é sagrado senão a integridade do vosso espírito. Absolvei-vos a vós próprios e recebereis o sufrágio do mundo.

Recordo-me da resposta que dei, quando bastante jovem, com prontidão a um estimado conselheiro que tinha o hábito de me importunar com as boas velhas doutrinas da Igreja. Enquanto eu lhe dizia "Que tenho eu que ver com as tradições, se vivo totalmente da minha interioridade?" ele respondia-me: "mas tais impulsos podem vir-te de baixo, e não do alto." Ao que eu retroquei: " Não me parece que sejam; mas se sou filho do demónio, pois bem, viverei segundo a lei do demónio." Nenhuma lei pode ser sagrada a meus olhos, se não for a da minha própria natureza.

O bem e o mal não são senão nomes que podemos facilmente transpor; só é bom o que é conforme à minha natureza e só é mau o que vai contra ela. Diante de cada obstáculo, cada um deve comportar-se como se todas as coisas fossem aparentes e efémeras, salvo ele próprio. Sinto vergonha quando penso na facilidade com a qual capitulamos diante das insígnias, os nomes, a importância das sociedades e as instituições mortas. Todo o indivíduo decente e capaz de articular a fala me toca e comove mais do que convém. Eu deveria erguer-me, cheio de um impulso vital, e em todos os casos, pronunciar a linguagem crua da verdade.

Caso a malignidade e a vaidade usam a veste da filantropia, será preciso aceitá-lo? Se um fanático abraça a causa generosa da abolição da escravatura e vem visitar-me trazendo-me as últimas notícias de Barbados, porque não deverei eu dizer-lhe: "Ama o teu filho, ama o lenhador que trabalha para ti e não disfarces a ambição dura e egoísta que sentes com o verniz dessa incrível ternura que nutres por negros que se encontram distantes daqui por milhares de quilómetros.

O amor que nutres pelo que está distante não é senão o desprezo que sentes pelo que se encontra próximo. Decerto que essa seria uma abordagem fracassada e destituída de graça, mas a verdade é mais elegante que a afetação do amor. A bondade que sentes deve traduzir alguma verdade - ou será nula. A doutrina do ódio deve ser pregada como oposição à doutrina do amor sempre que isso geme e

choraminga. Eu evito pai e mãe, esposa e irmão sempre que o génio clama por mim. Escreverei, de bom grado, no frontão da sua entrada: "Capricho."

Não esperem que eu aponte as razões por que procuro ou rejeito a companhia. Não se me dirijam conforme o fez hoje um bom homem, do dever que me cabe de pôr todos os pobres em melhores condições. Serão eles os meus pobres? Digo-te, filantropo estúpido, que lamento os cobres que dou àqueles que não estão do meu lado e do lado dos quais não estou. Mas existe, pelo contrário, uma categoria de pessoas, à qual, em virtude de afinidades espirituais, eu pertenço totalmente; por elas eu iria para a prisão, se fosse preciso.

Mas a vossa promíscua caricatura popular, o ensino universitário para imbecis, a construção de salas de reuniões para fins completamente vãos para a qual muitos contribuem, as esmolas dadas a embrutecidos, e as sociedades de socorro muitas vezes falidas; embora deva confessar com um certo embaraço que, se algumas vezes também eu sucumbo e dou o meu cobre, não se trata senão de um dinheiro culpado que pouco a pouco terei a coragem viril de nunca mais dar.

As virtudes são, segundo a opinião geral, mais a exceção do que a regra. Há o homem e há as suas virtudes. Os homens fazem o que se chama uma boa ação, como um ato de coragem e de caridade, como se tivessem que expiar com alguma multa a sua ausência à exibição diária no passeio público. As obras que pratica fazem-nas como uma desculpa ou circunstâncias atenuantes ao que é a sua vida no mundo - assim como os inválidos e os loucos pagam um tributo elevado. As suas virtudes mais se parecem com penitências.

Eu não quero expiar mas viver. A minha vida existe para si própria e não para o passeio público. Prefiro de longe que ela exista num modo menor a fim de ser justa e autêntica, do que ela brilhe de um fulgor instável. Quero que ela seja doce e sã, e não tenha qualquer necessidade de dieta ou de sangrias. Peço antes de mais que demonstreis ser homem e recuso-me a transferir tais atributos do homem para as suas ações. Para mim, quer realize, quer rejeite essas ações que são tidas como excelentes, isso não faz nenhuma diferença. Por pouco numerosos e humildes que sejam os talentos que possuo, eu existo realmente, e para minha própria garantia ou dos meus concidadãos, não tenho necessidade de nenhum outro testemunho.

O que eu devo fazer é tudo quanto me diz respeito, e não o que as pessoas pensam. Esta regra, igualmente árdua na vida prática e na vida intelectual, pode servir para medir toda a diferença entre a grandeza e a baixeza. Tanto mais árdua

será quanto encontrareis constantemente pessoas que pensam saber qual será o dever que vos cabe melhor do que o sabeis vós próprios. É fácil, estando no mundo, viver segundo a opinião do mundo; é fácil, na solidão, viver segundo a nossa, mas tem grandeza aquele que no meio da multidão guarda com uma serenidade perfeita a independência da solidão.

A objeção a fazer quanto ao respeito de usos tornados para vós letra morta repousa no facto de que isso delapida as vossas forças. Isso dissipa-vos o tempo e ofusca a marca do vosso carácter. Se cada um apoiar uma Igreja morta, se aderir a uma sociedade bíblica morta, se votar num grande partido, quer ele seja por ou contra o governo, se puser a mesa como o faz uma vulgar dona de casa - por detrás de todas essas cortinas difícil se tornará captar o homem que ele é, assim como obviamente representa uma enorme quantidade de energia retirada à suas vida própria. Faz o teu trabalho e eu reconhecer-te-ei. Faz o teu trabalho e sairás fortificado. O homem deve dar-se conta de que o jogo do conformismo não é senão um jogo de cabra cega.

Se eu souber a que seita pertences, conhecerei antecipadamente os teus argumentos. Ouço um pregador anunciar os seus textos e o assunto: a utilidade de uma das instituições da Igreja. Não saberei portanto antecipadamente que será impossível que ele pronuncie palavras novas e espontâneas? Não saberei eu que, com toda a ostentação que coloca na disponibilidade para examinar os fundamentos da instituição, ele não o fará? Não saberei eu que ele se encontra comprometido a não considerar senão um aspeto (aquele que é autorizado), não enquanto homem mas enquanto ministro da paróquia a que pertence? Ele é como um mandatário dotado de uma retribuição, e os seus ares de livre tribuno não são senão afetação vazia.

Pois bem, a maior parte dos homens vendou os olhos com um lenço e ligou-se a uma outra dessas comunidades de opinião. Tal conformismo faz com que eles se enganem não em certos pontos, tornando-se autores de certas mentiras, mas em todos os pontos. Nenhuma das suas verdades é totalmente verdadeira. O que eles chamam de dois não é o mesmo que dois, e o mesmo sucede com o que chamam de quatro, de tal modo que cada palavra que pronunciam nos mortifica e não sabemos por onde começar para as endireitar.

E durante esse tempo a natureza não demora a fazer-nos envergar a vestimenta de prisioneiro do partido a que aderimos. Chegamos todos a adotar um único padrão de rosto e figura e adquirimos gradualmente a mais mole expressão de estupidez. Mas

há uma experiência particularmente mortificante que se produz também na história geral; estou a referir-me ao ar estúpido do elogio, o sorriso forçado que arvoramos quando nos encontramos á vontade em sociedade, em resposta a uma conversa que não nos interessa. Os músculos, não movidos pela espontaneidade mas, no lugar dela, por uma obstinação de ordem inferior, apertam-se sob os contornos do rosto com um efeito dos mais desagradáveis.

Em resposta ao não conformismo, o mundo castiga-nos com o seu desprazer. Por conseguinte, é preciso saber em que conta se deve ter uma expressão amarga. No salão de um amigo ou na rua, os espectadores olham de soslaio. Se tal hostilidade tivesse origem no mesmo desdém e na mesma obstinação que ele experimenta, poder-se-ia muito bem regressar a casa com uma contenção triste; mas as faces amargas ou benévolas da multidão não têm nenhuma causa profunda: são postas e retiradas ao sabor da maré ou por instigação de um jornal qualquer. E no entanto, o descontentamento da multidão é mais forte do que o do senado ou o da universidade.

É suficientemente fácil para o indivíduo seguro, conhecedor do mundo, suportar a cólera das classes mais cultivadas. A sua cólera é cortês e prudente porque os seus membros são reservados, sabendo-se eles próprios muito vulneráveis, mas quando à sua cólera um pouco feminina se acrescenta a indignação do povo, quando o pobre e o ignorante se erguem, quando a força bruta e animal que jaze no mais baixo da sociedade ruge e devasta, ocorre então o hábito da religião e da magnanimidade para a tratar soberanamente como um objeto sem importância que não nos diz respeito.

Há uma outra coisa que nos leva a desviar com terror da confiança que temos em nós mesmos - é a nossa coerência; um respeito pelas nossas palavras ou pelos nossos atos passados para calcular a nossa própria órbita, e repugna-nos desiludi-los.

Para que é que é preciso manter a cabeça sobre os ombros? Para quê passear esse cadáver da memória com medo de contradizer o que se afirmou em tal ou qual local público? Suponhamos que se contradizem; e depois? A mim, parece-me uma regra de sabedoria nunca contar unicamente com a memória, ainda menos quando se trata de atos de pura memória, mas submeter o passado ao juízo dos múltiplos olhos do presente e viver de cada vez um dia novo. Nas teorias metafísicas negou-se personalidade à divindade, e no entanto, quando os devotos impulsos da alma os surpreendem, concedem-lhes coração e vida, ainda que ao preço de revestir Deus

de formas e cores. Tal como José que deixou as suas vestes nas mãos da prostituta, abandonai as vossas teorias e fugi.

A coerência estúpida perfaz a obsessão das pequenas mentes, adorada pelos mesquinhos homens da política, da filosofia e da teologia.

Com a coerência, uma grande alma não tem simplesmente nada a fazer. Seria o mesmo que preocupar-se com a própria sombra projetada na parede. Exprimi o que sentis hoje em palavras fortes e dizei amanhã aquilo que pensais com palavras igualmente fortes, mesmo que isso contradiga aquilo que dissestes hoje. "Ah, mas assim serei certamente incompreendido"- será assim tão mau ser incompreendido? Pitágoras foi incompreendido, e Sócrates e Jesus e Lutero e Copérnico e Galileu, e Newton e todo puro e grande génio que alguma vez tenha encarnado foi incompreendido.

Ser grande é ser incompreendido. Suponho que nenhum homem pode violentar a sua natureza. Todos os ímpetos da sua vontade são esbatidos pela lei do seu ser, tal como as asperezas dos Andes e dos Himalaias se tornam insignificantes sobre a curvatura do globo terrestre.

Um carácter é como um acróstico (repetição poética) ou uma estrofe alexandrina: leia-se de trás para a frente, da frente para trás ou de través, ele dirá sempre a mesma coisa...

Nós passamos por aquilo que somos. O carácter ensina-nos mais do que a vontade. Os homens imaginam que comunicam as suas virtudes ou vícios apenas através de ações claras e não veem que a cada instante tal virtude ou tal vício exala o seu próprio sopro.

Haverá um acordo entre todas as ações, por mais variadas que sejam, desde que sejam apropriadas e naturais, cada uma no seu momento. Derivando todas de uma única vontade, as ações harmonizar-se-ão entre si, por muito dissemelhantes que possam parecer. Tal variedade perde-se de vista a uma distância mínima, a uma elevação mínima do pensamento. Elas são unificadas por uma só e mesma tendência. O trajeto do melhor dos navios não é senão uma linha quebrada formada por centenas de traços enviesados. Observai esse percurso a uma distância suficiente e vereis que ele se endireita, ao se cingir à tendência média.

A vossa ação autêntica justificar-se-á por si e justificará as vossas demais ações autênticas, enquanto o vosso conformismo não explica nada. Agi com singularidade, e o que já fizestes de modo singular vos deverá justificar-vos-á agora. Aquilo que é grande interpela o futuro. Se eu puder ser suficientemente firme para agir de maneira justa e desprezar o olhar dos outros, devo ter agido de modo suficientemente justo antes para que os meus atos me defendam agora. Aconteça o que acontecer, agi de maneira justa agora. Não tenhais senão desprezo pelas aparências, e isso tornar-se-á sempre possível. A força de um carácter constrói-se por acumulação. Todos os dias passados sob o signo da virtude contribuem para ele com todo o seu vigor.

O que é que faz a majestade dos heróis o senado ou dos campos de batalha, que assim marcam a imaginação? É uma sequência de dias gloriosos e de vitórias consecutivas. São eles que difundem uma luz harmoniosa sobre aquele que avança. É como se os anjos o acompanhassem com uma escolta visível. É isso que faz vibrar o trovão na voz de Chatham, confere dignidade ao porte de Washington e faz brilhar a própria América no olhar de Adams.

Achamos a honra venerável por não ser efémera. É sempre uma virtude antiga. Celebrámo-las hoje por ela não ser dos dias de hoje. Amámo-la e prestámos-lhe homenagem por ela não ser uma armadilha para a nossa afeição e a nossa homenagem, mas depender unicamente de si mesma, provir unicamente de si mesma, e ser consequentemente de uma origem antiga e imaculada, mesmo que se manifeste num ser jovem.

Afrontemos e debelemos a mórbida mediocridade e a abjeta satisfação da nossa época, e lacemos na face do Hábito, do Comércio e da Burocracia aquilo para que tende toda a história, a saber que, onde quer que o homem aja, há um grande responsável a Pensar e a Agir; que um homem verdadeiro não pertence a nenhum outro lugar ou nenhuma outra época, mas constitui o centro das coisas. Onde ele se encontra, encontra-se a natureza. Ele avalia-vos tal como avalia todo o homem e todo o acontecimento. Habitualmente, cada um na sociedade nos lembra algum outro ou alguma coisa. O carácter, a realidade, não nos recordam nada; remetem a toda a criação. O homem tem de ser tão intenso que torne todas as circunstâncias indiferentes. Cada homem verdadeiro é ao mesmo tempo causa, país e época.

Ele necessita dos espaços, dos números infinitos e do infinito do tempo para realizar plenamente o seu desígnio - e a posteridade parece seguir os seus passos como um cortejo servil. Que nasça um César, e durante séculos temos o Império

romano. Que venha o Cristo, e os homens, aos milhões, ligam-se tanto ao seu génio, que ele se confunde com a virtude e o possível do homem. Uma instituição não é senão a sombra projetada de um só homem -- assim o monaquismo, do eremita Antão; a Reforma de Lutero; o quakerismo, de Fox; o metodismo, de Wesley, o Abolicionismo, de Clarkson. Wilton chamava a Cipião "o apogeu de Roma", e toda a história se reconduz muito facilmente à biografia de algumas personalidades ardentes e fortes.

Que cada homem conheça, pois, o seu valor e mantenha estas coisas sob controlo o que ele não vá de modo nenhum espiar nem roubar, esconder-se como um covarde, um bastardo ou um intruso, num mundo que existe para ele. Mas o homem da rua, não encontrando em si nenhum valor correspondente à força que construiu uma torre ou esculpiu um deus de mármore, sente-se miserável quando os contempla. Para ele, um palácio, uma estátua ou um livro caro parecerão dissuasivos e estranhos, e parecerão dizer-lhe: "Quem é que você pensa que é?" E, no entanto, eles são seus, ao aspirarem à sua atenção e ao anunciarem por uma petição endereçada às suas faculdades, que elas vão vir ao de cima e tomar posse do que lhes pertence.

O quadro aguarda o meu veredicto; ele não está ali para me impor a sua pretensão ao aplauso. A fábula popular do imbecil que foi apanhado a cair de bêbado na rua, levado para o palácio do duque, lavado, vestido e deitado na cama do duque, e que ao acordar tratado com todo o cerimonial e reverência reservados àquele, e a quem asseguraram que tinha perdido a razão, tal fábula deve a popularidade de que goza ao facto de simbolizar na perfeição a condição do homem que no mundo representa uma espécie de imbecil, que ao exercer a sua razão descobre ser um verdadeiro príncipe.

A nossa leitura é mendicante e sicofântica. Na história, a nossa imaginação leva-nos a ver as coisas de modo falso. Reino e senhoria, poder e património, representam uma fraseologia mais aparatosa do que os simples nomes de um João e um José, que vivem numa casa modesta e fazem o seu trabalho quotidiano; no entanto, as coisas da vida são as mesmas para uns e para outros; a soma total é a mesmo para uns e para outros.

Qual, pois, a razão de tal deferência por Alfredo ou por Scanderberg e por Gustavo? Digamos que esses tiveram, com certeza, a sua virtude, mas tê-la-ão esgotado? O laço que hoje depende dos vossos atos pessoais é tão grande como aquele que se ligava aos seus atos públicos e ilustres. Quando os simples cidadãos

agirem segundo os seus pontos de vista originais (forem genuínos e fiéis a si próprios), o fulgor será transferido dos atos dos reis para os dos homens sem títulos.

O mundo foi instruído pelos seus reis, que assim atraíram como que por magnetismo o olhar das Nações. Por este potente símbolo o mundo aprendeu o respeito recíproco que o homem deve ao seu próximo. A lealdade tenaz com que os homens aceitaram que os reis, os nobres ou os grandes proprietários, agissem segundo as suas próprias leis e impusessem, contra a dos outros a sua própria escala de valores, e passassem pelos benefícios não com dinheiro mas com cargos e honras, isso era bem o signo, o hieróglifo, com o qual confusamente testemunhavam a consciência do seu direito e da sua dignidade, o direito de cada homem.

O magnetismo exercido por cada ação autêntica explica-se quando procuramos as razões da fé em si mesmo. Quem é o Ser de Confiança? Qual é a origem de Si sobre a qual pode ser fundada uma confiança universal? Quais são a natureza e o poder desta estrela que escapa à ciência, sem paralelos, sem elementos calculáveis, que projeta um raio de beleza, mesmo sobre ações irrisórias e impuras assim que amais pequena marca de independência surge?

A nossa investigação conduz-nos àquela fonte que é ao mesmo tempo a essência do génio, da virtude e da vida, a que chamamos Espontaneidade ou Instinto. Designamos esta sabedoria primeira com intuição, enquanto que todos os ensinamentos posteriores não são senão repetição. Nessa força profunda, nesse facto último além do qual a análise não pode ir, todas as coisas encontram a sua origem comum.

Porque este sentido do ser (não sabemos como) se ergue na nossa alma nas horas de paz, não é diferente das coisas, da sua luz, do tempo, do homem, mas um com eles e, com toda a evidência, procede da mesma fonte de onde a sua vida e o seu poder procedem. Nós partilhamos em primeiro lugar a vida pela qual as coisas existem e, em seguida, vemo-las como aparências na natureza e esquecemos que partilhamos a sua causa. É essa que é a fonte da ação e do pensamento. É nela que estão os pulmões desta inspiração que dá a sabedoria ao homem e que não se pode negar nem cair na impiedade e no ateísmo.

Encontramo-nos nos braços de uma imensa inteligência que faz de nós os recetores da sua verdade, e os órgãos da sua atividade. Quando discernimos a justiça, quando discernimos a verdade, não fazemos nada por nós mesmos, mas

deixamos passar esses raios. Se perguntamos de onde isso vem, se procuramos descobrir o segredo dessa alma que é causa, toda a filosofia fica aquém.

Tudo o que podemos afirmar é a sua presença ou a sua ausência. Cada indivíduo opera uma discriminação entre os atos voluntários do seu espírito e as suas perceções involuntárias, e sabe que deve conceder uma fé total a estas últimas. Ele pode enganar-se no seu modo de as exprimir, mas sabe que estas coisas são assim e que, como o dia e a noite, não devem ser discutidas. As minhas ações e aquisições voluntárias não são senão vagabundagem -- o devaneio mais ocioso, a menor emoção inata, implicam a curiosidade e o respeito.

Os seres irrefletidos contradizem tanto o que afirmam as perceções como o que afirmam as opiniões, e talvez mesmo mais ainda; por não se distinguirem entre perceção e noção. Imaginam que eu escolho ver tal ou qual coisa; ora, a perceção não é uma questão de capricho, mas de fatalidade. Se noto um traço, os meus filhos vê-lo-ão depois de mim, e com o tempo toda a humanidade o verá, embora pudesse acontecer que ninguém o tivesse visto antes de mim.

Porque a perceção que tenho dele é um facto, tanto quanto o é a existência do sol. As relações da alma com o espírito divino são tão puras que é ímpio procurar fazer intervir ajudas. É preciso que seja assim: quando Deus fala, que Ele comunique não uma coisa, mas toda a coisa; que Ele encha o mundo com a Sua voz, que a partir do centro do pensamento atual Ele difunda a luz, a natureza, o tempo, as almas, e a partir do novo se crie o todo.

Sempre que um espírito é simples e recebe a sabedoria divina, tudo o que é antigo passa -- costumes, mestres, textos, templos, caem; ele vive agora e absorve o passado e o futuro no momento presente. Todas as coisas -- uma tanto quanto a outra -- são tornadas sagradas em relação com isso. Pela sua própria causa, todas as coisas se dissolvem para se reduzir ao seu centro e, no milagre universal, os milagres particulares e de menor importância desaparecem.

Por conseguinte, se um indivíduo pretender conhecer Deus e falar d'Ele, e se vos remete à fraseologia de alguma nação velha e decrépita, numa terra estranha, num outro mundo, não acreditem nele.

Será a bolota melhor do que o carvalho, que é a sua plenitude e a sua concretização? Será o pai melhor do que a criança em quem ele fez correr a maturidade do seu ser? De onde vem então este culto do passado? Os séculos

conspiram contra a saúde e a autoridade da alma. O tempo e o espaço não são senão cores fisiológicas que o olho fábrica, mas a alma é luz; onde ela se encontrava, encontrava-se agora a noite; e a história não seria senão impertinência e preconceito se fosse outra coisa que não um alegre apólogo ou uma parábola do meu ser e do meu porvir.

O homem é timorato e está sempre a pedir desculpa; não se mantém firme; não ousa dizer "eu penso", "eu sou", mas cita tal ou qual, santo ou sábio. Sente vergonha diante do bocado de erva ou da rosa que se abre. Estas rosas sobre a minha janela não fazem nenhuma referência a rosas anteriores ou a rosas mais belas; elas são pelo que são; elas existem com Deus hoje. Para elas não existe o tempo. Há simplesmente a rosa; perfeita em cada instante da sua existência. Antes que um só botão tenha florido, a sua vida é já toda em ato; na flor inteiramente desabrochada não há nada de mais; na raiz sem folha não há nada de menos.

A sua natureza encontra-se plenamente satisfeita e, da mesma maneira, ela satisfaz a natureza a cada instante. Mas o homem remete para mais tarde ou recorda-se; ele não vive no presente, mas de olhar voltado para trás, lamenta o passado ou, sem prestar atenção às riquezas que o rodeiam, ergue-se na ponta dos pés para apreender o futuro. Ele não poderá ser feliz e forte enquanto não viver, também ele, de acordo com a sua natureza, no presente e acima do tempo.

Isto deveria ser bastante claro, e, no entanto, veja-se quantos espíritos fortes não ousam de modo nenhum escutar o próprio Deus se Ele não falar pela fraseologia de não sei que David ou Jeremias ou Paulo. Não devemos nunca fundar um tão grande valor sobre alguns poucos textos, sobre algumas poucas vidas. Somos como crianças que repetem de forma mecânica as frases de algumas velhas senhoras ou perceptoras, e que, mais tarde, tendo crescido, repetem as dos homens de talento ou de carácter que acontece encontrarem -- lembrando-se penosamente da palavra exata que eles pronunciaram.

Mais tarde, quando têm o mesmo ponto de vista que tinham aqueles que pronunciaram essas palavras, eles compreendem-nas verdadeiramente e encontram-se aptos a separar-se delas por poderem em qualquer momento utilizar outras igualmente válidas quando a ocasião se lhes apresenta; se nós vivermos verdadeiramente, compreenderemos verdadeiramente. É tão fácil para o ser forte ser forte como para o ser fraco ser fraco. Quando percebemos qualquer coisa de novo, os tesouros armazenados na nossa memória tornar-se-ão escombros de que

nós voluntariamente a desembaçaremos. Quando um homem viver com deus, a sua voz será tão doce quanto o murmúrio do ribeiro e o rumor dos trigais.

Mas enfim, a maior verdade sobre este assunto está ainda por dizer, e provavelmente nem pode ser dita, porquanto tudo o que podemos dizer não ser senão a longínqua reminiscência da intuição. O modo como posso aproximar-me mais de tal pensamento para o exprimir é o seguinte: quando o bem estiver perto de vós, quando tendes em vós a vida, não é por uma via conhecida ou ligada ao hábito; não discernireis aí de modo nenhum as marcas de passos um do outro, não vereis aí nenhum rosto humano; não ouvireis nenhum nome; a via, o pensamento, o bem, serão totalmente estranhos e novos; o exemplo e a experiência estarão daí excluídos. A via vem do homem, ela não vai para o homem.

Todos os seres que alguma vez existiram são os meus ministros esquecidos. O medo e a esperança são-lhe um e outra igualmente inferiores, mesmo na esperança há qualquer coisa de baixo; na hora da visão não existe nada que se possa, propriamente falando, chamar gratidão ou alegria. A alma elevada acima das paixões contempla a identidade e a causalidade eterna, percebe a existência em si da Verdade e do que é justo, e apazigua-se sabendo que tudo está bem.

Os espaços infinitos na natureza, o oceano Atlântico, os mares do Sul, os longos intervalos de tempo, os anos, os séculos, nada disso conta. O que eu penso e o que eu sinto esteve subjacente a toda a forma de vida e a todas as circunstâncias anteriores, como está subjacente ao meu presente e ao que se chama vida, tal como ao que se chama morte.

O que importa é a vida, não o ter vivido. A energia cessa no momento do repouso; ela concentra-se no momento de transição de um passado para um novo estado, no superar um abismo, no visar um objetivo. Há uma coisa que o mundo odeia particularmente: o facto que a alma *devém*, porque isso degrada para sempre o passado, transforma a riqueza em pobreza, a celebridade em desgraça, confunde o santo com o patife, afasta ao mesmo tempo Jesus e Judas.

Porquê então falar da confiança em si? Na medida em que a alma está presente, o poder estará lá, não confiando mas agindo. Falar de confiança é uma pobre forma de expressão. Falai antes daquilo que dá confiança na medida em que opera e existe. Quem quer que tenha mais docilidade que eu domina-me sem precisar levantar um dedo. Devo girar à sua volta por efeito da gravitação dos espíritos. Quando falamos de eminente virtude, pensamos que se trata de uma expressão de

retórica. Não vemos que a virtude é Alteza, e que um homem ou uma sociedade de homens, moldáveis e permeáveis aos princípios, devem por lei da natureza dominar cidades, nações, reis, ricos, poetas, que tal não são.

É o facto último ao qual chegamos tão rapidamente a este propósito, assim com para qualquer outro assunto: a conclusão de que tudo se resolve no sagrado uno. A existência pessoal é o atributo da Suprema Causa, e constitui a medida do bem segundo o grau em que ele entra em todas as formas inferiores. Todas as coisas que existem são tais pela quantidade de virtude que contêm. O comércio, a administração dos bens, a caça à baleia, a guerra, a eloquência, o valor pessoal, são de algum modo exemplos da sua presença e da sua ação imperfeita, e como tais forçam o respeito.

Vejo que a mesma alei que opera na natureza, seja para a conservação, seja para o crescimento. O Poder é na natureza a medida essencial do que é justo. A natureza não tolera nada no seu reino que não saiba suster-se por si. A génese e a maturação de um planeta, o seu equilíbrio e a sua órbita, a árvore vergada que se refaz de um vento demasiado forte, os recursos vitais de cada animal, de cada vegetal, são prova desta alma que se basta a si própria, e por consequência não conta senão consigo própria.

Assim, tudo converge; não nos extraviemos; permaneçamos em casa com a causa. Deixemos confusa e estupefacta a multidão dos importunos, os seus livros e as suas instituições, declarando simplesmente este facto divino. Ordenai aos invasores que descalcem os sapatos, por ser Deus quem se encontra no interior. Que só a nossa simplicidade os julgue, e que a submissão à nossa própria lei testemunhe da pobreza da natureza e da fraqueza da fortuna, se confrontadas com as nossas riquezas mais genuínas.

Mas agora nós não somos senão uma populaça. O homem já não experimenta temor respeitoso em relação a outrem, e o seu génio não escuta as exortações que lhe dizem para ficar em casa, para entrar em comunicação com esse oceano interior, mas afasta-se para mendigar um copo de água à urna de um outro.

É sós que devemos seguir! Gosto das igrejas silenciosas antes do ofício religioso, mais do que qualquer pregação. Rodeadas as pessoas do espaço sagrado, como nos parecem desprendidas, calmas e puras! Permaneçamos, portanto aí. Porque deveríamos assumir as culpas do amigo, da esposa, do pai ou do filho, só porque pertencem a nosso lar, ou porque se diz que têm o mesmo sangue? Todos os homens

participam do meu sangue e eu do seu. Não é por essa razão que eu adotaria a sua irascibilidade ou a sua loucura a ponto de ter de me envergonhar. Contudo, este isolamento não deve ser maquinal mas espiritual; ele deve constituir uma elevação. Por vezes o mundo inteiro parece aliar-se contra ti e insistir para te importunar com enfáticas ninharias.

Amigo, cliente, filho, ou então doença, medo, desejo, caridade, todos batem à porta do teu gabinete e dizem: "Vem juntar-te a nós." Mas permanece no estado em que te encontras; não te reúnas a eles na sua confusão. Ao poder que os homens têm de me aborrecer, eu não respondo senão com uma fraca curiosidade. Ninguém pode atingir-me senão por intermédio dos meus atos. O que nós amamos nós possuímos, mas por causa do desejo privamo-nos desse amor.

Se não podemos no imediato elevar-nos até à santificação de um estado de obediência e fé, resistamos ao menos às nossas tentações; entremos em guerra e nos nossos corações de saxões acordemos Thor e Odin, quer dizer, a coragem e a tenacidade. Nestes tempos sem relevo, isso deve fazer-se dizendo a verdade. Reprime o teu gesto de hospitalidade e afeição sem autenticidade. Não vivas mais segundo o que esperam os seres dececionados e dececionantes com quem conversamos.

Diz-lhes: "Pai, mãe, esposa, irmão, amigo, até aqui vivi convosco segundo as aparências. Doravante pertenço à verdade. Que cada um saiba bem que, doravante, eu não obedeço a nenhuma lei a não ser a lei eterna. Eu não quero de modo nenhum outras obrigações senão as da proximidade. Esforçar-me-ei por ser o apoio dos meus pais, por alimentar a minha família, por ser o fiel marido de uma só mulher - mas assumirei essas relações de uma maneira nova e sem precedentes.

Apelo aos vossos costumes. Devo ser eu próprio. Não posso continuar a dividir-me por tal ou qual. Se puderem amar-me pelo que sou, não seremos senão mais felizes. Se não puderem, tentarei fazer portanto fazer de modo que isso seja possível e a merecê-lo. Não esconderei de modo nenhum os meus gostos e as minhas aversões.

Terei uma tal confiança no facto de que o que é profundo é santo, que sob o sol como sob a lua farei com vigor o que interiormente me agrada e o que o coração designa. Se sois nobres, amar-vos-ei; se o não sois, não vos farei sofrer nem a mim, com atenções hipócritas. Se sois sinceros mas não partilhais a minha verdade, permanecei com os vossos companheiros; eu procurarei os meus. Isso não o faço com egoísmo mas com humildade e em verdade.

Qualquer que seja o tempo em que tenhamos vivido na mentira, é do vosso interesse, tal como é do meu e do de todos os homens viver na verdade. Parecerá isso hoje demasiado duro? Bem depressa amareis o que for ditado pela vossa natureza, tal como pela minha, e se seguirmos a verdade, isso salvar-nos-á finalmente — mas, agindo assim, podereis talvez causar desgosto aos vossos amigos.

Certamente, mas não posso negociar a minha liberdade e a minha potência contra a sua sensibilidade. Por outro lado, todos os seres são em certos momentos dotados de razão, quando perscrutam o domínio da verdade absoluta; então, prestar-me-ão justiça e farão o mesmo.

A massa das pessoas pensa que rejeitar os critérios reconhecidos pela multidão seja equivalente a rejeitar a totalidade dos critérios e que essa não seja senão uma atitude de contradição. O sensualista audacioso fará também uso do nome da filosofia para enfeitar os seus crimes. Mas a lei da consciência permanece. Existem duas espécies de confessionário, num ou noutro devemos ser absolvidos. Podeis cumprir as vossas obrigações fazendo luz sob vós próprios, *diretamente* ou de modo reflexo.

Indagai se satisfizestes as vossas obrigações para com pais, vizinhos, cidade, cão e gato; se algum destes pode dirigir-vos censuras. Mas eu posso igualmente negligenciar este critério indireto e absolver-me a mim próprio. Possuo o rigor das minhas próprias exigências e conheço a perfeição do círculo que nega a perfeição do dever (relativo) a muitos serviços qualificados como tais. Mas se eu posso libertar-me dessas dívidas, isso permite-me não levar em conta o código da moral corrente. Se alguém imagina que esta lei careça de firmeza, que um dia ele observe os seus mandamentos.

Isso exige qualquer coisa de verdadeiramente divino naquele que rejeitou as motivações comuns da humanidade e se arriscou a tomar-se por mestre e a confiar em si como tal. Que o seu coração possa sentir-se pleno de elevação, a sua vontade permaneça constante e o seu olhar lúcido, a fim de que possa, com ardor, ser para si próprio doutrina, lei, sociedade, e que esse singular objetivo seja para ele tão forte quanto a necessidade férrea o é para os demais.

Quem quer que considere os aspetos atuais daquela que, para a distinguir, nós chamamos de *sociedade*, perceberá a necessidade de uma tal ética. O coração e os

músculos do homem parecem ter sido extirpados, tornámo-nos timoratos, choramingas e desencorajados. Temos medo da verdade, medo do destino, medo da morte e medo uns dos outros. A nossa época não produz grandes seres nem perfeitos. Precisamos de homens e mulheres que renovem a vida e o estado da sociedade, mas vemos que a maior parte das pessoas é de uma natureza insolvente, não sendo capazes de satisfazer as próprias necessidades; têm um sentido de ambição desproporcionado com relação à sua força real, e não deixam de se inclinar e mendigar noite e dia.

Conduzimos as questões domésticas de um modo miserável, não escolhemos as nossas atividades, a vocação para belas artes, o casamento, a religião, foi a sociedade que fez a escolha por nós. Tornámo-nos soldados de salão. Esquivamo-nos á difícil batalha do destino, aí precisamente onde nasce a força.

Se os nossos jovens falham nos seus primeiros empreendimentos, perdem toda a coragem. Se o jovem comerciante falha, os homens dizem que ele está arruinado. Se um espirito dos mais finos estuda numa das nossas universidades e no ano seguinte não ocupa uma função no centro ou subúrbios de uma grande cidade, parece-lhe, tal como aos seus amigos, que tem razão para se sentir desencorajado e queixar-se para o resto da vida sobre a sua existência.

Um rapaz vigoroso que experimente à vez todos os ofícios, que seja dado a fazer equipa, que trabalha numa quinta, que se torna vendedor ambulante, que mantém uma escola, que prega, que edita um jornal, que se faz eleger para o Congresso ou ganha um município, e por aí adiante no decurso dos anos, e que, à semelhança do gato, cai sempre de pé, vale cem vezes mais do que um desses fantoches das cidades. Caminha de frente e não experimenta qualquer vergonha por não ter feito estudos que lhe permitissem abraçar uma profissão liberal, porque ele não difere o momento de viver mas vive já. Não tem uma hipótese mas centenas delas.

Que o estoico possa fazer descerrar os recursos do homem e diga a todos que eles não são salgueiros inclinados, mas que podem e devem praticar o desapego; que com o exercício da confiança em si novos poderes aparecerão; que o homem é o verbo feito carne, nascido para difundir a cura pelas nações; que ele deveria ter vergonha da vulgar compaixão, e que no instante em que age por si mesmo, proclamando leis, editando livros, e lançando idolatrias e costumes pela janela, nós deixamos de experimentar piedade por ele, mas gratidão e respeito; esse mestre devolverá o esplendor à vida do homem, e fará com que o seu nome seja querido por toda a história.

É fácil perceber que uma maior confiança em si deve ser capaz de operar uma revolução nas relações entre os homens e em todas as suas funções; na sua religião; na sua instrução; nos seus objetivos; nos seus modos de vida; na maneira como se associam; nas suas propriedades e nas suas especulações.

A que tipo de orações os homens se entregam! Aquilo a que chamam um serviço religioso não tem nada de coragem, nem de virilidade. A oração dirige-se ao longe e pede que algum enriquecimento estranho intervenha graças a alguma virtude estranha, e perde-se nos meandros infinitos do natural e do sobrenatural, da mediação e do milagre.

A oração que espera alcançar um favor particular - ou tudo que vai além de toda a medida do bem - tem qualquer coisa de vicioso. A oração é a contemplação dos factos da vida do ponto de vista mais elevado. A contemplação é o monólogo de uma alma radiosa. É o espírito de Deus declarando que as suas obras são boas. Mas a oração como meio de chegar a fins pessoais não passa de roubo e baixeza que deixa supor o dualismo ao invés de unidade entre a natureza e a consciência. Quando o homem for um com o espírito de Deus ele não mendigará. Então, ele perceberá a oração em toda a ação.

A oração do agricultor que se ajoelha no seu campo para apanhar as ervas daninhas, a oração do remador que se ajoelha ao remar, são verdadeiras orações que se ouvem em toda a natureza, embora os seus fins sejam os mais modestos. "É nos nossos esforços que reside o sentido oculto da oração. Os nossos melhores deuses estão na nossa valentia," como afirma Catarath.

O lamento é ainda outra forma de falsa oração. O descontentamento vem da falta de confiança em si e constitui uma enfermidade da vontade. Deplorai as calamidades, se, ao fazê-lo, poderdes ajudar aquele que sofre. Senão, regressai às vossas próprias ocupações, e o mal começará a ser reparado.

Também a nossa compaixão se revela igualmente vil. Voltamo-nos para aqueles que estupidamente choram e choramos com eles, em vez de lhes transmitir a verdade e a saúde (vigor) por intermédio de bruscos choques elétricos, colocando-os desse modo, uma vez mais, em ligação com a sua própria razão. A alegria das nossas mãos é o segredo do nosso destino.

Aquele que se ajuda a si mesmo será para sempre bem-vindo entre os deuses e os homens. Diante dele as portas abrem-se de par em par, todas as línguas o saúdam, é cumulado de honras e todos os olhos o seguem sedentos de desejo. Para ele vai toda a nossa afeição mas ele não tem necessidade dela. Louvamo-lo e celebramo-lo com solicitude e desfazemo-nos em desculpas porque ele persistiu no seu caminho e desprezou a nossa desaprovação. Os deuses amam-no porque os homens o odiaram. "Ao mortal que persevera", diz Zoroastro, " são os imortais sagrados favoráveis."

Tal como as orações dos homens são uma doença da vontade, as suas crenças são uma doença do intelecto. Eles dizem: "Que Deus não nos fale, pois nesse caso morreríamos. Fala tu, fale-nos qualquer homem, e nós obedecer-lhe-emos." Por todo o lado sou impedido de perceber Deus no meu irmão, porque este último fechou as portas do seu templo e não faz mais do que recitar as fábulas que vêm do Deus do irmão dele ou do irmão daquele.

Cada novo espírito é uma nova classificação. Se ele se revela como um espírito de uma potência e de uma atividade fora do comum, um Locke, um Lavoisier, um Hutton, um Bentham, ou um Fourrier, ele impõe a sua classificação aos outros e eis um novo sistema! A sua suficiência é proporcional à profundidade do seu pensamento e, portanto, ao número de objetos que ela toca e põe, desse modo, ao alcance do discípulo.

Mas isso faz-se particularmente notável nas crenças e nas igrejas, que são igualmente classificações nascidas de um espírito potente que age sobre o pensamento original do dever e da relação do homem com o Altíssimo. É o que acontece com o calvinismo, o Quakerismo, o Swedenborguismo. Com a rapariga que acaba de aprender botânica e vê a partir daí a terra e as estações com novos olhos, o discípulo, com delícia, subordina tudo à mesma terminologia.

Durante um certo tempo passar-se-á isto: o discípulo achará que a sua potência intelectual terá sido acrescida graças ao estudo do espírito do seu mestre. Mas nos espíritos pouco equilibrados a classificação torna-se idolatria, um fim em vez dum meio rapidamente exaurível, de modo que ante o seu olhar os muros do sistema tendem a confundir-se, no horizonte longínquo, com os próprios limites do universo; e os grandes luminares celestes aparecerão, a tais mentes, como que suspensas do arco que os seus mestres ergueram. Eles não conseguem imaginar como vós, estrangeiros, tendes o direito de perceber — como ousais ver: "Evidentemente, de um modo ou de outro, roubaste-nos a luz".

Ainda não compreenderam que a luz indomável, rejeitando todo o sistema, penetrará em qualquer cabana, mesmo na deles. Deixem que espreitem e digam que se trata da sua luz. Se forem honestos e agirem segundo o bem, bem depressa o seu novo estábulo bem cuidado se mostrará demasiado exíguo, demasiado baixo, irá rebentar, tombar, apodrecer e desaparecer, e a luz imortal, em toda a sua alegria e juventude, a luz de milhões de cores e milhões de círculos, irradiará no universo como durante a primeira manhã.

É porque lhes falta cultura própria que a crença supersticiosa que se liga às viagens — Inglaterra, Itália ou Grécia tornam-se lugares idolatrados — mantém todo o seu fascínio para os americanos instruídos. Aqueles que tornaram a Inglaterra, a Itália ou a Grécia veneráveis na nossa imaginação fizeram-no permanecendo firmemente onde estavam, como um eixo da terra. Nas horas viris, sentimos que o nosso lugar é o nosso Dever.

A alma não é viajante; o sábio permanece em sua casa, e quando a necessidade ou o dever, qualquer que seja a ocasião, o chamam fora de casa, ou para uma região estrangeira, ele está ainda em casa, e pela expressão do seu rosto fará compreender aos outros que, como missionário da sabedoria e da virtude, visita os homens e as cidades, com soberano e não como um intruso ou um criado.

Não tenho qualquer objeção contra a circum-navegação do globo com objetivos artísticos, de estudo ou de generosa disposição de ânimo; desse modo, o homem está em primeiro lugar ligado ao seu lar, ou pelo menos não se afasta com a esperança de encontrar qualquer coisa maior do que o que já conhece. Aquele que viaja para se distrair ou para obter o que não possui, evade-se de si próprio e entre as coisas antigas tornar-se-á velho, mesmo no auge da juventude. Em Tebas, em Palmira, a sua vontade e inteligência tornar-se-ão tão velhas e delapidadas como essas cidades. Assim acrescenta ruínas às ruínas.

Viajar é o paraíso dos estúpidos. As nossas primeiras viagens revelam-nos o quanto os lugares solitários são indiferentes. Em casa, sonho que em Nápoles e em Roma poderia embriagar-me de beleza e perder a minha tristeza. Faço as malas, digo adeus aos amigos, embarco num navio e finalmente acordo em Nápoles; aí, ao meu lado encontra-se a austera realidade: e eu triste, implacável, aquele mesmo de que eu fugia. Vejo o Vaticano, os palácios. Faço de conta que estou embriagado de espetáculo e de evocações, mas não ao estou de modo nenhum. O meu gigante acompanha-me para onde quer que eu vá.

Mas o frenesim das viagens é um sintoma de um mal mais profundo que afeta todo o ato intelectual. O intelecto é vagabundo, e o nosso sistema de ensino engendra a agitação. Os nossos espíritos viajam enquanto os nossos corpos são forçados a permanecer em casa. Nós imitamos; mas, que será a imitação senão uma viagem do espírito? As nossas casas são construídas seguindo um gosto estrangeiro; os nossos gostos, as nossas faculdades, vergam-se e seguem o Passado e o Longínquo. Foi a alma que criou as artes, por todo o lado onde elas se tornaram florescentes. Foi na sua própria esperança que o artista procurou o seu modelo. Ele não fazia senão aplicar o seu próprio pensamento à coisa a fazer e às condições a observar.

E porque teríamos nós necessidade de copiar um modelo dório ou gótico? A beleza, a comodidade, a elevação do pensamento, encontram-se tão próximas de nós como de quem quer que seja, e se o artista americano estuda com esperança e amor o que deve precisamente fazer tendo em conta o clima, o solo, a duração do dia, as necessidades dos habitantes, a forma e os costumes do governo, ele criará uma casa na qual todos estes elementos se conjugarão com harmonia, e o gosto e a sensibilidade serão igualmente satisfeitos.

Insiste em ti mesmo; nunca imites. A cada instante poderás apresentar o teu próprio Dom com a força acumulada de toda uma vida; mas o talento tomado de empréstimo de um outro não será nunca possuído senão por metade e extemporaneamente. O que cada um pode fazer de melhor, ninguém senão o seu criador lho pode ensinar. Ninguém sabe do que se trata, nem pode sabê-lo enquanto ele não o tiver mostrado. Onde está aquele que poderia ter sido o mestre de Shakespeare? Onde está aquele que teria podido formar Franklin, ou Washington, ou Bacon, ou Newton?

Todo grande homem é único. O cipionismo de Cipião é precisamente o que ele não teria podido pedir emprestado a outro. Não é o estudo de Shakespeare que poderá recriar Shakespeare. Faz o que te está destinado, e não poderás esperar demasiado ou ousar demasiado. Neste momento, existe para ti um modo de expressão tão forte e audacioso como o do cinzel de Fídias, ou o da colher de pedreiro dos egípcios, ou o da pena de Moisés ou de Dante, no entanto, bem diferente.

Não é possível que na sua riqueza e na sua eloquência, a alma dotada de uma língua com mil pontas condescenda em se repetir, mas se se entender o que dizem estes patriarcas, então, sem dúvida alguma, poder-se-á responder-lhes no mesmo tom de

voz; porque a orelha e a língua são dois órgãos da mesma natureza. Permanece nas regiões simples e nobres da tua vida, obedece ao teu coração, e reproduzirás de novo o mundo das origens.

Tal como a religião, o ensino e a arte voltam-se para o longínquo, e acontece o mesmo com o nosso espírito de sociedade. Todos se vangloriam com o progresso da sociedade e ninguém progride. A sociedade nunca avança. Recua tão depressa de um lado como avança do outro. Ela sofre mudanças contínuas; é bárbara, civilizada, cristã, rica, científica; mas esta mudança não significa melhoria. Por tudo o que é ganho, alguma coisa se perde. A sociedade adquire novas técnicas e perde instintos muito antigos.

Que contraste entre o americano bem vestido, que sabe ler, escrever, refletir, que possui relógio, lápis e letra de câmbio no bolso, e o neozelandês nu, que tem por únicos bens uma moca, uma lança, uma esteira e um indivisível vigésimo de teto sob o qual dormir. Mas comparai a saúde desses dois homens e vereis que o branco perdeu toda a sua força original. Se o que contam os viajantes é verdade, se se ferir o indígena com um golpe de machado, num dia ou dois a sua carne fechará e cicatrizará como se madeira tenra fosse, enquanto que o mesmo golpe enviará o branco para o túmulo.

O homem civilizado construiu uma carroça mas perdeu o uso dos seus pés. Ele é suportado por muletas, mas falta-lhe o apoio dos seus músculos. Possui um belo relógio fabricado em Genebra, mas já não dispõe da capacidade de ler a hora pelo sol. O homem da rua possui um almanaque náutico de Greenwich, e, seguro de poder obter todas as informações de que necessite, já não sabe reconhecer uma única estrela no céu.

Ele não observa o solstício, nem tão pouco conhece o equinócio. Todo o brilhante calendário do ano não corresponde a nenhum quadrante do seu espírito. Os seus cadernos bloqueiam-lhe a memória; as suas bibliotecas sobrecarregam-lhe o espírito, as companhias de seguros não fazem senão aumentar o número de acidentes; e podemos pôr a questão de saber se as máquinas não nos bloqueiam; se os refinamentos não nos fazem perder energia; se um cristianismo entrincheirado nas formas e nas instituições não nos leva a perder o vigor de uma virtude selvagem. Porque cada estoico era verdadeiramente um estoico, mas na cristandade, onde está o cristão?

Não há mais desvio no padrão moral do que no padrão de altura ou do peso. Não há agora mais grandes homens do que antes. Pode notar-se uma igualdade singular entre os grandes homens de épocas passadas e os de épocas recentes; toda a ciência, arte, religião, filosofia do século XIX, também não permitem formar homens maiores do que os heróis de Plutarco há vinte e três ou vinte e quatro séculos. Não é no tempo que o humano progride. Fócio, Sócrates, Anaxágoras, Diógenes são grandes homens mas permanecem incomparáveis Aquele que pode verdadeiramente ser-lhes comparado não se reclamará deles, será o seu próprio mestre, e por sua vez será o fundador de uma escola.

As artes e as invenções próprias de cada época são somente o seu vestuário e não vivificam os homens. É possível que o mal resultante dos progressos da máquina contrabalance o bem que ela traz. Hudson e Behring realizaram tantas coisas nos seus barcos de pesca que espantaram Parry e Franklin, cujos equipamentos utilizavam ao máximo todos os recursos da arte e da ciência. Galileu, com o seu binóculo, descobriu uma série de fenómenos celestes bem mais esplêndidos do que alguém anteriormente descobrira. Foi num barco sem convés que Colombo descobriu o Novo Mundo.

É curioso observar de que modo periódico os meios e as técnicas apresentadas num concerto de louvores, alguns anos ou séculos mais cedo, caem em desuso e desaparecem.

O grande génio volta ao que é essencial no homem. Nós arrumamos os progressos na arte da guerra entre os triunfos da ciência, e, no entanto, Napoleão conquistou a Europa com o bivaque, isto é, voltando ao puro valor militar e despojando-o de qualquer acessório. De acordo com Las Casas, o Imperador considerava que era impossível formar um exército perfeito "sem abolir armas, depósitos, comissários e equipamentos, até que imitando o costume Romano, se desse ao soldado a sua ração de grão para que pudesse moer num moinho de café e fizesse cozer o seu pão."

A sociedade é uma vaga. A vaga desloca-se para diante, mas não a água que a compõe. A mesma partícula não se eleva desde o fundo até à crista. A sua unidade é apenas fenoménica. Os indivíduos que hoje compõem uma nação morrerão amanhã e a sua experiência morrerá com eles.

Portanto, a confiança na Propriedade, que inclui a confiança nos governos que a protegem, equivale à falta de confiança em si. Os homens desde há muito tempo que olham as coisas afastando-se de si próprios, chegando a estimar as instituições

do domínio civil, religioso, ou educativo, como guardiãs da propriedade, e indignam-se contra os ataques contra tais guardiãs, por sentirem ser ataques contra a propriedade. Medem a sua estima recíproca em função do que cada um tem, e não em função do que ele é. Mas o homem cultivado que experimenta um respeito totalmente novo pela sua natureza, tem rapidamente vergonha da sua propriedade.

Ele experimenta muito particularmente raiva pelo que possui, se o obteve por acidente — se o obteve na sequência de uma herança, de um presente, ou de um delito; então sente que isso não é possuir, isso não lhe pertence, não tem qualquer raiz nele e encontra-se simplesmente aí porque nenhum revolucionário ou ladrão se apoderou dele. Mas aquilo que o homem é, ele adquire-o sempre por necessidade: e o que o homem adquire é propriedade viva que não espera o sinal dos governantes, as multidões, das revoluções, do incêndio, da tempestade nem das bancarrotas, mas se renova perpetuamente onde quer que o homem respire.

"É a sorte que lhe calhou, diz o califa Ali, que te procura; fica portanto em paz em vez de a procurar." A nossa atitude de dependência em relação a estes bens estranhos conduz-nos a um respeito servil pelos números. Os partidos políticos reúnem-se frequentemente em assembleias; quanto maior for o afluxo, mais estrepitoso é o anúncio que fazem. "A delegação do Essex! Os democratas do New Hampshire! Os liberais do Maine!" E o jovem patriota sente-se mais forte, enriquecido por milhares de braços e de olhos.

Da mesma forma os reformadores têm as suas convenções e votam, e tomam decisões em massa. Mas ah, meus amigos, não é assim, que o divino se dignará entrar em vós e habitar-vos, mas por um método precisamente inverso. Somente na medida em que o homem rejeita todo o apoio exterior e permanece só é que eu o vejo forte e capaz de vencer. Mas é enfraquecido por cada novo recruta que se vem juntar à sua bandeira.

Um homem não valerá mais do que uma cidade? Não peças nada aos homens, e na mutação infinita serás tu, único pilar sólido, que aparecerás como suporte de tudo o que te rodeia. Aquele que tem consciência de que o poder é inato, e que é fraco por ter procurado o poder por toda a parte em vez de em si próprio, percebendo isso lança-se sem hesitações sobre o próprio pensamento; esse ergue-se imediatamente, mantém-se em pé, comanda os membros e realiza milagres; tal como aquele que se mantém sobre os pés é mais forte do que aquele que se mantém sobre a cabeça.

Sabe, portanto, usar daquilo a que se chama a Fortuna. Com ela, a maior parte dos homens entrega-se aos jogos do acaso, e à medida que a sua roda gira, eles tudo ganham ou tudo perdem. Mas tu, deixa esses ganhos como contrários à lei e não te preocupes senão com a Causa e o Efeito, chanceleres do Divino. Pela vontade trabalha e adquire, e então terás desencadeado a roda da sorte e em seguida não temerás mais as suas variações. Uma vitória política, uma subida dos alugueres, a cura de uma pessoa próxima, o retorno de um amigo, ou qualquer outro acontecimento favorável dar-te-ão coragem e tu pensarás que se preparam dias felizes para ti. Não creias nisso. Nada, fora de ti próprio te pode trazer a paz. Nada te poderá trazer a paz, exceto o triunfo dos princípios.

In: "*Complete Works II*"
Tradução de Saul Costa

NATUREZA

Para se isolar, o Homem necessita retirar-se a um tempo dos seus aposentos e da sociedade. Não me sinto solitário enquanto leio ou escrevo, ainda que mais ninguém esteja junto de mim. Mas, se um homem quiser permanecer só, que contemple as estrelas. Os raios que provêm desses mundos celestiais farão a distinção entre si mesmos e aquilo que tocam.

As estrelas suscitam uma certa reverência porque apesar de presentes são sempre inacessíveis; no entanto, todos os objetos naturais causam uma impressão semelhante, se a mente se achar aberta à sua influência. A natureza jamais enverga qualquer aparência malévola. O homem mais sábio é incapaz de apreender o seu segredo e perde a curiosidade ao descobrir toda a sua perfeição. Para a mente sábia jamais a natureza se transformou num mero brinquedo. As flores, os animais, as montanhas, refletem a sabedoria da sua melhor idade, do mesmo modo que deliciaram a simplicidade da sua infância.

Quando falamos da natureza deste modo, não deixamos de ter em mente um sentido distinto mas bastante poético: pretendemos significar a integridade da sensação provocada pelos multifacetados objetos naturais. É esta que distingue o toro de madeira do cortador de lenha da árvore do poeta.

A encantadora paisagem que vi esta manhã é, indubitavelmente, constituída por vinte ou trinta quintas. Este é o campo do Miller, aquele do Locke e a mata mais além é do Manning. Mas nenhum deles é dono da paisagem. Há no horizonte uma

paisagem que nenhum homem possui, exceto aquele cujo olhar for capaz de integrar todas as partes, ou seja, o poeta. É essa a melhor parcela das quintas de tais indivíduos, no entanto é justamente essa que não é nomeada nos títulos de propriedade.

Para dizer a verdade, poucos adultos conseguem perceber a Natureza. A maior parte das pessoas não veem o sol. Pelo menos têm um ver bastante superficial. O sol ilumina apenas, aos olhos dos homens, mas brilha aos olhos e no coração da criança. O amante da natureza é aquele cujos sentidos exteriores e interiores se acham ainda verdadeiramente ajustados uns aos outros; o que preservou o espírito da infância mesmo na idade adulta. A sua relação com o céu e a terra é parte da nua nutrição diária. Na presença da Natureza, um incontrolável deleite percorre este homem, apesar dos desgostos que sofre. A Natureza afirma: - "ele é criatura minha, e malgrado todo o seu sofrimento importuno, sentir-se-á feliz comigo".

Já uma vez, ao crepúsculo, quando atravessava um campo aberto coberto de charcos de neve derretida sob um céu nublado, sem que os meus pensamentos se achassem ocupados com qualquer acontecimento especialmente feliz, senti tal exaltação completa. Senti-me satisfeito até ao limite do medo. Também nos bosques um homem se despe dos anos como a cobra da pele, permanecendo sempre criança, qualquer que seja a sua idade. Existe nos bosques uma juventude perpétua. Nestas plantações divinas onde reinam decoro e santidade, está sempre preparado um perene festim de tal modo que, o convidado não vê que se possa fartar ainda que passem mil anos. Nos bosques voltamos à razão e á fé.

Aí sinto que nada me pode acontecer na vida - nem desgraça nem calamidade - que a natureza não possa reparar. De pé sobre a terra nua, com a cabeça banhada pelo ar festivo e transportada ao espaço infinito, todo o egoísmo mesquinho se desvanece. Transformo-me num globo ocular transparente; não sou nada mas tudo percebo; as correntes do Ser Universal circulam através de mim; sou parte ou parcela de Deus. Sou o amante da beleza livre e imortal. No deserto encontro algo mais caro e mais inato do que nas ruas e aldeias. Na paisagem tranquila, especialmente na distante linha do horizonte, o Homem vislumbra algo tão belo quanto a sua própria natureza.

O maior prazer que os campos e os bosques podem proporcionar é o da sugestão de uma relação oculta entre o homem e as plantas. Não me encontro só sem reconhecimento. Elas cumprimentam-me e eu a elas. O agitar dos rebentos na tempestade é para mim, a um só tempo novo e velho. Surpreende-me e, no entanto, não me é desconhecido. O seu efeito é como se sobre mim descesse um pensamento mais elevado ou uma emoção mais apurada, quando supunha estar a pensar com justeza ou a atuar com exatidão. No entanto, é certo que o poder de produzir este prazer não reside na Natureza, mas no Homem, ou na harmonia entre os dois.

É necessário usar estes prazeres com grande temperança, pois a Natureza nem sempre se encontra ataviada em traje festivo e a mesma cena, que ontem respirava perfume e brilhava como se para o divertimento das ninfas, está hoje coberta de melancolia. A natureza veste sempre as cores do espírito. Para um homem que labora sob o infortúnio o calo r do próprio fogo comporta em si tristeza. Há também uma espécie de comiseração na paisagem, que é sentida por aquele que acabou de perder um amigo querido. O céu é menos majestoso quando se fecha sobre gente a que se atribui pouco valor.

In: "*Complete Works I*"
Tradução de Berta Bustorff Silva

CARÁCTER

O sol pôs-se, mas não se pôs a sua esperança,
As estrelas surgiram, sua fé despertou mais cedo.
Fixos na vastidão da galáxia,
Mais profunda e experimentada parecia a sua visão.
E igualava seu sublime sofrimento
A taciturnidade do tempo.
Ele falou, e palavras mais suaves que o orvalho
Invocaram novamente a Idade do Ouro.
A sua atitude mereceu uma tal encantadora reverência
Quanto ocultou a extensão do feito.

* * *

Obra da sua autoria
Ele não louva nem deplora:
Implora por si o facto
Como age a irresoluta natureza,
Com tudo quanto faz.

Li que aqueles que escutavam a Lord Chatham (William Pitt) sentiam que havia algo de mais encantador no homem do que tudo aquilo que ele afirmava. Acusam o nosso brilhante historiador Inglês da Revolução Francesa de que a sua narrativa acerca dos feitos de Mirabeau não justificam o elevado conceito em que tinha o seu gênio. Os Gracos, Ágis, Cleómenes e outros heróis de Plutarco, não igualam na história dos seus feitos a própria fama de que gozam. Sir Philip Sidney, o Conde de Essex e Sir Walter Raleigh, homens de grande porte, todavia, pouco produziram.

Não conseguimos descobrir a mais ínfima parte do valor pessoal de Washington, na narrativa das suas façanhas. A autoridade do nome de Schiller é demasiado

grande para as suas obras. Tal disparidade entre a reputação e a obra, ou as anedotas, não se justifica, alegando-se que o eco é mais longo do que o estrondo do trovão. Porém, tais homens tinham qualquer coisa que gerava uma expectativa que excedia todas as suas realizações.

A maior parte do seu poder era latente. É o que chamamos carácter — uma força discreta que atua diretamente pela presença e sem meios ou intermediário. Concebemo-lo como uma certa força indemonstrável, um espírito Elemental ou Gênio, por cujos impulsos se guia o homem, mas cujos conselhos este não pode transmitir; que lhe serve de companhia, de modo que tais homens são as mais das vezes solitários, ou, se porventura sociáveis, não precisa da sociedade, pois podem muito bem entreter-se a sós.

O mais genuíno talento literário, ora se afeiçoa grandioso, ora mais modesto, mas o carácter é de uma grandeza estelar irredutível. Aquilo que outros fazem pelo talento ou pela eloquência, este homem consegue por obra de um certo magnetismo. "Metade da sua força, ele não a emprega." As suas vitórias resultam mais da evidencia de superioridade do que do cruzar de baionetas. Conquista porque a sua presença altera a face dos acontecimentos.

"Ó, Iole, como soubestes que Hércules era um deus?" "Por", respondeu Iole, "me ter sentido contente assim que nele pousaram os meus olhos. Quando contemplei Teseu, desejei poder vê-lo a oferecer combate, ou, pelo menos, a conduzir os seus cavalos na biga. Mas Hércules estava esperava disputa. Ele conquistava quer estivesse de pé, a caminhar, sentado ou a fazer o que quer que fosse."

O homem, que de ordinário pende para os acontecimentos, só em parte afeiçoado ao mundo em que vive, e, ainda assim, de modo desajustado, parece nestes exemplos partilhar da vida das coisas e ser expressão das mesmas leis que controlam as marés e o sol, os números e as quantidades.

Nas nossas eleições políticas, onde este elemento, se é que aparece, só ocorre na sua forma mais grosseira, compreendemos suficientemente a sua incomparável avaliação. O povo sabe a necessidade que tem dos seus representantes possuírem algo mais do que talento, ou seja, o poder de fazerem com que o seu talento se mostre fiável. Não podem alcançar os seus fins enviando ao Congresso um orador culto, perspicaz e eloquente, se não for um homem que, antes de ter sido eleito pelo povo para o representar, não tiver sido apontado pelo Todo-Poderoso em representação de uma realidade — invencivelmente persuadido dessa realidade em si mesmo — de sorte que as pessoas mais confiantes e as mais violentas saibam que ali está a resistência contra a qual se esboroarão a impudência, como o terror, designadamente a fé numa realidade.

Os homens que se fazem valer não precisam indagar dos seus eleitores o que devem dizer, mas são, eles próprios, o país que representam. Em ninguém mais são

as emoções e opiniões da nação tão iminentes e verdadeiras como nesses representantes. Em ninguém mais, tão isentas de participação da infusão do interesse pessoal. O eleitorado, em casa, escuta as suas palavras, observa-lhe o rubor da face e, nela, como num espelho, compõe a fisionomia dos próprios rostos. As nossas assembleias públicas são uma prova à força viril. Os nossos sinceros patrícios do Oeste e do Sul têm predileção especial pelo carácter e gostam de saber se os da Nova Inglaterra são homens de substância ou vazios.

A mesma força motora intervém no comércio. Há gênios no comércio, assim como na guerra, no Estado, ou nas letras; e o motivo por que este ou aquele homem é vitorioso não se revela. É privilégio dele, eis tudo o que se pode adiantar a seu respeito. Olhai-o e sabereis facilmente por que ele vence, assim como, se vísseis Napoleão, compreenderíeis o seu êxito. Pelos fins, induzimos os meios, o costume de enfrentar os acontecimentos diretamente e de não lidar com eles em segunda mão, por meio da perceção alheia.

A natureza parece aprovar o comércio, como concluímos quando vimos um comerciante inato, o qual é menos um agente particular do que consignatário e ministro do comércio dela. A sua probidade natural casa com o conceito que faz do tecido da sociedade o suficiente para o colocar acima de embustes; a todos transmite a sua convicção de que os contratos não devem ter interpretação privada.

O hábito da sua mente é uma referência aos modelos de imparcialidade e de interesse público. Inspira respeito e desperta o desejo de negociarmos com ele, tanto pelo espírito de serenidade e de honradez que o serve, como pelo passatempo intelectual que o espetáculo de tanta habilidade proporciona. Esse comércio altamente disseminado, que faz dos cabos do Oceano do Sul seus cais e do Oceano Atlântico seu porto familiar, acha-se centralizado no seu cérebro. Ninguém no universo pode modificá-lo a contento.

No seu gabinete, vejo claramente que trabalhou muito pela manhã, pela testa franzida e constante sisudez indisfarçáveis que todo o desejo de se mostrar amável não consegue abalar. Vejo claramente quantas providências foram tomadas; quantos "nãos" audazes foram proferidos, quando outros teriam articulado ruinosos "sins". Vejo pelo orgulho da arte e a perícia do domínio da aritmética, acrescidas da faculdade de conceber remotas associações, a consciência que tem de ser agente e íntimo conhecedor das leis originais do mundo.

Também ele crê que ninguém lhe pode prover e que o homem tem que nascer comerciante, ou não aprenderá a arte. Esta qualidade ainda chama mais à atenção quando se evidencia na ação destinada a fins não tão confusos. Opera com maior vigor despendida nas companhias menores e nas relações particulares. De qualquer modo, é um agente extraordinário e de valor incalculável. Neutraliza o excesso de força física.

As naturezas mais elevadas subjugam as mais baixas, afetando-as com uma espécie de acomodação. As faculdades são endémicas e não oferecem resistência. Talvez isto seja a lei universal. Quando o grande não pode fazer vir até si o pequeno, entorpece-o, assim como o homem anula a resistência dos animais inferiores, encantando-os. Os homens exercem entre si uma força oculta similar. Quantas vezes a influência de um verdadeiro mestre não terá realizado todos os passes de mágica! Uma corrente de comando parecia escorrer-lhe dos olhos, para todos quantos o contemplavam uma torrente de luz forte e triste, qual Ohio ou Danúbio, que os invadiu com os seus pensamentos e coloriu todos os acontecimentos com o matiz da sua mente.

"Que meios empregastes vós?", foi a pergunta feita à mulher de Concini, com respeito ao tratamento que fizera de Maria de Médici. A resposta foi: "Apenas a influência que toda a mente forte exerce sobre a mente fraca."

Não poderia César, sob ferros, libertar-se das algemas e transferi-las para a pessoa de Hipo ou Tarso, o carcereiro? Será uma algema de ferro uma prisão tão inamovível? Suponhamos que um traficante de escravos da Costa da Guiné trouxesse para bordo uma leva de negros que contivesse pessoas da estatura de Toussaint L'Ouverture; ou, imaginemos que, sob essas máscaras trigueiras, ele tivesse um bando de Washingtons acorrentados.

Quando chegassem a Cuba ainda reinaria a mesma tranquilidade e a mesma ordem no navio? Nada teria nada mais além de cordas e ferros? Não teria amor e reverência? Não haveria nenhum lampejo de justiça no espírito desse pobre capitão corsário? E não se suporá que tais sentimentos sejam suficientemente potentes para romper, frustrar, ou, de qualquer modo, subjugar a tensão de uma ou duas polegadas de um anel de ferro?

O carácter constitui uma força natural, como a luz e o calor e com ele coopera toda a natureza. A razão por que sentimos a presença de um homem e não nos apercebemos de outro é tão simples quanto a lei da gravidade. A verdade é o ápice do ser, a justiça é a aplicação da verdade na vida prática. Todas as naturezas individuais se medem numa escala, de acordo com a pureza deste elemento que encerram. A vontade dos puros emana destes para as outras naturezas como a água de um vaso mais alto para um vaso mais baixo.

Essa força natural não deverá ser mais resistida do que qualquer outra. Podemos sustentar uma pedra no ar por um instante, contudo, é ainda assim verdade que todas as pedras cairão sempre. Mas, por mais exemplos de roubos impunes que possam ser citados, ou de mentiras a que tenham dado crédito, a justiça deverá prevalecer e é privilégio da verdade fazer-se objeto de crédito. O carácter é essa ordem moral vista visto por meio de um temperamento individual.

O indivíduo é um recetáculo. O tempo e o espaço, a liberdade e a necessidade, a verdade e o pensamento já não são deixadas a esmo. Agora o universo é um cercado

ou um curral. Todas as coisas têm a sua existência tingida pelas maneiras da sua alma. Procura infundir essa qualidade em toda a natureza que alcança; não é dado a perder-se na vastidão, mas por maior que seja a curva que descreva, toda a sua atenção reverte por fim para o seu próprio benefício.

Vivifica aquilo que pode e só vê aquilo que vivifica. Abarca o mundo, assim como o patriota abarca a pátria, como a base material para o seu carácter e um teatro para a ação. A alma sã une-se ao Justo e ao Verdadeiro como o magneto se organiza ao redor do polo, de modo que está para todos os observadores como um corpo transparente entre eles e o sol, de modo que está para todos os observadores como um objeto transparente entre eles e o sol. Ele é o veículo da mais alta influência de todos quantos não se encontram no mesmo nível. Assim, os homens de carácter são a consciência da sociedade a que pertencem.

A medida natural desse poder é a resistência às circunstâncias. Os homens impuros julgam a vida pela versão refletida nas opiniões, nos acontecimentos e nas pessoas. Não são capazes de prever a ação até que ela se concretize. Todavia, o elemento moral da ação preexistia no autor, e a sua qualidade, boa ou má, era fácil de prever. Tudo na natureza é bipolar, ou tem um polo positivo e um polo negativo. Existe um macho e uma fêmea, um espírito e um facto, um norte e um sul. O espírito é o positivo, o facto é o negativo. A vontade é o norte, a ação é o polo sul. O carácter pode ser classificado como tendo seu lugar natural no norte. Divide as correntes magnéticas pelo sistema. Os espíritos fracos são atraídos para o polo sul, ou polo negativo. Visam o proveito, ou o prejuízo que podem encerrar.

Não conseguem vislumbrar um princípio, a não ser que este se apresente numa pessoa. Não desejam ser amáveis mas amados. Um dos tipos de carácter gosta de ouvir falar dos seus defeitos; o outro aborrece as faltas; adora os eventos; vinculam a estes um facto, uma conexão, uma certa cadeia de circunstâncias e daí não passam. O grande homem sabe que os eventos são auxiliares: devem segui-lo. Uma dada ordem de acontecimentos não tem poder de lhes garantir a satisfação que a imaginação lhe atribui.

O espírito da bondade transcende todo tipo de circunstâncias, ao passo que a prosperidade pertence a um determinado espírito e introduz a força e a vitória, que são seus frutos naturais, em qualquer ordem de eventos. Nenhuma mudança de circunstâncias pode mudar um defeito de carácter. Alardeamos a nossa emancipação de muitas superstições, mas se quebramos um ídolo qualquer só o fazemos por transferência da idolatria.

Que benefício terei obtido, para deixar de imolar um boi a Jeová ou a Neptuno, ou um rato a Hécate; para não tremer diante do Eumênides, nem do Purgatório dos Católicos, ou do Dia de Juízo dos Calvinistas — se tremo diante da opinião pública, como lhe chamamos, ou da ameaça de assalto, ou do insulto, ou de maus vizinhos, ou da pobreza, ou da mutilação, ou de boatos de revolução, ou do homicídio?

Se estremeço, que importa a causa? Os nossos próprios vícios tomam formas diversas, de acordo com o sexo, idade, ou temperamento da pessoa, mas, se somos capazes de temor, prontamente arranjaremos motivos. A cobiça, ou a malícia que me entristecem, quando as atribuo à sociedade, pertencem-me. Estou sempre rodeado de mim próprio. Por outro lado, a retidão é uma vitória perpétua, celebrada não por brados de alegria mas com serenidade, que é a alegria permanente ou habitual. É uma desgraça recorrermos a factos para confirmação da nossa palavra e dignidade.

O capitalista não procura o seu corretor a cada instante para cunhar os seus lucros em moeda corrente. Contenta-se com ler nas cotações da Bolsa que as suas ações subiram. O mesmo arrebatamento que a ocorrência dos melhores acontecimentos me proporcionaria, devo aprender a experimentar mais puro ainda, pela perceção de que a minha posição melhora a cada passo e que já comanda os acontecimentos que desejo. Tal exultação só será assinalada pela previsão de uma ordem de coisas tão singular que viesse a lançar nas sombras mais profundas todas as nossas conquistas.

A face que o carácter me apresenta é autossuficiência. Reverencio a pessoa que é muito rica, porque não poder concebê-la solitária, ou pobre, ou exilada, ou infeliz, ou protegida, mas um eterno protetor, benfeitor e bem-aventurado. O carácter é centralidade, impossibilidade de ser deslocado ou posto à margem. Um homem devia dar-nos a ideia de massa. A sociedade é frívola e divide o seu dia em fragmentos, a sua conversação em cerimónias e subterfúgios.

Mas se eu for visitar um homem talentoso, considerarei perdido o meu tempo se se limitar a atender-me com amabilidades e cerimónias; antes, deverá ele saber colocar-se solenemente no seu lugar e deixar que eu apreenda, por assim dizer, a sua resistência; e saber que encontrei um valor novo e positivo! — grande deleite para ambos. Já é grande coisa ele não aceitar as opiniões e práticas convencionais. O seu não-conformismo servirá de aguilhão e lembrança e qualquer pesquisador terá que dispor dele, em primeiro lugar. Não existe nada de real ou de útil que não seja um motivo de beligerância. As nossas casas vibram com o riso e as conversas banais pessoais e familiares, porém isso de pouco vale.

O homem rude, inútil, que representa um problema e uma ameaça à sociedade a cuja passagem não se fica indiferente, mas se adora ou odeia — e ao qual todos se sentem ligados, tanto os líderes da opinião, quanto os obscuros e excêntricos - esse ajuda. Ele coloca a América e a Europa em confusão e destrói o ceticismo que prega "o homem é um boneco, vamos comer e beber, que é o melhor que podemos fazer," dando atenção ao inexperiente e ao desconhecido. Complacência para com o sistema e apelo ao público indicam falta de fé, cabeças desorientadas que precisam ver a casa construída para poderem entender a respetiva planta. O sábio tira da ideia os muitos e deixa de fora os poucos. Origens, os que se movimentam por si, os absorvidos, os comandantes, pois eles são comandados, os seguros, os originais — são bons, pois proclamam a presença permanente do poder supremo.

A nossa ação devia repousar matematicamente na nossa substância. Não há na natureza apreciações falsas. Uma libra de água na tempestade oceânica não tem maior força de gravidade do que numa poça do pleno verão. Todas as coisas operam exatamente de acordo com a qualidade e segundo a sua quantidade; nada tentam que não possam fazer; à exceção do homem, somente. Ele tem pretensão: deseja e tenta coisas que estão além das suas forças.

Li num livro de memórias inglesas: "Mr. Fox (mais tarde Lord Holland) disse que ele deveria possuir o Tesouro; havia-o servido a contento e queria possuí-lo." Xenofonte e seus dez mil eram bem iguais ao que tentaram, e fizeram-no; tão iguais que não se suspeitou ser o seu um grande e inimitável feito. Contudo, nunca foi repetido e constitui um elevado marco na história militar. Muitos tentaram fazê-lo, mas não o igualaram. Somente na realidade se pode basear toda a força de ação. Nenhuma instituição será melhor do que aquele que a institui.

Conheci uma pessoa amável e culta que empreendeu uma reforma prática, contudo nunca fui capaz de ver nele a iniciativa de amor de que afoitou. Adotara-a de ouvido e pela compreensão dos livros que lera. Toda a sua ação era hesitante, um pedaço da cidade implementada nos campos, mas era ainda a cidade, e nenhum facto novo, e não podia inspirar entusiasmo. Se houvesse alguma coisa latente no homem, um terrível gênio indemonstrável, que agitasse ou de envergonhasse a sua conduta, e logo veríamos o seu advento. Não basta que o intelecto veja os males e o seu remédio. Ainda adiaremos a nossa existência e não obteremos o fundamento a que estamos autorizados por direito, que não passará de uma ideia, e não o espírito que nos incite. Ainda não teremos estado à altura dele.

Estas são as propriedades da vida e uma outra manifestação é o sinal do incessante crescimento. Os homens devem ser inteligentes e sinceros; devem, também, fazer-nos sentir que dirigem um futuro feliz, que se abre diante deles e que derrama um esplendor na hora presente. O herói é mal compreendido e mal interpretado; não deve, pois, deter-se para esclarecer os enganos de ninguém: está novamente a caminho, a juntar novas reservas e honras às suas posses e a inspirar novas reivindicações no vosso coração que vos arruinará se tiverdes perdido tempo com velhas coisas e não tiverdes mantido as vossas relações com ele, e incrementado a vossa riqueza.

As novas ações são as únicas apologias e explicações das velhas ações as quais o nobre pode oferecer ou receber. Se o vosso amigo vos tiver desagradado, não vos deveis sentar a meditar nisso, pois ele já perdeu a lembrança do episódio e duplicou as suas forças para vos servir e, antes que possais erguer-vos de novo, encher-vos-á de bênçãos.

Não sentimos prazer em pensar numa benevolência que se meça somente pelo seu exercício. O amor é inesgotável e se o seu património estiver gasto e o seu celeiro vazio, ainda assim anima e enriquece e o homem, embora adormecido, ele pareça purificar o ar e a sua casa para adornar a paisagem e fortalecer as leis. As

pessoas sempre reconhecem essa diferença. Identificamos os benevolentes por meios outros que não pela quantia que subscrevem para fins filantrópicos. Só os baixos méritos podem ser enumerados. Temei, quando vossos amigos vos disserem o que fizestes bem e o descreverem; mas quando permanecerem com olhares incertos e tímidos de respeito e meio descontentamento e precisarem suspender a sua opinião por muito tempo, podeis começar a ter confiança.

Aqueles que vivem para o futuro devem sempre parecer egoístas aos que vivem para o presente. Portanto, foi curioso que o bom Riemer, que escreveu as memórias de Goethe, tenha feito uma lista dos seus donativos e das boas ações, das tantas centenas de táleres* dados a Stilling, a Hegel, a Tischbein, do lugar lucrativo que arranjou para o professor Voss, do posto junto ao Grão-Duque que conseguiu para Herder, da pensão que passou a ser dada a Meyer, da recomendação de dois professores para universidades estrangeiras, etc., etc. A mais comprida lista de especificações de benefícios pareceria pequena. Um homem será uma pobre criatura se for medido assim. Porque tudo isso, em verdade, são exceções: a regra e a vida atual de um bom homem está em fazer o bem.

A verdadeira caridade de Goethe deve ser inferida da explicação que deu ao Dr. Eckermann, do modo como tinha gasto a sua fortuna: "Cada predicado que possuo custou-me uma bolsa de ouro. Meio milhão do meu próprio dinheiro, a fortuna que herdei, o meu salário e a grande renda proveniente das minhas obras de cinquenta anos foram gastos a instruir-me naquilo que agora sei. Além disso, vi, etc".

Não passa de uma pobre prosa e bisbilhotice proceder à enumeração das facetas deste poder simples e rápido e mais se pinta o relâmpago com carvão, mas nestas noites longas e de vacatura gostamos de nos consolar assim. Nada, além de si mesmo, o poderá substituir. Uma palavra cálida do coração enriquece-me. Rendo-me à discrição. Como é gélido o talento literário ante este fogo da vida! Estes são os toques que me reanimam a alma pesada e lhe dão olhos para penetrar a escuridão da natureza. Naquilo em que me julgava pobre, descubro uma enorme riqueza. Daí advém uma nova exaltação intelectual para ser novamente censurada por alguma nova exibição de carácter.

Estranho alternar de coesão e repulsão! O carácter repudia o intelecto e no entanto excita-o; e o carácter transita para o pensamento, é publicado dessa forma e depois envergonha-se diante de novas manifestações de dignidade moral! O carácter é a natureza na sua mais alta expressão. É inútil imitá-lo ou combatê-lo. É um tanto passível de resistência e de persistência e de criação, deste poder que evitará toda a emulação.

Esta obra-prima melhor será onde nenhumas outras mãos lhe tiverem sido postas, exceto as da natureza. Cuidados é tomado para que os predestinados sejam dados à luz nas sombras, fora dos mil olhos de Atenas, que vigiam e celebram cada novo pensamento, cada emoção de rubor do gênio em formação. Duas pessoas

ultimamente — filhos muito jovens do Altíssimo Deus — deram-me ocasião para pensar.

Quando eu explorei a origem da sua santidade e encantos para a imaginação, parecia que cada um respondia: "É o meu não-conformismo: Jamais dei ouvidos às leis do vosso povo, ou ao que chamam seu evangelho, e não desperdicei o meu tempo. Contentei-me com a minha própria pobreza de camponês; daí, esta doçura: a minha ocupação nunca vos sugeriria tal coisa; está isenta disso." E a natureza revela-me que em tais pessoas, na América democrática, jamais se democratizará. Quão enclausurada e constitucionalmente sequestrada do mercado e do escândalo!

Ainda esta manhã despachei alguns recortes, que eram flores silvestres desses deuses de madeira. São um alívio da literatura — esses tragos frescos provenientes do pensamento e do sentimento, em que lemos, numa época de requinte e de crítica, as linhas da prosa escrita e dos versos de uma nação. Quão cativante é a sua devoção aos seus livros favoritos, seja Ésquilo, Dante, Shakespeare, ou Scott, como que sentindo que têm uma amarra nesses livros: quem os tocar, toca-os — e em especial a completa solidão do crítico, os Patmos do pensamento de que ele escreve, ignorando quaisquer olhos que alguma vez venham a ser postos na sua escrita.

Pudessem eles continuar a sonhar, quais anjos, e não despertar para comparações nem para a lisonja! Todavia, certas personalidades são demasiado boas para se deixar estragar pelo louvor; e onde quer que a veia do pensamento chegue até ao fundo não incorrem no perigo da vaidade.

Amigos solenes os advertirão para o perigo do floreio das trombetas lhes virarem a cabeça, mas podem permitir-se sorrir. Recordo-me da indignação de eloquente metodista a uma branda repreensão de um doutor em teologia: — "Meu amigo, um homem não pode nem ser louvado, nem insultado." Mas perdoai os conselhos; são demasiado naturais. Lembro-me do pensamento que me ocorreu quando alguns estrangeiros talentosos e espirituosos vieram para a América: "Tereis sido vitimizados por terdes sido trazidos para aqui?" — ou, antes disso, respondei-me a isto: "*Sois vitimáveis*?"

Como já afirmei, a natureza mantém estas soberanias nas suas próprias mãos e conquanto impertinentes, os nossos sermões e disciplinas dividiriam algum quinhão de crédito e ensinar que as leis moldam os cidadãos, segue no seu próprio passo e deixa o mais sábio em erro. Ela não faz caso de evangelhos e de profetas, como quem tem muito mais que fazer e nenhuma sobra de tempo a poupar com qualquer um.

Há uma classe de homens, indivíduos que surgem de longe a longe, tão eminentemente dotados de introspeção e de virtudes que são unanimemente recebidos como *divinos* e que parecem ser o acúmulo daquele poder que estamos a considerar. Pessoas divinas nascem com carácter, ou, para usar uma expressão de

Napoleão, são a vitória organizada. São usualmente recebidas de má vontade, por serem desconhecidas e por oporem resistência ao exagero feito em torno da personalidade da última pessoa divina. A natureza jamais louva a sua criação, nem faz dois homens iguais.

Quando vemos um grande homem, imaginamos uma semelhança com alguma personalidade histórica e profetizamos a sequência do seu carácter e do seu destino, dedução que ele estará certo de desapontar. Ninguém jamais resolverá o problema de seu carácter, de acordo com os nossos preconceitos, mas de acordo com a própria orientação, personalíssima e sem precedente. O carácter necessita de espaço; não se deve misturar com as pessoas, nem ser julgado por episódios colhidos na velocidade da vida quotidiana ou de umas quantas ocasiões. Como um grande edifício, necessita de perspetiva. Pode não criar, e provavelmente não cria, relações rapidamente; mas não devemos desejar uma explicação precipitada, seja da ética popular ou da nossa própria, quanto à sua ação.

Vejo na escultura a própria história. Não considero Apolo e Jeová impossíveis em carne e osso. Todos os traços que o artista perpetuou na pedra ele os viu animados e melhores do que a sua cópia. Temos visto muitas falsificações mas já nascemos crentes nos grandes homens. Quão facilmente líamos nos livros clássicos, quando eram poucos os homens, as menores ações dos patriarcas.

Exigimos que um homem deva ser tão grande e colunar no panorama geral, para que mereça ser talhado, que ele cingiu os músculos e partiu para tal lugar. As cenas mais fidedignas para nós são as de homens majestosos, que venceram ao entrar e convenceram os sentidos, como aconteceu ao mago oriental, que foi mandado experimentar os méritos de Zaratustra ou Zoroastro.

Quando o sábio Yunani chegou aos Balcãs, contam-nos os Persas, Gushtasp designou um dia para a realização de uma grande assembleia do povo de todo o país e mandou colocar uma cadeira de ouro para o sábio Yunani. Então o adorado de Yezdam, o profeta Zaratustra, apresentou-se no meio da assembleia. O sábio Yunani, ao ver aquele chefe, exclamou: "Este corpo e este andar não mentem e nada exceto a verdade pode deles emanar."

Platão afirmou que era impossível não acreditar nos filhos dos deuses "embora devam falar sem argumentos prováveis ou necessários". Sentir-me-ia infelicíssimo nas minhas associações se não pudesse dar crédito às melhores coisas da história. "John Bradshaw", diz Milton, "mais parece um cônsul, de quem o *fasces** não se soltará com os anos; não só no tribunal, como por toda a sua vida, o contemplaríeis sentado a julgar reis."

Acho mais digno de crédito, por ser informação anterior, que um homem deva "conhecer o céu", como afirmam os chineses, do que muitos homens devam conhecer o mundo. "O príncipe virtuoso enfrenta os deuses sem qualquer apreensão. Ele espera uma centena de eras pelo advento de um sábio e não duvida.

Aquele que enfrenta os deuses, sem qualquer apreensão, conhece o céu; aquele que espera o advento de um sábio uma centena de eras sem duvidar, conhece os homens. Assim, o príncipe virtuoso comove e, durante eras, mostra o caminho ao império."

Mas não há necessidade de recorrermos a exemplos remotos. É observador obtuso aquele cuja experiência não lhe ensinou a realidade e a força da magia, tão bem como a da química. O mais frio formalista não pode sair sem encontrar influências inexplicáveis. Um homem crava-lhe os olhos e os túmulos da memória entregam os seus mortos; os segredos que o fazem desventurado quer no guardar, quer no revelar, devem ser entregues; — outro olhar e ele não conseguirá falar, e os ossos do seu corpo parecerão perder a cartilagem; a entrada de um amigo proporciona-lhe graça, audácia e eloquência; e há pessoas — ele não pode deixar de lembrar-se — que deram uma transcendente expansão ao seu pensamento e incendiaram uma nova vida no seu âmago.

Que se igualará em excelência às perfeitas relações de amizade, quando brotam de raiz tão profunda? A resposta cabal ao cético, que zomba da força e do equipamento do homem, está na possibilidade de intercâmbio jovial com as pessoas, que cria a fé e os hábitos de todos os homens razoáveis. Não conheço nada do que a vida pode proporcionar de tão satisfatório como uma boa e profunda compreensão, que pode subsistir ao cabo de muitas trocas de bons ofícios, entre dois homens virtuosos, cada um dos quais certo de si e certo do amigo.

É uma felicidade que coloca todos os outros prazeres num plano secundário e que faz da política, do comércio e das religiões coisa barata. Porque, quando os homens se encontrarem, como devem, cada qual um benfeitor, um indicador de estrelas, adornado de pensamentos, de ações e de realizações, devia tudo isso proclamar o festival da natureza proclamado. De tal amizade, o amor nos sexos é o primeiro símbolo, como todas as outras coisas são símbolos do amor. Aquelas relações dos melhores homens que, noutros tempos, considerávamos novelas da mocidade, tornam-se, com o desenvolvimento do carácter, o mais consolidado desfrute.

Se fosse possível viver em boas relações com os homens! — Se nos pudéssemos abster de lhes pedir o que quer que fosse, de lhes pedir o seu louvor, ou a sua ajuda, ou comiseração, e nos contentássemos em os convencer pela prática da virtude das leis mais antigas! Não poderíamos lidar com uns quantos — com uma só — segundo os estatutos da lei não escrita e experimentar a sua eficácia? Não poderíamos proporcionar ao nosso amigo o regalo da verdade, do silêncio e da tolerância? Necessitamos estar ansiosos por o procurar? Se formos afins, encontrar-nos-emos. Havia uma tradição no mundo antigo em que nenhuma metamorfose poderia ocultar um deus de outro deus; e há um verso grego, que reza assim:

"Os deuses não são desconhecidos uns para os outros."

Os amigos também seguem as leis da necessidade divina: gravitam entre si e não podem proceder de outro modo: —

“Quando um ao outro evitar
Cada um pelo outro mais apreciado será.”

As suas relações não são feitas, mas consentidas. Os deuses devem sentar-se sem senescais no nosso Olimpo, por se poderem instalar por prioridade divina. A sociedade é espoliada se causar esforço, se os seus membros precisarem ser trazidos de longe para se encontrarem. E se não for sociedade é uma selva ímpia, ignóbil e degradante, embora formada do melhor. Toda a grandeza de cada um é retida e toda a deficiência é mantida em dolorosa atividade, como se os *Olímpicos* devessem encontrar-se para trocar caixas de rapé.

A vida caminha impetuosamente. Perseguimos alguns esquemas que pairam ou somos perseguidos por algum medo ou autoridade por trás. Mas, se, de repente, encontramos um amigo, paramos; a nossa calidez e pressa tornam-se ridículas. Ora a pausa, ora o domínio são necessários e também o poder para expandir o momento com os eflúvios do coração. O momento é tudo, em todas as relações nobres.

Uma pessoa divina é a profecia do espírito; um amigo é a esperança do coração. Nossa ventura espera pela concretização destas duas coisas numa só. Os séculos estão a expor essa força moral. Toda força é sua sombra ou símbolo. A poesia é alegre e forte quando extrai dessa fonte a sua inspiração. Os homens só inscrevem os seus nomes no mundo quando estão cheios dela.

A história tem sido ignóbil; as nossas nações têm sido a gentalha; nunca vimos um homem: essa forma divina ainda não conhecemos, mas apenas o seu sonho e a sua profecia; não conhecemos os modos majestosos que lhe são peculiares e que acalmam e exaltam o observador. Um dia veremos que a energia mais particular é a mais pública, que a qualidade expia com a quantidade e que a grandeza de carácter atua na sombra e que socorre aos que nunca a viram.

O que de grandeza já apareceu são os princípios e estímulos para que prossigamos nesse sentido. A história daqueles deuses e santos de que o mundo tem escrito, e depois adorado, são provas de carácter. Gerações exultaram com a atitude de um jovem que nada devia à sorte e que foi enforcado no *Tiburno* do seu país e que, pela simples qualidade da sua natureza, derramou um esplendor épico em torno da sua morte, que transfigurou toda a particularidade em símbolos universais aos olhos da humanidade. Esse grande malogro é, até hoje, o nosso maior facto. Mas o espírito exige uma vitória para os sentidos, uma força do carácter que converta juízes, tribunais, soldados e reis; que reja as virtudes animais e minerais e se misture com os cursos da seiva, dos rios, dos ventos, dos astros e dos agentes morais.

Se não pudermos atingir os limites de semelhantes grandezas, rendamos-lhes, pelo menos, homenagem. Na sociedade, altas vantagens são conferidas aos seus possuidores, como desvantagens. Requerem a maior prudência nas estimativas que fazemos. Não perdoo aos meus amigos o defeito de não conhecerem um belo carácter e de não o entreterem com uma hospitalidade de reconhecimento.

Quando, por fim, aquilo por que sempre suspiramos chega e cintila com o radiante esplendor da longínqua terra celestial, então ser grosseiro, ser crítico e tratar semelhante visitante com o palavreado e a desconfiança das ruas, demonstra uma vulgaridade que parece fechar as portas do céu. Isso é confusão, isso é verdadeira loucura quando a alma não mais se conhece a si própria e ignora a quem sua fidelidade e religião são devidas. Haverá alguma religião além desta, a saber, que em alguma parte do vasto deserto da existência em que o sentimento santo que acalentamos tenha desabrochado em flor, e viceje para mim? Se mais ninguém o vir, eu o vejo.

Estou certo, que importa se sozinho, da grandeza do facto. Enquanto florescer, guardarei as sabatinas ou os dias santos e suspenderei a minha melancolia e as minhas perversidades e as minhas piadas. A natureza é saciada com a presença deste hóspede. Há muitos olhos que podem detetar e honrar as virtudes da prudência e as virtudes domésticas; há muitos que podem discernir o gênio na sua trilha estelar, embora disso seja incapaz a gentalha; mas quando esse amor que é todo sofrimento, todo abstenção, todo aspiração, por votos que fez a si próprio, de ser infeliz e também um idiota neste mundo, antes de poluir as suas alvas mãos com qualquer complacência — entrar nas nossas ruas e nas nossas casas — somente os puros e os aspirantes podem reconhecer a sua fisionomia e o único tributo que podem oferecer-lhe é admiti-lo.

(NT: feixe ou molhe)

In: "*Complete Works II - Essays I*"

Tradução Brasileira de S. Beires e J. Duarte corrigida e adaptada por Amadeu António

CARÁCTER E MORAL

(Complete Works, vol. 10)

Evita a paixão, dobra as mãos da parcimónia,
Senta-te em silêncio, e a verdade se fará próxima;
De repente, te irá erguer
As pálpebras para a esfera:
Espera um pouco, tu verás
O retrato das coisas superiores.

Para que preciso eu de livro ou padre
Ou Sibila do Oriente mumificado
Quando toda estrela é Estrela de Belém,
E eu conto tantas quantas existem
Quinquefólios ou violetas na relva,
Tantos santos e salvadores,
Tantos comportamentos elevados.

A MORAL respeita o que os homens chamam de bondade, aquilo que todos os homens concordam em honrar como justiça, dizer a verdade, a boa vontade e as boas obras. A moral respeita a fonte ou motivo dessa ação. É a ciência da substância, não do espetáculo. É o 'quê', e não o 'como'. É aquilo que todos os homens professam considerar, e que pelo seu real respeito recomendam entre si.

Existe esta eterna vantagem da moral, que, na questão entre a verdade e a bondade, a causa moral do mundo se situa por trás de tudo o mais no pensamento. Foi em função do bem, é pelo bem, que tudo funciona.

Certamente não é para provar ou demonstrar a verdade das coisas -- isso soa um pouco frio e escolástico -- não, é para seu benefício que tudo subsiste. Conforme nós dizemos na nossa política moderna, captando por fim a linguagem da moral, que o objetivo do Estado é o maior bem da maioria -- assim, a razão que devemos dar para a existência do mundo é que é para benefício de todos os seres.

A moral implica liberdade e vontade. A vontade constitui o homem. Ele tem a sua vida na natureza, como uma besta: mas nele brota a escolha; aqui está ele que escolhe; aqui está a Declaração de Independência, o Quatro de Julho da zoologia e da astronomia. Ele escolhe -- como o resto da criação não faz. Mas a vontade, pura

e percetiva, não é teimosia. Quando um homem, através de teimosia, insiste em fazer isto ou aquilo, algo absurdo ou caprichoso, só por querer, ele é fraco; está a soprar com os lábios contra a tempestade, ele represa o oceano invasor com a sua bengala.

Seria uma calamidade indescritível se alguém pensasse que tinha o direito de impor uma vontade privada aos demais. Essa é a atuação do atacante, do assassino. Toda violência, tudo que é deprimente e repele, não é poder, mas a ausência de poder.

A moral é a orientação da vontade baseada em fins universais. Aquele que age com fins quaisquer privados é imoral. É moral -- dizemos nós com Marco Aurélio e com Kant -- aquele cujo objetivo ou motivo se pode tornar regra universal, vinculativa em todos os seres inteligentes; e com Vauvenargues, afirmamos que o sacrifício mercenário do bem público em função do interesse privado é o eterno cunho de vício.

Todas as virtudes são sentidos especiais desse motivo; a justiça é a aplicação deste bem do todo nas questões de cada um; a coragem é desprezo do perigo na determinação de ver esse bem do todo promulgado; o amor deleita-se com a preferência desse benefício que reverte em favor do outro acima da garantia da nossa própria parte; a humildade é o sentimento da nossa insignificância quando o benefício do universo é considerado.

Se a partir destas declarações externas procuramos aproximar-nos um pouco mais do facto, as nossas primeiras experiências em moral como na natureza intelectual forçar-nos-ão a discriminar uma mente universal, idêntica em todos os homens. Certos preconceitos, talentos, habilidades executivas são especiais em todo indivíduo; mas a alta visão, contemplativa, dominante, o sentido do certo e do errado, é similar em tudo. Os seus atributos são a existência própria, a eternidade, a intuição e o domínio. É a mente da mente.

Nós pertencemos-lhe, não ela a nós. Encontra-se em todos os homens e constitui os homens. Nos homens maus, acha-se em estado dormente, tal como a saúde se encontra nos homens em transe ou embriagada; mas, por mais inoperante que esteja, existe subjacente de quaisquer vícios ou erros. A extrema simplicidade desta intuição envergonha toda a tentativa de análise. Nós podemos apenas traçar, uma a uma, as perfeições que combina em cada ato. Não admite recurso, não procura essência superior. É a razão das coisas.

A natureza antagónica é o indivíduo, formado num corpo finito de dimensões exatas, dotado de apetites que toma de todos os outros aquilo de que eles próprios se apropriam para si próprios, e atendê-la mobilizaria toda a faculdade espiritual do indivíduo, caso fosse possível. A disciplina moral da vida é edificada no conflito perpétuo entre o decreto dessa mente universal e os desejos e interesses do indivíduo. Um anseia por um benefício privado, a que o outro é exigido que renuncie em respeito pelo bem absoluto. A cada instante coloca o indivíduo numa posição em que os seus desejos visam algo que o sentimento de dever o proíbe de procurar.

Aquele que fala a verdade não executa nenhuma função privada de uma vontade individual, mas o mundo fala pela sua boca. Aquele que faz uma ação justa nada vê dele próprio, mas atribui-lhe uma nobreza inconcebível, por ser um ditame da mente geral. Não temos ideia de poder tão simples e tão completa quanto essa. É a base do pensamento, é a base do ser. Comparem tudo a que chamamos nós próprios, toda a nossa iniciativa privada e pessoal no mundo, com essa profunda natureza moral em que em nós tem lugar, e o nosso bem privado transforma-se numa impertinência, e nós tomamos parte com vergonha precipitada contra nós próprios:

"Alto instinto! diante da qual a nossa natureza mortal
Treme como uma coisa culposa e surpreendida,
Que, sejam eles o que forem,
Ainda é a fonte de luz de todos os nossos dias,
São ainda são a luz mestra de todos os nossos olhos,
Nos defende, cuida e tem poder para fazer
Com que os nossos anos ruidosos pareçam momentos na existência
Do eterno silêncio, verdades que despertam
Para nunca perecerem."

O elemento moral convida o homem a grandes expansões, a encontrar a sua satisfação, não em detalhes nem em casos, mas no propósito e na tendência; não no pão, mas no direito que tem ao seu pão; não em tanto milho ou lã, mas na sua comunicação. Não é pela soma, pois, que o sentimento moral nos ajuda; não, mas de uma outra maneira. Coloca-nos no lugar. Centra-se, concentra-nos. Coloca-nos no coração da natureza, onde nós pertencemos, no gabinete da ciência e das causas, lá onde vão dar todos os fios que mantêm o mundo numa unidade magnética, e converte-nos em seres universais.

Este maravilhoso sentimento, que se encarece à medida que é obedecido, parece ser a fonte do intelecto; pois nenhum talento dá impressão de sanidade, se o quiser; ou melhor, absorve tudo em si próprio. Verdade, Poder, Bondade, Beleza, são os seus diversos nomes -- faces de uma substância, coração de todos. Ante isso, o que serão as pessoas, os profetas ou os serafins, mas os seus agentes passageiros, raios momentâneos da sua luz?

Só o sentimento moral é omnipotente. Não há trabalho ou sacrifício para o qual não arranje um homem, e que não facilite. Assim, não há homem que pechinche para vender a sua vida, digamos no final de um ano, com um milhão ou dez milhões de dólares em ouro na mão, ou por quaisquer prazeres temporários, ou por qualquer posição, como de par ou príncipe; mas muitos não hesitam em dar a sua vida em nome de uma verdade, ou pela causa do seu país, ou pelo salvamento do seu filho ou do seu amigo. E sob a ação desse sentimento do Direito, o seu coração e mente expandem-se para além de si próprio e acima da Natureza.

"Embora o Amor resmungue, e a Razão se enfureça,
Veio uma voz que não teve resposta,
É perdição do homem estar seguro,
Quando pela verdade ele deveria morrer."

(Excerto de poema da autoria de Emerson intitulado "Sacrifício")

Tal é a diferença da ação do coração interno e dos sentidos externos. Um é entusiasmo, e o outro responde mais ou menos pela potência.

Devotos, num esforço por expressar as suas convicções, usaram imagens diferentes para sugerir essa força latente; como a luz, a semente, o Espírito, o Espírito Santo, o Consolador, o Daimon, a pequena voz silenciosa, etc. -- rudo quanto indica o seu poder e a sua latência. Está serenamente acima de toda a mediação. Em todas as eras, para todos os homens, disse *Eu sou*; e aquele que o escuta sente a impiedade de perambular por longe dessa revelação por qualquer histórico ou por qualquer rival. Os pobres Judeus do deserto clamaram:

"Que o Senhor não fale connosco; que seja Moisés a falar-nos." Mas a alma simples e sincera faz a oração contrária: "Que nenhum se intrometa entre ti e eu; trata comigo; faz-me saber que é Tua vontade e não peço mais." A excelência de Jesus, e de todo verdadeiro mestre, está no facto de ele afirmar a Divindade

existente nele e em nós, e de não se meter entre ele e nós próprios. Imediatamente haveria de nos deixar indispostos se qualquer um que alegasse falar pelo Autor da Natureza, estabelecesse qualquer facto ou lei que não encontrássemos na nossa consciência. Devemos dizer com Heráclito: "Entra nesta cabana fumarenta; Deus também está aqui: aceita-O."

Afirmamos que em todos os homens existe essa perceção e domínio majestosos; que é a presença do Eterno em todo o homem perecível; que distancia e rebaixa todas as declarações de quaisquer que sejam os santos, heróis, poetas, como gagueira obscura e confusa ante a sua silenciosa revelação. Eles relatam a verdade. É a verdade. Quando penso na Rasão, na Verdade, na Virtude, eu não posso concebê-los como alojados na vossa alma e alojados na minha alma, mas que vocês e eu e todas as almas nos encontramos alojadas nisso; e posso facilmente falar dessa natureza adorável, lá onde somente eu a vejo nas minhas tênues experiências, em termos tais que parecerão aos frívolos, que não se atrevem a sondar a sua consciência, como profana.

Como é que um homem chega a ser homem? Como poderá ele existir de modo a tecer relações de alegria e virtude com outras almas, mas por ser inviolável, se ancorar no centro da Verdade e do Ser? Na hora da reflexão que sempre retorna, ele diz: "Eu permaneço aqui com felicidade no coração por todas as simpatias que consigo despertar e partilhar, envolvendo-me nelas como com uma veste de abrigo e beleza, e ainda assim ciente de que não cabe no poder de todos os que me cercam tirar de mim a menor réstia do que eu chamo de meu. Se todas as coisas me forem tiradas, ainda terei todas as coisas na relação que tenho com o Eterno."

Fingimos não definir o caminho do seu acesso ao coração privado. Ultrapassa a compreensão. Houve um tempo em que o Cristianismo existia num filho. Mas se a criança tivesse sido morta por Herodes, ter-se-ia o elemento perdido? Deus envia a sua mensagem, se não por um, então muito bem por outro. Quando o Mestre do Universo tem objetivos a cumprir, ele incute a sua vontade na estrutura das mentes.

A Mente Divina comunica com a pessoa no singular: todo o seu dever está para com essa regra e magistério. A ajuda que os outros nos dão é como a ajuda que a mãe dá à criança -- temporária, gestativa, um curto período de amamentação, os cuidados de uma enfermeira ou de uma governanta; mas que, ao atingir uma certa maturidade, cessa, mas cujo prazo seria doloroso e ridículo prolongar. Lentamente o corpo começa a usar os seus órgãos; lentamente a alma começa a desenvolver-se

no novo homem. É parcial no início e honra apenas alguém ou umas quantas verdades. Nos seus companheiros vê outras verdades honradas e, sucessivamente, descobre a fundação deles igualmente em si. Então corta o cordão, e não mais acredita "por seres tu a dizê-lo," mas por os ter reconhecido nele próprio.

A Mente Divina comunica com a pessoa no singular: mas também é verdade que os homens agem de forma potente em nós. Há homens que surpreendem e encantam, homens que instruem e guiam. Recordo tão bem certas palavras de indivíduos que devo frequentemente usá-las para expressar a minha ideia. Sim, por perceber que escutamos a mesma verdade, só eles escutaram mais. Isso é apenas para dizer que há medida e transição gradual em toda a Natureza; e a Divindade faz não refreia as suas firmes leis em relação à transmissão da verdade, do mesmo modo que não o faz com relação à transmissão do calor material e da luz.

Aparecem homens de vez em quando, que recebem com maior pureza e plenitude essas altas comunicações. Mas é apenas tão rápido quanto esse dar ouvidos ao outro é autorizada pelo seu consentimento com relação a si próprio, que é puro e seguro para cada um; e toda a receção do exterior deve ser controlada por essa imensa reserva.

Sucede de vez em quando, ao longo das eras, que nasce uma alma que não tem fraqueza própria, que não oferece impedimento para o Espírito Divino, que regressa à Natureza como se fosse apenas para benefício das almas, e todo o seu pensamento se resume a perceções das coisas conforme elas são, livres de todo o contágio com a terra. Tais almas são como a aparição de deuses entre os homens, que pela sua simples presença opinam com respeito a eles. Os homens são forçados pelo próprio respeito próprio a dar-lhes uma certa atenção. Os maus retraem-se e prestam homenagem involuntária escondendo-se ou desculpando-se pela sua ação.

Quando um homem nasce com um profundo sentimento moral, e prefere a verdade, a justiça e o serviço a todos os homens a quaisquer honras ou qualquer proveito, os homens prontamente sentem a superioridade. Aqueles que lidam com ele são elevados com alegria e esperança; ele ilumina a casa ou a paisagem em que ele se encontra. As suas ações são poéticas e milagrosas aos olhos deles. Na sua presença, ou na esfera da sua influência, todos acreditam na imortalidade da alma. Sentem que o mundo invisível simpatiza com ele. Os Árabes deliciam-se em expressar a simpatia do mundo invisível pelos homens santos.

Quando Omar orou e amou,
Onde as águas da Síria corriam,
No alto, o nono céu brilhou e avançou
Para o caminho da alma jubilante.

Um evento supremo na vida é o dia em que encontramos uma mente que nos surpreendeu pelo grande alcance que apresenta. Eu tenho o hábito de não pensar -- espero bem, com base numa experiência parcial, mas na confirmação do que noto em muitas vidas -- que a toda mente séria a Providência envia de vez em quando cinco ou seis ou sete professores de primeira leva para ele, pelas lições que têm a transmitir. O mais alto deles não transmite propriamente conhecimento específico, mas eleva pelo sentimento e pela sua habitual grandeza de perspetivas.

Os homens grandiosos servem-nos como as insurreições fazem nos governos ruins. O mundo deparar-se-ia com uma rotina sem fim de formalismos incrustados, até que a vida se fosse. Mas a oferta perpétua de um novo génio choca-nos com as sensações fortes da vida e recorda-nos os princípios. A aposta de Lúcifer no velho drama era: "Não existe homem algum inabalável na terra." É muito raro. "Um homem já é consequente no mundo quando se sabe que podemos implicitamente confiar nele." Vejam como uma pessoa nobre enfeza toda uma nação de subordinados. Essa firmeza referimos nós quando louvamos o carácter.

O caráter denota a autoconfiança habitual, a consideração habitual pelos motivos interiores e constitucionais, um equilíbrio que não deve ser facilmente perturbado por eventos e opiniões externas, e por implicação aponta para a fonte do motivo certo. Nós algumas vezes empregamos a palavra para expressar a vontade forte e consistente de homens de motivo misto, mas, quando usada com ênfase, aponta para o que nenhum evento pode alterar, isto é, uma vontade construída com base na razão das coisas.

Tais almas não surgem aos magotes: frequentemente aparecem solitárias, como um general sem o seu comandante, por aqueles que conseguem entender e sustentar isso raramente surgirem; não muitos, talvez nem um, numa geração. Mas a memória e tradição de um líder desses é preservada em algum modo estranho apenas por aqueles que a entendem, até que um verdadeiro discípulo surge, quem apreende e interpreta tudo quanto proferiu.

O sentimento nunca se detém pela visão pura, mas é estabelecido. Afirma não só a sua verdade, mas a sua supremacia. Não é apenas discernimento, como a ciência, a

fantasia ou a imaginação; nem um entretenimento, como a amizade e a poesia são; mas é uma regra soberana: e os atos que ela sugere -- como quando impele um homem a ir em frente e a comunicá-lo aos outros, ou o coloca nalgum ascetismo ou nalguma prática de exame próprio para o manter obediente, ou um certo zelo por unir os homens para mitigar algum incómodo, ou estabelecer alguma reforma ou caridade que decrete -- são a homenagem que prestamos a esse sentimento, em comparação com o mais baixo no que diz respeito a outras ideias: e às práticas privadas ou sociais que estabelecemos em sua honra nós chamamos religião.

O sentimento, é claro, é o juiz e a medida de toda expressão dele -- afere o Judaísmo, o Estoicismo, o Cristianismo, o Budismo, ou qualquer filantropia, ou política, ou santo, ou vidente que finja falar em seu nome. As religiões que chamamos de falsas já foram verdadeiras. Elas também foram afirmações da consciência que corrigiam os maus costumes do seu tempo. A população arrasta os deuses para o seu próprio nível e atribui-lhes o seu egoísmo; ao passo que na Natureza não há absolutamente nada, Deus mantem-se fora de vista e é conhecido apenas como pura lei, embora não apresente resistência.

Chateaubriand disse, com algum sentido de irreverência que, se Deus fez o homem à sua imagem, o homem pagou-lhe bem de volta. "Si Dieu um fait l'homme filho imagem, l'homme l'a bien rendu." Toda a nação é degradada pelos diabretes que adora em vez desta Deidade. O Dioniso e o Saturno da Grécia e de Roma, o sacrifício humano dos Druidas, o Sradda dos Hindus, o Purgatório, as Indulgências e a Inquisição do Papado, a mitologia vingativa de Calvinismo, são exemplos dessa perversão.

Toda instrução particular é rapidamente incorporada num ritual, acomodada às mentes humildes, densas e corrompidas. O sentimento moral é a crítica perpétua sobre essas formas, a trovejar o seu protesto, por vezes com séria e elevada repreensão; mas outras vezes também é fonte, em naturezas menos puras, de zombarias e piadas irreverentes de pessoas comuns, que sentem que as formalidades e dogmas não são verdadeiros para eles, embora não vejam onde esteja o erro.

A religião de uma era é o entretenimento literário da seguinte, Usamos na nossa poesia mais idílica e discursos as palavras Júpiter, Neptuno, Mercúrio, como meras cores, e mal podemos crer que eles tinham para o Grego animado o significado impaciente que, nas nossas cidades, é dado e recebido nas igrejas quando os nossos nomes religiosos são usados: e lemos com surpresa acerca do horror de Atenas

quando, uma manhã, as estátuas de Mercúrio nos templos foram encontradas quebradas, e semelhante consternação deveria ter lugar na cidade como se, em Boston, todas as igrejas ortodoxas devessem ser queimadas numa noite.

O maior domínio será o do pensamento mais profundo. O estabelecimento do Cristianismo no mundo não repousa sobre um milagre qualquer, mas o milagre de ser a doutrina mais ampla e mais humana. O Cristianismo foi uma vez um cisma e um protesto contra as impiedades da época, que originalmente tinham sido protestos contra impiedades prévias, mas que tinham perdido a sua verdade.

Varnhagen von Ense, ao escrever na Prússia em 1848, diz: "Os Evangelhos pertencem aos mais agressivos escritos. Nenhuma folha deles pode atingir a liberdade de ser impressa (em Berlim) atualmente. Quantos Mirabeaus, Rousseau, Diderots, Fichtes, Heines e muitos outros hereges podemos detectar aí!"

Mas antes ainda de ser uma religião nacional, esteve ligada e, nas mãos dos fogosos Africanos, dos luxuriosos Bizantinos, dos ferozes Gauleses, os seus credos foram contaminados com a sua barbárie. Na Holanda, na Inglaterra, na Escócia, sentiu a estreiteza nacional. Como ao contrário do nosso habitual tipo de pensamento foi a do século passado neste país! Os nossos ancestrais falavam continuamente de anjos e arcanjos com a mesma boa-fé como eles teriam falado de seus próprios pais ou do seu falecido ministro. Agora as palavras empalidecem, são retórica e todo o crédito se foi.

O nosso horizonte não se encontra longe, digamos uma geração nem trinta anos: todos vemos muito. A mais velha vê duas gerações, ou sessenta anos. Mas o que tem decorrido ao longo de três horizontes, ou noventa anos, parece a todo o mundo como uma lei da Natureza, e é um ato de impiedade duvidar. Portanto, parece-nos incrível a nós, se olharmos para os livros religiosos dos nossos avós, como eles se ativeram a tal curral. Mas porque não? Tanto quanto eles conseguiam ver, ao longo de dois ou três horizontes, nada além de ministros e mais ministros. O Calvinismo era uma e a mesma coisa em Genebra, na Escócia, na Velha e Nova Inglaterra.

Se houvesse um casamento, eles faziam um sermão; se houvesse um funeral, então outro sermão; se rebentasse uma guerra, ou irrompesse varíola, ou surgisse um cometa, ou vermes do cancro, ou um diácono morresse, ainda havia um sermão. A natureza era um púlpito; o sacristão ou o coletor do dízimo era um pequeno perseguidor; o presbitério, um tirano; e em muitas casas em locais do país as pobres crianças encontravam sete sábados numa semana. Há cinquenta ou cem anos

atrás, diziam-se orações, de manhã e à noite, em todas as famílias, à mesa dava-se graças; uma observância exata do Domingo era mantida nas casas dos leigos assim como nas dos clérigos. E vemos com alguma dor o desuso de rituais tão carregados de humanidade e aspiração.

Mas de jeito nenhum se segue, lá por tais ofícios estarem bastante em desuso, que os homens e mulheres sejam irreligiosos; e certamente, que eles tenham menos integridade ou sentimento, mas somente, esperamos, que eles veem que podem omitir a formalidade sem perda de terreno real; talvez eles se deparem com alguma violência, alguma limitação da sua liberdade de pensamento, na constante recorrência da formalidade.

Assim, pela mudança de posição e das maneiras do clero. Eles descartaram, com os trajes sacerdotais e maneiras do século passado, muitas doutrinas e práticas outrora consideradas indispensáveis à sua ordem. Mas a distinção do verdadeiro homem do clero não é menos decisiva. Os homens agora perguntam, "Está ele a falar a sério? Será ele é um homem sincero, que vive conforme prega? Será ele um benfeitor?" Até agora a religião encontra-se onde deveria encontrar-se. As pessoas são discriminadas como honestas, verídicas, esclarecidas, úteis, no que diz respeito ao universal, ou então; -- são discriminados de acordo com os objetivos que tenham, e não por esses ritos.

As mudanças são inevitáveis; a nova era não pode ver com os olhos da passada. Mas a mudança está no que é superficial; os princípios são imortais e o protesto contra os princípios deve surgir à medida que as pessoas se tornam intelectuais. Eu considero a teologia como a retórica da moral.

A mente desta era afastou-se da teologia para a moral. Eu concebo isso como um avanço. Suspeito que, quando a teologia era mais floreada e dogmática, era a barbárie do povo, e que, nesse mesmo tempo, os melhores homens também se afastaram da teologia, e se abrigaram na moral. Eu acho que todos os dogmas assentam na moral e que é apenas uma questão de juventude ou de maturidade, de maior ou menor fantasia no destinatário; que a determinação severa de agir com justiça, dizer a verdade, para ser casto e humilde, era substancialmente a mesma, seja sob um respeito próprio ou sob um voto feito de joelhos no santuário de Madona.

Quando Selden disse que os sacerdotes lhe pareciam estar a batizar os seus próprios dedos, o rito do batismo estava a ficar for do tempo no mundo. Ou quando

é percebido que os missionários Ingleses na Índia colocam obstáculos no caminho das escolas (conforme alegam) - não desejam esclarecer, mas Cristianizar os Hindus -- é visto de imediato o quão afastado de Cristo está o Cristianismo Inglês.

A humanidade em geral sempre se parece com as crianças na sua frivolidade: elas são impacientes e desejam divertir-se. A verdade é simples demais para nós; não gostamos daqueles que nos desmascaram as ilusões. Fontenelle disse: "Se a Divindade desnudasse aos olhos dos homens o sistema secreto da Natureza, as causas pelas quais todos os resultados astronómicos são efetuados, e não encontrassem magia, nem números místicos, nem fatalidades, mas a maior simplicidade, eu estou persuadido de que não seriam capazes de reprimir um sentimento de mortificação, e exclamariam, com deceção, 'Será isso tudo?'" E assim nós pintamos a nudez da ética com o pitoresco grotesco da teologia.

Orgulhamo-nos do triunfo do Cristianismo sobre o Paganismo, como significando a vitória do espírito sobre os sentidos; mas o Paganismo esconde-se na uniformidade da Igreja. O Paganismo fez um mero juramento de lealdade, adotou a cruz, mas ainda é Paganismo, ultrapassa os verdadeiros homens por uma maioria de milhões, carrega o saco, gasta o tesouro, redige os folhetos, elege o ministro, e persegue o verdadeiro crente. Há um certo progresso secular de opinião que, nos países civis, atinge toda a gente.

Um serviço que esta era prestou foi tornar a vida e a sabedoria de todo homem passado acessível e disponível a todos. Sócrates e Marco Aurélio têm direito a ser santos; Maomé não é mais amaldiçoado; Voltaire não é mais um espantalho; Espinoza chegou a ser reverenciado. "A hora virá," diz Varnhagen von Ense, "em que trataremos as piadas e as arremetidas contra os mitos e rituais da igreja do Cristianismo -- o sarcasmo de Voltaire, Frederico o Grande e D'Alembert -- com bom humor e sem ofensa: já que no fundo, esses homens querem eram sinceros, e as suas polémicas procedem de um esforço religioso, e o que Cristo quis dizer e desejou está essencialmente mais com eles do que com os seus oponentes, que apenas usam e deturpam o nome de Cristo…

Voltaire foi um apóstolo de ideias Cristãs; apenas os nomes lhe soaram hostis, e ele nunca conheceu o contrário. Ele foi como os filhos do Viticultor do Evangelho, que disse Não, e foi trabalhar na vinha; o outro disse Sim, e não foi. Esses homens pregavam o verdadeiro Deus -- Aquele a quem os homens servem pela justiça e pela honestidade; mas que se tinham na conta de ateus."

Quando as conceções mais elevadas, as lições da religião, são importadas, a nação não atinge o culminar, não possui génio, mas é servil. Uma verdadeira nação ama a sua língua vernacular. Uma nação completa não importará a sua religião. O dever cresce por toda a parte, como crianças, como relva; e não precisamos ir à Europa nem à Ásia para aprender isso.

Eu não tenho a certeza de que a religião Inglesa não é cotada. Até mesmo o Jeremy Taylors, Fullers, George Herberts, impregnados, todos eles, nas tradições da Igreja, estejam apenas a usar a sua boa fantasia para adornar a memória. É a Judeia, e não Inglaterra, que é a base. O mesmo sucede com o Calvinismo mordaz da Escócia e da América. Mas esta citação distancia-as e incapacita-as: já que com cada repetição alguma coisa da força criativa se perde, conforme sentimos quando voltamos a cada um dos moralistas originais.

Pitágoras, Sócrates, os Estóicos, os Hindus, Behmen (Jakob Böhme), George Fox, - esses falam com originalidade; e quantas frases e livros não devemos a autores desconhecidos -- a escritores que não tiveram o cuidado de deixar o nome ou data ou títulos ou cidades ou carimbos postais nessas iluminuras! Nós, pelo nosso turno, queremos poder para conduzir o Estado portentoso. A constituição e a lei na América devem ser redigidas sobre princípios éticos, para que o poder do mundo espiritual possa ser inscrito de modo a ser objeto da lealdade dos cidadãos, e repelir todo inimigo como que pela força de Natureza.

As leis dos antigos impérios assentavam em convicções religiosas. Agora que as religiões deles foram ultrapassadas, os impérios não têm força. O Romanismo na Europa não representa a real opinião de homens iluminados. A Igreja Luterana não representa na Alemanha as opiniões das universidades. Na Inglaterra, os senhores, os jornais, e agora, finalmente, os eclesiásticos e bispos, afastaram-se da Igreja Anglicana. E na América, onde não há laços legais com as igrejas, a falta de firmeza parece perigosa.

A nossa religião chegou até o Unitarismo. Mas todas as formas desbotam. As paredes do templo tornam-se desgastadas e finas, e, por fim, apenas tornam-se numa película de cal, por a mente da nossa cultura ter deixado as nossas liturgias para trás. "Todas as eras," diz Varnhagen, "usam uma outra peneira para a tradição religiosa e peneiram-na de novo. Algo se perde continuamente com esse tratamento, que a posteridade não consegue recuperar."

Mas é uma verdade significativa que a Natureza, tanto moral quanto material, é sempre igual a si própria. As ideias sempre geram entusiasmo. O credo, a lenda, as formas de culto, decaem rapidamente. A moral é a essência incorruptível, muito descuidada na sua riqueza com relação a todo mestre ou testemunha passada, e negligente com relação às suas vidas e fortunas. Não pergunta se vocês estão certos ou errados ou nas anedotas que alimentam sobre eles; mas de um modo geral é como vocês se encontram me relação ao vosso próprio tribunal.

Os versos das seitas religiosas estão a mudar muito; as suas plataformas estão instáveis; toda a ciência da teologia se encontra numa grande incerteza, e assentam muito nas opiniões de quem pode vir a ser dos principais doutores de Oxford ou Edimburgo, de Princeton ou de Cambridge, atualmente. Nenhum homem pode dizer as revoluções religiosas que nos aguardam nos próximos anos; e a educação nas faculdades de teologia pode muito bem hesitar e sofrer uma variação. Mas a ciência da ética não sofre mutação; mas quem quer que sinta qualquer gosto ou aptidão para o estudo da ética pode depositar com segurança todos os seus esforços e génio no trabalho nessa mina. O púlpito pode tremer, mas essa plataforma não.

Todas as vitórias de que dizem respeito ao sentimento moral. Alguma pobre alma viu a lei fulgurante através de impedimentos como ele suportou, e rendeu-se à humildade e à alegria. O que foi que ganhou ao ser-lhe dito que era justificação pela fé?

A Igreja, no seu fervor pelas pessoas amadas, agarra-se ao milagroso, no sentido vulgar, que chega mesmo a ter uma tendência imoral, como se vê nas lendas Gregas, Índias e Católicas, que são usadas para minimizar todo crime. A alma, impregnada pela beatitude que se derrama nela por todos os lados, não pede interposição alguma, nenhuma lei nova -- as velhas são boas o suficiente para isso -- encontra em toda o carreiro formas de trabalho em prol do céu, e a mais humilde sorte exaltada. Os homens hão de aprender a colocar a ênfase perentoriamente de volta na moral pura, sempre a mesma, não sujeita à interpretação duvidosa, sem venda de indulgências massacre de hereges, escravas, privação da mulher, sem estigmatizar a raça; a tornar a moral o teste absoluto, e assim descobrir e expulsar as falsas religiões. Não há vício que não tenha refugiado disso. É só ontem as nossas igrejas Americanas, por tanto tempo silenciosas com respeito à escravatura, e notoriamente hostis ao Abolicionista, alinharam com a Emancipação.

Estou longe de aceitar a opinião de que as revelações do sentimento moral são insuficientes, como se fornecessem uma regra tão só, e não o espírito pelo qual a regra é animada. Por eu incluir nelas, é claro, a história de Jesus, assim como a de toda alma divina que em qualquer lugar ou época tenha transmitido qualquer grande lição à humanidade; e encontro nas experiências eminentes de todas as eras um acordo substancial. O sentimento em si ensina a unidade de fonte, e renega toda superioridade que não a da verdade mais profunda. Jesus reivindica muita coisa sobre a gratidão da humanidade, e também soube como proteger a integridade da alma do irmão de si próprio; mas, nos seus discípulos, a admiração por ele faz evaporar a reverência que tiveram pela alma humana, e eles prejudicam-nos com as limitações de pessoa e texto.

Todo exagero desses é uma violação do direito da alma e inclina o leitor decidido a pousar o Novo Testamento, para pegar nos filósofos Pagãos. Não é que os Upanishads ou as Máximas de Antonino sejam melhores, mas não lhe invadem a liberdade por serem apenas sugestões, enquanto o outro acrescenta a alegação inadmissível da autoridade positiva -- de um comando externo, onde comando não pode existir.

Esse é o segredo do resultado travesso por que, em cada período de expansão intelectual, a Igreja deixa de atrair para o seu clero aqueles que melhor para ele se adequam, as mentes maiores e mais livres, e por que nas suas formas mais liberais, quando tais mentes nele ingressam, são friamente recebidas, e dão por si deslocadas. Esse encanto de sugestão dos moralistas Pagãos, o encanto da poesia, da mera verdade, (facilmente desvinculadas dos seus acidentes históricos que ninguém deseja impor-nos,) o Novo Testamento perde por causa da associação que tem com uma igreja. A humanidade não pode sofrer muito essa perda, e a função desta era é colocar todos esses escritos na eterna base de igualdade de origem dos instintos da mente humana. É certo que todo mestre inspirado irá ser instantaneamente objeto da separação da idolatria das eras.

Para sua grande honra, as mentes simples e livres do nosso clero não resistiram à voz da Natureza e às perceções avançadas da mente: e toda a igreja se divide de um lado, numa classe liberal e expectante, e do outro, numa classe pouco disposta e conservadora. Conforme a situação connosco está atualmente, alguns clérigos, de mente mais teológica, retêm as tradições, mas seguem-nas em silêncio. No discurso geral, eles nunca são obstruídas. Se o membro do clero tivesse que viajar pela França, Inglaterra, e Itália, ele podia deixá-los trancados no mesmo armário com os seus “sermões ocasionais” em casa, e, se ele não voltasse, nunca pensaria em

mandar buscá-los. Os membros do clero ortodoxo mantêm-se um pouco mais firmes em relação aos seus, já que o Calvinismo tem uma vitalidade mais tenaz; mas isso também está condenado e morrerá por último; por o calvinismo se apressar a tornar-se Unitarismo, enquanto o Unitarismo se apressar a tornar-se puro Teísmo.

Mas as inspirações nunca são retiradas. Nos piores momentos, nascem homens de virtudes orgânicas -- homens e mulheres de integridade nativa, e indiferentemente em baixas e altas condições. Haverá sempre uma classe de jovens imaginativos, para quem a poesia, para quem o amor pela beleza, leva à veneração do sentimento moral, e estes a fornecerão com novas formas históricas e músicas. A religião é tão inexpugnável quanto o uso de lâmpadas, de poços ou de chaminés.

Nós precisamos ter dias e templos e professores. O Domingo é o cerne da nossa civilização dedicada ao pensamento e à reverência. Convida à mais nobre solidão e à mais nobre sociedade, quaisquer meios e ajudas de renovação espiritual. Os homens podem muito bem unir-se e inflamar uns aos outros em prol de uma vida virtuosa. Confúcio disse: "Se pela manhã eu escutar corretamente, e à noite morrer, eu poderei ser feliz."

As igrejas já indicam o novo espírito ao contribuírem para o perene ofício do ensino, atividades beneficentes - como a criação de hospitais, escolas primárias gratuitas para pobres, agências de emprego para pobres, nomear assistência social para os indefesos, zeladores de crianças abandonadas e órfãos. O poder que em outros tempos inspirou as cruzadas, ou a colonização da Nova Inglaterra, ou a renascimentos modernos, acorre em ajuda dos surdos-mudos e cegos, da educação dos marinheiros e dos catraios vagabundos, da reforma dos condenados e das prostitutas -- como a guerra criou as missões Hilton Head e Charleston, a Comissão Sanitária, as enfermeiras e os professores em Washington.

Na tendência atual da nossa sociedade, na nova importância do indivíduo, quando tronos desmoronam e presidentes e governadores são forçados a cada instante a lembrar-se dos seus eleitorados; quando os condados e as cidades resistem à centralização, e o eleitor individual ao seu partido -- a sociedade é ameaçada com uma granulação objetiva, religiosa bem como política. Quantas pessoas haverão Boston? Cerca de duzentos mil.

Bem, então haverão outras tantas seitas. É claro que cada pobre alma perderá todas as suas antigas escoras; nenhum bispo a olhará, nenhum confessor informará que negligenciou o confessionário, nenhum líder de classe a admoestará por se

ausentar, sem castigo, sem penitência, sem multa, sem repreensão. Isso não estará errado? Isso não será perigoso? Não é errado, mas é a lei do crescimento. Não é mais perigoso do que a mãe retirar as mãos do bebé que cambaleia quando caminha pela primeira vez: a criança receia e chora, mas consegue andar, instantaneamente tenta de novo, e nunca mais deseja a assistência dela. E esta alma infantil deve aprender a andar sozinha.

No começo ele está abandonado, sem lar; mas esta rude retirada de todo o apoio volta-lo para dentro, e ele dá por si ileso; ele encontra-se cara a cara com a majestosa Presença, lê o original dos Dez Mandamentos, o original dos Evangelhos e das Epístolas; não, o seu estreito oratório expande-se até à catedral azul do céu, onde ele

"Olha e vê cada divindade feliz,
Onde ele diante do trono estrondoso está."

O progresso da opinião, para as nações ou para os indivíduos, não é uma perda da restrição moral, mas simplesmente uma mudança dos mais grosseiros para mais refinados testes. Nenhum mal pode advir da reforma, que um pensamento mais profundo não corrija. Se houver alguma tendência na expansão nacional para formar carácter, a religião não será um perdedor. Há o receio de que a verdade pura, a moral pura, não faça dos afetos uma religião. Sempre que as sublimidades de carácter encarnarem num homem, podemos confiar em que a admiração, o amor e a curiosidade insaciável seguirão os seus passos.

O carácter é o hábito de ação decorrente da visão permanente da verdade. Ele carrega uma superioridade para com todos acidentes de vida. Compele a relação correcta com todos os outros -- domestica-se ante estranhos e inimigos. "Mas eu, pai," diz o sábio Pralada, no Vishnu Purana, "não conheço amigos nem inimigos, pois vejo Kesava em todos os seres assim como na minha própria alma." Confere perceção perpétua. Vê que os amigos de um homem e os seus inimigos são da sua própria casa, da sua própria pessoa.

Em que me ajudaria eu poder destruir os meus inimigos? Haveria igual número de amanhãs. Aquilo que eu odeio e receio existe realmente em mim próprio, e nenhuma faca é suficiente comprida para chegar ao seu coração. Confúcio disse um dia a Ke Kang: "Senhor, para dar continuidade ao seu governo, por que deverá recorrer à matança? Deixe que os seus desejos evidenciados apontam para o que é bom, e as pessoas serão boas. A relva deve curvar-se quando o vento soprar sobre ela." Ke

Kang, angustiado com a quantidade de ladrões existente no estado, perguntou a Confúcio como acabar com eles. Confúcio disse. "Se você, senhor, não fosse ganancioso, embora devesse retribuir-lhes por o fazerem, eles não roubariam."

Os seus métodos são subtis, funcionam sem meios. Não se entrega a inimizade contra ninguém, sabendo, como Prahlada que "a supressão do sentimento do mal é em si uma recompensa." Quanto mais razão, menos governo. Numa família sensata, ninguém nunca se escuta as palavras "deve" e "não deve;" ninguém dá ordens, e ninguém obedece, mas todos conspiram e cooperam alegremente. Removam o telhado de centenas de casas felizes, e vocês verão esta ordem sem governante, e assim por diante, em toda a sociedade inteligente e moral.

O comando é excecional e marca alguma rutura no elo da razão; como a eletricidade dá a volta ao mundo sem uma faísca nem um ruído, até que haja uma quebra no fio ou na corrente de água. Swedenborg disse: "no mundo espiritual, quando se deseja comandar, ou desprezar os outros, ele é lançado porta fora." Goethe, ao discutir os personagens de "Wilhelm Meister," manteve a crença de que "o puro encanto e a boa vontade são as mais elevadas prerrogativas másculas, diante das quais todo o heroísmo energético, com o seu brilho e renome, devem retroceder." Em perfeito acordo com isso, Henry James afirma que "dar ao elemento feminino da vida a sua suada mas eterna supremacia sobre o masculino tem sido a inspiração secreta de toda a história passada."

Não há fim para a suficiência de carácter. Ela pode dar-se ao luxo de esperar; pode passar sem o que é chamado de sucesso; não pode deixar de ter sucesso. Para um homem de bons princípios, a existência é vitória. Ele defende-se contra o fracasso no seu principal desígnio, fazendo de cada centímetro do caminho agradável. Para ele não há bagatela nem obscuridade: ele sente a imensidão da corrente cujo último elo ele segura na mão e é liderado por ele. Não tendo nada, esse espírito tem tudo. Pergunta, com Marco Aurélio: "Que importa por quem o bem é feito?" Isso enaltece a humildade -- por toda humilhação própria elevada na escala do ser. Não impõe cláusulas à felicidade terrena -- não pede, no absoluto da sua confiança, mesmo a garantia de continuidade de vida.

In: *"Lectures and Biographical Sketches X"*

CARÁCTER

(*Obras Completas de Emerson, vol. V*)

A raça Inglesa é tida como taciturna. Não sei se têm um semblante mais carregado do que os seus vizinhos dos climas do norte. São tristes apenas por comparação com os povos que cantam e dançam: não mais tristes, mas lentos e comedidos, encontrando as suas alegrias em casa. Também eles acreditam que, onde não há gozo da vida, não pode haver vigor nem arte na fala ou no pensamento; que um coração alegre percorre todo o caminho, enquanto o triste se cansa ao fim de uma milha.

Esta característica de melancolia foi-lhes atribuída por viajantes franceses que, desde Froissart, Voltaire, Le Sage, Mirabeau, até aos animados jornalistas dos *feuilletons*, têm exercido o seu engenho sobre a solenidade dos seus vizinhos. Os franceses dizem que a conversa alegre é desconhecida na ilha deles. O inglês não encontra alívio para a reflexão senão na própria reflexão. Quando deseja divertimento, põe-se ao trabalho. A sua hilaridade é como um ataque de febre. A religião, o teatro e a leitura dos livros do seu país alimentam e aumentam a sua melancolia natural.

A polícia não interfere nas diversões públicas. Considera ser seu dever respeitar os prazeres e a rara alegria desta nação inconsolável; e a coragem, amplamente reconhecida, é inteiramente atribuída ao seu desgosto pela vida. Suponho que a gravidade do comportamento e a parcimónia de palavras lhes tenham conferido essa reputação. Comparados com os americanos, acho-os alegres e satisfeitos. Os jovens neste país estão muito mais propensos à melancolia.

Os ingleses têm um aspeto afável e uma voz clara e alegre. São de natureza ampla e não se deixam entreter com facilidade como os povos do sul, sendo entre eles como adultos entre crianças, a necessitar de guerra, comércio, engenharia ou ciência, em vez de jogos frívolos. São orgulhosos e reservados e, mesmo quando dispostos ao lazer, evitam jardins públicos.

Divertiam-se com tristeza; *ils s'amusaient tristement, selon la coutume de leur pays*, disse Froissart; e suponho que nunca houve nação que construísse paredes tão espessas entre vizinhos, ou cercas de jardim tão altas. A carne e o vinho não têm efeito sobre eles. Estão tão frios, calmos e compostos no fim como no início do jantar. A reputação de taciturnidade acompanha-os há seis ou sete séculos; e uma espécie de orgulho na má oratória é notada na Câmara dos Comuns, como se

quisessem mostrar que não vivem da palavra, ou que falam suficientemente bem se o fizerem com o tom de cavalheiros.

Em sociedade mista, calam-se. Um industrial de Yorkshire contou-me que viajara mais do que uma vez de Londres até Leeds em carruagem de primeira classe com as mesmas pessoas, sem que se trocasse uma única palavra. Os clubes foram criados para fomentar hábitos sociais, mas é raro ver mais de dois a comer juntos, sendo mais comum cada um comer sozinho.

Foi então uma piada subtil do sério Swedenborg, ou apenas a sua lógica implacável, que o levou a encerrar as almas inglesas num céu só para elas? São descritos contraditoriamente como azedos, melancólicos e teimosos — e também como afáveis, doces e sensatos. A verdade é que têm uma grande variedade e amplitude de carácter. O comércio leva para o estrangeiro multidões de diferentes classes. O galês colérico, o escocês fervoroso, o bilioso residente nas Índias Orientais ou Ocidentais, estão longe do comportamento ideal do homem instruído e digno.

Também o está o lavrador corpulento; também o está o fidalgo rural, com a sua vida limitada e violenta. Em todas as estalagens há a Sala Comercial, onde os "viajantes" — caixeiros que transportam amostras e solicitam encomendas para os fabricantes — costumam ser recebidos. Não é difícil que seja esta classe a representar a Inglaterra perante o estrangeiro, que com eles se cruza na estrada e em todas as tabernas, enquanto a nobreza as evita ou se isola quando nelas se encontra. Mas estas classes são o verdadeiro tronco inglês e podem, com justiça, mostrar as qualidades nacionais, antes que a arte e a educação as tenham moldado.

São bons amantes, bons inimigos, admiradores lentos mas obstinados, e em tudo profundamente marcados pelo seu temperamento, como homens que mal despertaram de um sono profundo que apreciam. Os seus hábitos e instintos ligam-se à natureza. São da terra, terrenos; e do mar, como os seres marinhos, ligados a ele pelo que dele retiram, e não por qualquer sentimento.

Estão cheios de força bruta, exercício rude, carne de talho e sono profundo; e desconfiam de qualquer insinuação poética ou sugestão sobre a conduta da vida que ponha em causa essa existência animal, como se alguém estivesse a mexer no cordão umbilical e pudesse cortar o seu sustento. Duvidam do bom senso de um homem que não coma com apetite, e abanam a cabeça se ele for particularmente casto.

Tomando-os como vêm, encontrar-se-á entre o povo uma indiferença áspera, por vezes rudeza e mau génio; e, nas mentes mais poderosas, armazéns de guerra inesgotável, desafiando:

"A hora mais áspera que o tempo e o despeito ousem trazer
Para franzir o sobrolho do enfurecido Northumberland."

São crentes obstinados e defensores das suas opiniões, não menos resolutos em manter os seus caprichos e teimosias. Hezekiah Woodward escreveu um livro contra o Pai-Nosso. E pode acreditar-se que Burton, o Anatomista da Melancolia, tendo previsto pelas estrelas a hora da sua morte, tenha ele próprio colocado o nó à volta do pescoço, para não desmentir o seu horóscopo. A sua expressão revela uma robustez invencível: têm extrema dificuldade em fugir, e morrem com bravura. Wellington disse dos jovens vaidosos da Guarda Real, delicadamente criados:

"Mas os cachorros lutam bem"; e Nelson disse dos seus marinheiros: "Eles realmente não ligam aos tiros mais do que às ervilhas." Em termos de bravura absoluta, nenhuma nação tem mais ou melhores exemplos. São bons a tomar redutos de assalto, a abordar fragatas, a morrer na última trincheira ou em qualquer serviço desesperado que tenha luz do dia e honra; mas não, creio, em suportar tortura ou qualquer obediência passiva, como atirar-se de um castelo ao comando de um czar. Sendo ao mesmo tempo vasculares e altamente organizados, são muito sensíveis à dor; e intelectuais, o suficiente para verem razão e glória em determinada causa.

Dessa força constitucional que fornece o vigor do dia, têm mais do que suficiente; o excesso que gera coragem na fortaleza, génio na poesia, invenção na mecânica, iniciativa no comércio, magnificência na riqueza, esplendor nas cerimónias, petulância e projetos na juventude. Os jovens têm uma saúde rude que se transforma em humores daninhos. Bebem brandy como água, não conseguem gastar as quantidades de força excedente em cavalgar, caçar, nadar e esgrimir, e envolvem-se em absurdas brincadeiras com a gravidade das Erínias. Levam, com firmeza, a sua sensibilidade turbulenta a todos os cantos do mundo; não deixam mentira por contradizer; pretensão por examinar.

Mascam haxixe; cortam-se com *kris* envenenados; baloiçam a rede nas árvores do Bohon Upas; provam todo o veneno; compram todo o segredo; em Nápoles, colocam o sangue de São Januário num alambique; serram um buraco na cabeça da "Virgem que pisca" para saber porquê; medem com régua inglesa cada cela da Inquisição, cada caaba turca, cada Santo dos Santos; traduzem e enviam a Bentley o *arcanum*

obtido a subornos e ameaças de brâmanes trémulos; e medem a sua força pelo terror que causam.

Estes viajantes são de todas as classes, os melhores e os piores; e é natural que os de comportamento mais rude sejam os notados e recordados. A melancolia saxónica nos vulgares — ricos ou pobres — surge como surtos de mau humor, que qualquer contratempo exacerba em sarcasmo e vitupério. Há multidões de jovens ingleses rudes que possuem a autossuficiência e franqueza da sua nação, e que, com o seu desdém pela humanidade e a sua indigestão e cólera, tornaram o viajante inglês proverbial pelas suas maneiras desconfortáveis e ofensivas.

Não foi má descrição do britânico genérico aquela feita há duzentos anos sobre um certo académico de Oxford: "Era um homem muito audaz, dizia tudo o que lhe vinha à cabeça, não só entre os amigos, mas em cafés públicos, e falava frequentemente da vida de pessoas presentes por acaso, sem se importar com a companhia em que estava; por isso foi muitas vezes repreendido e várias vezes ameaçado de pancada."

O inglês comum tende a esquecer um artigo essencial da carta de direitos sociais: que todo o homem tem direito aos seus próprios ouvidos. Nenhum homem pode reclamar mais do que uns poucos metros cúbicos de audibilidade num espaço público, ou impor aos demais a proclamação sonora dos seus caprichos ou opiniões pessoais.

Mas é nos traços profundos da raça que se escrevem os destinos das nações, e, venha de onde vier — seja por uma tribo mais afortunada ou pela mistura de tribos, pelo ar ou por alguma circunstância que lhes tenha proporcionado a justa medida de temperamento — aqui existe o melhor sangue do mundo, de testa larga, base sólida, o melhor em profundidade, alcance e equilíbrio; homens com aplomb e reservas, grande amplitude e muitos estados de espírito, fortes instintos, mas aptos para a cultura; tanto guerreiros como escribas.

Condes e comerciantes; minoria sábia e maioria tola; um temperamento abissal, que esconde poços de cólera e sombras que nem o sol dissipa, alternadas com um bom senso e humanidade que os mantém fiéis a cada tarefa alegre; tornando esse temperamento como o mar, onde todas as tempestades são superficiais; uma raça a quem o destino sorri, como se apenas ela possuísse a organização elástica, ao mesmo tempo fina e robusta, suficiente para o domínio; como se o corpulento e inexpressivo dragão — ora mudo e contumaz, ora feroz e de língua afiada — que

outrora iluminava a ilha com o seu hálito de fogo, tivesse legado a sua ferocidade ao seu conquistador.

Escondem virtudes sob vícios, ou sob a aparência deles. É o disforme e peludo troll escandinavo de novo, que levanta a carroça do lamaçal, ou debulha

"O milho
Que dez jornaleiros não acabariam",

mas fá-lo na escuridão e com maldições murmuradas. É um rude com um lado brando no coração, cuja fala é um jorro de águas amargas, mas que gosta de ajudar quando necessário. Diz que não, mas serve, e os agradecimentos enojam-no. Havia há pouco um avarento de mau feitio, estranho e feio, com o rosto a lembrar o retrato do Arlequim, mas sem o riso; rico pelo seu próprio trabalho; ensimesmado numa casa solitária.

Que nunca ofereceu um jantar a ninguém e desprezava todas as cortesias: contudo, era tão verdadeiro adorador da beleza na forma e na cor como jamais existiu, e derramava profusamente sobre a mente fria dos seus compatriotas criações de graça e verdade, retirando à arte inglesa a acusação de esterilidade, captando do seu clima agreste cada sugestão delicada e importando para as suas galerias cada tonalidade e traço das cidades e céus mais soalheiros; inaugurando uma era na pintura; e quando viu que o esplendor de uma das suas obras na Exposição ofuscava a do seu rival ao lado, pegou secretamente no pincel e escureceu a sua própria.

Eles não usam o coração na manga para os corvos bicarem. Têm aquele fleuma ou sobriedade que é uma lisonja perturbar. "Os grandes homens", dizia Aristóteles, "são sempre de natureza originalmente melancólica." É o hábito de uma mente que se prende às abstrações com uma paixão que gera grandes frutos. Atrevem-se a desagradar, não falam para agradar. Preferem os que dizem "não" aos que dizem "sim". Cada um tem uma opinião que sente dever expressar, sobretudo quando difere da sua. "Estão a meditar a oposição."

Esta gravidade é inseparável de mentes com grandes recursos. Há um herói inglês superior ao francês, ao alemão, ao italiano ou ao grego. Quando é trazido ao combate com o destino, sacrifica mais riqueza material, e por fundamentos mais puramente metafísicos. Está ali por vontade própria, cara a cara com a fortuna, que desafia. Por escolha deliberada e por carácter, elegeu a causa por que vive e morre — e morre com grandeza. Esta raça acrescentou novos elementos à humanidade e tem raízes mais profundas no mundo.

Possuem uma grande amplitude de escala, da ferocidade ao refinamento mais delicado. E com essa escala vêm grandes capacidades de recuperação. Após levar cada tendência ao extremo, experimentam outra com igual fervor. Mais intelectuais do que outras raças, quando vivem entre elas não adotam a sua língua, mas impõem a sua. Subsidiarizam outras nações, mas não são subsidiadas. Fazem proselitismo, mas não se convertem. Assimilam outras raças, mas não são assimilados. Os ingleses não calcularam a conquista da Índia. Foi algo que adveio do seu carácter.

Por isso administram, em várias partes do mundo, os códigos de todos os impérios e povos: no Canadá, a velha lei francesa; nas Maurícias, o Código Napoleónico; nas Índias Ocidentais, os éditos das Cortes espanholas; nas Índias Orientais, as Leis de Manu; na Ilha de Man, as leis do antigo *Thing* escandinavo; no Cabo da Boa Esperança, as dos velhos Países Baixos; e nas Ilhas Jónicas, os Pandectos de Justiniano.

Têm plena consciência da sua posição vantajosa na história. A Inglaterra é legisladora, patrona, instrutora, aliada. Compare-se o tom da imprensa francesa com a inglesa: a primeira é queixosa, caprichosa, sensível à opinião inglesa; a imprensa inglesa nunca teme a opinião francesa, mas é arrogante e desdenhosa. São irritáveis e obstinados por excesso de vontade e inclinação; rudes como aqueles que, por vezes, gostam de ser, que não esquecem dívidas, não pedem favores e fazem o que bem entendem com o que é seu. Com educação e convivência, essas asperezas esbatem-se, deixando a boa vontade pura. Se a anatomia fosse reformada segundo tendências nacionais, suponho que o baço passaria a ser atributo exclusivo do inglês, não do americano, sendo a principal diferença entre ambos.

Prevejo ainda outra descoberta anatómica: que esse órgão será considerado superficial e caducável; que são melancólicos à superfície, mas no fundo de coração terno — nisto se distinguindo de Roma e das nações latinas. Nada de selvagem, nada de mesquinho reside no coração inglês. São sujeitos a pânicos de credulidade e de fúria, mas o temperamento da nação, por mais abalado que seja, reequilibra-se com rapidez, tal como, nesta zona temperada, o céu volta à serenidade após qualquer tempestade. Uma estupidez salvadora encobre e protege a sua perceção, como a membrana sobre o olho da águia. Os nossos americanos mais apressados, ao lidarem pela primeira vez com ingleses, chamam-lhes estúpidos; mas, mais tarde, fazem-lhes justiça, reconhecendo-os como pessoas de resistência ou que disfarçam bem a sua força.

Para compreender o poder de realização dos seus melhores espíritos — no paciente Newton, nos poetas versáteis e sublimes, ou nos Dugdales, Gibbons, Hallams, Eldons e Peels — é preciso ver como os trabalhadores ingleses aguentam. Altos e baixos, têm uma textura untuosa. Há um certo "adipocere" na sua constituição, como se tivessem também óleo para as engrenagens mentais, capazes de realizar grandes quantidades de trabalho sem se danificarem. Até o nível de despesas com que vivem, e ao qual se conformam estudiosos e profissionais, prova a tensão do seu músculo, quando se encontram tantos capazes de sustentar tamanho peso.

Dir-se-ia que os seus banquetes diários denunciam um vigor físico quase selvagem. Nenhuma nação foi jamais tão rica em homens capazes; "Senhores", como dizia Carlos I sobre Strafford, "cujas capacidades poderiam, em grandes assuntos de Estado, mais amedrontar do que envergonhar um príncipe"; homens de tal temperamento que, como o Barão Vere, "se alguém o visse regressar da vitória, julgaria, pelo seu silêncio, que perdera o dia; e, vendo-o em retirada, julgá-lo-ia vencedor pelo ânimo com que o fazia".

A seguinte passagem da *Heimskringla* poderia quase servir de retrato do inglês moderno:

"Haldor era muito forte e robusto, e notavelmente bem-parecido. O rei Harald deu-lhe este testemunho: que ele, entre todos os seus homens, era o que menos se preocupava com circunstâncias incertas, fossem perigosas ou prazerosas; pois, qualquer que fosse o desfecho, nunca estava mais alegre nem mais abatido, nunca dormia mais ou menos por causa disso, nem comia ou bebia fora do seu costume. Haldor não era homem de muitas palavras, era sucinto na conversa, exprimia-se com franqueza e era obstinado e duro: o que não agradava ao rei, que tinha muitos homens inteligentes e zelosos ao seu serviço. Haldor permaneceu pouco tempo com o rei e depois foi para a Islândia, onde se estabeleceu em Hiardaholt e ali viveu até idade muito avançada."

O temperamento nacional, na história civil, não é espalhafatoso nem volúvel. A massa inglesa, lenta e profunda, arde em lume brando, até que, por fim, inflama todas as suas fronteiras. A fúria de Londres não é a fúria francesa, mas tem longa memória e, mesmo no auge do calor, uma medida e uma regra. Metade da sua força fica por manifestar.

São capazes de uma resolução sublime, e se no futuro a guerra das raças — tantas vezes prevista — se tornar também guerra de ideias (uma questão de

despotismo e liberdade a partir da Europa de Leste), ameaçando a civilização inglesa, esses reis do mar poderão voltar às suas fortalezas flutuantes e encontrar novo lar e novo milénio de poder nas suas colónias. A estabilidade de Inglaterra é a segurança do mundo moderno. Se a raça inglesa fosse tão volúvel quanto a francesa, que confiança haveria? Mas os ingleses representam a liberdade. Os ingleses conservadores, amantes do dinheiro, amantes dos títulos, são ainda assim amantes da liberdade; e, por isso, a liberdade está segura: pois têm mais força pessoal do que qualquer outro povo. A nação resiste sempre às ações imorais do seu governo.

Pensam com humanidade sobre os assuntos de França, da Turquia, da Polónia, da Hungria, de Schleswig-Holstein, embora acabem por ser vencidos pela astúcia dos governantes. Revela a história inicial de cada tribo a inclinação permanente, que, embora igualmente poderosa, se disfarça à medida que a tribo expande a sua atividade em colónias, comércio, códigos, artes e letras? A história primitiva mostra-o, como o músico que toca o tema que depois vai ocultar numa tempestade de variações.

Em Alfredo, nos homens do Norte, pode ler-se o génio da sociedade inglesa, a saber, que a vida privada é o lugar da honra. Glória, carreira e ambição — palavras familiares à longitude de Paris — raramente se ouvem no discurso inglês. Nelson escreveu a partir dos seus corações o seu humilde sinal telegráfico: "A Inglaterra espera que cada homem cumpra o seu dever."

Para o serviço efetivo, para a dignidade de uma profissão, ou para aplacar um talento doente ou inflamado, pode entrar-se para o exército e a marinha (os piores rapazes saem-se bem na marinha); e para a função pública nos departamentos onde se faz trabalho oficial sério; e têm em estima o advogado que se dedica aos estudos mais rigorosos do direito. Mas o britânico calmo, sensato e genuinamente britânico recua da vida pública como charlatanismo, e respeita uma economia fundada na agricultura, minas de carvão, indústrias ou comércio, que assegura independência através da criação de valores reais. Não desejam nem mandar nem obedecer, mas ser reis na sua própria casa.

São intelectuais e apreciam profundamente a literatura; gostam de ter o mundo servido em livros, mapas, modelos e todas as formas de informação precisa, e, embora não sejam criadores na arte, valorizam o seu refinamento. Estão prontos para o lazer, sabem dirigir e preencher o próprio dia, e não precisam tanto como outros da imposição de uma necessidade. Mas a história da nação revela, a cada passo, esta predileção original pela independência privada, e, ainda que essa

inclinação tenha sido perturbada pelos subornos com que o vasto poder colonial desviou homens da sua órbita, ela persiste, e forma e reforma as leis, as letras, os costumes e as ocupações. Escolhem aquele bem-estar que é compatível com o bem comum, sabendo que só esse é estável; tal como os mercadores prudentes preferem investir nos três por cento.

BELEZA

(*Natureza — Discursos e Conferências*)

Uma necessidade mais nobre do homem é satisfeita pela natureza: o amor pela Beleza. Os antigos gregos chamavam ao mundo *cosmos*, beleza. Tal é a constituição de todas as coisas, ou tal é o poder plástico do olho humano, que as formas primárias — o céu, a montanha, a árvore, o animal — nos dão deleite por si mesmas; um prazer que nasce do contorno, da cor, do movimento e da composição. Isso deve-se, em parte, ao próprio olho.

O olho é o melhor dos artistas. Pela ação mútua da sua estrutura e das leis da luz, produz-se a perspetiva, que integra toda massa de objetos, de qualquer natureza, numa esfera bem colorida e sombreada, de modo que, mesmo que os objetos individuais sejam banais ou indiferentes, a paisagem que formam é redonda e simétrica. E como o olho é o melhor compositor, a luz é o primeiro dos pintores. Não há objeto tão vil que uma luz intensa não torne belo. E o estímulo que proporciona ao sentido, bem como uma espécie de infinitude que possui, como o espaço e o tempo, tornam toda a matéria jubilosa.

Até o cadáver tem a sua própria beleza. Mas para além desta graça geral difundida na natureza, quase todas as formas individuais são agradáveis ao olhar, como se prova pelas imitações infindáveis que fazemos de algumas delas: a bolota, o bago de uva, a pinha, a espiga de trigo, o ovo, as asas e formas da maioria das aves, a garra do leão, a serpente, a borboleta, as conchas marinhas, as chamas, as nuvens, os botões, as folhas e as formas de muitas árvores, como a palmeira.

Para melhor compreensão, podemos dividir os aspetos da Beleza em três categorias:

1. **Primeiro**, a perceção simples das formas naturais é um prazer. A influência das formas e ações da natureza é tão necessária ao homem que, nas suas funções mais básicas, parece tocar os limites entre utilidade e beleza. Para o corpo e mente que

se viram comprimidos por trabalho ou companhia nocivos, a natureza é medicinal e restaura o seu tom. O comerciante, o advogado sai do barulho e da astúcia da cidade, vê o céu e os bosques, e volta a ser homem. Na sua calma eterna, reencontra-se. A saúde do olhar parece exigir um horizonte. Nunca nos cansamos enquanto pudermos ver longe.

Mas noutros momentos, a Natureza satisfaz pela sua beleza, sem qualquer benefício corporal. Vejo o espetáculo da manhã, do alto da colina em frente à minha casa, desde o romper do dia até ao nascer do sol, com emoções que um anjo partilharia. As longas barras de nuvem flutuam como peixes no mar de luz carmesim. Da terra, como se fosse uma praia, olho esse mar silencioso. Sinto-me parte das suas rápidas transformações: o encanto ativo alcança o meu pó, e dilato-me e conspiro com o vento da manhã.

Como a Natureza nos diviniza com poucos e simples elementos! Dá-me saúde e um dia, e farei do esplendor dos imperadores uma farsa. A aurora é a minha Assíria; o pôr do sol e o luar, o meu Pafos e os reinos inefáveis da fada; o meio-dia largo será a minha Inglaterra dos sentidos e do entendimento; a noite será a minha Alemanha da filosofia mística e dos sonhos.

Não foi menos excelente, salvo pela nossa menor sensibilidade vespertina, o encanto do pôr do sol de ontem, numa noite de Janeiro. As nuvens ocidentais dividiram-se em flocos rosados, matizados com tons de suavidade indescritível; e o ar tinha tanta vida e doçura, que doía entrar em casa. O que queria a natureza dizer? Haveria algum significado na viva quietude do vale atrás do moinho, que nem Homero nem Shakespeare poderiam traduzir em palavras? As árvores despidas tornam-se agulhas de fogo ao pôr do sol, com o azul do oriente como fundo; e as estrelas das cálices mortos das flores, cada caule e restolho gelado com geada, contribuem para esta música muda.

Os habitantes das cidades julgam que a paisagem campestre só é agradável metade do ano. Eu delicio-me com as graças da paisagem invernal, e creio que ela nos toca tanto quanto as influências generosas do verão. Para o olhar atento, cada momento do ano tem a sua beleza, e num mesmo campo vê, a cada hora, um quadro nunca antes visto, nem jamais repetido. O céu muda a cada instante, e reflete o seu esplendor ou melancolia sobre os campos. O estado das searas altera, de semana a semana, a expressão da terra.

A sucessão de plantas nos prados e à beira das estradas — que constitui o relógio silencioso que marca as horas do verão — permite até sentir as divisões do dia, a

quem observa com atenção. As tribos de aves e insetos, como as plantas, pontuais no seu tempo, seguem-se umas às outras, e o ano tem espaço para todas. Junto às linhas de água, a variedade é ainda maior. Em Julho, a pontedéria azul floresce em grandes leiras nas partes baixas do nosso rio aprazível, repleto de borboletas amarelas em movimento constante. A arte não pode rivalizar com este esplendor de púrpura e ouro. Com efeito, o rio é uma festa perpétua, e ostenta cada mês um novo ornamento.

Mas esta beleza da Natureza, que se vê e sente como beleza, é a menor parte. Os espetáculos do dia, a manhã orvalhada, o arco-íris, as montanhas, os pomares em flor, as estrelas, o luar, os reflexos na água parada e semelhantes — se demasiado avidamente procurados — tornam-se apenas espetáculos, e troçam de nós com a sua irrealidade. Sai de casa para ver a lua, e é apenas bijutaria; não agradará como quando a sua luz brilha sobre a tua jornada necessária. A beleza que cintila nas tardes douradas de Outubro — quem a poderia agarrar? Parte-se à sua procura, e ela desaparece: é só uma miragem vista da janela de uma diligência.

2 A presença de um elemento superior, espiritual, é essencial à sua perfeição. A beleza elevada e divina, que se pode amar sem efeminação, é aquela que se encontra em combinação com a vontade humana. A beleza é o sinal que Deus marca na virtude. Toda a ação natural é graciosa. Todo o ato heroico é também digno, e faz brilhar o lugar e os que o testemunham. Aprendemos com as grandes ações que o universo é propriedade de cada indivíduo nele. Cada criatura racional tem toda a natureza por dote e herança. É sua, se assim o desejar. Pode renunciar a ela; pode recolher-se a um canto e abdicar do seu reino, como fazem a maioria dos homens — mas é-lhe atribuído o mundo pela sua própria constituição.

Na medida da energia do seu pensamento e da sua vontade, o homem absorve o mundo dentro de si. "Todas aquelas coisas pelas quais os homens lavram, constroem ou navegam obedecem à virtude", disse Salústio. "Os ventos e as ondas", disse Gibbon, "estão sempre do lado dos navegadores mais capazes." Assim também o estão o sol, a lua e todas as estrelas do céu.

Quando um ato nobre é praticado — talvez num cenário de grande beleza natural; quando Leônidas e os seus trezentos mártires consomem um dia a morrer, e o sol e a lua vêm cada um observá-los uma vez, no desfiladeiro escarpado das Termópilas; quando Arnold Winkelried, nos altos Alpes, sob a sombra da avalanche, recolhe contra o peito um feixe de lanças austríacas para romper a linha inimiga em nome dos companheiros — não têm estes heróis o direito de adicionar a beleza do cenário à beleza da ação?

Quando a embarcação de Colombo se aproxima da costa da América — diante dela, a praia repleta de indígenas a fugir das cabanas de cana; o mar atrás; e à volta as montanhas púrpuras do Arquipélago das Índias —, podemos separar o homem do quadro vivo? Não reveste o Novo Mundo a sua figura com palmares e savanas como manto apropriado? Sempre a beleza natural se insinua como o ar e envolve os grandes feitos.

Quando Sir Harry Vane foi arrastado até à colina da Torre, sentado num trenó, para morrer como defensor das leis inglesas, alguém do povo gritou-lhe: "Nunca te sentaste em assento tão glorioso." Carlos II, para intimidar os cidadãos de Londres, mandou que o patriota Lord Russel fosse conduzido numa carruagem aberta pelas ruas principais da cidade até ao cadafalso.
"Mas," diz o seu biógrafo, "a multidão imaginava ver sentadas ao seu lado a liberdade e a virtude."

Em lugares privados, entre objetos sórdidos, um ato de verdade ou heroísmo parece logo atrair o céu como templo, o sol como candeia. A natureza estende os braços para acolher o homem, bastando que os seus pensamentos sejam da mesma grandeza. Segue de boa vontade os seus passos com a rosa e a violeta, e curva as suas linhas de grandeza e graça para adornar o seu filho predileto.

Bastando que os seus pensamentos sejam do mesmo fôlego, o quadro encontrará a moldura certa. Um homem virtuoso está em harmonia com as obras da natureza, e torna-se a figura central da esfera visível. Homero, Píndaro, Sócrates, Fócion associam-se naturalmente na memória à geografia e ao clima da Grécia. Os céus e a terra visíveis simpatizam com Jesus. E, na vida comum, quem tenha visto alguém com carácter poderoso e génio feliz, terá notado como tudo parece segui-lo facilmente — as pessoas, as opiniões e o próprio dia —, e como a natureza se torna auxiliar do homem.

3. Há ainda outro aspeto sob o qual a beleza do mundo pode ser considerada: como objeto do intelecto. Para além da sua relação com a virtude, as coisas têm uma relação com o pensamento. O intelecto busca a ordem absoluta das coisas tal como se encontram na mente de Deus, sem as cores da afeição. As faculdades intelectual e ativa parecem suceder-se mutuamente, e a atividade exclusiva de uma gera a atividade exclusiva da outra.

Há algo de incompatível entre ambas, mas são como os períodos alternados de alimentação e trabalho nos animais; uma prepara e será sucedida pela outra. Por isso a beleza, que em relação à ação — como vimos — surge sem ser procurada,

precisamente por não ser procurada, permanece para ser captada e perseguida pelo intelecto; e depois, por sua vez, pela vontade ativa. Nada de divino morre. Todo o bem é eternamente reprodutivo. A beleza da natureza reforma-se no espírito, e não para mera contemplação estéril, mas para nova criação.

Todos os homens se sentem, em alguma medida, tocados pelo rosto do mundo; alguns até ao encantamento. Esse amor pela beleza é o Gosto. Outros têm esse amor em tal excesso que, não se contentando em admirar, procuram encarná-lo em novas formas. A criação da beleza é Arte. A produção de uma obra de arte lança luz sobre o mistério da humanidade. Uma obra de arte é um resumo ou epítome do mundo. É o resultado ou a expressão da natureza em miniatura. Pois, embora as obras da natureza sejam inumeráveis e todas diferentes, o resultado ou expressão de todas elas é semelhante e único. A natureza é um mar de formas radicalmente parecidas e até únicas. Uma folha, um raio de sol, uma paisagem, o oceano — todos causam impressão análoga no espírito. O que lhes é comum — essa perfeição e harmonia — é a beleza.

O padrão de beleza é o circuito inteiro das formas naturais — a totalidade da natureza; o que os italianos exprimiram ao definir beleza como *il più nell'uno*. Nada é verdadeiramente belo sozinho: nada o é senão no todo. Um objeto isolado só é belo na medida em que sugere essa graça universal. O poeta, o pintor, o escultor, o músico, o arquiteto procuram todos concentrar essa radiância do mundo num só ponto, e cada um na sua arte satisfazer o amor pela beleza que o impulsiona a criar. Assim é a Arte: uma natureza passada pelo alambique do homem. Assim, na arte, trabalha a natureza através da vontade de um homem cheio da beleza das suas primeiras obras.

O mundo existe assim para a alma como resposta ao desejo de beleza. A esse elemento chamo um fim último. Não se pode perguntar nem responder por que razão a alma busca a beleza. A beleza, no seu sentido mais amplo e profundo, é uma expressão do universo. Deus é o absolutamente belo. Verdade, bondade e beleza são apenas rostos diferentes do mesmo Todo. Mas a beleza na natureza não é o fim último. É o arauto de uma beleza interior e eterna, e não é por si só um bem sólido e satisfatório. Deve ser considerada como uma parte, e ainda não a expressão mais alta ou final da causa última da Natureza.

BELEZA

A tendência espiral da vegetação contamina também a educação. Os nossos livros aproximam-se muito lentamente das coisas que mais desejamos saber. Que pompa fazemos da nossa ciência — e quão distante ela permanece dos seus objetos! A nossa botânica são apenas nomes, não poderes: poetas e romancistas falam de ervas de graça e cura, mas que sabe o botânico das virtudes das suas ervas daninhas? O geólogo desnuda os estratos e sabe contá-los nos dedos; mas sabe ele que efeito tem isso sobre o homem que constrói a sua casa sobre eles? Que efeito tem na raça que habita uma falésia de granito? Que efeito sobre os que vivem em margas ou aluviões?

Sentiríamos algo de novo ao ouvir o ornitólogo, se ele nos ensinasse o que dizem as aves sociais quando se reúnem em conselho no outono, conversando entre si nas árvores. A falta de simpatia torna o seu registo um dicionário árido. O seu resultado é um pássaro morto. O pássaro não está nos seus gramas e centímetros, mas nas suas relações com a natureza; e a pele ou o esqueleto que me mostras não é mais uma garça do que um monte de cinzas ou um frasco de gases — em que o corpo dela foi reduzido — é Dante ou Washington. O naturalista desvia-se do caminho na medida exata do seu avanço ilusório. O rapaz via com mais justiça, ao olhar para as conchas na praia ou as flores no prado, sem saber o nome delas, do que o homem orgulhoso da sua nomenclatura. A astrologia interessava-nos, porque ligava o homem ao sistema.

Em vez de um mendigo isolado, sentia o mais distante astro e o astro sentia-o a ele. Por mais ousada ou deturpada por impostores e comerciantes, a sugestão era verdadeira e divina — a confissão da alma das suas vastas relações, e de que o clima, o século, as naturezas distantes tanto como as próximas fazem parte da sua biografia. A química desmonta, mas não constrói. A alquimia, que procurava transmutar um elemento noutro, prolongar a vida, dotar de poder — essa ia na direção certa.

Toda a nossa ciência carece de um lado humano. O inquilino é mais importante do que a casa. Insetos, estames e esporos, nos quais gastamos tantos anos, não são finalidades; e o homem, quando as suas faculdades se desenvolverem em harmonia, levará a natureza consigo e fará luz brilhar sobre todos os seus recantos. O coração humano interessa-nos mais do que espreitar por microscópios, e é maior do que aquilo que os pomposos números dos astrónomos conseguem medir.

Somos tão frívolos e céticos. Os homens consideram-se baratos e vis; e, no entanto, o homem é um feixe de trovões. Todos os elementos atravessam o seu sistema; ele é a cheia da cheia e o fogo do fogo; sente os antípodas e o pólo como gotas do seu sangue — são a extensão da sua personalidade. Os seus deveres são medidos por esse instrumento que ele é; e um homem justo e perfeito seria sentido até ao centro do sistema copernicano. É curioso que só acreditamos com a profundidade com que vivemos.

Não pensamos que os heróis possam exercer mais poder terrível do que aquele jogo superficial que nos diverte. Um homem profundo acredita em milagres, espera por eles, acredita em magia, acredita que o orador poderá decompor o adversário; acredita que o mau-olhado pode definhar, que a bênção do coração pode curar; que o amor pode exaltar o talento; pode superar todas as adversidades. De um grande coração fluem constantemente magnetismos secretos que atraem grandes acontecimentos.

Mas valorizamos utilidades muito humildes — um marido prudente, um bom filho, um eleitor, um cidadão — e reprovamos qualquer romantismo de carácter; e talvez avaliemos um homem apenas pelo seu valor monetário, o seu intelecto, o seu afeto — como se fossem letras de câmbio prontas a ser trocadas por belos salões, quadros, música e vinho.

O impulso da ciência foi a expansão do homem, por todos os lados, na natureza, até que as suas mãos tocassem as estrelas, os seus olhos vissem através da terra, os seus ouvidos compreendessem a linguagem dos animais e das aves, e o sentido do vento; e, através da sua simpatia, o céu e a terra falassem com ele. Mas essa não é a nossa ciência. Estas geologias, químicas, astronomias parecem tornar-nos sábios, mas deixam-nos onde nos encontraram. A invenção serve o inventor, com utilidade duvidosa para qualquer outro. As fórmulas da ciência são como os papéis na carteira: não têm valor senão para o dono. A ciência, em Inglaterra e na América, desconfia da teoria, detesta o nome do amor e o propósito moral.

(1) Há uma vingança para esta desumanidade. Que tipo de homem produz a ciência? O rapaz não se sente atraído. Diz: “Não quero ser um homem como o meu professor.” O coletor secou todas as plantas no seu herbário, mas perdeu peso e humor.

(2) Tem todas as cobras e lagartos nos seus frascos, mas a ciência também o vitimou, e meteu o homem dentro de um frasco. A nossa confiança no médico é uma espécie de desespero de nós próprios. Os clérigos têm bronquite, o que não parece

atestar saúde espiritual. Macready achava que vinha do falsete das suas vozes. Um príncipe indiano, Tisso, cavalgando um dia na floresta, viu um rebanho de alces a brincar. "Vede como estão felizes estes alces a pastar! Porque não hão de também os sacerdotes, alojados e alimentados confortavelmente nos templos, divertir-se?" Ao regressar, partilhou esta reflexão com o rei.

No dia seguinte, o rei conferiu-lhe a soberania, dizendo: "Príncipe, governa este império durante sete dias; ao fim desse período, mandar-te-ei matar." No sétimo dia, o rei perguntou: "Porque estás tão emagrecido?" Ele respondeu: "Pelo horror da morte." O monarca replicou: "Vive, meu filho, e sê sábio. Tu deixaste de te recrear, dizendo a ti mesmo: dentro de sete dias morrerei. Estes sacerdotes nos templos meditam incessantemente na morte; como podem, pois, entregar-se a saudáveis divertimentos?"

Mas os homens da ciência, ou os médicos, ou os clérigos, não são mais vítimas das suas ocupações do que outros. O moleiro, o advogado e o comerciante dedicam-se aos seus próprios detalhes e não se tornam homens de maior força. Têm eles a adivinhação, os grandes propósitos, a hospitalidade de alma e a igualdade perante qualquer acontecimento que exigimos num verdadeiro homem — ou apenas as reações do moinho, das mercadorias, da chicana? Nada nos interessa verdadeiramente senão o homem, e, no homem, apenas as suas superioridades; e, embora saibamos da existência de uma lei perfeita na natureza, esta só nos fascina pela sua relação com ele, ou porque está enraizada na mente.

No nascimento de Winckelmann, há mais de cem anos, ao lado desta ciência árida, departamental, post mortem, surgiu o entusiasmo pelo estudo da Beleza; e talvez algumas faíscas desse fogo ainda possam acender uma conflagração na outra. O conhecimento dos homens, o saber dos modos, o poder da forma e a nossa sensibilidade à influência pessoal nunca passam de moda. São factos de uma ciência que se estuda sem livros, cujos mestres e temas estão sempre junto de nós.

Tão inveterado é o nosso hábito de crítica que muito do nosso saber neste campo pertence ao capítulo da patologia. A multidão na rua oferece mais frequentemente degradações do que anjos ou redentores — mas todos revelam transparência. Cada espírito constrói a sua casa, e podemos adivinhar, com agudeza, quem a habita, olhando-a. Mas não é menos verdade que a natureza nos oferece todos os sinais de graça e bondade.

Os rostos deliciosos das crianças, a beleza das raparigas, "a doce seriedade dos dezasseis anos", o ar altivo dos rapazes bem-nascidos e bem-criados, as histórias

passionais nos olhares e modos da juventude e da entrada na idade adulta, e a variedade de força em toda essa companhia bem conhecida que nos acompanha pela vida — sabemos como essas formas nos comovem, paralisam, provocam, inspiram e ampliam.

A beleza é a forma sob a qual o intelecto prefere estudar o mundo. Todo o privilégio é o da beleza; pois há muitas belezas: da natureza em geral, do rosto e da forma humana, dos modos, do intelecto ou método, da moral ou da alma. Os antigos acreditavam que um génio ou *daimon* tomava posse de cada mortal no nascimento para o guiar; que esses génios por vezes apareciam como chamas parcialmente mergulhadas nos corpos que governavam — pousando sobre a cabeça do homem mau, e misturando-se com a substância do homem bom.

Diziam que o mesmo génio, à morte do seu tutelado, entrava num recém-nascido, e pretendiam adivinhar o piloto pelo modo como o navio singrava. Reconhecemos obscuramente esse mesmo facto, embora lhe demos outros nomes. Dizemos que cada homem merece ser julgado pelo seu melhor momento. Assim medimos os nossos amigos. Sabemos que têm intervalos de tolice, que ignoramos, aguardando o aparecimento do génio, que é certo e belo. Por outro lado, todos conhecemos pessoas que parecem montadas, dominadas por algo alheio — e que, com todos os graus de habilidade, nunca nos impressionam com ar de liberdade.

Elas próprias o sabem, e espreitam com os olhos para ver se detetamos a sua condição. Imaginamos que, se pudéssemos pronunciar a palavra certa e quebrar o encanto, a nuvem se ergueria, o pequeno cavaleiro seria descoberto e derrubado, e eles recuperariam a liberdade. O remédio parece nunca estar longe, pois o primeiro passo no pensamento ergue essa montanha de necessidade. O pensamento é o balão de ar comprimido que pode rasgar o planeta, e a beleza que certos objetos têm para ele é o fogo amigo que expande o pensamento e avisa o prisioneiro de que a liberdade e o poder o aguardam.

A questão da Beleza leva-nos para além das superfícies, a pensar nos alicerces das coisas. Goethe disse: "O belo é uma manifestação de leis secretas da natureza que, sem esta aparência, teriam permanecido para sempre ocultas." E é a ação deste instinto profundo que origina todo o entusiasmo — superficial e por vezes absurdo — pelas obras de arte, que leva exércitos de viajantes vaidosos todos os anos a Itália, à Grécia e ao Egipto.

Todo o homem valoriza cada aquisição que faz no saber da beleza mais do que qualquer posse. O homem mais útil no mundo mais útil, enquanto apenas serve a

utilidade, permanecerá insatisfeito. Mas assim que vê a beleza, a vida adquire um valor elevadíssimo. Sou advertido pela má sorte de muitos filósofos a não tentar uma definição de Beleza. Prefiro enumerar algumas das suas qualidades.

Atribuímos beleza ao que é simples; ao que não tem partes supérfluas; ao que cumpre exatamente o seu fim; ao que se relaciona com todas as coisas; ao que é o meio entre muitos extremos. É a qualidade mais duradoura e a mais ascendente. Diz-se que o amor é cego, e a figura de Cupido é representada com uma venda nos olhos.

Cego: sim, porque não vê o que não gosta; mas é o caçador de visão mais aguçada do universo, pois só vê o que procura — e apenas isso. E os mitólogos dizem-nos que Vulcano era pintado coxo e Cupido cego para chamar atenção ao facto de que um era todo membros e o outro todo olhos. Na verdadeira mitologia, o Amor é uma criança imortal, e a Beleza é a sua guia; nem podemos exprimir pensamento mais profundo do que ao dizer: a Beleza é o piloto da alma jovem.

Para além do seu prazer sensorial, as formas e cores da natureza adquirem novo encanto na nossa perceção de que nenhum ornamento foi acrescentado por vaidade — cada um é sinal de melhor saúde ou ação mais excelente. A elegância de forma num pássaro ou animal, ou na figura humana, assinala uma excelência de estrutura: ou a beleza é apenas um convite vindo daquilo que nos pertence.

É uma lei da botânica que, nas plantas, as mesmas virtudes acompanham as mesmas formas. É uma regra de vasta aplicação, verdadeira numa planta, verdadeira num pão: em qualquer estrutura ou organismo, qualquer real aumento da adequação ao seu fim é também um aumento de beleza. A lição ensinada pelo estudo da arte grega e gótica, da pintura antiga e pré-rafaelita, valeu toda a investigação — a saber, que toda a beleza deve ser orgânica; que o adorno exterior é deformidade. É a solidez dos ossos que se expressa numa tez de pêssego; é a saúde da constituição que dá brilho e poder ao olhar.

É o ajuste do tamanho e das articulações do esqueleto que confere graça ao contorno e, ainda mais, ao movimento. O gato e o veado não conseguem mover-se ou repousar de modo deselegante. O mestre de dança jamais conseguirá ensinar um homem de má constituição a andar com elegância. O tom da flor provém da sua raiz, e os brilhos da concha começam com a sua própria existência.

Daí que o nosso gosto na arquitetura rejeite a pintura e todas as dissimulações, mostrando a veia original da madeira; recuse pilastras e colunas que nada sustentam, e permita que os verdadeiros suportes da casa se revelem

honestamente. Toda ação necessária ou orgânica agrada ao observador. Um homem a conduzir um cavalo até à água, um lavrador a semear, os trabalhos dos ceifeiros no campo, o carpinteiro a construir um navio, o ferreiro na sua forja — qualquer labor útil é belo aos olhos sábios.

Mas, se for feito para ser visto, é mesquinho. Que belas são as embarcações no mar! Mas navios em palco — ou mantidos por efeito cénico em Virginia Water por Jorge IV, com homens pagos para se vestirem a preceito a um penny por hora — é outra coisa. Que diferença entre um batalhão de tropas em marcha para a ação e uma companhia independente em dia festivo! No meio de um desfile militar com bandeiras festivas, vi um rapaz apanhar uma velha lata enferrujada junto a um muro, colocá-la sobre um pau, pô-la a rodar e fazê-la descrever as curvas mais elegantes imagináveis — desviando os olhares da própria procissão decorada com a beleza inesperada do seu gesto.

Outro ensinamento dos mitólogos: os gregos diziam que Vénus nascera da espuma do mar. Nada nos interessa que seja rígido ou limitado, mas sim aquilo que pulsa com vida, que está em ação ou em esforço para alcançar algo além. O prazer que um palácio ou templo dá ao olhar vem do facto de que uma ordem e método foram comunicados às pedras, tornando-as falantes, geométricas, ternas ou sublimes na expressão. A beleza é o momento da transição, como se a forma estivesse prestes a fluir para outras formas. Qualquer fixidez, acúmulo ou concentração numa característica — um nariz comprido, um queixo aguçado, uma corcunda — é o contrário do que flui, e, por isso, é deformidade.

Por mais bela que seja a simetria de uma forma, se essa forma pode mover-se, buscamos uma simetria mais perfeita. A interrupção do equilíbrio estimula o olhar a desejar a sua restauração e a acompanhar os passos dessa reconquista. Eis o encanto das águas correntes, das ondas do mar, do voo das aves, da locomoção dos animais. Eis a teoria da dança: recuperar continuamente, em mudança, o equilíbrio perdido — não por movimentos bruscos e angulares, mas por gestos graduais e curvos.

Disseram-me pessoas versadas em gosto que a moda segue uma lei de gradação e nunca é arbitrária. O novo estilo é sempre apenas um passo adiante na mesma direção do anterior, e um olhar cultivado antecipa-o e prevê-o. Este facto explica os erros e ofensas das nossas modas. Na música, ao soar uma dissonância, é necessário conduzir o ouvido por uma nota ou duas intermediárias até ao acorde novamente; e muitas boas ideias, nascidas do bom senso e destinadas ao sucesso, fracassam por serem ofensivamente súbitas. Suponho que a modista parisiense que

veste o mundo a partir do seu imperioso *boudoir* saberá como reconciliar o traje Bloomer com o olhar da humanidade, vencendo até o *Punch*, interpondo gradações justas.

Não é preciso dizer quão amplamente esta mesma lei se aplica e quanto poderá realizar. Tudo aquilo que os partidos progressistas exigem com alguma aspereza pode vir a ser concedido sem resistência, se essa regra for observada. Assim se podem imaginar facilmente as circunstâncias em que a mulher fale, vote, defenda causas, legisle e conduza carruagens — tudo de forma natural, desde que venha por graus.

A esse fluir ou movimento contínuo pertence a beleza de todo o movimento circular: a circulação das águas, do sangue, o movimento periódico dos planetas, a onda anual da vegetação, a ação e reação da natureza; e, seguindo esse raciocínio, esta exigência no nosso pensamento por ação incessante é argumento a favor da imortalidade. Mais uma lição dos mitólogos no mesmo sentido: a Beleza cavalga um leão. A Beleza repousa sobre as necessidades. A linha da beleza é o resultado da perfeita economia.

A célula da abelha é construída no ângulo que oferece maior resistência com menor cera; o osso ou pena da ave proporciona a máxima força com o mínimo peso. "É a purgação das superfluidades", dizia Miguel Ângelo. Não há partícula em excesso nas estruturas naturais. Há uma razão imperiosa na utilidade da planta para cada novidade de cor ou forma; e a nossa arte poupa material com melhor arranjo, alcançando beleza ao retirar cada onça supérflua de uma parede e manter toda a sua força na poesia das colunas. Na retórica, esta arte da omissão é um dos segredos principais do poder, e, em geral, é sinal de alta cultura dizer os maiores assuntos da forma mais simples. Veracidade, antes de tudo e para sempre. *Rien de beau que le vrai* — "Nada é belo senão o verdadeiro."

Em todo o design, a arte está em tornar o objeto proeminente — mas há uma arte anterior em escolher objetos que sejam naturalmente proeminentes. As belas-artes nada têm de casual: brotam dos instintos das nações que as criaram. A beleza é a qualidade que confere perenidade. Numa casa que conheço, há um bloco de espermacete que anda há vinte anos de armário em armário e sobre as lareiras, apenas porque o fabricante lhe deu a forma de um coelho; e suponho que poderá continuar a ser transportado por mais um século.

Deixe um artista rabiscar umas linhas ou figuras no verso de uma carta — e esse pedaço de papel é salvo do lixo, guardado numa pasta, emoldurado e protegido com

vidro, e, conforme a beleza das linhas desenhadas, será preservado por séculos. Burns escreve um poema e envia-o para um jornal — e a raça humana encarrega-se de garantir que ele não se perca. Tal como o som da flauta se ouve mais longe do que o de uma carroça, veja-se como uma bela forma capta de forma certeira a imaginação dos homens, sendo copiada e reproduzida sem fim.

Quantas cópias existem do Apolo do Belvedere, da Vénus, da Psique, do Vaso de Warwick, do Partenon e do Templo de Vesta? São objetos de ternura para todos. Nas nossas cidades, um edifício feio é rapidamente demolido e jamais repetido; mas qualquer edifício belo é copiado e melhorado, de modo que todos os pedreiros e carpinteiros trabalham para repetir e preservar as formas agradáveis, enquanto as feias desaparecem.

As felicidades do design na arte ou na natureza são sombras ou presságios dessa beleza que atinge a sua perfeição na forma humana. Todos os homens são seus amantes. Onde quer que ela vá, cria alegria e exaltação, e tudo lhe é permitido. O seu cume é a mulher. "A Eva", dizem os maometanos, "Deus deu dois terços de toda a beleza." Uma mulher bela é uma poetisa prática, que doma o seu companheiro selvagem, planta ternura, esperança e eloquência em todos os que se aproximam dela.

Alguns privilégios de condição devem acompanhá-la, pois uma certa serenidade é essencial, mas amamos até as suas repreensões e superioridades. A natureza quer que a mulher atraia o homem — mas muitas vezes molda astutamente no seu rosto uma ligeira ironia, como a dizer:

Sim, estou disposta a atrair,
mas a atrair um tipo um pouco melhor do que qualquer um que ainda tenha visto.

As memórias francesas do século XVI celebram o nome de Pauline de Viguier, donzela virtuosa e encantadora que incendiou o entusiasmo dos seus contemporâneos com a sua forma arrebatadora, a tal ponto que os cidadãos da sua cidade natal, Toulouse, obtiveram ajuda das autoridades civis para obrigá-la a aparecer em público, na varanda, pelo menos duas vezes por semana — e sempre que se mostrava, a multidão tornava-se perigosa para a vida.

Não menos célebre foi a fama das irmãs Gunning, em Inglaterra, no século XVIII: Elizabeth casou com o duque de Hamilton e Maria com o conde de Coventry. Walpole escreveu: "A afluência foi tal, quando a duquesa de Hamilton foi apresentada na corte, numa sexta-feira, que até a nobre multidão no salão se empoleirou em cadeiras e mesas para vê-la. Há multidões às suas portas para vê-las

entrar nas cadeirinhas, e as pessoas vão cedo ao teatro para conseguir lugar quando se sabe que elas lá estarão." Noutro trecho acrescenta: "Tantas pessoas acorrem para ver a duquesa de Hamilton que setecentas passaram a noite em claro, numa estalagem em Yorkshire, apenas para a ver entrar na carruagem na manhã seguinte."

Mas por que precisamos consolar-nos com as glórias de Helena de Argos, de Corina, de Pauline de Toulouse ou da duquesa de Hamilton...

Todos conhecemos bem esta magia, ou conseguimos adivinhá-la. Não faz mal aos olhos fracos olhar nos olhos belos, por mais tempo que seja. As mulheres estão em relação com a natureza bela que nos rodeia, e o jovem enamorado funde a sua forma com a lua e as estrelas, com os bosques e as águas, e com o esplendor do verão. Curam-nos da inépcia com as suas palavras e olhares. Observamos a sua influência intelectual até sobre o mais sério dos estudantes. Refinam-lhe e aclaram-lhe o espírito; ensinam-lhe a pôr método agradável no que é seco e difícil. Falamos com elas e queremos ser ouvidos; receamos cansá-las, e adquirimos uma facilidade de expressão que passa da conversa ao hábito de estilo.

Que a beleza é o estado normal vê-se no esforço constante da natureza para a alcançar. Mirabeau tinha um rosto feio sobre uma bela estrutura; e vemos rostos todos os dias com bom tipo, mas mal moldados — prova de que todos temos direito à beleza, e teríamos sido belos se os nossos antepassados tivessem respeitado as leis — como toda a açucena e toda a rosa são perfeitas. Mas os nossos corpos não nos servem, antes nos caricaturam e satirizam. Assim, pernas curtas que obrigam a passos miúdos e acanhados são uma espécie de insulto pessoal e afronta ao seu dono; e pernas excessivamente longas colocam-no em desvantagem constante, forçando-o a curvar-se ao nível comum da humanidade. Marcial ridiculariza um cavalheiro do seu tempo cujo rosto lembrava o de um nadador visto debaixo de água.

Saadi descreve um mestre-escola "tão feio e carrancudo que bastava vê-lo para desfazer os êxtases dos ortodoxos." Os rostos raramente correspondem a qualquer tipo ideal, sendo antes um registo em escultura de mil anedotas de capricho e tolice. Pintores de retratos dizem que a maioria dos rostos e corpos são irregulares e assimétricos: têm um olho azul e outro cinzento; o nariz torto, um ombro mais alto que o outro; o cabelo mal distribuído, etc. O homem é, física e metafisicamente, feito de retalhos e restos, herdados desigualmente de bons e maus antepassados — um desajuste desde o início.

Um corpo belo, entre os gregos, era tido como sinal de algum favor secreto dos deuses imortais; e podemos perdoar o orgulho a uma mulher que possui tal figura que, onde quer que esteja, mova-se ou deixe uma sombra na parede, ou pose para o retrato de um artista, confere um favor ao mundo. E ainda assim — não é a beleza que inspira a paixão mais profunda. Beleza sem graça é anzol sem isco. Beleza sem expressão, cansa. Abade Ménage dizia do Presidente Le Bailleul que "não servia para mais nada senão para posar para retrato."

Um epigrama grego insinua que a força do amor não se revela na corte à beleza, mas quando o mesmo desejo se inflama por alguém de feições desajeitadas. E senhores de idade, petulantes e cansados de algumas exasperantes criaturas bonitas, ou que viram flores cortadas em demasia, ou que percebem, depois de tanto esforço com o vestuário, como o mais pequeno erro de sentimento rouba toda a beleza à indumentária — afirmam que o segredo da fealdade não está na irregularidade, mas em ser-se desinteressante.

Amamos qualquer forma, por mais feia, da qual irradiem grandes qualidades. Se houver comando, eloquência, arte ou invenção, mesmo na pessoa mais deformada, todos os acidentes que normalmente desagradam passam a agradar e elevam a estima e a admiração. O grande orador era uma figura magra e insignificante — mas era todo cérebro. O Cardeal de Retz dizia de De Bouillon: "Com a fisionomia de um boi, tinha a perspicácia de uma águia." Dizia-se de Hooke, amigo de Newton: "É o que tem mais, e promete menos, de todos os homens em Inglaterra." "Sendo eu tão feio", dizia Du Guesclin, "é meu dever ser corajoso."

Sir Philip Sidney, o querido da humanidade, conta Ben Jonson, "não era de rosto agradável, a cara marcada de borbulhas, sangue forte e longa." Aqueles que moldaram os destinos humanos como planetas durante milénios não eram belos homens. Se um homem consegue elevar uma pequena cidade a grande reino, baratear o pão, irrigar desertos, unir oceanos com canais, domar o vapor, organizar a vitória, liderar a opinião pública, ampliar o conhecimento — pouco importa se o seu nariz está paralelo à coluna, como deveria, ou se sequer tem nariz; se as suas pernas são direitas ou amputadas: as suas deformidades acabam por ser vistas como ornamentos e vantagens.

Esse é o triunfo da expressão — que rebaixa a beleza ao encantar-nos com um poder tão subtil, amigável e embriagador, que torna insípidas as pessoas admiradas e insuportável a ideia de passar com elas a vida. Há rostos tão fluidos de expressão, tão ondulados e ruborizados pelo jogo do pensamento, que mal conseguimos distinguir as feições em si. Quando a deliciosa beleza das formas

perde o seu poder, é porque surgiu uma beleza mais profunda e duradoura: revelou-se uma forma interior. E ainda assim, a Beleza cavalga o seu leão, como sempre. Ainda, "foi por causa da beleza que o mundo foi feito."

As vidas dos artistas italianos, que estabeleceram uma espécie de despotismo do génio entre duques, reis e multidões da sua época turbulenta, provam quão leal é sempre o homem a um espírito mais fino, a um método superior ao seu. Se um homem pode esculpir uma cabeça no pilar do seu portão que atraia e retenha multidões todo o dia, pela beleza, bom humor e significado enigmático; se consegue construir uma casa singela com tal simetria que faz os palácios parecerem baratos e vulgares; se tira tal partido da natureza que todos os seus poderes o servem — usando a geometria em vez do custo; fazendo jorrar água de uma montanha; tornando o sol e a lua meros adornos da sua propriedade — eis ainda o legítimo domínio da beleza.

O esplendor da forma humana, por mais surpreendente, é apenas uma explosão breve de beleza — uns anos, por vezes apenas meses, no auge da juventude, e na maioria declina rapidamente. Mas continuamos a amá-la, apenas transferindo o nosso interesse para a excelência interior. E esta não é apenas admirável em talentos singulares e salientes, mas também no mundo dos modos. Mas resta notar o atributo soberano. As coisas são bonitas, graciosas, ricas, elegantes, formosas — mas, até que falem à imaginação, ainda não são belas. Eis porque a beleza escapa sempre a toda análise. Ainda não é possuída, não pode ser manuseada.

Proclo diz: "Ela flutua na luz das formas." A beleza não está propriamente na forma, mas no espírito. Abandona imediatamente a posse e voa para um objeto no horizonte. Se eu pudesse pousar a mão sobre a Estrela Polar — continuaria ela bela? O mar é encantador, mas quando nele mergulhamos, a beleza abandona as águas que nos tocam. Pois a imaginação e os sentidos não podem ser satisfeitos ao mesmo tempo. Wordsworth dizia bem de "uma luz que nunca existiu no mar ou na terra" — significando que era fornecida pelo observador; e o bardo galês advertia as suas conterrâneas de que:

"Metade dos seus encantos
Morrerá com Cadwallon."

A nova virtude que constitui a beleza de algo é certa qualidade cósmica, um poder de sugerir relação com o mundo inteiro, erguendo o objeto para além da sua individualidade mesquinha. Cada traço da natureza — mar, céu, arco-íris, flores, tom musical — contém algo que não é privado, mas universal, que fala desse

benefício central que é a alma da natureza — e, por isso, é belo. E, em homens e mulheres escolhidos, encontro algo na forma, no discurso e nos modos que não é da sua pessoa ou família, mas de carácter humano, universal e espiritual — e amamo-los como ao céu.

Têm uma grandeza de sugestão, e o rosto e os modos transportam uma certa nobreza — como o tempo e a justiça. A proeza da imaginação está em mostrar a convertibilidade de tudo em tudo. Factos que antes não passavam de senso comum árido, figuram de repente como mistérios de Elêusis. As minhas botas, a cadeira, o castiçal — são fadas disfarçadas, meteoros e constelações. Todos os factos da natureza são substantivos do intelecto, e compõem a gramática da linguagem eterna.

Cada palavra tem uso e significado duplo, triplo ou centuplicado. O quê? Tem o meu fogão e o saleiro um fundo falso? Perdoa-me, boa caixa de sapatos! Não sabia que eras um estojo de joias. Palha e poeira começam a cintilar, vestem-se de imortalidade. E há alegria em perceber o carácter representativo ou simbólico de um facto, que nenhum simples facto ou acontecimento pode dar. Não há dias na vida tão memoráveis como aqueles que vibraram ao toque da imaginação.

Os poetas têm toda a razão em adornar as suas musas com os despojos da paisagem, dos jardins floridos, das gemas, dos arco-íris, das auroras e das estrelas da noite — pois toda a beleza aponta para a identidade; e tudo aquilo que não me exprime o mar e o céu, o dia e a noite, é de certo modo interdito e errado. Em todo o objeto belo entra algo de imensurável e divino, tanto na forma delimitada por contornos — como montanhas no horizonte — como nos tons da música ou nas profundezas do espaço.

A luz polarizada revelou a arquitetura secreta dos corpos; e quando se abre a segunda visão da mente, ora uma cor, ora uma forma ou gesto, adquire uma pungência, como se um raio mais interior tivesse sido emitido, revelando as suas profundas ligações com a estrutura das coisas. Ignoramos as leis desta tradução, ou por que razão um traço ou gesto encanta, por que uma palavra ou sílaba embriaga; mas o facto é familiar: o toque subtil do olhar, uma graça nos modos ou uma frase poética plantam asas nos nossos ombros; como se a Divindade, nos seus passos em direção a nós, afastasse montanhas de obstrução e se dignasse traçar uma linha mais verdadeira — linha que a mente reconhece e reclama. Eis essa força altiva da beleza, *vis superba forma*, que os poetas louvam — sob contorno calmo e preciso, o imensurável e o divino; a Beleza ocultando toda a sabedoria e poder no seu céu sereno.

Toda a beleza superior tem em si um elemento moral, e encontro na escultura antiga uma ética tão elevada quanto a de Marco Aurélio; e a beleza está sempre em proporção com a profundidade do pensamento. Naturezas grosseiras e obscuras, por mais ornadas que sejam, parecem matadouros impuros; mas o carácter confere esplendor à juventude e reverência à pele enrugada e aos cabelos grisalhos. Um adorador da verdade impõe-se à nossa obediência, e a mulher que connosco partilhou o sentimento moral — seus cabelos hão de parecer-nos sublimes.

Assim há uma escala ascendente de cultura, desde a primeira sensação agradável que uma pedra preciosa ou uma mancha escarlate desperta no olhar, passando pelas belas linhas e detalhes da paisagem, pelas feições do rosto e do corpo humanos, pelos sinais e emblemas do pensamento e do carácter nos modos, até aos mistérios inefáveis do intelecto.

Onde quer que comecemos, para lá tendem os nossos passos: uma ascensão, desde o júbilo de um cavalo nos seus arreios, até à perceção de Newton de que o globo onde cavalgamos é apenas uma maçã maior a cair de uma árvore maior; até à perceção de Platão de que o globo e o universo são expressões toscas e precoces de uma Unidade dissolvente — o primeiro degrau na escada para o templo da Mente.

ARTE

Dai a cestos, tabuleiros e panelas
Graça e brilho de romance;
Trazei o luar ao meio-dia
Escondido em pilhas de pedra reluzente;
Nas ruas empedradas da cidade
Plantai jardins com lilases doces;
Que fontes jorrando refresquem o ar,
Cantando na praça abrasada pelo sol;
Que estátua, pintura, parque e salão,
Balada, bandeira e festival,
Ressuscitem o passado, enfeitem o dia,
E façam de cada amanhã uma nova alvorada.
Assim o operário de casaco empoeirado
Espiará por detrás do relógio da cidade
Cortejos de reis etéreos,
Vestes de anjos, asas estreladas,
Seus antepassados em fábulas brilhantes,
Seus filhos saciados em mesas celestiais.

É privilégio da Arte
Desempenhar assim o seu papel alegre,
Acolher o homem na Terra,
E moldar o exilado ao seu destino,
E, feito de um só elemento
Com os dias e o firmamento,
Ensiná-lo a subir por esses degraus,
E a viver em termos iguais com o Tempo;
Enquanto a vida superior, esse fio delgado,
Transborda do sentido humano.

Porque a alma é progressiva, nunca se repete por completo, mas em cada ato tenta produzir um todo novo e mais belo. Isto é visível nas obras tanto das artes úteis como das belas artes, se aceitarmos a distinção popular entre obras com fins utilitários ou estéticos. Assim, nas belas artes, o objetivo não é a imitação, mas a criação. Na paisagem, o pintor deve sugerir uma criação mais bela do que a que conhecemos.

Os detalhes — a prosa da natureza — deve omiti-los, oferecendo apenas o espírito e o esplendor. Deve saber que a paisagem lhe é bela porque expressa um pensamento que, para ele, é bom: e isto porque o mesmo poder que vê pelos seus olhos se manifesta nesse espetáculo; e ele passará a valorizar a expressão da natureza, e não a natureza em si, e assim exaltará na sua cópia os traços que lhe agradam. Oferecerá a sombra da sombra, e o sol do sol. Num retrato, deve inscrever o carácter, e não os traços físicos, e estimar o modelo como apenas uma imagem imperfeita do original aspirante no seu interior.

Que é esse resumo e seleção que observamos em toda atividade espiritual, senão o próprio impulso criador? Pois é a entrada dessa luz superior que ensina a transmitir um sentido mais vasto através de símbolos mais simples. Que é o homem senão o êxito mais fino da natureza em se explicar a si mesma? Que é ele senão uma paisagem mais fina e compacta do que as que a linha do horizonte figura — o ecletismo da natureza? E que é a sua fala, o seu amor pela pintura, pela natureza, senão um sucesso ainda mais refinado? Todas as milhas e toneladas de espaço e massa foram deixadas de lado, e o espírito ou moral de tudo isso contraído numa palavra musical ou no traço mais engenhoso do pincel.

Mas o artista deve empregar os símbolos em uso no seu tempo e na sua nação para transmitir o seu sentido ampliado aos seus semelhantes. Assim, o novo na arte é sempre formado a partir do antigo. O Génio da Hora imprime o seu selo indelével na obra, conferindo-lhe um encanto inefável para a imaginação. Na medida em que o carácter espiritual da época domina o artista e se exprime na sua obra, assim ela conservará certa grandeza, e representará para os que a virem no futuro o Desconhecido, o Inevitável, o Divino.

Nenhum homem pode excluir totalmente esse elemento de necessidade do seu labor. Nenhum homem pode libertar-se inteiramente da sua época e país, ou produzir uma obra em que a educação, a religião, a política, os costumes e as artes do seu tempo não participem. Por mais original, voluntarioso ou fantasista que seja, não consegue apagar da sua obra todas as marcas dos pensamentos em que nasceu. Até a evasão denuncia o uso que se tenta evitar. Acima da sua vontade, e fora da sua vista, está ele obrigado, pelo ar que respira e pela ideia sobre a qual ele e os seus contemporâneos vivem e trabalham, a partilhar do estilo do seu tempo — sem saber o que esse estilo é.

Ora, aquilo que é inevitável na obra tem um encanto mais elevado do que qualquer talento individual possa conceder, pois a pena ou o cinzel do artista parecem ter

sido guiados por uma mão gigantesca para inscrever uma linha na história da raça humana.

Essa circunstância dá valor aos hieróglifos egípcios, aos ídolos índios, chineses e mexicanos, por mais grosseiros e amorfos que sejam. Denotam a elevação da alma humana naquele momento, e não foram fantasistas, mas brotaram de uma necessidade tão profunda quanto o mundo. Direi, então, que todo o produto existente das artes plásticas tem aqui o seu valor mais alto — **como história**; como um traço no retrato daquele destino, perfeito e belo, segundo cujas ordenações todos os seres caminham para a sua beatitude.

Assim, numa visão histórica, tem sido a função da arte educar a perceção da beleza. Estamos imersos na beleza, mas os nossos olhos carecem de visão clara. É preciso, pela exibição de traços isolados, ajudar e guiar o gosto adormecido. Esculpimos e pintamos, ou contemplamos o que foi esculpido e pintado, como estudantes do mistério da Forma. A virtude da arte reside no desapego, em isolar um objeto da variedade embaraçosa. Até que algo se destaque da conexão das coisas, pode haver prazer, contemplação — mas não pensamento. A nossa felicidade e infelicidade, por si sós, são improdutivas.

O bebé repousa num transe aprazível, mas o seu carácter individual e o seu poder prático dependem do seu progresso diário na separação das coisas e na capacidade de lidar com uma de cada vez. O amor e todas as paixões concentram toda a existência em torno de uma única forma. É hábito de certas mentes conferir uma plenitude que exclui tudo o mais ao objeto, ao pensamento, à palavra onde pousam, fazendo disso, durante certo tempo, o substituto do mundo. Estes são os artistas, os oradores, os líderes da sociedade.

O poder de destacar, e de magnificar destacando, é a essência da retórica nas mãos do orador e do poeta. Esta retórica — ou capacidade de fixar a eminência momentânea de um objeto — tão notável em Burke, em Byron, em Carlyle — é aquilo que o pintor e o escultor exibem na cor e na pedra. O poder depende da profundidade da visão do artista relativamente ao objeto que contempla. Pois todo o objeto tem raízes na natureza central e pode, portanto, ser apresentado de modo a representar o mundo.

Por isso, cada obra de génio é o tirano da hora, e concentra sobre si toda a atenção. Durante um certo tempo, é a única coisa digna de nome: seja um soneto, uma ópera, uma paisagem, uma estátua, uma oração, o plano de um templo, de uma campanha ou de uma viagem de descoberta. Logo passamos a outro objeto, que

também se nos revela como um todo, como sucedera com o primeiro; por exemplo, um jardim bem desenhado: e nada mais parece valer a pena senão o traçado de jardins.

Pensaria eu que o fogo é a melhor coisa do mundo, se não conhecesse o ar, a água e a terra. Pois é direito e propriedade de todos os objetos naturais, de todos os talentos genuínos, de todas as qualidades nativas, serem, por um momento, o cume do mundo. Um esquilo saltando de ramo em ramo, fazendo da floresta uma única árvore para seu deleite, preenche o olhar tanto quanto um leão — é belo, autossuficiente, e representa ali mesmo a natureza.

Uma boa balada prende o meu ouvido e o meu coração, enquanto a escuto, tanto quanto antes o fizera um épico. Um cão, desenhado por um mestre, ou uma ninhada de porcos, satisfaz e é uma realidade tão válida quanto os frescos de Miguel Ângelo. Dessa sucessão de objetos excelentes aprendemos, por fim, a imensidão do mundo, a opulência da natureza humana, que pode expandir-se infinitamente em qualquer direção. Mas aprendo também que aquilo que me maravilhou e fascinou na primeira obra, também o fez na segunda; que a excelência de todas as coisas é uma só.

A função da pintura e da escultura parece ser apenas inicial. As melhores pinturas revelam facilmente o seu último segredo. São esboços rudes de alguns dos pontos e linhas e matizes milagrosos que compõem a "paisagem com figuras" sempre em mutação no meio da qual habitamos. A pintura parece ser para os olhos o que a dança é para os membros.

Quando esta educou o corpo para a autodomínio, para a agilidade, para a graça, os passos do mestre de dança é melhor que sejam esquecidos; assim a pintura ensina-me o esplendor da cor e a expressão da forma, e, à medida que vejo muitas imagens e génio mais elevado na arte, percebo a opulência ilimitada do pincel, a indiferença com que o artista se encontra livre para escolher entre todas as formas possíveis.

Se ele pode desenhar tudo, por que há de desenhar alguma coisa? E então os meus olhos abrem-se para a pintura eterna que a natureza traça nas ruas com homens e crianças em movimento, mendigos e damas vestidas de vermelho, verde, azul e cinza; de cabelos longos, grisalhos, rostos brancos, rostos negros, enrugados, gigantes, anões, alargados, elfos — coroados e assentados entre céu, terra e mar.

Uma galeria de escultura ensina, de forma mais austera, a mesma lição. Tal como a pintura ensina a cor, assim a escultura ensina a anatomia da forma. Quando vi

belas estátuas e, depois, entrei numa assembleia pública, compreendi bem o que quis dizer quem afirmou: "Quando leio Homero, todos os homens parecem gigantes." Eu também vejo que pintura e escultura são ginásticas para o olhar, treino para as minúcias e curiosidades da sua função. Não há estátua como este homem vivo, com a sua vantagem infinita sobre toda a escultura ideal: a variedade perpétua.

Que galeria de arte tenho eu aqui! Nenhum maneirista criou estes grupos diversos e figuras originais. Aqui está o próprio artista a improvisar, severo e jubiloso, diante do seu bloco. Ora uma ideia o atinge, ora outra, e a cada momento muda todo o ar, atitude e expressão da sua argila. Afastai o vosso disparate de óleos e cavaletes, de mármore e cinzéis: a não ser que sirvam para abrir os olhos às mestrias da arte eterna, são lixo hipócrita.

A referência de toda a produção, no fim, a um Poder aborígene, explica os traços comuns a todas as obras de arte suprema — o facto de serem universalmente inteligíveis; de nos restituírem os estados mentais mais simples; e de serem religiosas. Pois a mestria que aí se manifesta é o reaparecimento da alma original, um jorro de luz pura, e deveria provocar a mesma impressão que provocam os objetos naturais. Em horas felizes, a natureza surge-nos como uma só com a arte; arte aperfeiçoada — obra de génio. E o indivíduo em quem os gostos simples e a suscetibilidade a todas as grandes influências humanas se sobrepõem aos acidentes de uma cultura local e particular, é o melhor crítico de arte.

Embora percorramos o mundo à procura do belo, devemos levá-lo connosco, ou não o encontraremos. O melhor da beleza é um encanto mais fino do que qualquer perícia de superfície, de contorno ou de regras da arte possa ensinar — ou seja, uma irradiação de carácter humano a partir da obra de arte — uma expressão maravilhosa, através da pedra, da tela ou do som musical, dos atributos mais profundos e simples da nossa natureza, e por isso mais compreensível, no fim, pelas almas que possuem esses atributos. Nas esculturas dos gregos, na alvenaria dos romanos, nas pinturas dos mestres toscanos e venezianos, o maior encanto é a linguagem universal que falam. Uma confissão de natureza moral, de pureza, de amor e de esperança, respira em todas elas.

Aquilo que lhes levamos é o mesmo que de lá trazemos de volta, mais nobremente ilustrado na memória. O viajante que visita o Vaticano e percorre sala após sala, por galerias de estátuas, vasos, sarcófagos e candelabros, através de todas as formas de beleza, talhadas nos materiais mais ricos, corre o risco de esquecer a

simplicidade dos princípios de onde tudo isto brotou, e que tiveram origem em pensamentos e leis que estão no seu próprio peito.

Estuda as regras técnicas nessas obras admiráveis, mas esquece que essas obras nem sempre estiveram ali reunidas como constelações; que são contribuições de muitos séculos e muitos países; que cada uma saiu do ateliê solitário de um artista que talvez ignorasse a existência de outra escultura, criando a sua obra sem outro modelo senão a vida — a vida doméstica, e a doçura e dor das relações pessoais, dos corações a bater e dos olhos que se encontram, da pobreza, da necessidade, da esperança e do medo.

Estas foram as suas inspirações, e estes os efeitos que trazem de volta ao teu coração e mente. Em proporção à sua força, o artista encontrará na sua obra um escape ao seu carácter próprio. Não deve ser de modo algum comprimido ou impedido pelo seu material, mas, na sua necessidade de comunicar-se, o adamantino será cera nas suas mãos, permitindo-lhe transmitir-se a si mesmo em plena estatura e proporção.

Não precisa de sobrecarregar-se com uma natureza e cultura convencionais, nem de perguntar qual é a moda em Roma ou em Paris, pois essa casa, e o clima, e o modo de vida que a pobreza e o destino do nascimento tornaram ao mesmo tempo tão odiosos e tão queridos — na cabana de madeira cinzenta e sem pintura, num canto de uma quinta em New Hampshire, ou na cabana de troncos do sertão, ou no alojamento estreito onde suportou as imposições e aparências da pobreza urbana — servirão tão bem como qualquer outra condição como símbolo de um pensamento que se derrama indiferentemente por todas as formas.

Lembro-me de que, nos meus primeiros anos, ao ouvir falar das maravilhas da pintura italiana, imaginava que os grandes quadros seriam grandes estranhos; alguma surpreendente combinação de cor e forma; um prodígio exótico, pérolas e ouro bárbaros, como as alabardas e estandartes da milícia que brincam tanto com os olhos e a imaginação dos rapazes de escola. Ia ver e adquirir não sei bem o quê.

Quando finalmente cheguei a Roma e vi os quadros com os meus olhos, descobri que o génio deixava aos novatos o vistoso, o fantástico e o ostensivo, e que ele próprio se dirigia diretamente ao simples e ao verdadeiro; que era familiar e sincero; que era o velho e eterno facto que já conhecera em tantas formas — ao qual pertencia a minha vida; que era o simples *tu e eu* que conhecia tão bem — que deixara em tantas conversas lá em casa. Já tivera essa experiência antes, numa

igreja em Nápoles. Lá vi que nada mudara em mim, exceto o lugar, e disse para comigo:

"Ó criança tola, vieste até aqui, atravessando mais de quatro mil milhas de água salgada, para encontrar aquilo que já era perfeito para ti lá em casa?" — e voltei a ver esse facto na Academia de Nápoles, nas salas de escultura, e depois em Roma, nas pinturas de Rafael, Miguel Ângelo, Sacchi, Ticiano e Leonardo da Vinci. "Ora, velha toupeira! Trabalhas tu tão velozmente na terra?" Acompanhar-me-ia lado a lado: aquilo que imaginava ter deixado em Boston, ali estava no Vaticano, e de novo em Milão, e em Paris, e fazia de toda a viagem uma absurda volta na roda de moinho.

Exijo agora de todas as imagens que me façam sentir em casa, não que me deslumbrem. Os quadros não devem ser demasiado pitorescos. Nada espanta tanto os homens como o bom senso e a franqueza. Todas as grandes ações foram simples, e todos os grandes quadros também.

A Transfiguração, de Rafael, é um exemplo eminente deste mérito peculiar. Uma beleza calma e benigna irradia por toda a pintura, indo diretamente ao coração. Parece quase chamar-te pelo nome. O rosto doce e sublime de Jesus está para além de qualquer elogio, e no entanto, como desilude todas as esperanças exuberantes! Este semblante familiar, simples, que fala como em casa, é como encontrar um amigo. O conhecimento dos marchands de arte tem o seu valor, mas não dês ouvidos à sua crítica quando o teu coração é tocado pelo génio. Não foi pintado para eles, foi pintado para ti; para aqueles que têm olhos capazes de ser tocados pela simplicidade e pelas emoções elevadas.

Mas quando tivermos dito tudo o que há de belo sobre as artes, devemos terminar com uma confissão franca: as artes, tal como as conhecemos, são apenas um início. O nosso melhor elogio vai para aquilo que elas visaram e prometeram, não para o resultado efetivo. Julga mal os recursos do homem quem acredita que a melhor época de produção já passou. O verdadeiro valor da Ilíada ou da Transfiguração está em serem sinais de poder; vagas ou ondulações do fluxo da tendência; testemunhos do esforço eterno para criar, que mesmo no seu pior estado a alma denuncia. A arte ainda não atingiu a sua maturidade, se não se colocar lado a lado com as influências mais potentes do mundo, se não for prática e moral, se não estiver ligada à consciência, se não fizer o pobre e o inculto sentirem que lhes fala com uma voz de ânimo elevado. Há um trabalho mais alto para a Arte do que as artes. Estas são nascimentos abortados de um instinto imperfeito ou viciado.

A Arte é uma necessidade de criar; mas na sua essência, imensa e universal, é impaciente de trabalhar com mãos atadas ou coxas, de fazer monstros e aleijados, como o são todas as pinturas e estátuas. Nada menos que a criação do homem e da natureza é o seu fim. O homem deve encontrar nela um escape para toda a sua energia. Poderá pintar e esculpir apenas enquanto conseguir isso. A arte deve exaltar e derrubar os muros da circunstância de todos os lados, despertando no observador o mesmo sentido de relação universal e poder que a obra revelou no artista, e o seu efeito mais alto é criar novos artistas.

A História já é suficientemente antiga para testemunhar a velhice e o desaparecimento de artes particulares. A arte da escultura morreu há muito, no que respeita a qualquer efeito real. Era originalmente uma arte útil, uma forma de escrita, o registo de gratidão ou devoção de um selvagem, e entre um povo dotado de uma perceção notável da forma, este entalhe infantil foi refinado até ao ápice de esplendor. Mas é o jogo de um povo rude e jovem, não o labor viril de uma nação sábia e espiritual. Sob um carvalho carregado de folhas e frutos, sob um céu repleto de olhos eternos, eu estou numa encruzilhada; mas nas obras das artes plásticas, e especialmente da escultura, a criação foi empurrada para um canto.

Não posso esconder de mim que há uma certa aparência de mesquinhez, como de brinquedos ou tralha de teatro, na escultura. A natureza transcende todos os nossos estados de espírito, e o seu segredo ainda não foi encontrado. Mas a galeria está à mercê dos nossos humores, e há um momento em que se torna frívola. Não me espanta que Newton, com uma atenção habitualmente centrada nas órbitas dos planetas e do Sol, se tenha interrogado sobre o que via o Conde de Pembroke para admirar em "bonecas de pedra".

A escultura pode servir para ensinar ao aluno quão profundo é o segredo da forma, quão puramente o espírito pode traduzir os seus significados nesse dialeto eloquente. Mas a estátua parecerá fria e falsa diante dessa nova atividade que precisa atravessar todas as coisas, e é impaciente de imitações e de coisas que não têm vida. A pintura e a escultura são celebrações e festividades da forma. Mas a verdadeira arte nunca é fixa, está sempre em fluxo. A mais doce música não está no oratório, mas na voz humana quando fala, a partir da vida imediata, tons de ternura, verdade ou coragem.

O oratório já perdeu a sua ligação com a manhã, com o Sol, com a Terra, mas essa voz que persuade está em harmonia com todos eles. Todas as obras de arte deveriam ser performances improvisadas. Um grande homem é uma nova estátua em cada atitude e ação. Uma bela mulher é uma pintura que enlouquece nobremente

todos os que a contemplam. A vida pode ser lírica ou épica, assim como um poema ou um romance.

Uma verdadeira enunciação da lei da criação, se um homem fosse digno de a declarar, elevaria a arte ao reino da natureza e destruiria a sua existência separada e contrastada. As fontes da invenção e da beleza na sociedade moderna estão praticamente secas. Um romance popular, um teatro ou um salão de baile fazem-nos sentir que somos todos pobres num asilo deste mundo, sem dignidade, sem competência ou labor.

A arte está igualmente pobre e rasteira. A velha Necessidade trágica, que pairava nas frontes até das Vênus e dos Cupidos da Antiguidade, e fornecia a única desculpa para a intrusão de tais figuras anómalas na natureza — a saber, que eram inevitáveis; que o artista estava embriagado por uma paixão pela forma que não podia resistir, e que se vertia nessas belas extravagâncias — já não dignifica o cinzel ou o pincel. Mas o artista e o conhecedor agora buscam na arte a exibição do seu talento ou um refúgio dos males da vida.

Os homens não se agradam com a figura que fazem na própria imaginação, e fogem para a arte, transmitindo o seu senso melhor num oratório, numa estátua ou numa pintura. A arte faz o mesmo esforço que uma prosperidade sensual faz: tentar separar o belo do útil, despachar o trabalho como inevitável e, odiando-o, passar ao prazer. Estas consolações e compensações, esta divisão entre beleza e utilidade, a natureza não permite.

Assim que a beleza é buscada não a partir da religião e do amor, mas por prazer, ela degrada quem a procura. A beleza elevada torna-se inalcançável para ele, seja na tela ou na pedra, no som ou na construção lírica; uma beleza efeminada, prudente e doentia, que não é beleza, é tudo o que pode ser formado; pois a mão nunca pode executar nada mais alto do que aquilo que o carácter pode inspirar.

A arte que assim separa está ela mesma primeiramente separada. A arte não deve ser um talento superficial, mas deve começar mais fundo no homem. Agora, os homens não vêm a natureza como bela, e vão criar uma estátua que o seja. Abominam os homens como sem gosto, aborrecidos e inconvertíveis, e consolam-se com sacos de tinta e blocos de mármore. Rejeitam a vida como prosaica, e criam uma morte que chamam poética. Despacham as tarefas cansativas do dia e voam para devaneios voluptuosos. Comem e bebem para depois executarem o ideal.

Assim é vilificada a arte; o nome transmite à mente os seus sentidos secundários e maus; ocupa no imaginário um lugar oposto à natureza, e está marcada pela morte

desde o início. Não seria melhor começar mais alto — servir o ideal antes de comer e beber; servir o ideal no comer e beber, no inspirar, e nas funções da vida? A beleza deve regressar às artes úteis, e a distinção entre belas-artes e artes úteis deve ser esquecida. Se a história fosse verdadeiramente contada, se a vida fosse nobremente vivida, não seria fácil nem possível distinguir uma da outra. Na natureza, tudo é útil, tudo é belo. É, por isso, belo, porque está vivo, em movimento, é reprodutivo; é, por isso, útil, porque é simétrico e justo. A beleza não virá ao chamamento de um legislador, nem repetirá em Inglaterra ou na América a sua história na Grécia. Virá, como sempre, sem aviso, e brotará entre os pés de homens bravos e sinceros. É em vão que procuramos o génio para reiterar os seus milagres nas velhas artes; o seu instinto é encontrar beleza e santidade em factos novos e necessários, no campo e à beira da estrada, na oficina e na fábrica. Partindo de um coração religioso, elevará a um uso divino o comboio, o escritório de seguros, a sociedade por ações, a nossa lei, as assembleias primárias, o nosso comércio, a bateria galvânica, o frasco elétrico, o prisma e o alambique do químico, nos quais agora apenas buscamos uma utilidade económica.

Não será o aspeto egoísta e mesmo cruel que pertence às nossas grandes obras mecânicas — aos moinhos, aos caminhos-de-ferro, às máquinas — efeito dos impulsos mercenários que essas obras obedecem? Quando a sua missão é nobre e adequada, um barco a vapor a ligar o Atlântico entre a Velha e a Nova Inglaterra, e a chegar aos seus portos com a pontualidade de um planeta, é um passo do homem rumo à harmonia com a natureza. O barco em São Petersburgo, que navega ao longo do Lena por magnetismo, pouco precisa para tornar-se sublime. Quando a ciência for aprendida com amor, e os seus poderes forem guiados pelo amor, serão vistos como suplementos e continuações da criação material.

CAPACIDADE

(TRAÇOS INGLESES)

O Saxão e o Nórdico são ambos escandinavos. A História não nos permite delimitar com rigor os contornos da aplicação destes nomes; mas, devido à permanência de uma parte deste povo em França, e a algum efeito desse solo vigoroso no seu sangue e nos seus modos, o normando veio a representar popularmente, em Inglaterra, o princípio aristocrático — e o saxão, o princípio democrático. E embora, sem dúvida, os nobres pertençam a ambas as tribos, e o

mesmo se aplique aos trabalhadores, somos forçados a usar os nomes de forma algo mítica, para representar um o trabalhador e o outro o usufrutuário.

A ilha foi o prémio para a melhor raça. Cada uma das raças dominantes tentou a sua sorte por turno. O fenício, o celta e o godo já tinham ali chegado. Veio o romano, mas no próprio dia em que o seu destino atingia o auge. Fitou nos olhos de um novo povo que viria a suplantar o seu. Desembarcou as suas legiões, ergueu os seus acampamentos e torres — mas logo começou a ouvir más notícias da Itália, e cada ano que passava, piores; por fim, deixou como legado umas estradas e muralhas e partiu.

Mas o saxão instalou-se seriamente na terra, construiu, lavrou, pescou e comerciou, com a veracidade e aderência germânicas. Veio o dinamarquês, e dividiu com ele. Por fim, chegou o normando, ou francês-dinamarquês, e conquistou formalmente, saqueou e governou o reino. Um século depois, constatava-se que o saxão tinha mais solidez e longevidade, conseguira fazer o conquistador falar a sua língua e aceitar a sua lei e usos; forçara o barão a ditar termos saxónicos a reis normandos; e, passo a passo, obteve todas as garantias essenciais da liberdade civil, inventadas e confirmadas. O génio da raça e o génio do lugar conspiraram nesse efeito. A ilha é lucrativa para o trabalho livre, mas não vale a pena possuí-la noutras condições. A raça era tão intelectual que uma posse feudal ou militar não podia durar mais do que a guerra.

O poder dos saxões-dinamarqueses, embora vencidos na guerra a ponto de "inglês" ser sinónimo de "vilão", foi tão resiliente que arrancou cartas de privilégio aos reis, sustentado na forte personalidade desse povo. O senso e a economia devem reinar num mundo feito de senso e economia, e o banqueiro, com os seus sete por cento, expulsa o conde do castelo. Uma nobreza de soldados não pode subjugar uma plebe de pessoas perspicazes e científicas. Que importa uma árvore genealógica com cem elos perante um fiador de algodão com vapor no seu tear, ou um grupo de corpulentos comerciantes de Liverpool, para quem Stephenson e Brunel inventam locomotivas e uma ponte tubular?

Estes saxões são as mãos da humanidade. Têm gosto pelo trabalho, repulsa pelo prazer ou pelo repouso, e uma apreciação telescópica do lucro distante. São os criadores de riqueza — e por força da faculdade mental, com as suas próprias condições. O saxão trabalha quando lhe agrada, ou só para si mesmo; e para o pôr a trabalhar, e começar a extrair os seus monstruosos valores da estéril Bretanha, todas as desonras, obstáculos e barreiras devem ser removidos, e só então as suas energias se libertam.

O escandinavo imaginava-se rodeado de Trolls — uma espécie de duendes, com vasto poder de trabalho e produção hábil — estivadores, carpinteiros, ceifeiros, ferreiros e pedreiros divinos, prontos a recompensar qualquer bondade com dádivas de ouro e prata. Em toda a história inglesa, este sonho realiza-se. Certos Trolls, ou cérebros laboriosos, sob os nomes de Alfredo, Beda, Caxton, Braton, Camden, Drake, Selden, Dugdale, Newton, Gibbon, Brindley, Watt, Wedgwood, habitam os montes troll de Britânia, e transformam o suor do rosto em poder e renome.

Se a raça é boa, também o é o lugar. Ninguém desembarcou nesta ilha encantada impunemente. Os encantos do cascalho estéril e do clima rude transformaram todo o aventureiro em trabalhador. Cada vagabundo que ali chegava curvava o pescoço ao jugo do lucro, ou achava o ar demasiado denso. Os fortes sobreviveram, os fracos tombaram. Até os caçadores de prazeres e ébrios ingleses são de uma textura mais rija. Um temperamento duro fora forjado por saxões e saxões-dinamarqueses, e tais entre os franceses ou normandos que o alcançaram, foram naturalizados em todos os sentidos.

Todos os admiráveis expedientes ou soluções encontrados em Inglaterra devem ser vistos como desdobramentos, ou brotos irresistíveis, da mente em expansão da raça. Um homem daquela inteligência pensa e age assim; e o seu vizinho, sendo afligido com o mesmo tipo de cérebro, mesmo que rico e chamado de barão ou duque, pensa do mesmo modo, e está pronto a aceitar a justeza do pensamento e da ação no seu criado ou rendeiro, mesmo contra a sua vontade nobre ou ducal.

A ilha era famosa na Antiguidade pela sua raça de mastins, tão ferozes que, quando cravavam os dentes, era preciso cortar-lhes a cabeça para os separar. O homem era como o seu cão. O povo tem esse temperamento nervoso e bilioso, que os médicos sabem resistir a todos os meios usados para torná-lo submisso à vontade alheia. O jogo inglês é força contra força, plantar pé com pé, jogo limpo e campo aberto — um puxão áspero sem truques ou fugas, até que um ou ambos se desfaçam.

O rei Ethelwald falou a linguagem da sua raça, quando se plantou em Wimborne e disse que faria uma de duas coisas: ou ali viver, ou ali morrer. Odeiam a astúcia e a subtileza. Nem envenenam, nem emboscam, nem assassinam; e, quando se esmagam mutuamente até virarem uma papa, apertam as mãos e são amigos para o resto da vida.

Estas marcas góticas veem-se na escola, nas feiras rurais, nas campanhas eleitorais e no parlamento. Nenhum artifício, nenhuma quebra de verdade ou franqueza — nem sequer o voto secreto — é tolerado na ilha. No parlamento, a tática da oposição é resistir a cada passo do governo, com um ataque impiedoso: e, num negócio, nenhuma perspetiva de lucro é tão querida ao comerciante quanto o é dolorosa a ideia de ser enganado.

Sir Kenelm Digby, cortesão de Carlos e Jaime, que venceu a batalha naval de Scanderoon, era um modelo de inglês no seu tempo. "A sua figura era elegante e gigantesca, tinha uma elocução tão graciosa e porte tão nobre, que, se tivesse caído do céu em qualquer parte do mundo, teria granjeado respeito: dominava seis línguas e era mestre das artes e das armas." Sir Kenelm escreveu um livro, *Sobre os Corpos e as Almas*, no qual propõe que "os silogismos geram ou são, na verdade, toda a variedade da vida humana. São os passos pelos quais caminhamos em todos os nossos assuntos. O homem, enquanto homem, nada faz senão tecer tais cadeias. Tudo o que faça fora disso, é deficiente na sua natureza de homem; e, se fizer algo para além, ao romper em diversas ações exteriores, encontrará, mesmo assim, nessa sequência encadeada de discursos simples, a arte, a causa, a regra, os limites e o modelo disso."

Aí falou o génio do povo inglês. Há neles uma necessidade de serem lógicos. Mal saúdam o bem que não caia logicamente — como se isso excluísse o seu próprio mérito, ou abalasse os seus entendimentos. São desconfiados de mentes com grande facilidade de associação, por um medo instintivo de que ver muitas relações possa comprometer essa continuidade serial e concentração lucrativa. São impacientes com o génio, ou com mentes dadas à contemplação, e não escondem o seu desprezo por voos de pensamento, por mais legítimos que sejam, cujos passos não possam contar segundo o seu método habitual. Também não valorizam um silogismo que termine noutro silogismo. Pois têm suprema atenção aos factos, e a sua lógica é aquela que leva sal à sopa, martelo ao prego, remo ao barco — a lógica dos cozinheiros, carpinteiros e químicos, seguindo a sequência da natureza, e sobre a qual as palavras não fazem impressão.

A sua mente não se deslumbra com os próprios meios, mas está trancada e aparafusada aos resultados. Gostam de homens que, como Samuel Johnson, doutor nas escolas, saltariam do seu silogismo no instante em que a sua premissa maior estivesse em perigo, para a salvar a todo o custo. A sua visão prática é ampla, e conseguem manter muitos fios sem os emaranhar. Dão todos os passos de forma ordeira; mas com a alta lógica de nunca confundir premissas menores e maiores;

mantendo sempre o olho no objetivo, em toda a complexidade e atraso inerentes aos vários meios que empregam.

Há espaço na sua mente para isto e aquilo — uma ciência de graus. Nos tribunais, a independência dos juízes e a lealdade dos demandantes são igualmente excelentes. No Parlamento, inventaram essa capital invenção da liberdade, uma oposição constitucional. E, quando os tribunais e o parlamento são ambos surdos, o demandante não se cala. Calmo, paciente, a sua arma de defesa, ano após ano, é a obstinada reapresentação do agravo, com cálculos e estimativas. Mas, entretanto, está a reunir números e dinheiro para a sua causa, resolvido que, se tudo falhar, o direito à revolução está no fundo da sua arca constitucional. Estão obrigados a ver a sua medida concretizada, e a manter-se nela por séculos de derrota.

Nesta lógica inglesa, no entanto, entra uma infusão de justiça, não tão aparente noutras raças — uma crença na existência de dois lados e a resolução de garantir um jogo limpo. Em todas as questões, há um apelo que vai além da simples afirmação das partes, exigindo prova do que é afirmado. São impiedosos no seu ceticismo em relação a teorias, mas beijam o chão diante de um facto. Seja uma máquina, uma carta, um pugilista no ringue ou um candidato em campanha — o universo dos ingleses suspende o juízo até que a prova se apresente. Não se deixam guiar por frases feitas: querem um plano funcional, uma máquina funcional, uma constituição funcional, e esperam pacientemente o resultado do teste, rejeitando todas as teorias preconcebidas. Na política, colocam perguntas diretas que têm de ser respondidas: quem vai pagar os impostos? O que fará pelo comércio? E pelo milho? E pelo tecelão?

Esta imparcialidade singular e os seus resultados surpreendem os franceses. Philippe de Commines diz: "Na minha opinião, entre todas as soberanias que conheço no mundo, aquela em que o bem público é mais atendido e onde menos violência é exercida sobre o povo, é a de Inglaterra." A vida é segura, tal como os direitos pessoais; e o que é a liberdade sem segurança? Enquanto, em França, "fraternidade", "igualdade" e "unidade indivisível" são nomes que se confundem com assassinato. Montesquieu afirmou: "A Inglaterra é o país mais livre do mundo. Se um homem em Inglaterra tivesse tantos inimigos quantos cabelos na cabeça, nenhum mal lhe aconteceria."

O seu autorrespeito, a sua fé na causalidade e a sua lógica realista — a ligação entre meios e fins — conferiram-lhes a liderança do mundo moderno. Montesquieu disse: "Nenhum povo tem verdadeiro bom senso senão aquele que nasce em Inglaterra." Este bom senso é a perceção de todas as condições da nossa

existência terrena, de leis que podem ser enunciadas e de leis que apenas podem ser aprendidas pela prática, nas quais é preciso contar com o atrito. São impiedosos no ceticismo teórico e, em áreas mais elevadas, são limitados e estéreis. Mas a rendição incondicional aos factos, e a escolha de meios adequados aos fins, são tão admiráveis como nos formigueiros e colmeias.

A inclinação da nação é uma paixão pela utilidade. Adoram a alavanca, o parafuso e a polia, o cavalo de tiro da Flandres, a queda de água, os moinhos de vento e de maré; o mar e o vento para levar os seus navios de carga. Mais do que o diamante Koh-i-noor, que brilha entre as suas joias da coroa, prezam aquele seixo baço que é mais sábio que o homem, cujos polos se alinham com os do mundo e cujo eixo é paralelo ao da Terra.

Agora, os seus brinquedos são o vapor e o galvanismo. São pesados nas belas-artes, mas hábeis nas artes grosseiras; não são exímios em joalharia ou mosaicos, mas são os melhores mestres do ferro, mineiros, cardadores de lã e curtidores da Europa. Dedicam-se à agricultura, à drenagem, ao combate às invasões do mar, do vento, das areias móveis, do frio e do subsolo encharcado; à pesca, à manufatura de bens indispensáveis — sal, grafite, couro, lã, vidro, cerâmica, tijolo —, às abelhas e aos bichos-da-seda; e, com combinações firmes, triunfam. Um fabricante janta com um facto que era lã no dorso de uma ovelha ao nascer do sol. Jantas com um cavalheiro que serve veado, faisão, codorniz, pombos, aves domésticas, cogumelos e ananases — tudo fruto da sua quinta.

São caseiros meticulosos, com ferramentas bem conservadas. Não há carência nem desperdício. Estudam a utilidade e a adequação nos edifícios, na organização da casa e no vestuário. O francês inventou o folho, o inglês acrescentou a camisa. O inglês veste um casaco sensato abotoado até ao queixo, de tecido rude mas sólido e duradouro. Se for lorde, veste-se até um pouco pior que um plebeu. Difundiram pela Europa o gosto por chapéus, sapatos e casacos discretos e substanciais. Para eles, está melhor vestido quem usa roupas tão adequadas ao seu fim que não reparamos nelas nem conseguimos descrevê-las.

Garantem o essencial na dieta, nas artes e nas manufaturas. Cada artigo de cutelaria mostra, na sua forma, pensamento e longa experiência do artesão. Investem onde é preciso, como nos seus paquetes a vapor, com maquinaria sólida e casco robusto. O equipamento admirável dos seus navios árticos leva Londres até ao pólo. Constroem estradas, aquedutos, aquecem e ventilam casas. E imprimiram à civilização moderna o seu hábito prático e direto.

No comércio, o inglês crê que ninguém vai à falência senão quem merece, e que, se não fizer do comércio tudo, será o comércio a fazê-lo nada. Este espírito de sistema, a atenção ao detalhe, e a subordinação dos detalhes sem excessos — o que se critica nos alemães — constituem essa prontidão nos negócios que dá à Inglaterra o seu poder mercantil.

Na guerra, o inglês confia nos seus meios. Partilha da opinião de Civilis, seu antepassado germânico, que, segundo Tácito, dizia que "os deuses estão do lado dos mais fortes" — frase que Bonaparte traduziu inconscientemente quando disse que "a Providência favorece sempre o batalhão mais pesado". A sua ciência militar sustenta que, se o peso da coluna atacante for maior do que o da coluna que resiste, esta é destruída. Por isso, Wellington, ao assumir o comando do exército em Espanha, mandou pesar cada soldado, com e sem equipamento; acreditava que a força de um exército dependia do peso e da capacidade dos soldados, mesmo contra canhões. Lord Palmerston declarou na Câmara dos Comuns que mais cuidados são tomados com a saúde e bem-estar das tropas britânicas do que com qualquer outro exército no mundo; por isso, os britânicos conseguem colocar mais homens na linha no dia da batalha.

Antes do bombardeamento dos fortes dinamarqueses no Báltico, Nelson passou dias e dias em botes, sondando o canal. A famosa manobra de quebrar a linha de batalha naval, de Clerk de Eldin, e a façanha de Nelson de dobrar, colocando os seus navios à proa e à popa de cada navio inimigo, foram traduções navais da regra bonapartista da concentração. Lord Collingwood dizia aos seus homens que, se conseguissem disparar três bordadas bem dirigidas em cinco minutos, nenhum navio lhes resistiria; e, com treino constante, chegaram a fazê-lo em três minutos e meio.

Mas, conscientes de que não há raça de homens melhores, confiam sobretudo nos meios mais simples; não gostam de táticas pesadas e difíceis, mas preferem levar o confronto para o corpo-a-corpo, onde a vitória depende da força, coragem e resistência do combatente individual. Adotam cada melhoria em velame, propulsão ou armamento, mas acreditam que a melhor estratégia naval é colocar o navio ao lado do inimigo e descarregar todos os canhões até um ou outro ir ao fundo. Esta é a velha maneira, que nunca sai de moda, dentro ou fora de Inglaterra.

Não lutam por ponto de honra, nem por sentimento religioso, e muito menos por capricho — mas geralmente por propriedade, e por direitos medidos por propriedade, que geram revoluções. Não têm gosto indígena por danças de

tomahawk, nem gosto francês por insígnias ou proclamações. O inglês cuida pacificamente do seu trabalho e do salário do dia.

Mas se alguém ousa tocar nesse salário, na sua vaca, no seu direito comum ou na sua loja, lutará até ao Juízo Final. Magna Carta, julgamento por júri, habeas corpus, Câmara Estelar, impostos sobre navios, papismo, a colónia de Plymouth, a Revolução Americana — todas questões que envolvem o direito de um pequeno proprietário ao seu jantar, e que, exceto por isso, nunca teriam inflamado a fúria e a revolta britânicas.

Embora instintivamente dotados de espírito de ordem e cálculo, devem-se reconhecer-lhes também horizontes mais amplos — embora essa indulgência lhes seja custosa, exigindo grandes crises ou acumulações de força mental. Em geral, o cavalo trabalha melhor com antolhos. Nada é mais típico do pensamento inglês do que a nossa singela questão de Connecticut: "Diga lá, como ganha a vida em casa?" Questões de liberdade, de impostos, de privilégios — são, afinal, questões de dinheiro. Pesados, embebidos em cerveja e manjares, são difíceis de despertar. As suas mentes sonolentas precisam de ser fustigadas pela guerra, comércio, política e perseguição. Não conseguem ler bem um princípio, senão à luz de fogueiras e cidades em chamas.

Tácito disse dos germanos: "fortes apenas em surtos repentinos, são impacientes do esforço e do labor." Esta raça destinada a grandes feitos, se não tivesse algures acrescentado a câmara da paciência ao seu cérebro, não teria construído Londres. Não sei qual das tribos e temperamentos que compuseram este povo forneceu essa tenacidade, mas eles martelam até ao fim cada prego que cravam. Não correm atrás da sorte nem aceleram em demasia.

Investem largamente na estrutura e aguardam o retorno lento. O seu couro tanha sete anos na tina. Nas fábricas de Rogers, em Sheffield, onde vi como se faz uma navalha ou um canivete, disseram-me que não há sorte em fazer bom aço: não cometem erros — cada lâmina, entre cem ou mil, é boa. E isso é característico de todo o seu trabalho — não tentam mais do que aquilo que efetivamente realizam.

Quando Thor e os seus companheiros chegam a Utgard, é-lhes dito que "ninguém tem permissão para permanecer aqui, a menos que entenda alguma arte, e nela supere todos os outros homens." A mesma exigência continua a ser feita à posteridade de Thor. Numa nação de trabalhadores, cada homem é treinado numa arte ou tarefa específica, e visa a perfeição nessa área; não se dá por satisfeito a não ser que tenha algo em que acredite superar todos os outros. Preferiria não

fazer nada, do que fazer mal. Suponho que nenhum povo possua tal grau de meticulosidade; do mais alto ao mais baixo, cada homem pretende ser mestre da sua arte.

"Demonstrar capacidade," foi como um francês descreveu o propósito de um discurso em debate: "não," disse um inglês, "mas sim meter o ombro à roda — fazer avançar a causa." Sir Samuel Romilly recusava discursar em assembleias populares, reservando-se para a Câmara dos Comuns, onde um discurso pode fazer aprovar uma medida. Os trabalhos da Câmara dos Comuns são conduzidos por poucas pessoas, mas estas trabalham arduamente. Sir Robert Peel "sabia os Blue Books de cor."

Os seus colegas e rivais carregam o Hansard na cabeça. Os altos cargos civis e jurídicos não são posições de conforto, mas funções que exigem quantidades assustadoras de esforço mental. Muitos dos grandes líderes, como Pitt, Canning, Castlereagh, Romilly, morrem precocemente devido ao excesso de trabalho. Os ingleses são excelentes avaliadores de um bom trabalhador e, quando encontram um, como Clarendon, Sir Philip Warwick, Sir William Coventry, Ashley, Burke, Thurlow, Mansfield, Pitt, Eldon, Peel ou Russell, nada é demasiado bom ou alto para ele.

Têm um fervor extraordinário na perseguição de um objetivo público. Cidadãos comuns demonstram, em pesquisas científicas e antiquárias, a mesma tenacidade que a nação mostrou nas coligações contra o império de Bonaparte, uma após a outra derrotadas, e ainda assim renovadas, até que a sexta o derrubou do trono.

Sir John Herschel, ao completar o trabalho do seu pai, que catalogara as estrelas do hemisfério norte, expatriou-se durante anos no Cabo da Boa Esperança, concluiu o inventário do céu austral, regressou a casa e redigiu-o durante mais oito anos — um trabalho cujo valor só começa a ser notado após trinta anos e, daí em diante, constitui um registo de importância máxima para todas as épocas. O Almirantado enviou expedições ao Ártico ano após ano, em busca de Sir John Franklin, até que, por fim, conseguiram traçar um caminho através do gelo polar e do Estreito de Bering, resolvendo o problema geográfico.

Lord Elgin, em Atenas, viu a iminente ruína das relíquias gregas, ergueu andaimes, apesar dos epigramas, e, após cinco anos de trabalho para as recolher, conseguiu embarcar os mármores. O navio naufragou. Mandou resgatar tudo com mergulhadores, a grande custo, e trouxe-os para Londres; sem saber que Haydon, Fuseli, Canova e todos os grandes espíritos do mundo lhe viriam aplaudir o esforço.

Com o mesmo espírito, realizaram-se as escavações e investigações de Sir Charles Fellowes, pelo monumento de Xanthos, e de Layard, pelas esculturas de Nínive.

A nação senta-se na imensa cidade que construiu, uma Londres estendida até à mente de cada cidadão, mesmo que viva na Tasmânia ou no Cabo. Honram a execução fiel do que é assumido como compromisso, e exigem o mesmo dos outros, como certificado de igualdade. O mundo moderno é deles. Eles o fizeram e continuam a fazê-lo todos os dias. As relações comerciais do mundo estão tão intimamente ligadas a Londres, que cada dólar do planeta contribui para a força do governo britânico. E, mesmo que toda a riqueza da Terra se perdesse por guerra ou catástrofe, sabem-se capazes de a reconstruir.

Confirmaram o seu sangue saxão pela sua vocação marítima; a sua descendência dos ferreiros de Odin, pela mestria hereditária no trabalho do ferro; a sua origem britânica, pela agricultura e colheitas de trigo colossais; e justificaram a sua ocupação do centro das terras habitáveis pela sua habilidade suprema e espírito cosmopolita. Lavraram, construíram, forjaram, fiaram e teceram. Fizeram da ilha uma encruzilhada; e de Londres uma loja, um tribunal, um arquivo e um centro científico acolhedor para estrangeiros; um santuário para refugiados de todas as opiniões políticas e religiosas; e uma cidade tal, que quase todos os homens ativos do mundo, em algum momento, sentem-se compelidos a visitá-la.

Em todos os caminhos da atividade prática, igualaram-se aos melhores. Não há segredo da guerra em que não tenham demonstrado mestria. A câmara de vapor de Watt, a locomotiva de Stephenson, a mula de algodão de Roberts executam o trabalho do mundo. Não há departamento da literatura, da ciência ou da arte útil em que não tenham produzido uma obra de primeira ordem. É da Inglaterra que se espera a opinião sobre o mérito de uma nova invenção ou ciência melhorada.

E, nas complicações do comércio e da política do vasto império, mostraram-se à altura de todas as exigências, com discernimento e ação. Será sorte, ou estará nos compartimentos do seu cérebro? É a sua vantagem comercial que toda luz em método ou invenção feliz irrompe na sua raça. São uma família a que está ligado um destino, e a Banshee jurou que nunca faltará um herdeiro masculino. Têm uma abundância de homens para ocupar cargos importantes, e a vigilância crítica dos partidos assegura a escolha de pessoas competentes.

Uma prova da energia do povo britânico é a construção altamente artificial de todo o edifício nacional. O clima e a geografia, como disse, são factícios, como se a mão humana tivesse disposto as condições. O mesmo caráter permeia todo o reino.

Bacon disse: "Roma era um estado imune a paradoxos"; mas a Inglaterra subsiste por antagonismos e contradições. As fundações da sua grandeza são as ondas do mar; e, do início ao fim, é um museu de anomalias. Este país de nevoeiros e chuva fornece ao mundo observações astronómicas.

Os seus rios curtos não oferecem força hidráulica, mas o chão estremece com o trovão das fábricas. Não há mina de ouro digna de nota, mas há mais ouro em Inglaterra do que em qualquer outro país. Está demasiado a norte para cultivar vinhas, mas os vinhos de todo o mundo estão nos seus cais. O conde francês de Lauraguais disse que "nenhuma fruta amadurece em Inglaterra além da maçã assada"; mas laranjas e ananases são tão baratos em Londres como no Mediterrâneo. O *Mark-Lane Express* e os registos aduaneiros confirmam palavra por palavra a jactância de Pope:

"Que a Índia se vanglorie das palmeiras — não invejamos O âmbar que chora, nem a árvore das especiarias, Pois, pelos nossos carvalhos, esses tesouros são levados, E reinos dominados por quem os adornam."

O gado autóctone extinguiu-se, mas a ilha está cheia de raças artificiais. O agricultor Bakewell criou ovelhas, vacas e cavalos sob encomenda, raças em que tudo foi eliminado exceto o que é económico. A vaca é sacrificada ao úbere, o boi ao lombo. A engorda em estábulo transforma o gado em fábricas de esperma e converte a estrebaria em laboratório químico. Os rios, lagos e açudes, demasiado pescados ou obstruídos por fábricas, são artificialmente repovoados com ovos de salmão, linguado e arenque.

Chat Moss e os pântanos de Lincolnshire e Cambridgeshire são insalubres e demasiado estéreis para render renda. Por meio de tubos de cerâmica e tubos de gutapercha, cinco milhões de acres de terras más foram drenadas e equiparadas às melhores, para a cultura de colza e pastagem. O clima também, que já se acreditava ter-se tornado mais ameno e seco devido ao consumo maciço de carvão, é agora modificado por esta nova ação, ao ponto de se dizer que nevoeiros e tempestades desapareceram. A seu tempo, toda a Inglaterra será drenada e surgirá uma segunda vez das águas.

O passo mais recente foi convocar o vapor para a agricultura. O vapor é quase um inglês. Não sei se não o enviarão em breve para o Parlamento, para fazer leis. Ele tece, forja, serra, tritura, abana e agora tem de bombear, moer, escavar e lavrar para o agricultor. Os mercados criados pela população industrial transformaram a agricultura numa grande indústria próspera e consumidora. O valor das habitações

na Grã-Bretanha é igual ao valor do solo. Todos os recursos artificiais são mais baratos que os naturais. Ninguém pode dar-se ao luxo de andar a pé, quando o comboio parlamentar o leva por um penny por milha. As luzes a gás são mais baratas que a luz do dia em inúmeros andares das cidades. Todas as casas em Londres compram a sua água.

O comércio inglês não existe para a exportação de produtos nativos, mas pelas suas manufaturas, ou por saber fazer bem tudo o que é mal feito noutros locais. Fabricam ponchos para o mexicano, bandanas para o hindu, ginseng para o chinês, contas para o indígena, rendas para os flamengos, telescópios para os astrónomos, canhões para os reis.

O Conselho do Comércio providenciou que os melhores modelos da Grécia e da Itália fossem colocados ao alcance de todas as populações industriais. Mandaram traduzir de línguas estrangeiras e ilustrar com desenhos elaborados as obras mais consagradas de Munique, Berlim e Paris. Vasculharam Itália em busca de novas formas para acrescentar graça aos produtos dos seus teares, das suas olarias e das suas fundições.

Quanto mais de perto observamos, mais artificial se revela o seu sistema social. A sua lei é uma rede de ficções. A sua propriedade é um título ou certificado de direito a juros de um dinheiro que ninguém viu. As suas classes sociais são criadas por estatuto. As proporções de poder e representação são históricas e legais. A última Lei da Reforma retirou o poder político de um montículo, de uma ruína e de um muro de pedra, enquanto Birmingham e Manchester, cujas fábricas pagaram as guerras da Europa, não tinham representação. A pureza no Parlamento eleito é garantida pela compra de lugares.

O poder estrangeiro é mantido por colónias armadas; o poder interno, por um exército permanente de polícia. O indigente vive melhor do que o trabalhador livre; o ladrão, melhor do que o indigente; e o condenado deportado, melhor do que o que se encontra encarcerado. Os crimes são fictícios: contrabando, caça furtiva, dissidência religiosa, heresia e traição. Diz-se em Inglaterra: é preferível matar um homem do que uma lebre. A soberania dos mares é mantida pela impressment (recrutamento forçado) de marinheiros. "A impressment de marinheiros", disse Lord Eldon, "é a vida da nossa marinha".

A solvência é sustentada por meio de uma dívida nacional, segundo o princípio: "se não me emprestas o dinheiro, como te posso pagar?". Para a administração da justiça, a solução de Sir Samuel Romilly para limpar os atrasos no Tribunal de

Chancelaria foi a ausência total do Chanceler da sua corte. O sistema educativo é também artificial. As universidades galvanizam línguas mortas numa aparência de vida. A igreja é artificial. Os costumes e maneiras da sociedade são artificiais — homens artificiais com maneiras artificiais — e assim tudo é birminghamizado, e temos uma nação cuja existência é uma obra de arte; uma ilha fria, árida, quase ártica, transformada na terra mais fértil, luxuosa e imperial de toda a Terra.

O homem em Inglaterra submete-se a ser um produto da economia política. Num charnecal desolado, constrói-se uma fábrica, abre-se um banco, e os homens aparecem, como água num canal, e surgem vilas e cidades. O homem é fabricado como um botão de Birmingham. A rápida duplicação da população data da máquina a vapor de Watt. Um senhorio, proprietário de uma província, diz: "os rendeiros não dão lucro; quero ovelhas". Destelha as casas e embarca a população para a América. A nação está habituada à criação instantânea de riqueza. É o lema dos seus economistas: "a maior parte do valor da riqueza atualmente existente em Inglaterra foi produzida por mãos humanas nos últimos doze meses". Entretanto, três ou quatro dias de chuva bastam para lançar centenas à fome em Londres.

Um dos segredos do seu poder é o seu mútuo entendimento. Não só nascem boas mentes entre eles, mas todo o povo tem boas mentes. Toda nação produziu algum espírito brilhante, mesmo que, como em muitos casos, apenas um. Mas a organização intelectual dos ingleses permite que o conhecimento e as ideias circulem entre todos. Um toque elétrico de uma das suas ideias nacionais funde-os numa só família e põe em jogo todos os recursos de poder que cada indivíduo sempre acumula. Será da pequenez do país, ou do orgulho e afeição de raça — têm solidariedade, sentido de responsabilidade e confiança mútua.

As suas mentes, como a lã, aceitam uma tinta mais duradoura do que o tecido. Abraçam a sua causa com mais tenacidade do que a própria vida. Embora não sejam militares, cada súbdito comum é apto a tornar-se soldado. Estes homens reservados, privados, familiares, conseguem adotar um fim público com toda a sua paixão, e essa força de afeto é o romantismo dos seus heróis. A diferença de estatuto não divide o coração nacional. O poeta dinamarquês Oehlenschläger queixa-se de que quem escreve em dinamarquês escreve para duzentos leitores.

Na Alemanha, há uma linguagem para os eruditos e outra para as massas, a tal ponto que, diz-se, nenhuma frase ou sentimento das obras de qualquer grande escritor alemão é ouvido entre as classes baixas. Mas em Inglaterra, a linguagem do nobre é a linguagem do pobre. No Parlamento, nos púlpitos, nos teatros, quando os oradores atingem o pensamento e a paixão, a linguagem torna-se idiomática; o

povo nas ruas compreende melhor as melhores palavras. E a sua língua parece retirada da Bíblia, do direito consuetudinário, e das obras de Shakespeare, Bacon, Milton, Pope, Young, Cowper, Burns e Scott.

A ilha produziu dois ou três dos maiores homens que já existiram, mas estes não estavam isolados no seu tempo. Os homens incorporaram rapidamente as descobertas de Newton, nos observatórios de Greenwich e na navegação prática. Os rapazes sabem tudo o que Hutton sabia sobre estratos, ou Dalton sobre átomos, ou Harvey sobre vasos sanguíneos; e estes estudos, outrora perigosos, estão agora na moda. O mesmo sucede com o que é inventado ou conhecido na agricultura, no comércio, na guerra, na arte, na literatura ou nas antiguidades.

Uma grande capacidade, não acumulada em poucos gigantes, mas difundida na mente geral, de tal modo que cada um deles, em caso de necessidade, poderia substituir o outro; estão mais unidos pelo carácter do que separados por capacidade ou estatuto. O trabalhador é um lorde em potência. O lorde, um potencial cesteiro. Cada homem carrega o sistema inglês no cérebro, sabe o que lhe está confiado e executa-o da melhor forma possível. O chanceler carrega Inglaterra no seu cetro, o guarda-marinha na ponta da sua adaga, o ferreiro no martelo, o cozinheiro na concha da colher; o cocheiro estala o chicote por Inglaterra, e o marinheiro marca os remos ao compasso de "God save the King!" Até os condenados têm orgulho na firmeza inglesa uns dos outros. Na política e na guerra, mantêm-se unidos como por ganchos de aço.

O encanto na história de Nelson reside na grandeza altruísta; na certeza de ser apoiado até ao fim por aqueles que ele apoia até ao fim. Enquanto estão várias eras à frente do resto do mundo na arte de viver; enquanto, em certas direções, não representam o espírito moderno, mas constituem-no — esta vanguarda da civilização e do poder mantêm-na friamente, marchando em falange, passo a passo, fileira após fileira de heróis, dez mil de profundidade.

AMIZADE

Resumo de "Amizade": "Amizade" é um ensaio de Ralph Waldo Emerson publicado pela primeira vez em 1841. Nesta obra, Emerson reflete sobre a natureza da amizade e o seu papel na vida humana. Ele argumenta que a verdadeira amizade se baseia no respeito mútuo e na compreensão, e é caracterizada por um afeto profundo e genuíno entre os indivíduos. Nota também que a amizade não se resume

a encontrar alguém com interesses semelhantes, mas envolve uma ligação espiritual e o reconhecimento das qualidades essenciais da outra pessoa.

Emerson defende que a amizade pode ser uma fonte de profunda alegria e realização, proporcionando um sentido de significado e propósito. Conclui afirmando que, embora seja difícil encontrar verdadeiros amigos, o esforço vale a pena, pois a amizade é uma das experiências mais valiosas e enriquecedoras da vida. "Amizade" é considerada uma das obras mais importantes de Emerson, sendo amplamente reconhecida como um texto seminal sobre o tema.

Emerson escreve também um poema sobre amizades antigas e amizades perdidas:

Uma gota rubra de sangue varonil O mar revolto supera, O mundo incerto vai e vem, O amante enraizado fica.

Pensei que ele fugira, E, após muitos anos, Brilhou uma amabilidade inesgotável Como o nascer diário do sol.

Meu coração cuidadoso voltou a ser livre, — Ó amigo, disse meu peito, Só por ti o céu se arqueia, Só por ti a rosa é vermelha, Todas as coisas por ti tomam forma mais nobre, E olham além da terra, E o moinho do nosso destino É um caminho solar no teu valor.

A tua nobreza ensinou-me também A dominar o desespero; As fontes da minha vida oculta São belas pela tua amizade.

Há muito mais bondade em nós do que aquela que se expressa. Apesar de todo o egoísmo que arrefece o mundo como ventos de leste, toda a família humana é banhada por um elemento de amor semelhante a um éter fino. Quantas pessoas encontramos em casas, a quem mal falamos, mas que ainda assim respeitamos, e que nos respeitam! Quantas vemos na rua, ou com quem nos sentamos na igreja, com quem, mesmo em silêncio, nos regozijamos calorosamente por estar! Lê-se a linguagem desses olhares errantes. O coração reconhece.

O efeito de ceder a esse afeto humano é uma certa exaltação cordial. Na poesia, e no falar comum, as emoções de benevolência e simpatia sentidas para com os outros são comparadas aos efeitos materiais do fogo; tão rápidas, ou até mais, mais ativas, mais reconfortantes, são essas radiações internas subtis. Do grau mais elevado de amor apaixonado ao mais baixo de boa vontade, fazem a doçura da vida.

As nossas faculdades intelectuais e ativas aumentam com o afeto. O estudioso senta-se para escrever, e todos os seus anos de meditação não lhe fornecem um bom pensamento ou uma expressão feliz; mas é necessário escrever uma carta a um amigo, — e, de repente, tropel de pensamentos suaves se revestem por todos os lados de palavras escolhidas. Veja-se, em qualquer casa onde habitem a virtude e o respeito próprio, a palpitação causada pela aproximação de um estranho. Um estranho recomendado é esperado e anunciado, e uma inquietação entre o prazer e a dor invade todos os corações da casa.

A sua chegada quase traz temor aos bons corações que o acolheriam. A casa é limpa, tudo voa para o seu lugar, o casaco velho é trocado pelo novo, e tenta-se preparar um jantar, se possível. De um estranho recomendado, só nos é dito o bom relato por outros, só o bom e o novo é ouvido por nós. Ele representa a humanidade. Ele é aquilo que desejamos. Tendo-o imaginado e investido, perguntamo-nos como nos devemos relacionar em conversa e ação com tal homem, e ficamos inquietos com medo. A mesma ideia exalta a conversa com ele. Falamos melhor do que o costume.

Temos uma fantasia mais viva, uma memória mais rica, e o nosso demónio mudo ausenta-se por um tempo. Durante longas horas conseguimos manter uma série de comunicações sinceras, graciosas e ricas, extraídas da experiência mais antiga e secreta, de tal forma que os que nos rodeiam, nossos familiares e conhecidos, sentem uma surpresa viva com os nossos poderes inusitados. Mas assim que o estranho começa a introduzir as suas parcialidades, definições e defeitos na conversa, tudo se perde. Ele ouviu o primeiro, o último e o melhor que jamais ouvirá de nós. Já não é estranho. A vulgaridade, a ignorância e a incompreensão são velhas conhecidas. Agora, quando ele vier, pode ter a ordem, o traje e o jantar, — mas o pulsar do coração, e as comunicações da alma, não mais.

O que há de mais agradável do que esses jorros de afeição que recriam um mundo jovem para mim? Que delícia um encontro justo e firme entre dois, num pensamento, num sentimento! Quão belas, ao aproximarem-se deste coração palpitante, as passadas e formas dos dotados e verdadeiros! No momento em que cedemos aos afetos, a terra metamorfoseia-se; não há inverno, nem noite; todas as tragédias, todos os tédios desaparecem, — até os deveres; nada preenche a eternidade vindoura senão as formas radiantes das pessoas amadas. Que a alma esteja segura de que, algures no universo, deverá reencontrar o seu amigo, e ficará contente e alegre sozinha por mil anos.

Acordei esta manhã com devoto agradecimento pelos meus amigos, os antigos e os novos. Não chamarei Deus de Belo, que diariamente se me revela assim nos seus dons? Repreendo a sociedade, abraço a solidão, e, contudo, não sou tão ingrato que não veja os sábios, os amáveis e os nobres de espírito, que de tempos em tempos passam pelo meu portão. Quem me ouve, quem me compreende, torna-se meu, — uma posse para todo o sempre. Nem a natureza é tão pobre que não me proporcione esta alegria várias vezes, e assim tecemos fios sociais próprios, uma nova teia de relações; e, à medida que muitos pensamentos em sucessão se substanciam, acabaremos por nos situar num novo mundo de nossa criação, e já não estranhos e peregrinos num globo de tradições.

Os meus amigos chegaram a mim sem que os procurasse. O grande Deus deu-mos. Por direito antigo, pela afinidade divina da virtude consigo mesma, encontro-os, ou melhor, não eu, mas a Divindade em mim e neles ridiculariza e cancela os muros espessos do carácter individual, da relação, idade, sexo, circunstância, que geralmente tolera, e agora faz de muitos, um só. Altos agradecimentos vos devo, excelentes amantes, que me levais o mundo a novas e nobres profundidades, e ampliais o significado de todos os meus pensamentos.

Sois nova poesia do Primeiro Bardo, — poesia sem fim, — hino, ode e épico, poesia ainda fluindo, Apolo e as Musas ainda cantando. Irão também separar-se de mim de novo, ou alguns deles? Não sei, mas não o temo; pois a minha relação com eles é tão pura, que mantemos vínculo por simples afinidade, e sendo assim social o Génio da minha vida, a mesma afinidade exercerá a sua energia em quem quer que seja tão nobre como estes homens e mulheres, onde quer que eu esteja.

Confesso uma extrema ternura de natureza neste ponto. É quase perigoso para mim "espremer o doce veneno do vinho mal-usado" dos afetos. Uma nova pessoa é para mim um grande acontecimento, e impede-me de dormir. Muitas vezes tive belas fantasias sobre pessoas que me deram horas deliciosas; mas a alegria termina no dia; não dá fruto. O pensamento não nasce disso; a minha ação pouco se altera. Devo sentir orgulho nas conquistas do meu amigo como se fossem minhas, — e uma propriedade nas suas virtudes.

Sinto com fervor quando ele é elogiado, como o amante ao ouvir aplausos da sua noiva. Superestimamos a consciência do nosso amigo. A sua bondade parece melhor do que a nossa, a sua natureza mais fina, as suas tentações menores. Tudo o que é dele, — o nome, a figura, o traje, os livros, os instrumentos, — a fantasia enobrece. O nosso próprio pensamento soa novo e maior vindo da sua boca.

Ainda assim, a sístole e a diástole do coração não estão sem analogia com o fluxo e refluxo do amor. A amizade, como a imortalidade da alma, é demasiado boa para se acreditar nela. O amante, ao contemplar a sua amada, sabe, ainda que em parte, que ela não é verdadeiramente aquilo que ele adora; e, na hora dourada da amizade, surpreendem-nos sombras de suspeita e incredulidade. Duvidamos que tenhamos atribuído ao nosso herói as virtudes que nele cintilam e, depois, veneramos a forma à qual atribuíamos essa habitação divina. Em rigor, a alma não respeita os homens como respeita a si mesma. Em ciência estrita, todas as pessoas se encontram sob a mesma condição de infinito afastamento.

Temamos nós arrefecer o nosso amor ao procurar os fundamentos metafísicos deste templo elísio? Não deverei eu ser tão real quanto as coisas que vejo? Se sou, então não temerei conhecê-las pelo que são. A sua essência não é menos bela do que a sua aparência, embora requeira órgãos mais subtis para ser apreendida. A raiz da planta não é desagradável à ciência, ainda que, para coroas e festões, cortemos o caule rente. E devo arriscar a produção do facto nu em meio a estes agradáveis devaneios, ainda que se revele um crânio egípcio no nosso banquete.

Um homem unido ao seu pensamento concebe magnificamente sobre si. Está consciente de um êxito universal, mesmo que comprado com falhanços particulares constantes. Nenhuma vantagem, nenhum poder, ouro ou força, podem rivalizar com ele. Não posso senão confiar mais na minha pobreza do que na tua riqueza. Não posso tornar a tua consciência equivalente à minha. Só a estrela deslumbra; o planeta tem um raio pálido, semelhante ao da lua. Ouço o que dizes sobre as admiráveis qualidades e temperamento provado da pessoa que elogias, mas vejo bem que, por mais mantos púrpura que vista, não a poderei estimar, a menos que seja, no fim de contas, um pobre grego como eu.

Não o posso negar, ó amigo, que a vasta sombra do Fenómeno te inclui também na sua imensidão pintada e multicolorida — a ti também, comparado com quem tudo o mais é sombra. Tu não és o Ser, como a Verdade é, como a Justiça é — tu não és a minha alma, mas uma imagem e efígie dela. Chegaste-me há pouco tempo, e já estás a pegar no chapéu e no manto. Não será que a alma projeta amigos como a árvore lança folhas, e que, por germinação de novos rebentos, expulsa a folha velha? A lei da natureza é a alternância eterna.

Cada estado elétrico gera o seu oposto. A alma rodeia-se de amigos para poder entrar num mais grandioso autoconhecimento ou solidão; e retira-se por um tempo, para elevar a sua conversação ou sociedade. Este método revela-se ao longo de toda a história das nossas relações pessoais. O instinto da afeição reaviva a

esperança de união com os nossos semelhantes, e o regresso do sentimento de isolamento chama-nos de volta da perseguição. Assim, cada homem passa a vida em busca da amizade, e se registrasse o seu verdadeiro sentimento, poderia escrever uma carta assim a cada novo candidato ao seu amor:

CARO AMIGO:

Se eu tivesse certeza de ti, da tua capacidade, certeza de que o teu estado de espírito corresponderia ao meu, nunca mais pensaria em ninharias quanto às tuas idas e vindas. Não sou muito sábio; os meus ânimos são bastante acessíveis; e respeito o teu génio; para mim, é ainda insondado; e contudo, não me atrevo a presumir em ti uma inteligência perfeita de mim, e por isso és para mim um delicioso tormento. Teu sempre, ou nunca.

Ainda assim, estes prazeres inquietos e dores subtis são para a curiosidade, e não para a vida. Não devem ser alimentados. Isso é tecer teias de aranha e não tecido. As nossas amizades apressam-se a conclusões curtas e pobres, porque as fizemos de uma textura de vinho e sonhos, em vez da fibra dura do coração humano. As leis da amizade são austeras e eternas, da mesma tessitura que as leis da natureza e da moral. Mas procurámos um benefício rápido e mesquinho, para sorver uma doçura súbita. Agarramos o fruto mais lento de todo o jardim de Deus, que muitos verões e muitos invernos devem amadurecer.

Procuramos o nosso amigo não de forma sagrada, mas com uma paixão adulterada que o quer apropriar para nós. Em vão. Estamos armados de antagonismos subtis que, logo que nos encontramos, começam a agir e traduzem toda a poesia em prosa gasta. Quase todas as pessoas descem para se encontrarem. Toda a associação tem de ser um compromisso e, o que é pior, a própria flor e o aroma da flor de cada uma das belas naturezas desaparece à medida que se aproximam.

Que desilusão perpétua é a sociedade real, mesmo a dos virtuosos e talentosos! Depois de encontros conseguidos com longa antecedência, somos atormentados por golpes frustrados, por apatia súbita e fora de hora, por epilepsias de espírito e de humor, no auge da amizade e do pensamento. As nossas faculdades não nos servem com verdade, e ambas as partes se sentem aliviadas com a solidão.

Devo ser igual a toda e qualquer relação. Não importa quantos amigos eu tenha, e quanta satisfação possa encontrar em conversar com cada um, se houver um a quem não sou igual. Se me retraí, desigual, de um confronto, a alegria que encontro em todos os restantes torna-se vil e cobarde. Devia odiar-me se então fizesse dos meus outros amigos o meu asilo:

"O valoroso guerreiro famoso por lutar, Depois de cem vitórias, uma vez derrotado, É do livro da honra logo riscado, E todo o resto esquecido por que batalhou."

A nossa impaciência é assim severamente repreendida. A timidez e a apatia são uma casca dura, em que uma organização delicada se protege de amadurecimento prematuro. Perder-se-ia se se conhecesse antes de qualquer das melhores almas estar madura para a conhecer e acolher. Respeitemos a naturlangsamkeit que endurece o rubi em um milhão de anos e opera em durações em que os Alpes e os Andes vêm e vão como arco-íris.

O bom espírito da nossa vida não tem um céu como preço da temeridade. O amor, que é a essência de Deus, não é para leviandade, mas para o valor total do homem. Não tenhamos este luxo infantil nos nossos afetos, mas o valor mais austero; aproximemo-nos do nosso amigo com uma confiança audaz na verdade do seu coração, na solidez impossível de derrubar dos seus alicerces.

As atrações deste tema são irresistíveis, e deixo, por agora, toda a consideração de benefício social secundário, para falar dessa relação seleta e sagrada que é uma espécie de absoluto, e que até torna suspeita e vulgar a linguagem do amor, tal é a sua pureza, e nada é tão divino.

Não desejo tratar da amizade com delicadeza, mas com a mais rude coragem. Quando é real, não é feita de fios de vidro ou de rendilhado de geada, mas da coisa mais sólida que conhecemos. Pois agora, depois de tantas idades de experiência, que sabemos nós da natureza ou de nós próprios? Nem um passo deu o homem rumo à solução do problema do seu destino. Num mesmo juízo de loucura está todo o universo dos homens. Mas a doce sinceridade de alegria e paz que retiro desta aliança com a alma do meu irmão é o fruto em si, de que toda a natureza e todo o pensamento são apenas a casca e a concha.

Feliz é a casa que abriga um amigo! Bem pode ser construída como um arco festivo, para o receber por um único dia. Mais feliz ainda, se ele souber a solenidade dessa relação e honrar a sua lei! Quem se oferece como candidato a esse pato sobe, como um olímpico, aos grandes jogos, onde competem os primogénitos do mundo. Ele propõe-se a contendas onde o Tempo, a Necessidade, o Perigo estão em jogo, e só vence quem tem verdade suficiente na sua constituição para preservar a delicadeza da sua beleza do desgaste de tudo isso. Os dons da fortuna podem estar presentes ou ausentes, mas toda a velocidade nessa corrida depende de nobreza intrínseca e do desprezo pelas trivialidades.

Há dois elementos que compõem a amizade, cada um tão soberano que não consigo detetar superioridade em nenhum, nem razão para nomear um antes do outro. Um é a Verdade. Um amigo é alguém com quem posso ser sincero. Diante dele posso pensar em voz alta. Encontro-me finalmente perante um homem tão real e igual, que posso despir até essas vestes mais profundas de dissimulação, cortesia e segunda intenção, que os homens nunca deixam de usar, e lidar com ele com a simplicidade e inteireza com que um átomo químico encontra outro. A sinceridade é o luxo permitido, como os diademas e a autoridade, apenas ao mais alto escalão, que pode dizer a verdade por não ter ninguém acima de si a quem agradar ou a quem se conformar.

Todo o homem é sincero quando está só. À entrada de uma segunda pessoa, começa a hipocrisia. Esquivamo-nos à aproximação do nosso semelhante com cumprimentos, conversas triviais, divertimentos, negócios. Ocultamos o nosso pensamento dele sob cem véus. Conheci um homem que, sob certa exaltação religiosa, lançou fora esse manto e, omitindo todo o cumprimento e banalidade, falava à consciência de cada pessoa que encontrava, e com grande perspicácia e beleza. Ao início foi rejeitado, e todos o julgavam louco.

Mas, persistindo, como de facto não podia deixar de fazer, por algum tempo neste caminho, alcançou a vantagem de trazer cada um dos seus conhecidos para uma verdadeira relação consigo. Ninguém pensava em falar-lhe falsamente, ou em iludi-lo com conversas de mercados ou salas de leitura. Mas todos eram constrangidos por tanta sinceridade à mesma franqueza, e todo o amor pela natureza, toda a poesia, todo o símbolo de verdade que possuíam, com certeza lhos mostravam.

Mas para a maioria de nós, a sociedade não mostra o rosto e o olhar, mas o lado e as costas. Estar em verdadeiras relações com os homens numa época falsa vale bem uma crise de loucura, não valerá? Raramente conseguimos andar eretos. Quase todos os homens que encontramos exigem alguma civilidade — têm alguma fama, algum talento, algum capricho de religião ou filantropia na cabeça que não se deve questionar, e que estraga toda a conversação com eles.

Mas um amigo é um homem são que não exerce a minha engenhosidade, mas a mim. O meu amigo dá-me divertimento sem exigir nenhuma estipulação da minha parte. Um amigo, portanto, é uma espécie de paradoxo da natureza. Eu, que sou só, eu que nada vejo na natureza cuja existência possa afirmar com igual evidência à minha própria, vejo agora o semblante do meu ser, em toda a sua altura, variedade e

curiosidade, reiterado numa forma estrangeira; de tal forma que um amigo pode bem ser considerado a obra-prima da natureza.

A outra dimensão da amizade é a ternura. Somos ligados aos homens por todo o tipo de laço — de sangue, de orgulho, de medo, de esperança, de lucro, de desejo, de ódio, de admiração, por todas as circunstâncias, insígnias e ninharias —, mas mal conseguimos acreditar que possa subsistir noutro tanto carácter que nos prenda pelo amor. Poderá outro ser tão abençoado, e nós tão puros, que lhe possamos oferecer ternura? Quando um homem se me torna querido, atingi o cume da fortuna. Pouco se encontra escrito diretamente ao coração desta matéria nos livros. E, no entanto, há um texto que não posso deixar de recordar.

O meu autor diz: "Ofereço-me fracamente e sem jeito àqueles a quem pertenço de verdade, e ofereço-me menos àquele a quem estou mais devotado." Desejo que a amizade tenha pés, bem como olhos e eloquência. Deve assentar no chão antes de se lançar sobre a lua. Quero que seja um pouco cidadã, antes de ser totalmente querubim. Criticamos o cidadão porque transforma o amor em mercadoria. É troca de dons, de empréstimos úteis; é boa vizinhança; vela os doentes; segura o pálio no funeral; e perde por completo de vista as delicadezas e nobreza da relação. Mas, se por um lado não encontramos o deus sob o disfarce de almocreve, por outro não podemos perdoar ao poeta que fia a sua trama demasiado fina e não substancia o seu romance com as virtudes municipais da justiça, pontualidade, fidelidade e piedade.

Detesto a prostituição do nome de amizade para designar alianças elegantes e mundanas. Prefiro muito mais a companhia de moços do campo e vendedores ambulantes, do que a amabilidade perfumada e sedosa que celebra os seus encontros com frivolidades, passeios de carruagem e jantares nas melhores estalagens. O fim da amizade é o comércio mais estrito e caseiro que se possa travar; mais estrito do que qualquer outro de que tenhamos experiência. É para auxílio e consolo em todas as relações e passagens da vida e da morte. Convém a dias serenos, a dádivas graciosas e passeios campestres, mas também a caminhos ásperos e parca alimentação, a naufrágios, pobreza e perseguição. Acompanha os arranques do espírito e os êxtases da religião. Devemos dignificar um ao outro nas necessidades e tarefas quotidianas da vida humana e embelezá-las com coragem, sabedoria e unidade. Nunca deve cair em algo rotineiro e estabelecido, mas manter-se alerta e inventiva, adicionando rima e razão ao que antes era mera labuta.

Pode dizer-se que a amizade requer naturezas tão raras e preciosas, tão bem temperadas e adaptadas, e ainda por cima tão bem situadas (pois até nisso, como diz o poeta, o amor exige que as partes estejam totalmente emparelhadas), que a sua satisfação raramente se pode garantir. Dizem alguns entendidos neste cálido saber do coração que não pode subsistir na perfeição entre mais de dois. Não sou tão estrito nos termos, talvez porque nunca conheci tão elevada comunhão como outros.

Prefiro imaginar um círculo de homens e mulheres divinos, diversamente relacionados entre si, entre os quais subsista uma inteligência elevada. Mas encontro esta lei do um-para-um imperativa para a conversação, que é a prática e o cume da amizade. Não mistures demasiadamente as águas. As melhores misturam-se tão mal como boas e más. Terás conversas úteis e animadoras com dois homens distintos em momentos diferentes, mas se os três se juntarem, não surgirá uma palavra nova ou sincera.

Dois podem falar e um ouvir, mas três não conseguem participar de uma conversa do mais sincero e profundo teor. Em boa companhia, nunca há tal discurso entre dois, do outro lado da mesa, como o que ocorre quando ficam sós. Em boa companhia, os indivíduos dissolvem o seu egoísmo numa alma social coextensiva às várias consciências ali presentes. Nenhuma parcialidade de amigo por amigo, nenhum carinho de irmão por irmã, de esposa por marido, ali cabe, antes pelo contrário.

Só pode falar quem for capaz de navegar sobre o pensamento comum do grupo, e não quem esteja pobremente limitado ao seu próprio. Ora esta convenção, que o bom senso exige, destrói a alta liberdade da grande conversação, que requer a fusão absoluta de duas almas numa só.

Nenhum par de homens que fique a sós deixa de entrar numa relação mais simples. Contudo, é a afinidade que determina quais dois irão conversar. Homens sem relação entre si pouco gozo se dão mutuamente; jamais suspeitarão das potências latentes um do outro. Falamos por vezes de um grande talento para a conversação, como se fosse propriedade permanente de certos indivíduos. Mas a conversação é uma relação evanescente — nada mais. Um homem é reputado por ter pensamento e eloquência; e, apesar disso, não consegue dizer uma palavra ao primo ou ao tio. Acusam-lhe o silêncio com tanta razão como culpariam a insignificância de um relógio de sol na sombra. Ao sol, marcará a hora. Entre os que apreciam o seu pensamento, recuperará a língua.

A amizade exige aquele raro meio-termo entre semelhança e diferença, que excita cada um com a presença de poder e de consentimento no outro. Prefiro ficar só até ao fim do mundo, a que o meu amigo ultrapasse, com palavra ou olhar, a sua verdadeira simpatia. Tanto me frustra a oposição como a condescendência. Que ele não cesse um instante de ser ele mesmo. A única alegria que tenho em que seja meu, é que o não-meu é meu. Detesto, quando esperava um apoio viril, ou ao menos uma resistência viril, encontrar um puré de concessão. Antes ser um cardo no lado do amigo, do que o seu eco. A condição que a alta amizade exige é a capacidade de passar sem ela. Esse alto ofício requer qualidades grandes e sublimes. Devem existir dois muito plenos, antes que possa haver um só verdadeiro. Que seja uma aliança de duas naturezas vastas e formidáveis, mutuamente contempladas, mutuamente temidas, antes mesmo de reconhecerem a profunda identidade que, sob essas disparidades, as une.

Só é apto para esta sociedade quem for magnânimo; quem esteja certo de que a grandeza e a bondade são sempre economia; quem não se apresse a interferir com os seus destinos. Que não interfira nisto. Deixa ao diamante os seus milénios para crescer, e não esperes apressar os nascimentos do eterno. A amizade exige tratamento religioso. Falamos em escolher os amigos, mas os amigos são autoproclamados.

A reverência é parte essencial. Trata o teu amigo como um espetáculo. Naturalmente ele tem méritos que não são teus, e que não poderás honrar se tiveres de o manter constantemente junto de ti. Afasta-te; dá espaço a esses méritos; deixa-os crescer e expandir-se. Serás amigo dos botões do teu amigo, ou do seu pensamento? Para um coração grande, ele continuará estranho em mil particularidades, para que possa aproximar-se no terreno mais sagrado. Deixa aos rapazes e raparigas a ideia de considerar o amigo como propriedade, e de sugar um prazer breve e turvo, em vez do benefício mais nobre.

Conquistemos o nosso lugar nesta irmandade por longa provação. Porque haveremos de profanar almas nobres e belas com intrusões? Porque insistir em relações pessoais apressadas com o amigo? Porque ir à casa dele, ou conhecer-lhe a mãe e os irmãos? Porque receber visita dele na nossa? Serão estas coisas materiais ao nosso pato? Larga essas carícias e arranhões. Que ele me seja espírito. Uma mensagem, um pensamento, uma sinceridade, um olhar dele, é o que quero, não notícias nem caldo. Posso obter política, conversa e conveniências de vizinhança com companheiros mais baratos.

Não deverá a sociedade do meu amigo ser-me poética, pura, universal, e tão grandiosa como a própria natureza? Deverei sentir que o nosso laço é profano em comparação com aquela faixa de nuvem que dorme no horizonte, ou com aquele tufo de erva ondulante que divide o regato? Não a vilipendiemos, mas elevemo-la a esse padrão. Aquele olhar desafiante, aquela beleza altiva do seu porte e ação, não tentes reduzi-los, mas antes reforça e exalta.

Venera as suas superioridades; não o desejes menos nem por um pensamento, mas preserva-as e celebra-as todas. Guarda-o como teu contraponto. Que te seja sempre uma espécie de inimigo belo, indomável, devotamente venerado, e não uma conveniência trivial para ser logo superada e posta de parte. As cores do ópalo, a luz do diamante, não se veem se o olho estiver demasiado próximo. Ao meu amigo escrevo uma carta, e dele recebo uma carta. Isso parece-te pouco. Para mim, basta. É uma dádiva espiritual digna de ser oferecida por ele e recebida por mim. Não profana ninguém. Nessas linhas calorosas o coração confiar-se-á como não o faz à língua, e derramará a profecia de uma existência mais divina do que todas as crónicas de heroísmo até hoje cumpriram.

Respeitemos até esse ponto as leis sagradas desta comunhão, para não prejudicar a sua flor perfeita com a impaciência pelo seu desabrochar. Temos de ser nossos antes de podermos ser de outrem. Há pelo menos esta satisfação no crime, segundo o provérbio latino: — podemos falar com o cúmplice de igual para igual. *Crimen quos inquinat, aequat.* Com aqueles que admiramos e amamos, ao princípio não podemos. E, contudo, o menor defeito de domínio próprio vicia, a meu ver, toda a relação. Nunca pode haver paz profunda entre dois espíritos, nunca respeito mútuo, até que, no seu diálogo, cada um represente o mundo inteiro.

Se a amizade é coisa tão grandiosa, levemo-la com a maior grandeza de espírito possível. Silenciemo-nos — para podermos escutar o sussurro dos deuses. Não nos interponhamos. Quem te incumbiu de pensar no que hás de dizer às almas eleitas, ou como dizer-lhes algo? Não importa quão engenhoso, nem quão gracioso e afável. Há incontáveis graus de tolice e de sabedoria, e para ti dizer algo é ser frívolo. Espera, e o teu coração falará. Espera até que o necessário e o eterno te dominem, até que o dia e a noite se sirvam dos teus lábios. A única recompensa da virtude é a virtude;

A única maneira de ter um amigo é ser um. Não te aproximarás verdadeiramente de um homem entrando-lhe em casa. Se sois diferentes, a alma dele apenas fugirá mais depressa de ti, e nunca alcançarás um verdadeiro olhar do seu olho. Vemos os nobres à distância, e eles repelem-nos; porque haveríamos de nos intrometer?

Tarde, — muito tarde, — percebemos que nenhum arranjo, apresentação, costume ou hábito social será suficiente para nos colocar na relação que desejamos com eles — apenas o despertar da natureza em nós ao mesmo grau em que existe neles; então encontrar-nos-emos como água com água; e se não os encontrarmos então, não os desejaremos, pois já somos eles.

Em última análise, o amor é apenas o reflexo do valor próprio de um homem nos outros. Homens trocaram por vezes os nomes com os seus amigos, como se quisessem significar que, no seu amigo, cada um amava a sua própria alma. Quanto mais elevado for o ideal que exigimos da amizade, tanto mais difícil será estabelecê-la com carne e osso. Caminhamos sozinhos no mundo. Amigos, como os desejamos, são sonhos e fábulas. Mas uma esperança sublime anima sempre o coração fiel: algures, noutras regiões da força universal, há almas que agora agem, sofrem e ousam, e que nos podem amar, e a quem podemos amar.

Podemos dar-nos por felizes por o período de menoridade, de loucuras, erros e vergonhas, ter sido passado na solidão, e que, quando formos homens feitos, apertaremos mãos heroicas com mãos heroicas. Mas que isto nos sirva de aviso: não façamos alianças de amizade com pessoas baratas, onde nenhuma amizade é possível. A nossa impaciência leva-nos a alianças imprudentes e tolas que nenhum Deus acompanha. Ao persistires no teu caminho, ainda que percas o pouco, ganharás o grande. Demonstra-te a ti mesmo, de modo a te colocares fora do alcance de relações falsas, e atrairás para ti os primogénitos do mundo — esses raros peregrinos de que só um ou dois vagueiam na natureza de cada vez, perante os quais os grandes vulgares não passam de espectros e sombras.

É tolice temer tornar os nossos laços demasiado espirituais, como se com isso pudéssemos perder qualquer amor genuíno. Qualquer correção que façamos à nossa visão popular por meio da intuição, a natureza confirmá-la-á, e, ainda que nos pareça roubar uma alegria, recompensar-nos-á com uma maior. Sintamos, se quisermos, o isolamento absoluto do homem. Sabemos que tudo está já em nós.

Vamos à Europa, ou perseguimos pessoas, ou lemos livros, com a fé instintiva de que esses nos farão emergir e revelar-nos a nós mesmos. Somos todos mendigos. As pessoas são como nós; a Europa, um velho traje desbotado de mortos; os livros, os seus fantasmas. Abandonemos esta idolatria. Deixemos esta mendicidade. Mesmo os nossos mais queridos amigos devemos despedir, desafiando-os, dizendo: "Quem és tu? Solta-me: não serei mais dependente." Ah! não vês, ó irmão, que assim apenas nos separamos para nos reencontrarmos num plano mais elevado, e sermos mais um do outro porque somos mais de nós mesmos?

Um amigo tem duas faces, como Jano: olha para o passado e para o futuro. É o filho de todas as minhas horas anteriores, o profeta das que hão de vir, e o arauto de um amigo maior. Faço com os meus amigos o mesmo que com os meus livros. Quero-os por perto, onde os possa encontrar, mas raramente os uso. Devemos ter sociedade nos nossos próprios termos, e admiti-la ou excluí-la por qualquer razão.

Não posso dar-me ao luxo de conversar muito com o meu amigo. Se ele é grande, torna-me tão grande que não posso descer ao nível da conversa. Nos grandes dias, pressentimentos pairam diante de mim no firmamento. Devo então dedicar-me a eles. Entro para os agarrar, saio para os agarrar. Só temo perdê-los, ao afastarem-se para o céu onde agora são apenas uma mancha de luz mais brilhante.

Então, embora preze os meus amigos, não posso dar-me ao luxo de falar com eles e estudar as suas visões, com receio de perder as minhas. Dar-me-ia um certo prazer doméstico abandonar esta busca elevada, esta astronomia espiritual, esta procura de estrelas, e descer a simpatias calorosas contigo; mas sei bem que lamentaria sempre o desaparecimento dos meus deuses poderosos. É certo que, na próxima semana, terei momentos de languidez, em que poderei ocupar-me com objetos exteriores; então lamentarei a literatura perdida da tua mente, e desejarei que estejas de novo ao meu lado. Mas se vieres, talvez apenas preenchas a minha mente com novas visões — não contigo, mas com os teus fulgores — e não poderei, tal como agora, conversar contigo.

Assim, deverei aos meus amigos esse contato evanescente. Receberei deles, não o que têm, mas o que são. Dar-me-ão aquilo que propriamente não podem dar, mas que emana deles. Mas não me reterão por quaisquer relações menos subtis e puras. Encontrar-nos-emos como se não nos encontrássemos, e separar-nos-emos como se não nos separássemos.

Ultimamente, tem-me parecido mais possível do que julgava manter uma amizade nobre de um só lado, sem correspondência adequada do outro. Porque haveria de atormentar-me com mágoas pelo facto de o recetor não ser capaz? O sol nunca se aflige por alguns dos seus raios caírem em vão no espaço ingrato, e apenas uma pequena parte ser refletida por um planeta. Que a tua grandeza eduque o companheiro bruto e frio. Se ele for desigual, em breve passará; mas tu engrandecer-te-ás com o teu próprio brilho, e, já não sendo companheiro de rãs e vermes, ascenderás e arderás com os deuses do empíreo.

É considerado uma vergonha amar sem ser correspondido. Mas os grandes verão que o verdadeiro amor não pode deixar de ser correspondido. O verdadeiro amor

transcende o objeto indigno, habita e medita sobre o eterno, e quando a pobre máscara interposta se desfaz, não se entristece, mas sente-se livre de tanto peso terrestre, e a sua independência torna-se ainda mais segura. Contudo, estas coisas dificilmente se dizem sem trair a própria relação. A essência da amizade é a inteireza, uma magnanimidade e confiança totais. Não deve pressentir nem precaver-se contra a fragilidade. Trata o seu objeto como um deus, para divinizar ambos.

Obras Completas, Vol. 1

IDEALISMO

Capítulo VI de "Natureza", publicado como parte de *Nature; Addresses and Lectures*

Assim é transmitido ao homem — o eterno discípulo — em cada objeto sensível, o significado do mundo, inefável mas inteligível e praticável. A este único fim de Disciplina, todas as partes da natureza conspiram.

Uma nobre dúvida sugere-se constantemente: será este fim a Causa Final do Universo? E existirá verdadeiramente a natureza exterior? É explicação suficiente para essa Aparência que chamamos Mundo que Deus deseje ensinar uma mente humana, fazendo-a assim recetora de um certo número de sensações congruentes, a que chamamos sol e lua, homem e mulher, casa e comércio. Na minha completa impotência para testar a autenticidade do relato dos meus sentidos, para saber se as impressões que eles me transmitem correspondem a objetos externos, que diferença faz se Órion está no céu, ou se algum deus pinta essa imagem no firmamento da alma?

Mantendo-se constantes as relações entre as partes e o fim do todo, que diferença há se terra e mar interagem e mundos giram e se misturam, sem número nem fim — abismos a abrirem-se sob abismos, galáxias a equilibrarem galáxias através do espaço absoluto — ou se, sem relações de tempo e espaço, as mesmas aparências estão inscritas na fé constante do homem? Quer a natureza goze de existência substancial exterior, quer exista apenas na revelação da mente, para mim é igualmente útil e venerável. Seja como for, é ideal para mim, enquanto não possa verificar a precisão dos meus sentidos.

Os frívolos troçam da teoria do Ideal, como se as suas consequências fossem ridículas; como se ela afetasse a estabilidade da natureza. Certamente que não o

faz. Deus nunca brinca connosco e não comprometerá o fim da natureza permitindo qualquer incoerência na sua marcha. Qualquer desconfiança da permanência das leis paralisaria as faculdades humanas. A sua permanência é sagradamente respeitada, e a fé do homem nelas é perfeita. As engrenagens e molas do homem estão todas ajustadas à hipótese da permanência da natureza. Não somos construídos como um navio para ser agitado, mas como uma casa para permanecer firme.

É consequência natural dessa estrutura que, enquanto os poderes ativos predominarem sobre os reflexivos, resistamos com indignação a qualquer sugestão de que a natureza é mais efémera ou mutável do que o espírito. O corretor, o carpinteiro, o cocheiro, o portageiro, ficam bastante incomodados com tal insinuação.

Mas, embora aceitemos totalmente a permanência das leis naturais, a questão da existência absoluta da natureza permanece em aberto. É efeito uniforme da cultura sobre a mente humana não abalar a nossa fé na estabilidade de fenómenos particulares, como o calor, a água, o azoto; mas levar-nos a encarar a natureza como fenómeno, não como substância; a atribuir existência necessária ao espírito; a estimar a natureza como acidente e efeito.

Aos sentidos e ao entendimento não renovado pertence uma espécie de crença instintiva na existência absoluta da natureza. Na sua visão, o homem e a natureza estão indissoluvelmente unidos. As coisas são últimas, e nunca olham para além do seu domínio. A presença da Razão perturba essa fé. O primeiro esforço do pensamento tende a relaxar este despotismo dos sentidos, que nos prende à natureza como se dela fizéssemos parte, e mostra-nos a natureza como algo separado e, por assim dizer, flutuante.

Até que esta agência superior intervenha, o olhar animal vê, com espantosa precisão, contornos nítidos e superfícies coloridas. Quando o olho da Razão se abre, aos contornos e superfícies junta-se imediatamente a graça e a expressão. Estas procedem da imaginação e do afeto, e atenuam algo da nitidez angular dos objetos. Se a Razão for estimulada a uma visão mais intensa, os contornos e as superfícies tornam-se transparentes e deixam de ser vistos; veem-se causas e espíritos através deles. Os melhores momentos da vida são esses despertares deliciosos das faculdades superiores, e o recuo reverente da natureza diante do seu Deus.

Passemos a indicar os efeitos da cultura. 1. A nossa primeira iniciação na filosofia ideal é uma sugestão da própria natureza. A natureza conspira com o espírito para

nos emancipar. Certas mudanças mecânicas, uma pequena alteração na nossa posição local, anunciam-nos um dualismo. Sentimo-nos estranhamente afetados ao ver a costa a partir de um navio em movimento, de um balão ou através das tonalidades de um céu invulgar. A mais pequena mudança no nosso ponto de vista dá ao mundo inteiro um ar pictórico. Um homem que raramente anda de carruagem, basta-lhe entrar num coche e percorrer a sua própria cidade para transformar a rua num teatro de marionetas.

Os homens, as mulheres — a falar, a correr, a negociar, a lutar — o operário diligente, o ocioso, o mendigo, os rapazes, os cães, tornam-se de imediato irreais, ou pelo menos totalmente separados de qualquer relação com o observador, e são vistos como aparências, não como seres substanciais. Que novos pensamentos são sugeridos ao vermos uma paisagem bem familiar através do movimento rápido do comboio!

Até os objetos mais habituais (basta uma ligeira mudança no ângulo da visão) agradam-nos mais. Numa câmara escura, o carro do talhante ou a figura de um membro da nossa família diverte-nos. Também o retrato de um rosto bem conhecido nos satisfaz. Se olharmos a paisagem de cabeça para baixo, entre as pernas, quão agradável é a imagem — mesmo que a tenhamos visto mil vezes nos últimos vinte anos!

Nestes casos, por meios mecânicos, é sugerida a diferença entre o observador e o espetáculo — entre o homem e a natureza. Daí nasce um prazer misturado com reverência; diria mesmo que se sente um grau subtil de sublime, talvez pelo facto de o homem ser, assim, avisado de que, enquanto o mundo é um espetáculo, algo dentro de si é estável.

De forma mais elevada, o poeta comunica o mesmo prazer. Com poucos traços, desenha no ar o sol, a montanha, o acampamento, a cidade, o herói, a donzela — não diferentes do que já conhecemos, mas apenas elevados do chão e suspensos diante do olhar. Ele solta a terra e o mar, fá-los girar em torno do eixo do seu pensamento primordial, e dispõe-nos de novo. Possuído por uma paixão heroica, utiliza a matéria como símbolo dela.

O homem sensual conforma os pensamentos às coisas; o poeta conforma as coisas aos seus pensamentos. Um vê a natureza como fixa e enraizada; o outro, como fluida, e nela imprime o seu ser. Para ele, o mundo refratário é dúctil e flexível; investe o pó e as pedras com humanidade, tornando-os palavras da Razão. A imaginação pode ser definida como o uso que a Razão faz do mundo material.

Shakespeare possui o poder de subordinar a natureza à expressão como nenhum outro poeta. A sua musa imperial lança a criação como um brinquedo de mão em mão, usando-a para corporizar qualquer capricho mental. Os espaços mais remotos da natureza são visitados, e as coisas mais distantes unidas por uma subtil conexão espiritual. Percebemos que a magnitude das coisas materiais é relativa, e todos os objetos encolhem ou se expandem para servir a paixão do poeta. Assim, nos seus sonetos, os cantos dos pássaros, os aromas e cores das flores, tornam-se sombras da sua amada; o tempo, que o separa dela, é o seu cofre; a suspeita que ela despertou, é o seu adorno:

O adorno da beleza é a Suspeita,
Um corvo que voa no mais doce ar do céu.

A sua paixão não é fruto do acaso; cresce, à medida que fala, até à dimensão de uma cidade, ou de um Estado:

Não, foi edificada longe do acaso;
Não sofre com pompas sorridentes, nem cai
Sob o sobrolho do descontentamento opressor;
Não teme a política, esse herege,
Que trabalha com arrendamentos de horas contadas,
Mas sozinha permanece imensamente política.

Na força da sua constância, as pirâmides parecem-lhe recentes e transitórias. O frescor da juventude e do amor deslumbra-o com a sua semelhança à manhã:

Afasta esses lábios
Que tão docemente foram perjurados;
E esses olhos — o romper do dia,
Luzes que enganam a manhã.

A beleza selvagem desta hipérbole, direi de passagem, é difícil de igualar na literatura.

23. Esta transfiguração que todos os objetos materiais sofrem através da paixão do poeta — este poder que ele exerce para reduzir o grande e engrandecer o pequeno — poderia ser ilustrado por mil exemplos das suas peças. Tenho diante de mim *A Tempestade* e cito apenas estes versos:

ARIEL:

Fiz tremer o promontório sólido
E, pelos esporões, arranquei
O pinheiro e o cedro.

Prospero pede música para acalmar o frenético Alonso e os seus companheiros:

Um ar solene, e o melhor consolo
Para uma fantasia perturbada, cura o teu cérebro
Agora inútil, fervido dentro do crânio.

E ainda:

O encanto dissolve-se rapidamente,
E, como a manhã avança sobre a noite,
Derretendo a escuridão, assim os seus sentidos emergentes
Começam a dissipar os fumos ignorantes que envolvem
A sua razão mais clara.
O entendimento
Começa a crescer: e a maré que se aproxima
Em breve encherá as margens racionais
Que agora jazem sujas e lamacentas.

A perceção de afinidades reais entre os acontecimentos (isto é, de afinidades ideais, pois essas são as únicas reais) permite ao poeta brincar livremente com as formas e fenómenos mais imponentes do mundo e afirmar a predominância da alma.

Enquanto assim o poeta anima a natureza com os seus próprios pensamentos, distingue-se do filósofo apenas nisto: o primeiro propõe a Beleza como fim principal; o segundo, a Verdade. Mas o filósofo, tal como o poeta, subordina a ordem aparente das coisas ao império do pensamento. "O problema da filosofia," segundo Platão, "é encontrar, para tudo o que existe condicionalmente, um fundamento incondicionado e absoluto." Ela parte da fé de que uma lei determina todos os fenómenos, e que, uma vez conhecida, estes podem ser previstos. Essa lei, quando na mente, é uma ideia. A sua beleza é infinita.

O verdadeiro filósofo e o verdadeiro poeta são um só, e uma beleza que é verdade, e uma verdade que é beleza, é o objetivo de ambos. Não será o encanto de uma das definições de Platão ou Aristóteles estritamente igual ao da *Antígona* de Sófocles? Em ambos os casos, foi infundida à natureza uma vida espiritual; o

bloco sólido da matéria foi penetrado e dissolvido por um pensamento; este ser humano frágil penetrou as massas vastas da natureza com uma alma informadora, e reconheceu-se na sua harmonia — ou seja, apreendeu a sua lei. Em física, quando isso é atingido, a memória livra-se do seu pesado catálogo de pormenores e transporta séculos de observação numa única fórmula.

Assim, mesmo na física, o material é rebaixado perante o espiritual. O astrónomo, o geómetra, confiam na sua análise irrefutável e desprezam os resultados da observação. A observação sublime de Euler sobre a sua lei dos arcos, "Isto será contrário a toda a experiência, e ainda assim é verdade," já transferira a natureza para a mente, deixando a matéria como um cadáver rejeitado.

A ciência intelectual tem sido observada como geradora, invariavelmente, de uma dúvida quanto à existência da matéria. Turgot disse: "Aquele que nunca duvidou da existência da matéria, pode estar certo de que não tem aptidão para investigações metafísicas." Ela fixa a atenção em naturezas imortais, necessárias e incriadas — ou seja, em Ideias — e, na sua presença, sentimos que as circunstâncias exteriores são sonho e sombra.

Enquanto permanecemos neste Olimpo de deuses, pensamos na natureza como um apêndice da alma. Ascendemos à sua região e sabemos que estas são as ideias do Ser Supremo. "Estes são os que foram estabelecidos desde a eternidade, desde o princípio, antes ainda de existir a terra. Quando Ele preparou os céus, eles estavam lá; quando estabeleceu as nuvens no alto, quando fortaleceu as fontes do abismo. Então estavam com Ele, como alguém criado com Ele. Deles tomou conselho."

A sua influência é proporcional. Como objetos da ciência, estão acessíveis a poucos. No entanto, todos os homens podem ser elevados, pela piedade ou pela paixão, à sua região. E nenhum homem toca estas naturezas divinas sem se tornar, em certa medida, ele próprio divino. Como uma nova alma, renovam o corpo. Tornamo-nos fisicamente leves e ágeis; caminhamos sobre o ar; a vida deixa de ser pesada, e acreditamos que nunca mais o será.

Nenhum homem teme a velhice, a desgraça ou a morte, na sua serena companhia, pois é transportado para fora da região da mudança. Enquanto contemplamos a natureza da Justiça e da Verdade sem véus, aprendemos a diferença entre o absoluto e o condicional ou relativo. Apreendemos o absoluto. Como se fosse pela primeira vez, existimos. Tornamo-nos imortais, pois aprendemos que tempo e

espaço são relações da matéria; que, perante a perceção da verdade ou uma vontade virtuosa, não têm qualquer afinidade.

Finalmente, a religião e a ética — que podem ser adequadamente chamadas a prática das ideias, ou a introdução das ideias na vida — têm um efeito análogo ao de toda a cultura inferior: rebaixam a natureza e sugerem a sua dependência do espírito. A ética e a religião diferem neste ponto: a primeira é um sistema de deveres humanos com origem no homem; a segunda, em Deus. A religião inclui a personalidade de Deus; a ética não.

São uma só coisa para o nosso presente propósito. Ambas colocam a natureza sob os pés. A primeira e última lição da religião é: "As coisas visíveis são temporais; as invisíveis, eternas." Ela afronta a natureza. Faz pelo ignorante o que a filosofia faz por Berkeley e Viasa. A linguagem uniforme que se ouve nas igrejas das seitas mais incultas é: "Desprezai as aparências vãs do mundo; são vaidades, sonhos, sombras, irrealidades; procurai as realidades da religião."

O devoto escarnece da natureza. Alguns teosofistas chegaram a uma certa hostilidade e indignação contra a matéria, como os maniqueus e Plotino. Desconfiavam de si próprios sempre que olhavam para trás, para os tachos de carne do Egipto. Plotino envergonhava-se do seu corpo. Em suma, todos eles poderiam dizer da matéria o que Miguel Ângelo disse da beleza exterior: "É a erva frágil e cansada com que Deus veste a alma que chamou ao tempo."

Parece que o movimento, a poesia, a ciência física e intelectual, e a religião, todas tendem a afetar as nossas convicções sobre a realidade do mundo exterior. Contudo, reconheço que há algo de ingrato em desenvolver em excesso os detalhes da proposição geral de que toda a cultura tende a impregnar-nos de idealismo. Não tenho hostilidade para com a natureza, mas um amor de criança por ela. Expando-me e vivo no calor do dia como o milho e os melões. Falemos dela com justiça. Não desejo lançar pedras à minha bela mãe, nem sujar o meu terno ninho.

Desejo apenas indicar a verdadeira posição da natureza em relação ao homem — posição para a qual toda a educação correta tende a estabelecer o homem; como o solo a alcançar que constitui o objetivo da vida humana, isto é, da sua ligação com a natureza. A cultura inverte as visões vulgares da natureza, e leva a mente a chamar aparente ao que antes considerava real, e real ao que antes julgava visionário. É verdade que as crianças acreditam no mundo exterior. A crença de que ele apenas aparece é um pensamento posterior, mas com a cultura, essa fé surgirá inevitavelmente na mente, como surgiu a primeira.

A vantagem da teoria idealista sobre a fé popular é esta: ela apresenta o mundo precisamente sob a perspetiva mais desejável para a mente. É, na verdade, a visão que a Razão, tanto especulativa como prática — ou seja, a filosofia e a virtude — adota. Pois, visto à luz do pensamento, o mundo é sempre fenomenal; e a virtude subordina-o à mente. O idealismo vê o mundo em Deus. Contempla o círculo completo das pessoas e das coisas, das ações e dos eventos, do país e da religião, não como acumulados penosamente, átomo após átomo, ato após ato, num passado velho e arrastado, mas como uma vasta pintura que Deus pinta na eternidade instantânea, para contemplação da alma.

Por isso, a alma mantém-se à distância de um estudo demasiado trivial e microscópico da tábua universal. Respeita demasiado o fim para se imergir nos meios. Vê algo mais importante no Cristianismo do que os escândalos da história eclesiástica ou as minúcias da crítica; e, indiferente às pessoas ou aos milagres, e nada perturbada por lacunas na evidência histórica, aceita de Deus o fenómeno como o encontra — como a forma pura e sublime da religião no mundo. Não se exalta nem se perturba com o que chama sua sorte, boa ou má, nem com a união ou oposição dos outros. Nenhum homem é seu inimigo. Aceita tudo o que acontece como parte da sua lição. É mais um observador do que um agente, e é agente apenas para poder melhor observar.

HEROÍSMO

"O Paraíso está à sombra das espadas."
— Maomé

O vinho rubi é bebido por patifes,
O açúcar serve para engordar escravos,
A rosa e a folha da vide enfeitam bufões;
Nuvens de trovão são os festões de Júpiter,
Que frequentemente descem em grinaldas de temor,
Trançadas de relâmpagos à volta da sua cabeça;
O herói não se alimenta de doçuras,
Cada dia come o seu próprio coração;
Os salões dos grandes são prisões,
E os ventos contrários, asas reais para as velas dos reis.

No antigo teatro inglês, há um reconhecimento constante da nobreza, como se o comportamento cavalheiresco fosse tão facilmente notado na sociedade da época

como a cor o é na nossa população americana. Quando qualquer Rodrigo, Pedro ou Valério entra em cena, mesmo sendo um estranho, o duque ou governador exclama: "Este é um cavalheiro" — e oferece-lhe cortesias sem fim; mas todos os outros são escória e refugo. Em harmonia com esse prazer pelas vantagens pessoais, há nas suas peças um certo tom heroico de carácter e diálogo — como em *Bonduca*, *Sófocles*, *O Amante Louco*, *O Duplo Casamento* — onde o orador é tão sincero e cordial, e fala a partir de fundamentos tão profundos de carácter, que o diálogo, com o mais pequeno incidente adicional no enredo, eleva-se naturalmente à poesia.

Entre muitos textos, tomemos o seguinte. O romano Márcio conquistou Atenas — tudo menos os espíritos invencíveis de Sófocles, o duque de Atenas, e Dorígene, sua esposa. A beleza desta inflama Márcio, que procura salvar o marido; mas Sófocles recusa pedir a vida, embora saiba que uma única palavra o salvaria, e a execução de ambos prossegue:

Valério: Despede-te da tua esposa.
Sófocles: Não, não me despedirei. Minha Dorígene,
Ali em cima, junto à coroa de Ariadne,
O meu espírito pairará por ti. Rogo-te, apressa-te.
Dorígene: Espera, Sófocles — com isto amarra os meus olhos;
Não deixes que a natureza suave se transforme assim,
E perca a sua humanidade feminina e gentil,
Ao fazer-me ver o meu senhor sangrar. Assim está bem;
Nenhum outro objeto sob o sol
Hei de contemplar antes do meu Sófocles:
Adeus; agora ensina aos Romanos como se morre.
Márcio: Sabes o que é morrer?
Sófocles: Tu não sabes, Márcio,
E por isso não sabes o que é viver; morrer
É começar a viver. É terminar
Uma tarefa velha, gasta e cansada, e iniciar
Uma nova e melhor. É deixar
Patifes enganadores pela companhia
De deuses e da bondade. Tu próprio terás de deixar,
No fim, todas as tuas coroas, prazeres, triunfos,
E mostrar a tua fortaleza — veremos do que é feita.
Valério: Mas não estás triste ou aflito por deixares a vida assim?
Sófocles: Porque haveria de entristecer-me ou afligir-me
Por ser enviado para junto daqueles que sempre mais amei? Agora ajoelharei,

Mas de costas voltadas para ti; é o último dever
Que este corpo pode prestar aos deuses.

Márcio: Golpeia, golpeia, Valério,
Ou o coração de Márcio saltará pela boca:
Este é um homem, uma mulher! Beija o teu senhor,
E vive com toda a liberdade a que estavas habituada.
Ó amor! dobradamente me afligiste
Com virtude e com beleza. Coração traiçoeiro,
A minha mão há de lançar-te depressa para a urna,
Antes que transgridas este laço de piedade.
Valério: Que se passa com o meu irmão?
Sófocles: Márcio, ó Márcio,
Agora encontraste a forma de me conquistar.
Dorígene: Ó estrela de Roma! que gratidão poderá encontrar
Palavras dignas para seguir tal feito?
Márcio: Este admirável duque, Valério,
Com o seu desprezo pela fortuna e pela morte,
Fez-se cativo, e cativou-me;
E embora o meu braço tenha aqui tomado o seu corpo,
A sua alma subjugou a alma de Márcio.
Por Rómulo, ele é só alma, penso eu;
Não tem carne, e espírito não pode ser acorrentado;
Então, nada conquistámos; ele está livre,
E Márcio caminha agora em cativeiro.

Não me ocorre, de imediato, nenhum poema, peça, sermão, romance ou discurso recente que a nossa imprensa tenha publicado que siga esta cadência. Temos muitas flautas e pífaros, mas raramente ouvimos o som de uma fifre. Contudo, *Laodamia* de Wordsworth, a ode a *Dion* e alguns sonetos contêm certa música nobre; e Scott, por vezes, traça um golpe certeiro, como no retrato do Lorde Evandale, dado por Balfour de Burley. Thomas Carlyle, com o seu gosto natural pelo que é viril e ousado no carácter, não deixou escapar nenhum traço heroico dos seus favoritos nas suas pinturas biográficas e históricas.

Antes dele, Robert Burns deu-nos uma ou duas canções. Nas *Miscellanies Harleianas*, há um relato da batalha de Lützen que merece ser lido. E *A História dos Sarracenos*, de Simon Ockley, relata prodígios de bravura individual com admiração — tanto mais notória quanto o autor parece pensar que o seu posto em Oxford cristã exige algumas protestações formais de repulsa.

Mas se explorarmos a literatura do heroísmo, depressa chegamos a Plutarco, seu doutor e historiador. A ele devemos o Brásidas, o Díon, o Epaminondas, o Cipião do passado, e devo dizer que lhe estamos mais profundamente endividados do que a todos os outros escritores antigos. Cada uma das suas *Vidas* é uma refutação do desalento e da cobardia dos nossos teóricos religiosos e políticos. Uma coragem selvagem, um estoicismo não das escolas mas do sangue, brilha em cada anedota e deu a esse livro a sua imensa fama.

Precisamos de livros com esta virtude tónica e purgativa, mais do que de livros de ciência política ou de economia doméstica. A vida é uma festa apenas para os sábios. Vista da lareira da prudência, ela apresenta-se esfarrapada e perigosa. As violações das leis da natureza por parte dos nossos predecessores e contemporâneos são punidas também em nós.

A doença e a deformidade que nos rodeiam confirmam a infração das leis naturais, intelectuais e morais — e muitas vezes infração sobre infração, a gerar miséria composta. Um tétano que encurva a cabeça de um homem até aos calcanhares, uma hidrofobia que o faz ladrar à mulher e aos filhos, uma loucura que o leva a comer erva; guerra, peste, cólera, fome — tudo isto indica certa ferocidade na natureza que, tendo entrada pelo crime humano, só pode sair pelo sofrimento humano.

Infelizmente, não existe homem que, na sua própria pessoa, não se tenha tornado, de alguma forma, acionista do pecado, tornando-se assim responsável por parte da expiação. A nossa cultura, portanto, não deve omitir a preparação do homem. Que ele ouça, a tempo, que nasceu num estado de guerra, e que o bem-estar comum e o próprio exigem que não vá dançando despreocupado pelas ervas da paz, mas que, advertido, recolhido, e sem desafiar nem temer o trovão, tome a reputação e a vida nas suas mãos e, com perfeita urbanidade, ouse o cadafalso e a turba pela absoluta verdade do seu discurso e pela retidão do seu comportamento.

Perante todo este mal exterior, o homem interior assume uma atitude guerreira e afirma a sua capacidade de enfrentar sozinho o exército infinito de inimigos. A essa atitude militar da alma chamamos Heroísmo. A sua forma mais rudimentar é o desprezo pela segurança e conforto, que torna a guerra tão sedutora. É uma autoconfiança que despreza os freios da prudência, plena de energia e poder de reparar os danos que possa sofrer. O herói é uma mente de tal equilíbrio que nenhuma perturbação abala a sua vontade, mas que avança alegremente, por assim dizer, ao som da sua própria música — tanto entre alarmes terríveis como na embriaguez dissoluta da sociedade. Há algo de não filosófico no heroísmo; há nele

algo que não é santo; parece ignorar que outras almas são da mesma substância. Tem orgulho; é o extremo da natureza individual. Contudo, devemos reverenciá-lo profundamente.

Há algo nas grandes ações que não nos permite julgá-las de fora. O heroísmo sente, nunca raciocina — por isso está sempre certo; e embora uma educação diferente, outra religião ou maior atividade intelectual pudessem modificar ou inverter o ato em si, para o herói aquilo que faz é o mais elevado feito, e não está sujeito à censura de filósofos ou teólogos. É a afirmação do homem simples de que encontra em si uma qualidade que despreza o gasto, a saúde, a vida, o perigo, o ódio, o opróbrio — e sabe que a sua vontade é superior a todos os antagonistas, reais ou possíveis.

O heroísmo age em contradição com a voz da humanidade e, por um tempo, com a voz dos grandes e bons. É uma obediência a um impulso secreto do carácter individual. A nenhum outro homem a sua sabedoria parecerá como a ele próprio, pois cada homem deve ser suposto ver um pouco mais longe no seu próprio caminho do que qualquer outro. Por isso, os homens justos e sábios reprovam o seu ato — até que algum tempo passe: então reconhecem que está em harmonia com os seus próprios feitos. Todos os homens prudentes percebem que o ato se opõe frontalmente à prosperidade sensual; pois todo o ato heroico se mede pelo desprezo de algum bem exterior. Mas, no fim, encontra o seu próprio sucesso — e então também os prudentes o louvam.

A autoconfiança é a essência do heroísmo. É o estado da alma em guerra, e os seus fins últimos são o derradeiro desafio à falsidade e à injustiça, e a capacidade de suportar tudo o que o mal possa infligir. Fala a verdade, e é justa, generosa, hospitaleira, temperante, desdenhosa de cálculos mesquinhos e do desprezo alheio. Persiste; é de uma ousadia inabalável e de uma fortaleza incansável. Ri-se da pequenez da vida comum. Aquela falsa prudência que idolatra a saúde e a riqueza é o alvo do escárnio heroico. O heroísmo, como Plotino, quase se envergonha do corpo. O que há de dizer, então, dos rebuçados e jogos de corda, do toucador, dos cumprimentos, das querelas, das cartas e dos pudins — que desgastam o engenho de toda a sociedade?

Que alegrias providenciou a natureza bondosa para estas criaturas queridas! Parece não haver intervalo entre a grandeza e a mesquinhez. Quando o espírito não domina o mundo, torna-se sua vítima. E, no entanto, o homem pequeno aceita o grande embuste tão inocentemente, nele trabalha com tanta crença cega, nasce vermelho e morre grisalho, a cuidar do toucador, da saúde, a armar armadilhas

para doces e vinhos fortes, a pôr o coração num cavalo ou numa espingarda, a alegrar-se com um pouco de mexerico ou elogio, que a grande alma não pode senão rir-se de tão séria tolice.

"Na verdade, estas considerações humildes fazem-me perder o gosto pela grandeza. Que vergonha é para mim dar atenção a quantos pares de meias de seda possuis — nomeadamente estes, e aqueles que eram cor de pêssego — ou ouvir o inventário das tuas camisas, uma para vaidade e outra para uso!

Os cidadãos, pensando segundo as leis da aritmética, consideram os incómodos de receber estranhos junto à lareira, calculam minuciosamente a perda de tempo e a exibição invulgar; mas a alma de qualidade superior empurra de volta essa economia fora de tempo para os subterrâneos da vida e diz: obedecerei a Deus, e o sacrifício e o fogo Ele proverá. Ibn Haukal, o geógrafo árabe, descreve um extremo heróico da hospitalidade em Sogd, na Bukhária:

"Quando estive em Sogd, vi um grande edifício, como um palácio, cujos portões estavam abertos e cravados à parede com grandes pregos. Perguntei a razão, e disseram-me que a casa não fora fechada, de noite ou de dia, há cem anos. Estranhos podem apresentar-se a qualquer hora e em qualquer número; o dono preparou amplamente a receção de homens e dos seus animais, e nunca é mais feliz do que quando eles ali permanecem algum tempo. Nada semelhante vi noutro país."

Os magnânimos sabem bem que aqueles que dão tempo, dinheiro ou abrigo ao estrangeiro — se o fazem por amor e não por ostentação — colocam, por assim dizer, Deus em dívida para com eles, tão perfeitas são as compensações do universo. De alguma forma, o tempo que parecem perder é redimido, e os esforços que fazem recompensam-se a si mesmos. Estes homens alimentam a chama do amor humano e elevam o padrão da virtude cívica entre os homens. Mas a hospitalidade deve ser serviço, e não exibição, ou derruba o anfitrião. A alma corajosa estima-se demasiado para se valorizar pela opulência da sua mesa e dos seus tecidos. Dá o que tem, e tudo o que tem, mas a sua própria majestade empresta maior graça ao pão rústico e à água limpa do que qualquer banquete citadino.

A temperança do herói decorre do mesmo desejo de não desonrar o valor que possui. Mas ele ama-a pela sua elegância, não pela sua austeridade. Não lhe parece digno ser solene e condenar com amargura o consumo de carne ou de vinho, o uso de tabaco, ópio, chá, seda ou ouro. Um grande homem mal sabe como janta, ou como se veste; mas, sem sermões nem rigores, a sua vida é natural e poética. João Eliot, o Apóstolo dos Índios, bebia água e dizia do vinho: "É um licor nobre e generoso, e

devemos ser humildemente gratos por ele, mas, segundo me lembro, a água foi feita primeiro." Melhor ainda é a temperança do Rei David, que derramou no chão, diante do Senhor, a água que três dos seus guerreiros lhe haviam trazido, arriscando a vida.

Diz-se de Bruto que, ao lançar-se sobre a sua espada após a batalha de Filipos, citou um verso de Eurípides: "Ó virtude! Segui-te por toda a vida, e por fim descubro-te apenas uma sombra." Não duvido que o herói tenha sido caluniado por este relato. A alma heroica não vende a sua justiça nem a sua nobreza. Não pede jantar requintado nem cama quente. A essência da grandeza é a perceção de que a virtude basta. A pobreza é o seu ornamento. Não precisa de abundância e sabe muito bem suportar a sua ausência.

Mas o que mais me encanta na classe heroica é o bom humor e a alegria que exibem. Sofrer e ousar com solenidade é um cume a que o dever comum pode muito bem aspirar. Mas estas almas raras põem a opinião, o sucesso e a vida a um preço tão baixo, que não se rebaixam a acalmar os inimigos com súplicas ou lamentos, mas mantêm a grandeza habitual. Cipião, acusado de peculato, recusa-se a cometer a indignidade de esperar por uma justificação, embora tenha nas mãos os registos das suas contas — e rasga-os diante dos tribunos. A autodefesa de Sócrates, ao propor ser mantido em honra no Pritaneu, e o espírito brincalhão de Sir Thomas More no cadafalso, são do mesmo tom.

Na peça *Sea Voyage*, de Beaumont e Fletcher, Juletta diz ao capitão e à sua tripulação:
Juletta: "Ora, escravos, está em nosso poder enforcar-vos."
Capitão: "Muito provável;
Está em nosso poder, então, sermos enforcados e desprezar-vos."

Estas respostas são sãs e completas. A alegria é o florescimento de uma saúde perfeita. Os grandes não se dignam a levar nada demasiado a sério; tudo deve ser tão leve como o canto de um canário, mesmo que se trate da construção de cidades ou da erradicação de igrejas e nações velhas e insensatas que há milhares de anos entulham a Terra. Corações simples deixam para trás toda a história e costumes do mundo, e jogam o seu próprio jogo em inocente desafio às Leis Azuis do mundo; e assim pareceriam, se pudéssemos ver a raça humana reunida em visão — como crianças a brincar juntas; embora, aos olhos da humanidade em geral, vistam um traje solene de obras e influências.

O interesse que estas belas histórias nos despertam, o poder de um romance sobre o rapaz que agarra o livro proibido debaixo da carteira na escola, o nosso deleite no herói — esse é o facto essencial. Todas essas qualidades grandes e transcendentais são nossas. Se nos expandimos ao contemplar a energia grega ou o orgulho romano, é porque já estamos a domesticar o mesmo sentimento. Encontremos espaço para este grande hóspede nas nossas pequenas casas. O primeiro passo para a dignidade será libertarmo-nos das associações supersticiosas com lugares e épocas, com número e dimensão. Porque razão estas palavras — Ateniense, Romano, Ásia, Inglaterra — tilintam tanto no ouvido? Onde estiver o coração, aí residem as musas e os deuses, e não em qualquer geografia da fama.

Massachusetts, o rio Connecticut, a baía de Boston — parecem-vos lugares triviais, e o ouvido prefere nomes estrangeiros e clássicos. Mas aqui estamos; e, se permanecermos um pouco, podemos vir a aprender que aqui é o melhor lugar. Assegura apenas que tu mesmo estás aqui — e a arte e a natureza, a esperança e o destino, os amigos, os anjos e o Ser Supremo não estarão ausentes do aposento onde te sentas. Epaminondas, corajoso e afetuoso, não nos parece precisar do Olimpo para morrer, nem do sol sírio. Encontra-se muito bem onde está. Os campos de Nova Jérsia bastaram para Washington caminhar, e as ruas de Londres para os pés de Milton. Um grande homem torna o seu clima ameno na imaginação dos homens, e o seu ar, o elemento querido de todos os espíritos delicados. O país é mais belo onde habitam as mentes mais nobres.

As imagens que nos enchem a imaginação ao lermos as ações de Péricles, Xenofonte, Colombo, Bayard, Sidney, Hampden, ensinam-nos o quão desnecessariamente mesquinha é a nossa vida — que, com a profundidade do nosso viver, deveríamos enfeitá-la com esplendor mais do que régio ou nacional, e agir sobre princípios que interessem o homem e a natureza na duração dos nossos dias.

Já vimos ou ouvimos falar de muitos jovens extraordinários que nunca amadureceram, ou cujo desempenho na vida prática não foi extraordinário. Quando vemos o seu porte, ouvimo-los falar de sociedade, livros, religião — admiramos a sua superioridade; parecem desprezar toda a nossa ordem política e social; o seu tom é o de um jovem gigante destinado a revoluções. Mas entram numa profissão, e o colosso em formação encolhe até ao tamanho comum. A magia que usavam eram as tendências idealistas, que sempre tornam o Real ridículo; mas o mundo teimoso vingou-se no momento em que tentaram atrelar os seus cavalos solares ao sulco terreno. Não encontraram exemplo nem companheiro, e o coração desfalecia.

E então? A lição que deram nas suas primeiras aspirações permanece verdadeira; e uma coragem melhor e uma verdade mais pura virão um dia organizar a sua crença. E porque razão uma mulher se há de comparar a alguma figura histórica — e pensar que, porque Safo, Sévigné, Madame de Staël, ou as almas reclusas que tiveram génio e cultura, não satisfazem a imaginação nem a serena Têmis, nenhuma poderá — certamente não ela? Porque não? Talvez tenha por resolver um problema novo e inédito — talvez o de uma natureza feliz como nunca floresceu. Que a donzela, com alma ereta, caminhe serenamente no seu caminho, aceite o sinal de cada nova experiência, investigue um a um todos os objetos que solicitam o seu olhar, para que possa aprender o poder e o encanto do seu ser recém-nascido — que é o alvorecer de uma nova aurora nas profundezas do espaço.

A jovem formosa, que repele interferências com uma escolha decidida e orgulhosa de influências — tão indiferente a agradar, tão voluntariosa e elevada — inspira em cada espectador algo da sua própria nobreza. O coração silencioso encoraja-a; ó amiga, nunca arrees perante o medo! Chega ao porto com grandeza, ou navega com Deus os mares. Não vives em vão, pois cada olhar que passa se eleva e purifica ao contemplar-te.

A característica do heroísmo é a sua persistência. Todos os homens têm impulsos errantes, momentos de generosidade. Mas, quando tiveres escolhido o teu caminho, permanece nele e não procures fraca reconciliação com o mundo. O heroico não pode ser o comum, nem o comum ser heroico. Contudo, temos a fraqueza de esperar simpatia por ações cuja excelência reside em ultrapassarem a simpatia e apelarem a uma justiça tardia. Se queres servir o teu irmão porque é justo fazê-lo, não retires as tuas palavras quando os prudentes não te aprovam. Mantém-te firme ao teu ato e congratula-te por teres feito algo estranho e extravagante, quebrando a monotonia de uma era decorosa.

Foi um sábio conselho que uma vez ouvi dar a uma jovem: "Faz sempre aquilo que tens medo de fazer." Um carácter simples e viril nunca precisa pedir desculpas, mas deve encarar as suas ações passadas com a serenidade de Fócio, que admitiu que o resultado da batalha fora feliz, mas não se arrependeu de ter dissuadido da guerra.

Não há fraqueza nem exposição para as quais não possamos encontrar consolação no pensamento: — isto faz parte da minha constituição, parte da minha relação e função perante o meu semelhante. Terá a natureza feito um pato comigo de que nunca aparecerei em desvantagem, nunca farei figura ridícula? Sejamos generosos com a nossa dignidade, assim como o somos com o nosso dinheiro. A grandeza, uma

vez conquistada, está para sempre desligada da opinião. Falamos das nossas caridades, não porque desejemos elogios por elas, nem porque as consideremos de grande mérito, mas para justificação nossa. É um erro capital — como se descobre quando ouvimos outro homem recitar as suas obras de caridade.

Dizer a verdade, ainda que com certa austeridade, viver com algum rigor de temperança ou em extremos de generosidade, parece ser uma espécie de ascetismo que a bondade natural comum reserva àqueles que vivem com conforto e abundância, como sinal de que se sentem irmãos da grande multidão dos homens sofredores. E não só devemos respirar e exercitar a alma assumindo as penas da abstinência, da dívida, da solidão, da impopularidade, como também cabe ao homem sábio contemplar de olhos abertos os perigos mais raros que por vezes assolam os homens, e familiarizar-se com formas repugnantes de doença, com gritos de maldição, e com a visão da morte violenta.

Os tempos de heroísmo são geralmente tempos de terror, mas nenhum dia nasce em que esse elemento não possa operar. Dizemos que as circunstâncias do homem são, historicamente, melhores neste país e nesta época do que talvez alguma vez tenham sido. Há hoje mais liberdade para a cultura. Já não se corre, logo ao primeiro passo fora do trilho da opinião, contra o machado. Mas quem for heroico encontrará sempre crises que ponham à prova o seu corte. A virtude humana exige os seus campeões e mártires, e a prova da perseguição prossegue sempre. Foi apenas outro dia que o corajoso Lovejoy ofereceu o peito às balas de uma turba, pelos direitos de liberdade de expressão e opinião — e morreu quando era melhor não viver.

Não vejo caminho algum de paz perfeita que um homem possa trilhar senão o que segue o conselho do seu próprio coração. Que abandone o convívio excessivo, que volte muitas vezes para casa e se firme nos caminhos que aprova. A persistente retenção de sentimentos simples e elevados em deveres obscuros fortalece o carácter com o temperamento que agirá com honra, se necessário, no tumulto ou no cadafalso.

Quaisquer ultrajes que tenham acontecido a outros homens podem voltar a suceder — e muito facilmente numa república, se surgirem sinais de declínio religioso. Calúnias grosseiras, fogo, alcatrão e penas, e o cadafalso — o jovem pode trazer tudo isso ao seu espírito, com toda a doçura de ânimo que conseguir, e inquirir quão rapidamente poderá firmar o seu senso de dever, enfrentando tais penas, sempre que um jornal qualquer e número suficiente de vizinhos decidam proclamar as suas opiniões como incendiárias.

Pode acalmar o receio de calamidade nos corações mais sensíveis saber quão rapidamente a natureza traça um limite à malícia máxima. Aproximamo-nos depressa de um limiar sobre o qual nenhum inimigo nos pode seguir:

"Deixai que vociferem:
Tu estás quieto na tua sepultura."

Na escuridão da nossa ignorância quanto ao que há de vir, na hora em que estamos surdos às vozes superiores, quem não inveja aqueles que viram o seu esforço viril concluir-se em segurança? Quem, ao ver a baixeza da nossa política, não felicita interiormente Washington por há muito já estar envolto na mortalha, e para sempre seguro; por ter sido docemente sepultado, sem que a esperança da humanidade tivesse ainda sido derrotada nele? Quem não inveja, às vezes, os bons e os bravos, que já não mais sofrerão com os tumultos do mundo natural, e aguarda com curiosa serenidade o fim próximo da sua própria conversação com a natureza finita?

E no entanto, o amor que preferiria ser aniquilado a ser traidor já tornou a morte impossível, e afirma-se não mortal, mas nativo das profundezas do ser absoluto e inextinguível.

INTELIGÊNCIA
EXPEDIÇÃO DE EXPLORAÇÃO

A corveta norte-americana *Vincennes*, capitaneada por Charles Wilkes, nau-capitânia da Expedição de Exploração, chegou a Nova Iorque na sexta-feira, 10 de Junho, após quase quatro anos de missão. Espera-se a chegada em breve das brigue Porpoise e Oregon. A expedição cumpriu todas as tarefas que o Governo lhe confiou. Uma longa lista de portos, enseadas, ilhas, recifes e baixios, indicados nos mapas, foi visitada, examinada ou cartografada. As posições atribuídas a vários "vigias", recifes e ilhas foram cuidadosamente averiguadas, e descobriu-se que não existiam nos locais assinalados.

Vários dos principais grupos de ilhas do Pacífico foram visitados, examinados e mapeados; relações amistosas e regulamentos comerciais de proteção foram estabelecidos com os chefes e nativos. As descobertas no Oceano Antártico (continente antártico, observações para fixar o Pólo Magnético Sul, etc.) precederam as das expedições francesas e britânicas. Durante a sua ausência, a Expedição também examinou e mapeou grande parte do território do Oregon e

parte da Alta Califórnia, incluindo os rios Columbia e Sacramento, com os seus afluentes.

Diversas expedições a partir dos navios exploraram e cartografaram regiões menos conhecidas do Oregon. Um mapa do território foi preparado, abrangendo rios, baías, portos, costas, fortes, etc., fornecendo informações sobre as possessões norte-americanas na costa noroeste. Foram feitos testes com o pêndulo, aparelhos magnéticos e outros instrumentos; registou-se a temperatura do oceano a diversas profundidades e manteve-se um registo meteorológico completo ao longo da viagem.

Foram feitos esboços, cartas, vistas de promontórios, povoações, bem como descrições de tudo o que se relaciona com as localidades, produções, língua, costumes e modos de vida. Em algumas ilhas, este trabalho foi feito com muito esforço, exposição e risco de vida, devido ao carácter traiçoeiro dos nativos, que tornou absolutamente necessário que oficiais e marinheiros estivessem armados em serviço. Em várias ocasiões, botes estiveram ausentes durante dez, vinte ou trinta dias seguidos. Numa dessas ocasiões, dois oficiais foram mortos no arquipélago Fiji, ao defenderem a tripulação de um ataque dos nativos.

INTELECTO

Vai, leva as estrelas do Pensamento
Até ao seu brilhante destino —
O semeador espalha amplo o seu grão,
Mas o trigo que lanças são almas.

Toda a substância é eletricamente negativa em relação à que está acima na tabela química, e positiva em relação à que está abaixo. A água dissolve madeira, ferro e sal; o ar dissolve a água; o fogo elétrico dissolve o ar — mas o intelecto dissolve o fogo, a gravidade, as leis, os métodos, e as relações mais subtis e inominadas da natureza, no seu menstruo irresistível.

O intelecto precede o génio, que é intelecto construtivo. É a força simples anterior a toda ação ou construção. Eu desejaria, com calma, descrever uma história natural do intelecto — mas que homem já foi capaz de marcar os passos e limites dessa essência transparente? As primeiras perguntas estão sempre por fazer, e até o mais sábio doutor é confundido pela curiosidade de uma criança. Como podemos falar da ação da mente em divisões — como o conhecimento, a ética,

a ação — se ela funde a vontade na perceção, o conhecimento no ato? Cada um torna-se no outro. Só ela é. A sua visão não é como a do olho, mas é união com o objeto conhecido.

Intelecto e intelecção, aos ouvidos comuns, significam consideração da verdade abstrata. As considerações de tempo e lugar, de eu e tu, de lucro e dano, dominam a mente da maioria. O intelecto separa o facto considerado de ti, de qualquer referência pessoal ou local, e discerne-o como se existisse por si. Heraclito via os afetos como neblinas densas e coloridas. Na névoa do bem e do mal, é difícil seguir em linha reta. O intelecto é desprovido de afeção, e vê o objeto como se estivesse à luz fria da ciência.

O intelecto sai do indivíduo, flutua para além da sua personalidade e contempla-a como facto, não como "eu" ou "meu". Quem está imerso nas preocupações da pessoa ou do lugar não consegue ver o problema da existência — e é este que o intelecto contempla incessantemente. A natureza mostra todas as coisas formadas e delimitadas. O intelecto perfura a forma, transgride o muro, deteta semelhanças intrínsecas entre coisas distantes, e reduz tudo a alguns princípios.

Elevar um facto ao estatuto de objeto de pensamento é engrandecê-lo. Todo aquele conjunto de fenómenos mentais e morais que não transformamos voluntariamente em objeto de reflexão permanece sujeito ao acaso; constituem a circunstância da vida quotidiana — estão sujeitos à mudança, ao medo e à esperança. Todo o homem contempla a sua condição humana com certo grau de melancolia. Como um navio encalhado é açoitado pelas ondas, assim o homem, aprisionado na vida mortal, encontra-se exposto à mercê dos acontecimentos.

Mas uma verdade, separada pelo intelecto, já não é objeto do destino. Contemplamo-la como um deus, elevado acima do cuidado e do medo. Assim, qualquer facto da nossa vida, qualquer registo das nossas fantasias ou reflexões, quando desatado da teia da inconsciência, torna-se um objeto impessoal e imortal. É o passado restaurado — mas embalsamado. Uma arte melhor que a do Egipto retirou-lhe o medo e a corrupção. Está despojado de angústia. É oferecido à ciência. O que nos é apresentado para contemplação não nos ameaça, mas torna-nos seres intelectuais.

O crescimento do intelecto é espontâneo em cada expansão. A mente que cresce não pode prever os tempos, os meios ou o modo dessa espontaneidade. Deus entra por uma porta privada em cada indivíduo. Muito antes da idade da reflexão, já há pensamento na mente. Das trevas, ela emergiu insensivelmente para a maravilhosa

luz do presente. No período da infância, recebeu e processou todas as impressões da criação envolvente à sua maneira. Tudo o que qualquer mente faz ou diz é segundo uma lei; e essa lei nativa permanece sobre ela, mesmo após alcançar o pensamento consciente.

Na vida do mais exausto, pedante e introspetivo torturador de si próprio, a maior parte do que acontece é incalculável, imprevisto, inimaginável — e continuará a sê-lo, até que consiga erguer-se pelos próprios cabelos. O que sou eu? O que fez a minha vontade para me tornar o que sou? Nada. Fui levado até este pensamento, esta hora, esta cadeia de acontecimentos por correntes secretas de força e consciência, e nem a minha engenhosidade nem a minha teimosia as contrariaram ou ajudaram de forma apreciável.

A nossa ação espontânea é sempre a melhor. Não se consegue, com toda a deliberação e cuidado, aproximar-se tanto de uma questão como o nosso olhar espontâneo o faz ao levantar da cama, ou ao caminhar pela manhã depois de ter meditado sobre o assunto na noite anterior. O nosso pensar é uma receção piedosa. Por isso, a verdade do pensamento é corrompida tanto por uma direção demasiado forçada da vontade, como por negligência. Não decidimos o que vamos pensar.

Apenas abrimos os sentidos, afastamos, na medida do possível, os obstáculos ao facto, e deixamos que o intelecto veja. Temos pouco controlo sobre os nossos pensamentos. Somos prisioneiros de ideias. Elas arrebatam-nos, por momentos, para o seu céu, e ocupam-nos de tal forma que não cuidamos do amanhã, olhamos como crianças, sem esforço para torná-las nossas.

E então, caímos dessa alegria extática, lembramo-nos de onde estivemos, do que vimos, e tentamos repetir, tão fielmente quanto possível, o que contemplámos. Na medida em que conseguimos recordar esses êxtases, guardamos na memória indelével o seu resultado — e todos os homens e todas as épocas o confirmam. Chamamos-lhe Verdade. Mas no momento em que deixamos de relatar e tentamos corrigir ou inventar, já não é verdade.

Se considerarmos que pessoas nos estimularam e beneficiaram, perceberemos a superioridade do princípio espontâneo ou intuitivo sobre o aritmético ou lógico. O primeiro contém o segundo — mas de forma virtual e latente. Em todo o homem queremos uma lógica longa; não perdoamos a sua ausência — mas ela não deve ser verbalizada. A lógica é o desdobramento proporcional da intuição; mas a sua virtude reside como método silencioso — no momento em que aparece como proposição e pretende ter valor autónomo, perde-se.

Em cada mente permanecem imagens, palavras e factos sem que tenha havido esforço para os fixar — e que outros esquecem — e mais tarde servem de ilustração a leis importantes. Todo o nosso progresso é uma expansão, como o botão da planta: primeiro instinto, depois opinião, depois conhecimento — como a planta tem raiz, botão e fruto. Confia no instinto até ao fim, ainda que não possas dar-lhe razão. É inútil apressá-lo. Confiando nele até ao fim, amadurecerá em verdade — e saberás por que acreditavas.

Cada mente tem o seu próprio método. Um homem verdadeiro nunca aprende segundo as regras escolares. O que agregaste de modo natural surpreende e encanta quando é produzido. Porque não podemos penetrar o segredo uns dos outros. E assim, as diferenças de dotação natural entre os homens são insignificantes comparadas com a sua riqueza comum. Pensas que o porteiro ou o cozinheiro não têm anedotas, experiências ou maravilhas para ti? Todos sabem tanto quanto o sábio.

As paredes das mentes rudes estão cobertas de inscrições, de factos e pensamentos. Um dia hão de trazer uma lanterna e lê-las. Cada homem, na medida da sua inteligência e cultura, vê-se impelido pela curiosidade a descobrir os modos de viver e pensar de outros homens — especialmente daqueles cujas mentes não foram domadas pelo treino escolar.

Esta ação instintiva nunca cessa numa mente saudável, antes se torna mais rica e frequente à medida que a cultura se aprofunda. Por fim, chega a era da reflexão, quando não apenas observamos, mas nos dedicamos a observar; quando, de propósito, nos sentamos para considerar uma verdade abstrata; quando mantemos o olhar da mente aberto enquanto conversamos, lemos, agimos — atentos ao segredo de uma classe de factos.

Qual é a tarefa mais difícil do mundo? Pensar. Coloco-me na atitude de encarar uma verdade abstrata — e não consigo. Hesito e recuo por todos os lados. Penso compreender o que quis dizer aquele que afirmou: "Ninguém pode ver Deus face a face e viver." Por exemplo: um homem explora os fundamentos do governo civil. Concentra a mente com firmeza, sem descanso, numa só direção. Todo o seu cuidado de nada vale por muito tempo. Contudo, pensamentos voam diante dele. Quase apreendemos, pressentimos vagamente a verdade.

Dizemos: sairei a caminhar, e a verdade tomar-me-á forma e clareza. Saímos — e não a encontramos. Parece que bastaria o silêncio e a compostura da biblioteca para a apreender — mas regressamos e estamos tão longe como antes. Então,

subitamente, sem anúncio, a verdade aparece. Uma luz errante surge — é a distinção, o princípio que procurávamos. Mas o oráculo surge porque antes assediámos o templo. Parece que a lei do intelecto é semelhante à da natureza, que nos faz inspirar e expirar — que faz o coração ora absorver, ora expelir o sangue — a lei da ondulação. Assim, há momentos em que devemos trabalhar intensamente, e outros em que devemos abster-nos, e ver o que a grande Alma revela.

A imortalidade do homem pode ser proclamada tão legitimamente pelas faculdades intelectuais como pelas morais. Toda intuição é predominantemente prospetiva. O seu valor presente é o menor. Observa o que te encanta em Plutarco, Shakespeare ou Cervantes. Cada verdade adquirida por um escritor é como uma lanterna que ele vira sobre os factos e pensamentos que já tinha, e, de súbito, todos os tapetes e entulhos que atulhavam o seu sótão tornam-se preciosos.

Cada facto trivial da sua biografia torna-se ilustração de um novo princípio, regressa ao presente e encanta todos os homens com o seu vigor e frescura. Os outros dizem: "Onde encontrou isto?", e julgam haver algo de divino na sua vida. Mas não; também eles possuem milhares de factos tão bons — apenas lhes falta uma lâmpada para revolver o sótão.

Somos todos sábios. A diferença entre as pessoas não está na sabedoria, mas na arte. Conheci, num clube académico, uma pessoa que sempre se remetia a mim, que, vendo o meu gosto pela escrita, imaginava que as minhas experiências tinham algo de superior — enquanto eu via que as suas eram tão boas como as minhas. Dá-mas, e eu farei igual uso. Ele possuía o antigo; ele possui o novo; eu tinha o hábito de unir o antigo ao novo — que ele não exercia. Isto talvez se aplique aos grandes exemplos.

Se encontrássemos Shakespeare, talvez não sentíssemos uma inferioridade profunda — não: mas uma grande igualdade — apenas que ele possuía uma estranha mestria em usar e classificar os seus factos, que nos faltava. Pois, apesar da nossa total incapacidade de produzir algo como *Hamlet* ou *Otelo*, vê como essa inteligência, esse imenso conhecimento da vida, essa eloquência fluída são perfeitamente acolhidos por todos nós.

Se colheres maçãs ao sol, ou fizeres feno, ou mondares milho, e depois te recolheres ao interior, fechares os olhos e os pressionares com a mão, ainda verás as maçãs penduradas na luz, com ramos e folhas — ou a erva com penachos, ou as bandeiras do milho — durante cinco ou seis horas. Aí permanecem as impressões no órgão retentivo, embora não saibas. Assim se encontra toda a série de imagens

naturais que a tua vida te deu a conhecer, na memória — embora não tenhas consciência disso — e um frémito de paixão lança luz sobre a câmara escura, e o poder ativo apanha, num instante, a imagem adequada, como a palavra do pensamento momentâneo.

Demoramo-nos muito tempo a descobrir quão ricos somos. A nossa história parece-nos banal: não temos nada a escrever, nada a concluir. Mas os anos mais sábios levam-nos sempre de volta às memórias desprezadas da infância, e estamos constantemente a pescar algum artigo maravilhoso desse lago interior, até que, pouco a pouco, começamos a suspeitar que a biografia da pessoa mais tola que conhecemos é, na verdade, uma paráfrase em miniatura dos cem volumes da História Universal.

No intelecto construtivo, a que chamamos geralmente de Génio, observamos o mesmo equilíbrio entre dois elementos como no intelecto recetivo. O intelecto construtivo produz pensamentos, frases, poemas, planos, sistemas. É a geração da mente, o casamento do pensamento com a natureza. Ao génio pertencem sempre dois dons: o pensamento e a sua expressão. O primeiro é revelação, sempre um milagre, que nenhuma frequência ou estudo consegue banalizar, e que deixa sempre o pensador maravilhado. É a entrada da verdade no mundo, uma forma de pensamento que, pela primeira vez, irrompe no universo — uma criação da alma eterna, algo de grandeza autêntica e incomensurável. Parece, no momento, herdar tudo o que existiu, e ditar o futuro. Afeta todos os pensamentos do homem e modela todas as instituições.

Mas, para ser útil, precisa de um meio, de uma arte que a veicule até aos homens. Para ser comunicável, deve tornar-se imagem ou objeto sensível. Temos de aprender a linguagem dos factos. As mais maravilhosas inspirações morrem com o seu sujeito, se este não tem mão para as pintar. O raio de luz passa invisível pelo espaço, e só quando incide sobre um objeto se torna visível. Quando a energia espiritual se projeta sobre algo exterior, então temos um pensamento. A relação entre esse objeto e nós revela-nos a nossa própria natureza e valor.

O génio inventivo do pintor perde-se se lhe faltar o dom do desenho, e nas nossas melhores horas seríamos poetas inesgotáveis, se pudéssemos romper o silêncio com rima adequada. Tal como todos têm acesso à verdade primordial, também todos têm algum dom de comunicação, mas só no artista é que ele desce à mão. Há uma desigualdade, cujas leis desconhecemos, entre dois homens, e entre dois momentos do mesmo homem, relativamente a essa faculdade. Nas horas comuns, possuímos os

mesmos factos que nas inspiradas, mas não posam para o retrato; estão embrenhados numa teia.

O pensamento do génio é espontâneo; mas o poder de expressão exige mistura de vontade, controlo dos estados espontâneos, sem o qual nada se produz. É a conversão de toda a natureza na retórica do pensamento, sob o olhar do juízo, com exercício esforçado da escolha. E todavia, o vocabulário imaginativo parece também espontâneo. Não brota da experiência apenas, mas de fonte mais rica. Os grandes traços do pintor não derivam de imitação, mas de uma fonte primordial de formas na mente.

Quem é o primeiro mestre de desenho? Sem instrução, conhecemos bem o ideal da forma humana. Uma criança reconhece se um braço está distorcido num quadro, se a postura é natural ou nobre. Um rosto belo agita corações antes de se considerar proporções. Os sonhos talvez iluminem esta arte: assim que soltamos a vontade, tornamo-nos mestres do traço. Criamos figuras, animais, paisagens, monstros, com composições cheias de arte, cores bem aplicadas, quadros vivos que nos comovem.

As cópias do artista nunca são apenas imitações, mas estão sempre tingidas por tons deste domínio ideal.

As condições essenciais a uma mente construtiva são tão raras que uma boa frase ou verso permanecem frescos por muito tempo. Contudo, quando escrevemos com fluidez, parecemos acreditar que essa comunicação poderá continuar a bel-prazer. O reino do pensamento não tem cercas, e a Musa concede-nos liberdade na sua cidade. Ora, o mundo tem milhões de escritores. Pensar-se-ia que boas ideias seriam comuns como o ar ou a água, e que os dons de cada hora eclipsariam os anteriores. Mas podemos contar todos os bons livros; lembro-me de um belo verso vinte anos depois. O intelecto discernidor está sempre muito à frente do criador: há muitos bons críticos, poucos bons criadores. Algumas condições da criação intelectual são raras.

A verdade é o nosso elemento vital, mas se um homem fixa a atenção num só aspeto dela, essa verdade distorce-se, torna-se falsidade. Semelhante ao ar: nosso elemento natural, mas se dirigido continuamente sobre o corpo, causa frio, febre, morte. Que fastidioso o gramaticalista, o frenologista, o fanático religioso ou político, que perdeu o equilíbrio por exagero de um único tópico — é começo de loucura. Todo o pensamento é uma prisão. Não vejo o que tu vês, pois fui levado por vento forte numa direção que me tirou do teu horizonte.

E é melhor se o estudante, para evitar esse erro, tentar construir um todo mecânico da história ou ciência por mera adição? O mundo recusa-se a ser somado. Quando jovens, compilamos definições de Religião, Amor, Arte, esperando condensar o valor de todas as teorias humanas. Mas ano após ano a nossa enciclopédia permanece incompleta, e por fim descobrimos que a nossa curva é uma parábola cujos arcos nunca se encontrarão.

Nem por separação, nem por acumulação, se transmite a integridade do intelecto, mas por uma vigilância que o faz operar em pleno a cada instante. Deve ter a mesma inteireza que a natureza tem. Nenhuma diligência reconstrói o universo por acúmulo de detalhes, mas o mundo reaparece em miniatura em cada evento, e todas as leis da natureza se podem ler no mais pequeno facto. O intelecto deve ter essa perfeição na apreensão e na obra.

Por isso, o mercúrio da proficiência intelectual é a perceção da identidade. Falamos com pessoas cultas que parecem estranhas à natureza. A nuvem, a árvore, o céspede, o pássaro não lhes pertencem. Mas o poeta, cujos versos querem ser esferais e completos, é aquele que a natureza não pode enganar. Ele sente consanguinidade com ela, e deteta mais semelhança do que variedade. Desejamos pensamento novo, mas ele é sempre o velho sob novo rosto; apropriamo-nos dele, mas ansiamos outro. A verdade estava em nós antes de se refletir nos objetos naturais; e o génio projeta a imagem de todas as criaturas em cada obra.

Se os poderes construtivos são raros, e a poucos é dado serem poetas, todos podem receber esse espírito sagrado que desce, e estudar as leis da sua chegada. A obrigação intelectual é paralela à obrigação moral. Ao estudioso é exigida uma renúncia tão austera como a do santo. Deve adorar a verdade, abdicar de tudo por ela, aceitar derrota e dor, se assim aumentar o seu tesouro em pensamento.

Deus oferece a toda a mente a escolha entre a verdade e o repouso. Escolhe o que quiseres — nunca poderás ter ambos. Entre estes dois, como um pêndulo, oscila o homem. Aquele em quem predomina o amor pelo repouso aceitará o primeiro credo, a primeira filosofia, o primeiro partido político que encontre — provavelmente o do pai. Ganha descanso, conforto, reputação; mas fecha a porta à verdade. Aquele em quem predomina o amor pela verdade manter-se-á flutuante, alheio a amarras. Evitará dogmas, reconhecerá todas as negações contrárias, entre as quais a sua existência oscila. Submete-se às incómodas incertezas, mas é candidato à verdade como nenhum outro, e respeita a lei mais elevada do seu ser.

O círculo da terra verde ele deve medir com os seus sapatos, para encontrar o homem que lhe possa oferecer a verdade. Então saberá que há algo de mais abençoado e grandioso em ouvir do que em falar. Feliz o homem que ouve; infeliz o que fala. Enquanto ouço a verdade, estou imerso num belo elemento e não tenho consciência de quaisquer limites na minha natureza. As sugestões que recebo são infinitas. As águas do grande abismo têm entrada e saída na alma. Mas se falo, defino, delimito, e sou menos. Quando Sócrates fala, Lísis e Menexeno não se envergonham por não falarem. Também eles são bons. Ele também os respeita, ama-os, enquanto fala.

Porque um homem verdadeiro e natural contém e é a mesma verdade que um homem eloquente articula: mas no homem eloquente, porque a pode articular, parece residir nela algo de menos, e ele volta-se com mais inclinação e respeito para estes belos silenciosos. A antiga sentença dizia: Sejamos silenciosos, pois assim são os deuses. O silêncio é um solvente que destrói a personalidade e nos dá licença de sermos grandes e universais. O progresso de cada homem faz-se através de uma sucessão de mestres, cada um dos quais parece, no momento, ter uma influência superlativa, mas acaba por ceder o lugar a outro.

Que os aceite francamente e de coração. Jesus diz: Deixa pai, mãe, casa e terras, e segue-me. Quem deixa tudo, recebe mais. Isto é tão verdadeiro intelectualmente como moralmente. Cada nova mente que abordamos parece exigir uma abdicação de todas as nossas posses passadas e presentes. Uma nova doutrina parece, a princípio, uma subversão de todas as nossas opiniões, gostos e modo de viver.

Tal foi Swedenborg, tal foi Kant, tal foi Coleridge, tal foi Hegel ou o seu intérprete Cousin, para muitos jovens neste país. Recebe com gratidão e intensidade tudo o que te possam dar. Esgota-os, luta com eles, não os deixes partir até que te concedam a bênção, e, após uma curta estação, o espanto passará, o excesso de influência dissipar-se-á, e deixarão de ser um meteoro alarmante, tornando-se apenas mais uma estrela brilhante a resplandecer serenamente no teu céu e a fundir a sua luz com a do teu dia.

Mas, enquanto se entrega incondicionalmente ao que o atrai porque é seu, deve recusar-se ao que não o atrai, quaisquer que sejam a fama e a autoridade que o acompanhem, porque não é seu. A confiança plena em si mesmo pertence ao intelecto. Uma alma é contrapeso de todas as almas, como uma coluna capilar de água é contrapeso do mar. Deve tratar coisas, livros e génio soberano, como

também ele soberano. Se Ésquilo é de facto o homem que dizem ser, ainda não cumpriu o seu dever quando educou os eruditos da Europa durante mil anos.

Deve agora provar-se mestre de deleite também para mim. Se não o conseguir, toda a sua fama de nada lhe valerá comigo. Seria tolo se não sacrificasse mil Esquilos pela integridade do meu intelecto. Especialmente devemos manter essa mesma posição em relação à verdade abstrata, à ciência da mente. O Bacon, o Spinoza, o Hume, Schelling, Kant, ou quem quer que proponha uma filosofia da mente, é apenas um tradutor mais ou menos desajeitado de coisas na tua consciência, que tu também tens a tua maneira de ver, talvez de nomear.

Diz, então, em vez de te debruçares timidamente sobre o seu sentido obscuro, que ele não conseguiu restituir-te a tua consciência. Ele não conseguiu; que tente outro. Se Platão não conseguir, talvez Spinoza. Se Spinoza não conseguir, então talvez Kant. De qualquer modo, quando enfim estiver feito, verás que não é um estado recôndito, mas um estado simples, natural, comum, que o autor te restitui.

Mas deixemos estas lições. Não falarei, embora o tema o provoque, sobre a questão aberta entre Verdade e Amor. Não ousarei intervir na velha política dos céus; —— "Os querubins sabem mais; os serafins amam mais." Que os deuses resolvam as suas próprias querelas. Mas não posso recitar, mesmo que rudemente, leis do intelecto, sem recordar aquela classe elevada e retirada de homens que foram seus profetas e oráculos, o alto sacerdócio da razão pura, os Trismegistos, os intérpretes dos princípios do pensamento de época em época.

Quando, de longe em longe, folheamos as suas páginas abstrusas, é admirável o ar calmo e grandioso destes poucos, destes grandes senhores espirituais, que caminharam no mundo — estes da antiga religião — vivendo num culto que faz os valores da cristandade parecerem recém-chegados e populares; pois "a persuasão reside na alma, mas a necessidade está no intelecto." Este grupo de aristocratas, Hermes, Heraclito, Empédocles, Platão, Plotino, Olimpiodoro, Proclo, Sinesio, e os demais, possuem algo de tão vasto na sua lógica, tão primordial no seu pensar, que parece anteceder todas as distinções ordinárias da retórica e da literatura, sendo ao mesmo tempo poesia, música, dança, astronomia e matemática.

Estou presente na sementeira do mundo. Com uma geometria de raios solares, a alma lança os alicerces da natureza. A verdade e a grandeza do seu pensamento provam-se pelo seu alcance e aplicabilidade, pois domina todo o inventário e rol das coisas como ilustração. Mas o que marca a sua elevação, e até tem algo de cómico para nós, é a inocente serenidade com que estes Júpiteres infantis se sentam nas

suas nuvens, e de era em era tagarelam uns com os outros e com ninguém do seu tempo.

Bem certos de que a sua linguagem é inteligível e a coisa mais natural do mundo, acrescentam tese a tese, sem um momento de atenção ao espanto universal da raça humana cá em baixo, que não compreende os seus argumentos mais simples; nem alguma vez se comovem ao ponto de inserir uma frase popular ou explicativa; nem manifestam a menor irritação ou impaciência perante a lentidão do seu auditório atónito.

Os anjos estão tão enamorados da língua que se fala no céu, que não distorcem os seus lábios com os dialetos sibilantes e dissonantes dos homens, mas falam a sua própria língua, haja ou não quem a entenda. Quanto mais o intelecto humano se eleva na descoberta destes propósitos, mais óbvio se torna que o propósito último está para além da nossa compreensão. Não consigo compreender como é que um homem com um intelecto tão vasto pode deixar de ver algo tão claro como a luz do dia, e pode desviar-se de forma tão profunda.

Ter um intelecto aguçado é uma característica muito valorizada entre os recrutadores modernos.

Palavras modernas relacionadas com o intelecto, incluindo sinónimos de "intelecto": intuição, capacidade, génio, inteligência, perspicácia, astúcia, julgamento, cogitação, esperteza, perito, mente, sentido, mentalidade, intelectual, compreensão, psique, razão, cérebro, entendimento, engenho.

O HOMEM ENQUANTO REFORMADOR

(Complete Works, vol. 1)

Senhor Presidente, e Senhores:

Desejo apresentar à vossa consideração algumas reflexões sobre as relações particulares e gerais do homem enquanto reformador. Parto do princípio de que o objetivo de cada jovem deste grupo é o mais elevado que pertence a uma mente racional. Admitamos que a nossa vida, tal como a levamos, é comum e medíocre; que alguns dos ofícios e funções para os quais fomos principalmente criados se tornaram tão raros na sociedade que a sua memória apenas sobrevive em livros antigos e em tradições esbatidas; que profetas e poetas, homens belos e perfeitos, já não somos — não, nem sequer os vimos; que algumas fontes de instrução humana são quase desconhecidas entre nós; que a comunidade em que vivemos mal suporta ouvir dizer que cada homem deve estar aberto ao êxtase ou a uma iluminação divina, e que o seu caminhar diário deveria ser elevado pelo contato com o mundo espiritual.

Concedamos tudo isto, como devemos, e ainda assim suponho que nenhum dos meus ouvintes negará que devemos procurar estabelecer-nos em disciplinas e caminhos que mereçam essa orientação e comunicação mais clara com a natureza espiritual. E, mais ainda, não esconderei a minha esperança de que cada pessoa a quem me dirijo tenha sentido o seu próprio chamamento para abandonar todos os costumes maus, medos e limitações, e para ser, no seu lugar, um homem livre e útil, um reformador, um benfeitor — não satisfeito em deslizar pelo mundo como um criado ou um espião, escapando a pancadas pela sua agilidade e desculpas, mas um homem corajoso e reto, que deve encontrar ou abrir um caminho direito para tudo o que é excelente na terra, e não apenas ir com honra, mas facilitar a todos os que o seguem o caminho da honra e do benefício.

Na história do mundo, a doutrina da Reforma nunca teve tanto alcance como neste momento. Luteranos, Morávios, Jesuítas, Monges, Quakers, Knox, Wesley, Swedenborg, Bentham — todos, nas suas acusações à sociedade, respeitavam algo — a igreja ou o Estado, a literatura ou a história, os costumes domésticos, a vila, a mesa de jantar, o dinheiro cunhado. Mas agora tudo isso, e tudo o mais, ouve a trombeta e deve correr ao julgamento — o Cristianismo, as leis, o comércio, as escolas, o campo, o laboratório; não há reino, cidade, estatuto, rito, profissão, homem ou mulher que não esteja ameaçado pelo novo espírito.

Mesmo que algumas das críticas feitas às nossas instituições sejam extremas ou especulativas, e os reformadores tendam ao idealismo, isso apenas revela o exagero dos abusos que empurraram a mente para o extremo oposto. É quando os factos e as pessoas se tornam irreais e fantasiosos pela falsidade excessiva, que o pensador foge para o mundo das ideias e procura reabastecer e renovar a natureza a partir dessa fonte. Que as ideias restabeleçam o seu domínio legítimo na sociedade, que a vida se torne justa e poética, e os pensadores tornar-se-ão de bom grado amantes, cidadãos e filantropos.

Não haverá segurança contra as novas ideias, ainda que as antigas nações, as leis seculares, as propriedades e instituições de cem cidades estejam fundadas noutros alicerces. O génio da reforma tem uma porta secreta no coração de cada legislador, de cada habitante de cada cidade. O facto de um novo pensamento e esperança ter surgido no teu coração deve indicar-te que, nesse mesmo instante, uma nova luz brilhou em mil corações privados. Esse segredo que tanto desejarias guardar — mal sais de casa, lá está alguém à tua porta a dizer-te o mesmo.

Nem o mais endurecido e astuto ganancioso escapa — quase para nosso espanto — a estremecer ao ouvir uma pergunta inspirada pelas novas ideias. Pensávamos que ele, pelo menos, teria algum chão firme onde se manter e que morreria de pé — mas ele treme e foge. Então o pensador diz: "As cidades e as carruagens nunca mais me iludirão; pois eis que todos os meus sonhos solitários se precipitam para o cumprimento. Aquele pensamento que tive e hesitei em dizer com receio de escárnio — o corretor, o advogado, o feirante estão agora a dizer o mesmo. Se tivesse esperado mais um dia, teria chegado tarde demais. Eis que a State Street reflete, e a Wall Street duvida — e começa a profetizar!"

Não é de admirar que esta investigação geral sobre os abusos surja do seio da sociedade, quando se consideram os obstáculos práticos que se colocam no caminho dos jovens virtuosos. O jovem, ao entrar na vida, encontra o caminho para os empregos lucrativos bloqueado por abusos. As práticas comerciais tornaram-se egoístas até à fronteira do roubo, e flexíveis até ao limite (ou além dele) da fraude.

As profissões do comércio não são, em si mesmas, indignas de um homem, nem incompatíveis com as suas faculdades; mas estão, na sua generalidade, tão corrompidas por desvios e abusos consentidos por todos, que é preciso mais vigor e recursos do que se pode esperar de qualquer jovem para se manter íntegro nelas — perde-se nelas; não consegue mover-se.

Tem ele génio e virtude? Tanto menos se adequam essas atividades para que ele cresça nelas; e, se quiser prosperar nelas, terá de sacrificar todos os sonhos brilhantes da infância e juventude como meras ilusões; terá de esquecer as preces da sua meninice e vestir o arnês da rotina e da subserviência. Se não estiver disposto a isso, nada mais lhe resta senão começar o mundo de novo, como aquele que lança a pá à terra para se alimentar.

Estamos todos, claro, implicados nesta acusação; basta fazer algumas perguntas sobre o percurso dos produtos comerciais desde os campos onde foram cultivados até às nossas casas, para percebermos que comemos, bebemos e vestimos o perjúrio e a fraude em centenas de bens. Quantos produtos do nosso consumo diário vêm das Índias Ocidentais; e diz-se que, nas ilhas espanholas, a venalidade dos funcionários tornou-se um hábito, e que nenhum produto entra nos nossos navios sem ter sido desonestamente barateado. Nas ilhas espanholas, todos os agentes americanos — salvo se forem cônsules — juraram ser católicos, ou mandaram um padre fazê-lo por eles. O abolicionista revelou-nos a nossa terrível dívida para com o negro do sul.

Na ilha de Cuba, além das abominações comuns da escravatura, parece que apenas se compram homens para as plantações, e um em cada dez morre todos os anos, desses miseráveis solteiros, para nos fornecer açúcar. Deixo, para quem sabe, o trabalho de escrutinar os juramentos nas nossas alfândegas. Não investigarei a opressão dos marinheiros; não espreitarei os costumes do nosso comércio a retalho.

Contento-me com o facto de que o sistema geral do nosso comércio (poupando os traços mais negros, que espero sejam exceções denunciadas por todos os homens de bem) é um sistema de egoísmo; não é ditado pelos sentimentos nobres da natureza humana; não é regulado pela lei da reciprocidade — muito menos por sentimentos de amor e heroísmo — mas é um sistema de desconfiança, de ocultação, de astúcia superior, não de dar, mas de tirar vantagem.

Não é algo que um homem tenha prazer em revelar a um amigo nobre; que medite com alegria e aprovação pessoal na sua hora de amor e aspiração; mas antes o que então oculta, mostrando apenas o resultado brilhante, e compensando o modo de adquirir pela maneira de gastar. Não acuso o comerciante ou o fabricante. Os pecados do nosso comércio não pertencem a nenhuma classe, a nenhum indivíduo. Um colhe, outro distribui, outro consome. Todos participam, todos confessam — voluntariamente, de joelhos e com a cabeça descoberta — e, no entanto, nenhum se sente responsável.

Ele não criou o abuso; não o pode alterar. Quem é ele? Um simples cidadão privado que precisa de ganhar o pão. Eis o vício — ninguém se sente chamado a agir pelo homem, mas apenas como uma fração da humanidade. Acontece, portanto, que todas as almas ingénuas que sentem em si o impulso irreprimível de um propósito nobre, que, por natureza, devem agir com simplicidade, acham esses caminhos do comércio impróprios para si, e afastam-se. Casos assim tornam-se cada vez mais frequentes, ano após ano.

Mas ao afastar-se do comércio, não te purificaste. O rasto da serpente estende-se a todas as profissões e práticas lucrativas do homem. Cada uma tem os seus próprios males. Cada uma considera que uma consciência sensível e profundamente inteligente é uma desvantagem para o sucesso. Cada uma exige do praticante certo fechar de olhos, certa elegância e condescendência, aceitação de costumes, afastamento dos sentimentos de generosidade e amor, compromisso da opinião pessoal e da integridade elevada.

Na verdade, o costume perverso penetra toda a instituição da propriedade, até que as nossas leis que a estabelecem e protegem parecem não derivar do amor ou da razão, mas do egoísmo. Suponhamos que um homem tem o infortúnio de nascer santo, com perceções agudas e com a consciência e o amor de um anjo, e que precisa de ganhar a vida no mundo; vê-se excluído de todos os trabalhos lucrativos.

Não tem terra e não a consegue obter; pois ganhar dinheiro suficiente para comprar uma exige um tipo de concentração no dinheiro que equivale a vender-se por vários anos — e, para ele, a hora presente é tão sagrada e inviolável como qualquer hora futura. É evidente que, enquanto outro homem não tiver terra, o meu direito à minha, e o teu à tua, ficam logo manchados. Inextricáveis parecem ser os enredos e os tentáculos deste mal, e todos nos enredamos ainda mais nele ao formarmos vínculos — por esposas e filhos, por benefícios e dívidas.

Reflexões deste tipo levaram muitas pessoas filantrópicas e inteligentes a considerar o trabalho manual como parte da educação de todo o jovem. Se a riqueza acumulada pela geração anterior está assim contaminada — não importa quanto dela nos seja oferecida — devemos começar a perguntar se não seria mais nobre renunciá-la, e colocarmo-nos em relação direta com a terra e com a natureza, abstendo-nos de tudo o que é desonesto e impuro, e assumindo, com coragem, a nossa parte no trabalho manual do mundo.

Mas dizem-nos: "Como?! Vais abdicar das imensas vantagens obtidas pela divisão do trabalho e pôr cada homem a fabricar os seus próprios sapatos, cómoda, faca,

carroça, velas e agulha? Isso seria devolver os homens à barbárie pela sua própria mão." Não vejo uma revolução virtuosa a acontecer de imediato; no entanto, confesso que não me doeria uma mudança que ameaçasse a perda de alguns dos luxos ou comodidades da sociedade, se essa mudança proviesse de uma preferência sincera pela vida agrícola, sustentada pela crença de que os nossos deveres primordiais como homens seriam melhor cumpridos nessa vocação.

Quem lamentaria ver uma consciência elevada e um gosto mais puro a influenciar visivelmente os jovens na escolha da sua ocupação, esvaziando as fileiras da competição nos trabalhos do comércio, da advocacia e da política? É fácil ver que o incómodo duraria pouco tempo. Seria uma ação grandiosa, que sempre abre os olhos dos homens. Quando muitos tiverem feito isto, quando a maioria admitir a necessidade de reformar todas estas instituições, os abusos serão corrigidos, e o caminho estará novamente aberto às vantagens da divisão do trabalho, e um homem poderá voltar a escolher o ofício mais adequado ao seu talento particular — sem compromissos.

Mas, para lá da ênfase que os tempos colocam na doutrina de que o trabalho manual da sociedade deve ser partilhado por todos os seus membros, há razões próprias de cada indivíduo para que não seja privado dele. O uso do trabalho manual é algo que nunca se torna obsoleto, e que se aplica a toda a pessoa. Um homem deveria ter uma quinta ou uma arte mecânica como meio de cultura pessoal. Precisamos de uma base concreta para as nossas realizações superiores, para os nossos requintes poéticos e filosóficos — e essa base está no trabalho das nossas mãos. Precisamos de um antagonismo no mundo físico para que toda a variedade das nossas faculdades espirituais possa nascer — caso contrário, estas não se desenvolverão. O trabalho manual é o estudo do mundo exterior.

A vantagem da riqueza permanece com quem a adquiriu, não com o herdeiro. Quando vou ao meu jardim com uma pá e cavo uma cama, sinto tal entusiasmo e saúde que percebo ter-me andado a enganar a mim próprio ao deixar outros fazerem por mim o que eu próprio deveria ter feito com as minhas mãos. Mas não só saúde — há educação nesse trabalho. Será possível que eu, que obtenho quantidades ilimitadas de açúcar, milho branco, algodão, baldes, louça e papel de carta, apenas assinando um cheque a cada três meses a favor da firma John Smith & Companhia, comerciantes, esteja a exercer as minhas faculdades de modo justo, tal como a natureza pretendeu ao tornar todos esses produtos indispensáveis ao meu conforto?

São Smith, os seus transportadores, negociantes e fabricantes; é o marinheiro, o condutor de peles, o talhante, o negro, o caçador e o lavrador que intercetaram o "açúcar do açúcar" e o "algodão do algodão". Foram eles que receberam a educação — eu, apenas a mercadoria. Tudo isto estaria bem se eu estivesse inevitavelmente ausente, ocupado com trabalho semelhante ao deles, trabalho das mesmas faculdades; nesse caso, estaria seguro das minhas mãos e pés. Mas agora sinto certa vergonha perante o meu lenhador, o meu lavrador e o meu cozinheiro — pois eles têm alguma espécie de autossuficiência, conseguem, sem a minha ajuda, fazer girar o dia e o ano; mas eu dependo deles, e não ganhei pelo uso o direito aos meus próprios braços e pés.

Considera ainda a diferença entre o primeiro e o segundo proprietário de um bem. Toda a espécie de propriedade é atacada pelos seus próprios inimigos: o ferro pela ferrugem; a madeira pela podridão; o tecido pelas traças; os alimentos pelo bolor, pela putrefação ou pelos vermes; o dinheiro pelos ladrões; um pomar pelos insetos; um campo cultivado pelas ervas daninhas e pela invasão do gado; o gado pela fome; um caminho pela chuva e pela geada; uma ponte pelas cheias. E quem quer que tome posse de qualquer dessas coisas, assume o encargo de as defender deste exército de inimigos, ou de as manter em bom estado.

Um homem que supre as suas próprias necessidades, que constrói uma jangada ou um barco para pescar, acha fácil calafetar, pregar um remendo ou arranjar o leme. O que ele adquire apenas à medida que precisa, para os seus próprios fins, não o embaraça, nem lhe tira o sono. Mas quando transmite todos os bens que reuniu ao longo dos anos — casa, pomar, terra lavrada, gado, pontes, utensílios, tapetes, tecidos, alimentos, livros, dinheiro — ao seu filho, e não lhe pode dar a perícia e a experiência que os criaram ou recolheram, nem o método e lugar que ocupam na sua própria vida, o filho encontra-se com as mãos cheias — não para usar essas coisas, mas para as vigiar e defender dos seus inimigos naturais. Para ele, essas coisas não são meios, mas senhores.

Os inimigos não recuam: ferrugem, bolor, vermes, chuva, sol, cheia, fogo — todos reclamam o que lhes pertence. Enche-se de aborrecimento, e transforma-se de proprietário em guarda ou cão de guarda desse armazém de bens velhos e novos. Que mudança! Em vez do bom humor senhoril e da sensação de poder e engenho que o pai possuía — aquele a quem a natureza amava e temia, a quem a neve e a chuva, a água e a terra, os animais e os peixes pareciam conhecer e servir — temos agora uma criatura frágil, protegida por paredes e cortinas, fogões e edredões, cocheiros e criadas, contra a terra e o céu, e que, criada na dependência de tudo isso, se vê angustiada por tudo o que ameaça esses bens, e forçada a gastar tanto

tempo a protegê-los, que perdeu completamente de vista o seu uso original: ajudá-lo nos seus fins — na prossecução do amor, na ajuda ao amigo, na adoração de Deus, na ampliação do conhecimento, no serviço à pátria, na entrega ao sentimento. E é agora o que se chama um homem rico — servo e correio das suas riquezas.[1]

Daí acontece que todo o interesse da história reside na sorte dos pobres. Conhecimento, virtude, poder — são vitórias do homem sobre as suas necessidades, a sua marcha rumo ao domínio do mundo. Todo o homem deveria ter essa oportunidade de conquistar o mundo por si próprio. Apenas nos interessam esses homens — espartanos, romanos, sarracenos, ingleses, americanos — que enfrentaram a necessidade de frente e, com engenho e força, se libertaram dela e fizeram do homem um vitorioso.

Não desejo exagerar esta doutrina do trabalho, nem insistir que todo o homem deve ser agricultor — não mais do que que todo o homem deve ser lexicógrafo. De forma geral, pode-se dizer que a do agricultor é a mais antiga e universal das profissões, e que, quando um homem ainda não descobre em si vocação para um trabalho mais do que para outro, essa pode ser preferível.

Mas a doutrina da Quinta é, na verdade, apenas esta: que todo o homem deve manter uma relação primária com o trabalho do mundo; deve executá-lo por si próprio e não permitir que o acaso de ter uma bolsa no bolso, ou de ter sido educado numa arte desonrosa ou prejudicial, o separe desses deveres; e isto porque o trabalho é a educação de Deus; apenas é aprendiz sincero — e apenas pode tornar-se mestre — aquele que aprende os segredos do trabalho, e que, com verdadeira habilidade, arranca à natureza o seu cetro.

Nem eu fecho os ouvidos aos argumentos das profissões liberais — do poeta, do sacerdote, do legislador, dos homens de estudo em geral — nomeadamente, que na experiência de todos os dessa classe, a quantidade de trabalho manual necessária para sustentar uma família torna-se incompatível com o esforço intelectual. Sei que, muitas vezes — talvez geralmente — acontece que, onde há uma organização delicada, propensa à poesia e à filosofia, o indivíduo vê-se compelido a acompanhar os seus pensamentos, a desperdiçar vários dias para enaltecer um só, e é melhor educado por exercícios moderados e leves, como passear pelos campos, remar, patinar, caçar, do que pelo esforço bruto do lavrador ou do ferreiro.

Não quero esquecer completamente o venerável ensinamento dos mistérios egípcios, que declaravam que "o homem tem dois pares de olhos, e é necessário que

o par inferior se feche quando o par superior vê, e que, quando o superior se fecha, o inferior se abra."

Contudo, sugerirei que nenhuma separação do trabalho pode dar-se sem alguma perda de poder e de verdade para o próprio vidente; e não duvido de que os defeitos e vícios da nossa literatura e filosofia — a sua excessiva delicadeza, efeminização e melancolia — se devam aos hábitos debilitados e doentios da classe literária. Melhor seria que o livro não fosse tão bom, e o seu autor fosse mais capaz e íntegro — e que não fosse, tantas vezes, um contraste ridículo com tudo quanto escreveu.

Mas admitindo que, por motivos tão sagrados e preciosos, seja necessário algum alívio, penso que, se um homem sente em si forte inclinação para a poesia, para a arte ou para a vida contemplativa, e se vê atraído por essas coisas com uma devoção incompatível com uma boa lavoura, então deve cedo fazer as contas consigo próprio e, respeitando as compensações do Universo, resgatar-se dos deveres da economia por meio de certo rigor e privação nos seus hábitos. Por privilégios tão raros e grandiosos, não hesite em pagar um alto tributo.

Seja um cenobita, um pobre, e, se necessário, também celibatário. Aprenda a comer de pé, e a apreciar o sabor da água pura e do pão negro. Pode deixar aos outros as dispendiosas comodidades da casa, a hospitalidade faustosa e a posse de obras de arte. Que sinta que o génio é uma hospitalidade, e que quem pode criar obras de arte não precisa de as colecionar. Deve viver num aposento, e adiar as indulgências, prevenido e armado contra esse infortúnio frequente dos homens de génio — o gosto pelo luxo.

Esta é a tragédia do génio: tentar percorrer a eclíptica com um cavalo do céu e outro da terra — só há desarmonia, ruína e queda do coche e do cocheiro.

O dever de cada homem de assumir os seus próprios votos, de chamar à razão as instituições da sociedade e examinar a sua adequação a si próprio ganha ainda mais força se olharmos para os nossos modos de vida. É sagrada e honrosa a nossa administração doméstica? Eleva-nos e inspira-nos ou antes nos limita e enfraquece? Deveria ser armado por cada parte e função do meu lar, por toda a minha vida social, pela minha economia, pelas minhas festas, pelo meu voto, pelo meu comércio. E, no entanto, quase não sou parte de nada disto. O costume fá-lo por mim, não me dá qualquer poder, e ainda me endivida.

Gastamos os nossos rendimentos em tinta e papel, em cem ninharias — não sei em quê — e não naquilo que faz um homem. A nossa despesa é quase toda por

conformismo. É por bolo que nos endividamos; não é pelo intelecto, nem pelo coração, nem pela beleza, nem pelo culto. Porque precisa alguém de ser rico? Porque deve possuir cavalos, roupas finas, aposentos elegantes, acesso a casas públicas e diversões? Apenas por falta de reflexão. Dá-lhe uma nova imagem mental e ele foge para um jardim solitário ou para um sótão para a saborear, e é mais rico com esse sonho do que com a propriedade de um condado.

Mas primeiro somos irrefletidos, e depois descobrimos que estamos sem dinheiro. Primeiro somos sensuais, e depois temos de ser ricos. Não confiamos no nosso engenho para tornar agradável a nossa casa para o amigo — por isso compramos gelados. Ele está habituado a carpetes, e não temos carácter suficiente para lhe tirar isso da mente durante a visita, por isso cobrimos o chão de tapetes.

Antes seja a casa um templo das Fúrias de Lacedemónio, formidável e sagrado para todos, no qual só um espartano possa entrar ou sequer olhar. Logo que haja fé, logo que haja sociedade verdadeira, os doces e as almofadas serão deixados aos escravos. A despesa tornar-se-á inventiva e heroica. Comeremos com frugalidade e dormiremos com firmeza. Habitaremos, como os antigos romanos, em aposentos estreitos, enquanto os nossos edifícios públicos, como os deles, serão dignos da paisagem em que os colocamos — para a conversa, para a arte, para a música, para o culto. Seremos ricos para grandes propósitos, pobres apenas para os egoístas.

E agora — que remédio para estes males? Como pode um homem que aprendeu apenas uma arte obter honestamente todas as comodidades da vida? Atrevemo-nos a dizer o que pensamos? Talvez com as suas próprias mãos. Suponha que as reúne ou fabrica mal — ainda assim aprendeu a lição. E se não o puder fazer? Então talvez possa viver sem elas. Há imensa sabedoria e riqueza nisso. É melhor viver sem, do que possuí-las a um custo demasiado elevado.

Aprendamos o verdadeiro significado da economia. A economia é uma alta e nobre missão, um sacramento, quando o seu fim é elevado; quando é a prudência de gostos simples; quando é praticada por liberdade, amor ou devoção. Grande parte da economia que vemos nas casas tem origem mesquinha, e é melhor mantê-la fora de vista. Comer milho seco hoje, para ter galinha assada ao jantar de domingo, é uma vileza; mas viver de milho seco e numa casa de um só compartimento, para estar livre de todas as perturbações, para ser sereno e recetivo ao que a mente tiver a dizer, e pronto e em marcha para a mais humilde missão de conhecimento ou boa vontade — isso é frugalidade digna de deuses e heróis.

Não poderemos nós aprender a lição da autossuficiência?

A sociedade está cheia de pessoas débeis, que incessantemente chamam os outros para que as sirvam. Conseguem, em todo o lado, esgotar todos os meios e artifícios do luxo que a nossa invenção até agora alcançou, tudo para o seu conforto pessoal. Sofás, bancos estofados, fogões, vinho, caça, especiarias, perfumes, passeios, teatro, festas — tudo isto querem, tudo isto precisam, e tudo o que se possa sugerir além disso desejam também, como se fosse o pão que os impede de morrer à fome. E se lhes falta algum, consideram-se os mais injustiçados e infelizes da Terra.

Só convivendo com eles desde o nascimento se aprende a preparar uma refeição para o seu estômago erudito. Entretanto, nunca se levantam para servir outra pessoa — jamais! Têm muito mais a fazer por si mesmos do que podem cumprir, e nem sequer percebem a cruel ironia das suas vidas. Quanto mais odiosos se tornam, mais agudo é o tom das suas queixas e exigências.

Haverá algo mais elegante do que ter poucas necessidades e satisfazê-las por si mesmo, de modo a ter algo de sobra para dar — em vez de estar sempre pronto a agarrar? É mais elegante satisfazer as próprias necessidades do que ser servido com abundância. Talvez pareça pouco elegante hoje e para alguns — mas é uma elegância para sempre e para todos.

Não desejo ser absurdo nem pedante na reforma. Não desejo levar a minha crítica à sociedade ao ponto extremo que me leve ao suicídio ou ao isolamento absoluto das vantagens da vida civil. Se plantarmos de repente o pé no chão e dissermos: "Não comerei, nem beberei, nem vestirei, nem tocarei em qualquer alimento ou tecido que eu não saiba ser inocente, nem lidarei com pessoa cuja vida inteira não seja clara e racional", ficaremos paralisados. Quem vive assim? Nem eu; nem tu; nem ele.

Mas penso que devemos esclarecer-nos, cada um de nós, perguntando: "Ganhei hoje o meu pão com uma contribuição sincera das minhas energias para o bem comum?" E não devemos deixar de tender à correção dos males flagrantes, colocando uma pedra direita todos os dias.

Mas a ideia que agora começa a agitar a sociedade tem um alcance mais vasto do que os nossos trabalhos diários, os nossos lares e as instituições de propriedade. Devemos rever toda a nossa estrutura social: o Estado, a escola, a religião, o casamento, o comércio, a ciência — e explorar os seus alicerces na nossa própria natureza; devemos ver que o mundo não apenas serviu os homens de outrora, mas

deve servir-nos a nós — e libertarmo-nos de todos os usos que não tenham raízes na nossa própria mente.

Mas para que nasce o homem, senão para ser um Reformador, um Recriador do que o próprio homem fez; um renunciador de mentiras; um restaurador da verdade e do bem, imitando essa grande Natureza que nos envolve a todos, e que nunca dorme sobre um passado antigo, mas que a cada hora se renova, oferecendo-nos a cada manhã um novo dia, e a cada pulsação uma nova vida? Que ele renuncie a tudo o que não lhe é verdadeiro, que reconduza todas as suas práticas ao seu pensamento primeiro, e que nada faça para o qual não tenha o mundo inteiro como razão.

Se há inconvenientes e aquilo a que se chama ruína no caminho, é porque nos enfraquecemos e mutilámos a nós próprios; mas seria como morrer de perfumes afundarmo-nos no esforço de reconduzir os atos do dia à sua fonte sagrada e misteriosa: a vida. A força que é ao mesmo tempo mola e reguladora em todos os esforços de reforma é a convicção de que há uma dignidade infinita no homem, que se revelará quando chamada pela dignidade — e que todas as reformas particulares consistem apenas em remover obstáculos. Não será esse o mais alto dever: que o homem seja honrado em nós?

Não devo permitir que homem algum, por possuir vastas terras, sinta que é rico na minha presença. Devo fazê-lo sentir que posso prescindir das suas riquezas, que não posso ser comprado — nem pelo conforto, nem pelo orgulho — e, mesmo estando eu absolutamente sem um tostão, recebendo pão da sua mão, que ele é, ao meu lado, o homem pobre.

E se, ao mesmo tempo, uma mulher ou uma criança revela um sentimento de piedade ou uma forma de pensar mais justa do que a minha, devo reconhecê-lo com respeito e obediência — mesmo que isso venha a alterar toda a minha forma de vida.

Os americanos possuem muitas virtudes, mas não têm Fé nem Esperança. Não conheço duas palavras cujo significado tenha sido mais perdido. Usamo-las como se fossem tão obsoletas como "Selá" ou "Ámen". No entanto, têm o sentido mais vasto e a aplicação mais direta a Boston, neste ano. Os americanos têm pouca fé. Confiam no poder do dólar; são surdos ao sentimento. Pensam que é tão fácil calar o vento norte como elevar a sociedade — e nenhum grupo é mais incrédulo do que os estudiosos ou intelectuais.

Mas se falo com um homem sábio e sincero, com um amigo, com um poeta, com um jovem consciencioso ainda sob o domínio dos seus pensamentos selvagens, e ainda não preso à carroça da sociedade a arrastar connosco os sulcos do costume — vejo, de imediato, quão mesquinha é toda esta geração de descrentes, quão frágil a casa de cartas que são as suas instituições — e vejo o que um único homem corajoso, uma única grande ideia executada, poderia alcançar. Vejo que a razão da desconfiança do homem prático perante toda a teoria é a sua incapacidade de perceber os meios pelos quais operamos. Ele diz: "Olha para as ferramentas com que queres construir o teu mundo."

Assim como não se pode criar um planeta, com atmosfera, rios e florestas, com as melhores ferramentas de carpinteiro, engenheiro ou químico — também não se pode construir essa sociedade celeste de que falas com homens e mulheres fracos, doentes e egoístas como os que conhecemos. Mas o crente não apenas vê esse céu como possível — vê-o já a surgir. Não com os homens ou materiais do estadista, mas com homens transfigurados e elevados acima de si próprios pelo poder dos princípios. Aos princípios, algo mais é possível — algo que transcende todos os expedientes.

Cada grande e decisivo momento na história do mundo é triunfo de um entusiasmo. As vitórias dos árabes depois de Maomé, que, em poucos anos, a partir de origens humildes, fundaram um império maior do que o de Roma, são um exemplo. Eles fizeram o que nem sabiam que faziam. O nu Derar, montado numa ideia, era mais do que um esquadrão de cavalaria romana. As mulheres lutaram como homens, e venceram os romanos. Estavam miseravelmente equipados, mal alimentados. Eram tropas da Temperança. Nem aguardente nem carne lhes era necessária. Conquistaram a Ásia, África e Espanha com cevada.

O bastão do califa Omar inspirava mais terror do que a espada de outro homem. A sua dieta era pão de cevada; o seu condimento era sal — e muitas vezes, por ascetismo, comia o pão sem sal. Bebia água. O seu palácio era feito de barro. E, ao partir de Medina rumo à conquista de Jerusalém, montava um camelo vermelho, com um prato de madeira pendurado na sela, uma garrafa de água e dois sacos — um com cevada, outro com frutos secos.

Mas uma manhã mais nobre do que essa fé árabe nascerá sobre a nossa política, sobre os nossos modos de vida — a manhã do sentimento de amor. Este é o único remédio para todos os males, a panaceia da natureza. Precisamos de ser amantes — e de imediato o impossível torna-se possível. A nossa era e história, nestes últimos mil anos, não têm sido de bondade, mas de egoísmo.

A nossa desconfiança é muito dispendiosa. O dinheiro que gastamos em tribunais e prisões está mal aplicado. Criamos, com a desconfiança, o ladrão, o incendiário, o criminoso — e com o nosso tribunal e prisão perpetuamo-los. A aceitação do sentimento de amor em toda a cristandade, ainda que por uma temporada, traria o criminoso e o marginal à nossa beira em lágrimas, com a devoção das suas faculdades ao nosso serviço.

Vê esta vasta sociedade de homens e mulheres trabalhadores. Deixamos que nos sirvam. Vivemos afastados deles. Encontramo-los na rua sem um cumprimento. Não celebramos os seus talentos, nem nos alegramos com a sua boa sorte, nem alimentamos as suas esperanças, nem votamos, nas assembleias, por aquilo que lhes é caro. Assim desempenhamos o papel do nobre egoísta e do rei, desde o início do mundo.

Vê, esta árvore dá sempre o mesmo fruto. Em cada casa, a paz de um casal é envenenada pela malícia, preguiça e indiferença dos criados. Que duas donas de casa se encontrem — e logo a conversa resvala para os problemas com "a ajuda", como dizemos. Em cada grupo de trabalhadores, o homem rico não se sente entre amigos — e nas urnas, vê-os todos do outro lado.

Queixamo-nos de que as massas são manipuladas por homens interesseiros e conduzidas contra a justiça e o bem comum — e até contra os seus próprios interesses. Mas o povo não deseja ser representado pelos ignorantes e vis. Apenas votam neles porque lhes falaram com gentileza. Mas não os votarão por muito tempo. Inevitalmente preferem o engenho e a probidade.

Para usar uma metáfora egípcia: não é seu desejo, por muito tempo, "levantar as garras das feras e rebaixar as cabeças das aves sagradas". Que o nosso afeto se estenda aos nossos semelhantes — operaria, num só dia, a maior de todas as revoluções. É melhor atuar sobre as instituições com o sol do que com o vento. O Estado deve considerar o pobre, e todas as vozes devem falar por ele. Cada criança que nasce deve ter uma oportunidade justa para o seu pão.

Que a melhoria das leis de propriedade venha da concessão dos ricos, não da avidez dos pobres. Comecemos por partilhar habitualmente. Compreendamos que a regra equitativa é esta: ninguém deve tomar mais do que a sua parte, por muito rico que seja.

Que eu sinta que sou um amante. Cabe-me garantir que o mundo é melhor por minha causa, e encontrar a recompensa no próprio ato. O amor daria um novo rosto a este mundo velho e cansado em que habitamos como pagãos e inimigos há

demasiado tempo. E aqueceria o coração ver com que rapidez a diplomacia vã dos estadistas, a impotência dos exércitos, das marinhas e das linhas de defesa seriam substituídas por esta criança desarmada.

O amor infiltra-se onde não pode caminhar; realiza o que a força nunca conseguiria — por meios invisíveis, sendo ele próprio alavanca, ponto de apoio e poder. Nunca viste, numa manhã tardia de outono, no bosque, um cogumelo — uma planta sem solidez, quase uma geleia — abrir caminho gentilmente através do solo gelado e levantar com a cabeça uma crosta dura? É o símbolo do poder da bondade.

A virtude deste princípio, aplicada aos grandes interesses da sociedade humana, está obsoleta e esquecida. Uma ou duas vezes na história foi tentada em exemplos ilustres, com sucesso notável. Esta nossa cristandade grande, inchada e moribunda ainda mantém, ao menos, o nome de amante da humanidade. Mas um dia todos os homens serão amantes, e toda a calamidade se dissolverá ao sol universal.

Permites-me acrescentar mais um traço a este retrato do homem reformador? O mediador entre o mundo espiritual e o mundo real deve ter uma grande prudência antecipatória. Um poeta árabe descreve o seu herói dizendo:

Era ele luz solar
no dia de inverno;
e na plenitude do verão,
frescura e sombra.

Aquele que deseja ajudar a si mesmo e aos outros não deve ser um sujeito de impulsos virtuosos irregulares e interrompidos, mas sim uma pessoa constante, persistente, inabalável — como já vimos algumas, dispersas ao longo do tempo, para bênção do mundo; homens que possuem, na gravidade da sua natureza, uma qualidade comparável ao volante de inércia de um moinho, que distribui o movimento de forma uniforme entre todas as rodas e impede que ele se manifeste de forma desigual e súbita, com choques destrutivos.

É melhor que a alegria se espalhe ao longo do dia na forma de força, do que se concentre em êxtases perigosos e seguidos de reações. Há uma prudência sublime, talvez a mais alta que conhecemos no homem, que, acreditando num vasto futuro — certa de que há mais por vir do que aquilo que ainda se vê — sacrifica sempre a hora presente pela totalidade da vida; sacrifica o talento ao génio, e os resultados imediatos ao carácter. Assim como o comerciante retira dinheiro do seu rendimento para o adicionar ao capital, também o grande homem está disposto a perder talentos e poderes específicos, desde que ganhe em elevação de vida.

A abertura dos sentidos espirituais dispõe os homens a maiores sacrifícios, a deixar para trás os seus dons mais notáveis, os seus melhores meios e habilidades para obter sucesso imediato, o seu poder e a sua fama — a abandonar tudo, na sede insaciável de comunhão divina. Uma fama mais pura, um poder maior recompensam esse sacrifício. É a conversão da colheita em semente. Assim como o lavrador lança à terra as espigas mais finas do seu grão, chegará o tempo em que também nós nada reteremos, e converteremos ansiosamente mais do que possuímos em meios e poderes — e estaremos dispostos a semear o sol e a lua como sementes.

"EXPERIÊNCIA"

Resumo:
O ensaio *"Experience"*, de Ralph Waldo Emerson, sublinha a importância da experiência pessoal como fonte de conhecimento e sabedoria. Emerson argumenta que são as vivências individuais — e não os livros ou autoridades externas — o meio mais valioso para o autoconhecimento e a compreensão do mundo. Contudo, ele também adverte contra a dependência excessiva do passado, pois o momento presente é sempre único e requer uma abordagem nova. No final, convida-nos a abraçar a nossa própria experiência e a usá-la para cultivar uma vida mais autêntica e plena.

Os senhores da vida, os senhores da vida,
Eu vi-os passar,
Na sua própria forma,
Semelhantes e distintos,
Robustos e sombrios,
Uso e Surpresa,
Superfície e Sonho,
Sucessão veloz, e Erro espectral,
Temperamento sem língua,
E o inventor do jogo
Omnipresente e sem nome; —
Alguns visíveis, outros adivinhados,
Marchavam de oriente a ocidente:
Pequeno homem, o menor de todos,
Entre as pernas dos seus guardiões altos,
Caminhava com ar confuso: —

A ele, pela mão, a querida natureza tomou;
Querida natureza, forte e gentil,
Sussurrou: "Querido, não te preocupes!
Amanhã terão outro rosto,
Tu és o fundador! Esta é a tua raça!"

Onde nos encontramos?

Num percurso de que não conhecemos os extremos, e no qual acreditamos que não existem. Acordamos e damos por nós numa escada; há degraus abaixo, que parecemos ter subido; há degraus acima, muitos, que sobem e desaparecem da vista. Mas o Génio que, segundo a antiga crença, se encontra à porta pela qual entramos e nos dá o letes a beber — para que não contemos histórias — misturou a taça demasiado forte, e não conseguimos sacudir a letargia, nem mesmo ao meio-dia.

O sono persiste durante toda a vida, como a noite paira, mesmo de dia, nos ramos do pinheiro. Tudo ondula e brilha. A nossa vida não está tanto ameaçada quanto a nossa perceção. Como fantasmas, deslizamos pela natureza, e não reconheceríamos o nosso lugar se o víssemos. Terá sido o nosso nascimento em algum acesso de indigência e contenção da natureza, que foi tão avara do fogo e tão generosa com a terra, que parece faltar-nos o princípio afirmativo — e, embora tenhamos saúde e razão, não temos espírito em excesso para criar algo novo?

Temos o suficiente para viver e fazer passar o ano, mas nem uma onça para investir ou partilhar. Ah, se o nosso Génio fosse um pouco mais... génio! Somos como moleiros nos níveis inferiores de um rio, quando as fábricas a montante já consumiram toda a água. Também nós imaginamos que os de cima ergueram as suas comportas.

Se ao menos algum de nós soubesse o que está a fazer, ou para onde vai — especialmente quando pensamos que sabemos! Não sabemos hoje se estamos ocupados ou ociosos. Em tempos em que nos julgámos indolentes, acabámos por descobrir que muito foi realizado — e muito começou dentro de nós. Todos os nossos dias parecem tão pouco proveitosos enquanto decorrem, que é um mistério sabermos quando ou onde adquirimos aquilo a que chamamos sabedoria, poesia, virtude.

Nunca as obtivemos num dia com data marcada. Algum dia celeste terá sido intercalado algures — como aqueles que Hermes ganhou aos dados com a Lua, para que Osíris pudesse nascer.

Dizem que todos os martírios pareceram triviais quando foram sofridos. Todos os navios são objetos românticos — exceto aquele em que navegamos. Embarca, e o romance abandona o teu barco e pousa em cada vela distante no horizonte. A nossa vida parece banal, e evitamos registá-la. Os homens parecem ter aprendido com o horizonte a arte de recuar perpetuamente.

"Além, nas colinas, há bons pastos; o meu vizinho tem prados férteis, mas o meu campo" — diz o lavrador queixoso — "só serve para manter o mundo unido." Cito as palavras de outro; infelizmente, esse outro também se retira da mesma maneira — e cita-me a mim. É o truque da natureza: degradar o dia de hoje.

Muito alarido — e, algures, um resultado escapa-se, quase por magia. Todo o telhado agrada ao olhar — até o levantarmos; aí encontramos tragédia, mulheres que choram, maridos de olhar duro, e dilúvios de letes. E os homens perguntam: "Quais são as novidades?", como se o antigo fosse tão mau.

Quantos indivíduos podemos contar na sociedade? Quantas ações? Quantas opiniões? Tanto do nosso tempo é preparação, tanto é rotina, tanto é retrospetiva, que a essência do génio de cada homem condensa-se em poucas horas. A história da literatura — se tirarmos a soma final de Tiraboschi, Warton ou Schlegel — resume-se a muito poucas ideias e a poucos contos originais; o resto é variação.

Assim também, nesta vasta sociedade em redor, uma análise crítica encontraria pouquíssimas ações espontâneas. Quase tudo é costume e senso grosseiro. Até as opiniões são poucas — e parecem orgânicas nos seus emissores, não perturbando a necessidade universal.

Que ópio se introduz em todo o desastre! Parece terrível à aproximação — mas, no fim, não há fricção áspera, apenas superfícies escorregadias. Caímos suavemente... sobre um pensamento. Ate Dea é gentil,

**"Caminhando sobre as cabeças dos homens,
Com pés suaves pisando tão leve."**

As pessoas lamentam-se e choram por si próprias, mas não estão nem metade tão mal quanto dizem. Há estados de alma em que cortejamos o sofrimento, na esperança de que aí, pelo menos, encontraremos a realidade — os ângulos agudos e cruas superfícies da verdade. Mas tudo se revela como cenário pintado, como imitação. A única coisa que a dor me ensinou foi a sua própria superficialidade. Tal como tudo o resto, ela brinca à superfície e nunca me conduz à realidade — esse contato pelo qual, até, pagaríamos o alto preço de filhos ou amantes.

Foi Boscovich quem descobriu que os corpos nunca se tocam? Pois bem, as almas também nunca tocam os seus objetos. Um mar intransponível lava com ondas silenciosas entre nós e aquilo a que aspiramos ou com quem convivemos. A dor, também, leva-nos ao idealismo. Com a morte do meu filho, há já mais de dois anos, sinto como se tivesse perdido uma bela propriedade — nada mais. Não consigo aproximá-la mais de mim.

Se amanhã me dissessem que os meus principais devedores entraram em falência, a perda dos meus bens seria um grande incómodo — talvez por muitos anos; mas deixar-me-ia tal como me encontrou — nem melhor nem pior. Assim é esta calamidade: não me atinge. Algo que eu imaginava ser parte de mim, que não poderia ser arrancado sem me rasgar, nem ampliado sem me enriquecer, cai — e não deixa cicatriz. Era caducifólio.

Lamento que a dor não me ensine nada, nem me leve um só passo mais perto da natureza real. O índio que foi amaldiçoado para que o vento não o tocasse, nem a água lhe corresse, nem o fogo o queimasse, é um símbolo de todos nós. Os acontecimentos mais queridos são como chuva de verão, e nós somos os impermeáveis que repelem cada gota. Nada nos resta senão a morte. Contemplamo-la com uma satisfação sombria, dizendo: ali, ao menos, está uma realidade que não nos escapará.

Tomo esta evanescência e escorregadiça natureza de todas as coisas — que nos escapam por entre os dedos no instante em que as agarramos com mais força — como o aspeto mais indelicado da nossa condição. A natureza não gosta de ser observada, prefere que sejamos seus tolos e companheiros de brincadeira. Podemos ter a esfera como bola de críquete, mas nem uma baga para a nossa filosofia. Ela nunca nos concedeu o poder de golpes diretos: todos os nossos impactos são oblíquos, todos os acertos acidentais. As nossas relações uns com os outros são casuais e enviesadas.

O sonho entrega-nos ao sonho, e a ilusão não tem fim. A vida é um comboio de estados de espírito, como um fio de contas coloridas, e, ao passarmos por eles, revelam-se lentes que pintam o mundo com a sua própria cor — cada uma mostrando apenas o que está no seu foco. Da montanha, vê-se a montanha. Animamos o que podemos — e só vemos aquilo que animamos. A natureza e os livros pertencem aos olhos que os veem. Depende do estado de espírito do homem ver o pôr-do-sol ou um belo poema. Pôr-do-sol há sempre, e génio também; mas são poucas as horas serenas em que os podemos saborear. O mais ou menos depende da estrutura, do temperamento.

O temperamento é o fio de ferro onde se enlaçam as contas. De que serve a fortuna ou o talento a uma natureza fria e defeituosa? Que importa quanta sensibilidade ou discernimento alguém já mostrou, se adormece na cadeira? Ou se ri e se agita? Ou se desculpa? Ou é afetado pelo egotismo? Ou pensa apenas no dinheiro? Ou não consegue passar sem comida? Ou teve um filho quando ainda era um rapaz?

De que serve o génio, se o órgão é demasiado convexo ou demasiado côncavo e não encontra foco no horizonte real da vida humana? De que serve, se o cérebro é demasiado frio ou demasiado quente, e o homem não se importa o suficiente com os resultados para se dedicar à experiência e nela perseverar? Ou se o seu tecido é demasiado fino, demasiado sensível ao prazer e à dor, de modo que a vida estagna por excesso de receção e falta de saída?

De que vale fazer votos heroicos de reforma, se o mesmo velho transgressor é quem deve cumpri-los? Que consolo pode trazer o sentimento religioso, se se suspeita que ele depende secretamente das estações do ano e do estado do sangue? Conheci um médico espirituoso que encontrava teologia no canal biliar, e afirmava que, se o fígado estivesse doente, o homem tornava-se calvinista; se estivesse saudável, tornava-se unitarista.

Muito humilhante é a experiência relutante de que algum excesso ou debilidade anula a promessa do génio. Vemos jovens que nos devem um novo mundo, tão generosamente prometem — mas nunca saldam a dívida. Morrem jovens e escapam à responsabilidade — ou, vivendo, perdem-se na multidão.

O temperamento também entra plenamente no sistema de ilusões e encerra-nos numa prisão de vidro que não vemos. Há uma ilusão ótica em cada pessoa que encontramos. Na verdade, todos são criaturas de temperamento dado, que se manifestará num carácter específico, cujos limites nunca ultrapassarão; mas olhamo-los, e parecem vivos, e presumimos que há impulso neles. No momento, parece haver impulso; ao fim de um ano ou de uma vida, descobre-se que é apenas a melodia constante de um cilindro musical em rotação.

De manhã, os homens resistem a essa conclusão; ao cair da noite, aceitam-na: o temperamento prevalece sobre tudo — tempo, lugar, condição — e é incombustível nas chamas da religião. A moralidade impõe algumas modificações, mas a textura individual domina, senão para desviar os juízos morais, então para fixar a medida da atividade e do prazer.

Exprimo assim a lei como ela se lê no plano da vida comum, mas não a devo deixar sem notar a grande exceção. O temperamento é uma força que ninguém gosta de ver elogiada — exceto por si mesmo. No plano da física, não resistimos às influências redutoras da chamada ciência. O temperamento afasta toda a divindade. Conheço a inclinação mental dos médicos. Oiço o riso dos frenologistas. Raptadores e escravistas teóricos, consideram cada homem vítima de outro, que o manipula por conhecer a lei do seu ser — e por sinais tão baratos como a cor da barba ou a inclinação do crânio, decifra o inventário do seu destino e carácter.

A ignorância mais crassa não choca tanto quanto esta sabichonice insolente. Os médicos dizem que não são materialistas — mas são: o espírito é, para eles, matéria em extremo grau de rarefação. Oh, tão fino! Mas a verdadeira definição do espiritual é: aquilo que é sua própria prova.

Que noções associam eles ao amor! e à religião! Nem se pronunciam essas palavras na presença deles sem que as profanem. Vi um senhor afável que adaptava a conversa ao formato da cabeça do interlocutor! Sempre acreditei que o valor da vida reside nas suas possibilidades indecifráveis — no facto de nunca sabermos, ao dirigir-nos a um novo ser humano, o que nos pode acontecer. Trago as chaves do meu castelo na mão, pronto a lançá-las aos pés do meu senhor, sempre que e sob que forma ele surja. Sei que está por perto, escondido entre vagabundos.

Devo excluir o meu futuro, sentar-me em trono e adaptar amavelmente o discurso ao formato das cabeças? Se assim for, que os doutores me comprem por um cêntimo. — "Mas, senhor, a história médica; o relatório do Instituto; os factos provados!" — Desconfio dos factos e das conclusões. O temperamento é o poder de veto na constituição — justamente aplicado para conter excessos opostos, mas absurdamente invocado como barreira contra a justiça original.

Quando a virtude se faz presente, todas as potências secundárias adormecem. No seu plano próprio, ou perante a natureza, o temperamento é final. Não vejo, se alguém cai nesta armadilha das chamadas ciências, qualquer fuga das correntes da necessidade física. Dado tal embrião, seguirá tal história. Neste plano, vive-se num chiqueiro de sensualidade — e logo se chegaria ao suicídio.

Mas é impossível que o poder criativo se exclua a si mesmo. Em toda inteligência há uma porta que nunca se fecha — por onde entra o criador. O intelecto, buscador da verdade absoluta, ou o coração, amante do bem absoluto, intervém para nos socorrer; e ao mínimo sussurro dessas altas forças, despertamos das lutas inúteis

com este pesadelo. Atiramo-lo ao seu próprio inferno — e não conseguimos mais contrair-nos a um estado tão vil.

O segredo da ilusão está na necessidade de sucessão de estados de espírito e de objetos. Bem gostaríamos de ancorar — mas o fundo é areia movediça. Esse impulso progressivo da natureza é demasiado forte para nós: *Eppur si muove*.

Quando, à noite, olho a lua e as estrelas, pareço imóvel, e elas a mover-se. O nosso amor pelo real atrai-nos à permanência, mas a saúde do corpo está na circulação, e a sanidade da mente na variedade e na capacidade de associação. Precisamos de mudança de objetos. A dedicação a um só pensamento rapidamente se torna odiosa. Habitamos com os insanos — e devemos acalmá-los; então, a conversa morre.

Certa vez, deleitei-me tanto com Montaigne que achei não precisar de mais nenhum livro; antes disso, com Shakespeare; depois com Plutarco; depois com Plotino; por um tempo, com Bacon; depois com Goethe; até mesmo com Bettine; mas agora folheio qualquer um deles com languidez — embora ainda respeite o seu génio.

Assim é com as imagens: cada uma suporta uma atenção intensa uma vez — mas não a mantém. Por mais que desejemos, não conseguimos continuar a apreciá-las da mesma forma. Senti-o intensamente com as pinturas — quando se vê bem uma, é preciso despedir-se dela; nunca mais se verá igual. Tive boas lições com quadros que, ao revê-los, já não me despertaram emoção nem comentário.

Deve fazer-se um desconto às opiniões que até os sábios expressam sobre um novo livro ou acontecimento. A opinião deles dá-me notícia do seu estado de espírito — e uma vaga ideia do novo facto — mas não é, de modo algum, confiável como relação duradoura entre aquele intelecto e aquela coisa.

A criança pergunta: “Mamã, porque já não gosto da história como ontem?” Ai, criança, assim é até para os mais antigos querubins do conhecimento. Mas responderá isso à tua pergunta se dissermos: “Porque nasceste para o todo — e esta história é apenas uma parte”?

A razão da dor que esta descoberta nos causa (e que fazemos tarde, no que toca à arte e ao intelecto), é o lamento trágico que ela murmura em relação às pessoas — à amizade e ao amor.

Aquela imobilidade e ausência de elasticidade que encontramos nas artes, encontramos com maior dor no artista. Não há poder de expansão nos homens. Os nossos amigos surgem-nos, desde cedo, como representantes de certas ideias — que nunca ultrapassam. Estão à beira do oceano do pensamento e do poder, mas nunca dão o passo único que os levaria até lá.

O homem é como um fragmento de feldspato da Labrador, que não brilha enquanto o giramos na mão — até que o colocamos sob um ângulo particular, revelando então cores profundas e belas. Não há adaptabilidade ou aplicação universal nos homens; cada um tem o seu talento específico, e o domínio dos homens de sucesso consiste em manter-se, com destreza, onde e quando esse ângulo possa ser mais frequentemente utilizado.

Fazemos o que temos de fazer — e chamamos-lhe os melhores nomes possíveis, desejando o elogio por termos supostamente querido o resultado que obtemos. Não consigo lembrar-me de nenhuma forma humana que, por vezes, não seja supérflua. Mas não será isto lamentável? A vida não vale a pena ser vivida apenas para fazer malabarismos.

Claro está: é necessário o todo da sociedade para dar a simetria que buscamos. A roda multicolorida tem de girar muito depressa para parecer branca. E há algo a aprender, também, na convivência com tanta tolice e imperfeição. Em suma, quem quer que perca, estamos sempre do lado que ganha. A divindade está por trás dos nossos fracassos e disparates também. As brincadeiras das crianças são disparates — mas muito educativos. Assim é com as coisas mais vastas e solenes: o comércio, o governo, a igreja, o casamento — e com a história do pão de cada um e os caminhos pelos quais o obtemos.

Como um pássaro que nunca poisava, saltando perpetuamente de ramo em ramo, é o Poder que não reside em homem nem mulher — mas por um instante fala através deste, por outro através daquele.

Mas que ajuda nos dão estas finuras ou pedantismos? Que ajuda nos dá o pensamento? A vida não é dialética. Nós, nestes tempos, já tivemos lições suficientes sobre a futilidade da crítica. Os nossos jovens pensaram e escreveram bastante sobre trabalho e reforma — e, por mais que tenham escrito, nem o mundo, nem eles próprios avançaram um passo. A degustação intelectual da vida não substitui a atividade muscular. Se um homem considerasse em demasia a delicadeza da passagem de um pedaço de pão pela garganta, morreria à fome.

Na Quinta-Educação, a mais nobre teoria de vida sentava-se sobre as mais nobres figuras de jovens e donzelas — completamente impotente e melancólica. Não se dignava a virar ou ajuntar um fardo de feno, não esfregava um cavalo — e deixava homens e mulheres pálidos e famintos.

Um orador político comparou com humor as promessas do seu partido às estradas do Oeste: começavam com pompa, ladeadas de árvores, a seduzir o viajante, mas logo estreitavam e terminavam num trilho de esquilo que subia por uma árvore. Assim acontece com a cultura entre nós: termina em dor de cabeça.

A vida revela-se indescritivelmente triste e estéril para aqueles que, há poucos meses, estavam deslumbrados com o brilho das promessas do tempo. "Já não existe nenhum rumo reto a seguir, nem qualquer autossacrifício entre os iranianos." Objeções e críticas — disso estamos fartos. Há objeções a todo o modo de vida e ação, e a sabedoria prática deduz daí uma certa indiferença, face à omnipresença da objeção. Todo o quadro da existência prega a indiferença. Não te enlouqueças a pensar — vai tratar da tua vida, em qualquer lugar.

A vida não é intelectual nem crítica, mas vigorosa. O seu maior bem pertence a pessoas equilibradas, que conseguem desfrutar do que encontram — sem questionar. A natureza odeia espreitar; e as nossas mães exprimem bem o seu espírito quando dizem: "Crianças, comam e não façam mais perguntas." Preencher a hora — isso é felicidade; preenchê-la sem deixar espaço para arrependimento ou aprovação.

Vivemos entre superfícies, e a verdadeira arte da vida é saber deslizar bem sobre elas. Sob os mais velhos e bolorentos costumes, um homem de força nativa prospera tão bem como no mais novo mundo — graças à arte de manejar e tratar. Ele pode agarrar-se a qualquer lado. A própria vida é mistura de força e forma, e não tolera o mínimo excesso de nenhuma delas.

Concluir o momento, encontrar o fim da jornada em cada passo do caminho, viver o maior número de boas horas — isso é sabedoria. Não cabe ao homem, mas ao fanático, ou, se quiserem, ao matemático, dizer que — considerando a brevidade da vida — tanto faz estarmos deitados na miséria como sentados no alto. Sendo a nossa missão lidar com momentos, saibamos aproveitá-los. Cinco minutos de hoje valem tanto quanto cinco minutos no próximo milénio. Sejamos equilibrados, sábios, e pertençamos a nós próprios — hoje.

Tratemos bem os homens e as mulheres: tratemo-los como se fossem reais — talvez o sejam. Os homens vivem no seu imaginário, como bêbedos cujas mãos são

demasiado suaves e trémulas para o trabalho eficaz. É uma tempestade de fantasias — e o único lastro que conheço é o respeito pela hora presente.

Sem sombra de dúvida, no meio deste turbilhão de aparências e política, fixo-me cada vez mais na convicção de que não devemos adiar, nem referir, nem desejar — mas sim praticar justiça sólida onde estamos, com quem quer que lidemos, aceitando os nossos companheiros e circunstâncias — por mais humildes ou odiosos — como os oficiais místicos a quem o universo confiou todo o seu prazer para nós.

Se forem vis e malévolos, o seu contentamento — que é a última vitória da justiça — é eco mais reconfortante ao coração do que a voz dos poetas ou a simpatia passageira de almas admiráveis. Creio que, por mais que um homem pensativo sofra com os defeitos e absurdos da sua companhia, não pode, sem afetação, negar a qualquer conjunto de homens e mulheres uma sensibilidade ao mérito extraordinário. Os rudes e frívolos têm um instinto de superioridade — senão simpatia — e, à sua maneira cega e caprichosa, prestam-lhe sincera homenagem.

Os jovens refinados desprezam a vida, mas para mim — e para os que, como eu, estão livres da dispepsia, e para quem um dia é um bem sólido e sonoro — é um excesso de cortesia parecer altivo e chorar por companhia. Tornei-me, por simpatia, algo ansioso e sentimental; mas deixem-me só, e saboreio cada hora e tudo o que ela traz — o que quer que o dia me ofereça — tão de coração como o mais velho conversador da taberna.

Sou grato pelas pequenas graças. Comparei notas com um amigo que espera tudo do universo e se dececiona sempre que algo é menos que perfeito — e percebi que parto do extremo oposto: não espero nada e estou sempre agradecido pelo que recebo de moderado. Aceito o estrondo e a dissonância de tendências contrárias. Até nos ébrios e aborrecidos encontro utilidade — pois conferem realidade à imagem em redor, da qual uma aparência tão meteórica bem pouco pode prescindir.

De manhã, acordo e reencontro o velho mundo: esposa, filhos, mãe, Concord e Boston — o querido mundo espiritual antigo — e até o velho diabo não está longe. Se soubermos aceitar o bem que encontramos, sem interrogar, receberemos em medidas cheias.

Os grandes dons não se obtêm por análise. Tudo o que é bom está na estrada comum. A região intermédia do nosso ser é a zona temperada. Podemos escalar o reino frio e rarefeito da geometria pura e da ciência morta, ou mergulhar no da sensação. Entre esses extremos está o equador da vida, do pensamento, do espírito, da poesia — uma faixa estreita.

Além disso, pela experiência popular, tudo o que é bom está na estrada comum. Um colecionador espreita em todas as lojas de arte da Europa, em busca de uma paisagem de Poussin, de um esboço de Salvator; mas a Transfiguração, o Juízo Final, a Comunhão de São Jerónimo — e obras tão transcendentais quanto estas — estão nas paredes do Vaticano, dos Uffizi, ou do Louvre — onde qualquer criado as pode ver; sem falar nas imagens da natureza em cada rua, nos amanheceres e entardeceres diários, e na escultura do corpo humano, sempre presente.

Um colecionador comprou, num leilão público em Londres, por cento e cinquenta e sete guinéus, um autógrafo de Shakespeare; mas por nada um rapaz pode ler *Hamlet*, e ali detetar segredos de suma importância ainda não publicados.

Creio que nunca mais lerei senão os livros mais comuns — a Bíblia, Homero, Dante, Shakespeare e Milton.

E então, impacientamo-nos com uma vida e um planeta tão públicos, e corremos de um lado para o outro em busca de recantos e segredos. A imaginação encanta-se com o engenho dos índios, dos caçadores e dos apanhadores de mel. Imaginamos ser estranhos — e não tão domesticados neste planeta quanto o homem selvagem, a besta ou o pássaro. Mas a exclusão alcança também esses: atinge o que voa, o que rasteja, o que trepa — seja com penas ou com patas. A raposa e a marmota, o falcão e o maçarico, o saracura — quando vistos de perto — não têm raízes mais fundas no mundo do que o homem, e são tão inquilinos superficiais do globo quanto ele.

Depois, a nova filosofia molecular revela espaços astronómicos entre átomo e átomo, mostra que o mundo é todo exterior: não tem interior.

O mundo intermédio é o melhor. A Natureza, tal como a conhecemos, não é santa. As luzes da Igreja, os ascetas, os hindus e os vegetarianos de Graham, ela não distingue com qualquer favor. Ela vem a comer, beber e pecar. Os seus prediletos — os grandes, os fortes, os belos — não são filhos da nossa lei, não saem da Escola Dominical, não pesam os alimentos, nem cumprem pontualmente os mandamentos. Se quisermos ser fortes com a sua força, não podemos albergar consciências desoladas, emprestadas ainda por cima de outras nações. Devemos erguer o forte tempo presente contra todos os rumores de cólera, passados ou futuros.

Tantas coisas estão por resolver, que seria de primeira importância resolver — e, enquanto não estão resolvidas, fazemos como fazemos. Enquanto prossegue o debate sobre a equidade do comércio, que não se encerrará por um século ou dois, a Nova e a Velha Inglaterra podem continuar a comerciar. A lei do copyright e do

copyright internacional está em discussão, e, entretanto, venderemos os nossos livros pelo valor que pudermos. A conveniência da literatura, a razão de ser da literatura, a legitimidade de escrever um pensamento estão em causa; há muito a dizer de ambos os lados e, enquanto a luta se acende, tu, querido estudioso, mantém-te fiel à tua tarefa insensata, acrescenta uma linha a cada hora, e entre intervalos mais uma.

O direito à propriedade da terra, o direito de propriedade em si está em disputa, e as convenções reúnem-se, e antes que se vote, continua a cavar no teu jardim e a gastar os teus ganhos como um dom vindo dos deuses para todos os propósitos belos e serenos.

A própria vida é uma bolha, um ceticismo, um sono dentro de um sono. Concede-se tudo isso — e mais ainda, se quiserem — mas tu, amado de Deus, escuta o teu sonho privado: não darás falta na zombaria nem no ceticismo: há muitos para isso; permanece no teu recanto e trabalha, até que os outros decidam o que fazer.

Dizem que a tua doença, o teu hábito frágil, exigem que faças isto ou evites aquilo, mas sabe que a tua vida é um estado passageiro, uma tenda por uma noite, e tu, doente ou são, termina o teu quinhão. Estás doente, mas não piorarás, e o universo, que te estima, será melhor por ti.

A vida humana é feita de dois elementos: força e forma, e a proporção entre ambos deve manter-se invariavelmente, se quisermos que seja doce e sã. Cada um destes elementos, em excesso, causa dano tão grande como a sua falta. Tudo tende ao excesso: toda a boa qualidade, se isolada, torna-se nociva e, para levar o perigo ao limite da ruína, a natureza faz com que cada peculiaridade de um homem se exagere.

Aqui, entre as quintas, citamos os estudiosos como exemplos desta traição. São vítimas da expressão. Tu, que vês o artista, o orador, o poeta de perto, e descobres que a sua vida não é mais excelente do que a dos mecânicos ou agricultores, e que eles próprios são vítimas da parcialidade, ocos e macilentos, e os consideras fracassos — não heróis, mas charlatões — concluis com razão que estas artes não são para o homem, mas sim uma doença. Contudo, a natureza não te dará razão. A natureza irresistível fez os homens assim, e faz legiões mais todos os dias. Amas o rapaz que lê um livro, que contempla um desenho ou uma estátua: mas o que são esses milhões que leem e contemplam senão escritores e escultores em começo? Acrescenta um pouco mais dessa qualidade que agora apenas lê e vê, e eles tomarão a pena e o cinzel.

E se um homem se lembra de como inocentemente começou a ser artista, percebe que a natureza estava aliada ao seu inimigo. O homem é uma impossibilidade dourada. A linha que deve percorrer tem a espessura de um fio de cabelo. O sábio, por excesso de sabedoria, torna-se tolo.

Com que facilidade, se o destino o permitisse, poderíamos conservar para sempre estes limites belos e ajustar-nos, de uma vez por todas, à perfeita equação do reino das causas e efeitos conhecidas. Na rua e nos jornais, a vida parece um negócio simples, onde uma resolução viril e a fidelidade à tabuada, em todos os climas, asseguram o sucesso.

Mas ah! Eis que vem um dia — ou talvez apenas meia hora — com o seu sussurro angélico, a desconcertar as conclusões de nações e de anos!

No dia seguinte, tudo parece de novo real e anguloso, os padrões habituais são restabelecidos, o senso comum é tão raro quanto o génio, sendo a sua base, e a experiência é as mãos e os pés de todo o empreendimento; — e ainda assim, aquele que conduzisse a sua vida por esse entendimento, rapidamente falia. O poder segue um caminho totalmente diferente dos atalhos da vontade e da escolha: segue túneis subterrâneos e invisíveis.

É ridículo que sejamos diplomatas, médicos e pessoas ponderadas: não há patetas maiores do que esses. A vida é uma série de surpresas, e não valeria a pena ser vivida sem elas. Deus delicia-se em isolar-nos todos os dias, escondendo-nos o passado e o futuro. Queremos olhar em volta, mas com grande delicadeza Ele puxa diante de nós um ecrã impenetrável do mais puro céu, e outro atrás.

"Não te lembrarás", parece dizer, "nem esperarás". Toda boa conversa, modos e ações nascem de uma espontaneidade que esquece os usos e engrandece o momento. A Natureza odeia calculistas; os seus métodos são intermitentes e impulsivos. O homem vive por impulsos; os nossos movimentos orgânicos são assim; os agentes químicos e etéreos são ondulatórios e alternados; e a mente avança por antagonismos e nunca prospera senão aos arranques.

Prosperamos por acasos. As nossas experiências principais foram casuais. A classe mais atraente de pessoas é a que tem poder obliquamente, e não por golpe direto: homens de génio ainda não reconhecidos: recebe-se a luz do seu brilho sem se pagar um imposto elevado. Possuem a beleza do pássaro, ou da luz da manhã, e não da arte.

No pensamento do génio há sempre surpresa; e o sentimento moral é bem chamado "a novidade", pois nunca é outra coisa: tão novo para a inteligência mais antiga como para a criança — "o reino que vem sem que se dê por ele".

Do mesmo modo, para o sucesso prático, não deve haver excesso de desígnio. Um homem não é notado a fazer o que faz melhor. Há uma certa magia na sua ação mais própria que entorpece a tua observação, de modo que, embora aconteça diante de ti, não dás por isso.

A arte da vida tem pudor e não se expõe. Todo o homem é uma impossibilidade até nascer; tudo é impossível até vermos um sucesso. Os ardores da piedade acabam por concordar com o ceticismo mais frio: que nada é nosso ou das nossas obras — tudo é de Deus.

A Natureza não nos poupará nem uma folha de louro. Toda a escrita vem pela graça de Deus, e todo o fazer e ter. De bom grado seria moral, e manteria os devidos limites, que muito estimo, e concederia o máximo à vontade humana, mas neste capítulo, coloquei o meu coração na honestidade e, no fim, nada vejo no sucesso ou no fracasso senão mais ou menos força vital fornecida pelo Eterno.

Os resultados da vida são incalculados e incalculáveis. Os anos ensinam muito do que os dias nunca sabem. As pessoas que compõem a nossa companhia, conversam, vão e vêm, planeiam e executam muitas coisas, e algo surge de tudo isso, mas um resultado inesperado.

O indivíduo está sempre enganado. Planeou muitas coisas, envolveu outros como cúmplices, zangou-se com alguns ou com todos, cometeu muitos erros, e algo se fez; todos avançaram um pouco, mas o indivíduo está sempre enganado. O que surge é algo novo, e muito diferente do que ele esperava.

Os antigos, impressionados com esta irredutibilidade dos elementos da vida humana ao cálculo, exaltaram o Acaso a uma divindade, mas isso é deter-se demasiado tempo na centelha — que brilha verdadeiramente num ponto — quando o universo inteiro está aquecido pela latência do mesmo fogo. O milagre da vida, que não pode ser explicado mas permanece milagre, introduz um novo elemento. No crescimento do embrião, Sir Everard Home, creio eu, notou que a evolução não vinha de um único ponto central, mas de uma co-ação de três ou mais pontos. A vida não tem memória.

Aquilo que decorre em sucessão pode ser lembrado, mas o que é coexistente, ou ejaculado de uma causa mais profunda, ainda longe de estar consciente, não

conhece a sua própria tendência. Assim é connosco, ora céticos, ou sem unidade, por estarmos imersos em formas e efeitos que parecem ter valor igual mas hostil, ora religiosos, enquanto recetores da lei espiritual. Suportai estas distrações, este crescimento simultâneo das partes: um dia serão membros, e obedecerão a uma única vontade. É nessa vontade, nessa causa secreta, que fixamos a atenção e a esperança.

A vida derrete-se assim numa expectativa ou numa religião. Por baixo das particularidades dissonantes e triviais, há uma perfeição musical, o Ideal que viaja sempre connosco, o céu sem rasgões nem costuras. Observai o modo da nossa iluminação. Quando converso com uma mente profunda, ou, estando só, tenho bons pensamentos, não chego logo a satisfações, como quando, estando com sede, bebo água, ou, com frio, me aproximo do fogo: não! sou primeiramente advertido da minha proximidade a uma nova e excelente região da vida.

Persistindo na leitura ou na reflexão, essa região dá sinais de si mesma, como que em relâmpagos de luz, em descobertas súbitas da sua beleza profunda e repousante, como se as nuvens que a cobrem se abrissem por momentos e mostrassem ao viajante que se aproxima as montanhas interiores, com os eternos prados tranquilos estendidos à sua base, onde pastam rebanhos e os pastores tocam flautas e dançam.

Mas cada visão vinda deste reino do pensamento sente-se como inicial, e promete continuação. Eu não a crio; eu lá chego, e contemplo o que já lá estava. Criar? Oh não! Eu bato palmas com uma alegria e assombro infantis perante a primeira abertura que me é dada dessa magnífica majestade, velha do amor e da homenagem de inumeráveis eras, jovem com a vida da vida, a Meca radiante do deserto. E que futuro ela abre! Sinto um novo coração a pulsar com o amor desta nova beleza. Estou pronto a morrer da natureza e a renascer nesta nova, ainda que inalcançável, América que descobri no Ocidente.

"Pois nem agora nem ontem começaram Estes pensamentos, que sempre existiram, nem ainda Pode ser encontrado um homem que soubesse o momento da sua primeira entrada."

Se descrevi a vida como um fluxo de estados de espírito, devo agora acrescentar que há em nós algo que não muda, e que classifica todas as sensações e estados mentais. A consciência em cada homem é uma escala deslizante, que o identifica ora com a Causa Primeira, ora com a carne do seu corpo; vida sobre vida, em graus infinitos. O sentimento de que brota determina a dignidade de qualquer ato, e a

questão é sempre, não o que fizeste ou evitaste fazer, mas a mando de quem o fizeste ou evitaste.

Fortuna, Minerva, Musa, Espírito Santo — são nomes curiosos, demasiado estreitos para cobrir esta substância ilimitada. O intelecto frustrado deve ainda ajoelhar perante esta causa, que recusa ser nomeada — causa inefável, que todo o verdadeiro génio tentou representar por algum símbolo enfático, como Thales pela água, Anaxímenes pelo ar, Anaxágoras pelo Nous (pensamento), Zoroastro pelo fogo, Jesus e os modernos pelo amor: e a metáfora de cada um tornou-se religião nacional. O chinês Mêncio não foi dos menos bem-sucedidos na sua generalização. "Compreendo perfeitamente a linguagem", disse ele, "e alimento bem o meu vigor fluente e vasto." — "Peço-te que me digas o que entendes por vigor fluente e vasto?", perguntou o seu companheiro.

"A explicação", respondeu Mêncio, "é difícil. Esse vigor é supremamente grande e no mais alto grau inflexível. Alimenta-o corretamente, e não o firas, e ele encherá o vazio entre o céu e a terra. Este vigor está de acordo com a justiça e a razão, e assiste-as, e deixa fome nenhuma." — Na nossa escrita mais correta, damos a esta generalização o nome de Ser, e assim confessamos que chegámos tão longe quanto podemos. Basta, para a alegria do universo, que não tenhamos chegado a um muro, mas a oceanos intermináveis. A nossa vida parece não presente, mas prospetiva; não pelos assuntos em que é desperdiçada, mas como indício deste vigor fluente e vasto.

A maior parte da vida parece mero anúncio de faculdade: recebemos informação não para nos vendermos barato; mas para sabermos que somos muito grandes. Assim, nos pormenores, a nossa grandeza está sempre numa tendência ou direção, não numa ação. Cabe-nos acreditar na regra, não na exceção. Os nobres distinguem-se assim dos ignóbeis. Do mesmo modo, ao aceitarmos o comando dos sentimentos, não é o que acreditamos acerca da imortalidade da alma, ou o que for, mas o impulso universal para acreditar, que é a circunstância essencial, e é o facto principal na história do mundo.

Devemos descrever esta causa como aquela que atua diretamente? O espírito não é impotente nem precisa de órgãos mediadores. Ele tem poderes abundantes e efeitos diretos. Eu sou explicado sem explicar, sou sentido sem agir, e onde não estou. Por isso, todas as pessoas justas estão satisfeitas com o próprio louvor. Recusam explicar-se, e contentam-se que novas ações desempenhem essa função. Acreditam que comunicamos sem fala, e acima da fala, e que nenhuma ação justa

nossa é totalmente sem efeito nos nossos amigos, esteja onde estiver, pois a influência da ação não se mede por milhas.

Porque me afligiria, por ter ocorrido uma circunstância que impede a minha presença onde era esperada? Se não estou na reunião, a minha presença onde estou deve ser tão útil à república da amizade e da sabedoria como seria a minha presença naquele lugar. Exerço a mesma qualidade de poder em todos os lugares. Assim avança o poderoso Ideal diante de nós; nunca se soube que ficasse para trás. Nenhum homem jamais chegou a uma experiência que fosse saciante, mas o seu bem é anúncio de um melhor.

Sempre em frente! Em momentos libertos, sabemos que já é possível um novo quadro de vida e dever; os elementos já existem em muitas mentes à tua volta, de uma doutrina de vida que transcenderá qualquer registo escrito que tenhamos. A nova formulação incluirá os ceticismos, bem como as fés da sociedade, e de descrenças se formará um credo. Pois os ceticismos não são gratuitos nem anárquicos, mas limitações da afirmação, e a nova filosofia terá de os incluir, e fazer afirmações para além deles, tanto quanto deve conter as crenças mais antigas.

É muito infeliz, mas demasiado tarde para remediar, a descoberta que fizemos: de que existimos. A essa descoberta chama-se a Queda do Homem. A partir de então, suspeitamos dos nossos instrumentos. Aprendemos que não vemos diretamente, mas por mediação, e que não temos como corrigir estas lentes coloridas e distorcidas que somos, nem de calcular a dimensão dos seus erros. Talvez estas lentes-sujeito tenham poder criativo; talvez não existam objetos. Em tempos vivíamos no que víamos; agora, a rapacidade deste novo poder, que ameaça absorver todas as coisas, absorve-nos.

Natureza, arte, pessoas, letras, religiões — objetos — tudo se precipita sucessivamente para dentro, e Deus não passa de uma das suas ideias. A natureza e a literatura são fenómenos subjetivos; todo o bem e todo o mal são sombras que projetamos. A rua está cheia de humilhações para os orgulhosos. Como o vaidoso que fez com que os seus oficiais de justiça se vestissem com a sua libré e servissem os convidados à mesa, assim os desgostos que o coração mau exala como bolhas, tomam logo forma de senhoras e cavalheiros na rua, de empregados de loja ou taberneiros, e ameaçam ou insultam tudo o que em nós é ameaçável ou insultável.

O mesmo se passa com as nossas idolatrias. As pessoas esquecem que é o olho que faz o horizonte, e o olho da mente arredondada que faz deste ou daquele homem

um tipo ou representante da humanidade, com o nome de herói ou santo. Jesus, o "homem providencial", é um bom homem sobre o qual muitas pessoas concordam que estas leis óticas se apliquem. Por amor de uns e por condescendência de outros, está por algum tempo decidido que o olharemos como o centro do horizonte, e lhe atribuiremos as propriedades que se ligariam a qualquer homem assim visto. Mas o amor ou a aversão mais duradouros têm termo rápido. O grande e crescente eu, enraizado na natureza absoluta, suplanta toda a existência relativa, e arruína o reino da amizade e do amor mortais.

O casamento (no chamado mundo espiritual) é impossível, por causa da desigualdade entre todo o sujeito e todo o objeto. O sujeito é o recipiente da divindade, e em toda a comparação há de sentir o seu ser aumentado por esse poder críptico. Ainda que não em energia, mas por presença, esse reservatório de substância não pode senão ser sentido: nem qualquer força de intelecto pode atribuir ao objeto a deidade própria que dorme ou desperta eternamente em todo o sujeito. Nunca o amor poderá igualar consciência e atribuição em força.

Haverá sempre o mesmo abismo entre cada eu e tu, como entre o original e a sua cópia. O universo é a noiva da alma. Toda a simpatia privada é parcial. Dois seres humanos são como globos, que só se podem tocar num ponto, e, enquanto permanecem em contato, todos os outros pontos de cada uma das esferas permanecem inertes; também chegará a sua vez, e quanto mais longa for uma união particular, mais energia de apetência adquirem as partes não unidas.

A vida será representada, mas não pode ser dividida nem duplicada. Qualquer invasão da sua unidade seria o caos. A alma não nasce com gémeos, mas é unigénita, e embora se revele como criança no tempo, criança na aparência, possui um poder fatal e universal, que não admite coexistência. Cada dia, cada ato, denuncia a divindade mal disfarçada. Acreditamos em nós mesmos, como não acreditamos nos outros. Permitimo-nos tudo, e aquilo a que chamamos pecado nos outros, é para nós mera experiência. É prova da nossa fé em nós próprios que nunca falamos do crime com a leveza com que o pensamos; cada homem considera segura para si uma liberdade que de modo algum concederia a outrem.

O ato parece muito diferente por dentro e por fora; na sua qualidade e nas suas consequências. O homicídio, para o homicida, não é pensamento tão devastador como os poetas e romancistas querem crer; não o desestabiliza, nem o afasta da sua atenção habitual aos pormenores: é um ato perfeitamente contemplável, mas, na sua consequência, revela-se como uma horrível dissonância e confusão de todas as relações. Especialmente os crimes que nascem do amor, parecem justos e

legítimos aos olhos do ator, mas, uma vez cometidos, mostram-se destruidores da sociedade.

Nenhum homem acredita, no fundo, que pode estar perdido, nem que o crime que o habita é tão negro quanto o do criminoso condenado. Porque o intelecto atenua os juízos morais no nosso próprio caso. Para o intelecto, não há crime. Este é antinomiano ou hipernomiano, e julga a lei tanto quanto o facto. "É pior que um crime, é um erro," disse Napoleão, usando a linguagem do intelecto. Para este, o mundo é um problema matemático ou uma ciência de quantidades, e exclui elogios, censuras e todas as emoções fracas. Todo o roubo é relativo.

Se quisermos falar em absolutos, quem é que não rouba? Os santos entristecem-se porque contemplam o pecado (mesmo em especulação) do ponto de vista da consciência, e não do intelecto — uma confusão de pensamento. O pecado visto pelo pensamento é diminuição ou carência; visto pela consciência ou vontade, é depravação ou maldade. O intelecto chama-lhe sombra, ausência de luz, sem essência. A consciência deve senti-lo como essência, mal essencial. Mas não é: tem existência objetiva, mas não subjetiva.

Assim, inevitavelmente, o universo adquire a nossa cor, e cada objeto cai sucessivamente no próprio sujeito. O sujeito existe, o sujeito expande-se; todas as coisas, mais cedo ou mais tarde, encontram o seu lugar. Tal como sou, assim vejo; usemos a linguagem que quisermos, nunca conseguiremos dizer senão aquilo que somos; Hermes, Cadmo, Colombo, Newton, Bonaparte, são ministros da mente. Em vez de sentirmos pobreza ao encontrarmos um grande homem, tratemo-lo como um geólogo viajante, que atravessa a nossa propriedade e nos mostra boa ardósia, calcário ou antracite nos pastos bravos.

A ação parcial de cada mente forte numa direção é um telescópio para os objetos sobre os quais se fixa. Mas cada outra parte do conhecimento deve ser levada à mesma extravagância, até que a alma atinja a sua devida esfericidade. Vês aquela gatinha a perseguir graciosamente a própria cauda? Se pudesses olhar com os olhos dela, verias que está rodeada por centenas de figuras a representar dramas complexos, com finais trágicos e cómicos, longas conversas, muitas personagens, muitas reviravoltas do destino — e entretanto, é só a gata e a sua cauda.

Quanto tempo até que a nossa mascarada cesse com o barulho dos tambores, risos e gritos, e descubramos que foi uma performance solitária? — Um sujeito e um objeto — é disso que precisamos para completar o circuito galvânico, mas a

magnitude nada acrescenta. Que importa se é Kepler e a esfera; Colombo e a América; um leitor e o seu livro; ou a gata e a sua cauda?

É verdade que todas as musas, o amor e a religião detestam estas revelações, e encontrarão forma de punir o químico que revela na sala os segredos do laboratório. E não podemos dizer demasiado pouco sobre a nossa necessidade constitucional de ver as coisas sob aspetos privados, saturadas pelos nossos humores. E, no entanto, Deus é nativo destas rochas agrestes. Essa necessidade constitui, em moral, a virtude capital da confiança em si mesmo. Devemos manter-nos fiéis a esta pobreza, por mais escandalosa que pareça, e, com recuperações de nós próprios cada vez mais vigorosas, após os ímpetos da ação, possuir com mais firmeza o nosso eixo.

A vida da verdade é fria, e por isso um tanto triste; mas não é escrava das lágrimas, contrições e perturbações. Não tenta fazer o trabalho de outrem, nem adota os factos de outrem. É uma lição essencial da sabedoria saber distinguir o que é nosso do que é alheio. Aprendi que não posso dispor dos factos dos outros; mas possuo uma chave para os meus próprios, que me persuade, contra todas as negações, de que eles também possuem uma chave para os deles.

Uma pessoa simpática encontra-se no dilema de um nadador entre afogados, que o agarram, e, se ele lhes der uma perna ou um dedo, afogam-no. Querem ser salvos das consequências dos seus vícios, mas não dos vícios em si. A caridade seria desperdiçada nesse pobre cuidado com os sintomas. Um médico sábio e corajoso dirá: Sai daí, como primeira condição para aconselhar.

Na nossa América tagarela, estamos arruinados pela nossa boa índole e pelo escutar de todos os lados. Esta complacência retira-nos a capacidade de sermos realmente úteis. Um homem não deve poder olhar senão direta e francamente. Uma atenção ocupada é a única resposta à frivolidade importuna dos outros: uma atenção e um propósito que tornam as suas necessidades irrelevantes. Esta é uma resposta divina, que não admite apelo nem rancor.

No desenho de Flaxman das Euménides de Ésquilo, Orestes suplica a Apolo, enquanto as Fúrias dormem no limiar. O rosto do deus exprime um véu de pesar e compaixão, mas permanece calmo, com a convicção da irreconciliabilidade das duas esferas. Ele nasceu noutra política, no eterno e belo. O homem a seus pés pede-lhe interesse nas perturbações da terra, nas quais a sua natureza não pode entrar. E as Euménides ali deitadas exprimem pictoricamente esta disparidade. O deus está saturado do seu destino divino.

Ilusão, Temperamento, Sucessão, Superfície, Surpresa, Realidade, Subjetividade — estes são os fios no tear do tempo, estes são os senhores da vida. Não ouso presumir determinar-lhes a ordem, mas nomeio-os conforme os encontro no meu caminho. Sei demasiado bem para reivindicar qualquer completude para o meu retrato. Sou um fragmento, e isto é um fragmento de mim. Posso, com confiança, anunciar uma ou outra lei, que se destaca e toma forma, mas sou ainda demasiado jovem, por algumas eras, para compilar um código. Converso por uma hora sobre a política eterna.

Vi muitas belas imagens, e não em vão. Vivi num tempo maravilhoso. Não sou o principiante que era há catorze, nem sequer há sete anos. Que pergunte quem quiser: onde está o fruto? Encontro um fruto privado que me basta. Este é um fruto — que eu não deva exigir um efeito precipitado das meditações, conselhos e armazenamento de verdades. Consideraria mesquinho exigir um resultado nesta cidade e condado, um efeito imediato no mês e ano corrente. O efeito é profundo e secular como a causa. Opera em períodos nos quais se perde uma vida mortal. Tudo o que sei é receção; sou e tenho: mas não obtenho, e quando imaginei ter obtido algo, descobri que não tinha. Adoro com assombro a grande Fortuna.

A minha receção tem sido tão vasta, que não me incomoda receber isto ou aquilo em demasia. Digo ao Gênio, se me permite o provérbio: quem entra por um milhar, entra por um milhão. Quando recebo um novo dom, não macero o corpo para equilibrar as contas, pois, se morresse, não poderia equilibrar nada. O benefício ultrapassou o mérito logo no primeiro dia, e desde então tem-no ultrapassado. O próprio mérito, assim chamado, considero parte da receção.

Além disso, esse anseio por um efeito aberto ou prático parece-me uma apostasia. Com toda a sinceridade, estou disposto a prescindir deste excesso desnecessário de fazer. A vida apresenta-me um rosto visionário. A ação mais dura e áspera é também visionária. É apenas uma escolha entre sonhos suaves ou turbulentos. As pessoas desprezam o saber e a vida intelectual, e promovem o fazer. Estou muito satisfeito com o saber, se ao menos pudesse saber. Isso seria um entretenimento augusto, e bastar-me-ia por muito tempo. Saber um pouco valeria o custo deste mundo. Ouço sempre a lei de Adrastia: "que toda alma que tiver adquirido alguma verdade, esteja segura de dano até a um novo período".

Sei que o mundo com o qual converso na cidade e nos campos não é o mundo que penso. Observo essa diferença e continuarei a observá-la. Um dia, saberei o valor e a lei dessa discrepância. Mas não descobri que se ganhe muito com tentativas manuais de realizar o mundo do pensamento. Muitas pessoas entusiastas fazem

sucessivamente uma experiência nesse sentido, e tornam-se ridículas. Adquirem maneiras democráticas, espumam pela boca, odeiam e negam. Pior ainda, observo que, na história da humanidade, não há um único exemplo de sucesso — tomando os seus próprios critérios de sucesso.

Digo isto polemicamente, ou em resposta à pergunta: porque não realizar o teu mundo? Mas esteja longe de mim o desespero que prejulga a lei por um empirismo mesquinho, — pois nunca houve um esforço justo que não tivesse sucesso. Paciência e paciência, venceremos no fim. Devemos ser muito desconfiados das ilusões do elemento tempo. Leva muito tempo a comer ou a dormir, ou a ganhar cem dólares, e muito pouco tempo a alimentar uma esperança e uma intuição que se torna a luz da nossa vida.

Cuidamos do jardim, comemos os almoços, discutimos a casa com as nossas mulheres, e estas coisas não marcam, são esquecidas na semana seguinte; mas na solidão, onde todo o homem está sempre a regressar, ele tem uma sanidade e revelações que levará consigo na sua passagem para novos mundos. Não te importes com o ridículo, não te importes com a derrota: ergue-te de novo, velho coração! — parece dizer, — ainda há vitória para toda a justiça; e o verdadeiro romance que o mundo existe para realizar será a transformação do gênio em poder prático.

DISCIPLINA

Capítulo V de *Natureza*, publicado como parte de *Natureza; Discursos e Palestras*

Tendo em conta a importância da natureza, chegamos imediatamente a um novo facto: que a natureza é uma disciplina. Esta utilidade do mundo inclui as utilizações anteriores, como partes de si mesma.

O espaço, o tempo, a sociedade, o trabalho, o clima, a alimentação, a locomoção, os animais, as forças mecânicas — oferecem-nos diariamente lições sinceras, cujo significado é ilimitado. Educam tanto o Entendimento como a Razão. Cada propriedade da matéria é uma escola para o entendimento — a sua solidez ou resistência, a sua inércia, a sua extensão, a sua forma, a sua divisibilidade. O entendimento soma, divide, combina, mede, e encontra nesta cena digna alimento e espaço para a sua atividade. Entretanto, a Razão transfere todas estas lições para o seu próprio mundo do pensamento, ao perceber a analogia que une a Matéria e a Mente.

1. A natureza é uma disciplina do entendimento em verdades intelectuais. O nosso trato com objetos sensíveis é um exercício constante nas lições necessárias da diferença, da semelhança, da ordem, do ser e do parecer, da disposição progressiva; da ascensão do particular ao geral; da combinação de múltiplas forças para um fim comum. Proporcionada à importância do órgão a ser formado, é a extrema atenção com que a sua educação é providenciada — uma atenção nunca omitida em nenhum caso. Que formação tediosa, dia após dia, ano após ano, sem fim, para formar o senso comum; que reprodução constante de aborrecimentos, inconvenientes, dilemas; que regozijo sobre nós dos homens pequenos; que disputas de preços, que cálculos de juros — e tudo para formar a Mão da mente; — para nos ensinar que "bons pensamentos não valem mais do que bons sonhos, a menos que sejam executados!"

O mesmo bom ofício é desempenhado pela Propriedade e os seus sistemas derivados de dívida e crédito. Dívida, dívida opressora, cujo rosto de ferro a viúva, o órfão e os filhos do génio temem e odeiam; — dívida, que consome tanto tempo, que tanto tolhe e desencoraja um grande espírito com preocupações que parecem tão mesquinhas, é um preceptor cujas lições não podem ser dispensadas, e é mais necessária àqueles que mais dela sofrem. Além disso, a propriedade, que bem foi comparada à neve — "se hoje cai nivelada, amanhã será soprada em montes" — é a ação superficial de uma maquinaria interna, como o ponteiro na face de um relógio. Enquanto agora é a ginástica do entendimento, está a armazenar, na previsão do espírito, experiência em leis mais profundas.

Todo o carácter e fortuna do indivíduo são afetados pelas menores desigualdades na cultura do entendimento; por exemplo, na perceção das diferenças. Por isso existem o Espaço e o Tempo, para que o homem saiba que as coisas não estão amontoadas e misturadas, mas separadas e individuais. Um sino e um arado têm cada um a sua utilidade, e nenhum pode desempenhar a função do outro. A água é boa para beber, o carvão para queimar, a lã para vestir; mas a lã não pode ser bebida, nem a água fiada, nem o carvão comido. O sábio mostra a sua sabedoria na separação, na gradação, e a sua escala de criaturas e méritos é tão ampla quanto a natureza. Os tolos não têm amplitude na sua escala, e supõem que todo o homem é como qualquer outro. O que não é bom, chamam de pior; e o que não é odioso, chamam de melhor.

Da mesma forma, que atenção cuidadosa forma em nós a natureza! Ela não perdoa erros. O seu sim é sim, e o seu não é não.

Os primeiros passos na Agricultura, Astronomia, Zoologia (esses primeiros passos que o agricultor, o caçador e o marinheiro dão) ensinam que os dados da natureza estão sempre viciados; que nos seus montes e entulhos estão ocultos resultados certos e úteis.

Com que calma e simpatia a mente apreende uma após outra as leis da física! Que emoções nobres dilatam o mortal quando ele entra nos conselhos da criação, e sente, pelo conhecimento, o privilégio de SER! A sua intuição refina-o. A beleza da natureza brilha no seu próprio peito. O homem é maior porque pode ver isto, e o universo menor, porque as relações de Tempo e Espaço desaparecem à medida que as leis são conhecidas.

Aqui novamente somos impressionados e até intimidados pelo imenso Universo a explorar. "O que sabemos é um ponto em relação ao que não sabemos." Abra qualquer jornal científico recente e pese os problemas sugeridos sobre Luz, Calor, Eletricidade, Magnetismo, Fisiologia, Geologia, e julgue se o interesse pela ciência natural está perto de se esgotar.

Passando por muitos pormenores da disciplina da natureza, não devemos deixar de especificar dois.

O exercício da Vontade, ou a lição do poder, é ensinada em cada acontecimento. Desde a posse sucessiva das suas várias faculdades por parte da criança até à hora em que ela diz: "Seja feita a Tua vontade!", ela está a aprender o segredo de que pode submeter à sua vontade não apenas acontecimentos particulares, mas grandes classes, ou até toda a série de eventos, e assim conformar todos os factos ao seu carácter.

A natureza é totalmente mediadora. Foi feita para servir. Recebe o domínio do homem com a mansidão do jumento em que o Salvador montou. Oferece todos os seus reinos ao homem como matéria-prima que ele pode moldar no que for útil. O homem nunca se cansa de a trabalhar. Forja o ar subtil e delicado em palavras sábias e melodiosas, e dá-lhes asas como anjos de persuasão e comando. Um após outro, o seu pensamento vitorioso alcança e reduz todas as coisas, até que o mundo se torne, por fim, apenas uma vontade realizada — o duplo do homem.

2. Os objetos sensíveis conformam-se às premonições da Razão e refletem a consciência. Todas as coisas são morais; e nas suas mudanças ilimitadas mantêm uma referência constante à natureza espiritual. Por isso é a natureza gloriosa em forma, cor e movimento, para que cada globo no céu mais remoto; cada mudança química, desde o cristal mais rudimentar até

às leis da vida; cada mudança da vegetação, desde o primeiro princípio de crescimento no olho de uma folha até à floresta tropical e à mina de carvão antediluviana; cada função animal, da esponja até Hércules, sugira ou brade ao homem as leis do certo e do errado, e ecoe os Dez Mandamentos. Por isso é a natureza sempre aliada da Religião: empresta todo o seu esplendor e riquezas ao sentimento religioso. Profeta e sacerdote, David, Isaías, Jesus, beberam profundamente desta fonte. Este carácter ético penetra de tal modo o osso e a medula da natureza que parece ser o fim para o qual ela foi criada.

> Qualquer finalidade privada respondida por qualquer membro ou parte, esta é a sua função pública e universal, e nunca é omitida. Nada na natureza é esgotado no seu primeiro uso. Quando uma coisa cumpriu até ao fim um propósito, torna-se totalmente nova para um serviço ulterior. Em Deus, cada fim é convertido num novo meio. Assim, o uso da utilidade, considerado isoladamente, é vil e mesquinho. Mas para a mente é uma educação na doutrina do Uso, isto é, que uma coisa é boa apenas na medida em que serve; que a conspiração de partes e esforços para a produção de um fim é essencial a qualquer ser. A primeira e grosseira manifestação desta verdade é o nosso inevitável e odiado treino em valores e necessidades, em milho e carne.

Já foi ilustrado que cada processo natural é uma versão de uma sentença moral. A lei moral está no centro da natureza e irradia até à sua periferia. É a essência e medula de toda substância, toda relação e todo processo. Todas as coisas com que lidamos nos pregam sermões. O que é uma quinta senão um evangelho mudo? A palha e o trigo, as ervas daninhas e as plantas, a praga, a chuva, os insetos, o sol — é um emblema sagrado desde o primeiro sulco da primavera até ao último molho que a neve do inverno cobre nos campos.

Mas o marinheiro, o pastor, o mineiro, o comerciante, nos seus diversos ofícios, têm cada um uma experiência precisamente paralela, e que conduz à mesma conclusão: porque todas as organizações são radicalmente semelhantes. E não pode haver dúvida de que este sentimento moral que assim impregna o ar, cresce no grão, e impregna as águas do mundo, é captado pelo homem e afunda-se na sua alma.

A influência moral da natureza sobre cada indivíduo é a quantidade de verdade que ela lhe ilustra. Quem pode avaliar isso? Quem pode adivinhar quanta firmeza a rocha batida pelo mar ensinou ao pescador? quanta tranquilidade foi refletida para

o homem pelo céu azul, sobre cujas profundezas imaculadas os ventos empurram para sempre rebanhos de nuvens tempestuosas, sem deixar ruga nem mancha? quanta indústria, previdência e afeição aprendemos da pantomima dos brutos? Que pregador exigente de domínio próprio é o fenómeno variável da Saúde!

Aqui se apreende especialmente a unidade da Natureza — a unidade na variedade — que nos surge em todo o lado. Toda a variedade infinita das coisas causa uma impressão idêntica. Xenófanes queixava-se, na velhice, de que, para onde quer que olhasse, tudo apressadamente regressava à Unidade.

Estava cansado de ver a mesma entidade na variedade enfadonha das formas. A fábula de Proteu encerra uma verdade calorosa. Uma folha, uma gota, um cristal, um momento do tempo estão ligados ao todo, e participam da perfeição do todo. Cada partícula é um microcosmo, e representa fielmente a imagem do mundo.

Não existem apenas semelhanças entre coisas cuja analogia é evidente, como quando detetamos o tipo de mão humana na barbatana de um fóssil de sáurio, mas também em objetos com grande diferença superficial. Assim, a arquitetura é chamada de "música congelada", por De Staël e Goethe. Vitrúvio achava que um arquiteto deveria ser músico. "Uma igreja gótica," disse Coleridge, "é uma religião petrificada." Miguel Ângelo sustentava que, para um arquiteto, o conhecimento da anatomia é essencial. Nos oratórios de Haydn, as notas apresentam à imaginação não só movimentos — como o da serpente, do veado e do elefante — mas também cores, como a da relva verde. A lei dos sons harmónicos reaparece nas cores harmónicas.

O granito distingue-se apenas pelas leis do calor, mais ou menos intenso, do rio que o desgasta. O rio, no seu fluxo, assemelha-se ao ar que flui sobre ele; o ar assemelha-se à luz que o atravessa com correntes mais subtis; a luz assemelha-se ao calor que com ela cavalga pelo Espaço. Cada criatura é apenas uma modificação da outra; a semelhança entre elas é maior do que a diferença, e a sua lei radical é uma e a mesma. Uma regra de uma arte, ou uma lei de uma organização, mantém-se verdadeira em toda a natureza.

Tão íntima é esta Unidade, que facilmente se vê que está sob a camada mais profunda da natureza, e revela a sua origem no Espírito Universal. Pois ela também permeia o Pensamento. Toda a verdade universal que expressamos em palavras implica ou pressupõe todas as outras verdades. *Omne verum vero consonat.* É como um grande círculo numa esfera, que contém todos os círculos possíveis; os quais, no

entanto, podem ser traçados e conter aquele da mesma forma. Cada uma dessas verdades é o *Ens* absoluto visto de um lado. Mas tem lados inumeráveis.

A Unidade central é ainda mais evidente nas ações. As palavras são órgãos finitos da mente infinita. Não conseguem abarcar as dimensões do que é verdadeiramente. Fragmentam, cortam e empobrecem-na. Uma ação é a perfeição e a publicação do pensamento. Uma ação justa parece preencher o olhar e relacionar-se com toda a natureza. "O homem sábio, ao fazer uma coisa, faz tudo; ou, na única coisa que faz corretamente, vê a semelhança de tudo o que é feito corretamente."

Palavras e ações não são atributos da natureza bruta. Introduzem-nos na forma humana, de que todas as outras organizações parecem ser degradações. Quando esta aparece entre tantas que a rodeiam, o espírito prefere-a a todas as outras. Diz: 'De seres assim, retirei alegria e conhecimento; em seres assim encontrei e contemplei a mim próprio; falarei com ele; ele pode responder; pode oferecer-me pensamento já formado e vivo.'

De facto, o olhar — a mente — é sempre acompanhado por estas formas, masculina e feminina; e estas são incomparavelmente as informações mais ricas sobre o poder e a ordem que residem no coração das coisas. Infelizmente, cada uma delas apresenta marcas como de algum ferimento; está danificada e superficialmente defeituosa. No entanto, muito diferentes da natureza muda e surda que as rodeia, estas repousam todas como tubos de fonte sobre o mar insondável do pensamento e da virtude, do qual só elas, entre todas as organizações, são entradas.

Seria uma investigação agradável seguir em detalhe o seu ministério na nossa educação, mas onde terminaria? Estamos associados, na adolescência e na vida adulta, a certos amigos que, como céus e águas, são coextensivos com a nossa ideia; que, respondendo cada um a uma certa afeição da alma, satisfazem o nosso desejo nesse lado; a quem não temos poder de colocar a tal distância focal que nos permita corrigir ou sequer analisar.

Não podemos senão amá-los. Quando o muito convívio com um amigo nos fornece um padrão de excelência, e aumenta o nosso respeito pelos recursos de Deus, que assim envia uma pessoa real para ultrapassar o nosso ideal; quando ele se torna, além disso, um objeto de pensamento e, enquanto o seu carácter mantém todo o seu efeito inconsciente, se transforma na mente em sabedoria sólida e doce — é sinal de que a sua função se encerra, e, geralmente, é retirado da nossa vista em breve.

CONDUTA

Graça, Beleza e Capricho

Erguem este pórtico dourado;
Mulheres graciosas, homens escolhidos
Ofuscam todos os mortais:
O seu semblante doce e elevado
É alimento encantador;
Não precisa ir até eles — as suas formas
Assediam-lhe a solidão.
Raramente os encara de frente,
Os seus olhos exploram o chão,
A relva verde é um espelho
Onde vê refletidos os seus traços.
Diz-lhes pouco,
De tanto que lhe dança o coração no peito;
O porte tranquilo deles priva-o
De espírito, de palavras, de repouso.
Demasiado fraco para conquistar, demasiado enamorado para evitar
Os tiranos do seu destino,
O muito iludido Endimião
Escapa-se por detrás de uma tumba.

Comportamento

A alma que anima a Natureza não se manifesta menos significativamente na figura, no movimento e no gesto dos corpos animados do que no seu derradeiro veículo — a fala articulada. Esta linguagem silenciosa e subtil é a dos Modos; não o *quê*, mas o *como*. A vida expressa. Uma estátua não tem língua — nem precisa. Bons quadros vivos não carecem de declamação. A Natureza conta cada segredo uma vez. Sim, mas no homem ela fá-lo continuamente — pela forma, atitude, gesto, expressão, rosto e as partes do rosto, e pela ação integral da sua máquina. O porte visível ou ação do indivíduo, resultante da sua organização e vontade combinadas, chamamos-lhe modos. E o que são eles, senão o pensamento a entrar pelas mãos e pelos pés, controlando os movimentos do corpo, a fala e o comportamento?

Há sempre uma melhor forma de fazer qualquer coisa — nem que seja cozer um ovo. Os modos são as formas felizes de agir; cada uma foi, um dia, um gesto de génio ou de amor — hoje repetida e endurecida pelo uso. Formam, por fim, um

verniz rico com o qual se lava a rotina da vida e se adornam os seus detalhes. Se são superficiais, também o são as gotas de orvalho que dão tal profundidade aos prados matinais. Os modos são altamente contagiosos: os homens aprendem-nos uns com os outros. Consuelo, no romance, gaba-se das lições de etiqueta que dera aos nobres, no palco; e, na vida real, Talma ensinou a Napoleão as artes do comportamento. O génio inventa modos refinados, que o barão e a baronesa imitam rapidamente — e, com as vantagens de um palácio, melhoram a lição. Transformam-na em moda.

O poder dos modos é incessante — um elemento tão impossível de esconder como o fogo. A nobreza não pode ser disfarçada em parte alguma — nem numa república ou democracia mais do que num reino. Nenhum homem resiste à sua influência. Existem certos modos, adquiridos em boa sociedade, com tal força que, se uma pessoa os tiver, será sempre considerada e bem-recebida, mesmo sem beleza, riqueza ou génio. Dá a um rapaz presença e bons modos, e estás a dar-lhe o domínio sobre palácios e fortunas por onde passar.

Nem precisa de os conquistar — eles convidam-no a entrar e a possuir. Mandamos raparigas tímidas e retraídas para internatos, escolas de equitação, salões de dança — para qualquer lugar onde possam aproximar-se e conviver com figuras destacadas do seu próprio sexo, onde possam aprender compostura e vê-la de perto. O poder de uma mulher da moda para liderar — ou intimidar e repelir — vem da crença de que conhece recursos e comportamentos desconhecidos das demais; mas, quando estas dominam o seu segredo, enfrentam-na e recuperam a segurança em si mesmas.

Cada dia testemunha o seu domínio suave. Pessoas que antes se impunham, agora não o fazem. O círculo mediano aprende a exigir aquilo que pertence a um estado mais elevado de natureza ou de cultura. Os teus modos estão sempre sob exame — por comissões que mal suspeitas, uma polícia de trajes civis — que estão, nos momentos mais inesperados, a atribuir-te ou a negar-te os mais altos prémios.

Falamos muito da utilidade — mas são os modos que nos associam. Nas horas de trabalho, procuramos quem sabe, tem ou faz o que precisamos, e não deixamos que o gosto ou o sentimento atrapalhem. Mas, terminado esse esforço, voltamos ao estado indolente, e desejamos a companhia daqueles com quem nos sentimos à vontade — os que vão onde vamos, cujos modos não nos ofendem, cujo tom social combina com o nosso. Quando refletimos na sua força persuasiva e animadora; em como recomendam, preparam e aproximam as pessoas; em como, em todos os clubes, são os modos que fazem os membros; em como eles fazem a fortuna do

jovem ambicioso; que, na maior parte, é pelos modos que casa — e com modos que se casa; quando pensamos nas chaves que são e nos segredos que abrem; nas lições elevadas e nos sinais inspiradores de carácter que transmitem; e na adivinhação que é preciso em nós para decifrar esse fino telégrafo — percebemos a vastidão do tema, e a sua relação com a conveniência, o poder e a beleza.

O seu primeiro serviço é humilde — quando são apenas moralidade menor: mas é o início da civilidade — tornar-nos, quero dizer, suportáveis uns aos outros. Valorizamo-los pela sua força áspera e purificadora: para tirar as pessoas do estado quadrúpede; lavá-las, vesti-las, pô-las de pé; para lhes fazer largar os cascos e hábitos animais; forçá-las a ser limpas; intimidar a mesquinhez e o despeito; ensinar a reprimir o vil e a escolher a expressão generosa, e mostrar-lhes como o comportamento nobre é mais feliz.

O mau comportamento a lei não alcança. A sociedade está infestada de pessoas rudes, cínicas, inquietas e frívolas, que vivem às custas das demais, e que apenas uma opinião pública condensada em bons modos — formas aceites pelo senso comum — pode alcançar: — os contraditores e resmungões das mesas públicas e privadas, como terriers que acham dever de honra ladrar a qualquer transeunte, fazendo as honras da casa ao enxotá-lo com latidos: — vi homens que relincham como cavalos quando contrariados, ou perante algo que não entendem: — depois, os atrevidos, que se convidam a si mesmos para o teu lar; o conversador persistente, que te dá a sua companhia em doses saturantes; os que se compadecem de si próprios — uma classe perigosa; o frívolo Asmodeu, que conta contigo para lhe fornecer cordas de areia para entrelaçar; os monotónicos; em suma, todo o espectro da absurdidade — estas são aflições sociais que o magistrado não pode curar nem te pode defender delas, e que devem ser confiadas à força constrangedora do costume, aos provérbios e às regras familiares de conduta impressas nos jovens nos seus anos de escola.

Nos hotéis à beira do Mississípi, imprimia-se, ou imprimia-se outrora, entre as regras da casa, que "nenhum cavalheiro pode apresentar-se à mesa pública sem casaco"; e, no mesmo país, nos bancos das igrejas, pequenos avisos suplicavam aos fiéis que contivessem a fúria da expetoração. Charles Dickens assumiu, com espírito de sacrifício, a missão de reformar os modos americanos em pormenores indizíveis. Penso que a lição não se perdeu totalmente — serviu para expor os maus modos, de modo que os brutos pudessem ver a deformidade. Infelizmente, o próprio livro tinha as suas deformidades. Não deveria ser necessário, numa sala de leitura, afixar um aviso a estranhos para que não falem alto; nem a quem folheia gravuras delicadas, que o faça como se tocasse em asas de borboleta ou em teias

de aranha; nem a quem contempla estátuas de mármore, que não as golpeie com bengalas. Mas, mesmo na civilização perfeita desta cidade, tais avisos não são totalmente dispensáveis no Ateneum e na Biblioteca Municipal.

Os modos são artificiais, e crescem tanto das circunstâncias como do carácter. Se observares retratos de patrícios e de camponeses de diferentes épocas e países, verás como se adequam às mesmas classes nas nossas cidades. O aristocrata moderno está bem representado não só nos doges venezianos de Ticiano, e nas moedas e estátuas romanas, como também nas imagens dos dignitários do Japão que o Comodoro Perry trouxe consigo.

Grandes extensões de terra e interesses vastos não só chegam às mãos que os sabem gerir, como moldam modos de poder. Um olhar atento verá ainda gradações subtis de estatuto — ou verá, nos modos, o grau de deferência que a pessoa está habituada a receber. Um príncipe que, todos os dias, é cortejado pelos mais altos nobres adquire uma expectativa correspondente, e uma forma apropriada de acolher e responder a tais homenagens.

Há sempre pessoas e modos excecionais. Os nobres ingleses fingem-se lavradores. Claverhouse é um janota e, por baixo do requinte do traje e da leveza do comportamento, oculta o terror da guerra. Mas a Natureza e o Destino são honestos — nunca falham em deixar uma marca, um sinal visível de cada qualidade. Dominar a própria expressão é algo de grande valor, e talvez o jovem ambicioso julgue ter descoberto todo o segredo ao aprender que modos descontraídos impõem respeito. Não te deixes enganar por um exterior fácil: os homens ternos, por vezes, têm vontades firmes.

Tivemos, em Massachusetts, um velho estadista que passou a vida entre tribunais e cargos públicos, sem nunca superar uma extrema irritabilidade de rosto, voz e postura: quando falava, a voz traía-o — estalava, falhava, assobiava, guinchava; — pouco lhe importava; sabia que tinha de ser assim, assobiar ou chiar o seu argumento e a sua indignação. Quando se sentava depois de falar, parecia num ataque, agarrando-se à cadeira com ambas as mãos; mas por baixo de toda essa irritabilidade havia uma vontade potente, firme, avançando, e uma memória na qual cada facto da sua história jazia ordenado como estratos geológicos, sob o controlo da sua vontade.

Os modos são em parte artificiais, mas, em grande parte, tem de haver no sangue capacidade para a cultura. Caso contrário, toda a cultura é vã. O preconceito teimoso a favor da linhagem, que está na base das estruturas feudais e

monárquicas do Velho Mundo, tem alguma justificação na experiência comum. Todo o homem — matemático, artista, soldado ou comerciante — espera com confiança ver certos traços ou talentos nos próprios filhos que não ousaria esperar no filho de um estranho. Os orientalistas são muito ortodoxos neste ponto. "Pega num arbusto espinhoso," dizia o emir Abdel-Kader, "rega-o durante um ano inteiro: não dará senão espinhos. Pega numa tamareira, deixa-a sem cultivo, e ela continuará a dar tâmaras. A nobreza é a tamareira; o povo árabe, um espinheiro."

Um dos factos principais na história dos modos é a extraordinária expressividade do corpo humano. Se fosse feito de vidro, ou de ar, e os pensamentos estivessem gravados em placas de aço no seu interior, não publicaria com mais verdade o que sente do que já o faz. Os sábios leem com precisão toda a tua história privada no teu olhar, na tua postura e no teu comportamento. Toda a economia da Natureza é voltada para a expressão. O corpo denunciante é todo língua.

Os homens são como relógios de bolso com mostrador de cristal — expõem todo o movimento. Transportam o licor da vida a subir e descer nestas belas garrafas, e anunciam ao observador curioso como estão. O rosto e os olhos revelam o que o espírito faz, a sua idade, os seus objetivos. Os olhos indicam a antiguidade da alma — ou por quantas formas ela já ascendeu. Quase que se viola o decoro ao dizer em voz alta aquilo que os olhos confessam sem hesitação a qualquer transeunte.

O homem não consegue fixar o olhar no sol — e nesse aspeto parece incompleto. Na Sibéria, um viajante recente encontrou homens capazes de ver os satélites de Júpiter a olho nu. Nalguns aspetos, os animais superam-nos. As aves têm vista mais longa, e, com o voo, a vantagem de um observatório elevado. Uma vaca pode, por sinal secreto — provavelmente pelo olhar — mandar o vitelo fugir ou esconder-se. Os jóqueis dizem de certos cavalos que "enxergam todo o terreno". A vida ao ar livre, a caça e o trabalho dão vigor idêntico ao olhar humano. Um lavrador encara-te com tanta força quanto um cavalo; o seu olhar é como o golpe de um cajado. Um olho pode ameaçar como uma arma carregada e apontada, ou insultar como um silvo ou um coice; ou, num outro estado de espírito, por raios de gentileza, fazer o coração dançar de alegria.

O olho obedece fielmente à ação da mente. Quando um pensamento nos toca, os olhos fixam-se e ficam a fitar ao longe; ao enumerar nomes de pessoas ou países — França, Alemanha, Espanha, Turquia — os olhos piscam a cada novo nome. Não há aprendizagem minuciosa que a mente deseje que os olhos não procurem dominar. "O artista", disse Miguel Ângelo, "deve ter os seus instrumentos de medição não na

mão, mas no olho"; e não há fim para o catálogo das suas realizações, seja na visão indolente (a da saúde e da beleza), seja na visão forçada (a da arte e do esforço).

Os olhos são ousados como leões — vagueiam, correm, saltam, aqui e ali, longe e perto. Falam todas as línguas. Não esperam apresentação; não são ingleses; não pedem licença à idade, à classe, ao sexo — não respeitam pobreza nem riqueza, nem saber, nem poder, nem virtude; antes intrometem-se, voltam, atravessam-te e atravessam-te de novo num instante. Que torrente de vida e pensamento se descarrega de uma alma para outra, através deles! O olhar é magia natural.

A comunicação misteriosa que se estabelece entre dois estranhos de lado oposto de uma casa move todos os mecanismos do espanto. O olhar não está, na sua maior parte, sob controlo da vontade. É o símbolo corporal da identidade de natureza. Olhamos nos olhos para saber se esta outra forma é um outro eu, e os olhos não mentem — fazem uma confissão fiel do habitante que ali está. Às vezes, essas revelações são terríveis. A confissão de um demónio usurpador e vil está lá feita, e o observador parece sentir o agitar de corujas, morcegos e cascos pontiagudos, onde esperava encontrar inocência e simplicidade. É notável também que o espírito que aparece à janela da casa se revista, no mesmo instante, de uma nova forma própria, diante da mente do observador.

Os olhos dos homens conversam tanto como as suas línguas — com a vantagem de que o dialeto ocular não precisa de dicionário e é entendido no mundo inteiro. Quando os olhos dizem uma coisa e a língua outra, o homem experiente confia na linguagem dos primeiros. Se o homem está fora de si, os olhos mostram-no. Lê-se nos olhos do interlocutor se o nosso argumento o atinge — mesmo que a sua boca o negue.

Há um certo olhar que mostra que se está prestes a dizer algo bom, e outro quando já se disse. São vãs e esquecidas todas as boas ofertas e atenções da hospitalidade se não houver um brilho festivo nos olhos. Quantas inclinações furtivas são confessadas pelo olhar, apesar de dissimuladas pelos lábios! Alguém sai de uma reunião onde, talvez, não tenha dito nada nem lhe tenha sido dirigida nenhuma observação relevante, e, no entanto, se em sintonia com o grupo, não sentirá isso — tal é o fluxo de vida que o atravessou, pelos olhos.

Há olhos, sem dúvida, que não revelam mais do homem do que bagas de mirtilo. Outros são líquidos e profundos — poços em que se pode cair; outros são agressivos e devoradores, exigem polícia, notam tudo em excesso, e requerem avenidas apinhadas e a segurança de milhões para proteger os indivíduos deles. O

olhar militar, por vezes, cintila sob sobrancelhas clericais ou campestres. É Esparta; é uma pilha de baionetas. Há olhos que pedem, que impõem, que rondam; e olhos cheios de destino — uns de bom, outros de presságio sombrio. O alegado poder de acalmar a loucura ou a ferocidade nos animais é um poder que vem por detrás do olhar. É uma vitória alcançada na vontade antes de se expressar nos olhos. É absolutamente certo que cada homem traz no olhar a indicação exata do seu lugar na imensa escala da humanidade, e estamos sempre a aprender a lê-la. Um homem completo não deveria precisar de auxiliares para a sua presença. Quem o contemplasse aceitaria a sua vontade, seguro de que os seus propósitos são generosos e universais. A razão por que os homens não nos obedecem é porque veem o lodo no fundo dos nossos olhos.

Se o órgão da visão é um veículo de tal poder, os restantes traços também têm o seu. O rosto — numas escassas polegadas quadradas — dá espaço à expressão de todos os antepassados, de toda a história e necessidades do homem. O escultor, Winckelmann e Lavater dir-te-ão quão significativo é o nariz; como as suas formas exprimem força ou fraqueza de vontade, e bom ou mau génio. O nariz de Júlio César, de Dante e de Pitt sugerem "os terrores do bico".

Quanta delicadeza — e quantas limitações — os dentes revelam! "Cuidado com o riso," dizia a mãe sábia, "pois ele mostra todos os teus defeitos."
Balzac deixou, em manuscrito, um capítulo a que chamou *Théorie de la démarche*, no qual afirma: "O olhar, a voz, a respiração e a postura ou passo são idênticos. Mas, como ao homem não foi dado o poder de vigiar ao mesmo tempo essas quatro diferentes expressões simultâneas do seu pensamento, observa aquela que revela a verdade — e conhecerás o homem por inteiro."

Os palácios interessam-nos principalmente pela exibição de modos, que, na sociedade ociosa e dispendiosa que neles habita, são elevados à categoria de arte. O axioma das cortes é: o modo é poder. Um porte calmo e resoluto, uma fala polida, o embelezamento das minúcias e a arte de ocultar todo o desconforto são essenciais ao cortesão. Saint-Simon, o cardeal de Retz, Roederer, e uma enciclopédia de *Mémoires*, instruirão quem desejar nesses segredos poderosos.

Assim, é motivo de orgulho entre os reis lembrar rostos e nomes. Diz-se de um príncipe que a sua cabeça se inclinava levemente para baixo, como se não quisesse humilhar a multidão. Há pessoas que entram sempre como uma criança com uma boa nova. Contava-se do falecido Lord Holland que descia para o pequeno-almoço com o ar de quem acabara de ter uma grande sorte. Em *Notre Dame*, o nobre sentava-se

no estrado com o olhar de quem pensa noutra coisa. Mas não devemos espreitar pelas portas dos palácios.

Os modos requintados precisam do suporte de modos igualmente requintados nos outros. Um erudito pode ser bem-educado — ou não. O entusiasta, quando apresentado a académicos refinados, vê-se gelado e emudecido, por se sentir fora do seu elemento. Todos têm algo que ele não tem — e que, ao que parece, deveria ter. Mas, se encontra o erudito longe dos seus pares, então é a vez do entusiasta, e o erudito não tem defesa — tem de lidar nos termos do outro. Agora têm de medir forças, com as armas próprias de cada um.

Qual é o talento daquela figura tão comum — o homem bem-sucedido no mundo, nos mercados, nos parlamentos, nos salões? Modos: modos de poder; perceção para ver a vantagem, e modos à altura dela. Vê como se aproxima da sua presa. Sabe que os exércitos comportam-se conforme são tratados no início — esse é o seu segredo barato; o mesmo acontece sempre que duas pessoas se encontram com um objetivo: uma percebe imediatamente que detém a chave da situação, que a sua vontade compreende a do outro, como o gato compreende o rato; e basta-lhe agora aplicar a cortesia e oferecer razões amáveis à sua vítima, para disfarçar a corrente, não vá ela envergonhar-se e resistir.

O teatro onde esta ciência dos modos tem importância formal já não é a corte — mas sim o salão social, onde, findo o labor do dia, homens e mulheres se encontram, em lazer, para entretenimento mútuo, em salas ornamentadas. Claro, há ali todo o tipo de encanto e mérito; mas, para os que têm alma séria, para jovens que almejam grandes coisas, não podemos recomendá-lo com entusiasmo. Uma companhia bem-vestida e faladora, em que cada um se esforça por entreter os outros — e, no entanto, o nobre turco que cá veio imaginou que todas as mulheres sofriam por não ter uma cadeira; e que todos os faladores estavam exaustos por um ar sem oxigénio.

Estragava os melhores — punha todos em andas. E, no entanto, ali se escrevem e leem biografias secretas. Aquele homem é de aspeto repulsivo — não quero lidar com ele. Outro é irritável, tímido, e está em guarda. O jovem parece humilde e viril — escolho-o. Olha esta mulher: não tem beleza, nem frases brilhantes, nem talentos de destaque, mas todos a acolhem com agrado; todo o seu ser emana saúde.

Aqui vêm os sentimentalistas, os doentes. Eis Elise, que apanhou frio ao nascer, e desde então apenas o agravou. Eis os modos sorrateiros, e os modos ladinos. "Olha

para Northcote," disse Fuseli, "parece um rato que viu um gato." Na companhia superficial, fácil de excitar e de cansar, eis o Bernard colunar: os Alleghanies não expressam mais serenidade do que o seu porte. Eis os olhos doces e atentos de Cecile: parecia sempre que pedia o coração. Nada pode ser mais excelente na sua espécie do que a graça coríntia dos modos de Gertrude — e, no entanto, Blanche, que não tem modos, tem melhores modos que ela; pois os gestos de Blanche são impulsos de um espírito suficiente para o momento, e ela pode dar-se ao luxo de exprimir cada pensamento com ação imediata.

Os modos foram, algo cinicamente, definidos como uma invenção dos sábios para manter os tolos à distância. A moda é astuta a detetar quem não pertence ao seu cortejo, e raramente perde tempo com tais. A sociedade tem instintos rápidos — e, se não pertences, repele-te, escarnece-te, ou abandona-te em silêncio. A primeira arma enfurece quem é atacado; a segunda é ainda mais eficaz, mas irrespondível, pois o momento em que tudo aconteceu é difícil de fixar. As pessoas crescem e envelhecem sob esse peso, sem nunca suspeitar da verdade, atribuindo a solidão que as corrói a qualquer causa menos à verdadeira.

A base dos bons modos é a autoconfiança. A necessidade é a lei de quem não é senhor de si. Quem não o é, impõe-se, e fere-nos. Alguns homens parecem sentir que pertencem a uma casta pária. Têm medo de ofender, curvam-se, pedem desculpa, e caminham pela vida com passo tímido. Como quando sonhamos que estamos entre gente bem-vestida — sem casaco — assim vive Godofredo, como se sofresse de uma vergonha constante.

O herói deve sentir-se em casa onde quer que esteja; deve transmitir conforto aos outros pela sua própria segurança e gentileza. O herói tem licença de ser ele mesmo. Uma pessoa de espírito forte percebe que lhe é concedida uma imunidade, desde que preste à sociedade o serviço que lhe é próprio — uma imunidade a todos os rituais e deveres que a sociedade tão tiranicamente impõe à generalidade dos seus membros. "Eurípedes," diz Aspásia, "não tem os modos refinados de Sófocles; mas," — acrescenta ela, bem-humorada, — "os que movem e comandam as nossas almas têm certamente direito de se estenderem como quiserem sobre o mundo que lhes pertence, e diante das criaturas que animaram." (*)

(*) Landor: *Péricles e Aspásia*

Os modos requerem tempo, pois nada é mais vulgar do que a pressa. A amizade deve ser envolta em cerimónia e respeito, e não ser atirada para os cantos. A amizade exige mais tempo do que os pobres homens atarefados normalmente

podem dispor. Eis que me chega Roland, com uma delicadeza de sentimento que o guia e envolve como uma nuvem divina ou espírito santo. É uma grande privação para ambos que isto não seja recebido com ampla disponibilidade, mas ao invés seja frustrado por negócios importunos.

Mas por baixo desse verniz lustroso, a realidade brilha sempre. É difícil manter o "quê" escondido por trás do belo "como". O núcleo acabará por vir à tona. Vontade forte e perceção aguçada sobrepõem-se aos velhos modos e criam novos; e o pensamento do momento presente tem mais valor que todo o passado. Em pessoas de carácter, não notamos os modos, devido à sua instantaneidade. Surpreende-nos o que foi feito, sem tempo para observar como foi feito. E, no entanto, nada é mais encantador do que reconhecer o grande estilo que atravessa as ações de tais pessoas.

Os homens mascaram-se perante nós com as suas fortunas, títulos, cargos e ligações, como reitores, senadores, professores, grandes advogados — e impõem-se aos fúteis e bastante entre si próprios com essas reputações. Pelo menos, é prudente tratar tais nomes com delicadeza, como se fossem merecidos. Mas o realista desenganado reconhece-os ao primeiro olhar — e eles a ele; como quando, em Paris, o chefe da polícia entra num salão e os fingidos cravejados de diamantes encolhem-se e tornam-se discretos, ou olham-no de modo suplicante ao passar. "Recebi," disse uma sibila, "ao nascer, o dom fatal da penetração" — e essas Cassandras nascem sempre.

Os modos impressionam quando indicam poder real. Um homem seguro da sua posição transporta uma expressão ampla e serena que todos entendem. E não se pode ensinar o porte e o modo certos, sem antes fazer do homem alguém para quem esse modo seja natural. A Natureza recompensa sempre a autenticidade. O que é feito por efeito, vê-se logo que foi feito por efeito; o que é feito por amor, sente-se que foi feito por amor. Um homem inspira afeição e honra porque não as procurava.

Aquilo por que o visitamos, ele fez na escuridão e no frio. Um pouco de integridade vale mais que qualquer carreira. Tão profundas são as origens desta ação superficial, que até o tamanho do teu companheiro parece variar com a liberdade do seu pensamento. Ele é maior quando está à vontade, e os seus pensamentos são generosos; e tudo ao seu redor parece expandir-se com essa expressão.

Nenhuma régua de carpinteiro, nenhuma corrente de agrimensor mede as dimensões de uma casa ou de um terreno: entra na casa — se o dono for constrangido e deferente, pouco importa o tamanho do edifício ou a beleza do jardim — chegarás logo ao fim de tudo. Mas se o homem for senhor de si, feliz e em casa, a sua casa tem fundações profundas, dimensão indefinida e interesse constante, o teto e a cúpula leves como o céu. Sob o mais humilde dos telhados, a pessoa mais simples de roupas comuns ali se senta — maciça, alegre, e ao mesmo tempo formidável como os colossos egípcios.

Nem Aristóteles, nem Leibnitz, nem Junius, nem Champollion estabeleceram as regras gramaticais deste dialeto, mais antigo do que o sânscrito; mas aqueles que ainda não sabem ler inglês, conseguem ler este. Os homens avaliam-se mutuamente quando se encontram pela primeira vez — e todas as vezes que se encontram. Como obtêm esse conhecimento rápido, mesmo antes de falarem, sobre o poder e as disposições uns dos outros?

Dir-se-ia que a força persuasiva do discurso não está no que se diz — ou que os homens não convencem pelo argumento — mas sim pela sua personalidade, por aquilo que são e pelo que disseram e fizeram anteriormente. Um homem já reconhecido como forte é escutado, e tudo o que diz é aplaudido. Outro opõe-se-lhe com argumentos sólidos, mas esses são rejeitados, até que, com o tempo, penetram na mente de alguém influente; só então começam a ter impacto na comunidade.

A autoconfiança é a base do comportamento, tal como é a garantia de que as capacidades não são desperdiçadas em demasiada demonstração. Neste país, onde a educação escolar é universal, temos uma cultura superficial, e uma profusão de leitura, escrita e expressão. Ostentamos as nossas virtudes em poemas e orações, em vez de as convertermos em felicidade. Há um sussurro vindo dos tempos antigos para aquele que o consiga compreender — "tudo o que é conhecido apenas por ti tem sempre muito valor".

Há razões para crer que, quando um homem não escreve a sua poesia, ela escapa por outras vias através dele, em vez da via única da escrita; adere à sua forma e maneiras, enquanto os poetas muitas vezes nada têm de poético além dos seus versos. Jacobi disse que "quando um homem exprime completamente o seu pensamento, fica com um pouco menos dele". Dir-se-ia que a regra é esta — aquilo que um homem sente um impulso irresistível de dizer, ajuda-o a si e a nós. Ao explicar o seu pensamento aos outros, explica-o a si próprio; mas quando o expõe para exibição, corrompe-se.

A sociedade é o palco onde se revelam os modos; os romances são a sua literatura. Os romances são o jornal ou registo dos costumes; e a nova importância destes livros deriva do facto de que o romancista começa a penetrar a superfície e a tratar esta parte da vida com mais dignidade.

Os romances costumavam ser todos iguais, e tinham um tom bastante vulgar. Conduziam-nos a um interesse tolo pelos destinos do rapaz e da rapariga descritos. O rapaz haveria de ser elevado de uma posição humilde para uma posição elevada. Precisava de uma esposa e de um castelo, e o objetivo da história era proporcionar-lhe um ou ambos. Acompanhávamos com simpatia, passo a passo, a sua ascensão, até que, por fim, alcançava o objetivo, marcava-se o dia do casamento, e seguíamos o cortejo festivo até ao castelo, quando as portas nos eram fechadas na cara, e o pobre leitor ficava do lado de fora, ao frio, sem enriquecer sequer com uma ideia ou impulso virtuoso.

Mas as vitórias do carácter são instantâneas, e vitórias para todos. A sua grandeza eleva todos. Fortalecemo-nos com cada anedota heroica. Os romances são tão úteis como as Bíblias, se nos ensinam o segredo de que o melhor da vida é a conversa, e o maior sucesso é a confiança, ou o entendimento perfeito entre pessoas sinceras. É uma definição francesa de amizade, *rien que s'entendre*, simples entendimento.

O pato mais elevado que podemos fazer com o nosso semelhante é este — "Que haja verdade entre nós dois para sempre." Esse é o encanto de todos os bons romances, tal como é o encanto de todas as boas histórias: os heróis compreendem-se mutuamente desde o início e lidam lealmente, com profunda confiança mútua. É sublime sentir e dizer de outro: não preciso de o encontrar, ou falar, ou escrever-lhe: não precisamos de reforçar laços, nem enviar recordações: confio nele como em mim próprio: se ele agiu assim ou assado, sei que foi o certo.

Em todas as pessoas superiores que conheci, notei uma franqueza, uma verdade dita com mais verdade, como se tudo o que fosse obstáculo ou deformação tivesse sido eliminado. O que têm elas a esconder? O que têm a exibir? Entre pessoas simples e nobres há sempre uma inteligência rápida: reconhecem-se à primeira vista, e encontram-se num plano superior ao dos talentos e habilidades que possam possuir — o da sinceridade e retidão.

Pois não são os talentos ou o génio de um homem que definem o seu carácter ou amizade, mas sim a forma como se relaciona com os seus talentos. O homem que se mantém por si mesmo, conta com o universo a seu lado. Conta-se do monge Basile

que, tendo sido excomungado pelo Papa, foi, à morte, entregue a um anjo para encontrar lugar adequado de sofrimento no inferno: mas tal era a eloquência e o bom humor do monge, que, por onde passava, era recebido com agrado e tratado com civilidade, até pelos mais incivilizados anjos: e, quando conversava com eles, em vez de o contradizerem ou o oprimirem, tomavam o seu partido, e adotavam os seus modos: e até bons anjos vinham de longe para vê-lo e fazer-lhe companhia.

O anjo encarregado de lhe encontrar uma pena mais severa tentou transferi-lo para poço mais profundo, mas sem sucesso; pois tal era o espírito satisfeito de Basile, que encontrava algo para louvar em todo lugar e companhia, mesmo no inferno, e transformava-o numa espécie de céu. Por fim, o anjo regressou com o prisioneiro àqueles que o tinham enviado, dizendo que não se encontrava flegetonte que o queimasse; pois, em qualquer condição, Basile permanecia incorrigivelmente Basile. A lenda conta que a sua pena foi revogada, foi autorizado a entrar no céu, e canonizado como santo.

Há um gesto de magnanimidade na correspondência de Bonaparte com o seu irmão José, quando este era rei de Espanha e se queixava de que, nas cartas de Napoleão, faltava o tom afetuoso que marcava a correspondência da infância. "Lamento", respondeu Napoleão, "que penses encontrar de novo o teu irmão apenas nos Campos Elísios. É natural que, aos quarenta, ele não sinta por ti o mesmo que sentia aos doze. Mas os seus sentimentos por ti têm maior verdade e força. A sua amizade tem os traços do seu espírito."

Quanto perdoamos àqueles que nos proporcionam o raro espetáculo de maneiras heroicas! Perdoamos-lhes a falta de livros, de artes e até das virtudes mais suaves. Como os recordamos tenazmente! Eis uma lição que trago comigo desde rapaz, da Escola de Latim, e que está entre as melhores anedotas romanas. Marcus Scaurus foi acusado por Quintus Varius Hispanus de ter incitado os aliados a pegar em armas contra a República. Mas ele, cheio de firmeza e gravidade, defendeu-se assim: "Quintus Varius Hispanus alega que Marcus Scaurus, Presidente do Senado, incitou os aliados às armas: Marcus Scaurus, Presidente do Senado, nega-o. Não há testemunhas. Em quem acreditam, Romanos?" "Utri creditis, Quirites?" Quando pronunciou estas palavras, foi absolvido pela assembleia do povo.

Vi maneiras que causam uma impressão semelhante à da beleza física; que oferecem igual exaltação, e nos refinam de igual forma; e, em experiências memoráveis, são subitamente superiores à beleza, tornando-a supérflua e até feia. Mas essas maneiras devem ser marcadas por fina perceção, pelo reconhecimento da verdadeira beleza. Devem sempre mostrar domínio próprio: não deves ser fácil,

apologético, ou indiscreto, mas senhor da tua palavra; e cada gesto e ação deve indicar poder em repouso. E devem ser inspiradas por um bom coração. Não há embelezador de tez, forma ou comportamento como o desejo de espalhar alegria, e não dor, à nossa volta. É bom oferecer uma refeição ou abrigo a um estranho. É ainda melhor ser hospitaleiro para com o seu bom propósito e pensamento, e dar ânimo a um companheiro.

Devemos ser tão corteses com um homem como o somos com um quadro, ao qual estamos dispostos a dar a vantagem de uma boa iluminação. Não se deve pensar em preceitos específicos: o talento de fazer o bem contém todos eles. Cada hora revelará um dever tão imperioso como o meu capricho deste momento; e, mesmo assim, escrevê-lo-ei — há um tema terminantemente proibido a todos os bem-educados, a todos os mortais racionais, a saber: as suas indisposições.

Se não dormiste, ou se dormiste, ou se tens dor de cabeça, ou ciática, ou lepra, ou foste atingido por um raio, peço-te, por todos os anjos, que te cales e não corrompas a manhã — à qual todos os companheiros de casa trazem pensamentos serenos e agradáveis — com queixumes e lamentos. Sai do azul. Ama o dia. Não deixes o céu fora da tua paisagem.

A pessoa mais velha e mais merecedora deve entrar com muita modéstia em qualquer companhia recém-desperta, respeitando as comunicações divinas das quais todos se presume que acabaram de sair. Um velho que somava uma cultura elevada a uma vasta experiência de vida, disse-me: "Quando entras na sala, penso em como tornar a humanidade bela para ti."

Quanto à delicada questão da cultura, não creio que se possam estabelecer regras positivas, apenas negativas. Para sugestões positivas, só a Natureza pode inspirar. Quem ousaria assumir-se como guia de um jovem, de uma donzela, rumo a modos perfeitos? — o meio termo dourado é tão delicado, tão difícil — diga-se claramente, inalcançável. Que mãos mais hábeis não seriam desajeitadas ao delinear os preceitos subtis do comportamento de uma jovem? As probabilidades parecem infinitamente contra o sucesso; e, no entanto, ele é continuamente alcançado.

Não pode haver segundariedade, e é quase certo — mil contra um — que o seu porte e maneira trairão imediatamente que ela não é primária, mas que há outra, ou muitas outras da sua classe, a quem habitualmente se subordina. Mas a Natureza eleva-a com facilidade, e sem que o perceba, acima dessas impossibilidades, e

somos constantemente surpreendidos com graças e felicidades não só impossíveis de ensinar, como de descrever.

CULTO

Este é aquele que, abatido pelos inimigos,
Se ergueu ileso, revigorado pelos golpes:
Foi vendido para cativeiro,
Mas nenhuma grade o conseguiu reter:
Mesmo selado numa rocha,
Ele abre cadeias de montanhas:
Lançado aos leões como alimento,
O leão submisso beijou-lhe os pés:
Amarrado à estaca, as chamas não o atemorizaram,
Antes lhe formaram um arco de honra.
Este é aquele a quem os homens erradamente chamam Destino,
Trilhando caminhos obscuros, chegando tarde,
Mas sempre a tempo de coroar a verdade
E derrubar os injustos.
Ele é o mais antigo, e o mais conhecido,
Mais próximo que qualquer coisa que chames tua,
E, no entanto, ao ser saudado no olhar do outro,
Desconcerta com uma surpresa jubilosa.
Este é Júpiter, que, surdo às preces,
Derrama bênçãos sem aviso.
Traça, se conseguires, a linha mística,
Que separe justamente o que é seu do que é teu,
O que é humano, o que é divino.

Culto

Alguns dos meus amigos que ouviram os textos anteriores queixaram-se de que tratámos o Destino, o Poder e a Riqueza numa plataforma demasiado baixa; que concedemos demasiado espaço ao espírito maligno dos tempos; demasiadas oferendas a Cérbero; que corremos o risco de Cudworth de tornar o argumento do ateísmo tão forte, por excesso de tolerância, que se tornaria irrespondível. Não temo ser forçado, contra a minha vontade, a fazer o papel, como se diz, de advogado do diabo. Não sofro de fraqueza de fé; nem acredito que tenha muita

importância o que eu, ou qualquer homem, possa dizer: tenho a certeza de que uma certa verdade será dita através de mim, mesmo que eu fosse mudo, ou tentasse dizer o contrário. Nem temo o ceticismo em qualquer alma boa. Um pensador justo concederá total liberdade ao seu ceticismo. Mergulho a pena na tinta mais negra, porque não temo cair no tinteiro. Não simpatizo com um pobre homem que conheci, que, numa época de muitos suicídios, me disse que não ousava olhar para a sua navalha. Temos opiniões diferentes a diferentes horas, mas pode dizer-se que, no fundo, estamos sempre do lado da verdade.

Não vejo razão para nos darmos esses ares de santidade. Se a Providência Divina não ocultou aos homens nem a doença, nem a deformidade, nem a sociedade corrompida, mas se manifestou nas paixões, na guerra, no comércio, no amor ao poder e ao prazer, na fome e na necessidade, nas tiranias, literaturas e artes — não sejamos tão delicados que não possamos registar estes factos como são, de forma crua, ou duvidar de que exista uma contra-afirmação igualmente sólida, à qual possamos chegar, e que, sendo posta, trará equilíbrio.

O sistema solar não se preocupa com a sua reputação, e o crédito da verdade e da honestidade está igualmente seguro; nem receio que uma inclinação cética possa emergir de nos debruçarmos fortemente sobre o destino, o poder prático ou o comércio, que a doutrina da Fé não possa contrabalançar. A força desse princípio não se mede em gramas ou quilos: ela impera no centro da Natureza. Podemos muito bem dar ao ceticismo toda a linha que ele quiser. O espírito voltará e encher-nos-á. Ele conduz os condutores. Ele contrabalança qualquer acumulação de poder.

"O céu deu benignamente ao nosso sangue um curso moral."

Nascemos leais. Toda a criação é feita de ganchos e ilhós, de betume, de adesivo, e quer a tua comunidade seja feita em Jerusalém ou na Califórnia, de santos ou de naufragados, ela coere em perfeita unidade. Os homens criam naturalmente um Estado ou uma igreja, como as lagartas tecem teias. Se fossem mais refinados, seria menos formal, seria nervoso, como no caso dos Shakers, que, por força do hábito de pensar e sentir em conjunto, dizem-se afetados da mesma forma, ao mesmo tempo, para o trabalho e para o lazer, e como se dirigem com perfeita sintonia para as tarefas no campo ou na oficina, assim também sentem simultaneamente desejo de passeio ou viagem, e os cavalos surgem com a carruagem da família, sem terem sido chamados, à porta.

Nascemos crentes. Um homem carrega crenças como uma árvore carrega maçãs. Cada partícula possui equilíbrio próprio; e uma retidão em cada mente, que é a

Nêmesis e o protetor de toda a sociedade. Eu e os meus vizinhos fomos educados na ideia de que, se não aderíssemos em breve a uma boa igreja — calvinismo, ou behmenismo, ou romanismo, ou mormonismo — haveria um degelo e dissolução universais. Nenhum Isaías ou Jeremias chegou. Nada excede a anarquia que se seguiu nos nossos céus. As antigas fés severas pulverizaram-se todas. É uma população inteira de cavalheiros e senhoras à procura de religiões.

É uma anarquia eclesiástica tão plana como aquela que existiu em Massachusetts durante a Revolução, ou a que agora vigora nas encostas das Montanhas Rochosas ou do Pico Pike. E, no entanto, conseguimos viver. Os homens são leais. A Natureza tem equilíbrio próprio em todas as suas obras; proporções certas em que o oxigénio e o azoto se combinam, e, não menos, uma harmonia nas faculdades, uma adequação entre a mola e o regulador.

O declínio da influência de Calvino, ou Fénelon, ou Wesley, ou Channing, não nos deve causar inquietação. O arquiteto do céu não construiu tão mal a sua criatura ao ponto de permitir que a religião — ou seja, a natureza pública — caia em desuso: o elemento público e o privado, como o norte e o sul, como o interior e o exterior, como o centrífugo e o centrípeto, aderem a cada alma e não podem ser subjugados, a não ser que a alma se disperse. Deus constrói o seu templo no coração sobre as ruínas das igrejas e das religiões.

Nos últimos capítulos abordámos alguns aspetos da questão da cultura. Mas o estado total do homem é um estado de cultura; e o seu florescimento e plenitude podem ser descritos como Religião, ou Culto. Há sempre alguma religião, alguma esperança e temor estendidos ao invisível — desde o pressentimento cego que prega uma ferradura no mastro ou na soleira da porta, até ao cântico dos Anciãos no Apocalipse. Mas a religião não pode elevar-se acima do estado do seu devoto. O céu está sempre em certa proporção com a terra.

O deus dos canibais será um canibal, o dos cruzados um cruzado, o dos comerciantes um comerciante. Em todas as épocas, nascem almas fora do seu tempo, extraordinárias, proféticas, mais ligadas ao sistema do mundo do que à sua época e localidade. Estas anunciam verdades absolutas que, por mais reverentemente recebidas, são rapidamente arrastadas para interpretações bárbaras. As tribos do interior dos nossos índios, e alguns dos povos das ilhas do Pacífico, chicoteiam os seus deuses quando as coisas correm mal.

Os poetas gregos não hesitaram em lançar a sua irreverência espirituosa também sobre as suas divindades. Laomedonte, irritado com Neptuno e Apolo, que haviam

construído Troia para ele e exigido o pagamento, não hesita em ameaçá-los de lhes cortar as orelhas. (*) Entre os nossos antepassados nórdicos, a forma do rei Olaf converter Eyvind ao cristianismo foi colocar-lhe uma panela de brasas em brasa sobre o ventre, que rebentou. "Acreditas agora, Eyvind, em Cristo?", pergunta Olaf, com excelente fé. Outro argumento foi introduzir uma víbora na boca do discípulo relutante Rand, que se recusava a crer.

(*) Ilíada, Livro xxi, linha 455.

No período romântico, o Cristianismo significava cultura europeia — a árvore enxertada ou melhorada numa floresta de silvas bravas. E casar com um cônjuge pagão era como casar com uma Besta, e voluntariamente dar um passo atrás rumo ao babuíno.

"Hengist tinha, na verdade,
Uma filha bela e delicada,
Mas era pagã sarracena,
E Vortigern, por amor refinado,
Tomou-a por parceira e esposa,
E foi maldito em toda a sua vida;
Pois deixou cristão casar com pagã,
E misturou o nosso sangue como carne e vermes."

Que misturas góticas a fé cristã colheu de fontes pagãs, a crónica de Richard de Devizes sobre a cruzada de Ricardo I, no século XII, pode bem ilustrar. O rei Ricardo censura Deus por o ter abandonado: "Oh, vergonha! Que relutante eu estaria em abandonar-te, numa posição tão desamparada e terrível, se fosse teu senhor e defensor, como tu és o meu. Na verdade, os meus estandartes serão doravante desprezados, não por minha culpa, mas por tua; na verdade, não por cobardia minha na guerra, mas tu próprio, meu rei e meu Deus, foste hoje derrotado, e não Ricardo, teu vassalo." A religião dos primeiros poetas ingleses é anómala, tão devota e tão blasfema no mesmo fôlego. Tal é a extraordinária confusão de céu e terra de Chaucer no retrato de Dido:

"Era tão bela,
Tão jovem, tão cheia de vida, com olhos alegres,
Que se Deus, que céu e terra criou,
Quisesse amar beleza e bondade,
E feminilidade, verdade e graça,

Quem amaria senão esta doce senhora?
Não há mulher meio tão digna dele."

Com estas grosseiras imagens, comparamos complacentemente o nosso próprio gosto e decoro. Pensamos e falamos com mais moderação e gradação — mas não será o indiferentismo tão mau quanto a superstição?

Vivemos num período de transição, em que as antigas fés que confortavam nações — e mais do que isso, as que formavam nações — parecem ter esgotado a sua força. Não encontro nas religiões atuais dos homens algo de particularmente louvável; parecem infantis e insignificantes, ou então pouco viris e debilitantes. A característica fatal é a separação entre religião e moralidade. Aqui temos religiões ignorantes, ou igrejas que proscrevem o intelecto; religiões libertinas; religiões que toleram ou promovem a escravatura; e mesmo entre populações respeitáveis, idolatrias em que a brancura do ritual encobre indulgência escarlate.

O amante da antiga religião queixa-se de que os nossos contemporâneos — tanto os eruditos como os mercadores — sucumbiram a um grande desespero, corrompendo-se num conservadorismo medroso e descrente. Nas grandes cidades, a população é sem Deus, materialista — sem laço, sem empatia, sem entusiasmo. Não são homens, mas fomes, sedes, febres e apetites ambulantes. Como conseguem viver — tão sem rumo como estão? Depois de alcançarem os seus objetivos triviais, parece que é a cal que lhes resta nos ossos que os mantém de pé, e não algum propósito digno. Não há fé no universo intelectual, nem no universo moral.

Há fé na química, na carne e no vinho, na riqueza, nas máquinas, no motor a vapor, na bateria galvânica, nas turbinas, nas máquinas de costura e na opinião pública — mas não nas causas divinas. Uma revolução silenciosa afrouxou a tensão das velhas seitas religiosas, e, no lugar da gravidade e permanência dessas sociedades de opinião, surgem excentricidades e extravagâncias. Nunca houve tal leviandade nas crenças; veja-se o paganismo dentro do Cristianismo, os "avivamentos" periódicos, a matemática do Milénio, o ritualismo pavão, a regressão ao papismo, os devaneios dos mórmons, a miséria do mesmerismo, o delírio das pancadas espirituais, as revelações de ratos e ratinhos, os ruídos nas gavetas e a magia negra. A arquitetura, a música, a oração, partilham da loucura: as artes afundam-se em artifício e fingimento.

Sem saber o que fazer, imitamos os nossos antepassados; as igrejas vacilam rumo às pantomimas da Idade das Trevas. Pela maturação irresistível da mente geral, as tradições cristãs perderam a sua força. Abandonado o dogma dos ofícios místicos

de Cristo, e restando ele apenas como génio moral, é impossível manter o antigo ênfase na sua pessoa; e ela recua, como todas as figuras humanas devem recuar, perante a sublimidade das leis morais. Desta mudança, e na ausência momentânea de um génio religioso que contrabalance a imensa atividade material, nasce a sensação de que a religião desapareceu. Quando Paul Leroux ofereceu o seu artigo "Deus" ao diretor de um dos principais jornais franceses, este respondeu: "A questão de Deus está sem atualidade."

Em Itália, Gladstone disse do falecido rei de Nápoles: "tornou-se provérbio que erigiu a negação de Deus como sistema de governo." Neste país, a mesma apatia estava no ar, e a expressão "lei superior" tornou-se motivo de escárnio político. Que maior prova de infidelidade do que a tolerância e a propaganda da escravatura? Que maior sinal do que a direção da educação? Do que a facilidade da conversão? Do que a exterioridade das igrejas que outrora extraíam alimento das raízes do certo e do errado, e agora não passam de um vestígio de cal na parede?

Que maior prova de ceticismo do que o desprezo a que são votados os dons mentais e morais mais elevados? Que um homem atinja o mais alto grau de cultura que algum americano já possuiu — e depois morra num naufrágio, numa colisão ferroviária ou outro acidente — e toda a América aceita que o melhor lhe aconteceu; que, depois de tanto investimento em educação, tal é o custo da América que a melhor utilidade para uma pessoa refinada é afogá-la para poupar nas refeições.

Outro sinal deste ceticismo é a desconfiança na virtude humana. Acredita-se, entre proprietários bem vestidos, que não há mais virtude do que aquela que eles próprios possuem; que a parte sólida da sociedade existe para servir as artes do conforto; que a vida é uma questão de pôr algo entre os maxilares superior e inferior.

Como é rápida a sugestão de um motivo inferior! Certos patriotas em Inglaterra dedicaram anos a criar uma opinião pública que derrubasse as leis do milho e instaurasse o livre comércio. "Pois," diz o homem na rua, "o Cobden arranjou um salário com isso." Kossuth fugiu pelo oceano para ver se despertava o Novo Mundo para a liberdade europeia. "Sim," diz Nova Iorque, "fez bom negócio, o suficiente para viver à vontade o resto da vida."

Vejamos como o vício é tolerado pelas classes respeitáveis. Se um carteirista se infiltra entre cavalheiros, estes usam a força moral de que dispõem, e ele acaba por se sentir desconfortável e vai-se embora. Mas se um aventureiro segue todos

os ritos, consegue eleger-se senador ou presidente — mesmo usando os mesmos artifícios que detestamos no ladrão doméstico — os mesmos senhores que desdenham o bandido privado apressam-se a prestar homenagens ao bandido público: e nenhum grau de provas dos seus crimes os impede de lhe oferecer banquetes, abrir-lhe as casas e orgulharem-se da sua amizade.

Não nos deixámos enganar pelas declarações do aventureiro privado — quanto mais ele falava em honra, mais depressa contávamos as colheres; mas aceitamos os preâmbulos santificados das mensagens e proclamações do pecador público como prova da sua sinceridade. Só pode ser porque, no íntimo, dizem consigo: "No fundo, não sabemos o que é isso que chamam honestidade; mais vale um pássaro na mão."

Mesmo pessoas bem-intencionadas e de bom coração estão tocadas pelo mesmo ceticismo e, para uma ação corajosa e frontal, preferem meias-medidas e compromissos. Esquecem-se de que uma pequena medida é um grande erro, esquecem-se de que um mecânico sábio usa uma ferramenta afiada, e continuam a eleger os mortos da rotina. Mas os homens oficiais não vos podem ajudar em qualquer questão de hoje — eles derivam inteiramente de coisas mortas. Só podem ajudar aqueles que não fizeram juramento partidário para defender isto ou aquilo, mas que foram nomeados por Deus Todo-Poderoso, antes de virem ao mundo, para sustentar aquilo em que acreditam.

Diz-se que a falta de sinceridade nas figuras de destaque é um vício generalizado na sociedade americana. Mas a multidão dos doentes não nos deve levar a negar a existência da saúde. Apesar da nossa imbecilidade, dos nossos medos, e da "decadência universal da religião", etc., etc., o senso moral reaparece hoje com a mesma frescura matinal que tem sido, desde sempre, a fonte da beleza e da força. Dizes que já não há religião.

Dizer que já não há religião é como afirmar, num dia chuvoso, que não há sol — quando, nesse mesmo momento, estamos a presenciar um dos seus efeitos mais sublimes. A religião da classe culta, hoje em dia, consiste, sem dúvida, numa recusa de atos e compromissos que outrora constituíam a própria essência da sua fé. Mas essa recusa acabará por dar origem, a seu tempo, a formas espontâneas. Há um princípio que está na base de todas as coisas, que toda a fala procura expressar e toda a ação revelar: uma presença simples, silenciosa, indescrita e indescritível, habitando muito pacificamente em nós, o nosso legítimo senhor. Não devemos agir, mas permitir que se aja; não trabalhar, mas ser trabalhados. E a este tributo há um consentimento silencioso de todos os homens ponderados e justos, de todas as épocas e condições.

A este sentimento pertencem vastos e súbitos aumentos de poder. É notável que tenhamos fé no êxtase mesmo sem nunca o termos experimentado. A ordem do mundo é educar com rigor os sentidos e o entendimento; e o maquinismo em ação para extrair essas capacidades, em prioridade, tem sem dúvida a sua função. Mas nunca nos falta o pressentimento de que tais faculdades são instrumentais e servis, e de que, um dia, lidaremos com o ser real — essências em contato com essências.

Até a fúria da atividade material tem efeitos benéficos para a saúde moral. A ação enérgica dos tempos desenvolve o individualismo, e os religiosos aparecem isolados. Considero isto um passo na direção certa. O céu não trata connosco por sistemas representativos. As almas não se salvam em conjunto. O Espírito pergunta ao homem: "Como está contigo? contigo pessoalmente? está bem? está mal?" Para uma alma de grandeza, é uma felicidade escapar à educação religiosa — pois a religião de carácter é facilmente invadida. A religião deve ser sempre como o fruto bravo: não pode ser enxertada sem perder a sua beleza selvagem. "Vi," disse um viajante que conheceu os extremos da sociedade, "vi a natureza humana em todas as suas formas; é em todo o lado a mesma, mas quanto mais selvagem, mais virtuosa."

Dizemos que as velhas formas da religião se deterioram e que um ceticismo devasta a comunidade. Não creio que isso se possa curar ou conter com modificações dos credos teológicos, muito menos com disciplina teológica. O remédio para a teologia falsa é o bom senso inato. Esquece os livros e tradições, e obedece às tuas perceções morais neste momento. Aquilo que se designa por "moral" e "espiritual" é uma essência duradoura e, por mais ilusões que lhes tenhamos sobreposto, acabará por recuperar, século após século, o seu significado antigo.

Não conheço palavras que signifiquem tanto. Nas nossas definições, tentamos alcançar o espiritual ao descrevê-lo como invisível. Mas o verdadeiro significado de espiritual é real: é aquela lei que se cumpre a si mesma, que age sem meios, e que não se pode conceber como inexistente. Fala-se de "mera moralidade" — o que é como dizer, "pobre Deus, sem ninguém que o ajude." Encontro a omnipresença e a omnipotência na reação de cada átomo da Natureza.

Posso indicar melhor, com exemplos, essas reações pelas quais cada parte da Natureza responde à intenção do agente — beneficamente ao bom, penalmente ao mau. Substituamos o sentimentalismo pelo realismo e tenhamos a coragem de

revelar aquelas leis simples e terríveis que, vistas ou não, tudo penetram e governam.

Todo o homem zela para que o vizinho não o engane. Mas chega um dia em que ele começa a preocupar-se em não enganar o vizinho. Então tudo começa a correr bem. Transformou o seu carro de mercado num carro solar. Que dia esplêndido amanhece quando tomamos a peito a doutrina da fé! Quando preferimos, como melhor investimento, o ser ao fazer; o ser ao parecer; a lógica ao ritmo e à exibição; o ano ao dia; a vida ao ano; o carácter à execução — e quando compreendemos que a justiça nos será feita; e que, se o nosso génio é lento, o prazo será longo.

É certo que o culto tem uma relação determinante com a saúde do homem e com as suas mais altas capacidades, sendo, de algum modo, a fonte do intelecto. Todas as grandes épocas foram épocas de crença. Quero dizer: quando houve poder extraordinário de realização, quando começaram grandes movimentos nacionais, quando surgiram artes, quando existiram heróis, quando se compuseram poemas — a alma humana estava séria, e concentrava-se nas verdades espirituais com a mesma firmeza com que as mãos seguram a espada, o pincel ou a colher de pedreiro.

É verdade que o génio brota das montanhas da retidão; que toda a beleza e poder que os homens cobiçam nascem, de algum modo, nessa região alpina; que qualquer grau extraordinário de beleza num homem ou mulher implica um encanto moral. Por isso, creio que admitimos muito lentamente num outro homem um grau superior de sentimento moral ao nosso — uma consciência mais sensível, mais impressionável, ou que distingue graus mais subtis; um ouvido capaz de ouvir notas mais agudas do certo e do errado do que o nosso.

Escutamos, nesse ponto, com desconfiança e lentidão. Mas, uma vez convencidos dessa superioridade, não colocamos limite às expectativas sobre o seu génio. Pois tais pessoas estão mais próximas do segredo de Deus do que as outras; são banhadas por águas mais doces; ouvem avisos, veem visões onde os demais apenas veem vazio. Acreditamos que a santidade confere certa visão interior, porque não é pela força privada, mas pela força pública, que partilhamos e compreendemos a natureza das coisas.

Existe uma íntima interdependência entre intelecto e moralidade. Dadas duas inteligências iguais — qual formará juízos mais fiáveis: o de coração bom, ou o de coração mau? "O coração tem os seus argumentos, que o entendimento

desconhece." Pois o coração apercebe-se de imediato do estado de saúde ou doença, que é o estado controlador, ou seja, de sanidade ou insanidade — anterior, claro está, a qualquer engenho de raciocínio, quantidade de factos ou elegância retórica. Tão íntima é esta aliança entre mente e coração que o talento afunda-se sempre com o carácter.

A inclinação por erros de princípio arrasta os homens por caminhos perigosos, assim que a vontade deixa de controlar a paixão ou o talento. Daí os erros extraordinários e o desatino final em que caem os homens estragados pela ambição. Daí o remédio para todos os erros, a cura para a cegueira, a cura para o crime — é o amor. "Tanto amor, tanto espírito," dizia o provérbio latino. A superioridade que não tem superior, o redentor e instrutor das almas, por ser a sua essência primordial, é o amor.

A medida do moral deve ser a medida da saúde. Se o teu olhar está fixo no eterno, o teu intelecto crescerá, e as tuas opiniões e ações terão uma beleza que nenhum saber ou vantagem combinada de outros homens pode rivalizar. O momento em que perdes a fé e aceitas o critério do lucro será marcado pela estagnação — ou solstício — do génio, pela consequente regressão, e pela inevitável perda de atração para outras mentes. Os vulgares percebem a mudança em ti e a tua queda, mesmo quando te batem nas costas e te felicitam pelo aumento do bom senso.

A nossa cultura recente concentrou-se nas ciências naturais. Aprendemos os modos do sol e da lua, dos rios e das chuvas, dos reinos minerais e elementares, das plantas e dos animais. O homem aprendeu a pesar o sol, e o seu peso nem aumenta nem diminui. A trajetória de uma estrela, o instante de um eclipse, podem ser determinados com frações de segundo.

Pois bem — para esse homem, o livro da história, o livro do amor, os atrativos da paixão e os mandamentos do dever estão abertos: e a lição seguinte a ser ensinada é a continuação da lei inflexível da matéria no reino subtil da vontade e do pensamento; que, se, nas eras estelares, a gravidade e a projeção mantêm o seu curso, e a esfera nunca se desvia da sua trajetória louca através do espaço — uma gravitação mais secreta, uma projeção mais oculta governam com igual tirania a história humana, mantendo o equilíbrio de poder, era após era, sem quebra.

Pois, embora tenha sido introduzido o novo elemento da liberdade e do indivíduo, os átomos primordiais estão préfigurados e predestinados a fins morais; estão em busca de justiça, e, em última instância, o que é justo realiza-se. Religião ou culto é a atitude daqueles que veem esta unidade, intimidade e sinceridade; que

reconhecem que, contra todas as aparências, a natureza das coisas trabalha eternamente em favor da verdade e do bem.

É visão curta limitar a nossa fé nas leis às da gravidade, da química, da botânica e semelhantes. Essas leis não cessam onde os nossos olhos deixam de ver, mas prolongam a mesma geometria e química até ao plano invisível da vida social e racional, de modo que, onde quer que olhemos — no jogo de um rapaz ou nos conflitos das raças — uma reação perfeita, um julgamento perpétuo mantém vigilância. E isso manifesta-se numa classe de factos que dizem respeito a todos os homens, independentemente dos seus credos.

Homens superficiais acreditam na sorte, nas circunstâncias: foi o nome de alguém, ou estava lá naquele momento, ou era assim então, e noutro dia seria diferente. Homens fortes acreditam em causa e efeito. O homem nasceu para fazer aquilo, e o seu pai nasceu para ser pai dele e daquele feito, e, se observarmos atentamente, veremos que não houve sorte nenhuma no assunto, mas sim um problema de aritmética, ou uma experiência de química. A curva do voo da traça está predestinada, e tudo segue número, regra e peso.

O ceticismo é incredulidade na causa e efeito. Um homem não vê que, como come, assim pensa; como age, assim é e assim aparece; não vê que o seu filho é o filho dos seus pensamentos e das suas ações; que as fortunas não são exceções, mas frutos; que relação e conexão não existem apenas aqui e ali, mas por toda a parte e sempre; sem acaso, sem exceção, sem anomalia — apenas método, e uma teia contínua e uniforme; e o que sai, foi o que se pôs.

Como somos, assim fazemos; e como fazemos, assim nos é feito; somos os construtores do nosso destino; a hipocrisia, a mentira e a tentativa de obter um bem que não nos pertence estão, desde logo, frustradas e condenadas à vaidade. Mas, na mente humana, esse laço do destino está vivo. A lei é a base da mente humana. Em nós, ela é inspiração; lá fora, na Natureza, vemos a sua força implacável. Chamamos-lhe o sentimento moral.

Devemos às Escrituras hindus uma definição de Lei que se compara bem com qualquer das nossas obras ocidentais: "A Lei é aquilo que não tem nome, nem cor, nem mãos, nem pés; que é o menor dos pequenos e o maior dos grandes; tudo, e conhecendo todas as coisas; que ouve sem ouvidos, vê sem olhos, move-se sem pés e agarra sem mãos."

Se algum leitor me acusar de usar frases vagas e tradicionais, deixo-lhe, por alguns exemplos, a sugestão da natureza deste princípio, e quão real ele é. Mostro-

lhe que os dados estão viciados; que as cores permanecem porque são as cores naturais da lã; que o globo é uma bateria, porque cada átomo é um íman; e que a vigilância e sinceridade do Universo são asseguradas pelo facto de Deus delegar a sua divindade em cada partícula — não há espaço para hipocrisia, nem margem para escolha arbitrária.

O aldeão que deixa pela primeira vez a sua terra natal para ir ao estrangeiro vê todos os seus hábitos desfeitos. Num novo país e língua, perde a sua seita — quer seja Quacre ou Luterano. Então não era isso necessário à ordem e existência da sociedade? Ele sente falta disso, e do olhar severo da sua vizinhança, que o mantinha no decoro. Eis o perigo de Nova Iorque, de Nova Orleães, de Londres, de Paris, para os jovens.

Mas, com alguma experiência, descobre que não há cidades suficientemente grandes para se esconder; que os censores da ação são tão numerosos e tão próximos em Paris como em Littleton ou Portland; que a maledicência é igualmente pronta e vingativa. Não há ocultação possível, e para cada ofensa há uma vingança própria; que a reação — ou nada por nada — ou o "tão largo como comprido" não é uma regra de vilas pequenas, mas do Universo.

Não podemos dispensar nem o mais rude sustentáculo da virtude. Ficamos enojados com a bisbilhotice, mas ela tem a sua importância para manter os anjos no seu lugar. A mais pequena mosca pica, e a maledicência é uma arma impossível de excluir dos círculos mais privados, elevados e seletos. A Natureza criou uma polícia com muitos níveis. Deus delegou-se em milhões de agentes. Desde estas penas externas e menores, a escala ascende. Seguem-se os ressentimentos, os medos que a injustiça desperta; depois, as falsas relações em que o infrator é colocado perante os outros; e finalmente, a reação da sua culpa sobre si próprio, na solidão e devastação da sua mente.

Não se pode esconder nenhum segredo. Se o artista recorre a ópio ou vinho para recuperar o ânimo, a sua obra revelar-se-á como fruto do ópio ou do vinho. Se pintares um quadro ou esculpires uma estátua, ela colocará o observador no estado de espírito em que estavas quando a criaste. Se gastares para ostentação — em construções, jardins, quadros ou carruagens — isso será evidente. Todos somos fisionomistas e penetradores de carácter, e as próprias coisas denunciam.

Se seguires a moda suburbana de construir uma casa ostensiva com pouco dinheiro, parecerá aos olhos de todos uma casa barata disfarçada de cara. Não há privacidade que não possa ser penetrada. Nenhum segredo pode ser guardado no

mundo civilizado. A sociedade é um baile de máscaras, onde cada um esconde o seu verdadeiro carácter — e revela-o ao escondê-lo. Se um homem quiser esconder algo que traz consigo, os que encontra saberão que esconde algo — e geralmente saberão o quê. Será diferente se quiser ocultar uma crença ou propósito dentro do peito? É tão difícil de esconder como o fogo. É um homem forte aquele que consegue conter a sua opinião.

Ninguém pode proferir duas ou três frases sem revelar, a ouvidos inteligentes, exatamente onde se situa na vida e no pensamento — se no reino dos sentidos e do entendimento, ou no das ideias, da imaginação, da intuição e do dever. As pessoas parecem não perceber que a sua opinião sobre o mundo é também uma confissão do seu carácter. Só vemos aquilo que somos; e, se nos comportamos mal, suspeitamos dos outros. A fama de Shakespeare ou de Voltaire, de Tomás de Kempis ou de Bonaparte caracteriza aqueles que a atribuem. Assim como a luz de gás é o melhor polícia noturno, também o universo se protege com publicidade implacável.

Cada um deve estar armado — não necessariamente com mosquete ou lança. Feliz aquele que, ao ver essas armas, sente que possui outras melhores na sua energia e constância. A cada criatura cabe a sua arma — ainda que esta lhe esteja escondida durante muito tempo. A sua obra é a sua espada e o seu escudo. Que não acuse ninguém, que não prejudique ninguém. O modo de melhorar o mundo mau é criar o mundo justo. Eis a baixa economia política, a maquinar para cortar a garganta à concorrência estrangeira e estabelecer a nossa; a excluir os outros à força ou a guerreá-los; ou, por tarifas manhosas, dar preferência aos nossos produtos, mesmo quando piores.

Mas as verdadeiras e duradouras vitórias são as da paz, não as da guerra. A forma de vencer o operário estrangeiro não é matá-lo, mas superar o seu trabalho. E os Palácios de Cristal e as Exposições Universais, com os seus comités e prémios sobre todos os tipos de indústria, resultam desse sentimento. O trabalhador americano que dá dez marteladas enquanto o estrangeiro dá uma, está realmente a vencer esse estrangeiro — como se os golpes fossem físicos. Considero feliz o homem que, quando se trata de sucesso, olha para a sua obra em busca de resposta — não para o mercado, nem para a opinião, nem para o patrocínio.

Em todas as ocupações humanas, desde as mecânicas até às belas-artes, na navegação, na agricultura, na legislação, há entre os muitos que executam o seu trabalho de forma displicente — apenas para passar, tão mal quanto ousam — aqueles trabalhadores em quem recai o verdadeiro peso da tarefa, que amam o trabalho e gostam de o ver bem feito, que o concluem pelo seu próprio valor; e o

Estado e o mundo são felizes quando têm o maior número possível desses finalizadores. O mundo acabará sempre por fazer justiça a esses homens: não pode ser de outro modo. Quem adquiriu a capacidade pode esperar tranquilamente a ocasião de a fazer valer e saber que ela não tardará. Diz-se que a vitória é sorte. O trabalho é a vitória. Onde quer que haja trabalho, há vitória. Não há sorte, nem falhas. Só precisas de um veredicto: se tens o teu próprio, tens os restantes garantidos.

E, ainda assim, se forem precisas testemunhas, elas não estão longe. Nunca nasceu homem tão sábio ou bom sem que, com ele, não tenham vindo ao mundo um ou mais companheiros que se regozijam com a sua capacidade e a testemunham. Não posso deixar de ver, com reverência, que nenhum homem pensa ou age sozinho — mas que os assessores divinos que com ele entraram na vida — ora disfarçados de uma forma, ora de outra — caminham com ele, passo a passo, por todo o reino do tempo.

Essa reação, essa sinceridade, é património de todas as coisas. Para que a nossa palavra ou ação seja sublime, tem de ser real. É o nosso sistema que conta, não a palavra isolada ou a ação sem suporte. Usa a linguagem que quiseres — nunca dirás senão o que és. O que sou, e o que penso, chega até ti apesar dos meus esforços para o reter. O que sou foi transmitido, sem palavras, a outro, enquanto eu ainda tentava decidir-me a dizê-lo. Ele ouviu de mim aquilo que nunca exprimi.

À medida que os homens avançam na vida, adquirem amor pela sinceridade, e menos desejo de serem entretidos ou adormecidos. No progresso do carácter, há uma fé crescente no sentimento moral, e uma fé decrescente nas proposições. Os jovens admiram talentos e qualidades específicas. Com a idade, valorizamos os poderes totais e os efeitos gerais, como o espírito ou qualidade do homem. Passamos a ter uma outra visão, um novo critério; uma visão que ignora o que é feito para os olhos, e penetra no fazedor; um ouvido que não ouve o que os homens dizem, mas ouve o que não dizem.

Houve um homem sábio e devoto, chamado, na Igreja Católica, São Filipe Néri, de quem se contam muitas anedotas tocantes de discernimento e benevolência em Nápoles e Roma. Num convento próximo de Roma apareceu uma noviça que alegava possuir dons de inspiração e profecia. A abadessa avisou o Santo Padre, em Roma, dos poderes maravilhosos demonstrados por ela. O Papa não sabia bem o que pensar dessas novas pretensões, e, um dia, ao chegar Filipe de viagem, pediu-lhe que investigasse. Filipe lançou-se sobre a sua mula, todo enlameado da jornada, e dirigiu-se apressadamente ao convento distante. Comunicou à abadessa os desejos

de Sua Santidade, e pediu que mandasse chamar a noviça sem demora. Assim que ela entrou na sala, Filipe estendeu a perna enlameada e pediu-lhe que lhe tirasse as botas. A jovem, alvo de muita atenção e reverência, recuou com indignação e recusou o pedido. Filipe saiu imediatamente, montou a sua mula e voltou ao Papa: "Santíssimo Padre, não vos inquieteis mais: aqui não há milagre, pois aqui não há humildade."

Não precisamos preocupar-nos muito com o que as pessoas dizem por vontade própria, mas com o que têm de dizer; com aquilo que a sua natureza exprime, mesmo que os seus entendimentos ocupados, artificiosos, "yankees", tentem reprimir essa palavra e articular algo diferente. Se nos sentarmos em silêncio — aquilo que devem dizer é dito, com ou contra a sua vontade. Não nos importamos contigo, por mais que finjamos o contrário: estamos sempre a olhar através de ti para o ditador velado por detrás de ti. Enquanto o teu hábito ou capricho tagarela, esperamos, civil e impacientemente, até que esse superior sábio volte a falar. Nem as crianças se deixam enganar pelas falsas razões que os pais lhes dão em resposta às suas perguntas — sobre factos naturais, religião ou pessoas.

Quando o pai, em vez de pensar na realidade, responde com um chavão tradicional ou hipócrita, as crianças percebem-no. Para uma constituição sã, o defeito do outro é imediatamente percetível — só nos é ocultado pela nossa própria desarmonia. Um observador anatómico observa que as simpatias do peito, abdómen e pélvis se manifestam, por fim, no rosto e nas suas feições. Não apenas a beleza se dissipa, mas deixa rastos de como se dissipou. A fisionomia e a frenologia não são ciências novas, mas declarações da alma de que tem consciência de novas fontes de informação. E agora surgem ciências de alcance ainda mais vasto por detrás dessas.

E assim, para nós próprios, pouco importa os erros de formulação que cometamos — desde que não nos afastemos da verdade por vontade própria. Como a verdade de um homem nos vem à mente muito tempo depois de termos esquecido todas as suas palavras! Como nos visita nas horas silenciosas, lembrando-nos que a verdade é a nossa única armadura em todas as passagens da vida e da morte! O engenho é barato, e a raiva também; mas, se não podes argumentar ou explicar-te ao outro, mantém-te fiel à verdade — contra mim, contra ti — e conquistarás uma posição da qual ninguém te poderá desalojar. O outro esquecerá as palavras que proferiste, mas a posição que tomaste continuará a falar por ti.

Porque haveria de apressar-me a resolver todos os enigmas que a vida me propõe? Estou certo de que o Questionador, que me traz tantos problemas, também me trará as respostas a seu tempo. Tão rico, tão poderoso, tão alegre Dador que Ele é

— para mim, tudo será feito à Sua maneira. Porque haveria de renunciar ao meu pensamento apenas porque não posso refutar uma objeção? Considera apenas se esse pensamento permanece o mesmo na minha vida. Só podemos ver fora aquilo que temos dentro. Se não encontramos deuses, é porque não os abrigamos. Se há grandeza em ti, encontrarás grandeza em carregadores e varredores. Só é verdadeiramente imortal aquele para quem tudo é imortal. Li algures que ninguém é realizado enquanto outros permanecem incompletos; que a felicidade de um não pode coexistir com a miséria de outro.

Os budistas dizem: "Nenhuma semente morre": toda semente crescerá. Que serviço escapa à sua recompensa? O que é o vulgar, senão a avidez pela recompensa? Eis a diferença entre artesão e artista, entre talento e génio, entre pecador e santo. O homem cujos olhos estão fixos não na natureza do seu ato, mas no salário — seja ele dinheiro, cargo ou fama — é quase igualmente baixo.

É grande aquele que percebe que a recompensa das ações é inescapável, pois ele transforma-se na sua ação, assume-lhe a natureza, que dá o seu fruto como qualquer árvore. Um grande homem não pode ser impedido do efeito do seu ato, pois este é imediato. O génio da vida é amigo do nobre e, na escuridão, traz-lhe aliados de longe. Teme a Deus — e, por onde fores, os homens hão de sentir que caminham por catedrais sagradas.

Vejo, pois, nesses sentimentos que fazem a glória do ser humano — o amor, a humildade, a fé — também a intimidade da Divindade nos átomos; e que, logo que o homem está bem, certezas e previsões emanam do interior do seu corpo e da sua mente, tal como o perfume exala das flores quando amadurecem, e como uma atmosfera bela é gerada pelo planeta a partir da média das suas rochas e solos.

Assim, o homem torna-se igual a todos os acontecimentos. Pode enfrentar o perigo pelo que é justo. Um corpo pobre, sensível e sofredor, pode lançar-se ao fogo, às balas ou à peste, guiado pelo dever. Sente a segurança de uma ocupação justa. Não temo o acaso enquanto estiver no meu lugar. É estranho que pessoas superiores não sintam ter alguma resistência melhor à cólera do que simplesmente evitar ervilhas ou saladas.

A vida é pouco respeitável — não é? — se não tiver uma tarefa generosa, garantidora, sem deveres nem afetos que justifiquem a sua existência. A tarefa de cada homem é o seu salva-vidas. A convicção de que o seu trabalho é caro a Deus e insubstituível protege-o. O para-raios que desarma a nuvem é o corpo em ação com dever. Um objetivo elevado repercute-se nos meios, nos dias, nos órgãos do corpo.

Uma meta elevada é curativa, tal como a arnica. "Napoleão," diz Goethe, "visitou os doentes da peste para provar que aquele que vence o medo também vence a peste — e tinha razão. É inacreditável a força da vontade nesses casos: ela penetra o corpo e coloca-o num estado de atividade que repele todas as influências nocivas; enquanto o medo as convida."

Conta-se que, enquanto cercava uma cidade no continente, um cavalheiro foi ao encontro de Guilherme de Orange em missão pública. Soube que o rei estava junto às muralhas e lá foi. Encontrou-o a dirigir os artilheiros e, depois de tratar dos assuntos, o rei disse: "Não sabe, senhor, que cada momento aqui passado é um risco para a sua vida?" "Corro tanto risco quanto Vossa Majestade," respondeu o homem. "Sim," replicou o rei, "mas o meu dever traz-me aqui, o seu não." Pouco depois, uma bala de canhão caiu no local e matou o visitante.

Assim é que o estudante fiel pode inverter todos os avisos do seu instinto inicial, guiado por um instinto mais profundo. Aprende a acolher a adversidade — aprende que a desgraça é prosperidade dos grandes. Aprende a grandeza da humildade. Trabalhará na escuridão, contra o fracasso, a dor e a má vontade. Se for insultado, que o seja; o seu dever não é insultar. Hafiz escreve:

No juízo final, os homens usarão
Na cabeça o pó,
Como estandarte e ornamento
Da sua humilde confiança.

O moral iguala todos; enriquece e fortalece todos. É a moeda que tudo compra — e que todos trazem no bolso. Sob o chicote do feitor, o escravo sente a sua igualdade com santos e heróis. Na maior privação e calamidade, o homem surpreende-se com um sentimento de elasticidade que reduz a nada a perda.

Lembro alguns traços de um homem notável cuja vida e palavras revelavam muitas inspirações deste sentimento. Benedito era sempre grande no presente. Nada acumulava do passado — nem em gavetas, nem na memória. Não fazia planos para o futuro — nem sobre o que faria aos homens, nem sobre o que os homens fariam por ele.

Dizia: "Nunca estou vencido até saber que fui vencido. Encontro-me com pessoas brutais e poderosas a quem não sei responder. Pensam que me derrotaram. Isso é publicado, é aceite em sociedade, nos jornais; sou derrotado, aos olhos de todos, em talvez uma dúzia de frentes. As minhas contas mostram-me em dívida, sem equilíbrio, e o inimigo triunfa. A minha raça não prospera: estamos doentes, feios,

obscuros, impopulares. Os meus filhos estão em desvantagem. Parece que falho nos amigos e nos clientes também. Ou seja, em todos os combates ocorridos até agora, não possuía a arma certa, e fui historicamente derrotado. E, no entanto, sei — sempre soube — que nunca fui vencido; que nunca combati de verdade; que certamente lutarei, quando chegar a minha hora, e vencerei." "O homem," diz o *Vishnu Sarma*, "que, tendo bem comparado a sua força com a dos outros, ainda assim ignora a diferença, é facilmente vencido pelos inimigos."

"Passei," dizia ele, "dez meses no campo. O Órion, repleto de estrelas, era o meu único companheiro. Onde quer que um esquilo ou uma abelha possam ir com segurança, eu também posso. Comi o que me foi servido; toquei hera e sumagre venenoso. Quando saía, andava com todos os homens na estrada, pois sabia que o meu bem e o meu mal não vinham deles, mas do Espírito, de quem era servo. Pois não me rebaixava a ser circunstância, como fazem aqueles que colocam a vida na fortuna e nas companhias. Não me degradava vasculhando a memória em busca de ideias, nem ficava à espera de uma. Se ela viesse, acolhê-la-ia.

Deveria, como é justo, manifestar-se nas minhas mãos e pés; mas, se não viesse espontaneamente, não vinha de forma verdadeira. Se pode dispensar-me, eu posso certamente dispensá-la. Assim será com os meus amigos. Nunca cortejarei o mais encantador. Não pedirei amizade nem favor. Quando encontrar o que é meu, ambos saberemos. Nada será pedido nem concedido." Benedito saiu para procurar o amigo — e encontrou-o no caminho; mas não expressou surpresa com nenhuma coincidência. Por outro lado, se ia à casa do amigo e este não estava, não voltava a bater: concluía que interpretara mal os sinais.

Ele tinha a estranha mania de não pedir desculpa à mesma pessoa a quem tinha feito mal. Dizia que isso era uma forma de vaidade pessoal; mas que corrigiria a sua conduta, nesse mesmo aspeto em que falhara, com a próxima pessoa que encontrasse. Assim, dizia ele, satisfazia-se a justiça universal.

Mira veio perguntar-lhe o que devia fazer com a pobre mulher de Genesee, que se contratara para trabalhar para ela por um xelim por dia e, agora adoecendo, parecia prestes a ficar acamada. Deveria acolhê-la ou despedi-la? Mas Benedito respondeu: "Porquê perguntar? Uma coisa se esclarecerá como sendo a que deve ser feita — e não outra — quando chegar a hora. É uma dúvida saber se se deve pôr alguém na rua? Tanto como se fosse dúvida de deitar a pequena Jenny, que levas ao colo, à rua. O leite e a farinha que dás à mendiga alimentarão a Jenny. Expulsar a mulher é expulsar a tua própria criança, quer te pareça assim ou não."

Nos Shakers, assim chamados, encontro uma crença notável, na doutrina que mantêm com fidelidade, e que os leva a abrir as portas a qualquer viajante que deseje viver entre eles; pois dizem que o Espírito logo se manifestará, ao próprio e à comunidade, revelando que tipo de pessoa é e se pertence ou não entre eles. Não o recebem, nem o rejeitam. E não em vão vestiram, ano após ano, a sua túnica de barro, lavraram nos campos e dançaram a sua dança de urso, se verdadeiramente aprenderam tamanha sabedoria.

Honra aquele cuja vida é vitória perpétua; aquele que, em simpatia com o invisível e o real, encontra apoio no labor, em vez de louvor; que não brilha, e preferiria não brilhar. Com os olhos abertos, faz a escolha da virtude, que escandaliza os virtuosos; da religião, que leva as igrejas a suspenderem as suas discórdias para a queimar e exterminar; pois a virtude suprema está sempre contra a lei.

O milagre vem ao milagroso, não ao calculista. Talento e sucesso interessam-me moderadamente. A grande classe — os que afetam a nossa imaginação — os homens que não conseguiam fechar as mãos à volta dos seus objetos, os arrebatados, os perdidos, os tolos das ideias — esses sugerem o que não conseguem executar. Falam para as eras, e são ouvidos à distância. O Espírito não ama aleijados nem deformações. Se alguma vez houve um bom homem, então certamente houve outro, e haverá mais.

E assim, em relação a essa hora futura — esse espectro vestido de beleza à nossa cortina à noite, à nossa mesa de dia — o pressentimento, a certeza de uma mudança vindoura. A humanidade sempre ofereceu, pelo menos, esta forma implícita de gratidão pela dádiva da existência — ou seja, o terror de a perder; a curiosidade insaciável e a fome da sua continuação. Toda a revelação que nos é concedida é esta confiança branda, que, pela experiência, descobrimos ser suficiente para cobrir também com flores as encostas desse abismo.

Sobre a imortalidade, a alma, quando bem ocupada, não é curiosa. Está tão bem, que está certa de que tudo estará bem. Não interroga o Poder Supremo. O filho de Antíoco perguntou ao pai quando se iniciaria a batalha. "Temes tu," respondeu o rei, "que só tu, em todo o exército, não ouvirás a trombeta?" É mais elevado confiar que, se for melhor que vivamos, então viveremos — é mais nobre essa convicção do que possuir contrato de milénios ou eras indefinidas.

Mais importante do que a questão da duração é a questão do merecimento. A imortalidade virá a quem estiver preparado para ela; e aquele que quiser ser uma grande alma no futuro, tem de o ser agora. É doutrina demasiado elevada para

assentar numa lenda — isto é, na experiência de outro homem que não a nossa. Se for possível prová-la, será a partir da nossa própria atividade e propósitos, que pressupõem um futuro interminável onde se realizem.

O que se chama religião enfraquece e desmoraliza. Tal como és, nem os deuses te poderiam ajudar. Os homens estão, muitas vezes, inaptos a viver, pela sua evidente desigualdade com as próprias necessidades — ou então sofrem com a política, com maus vizinhos, ou com a doença — e desejariam ser dispensados das obrigações da vida. Mas o instinto sábio pergunta: "Como os ajudará a morte?" Não são dispensados ao morrer.

Não deves desejar a morte por cobardia. O peso do Universo é pressionado sobre os ombros de cada agente moral para o manter na sua tarefa. O único caminho de fuga, conhecido em todos os mundos de Deus, é o cumprimento. Tens de fazer o teu trabalho antes de seres libertado. E, no que toca ao governo do Universo, Marco Aurélio resumiu tudo numa frase: "É agradável morrer, se há deuses; e triste viver, se não há."

Penso, pois, que a última lição da vida, o cântico coral que se eleva de todos os elementos e anjos, é a obediência voluntária — uma liberdade necessária. O homem é feito dos mesmos átomos que o mundo, partilha das mesmas impressões, predisposições e destino. Quando a sua mente se ilumina, quando o seu coração é bondoso, ele entrega-se com alegria à ordem sublime, e faz, com conhecimento, o que as pedras fazem por estrutura.

A religião que deverá guiar e cumprir as eras presentes e futuras, seja qual for a sua forma, terá de ser intelectual. A mente científica há de ter uma fé que seja ciência. "Há duas coisas," disse Maomé, "que aborreço: o erudito na sua infidelidade, e o tolo na sua devoção." Os nossos tempos não têm paciência para nenhum, sobretudo para o último. Que não tenhamos nada, agora, que não seja evidência por si mesmo. A religião, só por si, oferece já suficiente alimento ao coração e à imaginação. Não sejamos importunados com afirmações vagas e meias verdades, com emoções fingidas e gestos piegas.

Haverá uma nova igreja fundada sobre a ciência moral — a princípio fria e nua, um recém-nascido na manjedoura — a álgebra e matemática da lei ética, a igreja dos homens do porvir, sem trombetas, nem saltérios, nem harpas; mas terá o céu e a terra como vigas e traves; a ciência como símbolo e ilustração; e cedo acumulará beleza, música, pintura, poesia. Nunca houve estoicismo tão severo e exigente como este será. Mandará o homem de volta à sua solidão central, envergonhará estes

modos sociais e suplicantes, e fá-lo-á saber que, muitas vezes, terá de ser o seu próprio amigo. Não esperará cooperação, nem andará com companhia. O Pensamento sem nome, o Poder sem nome, o Coração supra-pessoal — será nisso que repousará, a sós. Só precisa do seu próprio veredicto. Nenhuma boa fama o ajudará, nenhuma má fama o ferirá. As Leis são o seu consolo — as boas Leis estão vivas, sabem se ele as cumpriu, animam-no com o chamamento do grande dever e de um horizonte sem fim. Honra e fortuna existem para aquele que reconhece sempre a proximidade do sublime, que sente estar sempre na presença de causas elevadas.

CONSIDERAÇÕES PELO CAMINHO

Ouve o que cantou o Merlin britânico,
De olhar penetrante e língua verdadeira.
Não digas que os primeiros chefes
Usurparam os lugares por que todos lutam;
Os antepassados que fundaram esta terra
Não deixaram plantado o terreno de vantagem;
Sempre é daquele que chega amanhã
Que os homens esperam o bem e a verdade.

Mas se quiseres medir todo o teu caminho,
Certifica-te de erguer a carga mais leve.
Quem pouco tem, a quem tem menos pode dar,
E tu, filho de Cyndyllan, acautela-te
Do ouro pesado e dos tecidos que pesam,
Para não fraquejares antes de cumprir o teu dever —
Só os levemente armados sobem a colina.

O mais rico dos senhores é o Uso,
E a Saúde rosada é a Musa mais elevada.
Vive ao sol, nada no mar,
Bebe o vigoroso ar selvagem:
Onde brilha Canope, em Maio,
Os pastores estão gratos, e as nações alegres.

A música que mais fundo alcança,
E cura todos os males, é a palavra cordial:
Masca a tua sabedoria com prazer,
Brinca com o arco, mas acerta no alvo.

De todos os usos do engenho, o principal
É viver bem com quem nenhum tem.

Apega-te à tua terra; o ano completo
Trará até ti todos os frutos e virtudes:
Tolo e inimigo podem vaguear inofensivamente,
Amados e amantes permanecem em casa.
Um dia para o labor, uma hora para o jogo,
Mas para um amigo — a vida é demasiado curta.

Considerações pelo Caminho

Embora esta tagarelice de aconselhar nasça connosco, confesso que a vida é mais um tema de espanto do que de didática. Tanta fatalidade, tanta imposição irresistível do temperamento e de uma inspiração desconhecida entram nela, que duvidamos poder dizer algo, com base na nossa própria experiência, que ajude verdadeiramente os outros. Todas as profissões são agências tímidas e expectantes. O sacerdote alegra-se se as suas orações ou o seu sermão tocam a alma de alguém; se forem dois, se forem dez, é um sucesso notável. Mas caminhou até à igreja sem qualquer certeza de conhecer a aflição ou poder curá-la. O médico prescreve hesitante a partir dos seus poucos recursos, o mesmo tónico ou sedativo para esta nova e peculiar constituição que aplicou com sucesso variável a uma centena de homens antes.

Se o doente melhora, sente-se feliz e surpreendido. O advogado aconselha o cliente, apresenta a história ao júri e deixa tudo nas suas mãos, ficando tão aliviado e contente como o cliente, se o veredicto for favorável. O juiz pesa os argumentos, mantém uma atitude firme e, dado que tem de haver uma decisão, decide como pode, esperando ter feito justiça e dado satisfação à comunidade; mas, afinal, é apenas mais um defensor. E assim é toda a vida: um espectador tímido e inábil. Fazemos o que temos de fazer e chamamos-lhe pelos melhores nomes. Gostamos muito de ser elogiados pelas nossas ações, mas a nossa consciência diz: "Não a nós."

Pouco podemos fazer uns pelos outros. Acompanhamos o jovem com simpatia e inúmeros provérbios antigos até à porta da arena, mas é certo que não será pela nossa força, nem pela dos ditos antigos, mas apenas pela sua própria força — desconhecida de nós e de todos — que ele há de vencer ou sucumbir. Aquilo com que um homem triunfa, em qualquer passagem, é um segredo profundo para qualquer outro ser no mundo, e só quando ele nos vira costas, a nós e a todos, e se

apoia nessa sabedoria íntima, é que algum bem pode surgir para ele. O que temos, portanto, a dizer sobre a vida, é mais descrição ou, se quiseres, celebração, do que regras úteis.

Contudo, o vigor é contagiante, e tudo o que nos faz pensar ou sentir com intensidade aumenta o nosso poder e alarga o nosso campo de ação. Temos uma dívida para com todo o grande coração, para com todo o génio brilhante; para com aqueles que arriscaram vida e fortuna num ato de justiça; para com aqueles que acrescentaram novas ciências; para com aqueles que refinaram a vida com ocupações elegantes. São as almas nobres que nos servem, e não aquilo a que se chama sociedade fina. A sociedade fina é apenas uma autoproteção contra as vulgaridades da rua e da taberna.

A sociedade fina, no sentido comum, não tem ideias nem objetivos. Presta o serviço de uma perfumaria, ou de uma lavandaria, não de uma quinta ou fábrica. É uma exclusão e um reduto. Sidney Smith disse: "Alguns metros em Londres cimentam ou dissolvem uma amizade." É um decoro sem princípios; uma questão de roupa lavada e carruagens, de luvas, cartões e elegância nas ninharias. Há outras medidas de respeito próprio para um homem, além do número de camisas limpas que veste por dia. A sociedade deseja ser entretida. Eu não desejo ser entretido. Desejo que a vida não seja barata, mas sagrada. Desejo que os dias sejam como séculos, carregados, perfumados.

Agora contamos os dias como dias bancários, por alguma dívida a receber ou a pagar, ou por algum prazer a saborear. Será tudo o que temos a fazer: inspirar e expirar? A definição de Porfírio é melhor: "A vida é aquilo que mantém a matéria unida." O bebé ao colo é um canal através do qual as energias que chamamos destino, amor e razão fluem visivelmente. Vede o cometa de auxiliares que o homem carrega consigo — animais, plantas, pedras, gases e elementos imponderáveis. Infiramos os seus fins a partir desta pompa de meios. Mirabeau disse: "Porque haveríamos de nos sentir homens, senão para ter sucesso em tudo, por toda a parte? Nada deve ser dito como estando abaixo de nós, nem sentido como estando fora do nosso poder.

Nada é impossível ao homem que quer. É necessário? Assim será: — esta é a única lei do sucesso." Quem quer que o tenha dito, está no tom certo. Mas esse não é o tom nem o génio dos homens nas ruas. Nas ruas, tornamo-nos cínicos. Os homens que encontramos são grosseiros e apáticos. Os espíritos mais finos têm o seu sedimento. Que quantidades de tolos, pobres, inválidos, epicuristas, antiquários,

políticos, ladrões e frívolos de ambos os sexos poderiam ser poupados com vantagem!

A humanidade divide-se em duas classes — benfeitores e malfeitores. A segunda é vasta, a primeira um punhado. Raramente alguém adoece sem que os que o rodeiam nutram uma ténue esperança de que morra: — quantas vidas pobres; inválidos angustiantes; casos dignos de uma bala. Franklin disse: "A humanidade é muito superficial e pusilânime: começa uma coisa, mas, ao encontrar dificuldade, recua desencorajada: contudo, tem capacidades, se as quiser usar."

Julgaremos então um país pela maioria ou pela minoria? Pela minoria, sem dúvida. É pedante avaliar nações pelo censo, ou por quilómetros quadrados de terra, ou por qualquer critério que não seja a sua importância para o espírito do tempo.

Deixemos esta conversa hipócrita sobre as massas. As massas são rudes, toscas, por fazer, perniciosas nos seus pedidos e influência, e não precisam de ser lisonjeadas, mas educadas. Não desejo ceder-lhes nada, mas antes domá-las, discipliná-las, dividi-las e dissolvê-las, e extrair delas os indivíduos. O pior da caridade é que as vidas que nos pedem para preservar não merecem ser preservadas. Massas! a calamidade está nas massas.

Não desejo massa alguma, mas apenas homens honestos, mulheres encantadoras, doces e cultas, e nenhum operário de mãos de pá ou cérebro estreito, dado à bebida. Se o governo soubesse como, eu gostaria que refreasse, e não multiplicasse a população. Quando alcançar a sua verdadeira lei de ação, cada homem que nascer será aclamado como essencial. Afastemos este viva às massas, e tenhamos antes o voto ponderado de indivíduos, proferido com honra e consciência. No antigo Egipto, era lei estabelecida que o voto de um profeta valia por cem mãos. Creio que estava subestimado. "O barro difere do barro em dignidade", como descobrimos diariamente pelas nossas preferências.

Que prática perversa é esta dos nossos políticos em Washington de se emparelharem! Como se um homem que vota mal, ao ausentar-se, pudesse desculpar-te, que pretendes votar bem, por também te ausentares; ou como se a tua presença não contasse de mais formas além do voto. Suponhamos que os trezentos heróis das Termópilas se tivessem emparelhado com trezentos persas: teria sido o mesmo para a Grécia, e para a história? Napoleão era chamado pelos seus homens Cent Mille. Juntem-lhe a honestidade, e poderiam tê-lo chamado Cem Milhões.

A natureza faz cinquenta melões fracos por cada um que presta, e sacode de uma árvore uma multidão de maçãs nodosas, bichosas, verdes, antes que se encontrem uma dúzia de maçãs de sobremesa; e espalha nações de índios nus e nações de cristãos vestidos, com duas ou três boas cabeças entre eles. A natureza trabalha arduamente e acerta no alvo apenas uma vez em cada milhão de tentativas. Na humanidade, contenta-se se produzir um mestre por século.

Quanto mais difícil é criar bons homens, mais são usados quando surgem. Certa vez contei, numa pequena vizinhança, e descobri que cada homem capaz sustentava entre doze e quinze pessoas que dele dependiam para ajuda material — para quem era colher e jarro, fiador e patrono, berçário e hospital, e muitas outras funções; e não parece fazer muita diferença se é solteiro ou patriarca; se não recusar violentamente os deveres que lhe calham, esse grau de ajuda há de, de uma forma ou de outra, recair sobre ele.

Esse é o imposto que as suas capacidades pagam. Os bons homens são utilizados como centros privados de utilidade e para influência mais vasta. Todas as revelações — mecânicas, intelectuais ou morais — são feitas a indivíduos, e não a comunidades. Todos os acontecimentos marcantes do nosso tempo, todas as cidades, todas as colonizações, podem ser rastreados até à sua origem num cérebro privado. Todos os feitos que constituem a nossa civilização foram pensamentos de algumas boas cabeças.

Entretanto, esta produtividade profusa não é nociva nem desnecessária. Dir-se-ia que esta plebe de nações podia ser poupada. Mas não, todos estão contados e são necessários. O destino mantém tudo vivo enquanto o mais ténue fio de necessidade pública o ligar à árvore. O vaidoso, o fanfarrão e o ladrão são tolerados como proletários, sendo cada um dos seus vícios o excesso ou a acidez de uma virtude. A massa é animal, em aprendizagem, próxima do chimpanzé. Mas as unidades de que se compõe são neutras, cada uma das quais pode crescer até se tornar uma abelha-rainha.

A regra é: somos usados como átomos brutos, até pensarmos: então usamos todos os outros. A natureza transforma toda a malfeitoria em bem. A natureza provê às verdadeiras necessidades. Nenhum homem são desconfia de si próprio no fim. A sua existência é uma resposta perfeita a todos os sentimentalismos. Se ele existe, é porque é necessário, e tem as propriedades exatas que se requerem. Estarmos aqui é prova de que devemos aqui estar. Temos tão bom direito, e o mesmo tipo de direito, a estar aqui, como a Península de Setúbal ou o Cabo da Roca têm de estar onde estão.

Dizer, então, que a maioria é má não significa malícia nem mau coração do observador, mas apenas que a maioria é imatura, ainda não se encontrou, ainda não conhece a sua opinião. Essa, se a conhecessem, seria um oráculo para si e para todos. Mas no momento presente, o interesse quadrúpede tende a prevalecer: e esta força animal, embora crie a disciplina do mundo, a escola dos heróis, a glória dos mártires, tem provocado, em todas as épocas, a sátira dos espíritos e as lágrimas dos justos.

Encontram os jornais, os clubes, os governos, as igrejas, ao serviço e à folha de pagamentos do diabo. E os sábios enfrentaram este obstáculo nos seus tempos como Sócrates, com a sua famosa ironia; como Bacon, com dissimulação vitalícia; como Erasmo, com o seu livro "Elogio da Loucura"; como Rabelais, com a sua sátira que rasga as nações. "Foram os tolos que clamaram contra mim, dirás", escreveu o Cavaleiro de Boufflers a Grimm; "pois sim, mas os tolos têm a vantagem do número, e é isso que decide. Não vale a pena guerrearmos com eles; não os enfraqueceremos; serão sempre os senhores. Não haverá prática ou costume introduzido de que não sejam os autores."

Perante estes factos sinistros, a primeira lição da história é o bem do mal. O Bem é um bom médico, mas o Mal é por vezes melhor. Foram as opressões de Guilherme o Normando, as selvagens leis florestais e o esmagador despotismo que tornaram possíveis as inspirações da Magna Carta sob João. Eduardo I queria dinheiro, exércitos, castelos, e tanto quanto pudesse obter. Era necessário convocar o povo por vias mais curtas e rápidas — e surgiu a Câmara dos Comuns. Para obter subsídios, pagou em privilégios.

No vigésimo quarto ano do seu reinado, decretou "que nenhum imposto fosse cobrado sem o consentimento dos Lordes e dos Comuns" — o que se tornou a base da Constituição inglesa. Plutarco afirma que as guerras cruéis que seguiram a marcha de Alexandre introduziram a civilidade, a língua e as artes da Grécia no Oriente selvagem; introduziram o casamento; fundaram setenta cidades; e uniram nações hostis sob um só governo. Os bárbaros que destruíram o Império Romano não chegaram um dia cedo demais. Schiller disse que a Guerra dos Trinta Anos fez da Alemanha uma nação.

Déspotas rudes e egoístas servem imensamente os homens — como Henrique VIII na luta contra o Papa; tanto as infatuadas decisões quanto a sabedoria de Cromwell; a ferocidade dos czares russos; o fanatismo dos regicidas franceses de 1789. A geada que mata a colheita de um ano salva as colheitas de um século, ao destruir o gorgulho ou o gafanhoto. Guerras, incêndios e pragas rompem rotinas

imutáveis, limpam o terreno de raças podres e focos de doença, e abrem campo livre a novos homens. Há uma tendência das coisas para se corrigirem, e a guerra, ou a revolução, ou a falência que destrói um sistema apodrecido permite que as coisas retomem uma ordem nova e natural. Os males mais agudos acabam por curvar-se à periodicidade que torna os erros dos planetas, e as febres e distúrbios dos homens, autolimitantes.

A natureza sustenta-se por antagonismo. Paixões, resistência, perigo — são educadores. Ganhamos a força que superámos. Sem guerra, não há soldado; sem inimigos, não há herói. O sol seria insípido, se o universo não fosse opaco. E a glória do carácter está em afrontar os horrores da depravação, para extrair daí novas nobrezas de poder: tal como a Arte vive e vibra no novo uso e na combinação de contrastes, escavando sempre mais fundo nas trevas à procura de poços mais negros.

Que faria o pintor, ou o poeta, ou o santo, sem crucificações e infernos? E eternamente existe no mundo este maravilhoso equilíbrio entre beleza e repulsa, magnificência e ratazanas. Não foi Antonino, mas uma pobre lavadeira quem disse: "Quanto mais problemas, mais leão; esse é o meu princípio."

Não penso com muito respeito nos intentos ou nas ações das pessoas que foram para a Califórnia em 1849. Foi uma correria e uma disputa de aventureiros necessitados, e, no Oeste, uma libertação geral de todos os desordeiros dos rios. Alguns foram com propósitos honestos, outros com intenções muito más, e todos com o desejo banal de encontrar um atalho para a riqueza. Mas a Natureza vigia tudo e transforma esta malfeitoria em bem.

A Califórnia é povoada e domada — civilizada por vias imorais — e, sobre esta ficção, enraíza-se e cresce uma prosperidade real. É um pato-isca; são toneis lançados para entreter a baleia: mas apanham-se patos verdadeiros e baleias que dão óleo. E, de raptos sabinos e investidas de salteadores, nascem, a seu tempo, verdadeiras Romas e os seus heroísmos.

Na América, a geografia é sublime, mas os homens não são; as invenções são excelentes, mas os inventores envergonham-nos por vezes. As agências por meio das quais se realizam eventos tão grandiosos como a abertura da Califórnia, do Texas, do Oregon e a junção dos dois oceanos, são mesquinhas — egoísmo grosseiro, fraude e conspiração: e a maior parte dos grandes resultados da história são alcançados por meios pouco honrosos.

O benefício trazido ao Illinois e ao grande Oeste pelas ferrovias é inestimável, ultrapassando em muito qualquer filantropia intencional conhecida. Que benefício trouxeram um bom rei Alfredo, ou um Howard, ou Pestalozzi, ou Elizabeth Fry, ou Florence Nightingale, ou qualquer amante do bem, grande ou pequeno, comparado com a bênção involuntária que os capitalistas egoístas trouxeram às nações ao construírem as linhas do Illinois, de Michigan e a rede ferroviária do vale do Mississippi, que não só fizeram emergir toda a riqueza do solo como a energia de milhões de homens? É sentença da sabedoria antiga que "Deus pendura os maiores pesos nos fios mais finos."

O que assim acontece às nações, ocorre diariamente nos lares. Quando os amigos de um cavalheiro lhe chamaram a atenção para as loucuras dos filhos, com muitos avisos quanto ao perigo, ele respondeu que, em rapaz, conhecera tanto mal e, no geral, acabara por sair-se bem, que não se alarmava com as dissipações dos rapazes; era uma água perigosa, mas pensava que em breve tocariam o fundo e depois viriam ao de cima. Esta é uma prática ousada, e há muitas quedas antes de uma boa saída. Contudo, dir-se-ia que um bom entendimento bastaria tão bem como a sensibilidade moral para manter um homem em pé; as gratificações das paixões revelam-se rapidamente prejudiciais e — o que os homens menos suportam — rebaixam-nos seriamente no estatuto social. Pois todo o talento afunda com o carácter.

"Croyez-moi, l'erreur aussi a son mérite", disse Voltaire. Vemos aqueles que, à força de algum egoísmo ou fascinação, superam obstáculos que os prudentes evitam. O verdadeiro partidário é um homem obstinado e estreito que, por não ver muitas coisas, vê uma só com fervor e exagero, e, se cai entre outros homens estreitos, ou sobre causas de importância momentânea, como certos comércios ou políticas do dia, prefere isso ao universo, e parece inspirado, uma dádiva para os que desejam ampliar o assunto e alcançar o seu fim. Melhor seria, sem dúvida, se pudéssemos assegurar a força e o fogo que os homens rudes e apaixonados trazem à sociedade, livres dos seus vícios.

Mas quem ousaria tirar o pino que segura a roda da carroça? É tão evidente que não há deformidade moral que não seja uma boa paixão deslocada; que não há homem que não deva algo aos seus defeitos; que, segundo o velho oráculo, "as Fúrias são os vínculos dos homens"; que os venenos são os nossos principais remédios, que matam a doença e salvam a vida. Na linguagem profética mais elevada, Ele faz com que a cólera do homem O louve, e torce e retorce o nosso mal em benefício. Shakespeare escreveu:

“Dizem que os melhores homens são moldados pelos seus defeitos”;
e grandes educadores, legisladores, sobretudo generais e líderes de colónias, confiam sobretudo nesse material, e consideram os homens de força irregular e passional como a melhor madeira. Um homem sensato e enérgico, antigo diretor da Escola Agrícola no porto de Boston, disse-me: “Não quero dos vossos bons rapazes — dai-me os maus.” E é por isso, suponho, que, assim que os filhos se mostram bons, as mães se assustam e pensam que vão morrer.

Mirabeau disse: “Apenas os homens de paixões fortes são capazes de alcançar a grandeza; apenas esses merecem a gratidão pública.” A paixão, embora seja um mau regulador, é uma mola poderosa. Qualquer paixão absorvente tem o efeito de libertar dos pequenos laços e cuidados do quotidiano: é o calor que põe os nossos átomos humanos em rotação, vence o atrito das entradas sociais e dá-nos um bom arranque e velocidade — fácil de manter uma vez iniciado. Em suma, não há homem que não deva, em algum momento, algo aos seus vícios, como não há planta que não se alimente de estrume. Apenas insistimos que o homem melhore, e que a planta cresça para cima, convertendo a base na melhor natureza.

O operário sábio não se lamenta da pobreza ou da solidão que fizeram despontar os seus talentos de trabalho. O jovem encanta-se com os modos distintos e os talentos dos filhos da fortuna. Mas todos os grandes homens vêm das classes médias. Isso é melhor para a cabeça; é melhor para o coração. Marco Aurélio diz que Fronto lhe disse: “Os chamados nobres são, na sua maioria, desprovidos de coração”; ao passo que nada revela uma cultura mais profunda do que a consideração terna pelos ignorantes.

Charles James Fox disse da Inglaterra: “A história deste país demonstra que não devemos esperar dos homens em circunstâncias abastadas a vigilância, energia e esforço sem os quais a Câmara dos Comuns perderia a sua maior força e peso. A natureza humana tende ao conforto, e os serviços públicos mais meritórios foram sempre prestados por pessoas cuja condição de vida estava afastada da opulência.” E, no entanto, o que pedimos diariamente é ser convencionais. Dai-me vós, deuses benevolentes, este dom que me falta — seja no porte, na fala ou na fortuna — que me deixa ligeiramente fora do círculo: concedei-mo, e deixai-me ser como os outros que admiro, e estar de bem com eles.

Mas os deuses sábios dizem: Não, temos coisas melhores para ti. Por humilhações, por derrotas, pela perda de simpatias, por abismos de desigualdade, aprende uma verdade e humanidade mais amplas do que a de um cavalheiro distinto. Um senhorio

da Quinta Avenida ou um proprietário no West End não é o modelo supremo de homem: e, embora bons corações e mentes sãs não pertençam a nenhuma condição em particular, aquele que há de ser sábio para muitos não pode viver protegido. Deve conhecer as cabanas onde dormem os pobres, e as tarefas que os pobres fazem. As mentes de primeira ordem — Ésopo, Sócrates, Cervantes, Shakespeare, Franklin — conheceram o sentimento e a mortificação dos pobres. Um homem rico nunca foi insultado na vida: mas este homem tem de ser ferido. Um homem rico nunca esteve em perigo de frio, fome, guerra ou rufiões — e vê-se isso na moderação das suas ideias. É uma desvantagem fatal ser mimado e comer demasiados bolos.

Que provas de virilidade poderia ele suportar? Tirá-lo das suas proteções. É bom contabilista, ou é conselheiro astuto numa seguradora: talvez consiga passar nos exames universitários e obter diplomas: talvez até dê conselhos sábios num tribunal. Mas agora coloquem-no entre agricultores, bombeiros, índios, emigrantes. Larguem-lhe um cão: mandem-lhe um salteador: testem-no com uma série de multidões: enviem-no para o Kansas, para Pike's Peak, para o Oregon: e, se ele tiver verdadeira capacidade, esse poderá ser o elemento que lhe falta, e sairá de lá com sabedoria mais ampla e força mais viril. Esopo, Saadi, Cervantes, Regnard foram capturados por corsários, deixados por mortos, vendidos como escravos, e conheciam as realidades da vida humana.

Os maus tempos têm valor científico. São ocasiões que um bom aprendiz não perderia por nada. Tal como vamos de bom grado ao Faneuil Hall para sentir os ventos tempestuosos e os dedos firmes do patriotismo enfurecido, assim também uma perseguição fanática, guerra civil, bancarrota nacional ou revolução são mais ricas em tons fundamentais do que anos lânguidos de prosperidade. Aquilo que durante toda a nossa memória era continente sólido, abre-se de repente e revela a sua composição e génese. Aprendemos geologia na manhã seguinte ao terramoto, sobre diagramas horrendos de montanhas fendidas, planícies soerguidas e leitos secos de mar.

Na nossa vida e cultura, tudo é aproveitado e posto em uso — paixão, guerra, revolta, falência, e também loucura e erros, insultos, tédio e más companhias. A Natureza é um trapo-mercador, que reaproveita cada farrapo, cada resto, cada ponta para criar algo novo; como um bom químico que encontrei, dias atrás, no seu laboratório, a converter camisas velhas em açúcar branco puro. A vida é um privilégio ilimitado, e quando pagamos o bilhete e entramos na carruagem, não adivinhamos que boa companhia ali encontraremos. Compramos muito mais do que

vem na conta. Os homens alcançam certa grandeza sem querer, enquanto perseguem outro fim.

Se agora, neste encadeamento de discurso, ousássemos enunciar as primeiras regras óbvias da vida, não repetirei aqui a primeira regra de economia, já proclamada mais de uma vez — que cada homem deve sustentar-se a si mesmo — mas direi: conquista a saúde. Nenhum trabalho, esforço, temperança, pobreza ou exercício que possa consegui-la deve ser poupado. Porque a doença é um canibal que devora toda a vida e juventude que consiga alcançar, e consome os seus próprios filhos.

Imagino-a como um fantasma pálido, lamurioso, perturbado, absolutamente egoísta, desatento ao que é bom ou grandioso, preso às suas sensações, perdendo a alma, e afligindo outras almas com mesquinhez e abatimento, exigindo serviço a uma voracidade de ninharias. Samuel Johnson disse com severidade: "Todo o homem é um patife assim que adoece." Abandonemos os rodeios e tratemo-la com sanidade. Tal como perante o ébrio não fingimos estar bêbados, também devemos tratar os doentes com a mesma firmeza — prestando-lhes toda a ajuda, sim, mas sem nos sacrificarmos a nós próprios.

Certa vez perguntei a um clérigo, numa vila recatada, quem eram os seus companheiros? Que homens de talento via? Ele respondeu que passava o tempo com os doentes e moribundos. Respondi-lhe que, a meu ver, ele precisava de companhia bem diferente, tanto mais por estar rodeado daquela. Pois se os doentes e moribundos o fossem por algum propósito, abandonaríamos tudo para ir até eles; mas, tanto quanto observei, são tão frívolos como os demais — e às vezes bem mais. Convidemos os nossos amigos a não nos pouparem. Conheci uma mulher sábia que dizia aos amigos: "Quando eu for velha, governa-me."

E a melhor parte da saúde é uma boa disposição. É mais essencial do que o talento, mesmo nas obras do talento. Nada substitui a falta de sol nos pêssegos; e, para tornar o conhecimento valioso, é preciso ter o ânimo da sabedoria. Sempre que sentes prazer sincero, estás a ser nutrido. A alegria do espírito indica a sua força. Todas as coisas saudáveis são de temperamento doce. O génio trabalha com prazer, e a bondade sorri até ao fim — e por boa razão: quem vê a lei que distribui as coisas, não desespera, mas enche-se de grandes desejos e esforços. Aquele que desespera revela que não a viu.

Diz um provérbio holandês que "a tinta nada custa", tal é o seu poder de conservação em climas húmidos. Pois bem, o sol custa ainda menos, e é um pigmento

mais fino. O mesmo vale para o bom humor: quanto mais se gasta, mais se conserva. O calor latente de uma lasca de madeira ou pedra é inesgotável. Pode-se esfregar o mesmo pedaço de pinho até o ponto de combustão, uma centena de vezes; e o poder de felicidade de uma alma não se mede nem se esgota. Observa-se que a depressão do espírito desenvolve os germes da peste em indivíduos e nações.

É um antigo elogio ao comportamento correcto: *Aliis laetus — sapiens sibi*, que o nosso provérbio inglês traduz por "Sê alegre e sábio." Sei quão fácil é para os homens do mundo parecerem sérios e zombarem da juventude sonhadora e das suas visões brilhantes. Mas descubro que os castelos mais alegres no ar são muito mais úteis e confortáveis do que as masmorras suspensas que diariamente são cavadas e esculpidas por pessoas mal-humoradas e descontentes.

Conheço esses miseráveis — e abomino-os — que veem sempre uma estrela negra pairar através das nuvens coloridas do céu: ondas de luz passam por cima e ocultam-na por instantes, mas a estrela negra permanece firme no zénite. Mas o poder reside na alegria; a esperança põe-nos em estado de trabalho, enquanto o desespero não é musa, e desafina todas as forças ativas.

Um homem deve tornar a vida e a Natureza mais felizes para nós, ou teria sido melhor que nunca tivesse nascido. Quando o economista político enumera as classes improdutivas, devia colocar em primeiro lugar esta classe dos que se compadecem de si mesmos, pedem simpatia e choram desastres imaginários. Um velho verso francês diz, na minha tradução:

Algumas das tuas dores curaste,
E as mais agudas já superaste;
Mas que tormentos de dor suportaste
Por males que nunca chegaste!

Há três desejos que nunca se satisfazem: o do rico, que quer sempre algo mais; o do doente, que quer algo diferente; e o do viajante, que diz: "Em qualquer sítio, menos aqui." O cadim turco disse a Layard: "Segundo o costume do teu povo, vagueaste de um lugar para outro, até que não és feliz nem contente em nenhum." Os meus compatriotas não são menos fascinados pelo brinquedo rococó da Itália. Toda a América parece prestes a embarcar para a Europa.

Mas não viajaremos sempre por terras e mares com propósitos leves e por prazer, como dizemos. Um dia, lançaremos fora a paixão pela Europa, substituída pela paixão pela América. A cultura trará gravidade e repouso doméstico àqueles que hoje viajam apenas por não saberem como gastar o dinheiro. Já agora, quem

provoca mais pena do que aquela família excelente, acabada de chegar na sua carruagem impecável, tão longe de casa e de qualquer fim honesto como sempre? Cada nação pergunta sucessivamente: "Para que estão aqui?" — até que, por fim, o grupo se envergonha, e antecipa a pergunta nos portões de cada cidade.

Os modos naturais e geniais são valiosos, assim como a capacidade de adaptação a qualquer circunstância, mas o grande prémio da vida, a fortuna suprema de um homem, é nascer com uma inclinação para alguma ocupação que o mantenha em atividade e em felicidade — seja fazer cestos, espadas, canais, leis ou canções. Não duvido que esse fosse o sentido de Sócrates quando afirmava que os artistas eram os únicos verdadeiramente sábios, por sê-lo de facto, e não apenas na aparência.

Na infância, imaginávamo-nos cercados pelo horizonte como por um sino de vidro, e acreditávamos, sem hesitação, que, viajando ao longe, alcançaríamos os banhos do sol poente e das estrelas. Mas, na experiência, o horizonte afasta-se sempre, e deixa-nos num campo comum sem fim, sem sino que nos proteja. E, no entanto, é estranho como nos apegamos a essa astronomia doméstica do sino protetor — a essa ideia de um horizonte doméstico que nos acolhe. Encontro a mesma ilusão na busca da felicidade, que observo recomeçar a cada verão nesta vizinhança, pouco depois do acasalamento das aves.

Os jovens não gostam da cidade, nem do litoral — querem ir para o interior; encontrar uma casa querida, recôndita, nas montanhas, secreta como os seus corações. Partem em viagem à procura de um lar: chegam a Berkshire; chegam ao Vermont; visitam quintas — boas terras, encostas elevadas; mas... onde está o isolamento? A quinta é próxima disto ou daquilo; estão longe de Boston, sim, mas perto de Albany, ou de Burlington, ou de Montreal. Exploram uma quinta, mas a casa é pequena, antiga, frágil; viveram lá pessoas descontentes, que partiram: há céu demais, espaço aberto demais; demasiado público.

O jovem anseia por solidão. Mas quando chega à casa, atravessa-a; ela não forma o recanto profundo que ele procurava. "Ah, agora percebo", diz ele, "tem de ser uma profundidade entre pessoas; só os amigos podem dar profundidade." Sim, mas este ano há uma grande escassez de amigos; difíceis de encontrar, e difíceis de manter quando encontrados: estão prestes a partir para Wisconsin; têm cartas de Bremen: — voltaremos a ver-nos em breve. Tarda-se, tarda-se a aprender a lição de que há apenas uma profundidade, um único interior — e esse é o propósito do próprio. Quando a alegria, a calamidade ou o génio lho revelarem, então os bosques,

as quintas, os lojistas da cidade ou os cocheiros refletirão igualmente, como espelhos, o céu insondável, a solidão povoada desse propósito.

As utilidades da viagem são ocasionais e curtas; mas o melhor fruto que pode dar, quando o dá, é a conversa — que é uma função central da vida. Que diferença há na hospitalidade das mentes! Inestimável é aquele a quem podemos dizer o que nem a nós próprios conseguimos dizer. Outros há que nos magoam involuntariamente, e nos roubam o poder de pensar, confinam-nos e aprisionam-nos. Assim como, quando há simpatia, basta um homem sábio numa roda para que todos sejam sábios, assim também um tolo faz do seu companheiro um tolo. Maravilhoso é o poder entorpecente desse irmão.

Quando entra no escritório ou na sala pública, a sociedade dissolve-se; um a um, os presentes escapam-se, e o espaço fica à sua disposição. O que é incurável senão o hábito da frivolidade? Uma mosca é tão indomável como uma hiena. E, no entanto, a tolice no sentido de brincadeira, palhaçada ou divagação pode bem suportar-se — como disse Talleyrand: "Acho o disparate singularmente revigorante"; mas um tolo virulento e agressivo contamina a razão de todo o lar. Já vi uma família inteira, antes sensata e tranquila, descomposta e desorientada, vítimas de semelhante criatura. Pois a persistente teimosia de um indivíduo perverso irrita até os melhores — já que somos forçados a resistir ao absurdo.

Mas a resistência apenas exaspera o tolo acre, que acredita que a Natureza e a gravidade estão erradas e que só ele tem razão. E assim, os outros doze moradores acabam pervertidos, quaisquer que sejam as suas virtudes e esforços, transformados em contraditores, acusadores, explicadores e reparadores do mesmo malfeitor; como um barco prestes a virar, ou uma carruagem desgovernada — não apenas o piloto ou cocheiro tolo, mas todos a bordo são forçados a assumir posturas estranhas e ridículas para equilibrar o veículo e evitar o desastre.

Como remédio, enquanto o caso é leve, recomendo fleuma e verdade: que toda a verdade dita ou feita seja dita com a indiferença do zero, ou a própria verdade será tolice. Mas, quando o caso se torna grave e maligno, a única salvação está na amputação; como dizem os marinheiros: corta e foge. Como viver com companheiros inadequados? — pois com tais, passa-se a maior parte da vida. E a experiência pouco ensina além do nosso primeiro instinto de autodefesa: não te comprometas, não te envolvas com eles de forma alguma; deixa que a sua loucura se esgote sozinha — tu és tu, e eu sou eu.

A conversa é uma arte na qual um homem tem toda a humanidade como concorrente, pois é aquilo que todos praticam diariamente enquanto vivem. O nosso hábito de pensar — no estado comum — é insatisfatório; temo que, na experiência habitual, seja pobre e miserável. O sucesso que contenta a maioria é um negócio, um emprego lucrativo, uma vantagem sobre um rival, um casamento, uma herança, um legado e afins.

Com tais objetivos, a conversa trata da superfície: política, comércio, defeitos alheios, más notícias exageradas e o tempo. É lamentável, e as pessoas sentem-se vulneráveis e irritadas. Mas se aparece alguém que possa iluminar esta casa escura com ideias, mostrar-lhes as riquezas inatas, os dons que possuem, o quão indispensáveis são, os poderes mágicos que têm sobre a natureza e os homens; o acesso à poesia, à religião e às forças que constituem o carácter — ele desperta neles o sentido do valor; as suas sugestões exigem novas formas de vida, novos livros, novos homens, novas artes e ciências — então, saímos da nossa existência de casca de ovo e entramos na grande cúpula, vendo o zénite acima e o nadir abaixo.

Em vez dos baldes e tanques de conhecimento a que estamos confinados, chegamos à beira-mar e mergulhamos as mãos nas suas ondas milagrosas. É maravilhoso o efeito sobre a companhia. Já não são os mesmos homens. Todos estiveram na Califórnia, e todos regressaram milionários. Não há livro nem prazer na vida que se lhe compare. Pergunta-se o que há de melhor na nossa experiência, e responderemos: alguns momentos de franqueza com pessoas sábias.

A conversa, uma e outra vez, revela-nos que pertencemos a círculos mais elevados do que os que conhecemos até agora; que uma força mental nos convida, cujas generalizações valem mais, para alegria e efeito, do que qualquer coisa hoje chamada filosofia ou literatura. Na conversa animada temos vislumbres do Universo, pressentimentos de forças nativas da alma, luzes e sombras longínquas de uma paisagem andina — coisas a que mal chegamos na meditação solitária. Aqui há oráculos, por vezes profusamente dados, aos quais a memória retorna em horas áridas.

Junta-se o consentimento da vontade e do temperamento, e temos o pato da amizade. A maior necessidade da vida é alguém que nos faça realizar o que somos capazes de fazer. Esse é o serviço de um amigo. Com ele, somos facilmente grandes. Há nele uma atração sublime por toda a virtude que há em nós. Ele escancara as portas da existência! Que perguntas lhe fazemos! Que entendimento mútuo! Que poucas palavras bastam! É a única sociedade verdadeira. Um poeta oriental, Ali Ben Abu Taleb, escreveu com amarga verdade:

"Aquele que tem mil amigos não tem um a mais,
E quem tem um inimigo, encontrá-lo-á em todo o lado."

Mas poucos escritores disseram algo melhor a este respeito do que Hafiz, que apresenta essa relação como prova de saúde mental: "Nenhum segredo aprenderás até conheceres a amizade, pois aos insensatos nenhum saber celeste penetra." E a vida nem é longa o suficiente para a amizade. É um assunto sério e majestoso, como uma presença real ou uma religião — não um jantar de postilhão comido a correr. Há pudor na amizade, como no amor, e, embora as almas nobres nunca a percam de vista, não a nomeiam.

Com os homens da primeira ordem, a nossa amizade ou entendimento ultrapassa todos os acidentes de afastamento, de condição ou reputação. E, no entanto, não nos preparamos para o maior bem da vida. Cuidamos da saúde; poupamos dinheiro; tornamos o telhado seguro e a roupa suficiente — mas quem se previne sabiamente para não carecer do maior bem de todos: amigos? Sabemos que todo o nosso treino visa preparar-nos para isso, e não damos um passo nessa direção. Quanto tempo esperaremos sentados por estes benfeitores?

Cinco anos depois, pouco importa recordar como comeste ou te vestiste; se viveste no rés-do-chão ou no sótão; se tiveste jardins e banhos, bons cavalos e vacas, se viajaste numa carruagem elegante ou num carro ridículo: tudo isso esquece-se rapidamente e nada deixa. Mas conta imenso saber se tiveste bons companheiros nesse tempo — quase tanto como saber o que fizeste. E vê-se a importância decisiva da vizinhança em toda a associação.

Tal como é o casamento — adequado ou não — que faz o nosso lar, também é quem vive perto de nós, no mesmo grau social, — umas poucas pessoas a distância conveniente, por muito má companhia que sejam — essas, e só essas, serão os companheiros da tua vida. E todos aqueles que são naturais, afins, e por muitos votos do coração te foram sacramentados, perdem-se gradual e totalmente. Não se pode lidar sistematicamente com este elemento delicado da sociedade, e pode-se fazer grande esforço para juntar pessoas, fundar clubes e tertúlias, e nada resultar.

Mas é certo que há muito bem em nós que não se conhece, e que um hábito de união e competição eleva-nos e mantém-nos no nosso ponto mais alto; que a vida seria duas ou dez vezes mais vida se passada com companheiros sábios e fecundos. A conclusão óbvia é: um pouco de deliberação útil e prévia, quando se vai comprar casa e terreno.

Mas vivemos com pessoas em outras plataformas; vivemos com dependentes, não apenas com os jovens a quem devemos ensinar tudo o que sabemos e conceder as vantagens que conquistámos, mas também com aqueles que nos servem diretamente e por dinheiro. No entanto, as regras antigas continuam válidas. Que o vínculo não seja mercenário, ainda que o serviço se meça em dinheiro. Torna-te necessário a alguém. Não tornes a vida difícil a ninguém. Este ponto ganha nova importância na vida social americana.

O nosso serviço doméstico é, geralmente, um confronto tolo de exigências descabidas de um lado, e evasões do outro. Um homem espirituoso foi perguntado, no comboio, qual era o seu propósito na cidade; respondeu: "Fui encarregado de encontrar um anjo para cozinhar." Uma senhora queixou-se-me que, das suas duas criadas, uma estava ausente de espírito e a outra ausente de corpo. E o mal agrava-se com a ignorância e hostilidade de cada nova leva da população imigrante que se espalha por casas e quintas.

Poucos percebem que cabe ao patrão ou à patroa definir que tipo de serviço resulta do criado ou da criada; que esta mesma rapariga era um espírito tutelar numa casa, e uma megera noutra. Todas as pessoas sensatas são egoístas, e a natureza puxa por cada contrato para que os seus termos sejam justos. Se só propões os teus interesses, a outra parte há de tratar-te com alguma dureza.

Mas se agires com generosidade, o outro, ainda que egoísta ou injusto, fará uma exceção a teu favor e tratar-te-á com lealdade. Quando perguntei a um mestre de forja sobre a escória no ferro de via férrea, ele disse: "Oh, há sempre bom ferro disponível: se há escória no ferro, é porque havia escória no pagamento."

Mas por que multiplicar estes tópicos e as suas infinitas ilustrações? A vida traz a cada um a sua tarefa, e, seja qual for a arte que escolhas — álgebra, agricultura, arquitetura, poesia, comércio, política — todas são alcançáveis, mesmo nos seus triunfos milagrosos, desde que escolhas aquilo para que tens aptidão; começa pelo princípio, prossegue com ordem, passo a passo. Torcer âncoras de ferro ou fundir canhões é tão fácil como trançar palha ou ferver água, se se tomarem todos os passos por ordem.

Onde há fracasso, há sempre alguma precipitação, alguma superstição quanto à sorte, algum passo omitido — e a Natureza nunca perdoa esses saltos. As condições felizes da vida estão ao alcance de todos, nos mesmos termos. A atração que elas exercem sobre ti é a prova de que estão ao teu alcance. As nossas preces são profecias. É necessária fidelidade, é necessário compromisso. Que respeitável

é a vida que se mantém fiel aos seus objetivos! Aspirações juvenis são coisas belas, os teus planos e teorias de vida são justos e louváveis: — mas vais manter-te firme? Receio que não, nem entre a multidão no jardim público, nem entre mil haverá mais do que um. E quando os acusamos de traição, recordando-lhes as suas nobres resoluções, já esqueceram que fizeram qualquer voto.

Os indivíduos são fugitivos, em processo de se tornarem outra coisa, e irresponsáveis. A raça é grande, o ideal é belo, mas os homens são volúveis e inseguros. O herói é aquele que está inamovivelmente centrado. A principal diferença entre as pessoas parece estar nisto: que um homem pode assumir obrigações em que se pode confiar — é obrigável — e outro não. Como não tem lei dentro de si, nada o prende a coisa alguma.

É inevitável nomear virtudes e condições e exagerá-las. Mas tudo assenta, em última instância, naquela integridade que torna pequeno o talento — e o dispensa. A sanidade consiste em não ser dominado pelos teus próprios meios. Pagam-se preços absurdos por posição e pela cultura do talento, mas para os grandes interesses, o sucesso superficial nada vale.

O homem — é a sua atitude — não os feitos, mas as forças — não nos dias assinalados e nas ocasiões públicas, mas em todas as horas, no repouso como na ação, sempre formidável e indomável. O povo diz, com Horne Tooke: "Se queres ser poderoso, finge que és poderoso." Eu prefiro dizer, com o velho profeta: "Procuras grandes coisas? Não as procures"; ou como se dizia de um príncipe espanhol: "Quanto mais lhe tiravam, maior parecia." *Plus on lui ôte, plus il est grand.*

O segredo da cultura é aprender que alguns grandes princípios reaparecem constantemente — tanto na pobreza da mais obscura quinta como na miscelânea da vida metropolitana — e que apenas esses merecem atenção: escapar a todos os vínculos falsos; ter coragem para ser o que somos; amar o que é simples e belo; independência e uma relação alegre com a vida — estes são os essenciais — e, também, o desejo de servir — de acrescentar algo ao bem-estar dos homens.

BELEZA

Resumo:
"Beleza" é um ensaio de Ralph Waldo Emerson que explora o conceito de beleza e a sua relação com o espírito humano. Emerson argumenta que a beleza não é meramente uma questão de estética ou prazer sensorial, mas uma qualidade espiritual que reflete a harmonia e o equilíbrio do universo. Sugere que a experiência da beleza pode inspirar e elevar a alma, tendo o poder de transformar tanto o indivíduo como a sociedade. Ao longo do ensaio, Emerson recorre a exemplos da natureza, da arte e da experiência humana para ilustrar as muitas formas que a beleza pode assumir. Em última análise, "Beleza" é uma reflexão profunda e inspiradora sobre a importância da experiência estética na vida humana.

Nunca houve forma nem rosto
Tão doce para SEYD quanto a graça
Que não dormia como pedra,
Mas pairava a brilhar — e desaparecia.
Perseguia a Beleza por toda a parte,
Na chama, na tempestade, nas nuvens do ar.
Golpeava o lago para alimentar o olhar
Com o raio de berilo da onda partida;
Lançava seixos para escutar
A música do momento que produziam.
Muitas vezes soava para ele um tom elevado
Do pólo que oscila e da zona que cinge.
Ouviu uma voz que mais ninguém escutava
Das esferas fixas e errantes.
A terra trémula tremia em rima,
Os mares subiam e desciam em cadência épica.
Nos antros da paixão e abismos de dor,
Via o forte Eros a lutar, a surgir,
A iluminar as trevas e dissolver a maldição,
E a brilhar até aos confins do universo.
Enquanto assim consagrava os seus dias
Ao culto leal, desprezando louvor,
Como em vão se lhe ofereciam
A Ambição ladra e o Lucro enganador!
Achava mais feliz ser morto,
Morrer por Beleza do que viver por pão.

Beleza

A tendência espiralada da vegetação contagia também a educação. Os nossos livros aproximam-se muito lentamente das coisas que mais desejamos conhecer. Que exibição fazemos da nossa ciência — e como ela permanece distante, à distância de um braço, dos seus próprios objetos! A nossa botânica é feita de nomes, não de poderes: os poetas e os romancistas falam de ervas de graça e de cura; mas que sabe o botânico das virtudes das suas plantas? O geólogo expõe as camadas do solo e consegue contá-las todas pelos dedos: mas saberá ele que efeitos penetram no homem que constrói a casa sobre elas? Que efeito têm sobre a raça que habita uma plataforma de granito? E sobre os habitantes do marga ou do aluvião?

Olharíamos para o ornitólogo com outro espírito, se ele nos pudesse ensinar o que dizem as aves sociais quando se sentam, no outono, a conversar nas árvores em conselho. A falta de simpatia torna o seu registo um dicionário árido. O seu resultado é um pássaro morto. O pássaro não está nos gramas e polegadas, mas nas suas relações com a Natureza; e a pele ou esqueleto que me mostras não é mais uma garça do que um monte de cinzas ou um frasco de gases — em que o seu corpo foi reduzido — é Dante ou Washington.

O naturalista desvia-se da via certa por toda a distância do seu suposto progresso. O rapaz tinha uma visão mais justa ao contemplar as conchas na praia ou as flores do prado, sem lhes saber o nome, do que o homem cheio do orgulho da nomenclatura. A astrologia interessou-nos porque ligava o homem ao sistema. Em vez de um mendigo isolado, até a estrela mais longínqua o sentia — e ele sentia a estrela. Por mais imprudente e corrompida que tenha sido por impostores e comerciantes, a sugestão era verdadeira e divina: era a alma a reconhecer as suas vastas relações — e que o clima, o século, as naturezas distantes, assim como as próximas, fazem parte da sua biografia.

A química desmonta, mas não constrói. A alquimia — que procurava transmutar um elemento noutro, prolongar a vida, dar poder — estava na direção certa. Toda a nossa ciência carece de um lado humano. O inquilino é mais importante que a casa. Insetos, estames e esporos, a que dedicamos tantos anos, não são fins em si, e o homem, quando os seus poderes se desenvolverem em ordem, levará a Natureza consigo e emitirá luz por todos os seus recantos. O coração humano interessa-nos mais do que a observação ao microscópio — e é maior do que pode ser medido pelas pomposas cifras do astrónomo.

Somos assim frívolos e céticos. Os homens consideram-se baratos e vis; e, no entanto, o homem é um feixe de relâmpagos. Todos os elementos fluem através do seu sistema: ele é a cheia da cheia, e o fogo do fogo; sente os antípodas e o pólo como gotas do seu sangue: são a extensão da sua personalidade. Os seus deveres medem-se pelo instrumento que é — e um homem justo e perfeito sentir-se-ia até ao centro do sistema de Copérnico. É curioso como só acreditamos até à profundidade em que vivemos.

Não acreditamos que os heróis possam exercer poder mais terrível do que o jogo superficial que nos entretém. Um homem profundo acredita em milagres, espera-os, crê na magia; crê que o orador dissolverá o adversário; crê que o mau-olhado pode secar, que a bênção do coração pode curar; que o amor pode exaltar o talento; pode vencer todas as probabilidades. De um grande coração emanam incessantemente magnetismos secretos que atraem grandes acontecimentos. Mas valorizamos utilidades muito humildes — um marido prudente, um bom filho, um eleitor, um cidadão — e rejeitamos qualquer romantismo de carácter; e talvez só avaliemos o seu valor monetário — o seu intelecto, o seu afeto — como uma espécie de letra de câmbio, facilmente convertível em bons quartos, quadros, música e vinho.

O impulso da ciência foi o de estender o homem, em todas as direções, dentro da Natureza, até que as suas mãos tocassem as estrelas, os seus olhos vissem através da terra, os seus ouvidos compreendessem a linguagem dos animais e das aves, e o sentido do vento; e, por meio da sua simpatia, céu e terra conversassem com ele. Mas essa não é a nossa ciência. Estas geologias, químicas, astronomias, parecem instruir, mas deixam-nos onde nos encontraram. A invenção serve o inventor, mas é de utilidade duvidosa para os demais. As fórmulas da ciência são como os papéis na carteira: só têm valor para quem os possui.

A ciência em Inglaterra e na América é desconfiada da teoria, odeia o nome de amor e de propósito moral. Há uma vingança para essa desumanidade. Que tipo de homem forma a ciência? O rapaz não se sente atraído. Diz: "Não quero ser como o meu professor." O colecionador secou todas as plantas do seu herbário, mas perdeu peso e humor. Recolheu todos os répteis e lagartos nos seus frascos, mas a ciência também o embalsamou — e meteu o homem num frasco. A nossa dependência do médico é uma espécie de desespero de nós próprios. O clero sofre de bronquite — o que não parece um certificado de saúde espiritual. Macready pensava que era resultado do falsete no seu tom de voz. Um príncipe indiano, Tisso, ao cavalgar um dia pela floresta, viu um rebanho de alces a brincar. "Vê como estão felizes", disse ele, "estes alces que pastam! Porque não se divertiriam também os

sacerdotes, bem alojados e alimentados nos templos?” De regresso, partilhou esta reflexão com o rei. No dia seguinte, o rei conferiu-lhe o governo do império por sete dias, dizendo: “Ao fim desse período, mandarei matar-te.” No sétimo dia, perguntou-lhe: “De que provém essa magreza?” Respondeu o príncipe: “Do horror da morte.” E o monarca replicou: “Vive, meu filho, e sê sábio. Deixaste de te recrear, pensando que em sete dias irias morrer. Estes sacerdotes meditam incessantemente na morte; como poderiam entrar em diversões saudáveis?”

Mas os homens da ciência, os médicos ou o clero não são mais vítimas das suas ocupações do que os demais. O moleiro, o advogado e o comerciante também se dedicam aos seus pormenores e não emergem homens de maior força. Terão eles intuição, grandes fins, hospitalidade de alma e a igualdade perante qualquer acontecimento — aquilo que exigimos num verdadeiro homem? Ou serão apenas reações da mó, das mercadorias, da chicana?

Nenhum objeto nos interessa verdadeiramente senão o homem — e, no homem, apenas as suas superioridades; e, embora saibamos da existência de uma lei perfeita na Natureza, ela só nos fascina pela sua relação com ele, ou na medida em que está enraizada no espírito. No nascimento de Winckelmann, há mais de cem anos, surgiu, ao lado dessa ciência árida, departamental, post-mortem, um entusiasmo pelo estudo da Beleza — e talvez ainda reste dele alguma centelha capaz de incendiar a outra. O conhecimento dos homens, das maneiras, o poder da forma, e a nossa sensibilidade à influência pessoal nunca saem de moda. Estes são factos de uma ciência que estudamos sem livros, cujos mestres e objetos estão sempre perto de nós.

Tão enraizado está o nosso hábito de crítica que muito do nosso saber neste domínio pertence ao capítulo da patologia. A multidão na rua fornece-nos mais degradações do que anjos ou redentores — mas todos eles provam a transparência. Cada espírito constrói a sua casa; e podemos adivinhar o habitante a partir da casa. Mas não é menos verdade que a Natureza nos oferece todos os sinais de graça e bondade. Os rostos deliciosos das crianças, a beleza das adolescentes, “a doce seriedade dos dezasseis”, o ar nobre dos rapazes bem-nascidos e bem-criados, as histórias apaixonadas nos olhares e gestos da juventude e da primeira maturidade, e o poder variado dessa companhia familiar que nos acompanha pela vida — sabemos bem como essas formas nos emocionam, paralisam, provocam, inspiram e elevam.

A beleza é a forma sob a qual o intelecto prefere estudar o mundo. Todo o privilégio é o da beleza; pois há muitas belezas — da natureza em geral, do rosto e corpo humanos, dos modos, do cérebro, do método, beleza moral ou da alma.

Os antigos acreditavam que um génio ou daimon tomava posse, ao nascer, de cada mortal, para o guiar; que esses génios eram por vezes vistos como uma chama parcialmente imersa no corpo que governavam — repousando sobre a cabeça de um homem mau; misturado na substância de um bom homem. Pensavam que esse mesmo génio, à morte do seu protegido, entrava num recém-nascido — e pretendiam adivinhar o piloto pelo rumo do navio. Reconhecemos obscuramente o mesmo facto, embora lhe demos outros nomes. Dizemos que cada homem deve ser avaliado pelo seu melhor momento.

Assim medimos os nossos amigos. Sabemos que têm intervalos de tolice, aos quais não ligamos, esperando o reaparecimento do génio — que é certo e belo. Por outro lado, todos conhecemos pessoas como que montadas por alguém, e que, por mais aptidões que tenham, nunca nos dão a impressão de agência livre. Eles próprios o sabem, e espreitam com os olhos para ver se detetamos o seu triste estado. Imaginamos que, se pudéssemos pronunciar a palavra libertadora e desfazermos o feitiço, a nuvem se levantaria, o pequeno cavaleiro seria descoberto e desalojado — e eles recuperariam a liberdade.

O remédio parece nunca estar longe, pois o primeiro passo no pensamento levanta essa montanha de necessidade. O pensamento é a bola de ar comprimido que pode fender o planeta — e a beleza que certos objetos têm para ele é o fogo amigo que expande esse pensamento, e dá ao prisioneiro a notícia de que liberdade e poder o esperam.

A questão da Beleza leva-nos para além das superfícies, a pensar nos alicerces das coisas. Goethe disse: "O belo é uma manifestação de leis secretas da Natureza que, sem esta aparência, teriam ficado para sempre ocultas de nós." E é esse instinto profundo que alimenta toda a excitação — muitas vezes superficial e absurda — em torno das obras de arte, que leva exércitos de viajantes vaidosos todos os anos à Itália, à Grécia, ao Egipto. Todo o homem valoriza cada aquisição que faz na ciência da beleza mais do que os seus bens. O homem mais útil no mundo mais útil, enquanto só servir a utilidade, permanecerá insatisfeito. Mas, à medida que vê a beleza, a vida adquire um valor muito elevado.

Sou advertido pelo mau destino de muitos filósofos a não tentar uma definição de Beleza. Prefiro enumerar algumas das suas qualidades. Atribuímos beleza ao que é

simples; que não tem partes supérfluas; que responde exatamente ao seu fim; que se relaciona com todas as coisas; que é o meio entre muitos extremos. É a qualidade mais duradoura e a mais ascendente. Dizemos que o amor é cego, e a figura de Cupido é desenhada com uma venda nos olhos. Cego — sim, porque não vê o que não gosta; mas é o caçador mais perspicaz do universo para encontrar o que procura — e só isso; e os mitólogos dizem que Vulcano era representado coxo e Cupido cego, para chamar atenção ao facto de que um era todo membros, o outro, todo olhos. Na verdadeira mitologia, o Amor é uma criança imortal — e a Beleza guia-o: e não há expressão mais profunda do que esta — a Beleza é o piloto da alma jovem.

Para além do deleite sensorial, as formas e cores da Natureza encantam-nos agora pela perceção de que nenhum ornamento foi acrescentado como adorno — mas como sinal de melhor saúde ou ação mais excelente. A elegância da forma numa ave ou animal, ou na figura humana, assinala alguma excelência de estrutura — ou a beleza é apenas um convite daquilo que nos pertence. É uma lei da botânica que, nas plantas, as mesmas virtudes seguem as mesmas formas. É uma regra de vasta aplicação — verdadeira numa planta, num pão, e em qualquer organismo ou estrutura: qualquer aumento real de adequação ao seu fim é um aumento de beleza.

A lição ensinada pelo estudo da arte grega e gótica, da pintura antiga e pré-rafaelita, valeu toda a investigação — a saber, que toda a beleza deve ser orgânica; que o adorno exterior é deformidade. É a solidez dos ossos que se manifesta num tom rosado de pêssego; é a saúde da constituição que faz o brilho e o poder do olhar. É o ajuste do tamanho e da articulação das juntas do esqueleto que dá graça ao contorno e, mais ainda, à fluidez do movimento. O gato e o veado não conseguem mover-se ou sentar-se de forma desajeitada. O mestre de dança nunca poderá ensinar a andar bem a um homem mal constituído. A cor da flor vem da raiz, e o brilho da concha começa com a sua existência.

Daí que o nosso gosto na arquitetura rejeite a tinta e os artifícios, e revele o grão original da madeira; recuse pilastras e colunas que nada sustentam, e deixe que os verdadeiros suportes da casa se mostrem honestamente. Toda a ação necessária ou orgânica agrada ao observador. Um homem a conduzir um cavalo à água, um lavrador a semear, os trabalhos dos ceifeiros no campo, o carpinteiro a construir um barco, o ferreiro na forja — qualquer trabalho útil — é belo ao olhar sábio. Mas se for feito para ser visto, é vil.

Quão belas são as embarcações no mar! Mas barcos num teatro — ou mantidos para efeito cénico no lago de Virginia Water, por Jorge IV, com homens pagos para

posar em trajes adequados a um cêntimo por hora! — Que diferença de efeito entre um batalhão a marchar para a ação e uma companhia de voluntários num feriado! No meio de uma parada militar e de uma procissão festiva enfeitada com bandeiras, vi um rapaz apanhar uma velha panela enferrujada junto a um muro, equilibrá-la sobre um pau e fazê-la girar, traçando as curvas mais elegantes imagináveis — e desviou toda a atenção da procissão decorada com esta beleza súbita.

Outro texto dos mitólogos. Os Gregos fabularam que Vénus nasceu da espuma do mar. Nada nos interessa que seja rígido ou limitado, mas apenas aquilo que flui com vida, que está em ação ou esforço para alcançar algo além. O prazer que um palácio ou um templo proporciona ao olhar reside no facto de que uma ordem e um método foram comunicados às pedras, de forma que elas falam e geometricamente se exprimem, tornando-se ternas ou sublimes com expressão. A beleza é o momento de transição, como se a forma estivesse prestes a transformar-se noutras formas.

Qualquer fixidez, acumulação ou concentração num só traço — um nariz comprido, um queixo pontiagudo, uma corcunda — é o oposto do fluir e, por isso, disforme. Por mais bela que seja a simetria de uma forma, se essa forma pode mover-se, procuramos uma simetria ainda mais excelente. A interrupção do equilíbrio estimula o olhar a desejar o restabelecimento da simetria, e a seguir os passos através dos quais ela é alcançada. É este o encanto da água corrente, das ondas do mar, do voo das aves e da locomoção dos animais. Esta é a teoria da dança: recuperar continuamente, nas mudanças, o equilíbrio perdido, não por movimentos bruscos e angulosos, mas por movimentos graduais e curvos.

Disseram-me pessoas experientes em questões de gosto que a moda segue uma lei de gradação e nunca é arbitrária. O novo estilo é sempre apenas um passo em frente na mesma direção que o estilo anterior; e um olhar cultivado está preparado para a nova moda e até a antecipa. Este facto sugere a razão de todos os erros e ofensas nas nossas próprias modas. É necessário, na música, quando se toca uma dissonância, suavizar o ouvido com uma ou duas notas intermédias até regressar à harmonia: e muitas boas experiências, nascidas do bom senso e destinadas ao sucesso, falham apenas porque são ofensivamente súbitas.

Suponho que a modista parisiense que veste o mundo a partir do seu imperioso boudoir saberá como reconciliar o traje Bloomer com o olhar do mundo e fazê-lo triunfar até sobre o Punch, interpondo as devidas gradações. Nem preciso dizer quão vasta é a abrangência desta lei; e quanto se pode esperar dela. Tudo aquilo que os partidos progressistas reclamam um pouco asperamente pode vir a ser

concedido sem resistência, se esta regra for observada. Assim, podem imaginar-se facilmente as circunstâncias em que a mulher poderá falar, votar, advogar, legislar e conduzir uma carruagem — e tudo isto da forma mais natural do mundo, desde que aconteça gradualmente. A esta fluidez ou movimento contínuo pertence a beleza que todo o movimento circular possui; como a circulação das águas, a circulação do sangue, o movimento periódico dos planetas, a vaga anual da vegetação, a ação e reação da Natureza: e, se o seguirmos até ao fim, esta exigência no nosso pensamento por uma ação contínua é o argumento a favor da imortalidade.

Mais um texto dos mitólogos com o mesmo propósito: — A beleza cavalga um leão. A beleza assenta nas necessidades. A linha da beleza é o resultado de uma economia perfeita. A célula da abelha é construída com aquele ângulo que proporciona maior resistência com o mínimo de cera; o osso ou a pena da ave oferece a maior força alar com o menor peso. "É a purgação das superfluidades", dizia Miguel Ângelo.

Não há uma partícula a mais nas estruturas naturais. Há uma razão imperiosa nas funções da planta para cada novidade de cor ou forma: e a nossa arte poupa material através de uma disposição mais habilidosa, alcançando a beleza ao retirar cada grama supérflua que se possa dispensar de uma parede, mantendo toda a sua força na poesia das colunas. Na retórica, esta arte da omissão é um dos segredos do poder, e, em geral, é prova de alta cultura dizer as coisas mais importantes da forma mais simples.

A veracidade, antes de tudo e para sempre. *Rien de beau que le vrai.* Em todo o design, a arte está em tornar o objeto proeminente, mas há uma arte anterior: a de escolher objetos que já são proeminentes. As belas-artes não têm nada de casual, mas nascem dos instintos das nações que as criaram.

A beleza é a qualidade que permite perdurar. Numa casa que conheço, observei um bloco de espermacete a vaguear entre armários e lareiras durante vinte anos, simplesmente porque o homem do sebo lhe deu a forma de um coelho; e suponho que continuará a ser transportado, inalterado, por mais um século. Que um artista rabisque algumas linhas ou figuras no verso de uma carta, e esse pedaço de papel será salvo do esquecimento, guardado numa pasta, emoldurado e vidrado, e, proporcionalmente à beleza das linhas desenhadas, será preservado durante séculos. Burns escreve alguns versos e envia-os a um jornal, e a raça humana encarrega-se de que eles não se percam.

Tal como o som da flauta se ouve mais longe do que o de uma carroça, veja-se como uma forma bela atrai de imediato o espírito humano, sendo copiada e reproduzida sem fim. Quantas cópias existem do Apolo de Belvedere, da Vénus, da Psique, do Vaso de Warwick, do Partenon e do Templo de Vesta? São objetos de ternura para todos. Nas nossas cidades, um edifício feio é rapidamente removido e nunca é repetido, mas qualquer edifício belo é copiado e melhorado, de modo que todos os pedreiros e carpinteiros trabalham para repetir e preservar as formas agradáveis, enquanto as feias desaparecem.

As felicidades do design na arte, ou nas obras da Natureza, são sombras ou prenúncios dessa beleza que atinge a perfeição na forma humana. Todos os homens são seus amantes. Onde quer que ela vá, cria alegria e entusiasmo, e tudo lhe é permitido. Atinge o seu auge na mulher. "A Eva," dizem os maometanos, "Deus deu dois terços de toda a beleza." Uma mulher bela é um poeta prática, domando o seu companheiro selvagem, plantando ternura, esperança e eloquência em todos os que dela se aproximam.

Algumas condições favorecem-na, pois uma certa serenidade é essencial, mas amamos as suas repreensões e superioridades. A Natureza quer que a mulher atraia o homem, e, contudo, molda muitas vezes no seu rosto, com astúcia, um certo sarcasmo, que parece dizer: "Sim, estou disposta a atrair, mas a atrair um tipo de homem um pouco melhor do que qualquer um que até agora vi." As memórias francesas do século XV celebram o nome de Pauline de Viguière, uma donzela virtuosa e distinta que inflamou o entusiasmo dos seus contemporâneos com a sua forma encantadora, ao ponto de os cidadãos da sua cidade natal, Toulouse, pedirem ajuda às autoridades civis para obrigá-la a aparecer publicamente na varanda pelo menos duas vezes por semana; e sempre que ela se mostrava, a multidão era perigosa para a vida.

Não menos famosa, na Inglaterra do século passado, foi a fama das irmãs Gunning, das quais, Elizabeth casou com o Duque de Hamilton; e Maria, com o Conde de Coventry. Walpole escreve: "A afluência foi tamanha, quando a Duquesa de Hamilton foi apresentada na corte, numa sexta-feira, que até a nobre multidão no salão se empoleirava em cadeiras e mesas para a ver. Há multidões à porta para as ver entrar nas suas cadeiras de mão, e as pessoas vão cedo ao teatro para arranjar lugar, quando se sabe que elas estarão presentes." "Tais multidões," acrescenta noutro ponto, "acorrem para ver a Duquesa de Hamilton, que setecentas pessoas passaram a noite inteira, dentro e fora de uma estalagem em Yorkshire, só para a ver entrar na sua carruagem pela manhã seguinte."

Mas por que haveríamos de consolar-nos com as glórias de Helena de Argos, de Corinna, de Pauline de Toulouse ou da Duquesa de Hamilton? Todos conhecemos muito bem essa magia, ou podemos adivinhá-la. Não magoa olhos frágeis contemplar olhos belos, por mais tempo que se olhe.

As mulheres estão relacionadas com a Natureza bela que nos rodeia, e o jovem enamorado mistura a sua forma com a lua e as estrelas, com os bosques e as águas, e com o esplendor do verão. Curam-nos da nossa inépcia com as suas palavras e olhares. Observamos a sua influência intelectual sobre o mais sério dos estudiosos. Refinam e clarificam o seu pensamento; ensinam-no a pôr um método agradável naquilo que é seco e difícil. Falamos com elas e desejamos ser escutados; tememos cansá-las, e adquirimos uma facilidade de expressão que passa da conversa ao hábito de estilo.

Que a Beleza é o estado normal, mostra-o o esforço perpétuo da Natureza para o alcançar. Mirabeau tinha um rosto feio num belo enquadramento; e vemos rostos todos os dias que têm um bom tipo, mas foram deformados na moldagem: uma prova de que todos temos direito à beleza, deveríamos ter sido belos, se os nossos antepassados tivessem respeitado as leis — como cada lírio e cada rosa são bem formados. Mas os nossos corpos não nos assentam, antes nos caricaturam e satirizam. Assim, pernas curtas, que nos obrigam a passos curtos e miudinhos, são uma espécie de insulto pessoal e afronta para o seu dono; e, por outro lado, pernas longas colocam-no em constante desvantagem, obrigando-o a curvar-se até ao nível geral da humanidade. Marcial ridiculariza um cavalheiro do seu tempo cujo semblante lembrava o de um nadador visto sob a água.

Saadi descreve um mestre-escola "tão feio e mal-humorado que uma simples visão dele perturbaria os êxtases dos ortodoxos." Os rostos raramente são fiéis a qualquer tipo ideal, mas são um registo esculpido de mil anedotas de capricho e tolice. Pintores de retratos dizem que a maioria dos rostos e corpos são irregulares e assimétricos; têm um olho azul e outro cinzento; o nariz torto; um ombro mais alto do que o outro; cabelo distribuído de forma desigual, etc. O homem é, física e metafisicamente, um ser feito de retalhos e fragmentos, herdados de forma desigual de bons e maus antepassados, um desajuste desde o início.

Uma pessoa bela, entre os Gregos, era considerada como sinal de algum favor secreto dos deuses imortais: e podemos perdoar o orgulho, quando uma mulher possui tal figura que, onde quer que esteja, se mova, deixe uma sombra na parede ou pose para um retrato, concede um favor ao mundo. E, no entanto — não é a

beleza que inspira a paixão mais profunda. A beleza sem graça é o anzol sem isco. A beleza, sem expressão, cansa. O Abade Ménage disse do Presidente Le Bailleul "que não servia para mais nada senão para posar para o retrato." Um epigrama grego dá a entender que a força do amor não se mostra na corte feita à beleza, mas quando o mesmo desejo se inflama por alguém desprovido dela. E senhores velhos e impacientes, que por acaso sofreram um cansaço intolerável causado por pessoas bonitas, ou que já viram flores cortadas em demasia, ou que, depois de muito esforço posto na indumentária, notam como o mais pequeno erro de sentimento tira toda a beleza à roupa — afirmam que o segredo da fealdade não reside na irregularidade, mas em ser desinteressante.

Amamos qualquer forma, por mais feia que seja, desde que brilhem nela grandes qualidades. Se há comando, eloquência, arte ou invenção numa pessoa deformada, todos os acidentes que normalmente desagradam passam a agradar e a elevar a estima e o espanto. O grande orador era uma pessoa magra e insignificante, mas era todo cérebro. O cardeal De Retz disse de De Bouillon: "Com a fisionomia de um boi, tinha a perspicácia de uma águia."

Dizia-se de Hooke, amigo de Newton: "é o mais, e promete o menos, de todos os homens em Inglaterra." "Sendo eu tão feio", disse Du Guesclin, "convém que seja audaz." Sir Philip Sidney, o querido da humanidade, segundo Ben Jonson, "não era agradável de rosto, o seu rosto estava estragado com borbulhas e era de sangue quente e longo." Aqueles que têm governado os destinos humanos, como planetas, durante milhares de anos, não eram homens bonitos. Se um homem pode elevar uma pequena cidade a grande reino, tornar o pão barato, irrigar desertos, unir oceanos por canais, dominar o vapor, organizar a vitória, liderar as opiniões da humanidade, ampliar o conhecimento, não importa se o seu nariz está paralelo à coluna vertebral, como deveria estar, ou se sequer tem nariz; se tem pernas direitas ou amputadas; as suas deformidades acabarão por ser consideradas ornamentais e vantajosas no todo.

Eis o triunfo da expressão, que rebaixa a beleza e nos encanta com um poder tão subtil, amigável e intoxicante, que torna as pessoas admiradas insípidas e a ideia de passar a vida com elas insuportável. Há rostos tão fluidos de expressão, tão ruborizados e ondulados pelo jogo do pensamento, que mal conseguimos perceber quais são os meros traços fisionómicos. Quando a deliciosa beleza das feições perde o seu poder, é porque uma beleza mais deliciosa surgiu; uma forma interior e duradoura foi revelada. Ainda assim, a Beleza cavalga o seu leão, como dantes. Ainda assim, "foi por beleza que o mundo foi feito." As vidas dos artistas italianos, que estabeleceram um despotismo do génio entre duques, reis e multidões da sua

época tempestuosa, provam como os homens sempre foram fiéis a um cérebro mais fino, a um método superior ao seu.

Se um homem consegue talhar uma cabeça num pilar de pedra que atraia e mantenha uma multidão à sua volta o dia inteiro, pela sua beleza, gentileza e significado enigmático; se pode construir uma cabana simples com tal simetria, que todos os palácios pareçam baratos e vulgares; se tira tal proveito da Natureza, que todos os seus poderes o servem, utilizando a geometria em vez do gasto; perfurando uma montanha para obter um jato de água; fazendo o sol e a lua parecerem apenas decorações da sua propriedade — este continua a ser o domínio legítimo da beleza.

O fulgor da forma humana, por mais espantoso que seja, é apenas um lampejo de beleza que dura alguns anos, ou meses, no auge da juventude, e na maioria, declina rapidamente. Mas continuamos a amá-la, apenas transferindo o nosso interesse para a excelência interior. E ela é admirável não só nos talentos singulares e salientes, mas também no mundo dos modos.

Mas resta notar o atributo soberano. As coisas são bonitas, graciosas, ricas, elegantes, formosas, mas, até falarem à imaginação, ainda não são belas. Eis a razão por que a beleza escapa sempre à análise. Ainda não foi possuída, não pode ser manuseada. Próculo diz que "nada nela se fixa, nada nela repousa, mas flutua sobre a luz das formas." A beleza não está propriamente na forma, mas na mente. Abandona instantaneamente a posse, e voa para um objeto no horizonte.

Se eu pudesse tocar a estrela polar, continuaria ela bela? O mar é adorável, mas quando nele mergulhamos, a beleza abandona toda a água próxima. Pois a imaginação e os sentidos não se satisfazem ao mesmo tempo. Wordsworth fala acertadamente de "uma luz que nunca existiu no mar nem na terra", querendo dizer que foi fornecida pelo observador, e o bardo galês adverte as suas conterrâneas que "metade dos seus encantos morrerão com Cadwallon."

A nova virtude que torna algo belo é certa qualidade cósmica, ou um poder de sugerir relação com o mundo inteiro, elevando assim o objeto acima de uma individualidade miserável. Cada elemento natural — mar, céu, arco-íris, flores, tom musical — contém algo que não é privado, mas universal, fala desse benefício central que é a alma da Natureza e, por isso, é belo. E, nos homens e mulheres eleitos, encontro algo na forma, na fala e nos modos, que não pertence à sua pessoa ou família, mas tem um carácter humano, universal e espiritual — e amamo-los como

ao céu. Têm uma sugestão de grandeza, e os seus rostos e modos carregam uma certa majestade, como o tempo e a justiça.

A proeza da imaginação está em mostrar a convertibilidade de tudo em tudo. Factos que nunca antes haviam deixado o seu sentido comum tornam-se subitamente mistérios de Elêusis. As minhas botas, cadeira e castiçal são fadas disfarçadas, meteoros e constelações. Todos os factos da Natureza são nomes da inteligência e formam a gramática da linguagem eterna. Cada palavra tem um uso duplo, triplo ou centuplicado. O quê! Tem o meu fogão e pimenteiro um fundo falso? Peço-te perdão, boa caixa de sapatos! Não sabia que eras um cofre de joias. Palha e pó começam a cintilar e são revestidos de imortalidade. E há alegria em perceber o carácter representativo ou simbólico de um facto, que nenhum facto nu ou evento pode alguma vez proporcionar. Não há dias tão memoráveis na vida como aqueles que vibraram a um golpe da imaginação.

Os poetas têm toda a razão em adornar as suas musas com os despojos da paisagem, jardins, joias, arco-íris, alvoradas e estrelas da noite, pois toda a beleza aponta para a identidade, e tudo o que não me expressa o mar e o céu, o dia e a noite, é de algum modo proibido e errado. Em cada objeto belo, entra algo de imensurável e divino, tanto em formas delineadas como montanhas no horizonte, como em tons musicais ou profundezas do espaço. A luz polarizada revelou a arquitetura secreta dos corpos; e, quando se abre a segunda visão da mente, ora uma cor, ora um gesto ou forma, adquirem pungência, como se um raio mais interior tivesse sido emitido, revelando os seus vínculos profundos na estrutura das coisas.

As leis dessa tradução não as conhecemos, nem porque uma feição ou gesto encanta, ou porque uma palavra ou sílaba embriaga, mas é familiar o facto de que o toque fino do olhar, ou uma graça nos modos, ou uma frase poética, nos planta asas nos ombros; como se a Divindade, ao aproximar-se, removesse montanhas de obstrução e se dignasse traçar uma linha mais verdadeira, que a mente reconhece e aprova. Eis aquela força altiva da beleza, "vis superba formae", que os poetas louvam — sob contorno calmo e preciso, o imensurável e divino: a beleza ocultando toda a sabedoria e poder no seu céu sereno.

Toda a beleza elevada tem um elemento moral, e encontro a escultura antiga tão ética como Marco Aurélio: e a beleza está sempre em proporção à profundidade do pensamento. Naturezas grosseiras e obscuras, por mais decoradas, parecem matadouros impuros; mas o carácter confere esplendor à juventude e reverência às rugas e aos cabelos grisalhos. Um adorador da verdade é alguém a quem não podemos deixar de obedecer, e a mulher que partilhou connosco o sentimento

moral — os seus cabelos hão de parecer-nos sublimes. Assim, há uma escala ascendente de cultura, desde a primeira sensação agradável que uma pedra cintilante ou uma mancha escarlate oferecem ao olhar, passando por contornos belos e pormenores da paisagem, feições do rosto e do corpo humanos, sinais e indícios de pensamento e carácter nos modos, até aos mistérios inefáveis do intelecto. Onde quer que comecemos, para lá tendem os nossos passos: uma ascensão desde a alegria de um cavalo nas suas vestes, até à perceção de Newton de que o globo em que andamos é apenas uma maçã maior caindo de uma árvore maior; até à perceção de Platão, de que o globo e o universo são expressões rudes e precoces de uma Unidade dissolvente — o primeiro degrau na escada para o templo da Mente.

ILUSÕES

Flui, flui, ó ondas odiadas, Malditas, adoradas, Ondas da mutação: Não há ancoradouro. Não há sono, não há morte; Quem parece morrer, vive. A casa onde nasceste, Os amigos da tua primavera, O velho e a jovem donzela, O labor do dia e o seu galardão, Todos estão a desaparecer, Fugindo para fábulas, Não podem ser amarrados. Vê as estrelas através deles, Através de mármores traiçoeiros. Sabe, as estrelas distantes, As estrelas eternas, Também são fugitivas, E imitam, abobadadas, O lampejo do relâmpago difuso, E o voo da pirilampa. Quando regressares com a circulação das ondas, Contemplando o brilho, A dissipação selvagem, E, do esforço Para mudar e fluir, O gás tornar-se sólido, E fantasmas e nadas Regressarem a ser coisas, E o embaraço sem fim For lei e o mundo, — Então primeiro saberás, Que na turbulência selvagem, Montado em Proteu, Cavalgarás para o poder, E para a resistência.

Alguns anos atrás, explorei, com uma companheira agradável, a Gruta Mammoth, no Kentucky. Percorremos, através de galerias espaçosas que oferecem uma base sólida de alvenaria para a cidade e o condado acima, os seis ou oito quilómetros escuros desde a entrada da gruta até ao recanto mais profundo visitado pelos turistas — um nicho ou gruta feito de um único estalactite maciço, chamado, creio eu, "Alcova de Serena".

Perdi a luz de um dia inteiro. Vi cúpus altos e poços sem fundo; ouvi a voz de quedas de água invisíveis; naveguei três quartos de milha no profundo Rio Eco, cujas águas são povoadas por peixes cegos; cruzei os cursos de água "Lete" e "Estige"; provoquei com música e armas os ecos nestas galerias alarmantes; vi toda a sorte de estalagmites e estalactites nas câmaras esculpidas e rendilhadas — candelabros, flor de laranjeira, acanto, cachos de uvas e bolas de neve. Lançámos

tochas bengala nos tetos e naves das catedrais cristalinas, e examinámos todas as obras-primas que os quatro engenheiros combinados — água, calcário, gravidade e tempo — puderam criar na escuridão.

Os mistérios e a paisagem da gruta tinham a mesma dignidade que pertence a todos os objetos naturais, e que envergonha as coisas belas com que, vaidosamente, as comparamos. Notei, especialmente, o hábito mimético com que a Natureza, em novos instrumentos, entoa os seus velhos cantos, fazendo a noite imitar o dia, e a química parodiar a vegetação. Mas o que mais me ficou na memória foi que o melhor que a gruta oferecia era uma ilusão. Ao chegar ao chamado "Câmara das Estrelas", o guia retirou-nos as lanternas e apagou-as ou escondeu-as, e, ao olhar para cima, vi, ou julguei ver, o céu noturno pejado de estrelas a cintilar com mais ou menos brilho sobre as nossas cabeças, e mesmo o que parecia ser um cometa a arder entre elas.

Todos ficaram tocados de espanto e prazer. Os nossos amigos músicos cantaram com muito sentimento uma bela canção, "As estrelas estão no céu tranquilo", etc., e eu sentei-me no chão rochoso para gozar o quadro sereno. Umas poucas lascas de cristal no teto negro, alto acima de nós, refletindo a luz de uma lâmpada semi-oculta, produziram esse efeito magnífico.

Confesso que gostei menos da gruta por completar as suas sublimidades com esse truque teatral. Mas tive muitas experiências semelhantes, antes e depois; e temos de estar contentes em ser agradados sem analisar demasiado as ocasiões. A nossa conversa com a Natureza não é bem o que parece. A massa de nuvens, os esplendores do nascer e pôr-do-sol, os arco-íris e as auroras boreais não são tão esferais como pensávamos em crianças; e a parte que a nossa organização desempenha neles é demasiado grande. Os sentidos interferem por toda a parte e misturam a sua própria estrutura com tudo o que relatam. Em tempos, pensávamos que a Terra era plana e estática. Ao admirarmos o pôr-do-sol, ainda não deduzimos os poderes arredondantes, coordenadores, pictóricos do olho.

Essa mesma interferência da nossa organização cria a maior parte do nosso prazer e da nossa dor. O nosso primeiro erro é acreditar que a circunstância nos dá a alegria que nós damos à circunstância. A vida é um êxtase. A vida é doce como óxido nitroso; e o pescador encharcado o dia todo num lago frio, o guarda de passagens no entroncamento ferroviário, o lavrador no campo, o negro na plantanção de arroz, o dandy na rua, o caçador na floresta, o advogado com o júri, a bela no baile, todos atribuem certo prazer à sua ocupação, que eles próprios lhe conferem. A saúde e o apetite dão doçura ao açúcar, ao pão e à carne. Pensamos

que a nossa civilização avançou muito, mas ainda voltamos aos nossos primeiros manuais.

Vivemos da imaginação, da admiração, dos sentimentos. A criança caminha entre montes de ilusões, que não quer ver perturbadas. O rapaz, quão doce é para ele a sua fantasia! Quão querido o conto de barões e batalhas! Que herói ele é, enquanto se alimenta dos seus heróis! Que dívida ele tem para com os livros de imaginação! Não tem melhor amigo ou influência do que Scott, Shakespeare, Plutarco e Homero. O homem vive para outros objetivos, mas quem ousa afirmar que são mais reais?

Mesmo a prosa das ruas está cheia de refrações. Na vida do vereador mais entediante, a fantasia entra em todos os detalhes, e colore-os com um tom rosado. Ele imita o ar e os gestos das pessoas que admira, e sente-se mais elevado. Paga uma dívida mais rapidamente a um homem rico do que a um pobre. Deseja o cumprimento e a cortesia de algum líder do Estado ou da sociedade; pesa o que ele diz; talvez nunca se aproxime mais dele por causa disso, mas morre por fim mais satisfeito por esse entretenimento dos olhos e da fantasia.

O mundo gira, o ruído da vida nunca cessa. Em Londres, em Paris, em Boston, em São Francisco, o carnaval, o baile de máscaras está no auge. Ninguém larga a sua máscara. As unidades, as ficções da peça seria um atrevimento quebrar. O capítulo das fascinações é muito longo. Grande é a pintura; aliás, Deus é o pintor; e com razão acusamos o crítico que destrói demasiadas ilusões. A sociedade não ama os seus desmascaradores. Foi dito com graça, se bem que com alguma amargura, por D'Alembert, que "um estado de vapor é um estado muito desagradável, porque nos faz ver as coisas como elas são". Vejo os homens vítimas de ilusão em todas as partes da vida.

Crianças, jovens, adultos e velhos, todos são levados por um brinquedo ou outro. Yoganidra, a deusa da ilusão, Proteu, ou Momo, ou a Troça de Gylfi — pois o Poder tem muitos nomes — é mais forte que os Titãs, mais forte que Apolo. Poucos ouviram os deuses, ou surpreenderam o seu segredo. A vida é uma sucessão de lições que devem ser vividas para serem compreendidas. Tudo é enigma, e a chave de um enigma é outro enigma. Há tantas almofadas de ilusão quanto flocos numa tempestade de neve.

Acordamos de um sonho para outro sonho. Os brinquedos, é certo, são variados, e são graduados em refinamento conforme a qualidade do iludido. O homem intelectual requer uma isca fina; os broncos entretêm-se facilmente. Mas todos

estão drogados com o seu próprio delírio, e a parada marcha a todas as horas, com música, estandarte e insígnia.

Entre o grupo alegre que se entrega ao charivari, aparece de vez em quando um rapaz de olhar triste, cujos olhos carecem das refrações necessárias para revestir o espetáculo com o devido esplendor, e que é acometido de uma tendência a rastrear o sortido brilhante de frutos e flores até uma única raiz. A ciência é uma busca da identidade, e o capricho científico espreita em todos os cantos. Na Feira Estatal, um amigo meu queixava-se de que todas as variedades de peras exóticas nos nossos pomares pareciam ter sido escolhidas por alguém que tinha um capricho por um certo tipo de pera, e só cultivava as que tinham esse perfume; eram todas iguais.

E recordo a queixa de outro jovem com os pasteleiros, que, quando punha à prova o seu engenho para escolher os melhores confeitos nas lojas, entre toda a variedade infinita de guloseimas, só encontrava três sabores, ou dois. E então? As peras e os bolos são bons para alguma coisa; e só porque tu, infelizmente, tens um olho ou um nariz demasiado apurado, por que hás de estragar o conforto que os outros encontram neles? Conheci um humorista que, no meio de muita tagarelice, tinha um grão ou dois de juízo.

Chocou a companhia ao afirmar que os atributos de Deus eram dois — poder e risibilidade — e que era dever de todo o homem piedoso manter a comédia viva. E conheci cavalheiros de grande reputação na comunidade, mas cujas simpatias eram frias — presidentes de colégios, governadores e senadores — que se julgavam obrigados a assinar todos os compromissos de temperança, e a atuar com sociedades bíblicas, missões e pacificadores, e a gritar "Chiu, rapaz!" a todo bom cão. Não devemos levar a cortesia demasiado longe, mas todos temos impulsos bondosos nessa direção.

Quando os rapazes entram no meu quintal a pedir licença para apanhar castanhas-da-índia, confesso que entro no jogo da Natureza e finjo conceder a permissão com relutância, temendo que a qualquer momento descubram o embuste daquele vistoso logro. Mas essa ternura é desnecessária; os encantos estão lançados muito densamente. A vida jovem deles está coberta com eles. Nu e triste até às lágrimas é o destino das crianças da cabana que vi ontem; mas nem por isso deixaram de a enfeitar com uma fantasia pomposa, como as crianças da mais feliz fortuna, e falavam da "querida casinha onde tantas horas alegres tinham passado".

Pois bem, esse revestimento de cabanas é o costume do país. As mulheres, mais do que ninguém, são o elemento e o reino da ilusão. Sendo fascinadas, fascinam. Veem através de Claude Lorraines. E como ousará alguém, se pudesse, arrancar as coxias, os efeitos cénicos e as cerimónias por onde vivem? Demasiado patética, demasiado lastimável, é a região da afeição, e a sua atmosfera sempre sujeita a miragens.

Não somos assim tão culpados pelos nossos maus casamentos. Vivemos em meio a alucinações; e esta armadilha especial está lá para nos fazer tropeçar, e todos tropeçam, mais cedo ou mais tarde. Mas a grande Mãe, que foi tão astuta connosco, como se sentisse que nos devia alguma indemnização, insinua na caixa de Pandora do casamento alguns benefícios profundos e sérios, e algumas grandes alegrias. Encontramos um deleite na beleza e felicidade das crianças que faz o coração grande demais para o corpo. Nas ligações mais mal combinadas há sempre alguma mistura de verdadeiro matrimónio. Teague e a sua rapariga conseguem encontrar algumas justas relações de respeito mútuo, observação gentil e cuidado um pelo outro, aprendem algo, e portar-se-iam com mais sabedoria se estivessem agora a começar.

É fácil para nós apontar para este ou aquele louco elegante, como se houvesse algum isento. O erudito na sua biblioteca não o é. Eu, que ao longo da vida ouvi inúmeras orações e debates, li poemas e livros diversos, conversei com muitos génios, ainda sou vítima de qualquer nova página; e, se Marmaduke, ou Hugh, ou Moosehead, ou outro qualquer, inventa um novo estilo ou mitologia, imagino que o mundo será todo nobre e justo, se vestido com essas cores, que nunca me tinham ocorrido. Logo me apresso a pintar com essa nova tinta; mas ela não agarra. É como o cimento que o caixeiro-viajante vende à porta; ele faz com que a loiça quebrada se mantenha unida com ele, mas nunca se consegue comprar um bocado desse cimento que a faça manter-se unida depois que ele parte.

Os homens que se fazem sentir no mundo aproveitam-se de um certo destino na sua constituição, que sabem usar. Mas nunca nos interessam profundamente, a não ser que levantem um canto do pano, ou revelem, por mais subtil que seja, a sua penetração no que está por trás. Esse é o encanto dos homens práticos: que fora da sua praticidade há certa poesia e jogo, como se levassem o bom cavalo Poder pela rédea, e preferissem andar, apesar de poderem cavalgar tão ferozmente. Bonaparte é intelectual, assim como César; e os melhores soldados, capitães do mar e ferroviários têm uma gentileza, quando fora do serviço; uma boa disposição que admite que há ilusões, e quem dirá que eles próprios não são alvo delas? Estigmatizamos os sujeitos de ferro, que não conseguem distanciar-se assim, como

"possuídos por dragões", "fulminados" e tolos do destino, por mais poderes que tenham.

Como a nossa aprendizagem se faz por emblemas e indiretas, é bom saber que há método nisso, uma escala fixa, e grau sobre grau nos fantasmas. Começamos baixo com máscaras grosseiras, e elevamo-nos até às mais subtis e belas. Os homens vermelhos disseram a Colombo, "tinham uma erva que tirava o cansaço"; mas ele achou a ilusão de "chegar do oriente às Índias" mais reconfortante para o seu espírito elevado do que qualquer tabaco. Não é a nossa fé na impenetrabilidade da matéria mais sedativa que os narcóticos? Jogas com pauzinhos, bolas, taças, cavalos e armas, propriedades e política; mas há jogos mais finos à tua frente.

O tempo não é um brinquedo bonito? A vida mostrar-te-á máscaras que valem todos os teus carnavais. Aquela montanha terá de migrar para a tua mente. O fino pó estelar e o nevoeiro nebuloso em Órion, "o portentoso ano de Mizar e Alcor", terão de descer e ser tratados no teu pensamento doméstico. E se chegares a discernir que o palco e o cenário de toda esta pomposa história são radiações de ti mesmo, e que o sol toma emprestado os seus raios? Que questões terríveis estamos a aprender a fazer! Os homens antigos acreditavam em magia, pela qual templos, cidades e homens eram engolidos, e todo o vestígio deles desaparecia. Estamos a descobrir o segredo de uma magia que varre da mente dos homens todo vestígio de teísmo e crenças que eles e os seus pais sustentaram e sobre as quais se moldaram.

Há ilusões dos sentidos, ilusões das paixões, e as ilusões estruturais, benéficas, do sentimento e do intelecto. Há a ilusão do amor, que atribui à pessoa amada tudo o que essa pessoa partilha com a sua família, sexo, idade ou condição, sim, com a própria mente humana. São essas coisas que o amante ama, e Anna Matilda colhe o crédito por elas. Como se alguém encerrado sempre numa torre, com uma única janela, através da qual visse o rosto do céu e da terra, imaginasse que todas as maravilhas que via pertenciam àquela janela. Há a ilusão do tempo, que é muito profunda; quem a desfez? ou chegou à convicção de que o que parece a sucessão do pensamento é apenas a distribuição dos conjuntos em séries causais?

O intelecto vê que cada átomo carrega o todo da Natureza; que a mente se abre à omnipotência; que, nos esforços e ascensões infindáveis, a metamorfose é total, de modo que a alma não se reconhece a si própria no seu próprio ato, quando esse ato se completa. Há ilusão que enganará até os eleitos. Há ilusão que enganará até o realizador do milagre. Ainda que ele forme o seu corpo, nega que o faz. Ainda que o mundo exista do pensamento, o pensamento fica intimidado diante do mundo. Um

após o outro aceitamos as leis mentais, ainda resistindo às que se seguem, que no entanto devem ser aceites. Mas todas as nossas concessões apenas nos forçam a novas profusões. E de que serve que a ciência tenha chegado a tratar o espaço e o tempo como meras formas de pensamento, e o mundo material como hipotético, se afinal até a nossa pretensão de propriedade e mesmo de individualidade se vão esbatendo com o resto, se, por fim, até os nossos pensamentos não são finalidades; mas o fluxo incessante e a ascensão os alcançam também, e cada pensamento que ontem era uma finalidade, hoje cede a uma generalização mais vasta?

Com tais elementos voláteis para trabalhar, não admira que as nossas estimativas sejam vagas e flutuantes. Temos de trabalhar e afirmar, mas não fazemos ideia do valor do que dizemos ou fazemos. A nuvem é agora do tamanho da tua mão, e agora cobre um distrito inteiro. Aquela história de Thor, que foi incumbido de esvaziar o corno de beber em Asgard, de lutar com a velha mulher, e de correr com o corredor Lok, e logo descobriu que tinha estado a beber o mar, a lutar com o Tempo e a correr com o Pensamento, descreve-nos a nós, que estamos a lutar, em meio a estas futilidades aparentes, com as energias supremas da Natureza.

Imaginamos ter caído em má companhia e condição sórdida, dívidas mesquinhas, contas de sapateiro, vidros partidos para pagar, panelas para comprar, carne de talho, açúcar, leite e carvão. "Dai-me uma grande tarefa, ó deuses! e mostrar-vos-ei o meu espírito." "Nada disso," diz o bom Céu; "lavoura e paciência, remenda os teus velhos casacos e chapéus, tece um atacador; grandes negócios e o melhor vinho virão depois." Pois bem, tudo é fantasma; e se tecermos um palmo de fita com toda humildade, e o melhor que pudermos, muito tempo depois veremos que não era fita de algodão nenhuma, mas alguma galáxia que entrelaçámos, e que os fios eram o Tempo e a Natureza.

Não podemos descrever a ordem dos ventos variáveis. Como penetrar a lei dos nossos estados de espírito e suscetibilidades cambiantes? E no entanto diferem como tudo e nada. Em vez do firmamento de ontem, que os nossos olhos requerem, é hoje uma casca de ovo que nos enclausura; nem conseguimos ver quais ou onde estão as nossas estrelas do destino. De dia para dia, os factos capitais da vida humana estão ocultos aos nossos olhos. Subitamente o nevoeiro levanta-se, e revela-os, e pensamos quanto tempo bom se perdeu, que podia ter sido salvo, se ao menos um indício destas coisas nos tivesse sido mostrado.

Uma súbita elevação no caminho mostra-nos o sistema de montanhas, e todos os cumes, que estiveram tão perto de nós o ano inteiro, mas totalmente fora da nossa mente. Mas estas alternâncias não são sem ordem, e somos partes da nossa sorte

variada. Se a vida parece uma sucessão de sonhos, também a justiça poética se faz em sonhos. As visões dos bons homens são boas; é a vontade indisciplinada que é açoitada com maus pensamentos e más fortunas. Quando quebramos as leis, perdemos o contato com a realidade central. Como doentes em hospitais, mudamos apenas de cama para cama, de uma loucura para outra; e pouco pode importar o que acontece a tais náufragos — gemebundos, estúpidos, em coma — levados de cama em cama, do nada da vida ao nada da morte.

Neste reino de ilusões, tateamos avidamente em busca de apoios e fundações. Não há outro senão o de um trato rigoroso e fiel connosco próprios, e a exclusão severa de toda a duplicidade ou ilusão em casa. Quaisquer que sejam os jogos que nos joguem, não devemos jogar connosco próprios, mas lidar na nossa intimidade com a última honestidade e verdade. Considero as virtudes simples e infantis da veracidade e da honestidade como a raiz de tudo o que há de sublime no carácter. Fala como pensas, sê o que és, paga todas as tuas dívidas.

Prefiro ser tido como são e solvente, que a minha palavra valha tanto como a minha assinatura, e ser o que não pode ser contornado, dissipado ou minado, a todo o brilho do universo. Esta realidade é a base da amizade, da religião, da poesia e da arte. No cimo ou no fundo de todas as ilusões, coloco o engano que ainda nos leva a trabalhar e viver para as aparências, apesar da nossa convicção, em todas as horas lúcidas, de que é o que realmente somos que vale com os amigos, com estranhos e com o destino ou a fortuna.

Pela conversa dos homens, dir-se-ia que a riqueza e a pobreza são de grande importância; e a nossa civilização valoriza sobretudo isso. Mas os índios dizem que não veem vantagem no homem branco, com a sua testa franzida, sempre a labutar, com medo do calor e do frio, e a manter-se dentro de portas. O interesse permanente de cada homem é nunca estar numa posição falsa, mas ter o peso da Natureza a apoiá-lo em tudo o que faz.

Riqueza e pobreza são um traje espesso ou fino; e a nossa vida — a vida de todos nós — é idêntica. Pois transcendemos a circunstância continuamente, e saboreamos a verdadeira qualidade da existência; como nos nossos ofícios, que só diferem nas manipulações, mas expressam as mesmas leis; ou nos nossos pensamentos, que não vestem sedas nem provam gelados. Vemos Deus face a face a cada hora, e conhecemos o sabor da Natureza.

Os primeiros filósofos gregos Heraclito e Xenófanes mediram a sua força com este problema da identidade. Diógenes de Apolónia disse que, a menos que os

átomos fossem feitos da mesma substância, nunca poderiam misturar-se e atuar em conjunto. Mas os hindus, nos seus escritos sagrados, expressam vivamente tanto o sentimento da identidade essencial como da ilusão que consideram ser a variedade. "As noções de 'eu sou' e 'isto é meu', que influenciam a humanidade, não passam de ilusões da mãe do mundo. Dissipa, ó Senhor de todas as criaturas, a presunção do conhecimento que provém da ignorância." E a bem-aventurança do homem, sustentam eles, reside em ser libertado do fascínio.

O intelecto é estimulado pela enunciação da verdade sob forma de imagem, e a vontade por vestir as leis da vida de ilusões. Mas as unidades da Verdade e do Bem não são quebradas pelo disfarce. Nunca deve haver confusão nestas. Numa vida repleta de muitos papéis e atores, num palco de nações, ou na mais obscura aldeia do Maine ou da Califórnia, os mesmos elementos oferecem as mesmas escolhas a cada recém-chegado e, conforme a sua eleição, fixa o seu destino na Natureza absoluta. Seria difícil condensar mais filosofia mental e moral do que os persas colocaram nesta frase:

"Serás ludibriado, ainda que sejas o mais sábio dos sábios: Sê, pois, o tolo da virtude, e não do vício."

Não há acaso, nem anarquia, no universo. Tudo é sistema e gradação. Cada deus está sentado no seu orbe. O jovem mortal entra no salão do firmamento: ali está ele só com eles sós, derramando sobre ele bênçãos e dons, e acenando-lhe para os seus tronos. No instante, e incessantemente, caem tempestades de neve de ilusões.

Imagina-se numa vasta multidão que se agita para um lado e para o outro, cujos movimentos e atos deve obedecer: imagina-se pobre, órfão, insignificante. A turba louca empurra para aqui e para ali, ora ordenando furiosamente que isto seja feito, ora aquilo. Quem é ele para resistir à vontade deles, e pensar ou agir por si mesmo? A cada momento, novas mudanças, e novas chuvas de enganos, para o confundir e distrair. E quando, por fim, por um instante, o ar se limpa e a nuvem levanta um pouco, lá estão os deuses ainda sentados à sua volta nos seus tronos — eles sós com ele só.

PODER

Resumo

"Poder" é um ensaio de Ralph Waldo Emerson que explora a natureza e o significado do poder na vida humana. Emerson argumenta que o poder não se resume à força física ou à riqueza material, mas é sobretudo um reflexo das capacidades criativas e imaginativas do espírito humano. Sugere que o verdadeiro poder surge da capacidade de aceder aos recursos interiores do eu, incluindo a imaginação, a convicção pessoal e a energia transformadora da transcendência pessoal. No fim de contas, "Poder" é uma celebração do potencial humano para a criatividade e a autorrealização, bem como um apelo à valorização do espírito humano nas suas múltiplas formas.

A sua língua foi moldada para a música,
E a sua mão armada com destreza,
O seu rosto era o molde da beleza,
E o seu coração o trono da vontade.

Não existe ainda nenhum inventário das faculdades de um homem, tal como não há uma bíblia das suas opiniões. Quem poderá limitar a influência de um ser humano? Há homens que, por atração simpática, arrastam nações consigo e lideram a atividade da raça humana. E, se existe esse vínculo, de tal modo que, para onde quer que a mente do homem vá, a natureza o acompanha, talvez existam homens cujo magnetismo seja suficientemente forte para atrair poderes materiais e elementares, e, onde quer que surjam, vastas instrumentalizações organizam-se em seu redor.

A vida é uma busca por poder; e este é um elemento com que o mundo está tão saturado — não há fresta ou fissura onde não esteja alojado — que nenhuma procura honesta fica sem recompensa. Um homem deve valorizar os acontecimentos e as posses como o minério em que se encontra este fino mineral; e pode bem dar-se ao luxo de deixar ir os acontecimentos, as posses e o próprio sopro da vida, se o seu valor tiver sido acrescentado à sua pessoa sob a forma de poder. Se obteve o elixir, pode dispensar os vastos jardins de onde foi extraído. Um homem cultivado, sábio para compreender e ousado para agir, é o fim para o qual a natureza trabalha, e a educação da vontade é a floração e o resultado de toda esta geologia e astronomia.

Todos os homens bem-sucedidos concordaram numa coisa: eram causalistas. Acreditavam que as coisas não decorrem do acaso, mas da lei; que não há elo frágil

ou partido na cadeia que une o princípio e o fim das coisas. Uma crença na causalidade — ou ligação rigorosa entre cada detalhe e o princípio do ser — e, por consequência, uma crença na compensação — ou seja, que nada se obtém por nada — caracteriza todas as mentes valiosas e deve guiar todo o esforço de quem é industrioso. Os homens mais valentes são os maiores crentes na tensão das leis. "Todos os grandes capitães", dizia Bonaparte, "realizaram feitos imensos ao conformarem-se com as regras da arte — ao ajustarem os esforços aos obstáculos."

A chave da época pode ser esta ou aquela, como dizem os jovens oradores — mas a chave de todas as épocas é a imbecilidade; a imbecilidade na vasta maioria dos homens, em todos os tempos, e até nos heróis, em todos os momentos exceto em certos instantes eminentes; vítimas da gravidade, do costume e do medo. Isto dá força aos fortes — o facto de que a multidão não tem o hábito da autoconfiança nem da ação original.

Devemos considerar o sucesso como um traço constitucional. A coragem — diziam os antigos médicos (e o seu significado mantém-se, mesmo que a fisiologia fosse algo mítica) — a coragem, ou o grau de vitalidade, corresponde ao grau de circulação do sangue nas artérias. "Durante a paixão, a raiva, a fúria, as provas de força, a luta, o combate, uma grande quantidade de sangue acumula-se nas artérias, pois a manutenção da força corporal assim o exige, e pouco é enviado para as veias. Esta condição é constante nas pessoas intrépidas." Onde as artérias retêm o sangue, é possível a coragem e a aventura. Onde o derramam sem contenção nas veias, o espírito é fraco e desanimado.

Para feitos notáveis, é necessária uma saúde extraordinária. Se Érico está em plena saúde, dormiu bem, encontra-se no auge da sua condição e tem trinta anos ao partir da Gronelândia, irá rumar a oeste e os seus navios chegarão a Terra Nova. Mas, se substituirmos Érico por um homem mais forte e mais audaz — Biorn ou Thorfin — os navios, com igual facilidade, navegarão mais seiscentas, mil, mil e quinhentas milhas e alcançarão o Labrador e a Nova Inglaterra. Não há acaso nos resultados.

Com os adultos, como com as crianças, uns entram de alma e corpo no jogo e giram com o mundo giratório; outros têm mãos frias e permanecem espectadores; ou são arrastados apenas pelo humor e vivacidade daqueles que conseguem levar um peso morto. A primeira riqueza é a saúde. A doença é pusilânime e não serve ninguém: precisa poupar recursos apenas para viver. Mas a saúde ou plenitude responde aos

seus próprios fins e tem de sobra, transborda e inunda os arredores e os riachos das necessidades alheias.

Todo o poder é de um só tipo: uma partilha da natureza do mundo. A mente que se encontra em paralelo com as leis da natureza estará no curso dos acontecimentos, e forte com a força deles. Um homem é feito da mesma matéria que os acontecimentos; está em sintonia com o curso das coisas; pode prevê-lo. O que quer que aconteça, acontece-lhe primeiro; de modo que está à altura do que quer que venha. Um homem que conhece os homens pode falar bem de política, comércio, direito, guerra, religião. Pois, em toda a parte, os homens são conduzidos do mesmo modo.

A vantagem de um pulso forte não pode ser compensada por nenhum esforço, arte ou organização. É como o clima, que facilmente faz crescer uma colheita que nenhuma estufa, irrigação, lavoura ou adubo pode igualar noutro lugar. É como a oportunidade de uma cidade como Nova Iorque ou Constantinopla, que não precisa de diplomacia para atrair capital, génio ou trabalho. Estes vêm por si próprios, como as águas fluem para ali. Assim também uma mente ampla, saudável e vigorosa parece estar situada à beira de rios invisíveis, de oceanos invisíveis, cobertos de embarcações que, noite e dia, são levadas até esse ponto. Recebe no seu regaço aquilo por que outros homens se debatem em tramas. Está no segredo de todos; antecipa todas as descobertas; e, se não domina todos os factos do génio e do erudito, é porque é grande e lenta, e não os considera dignos do esforço que tu fazes.

Essa força afirmativa está presente num, e ausente noutro, como um cavalo tem o ímpeto em si, e outro precisa de chicote. "No pescoço do jovem", dizia Hafiz, "não brilha joia mais graciosa do que o espírito de iniciativa." Leva a qualquer região estagnada — como uma antiga população holandesa em Nova Iorque ou Pensilvânia, ou entre os proprietários da Virgínia — uma colónia de ianques robustos, de cérebros fervilhantes, cabeças cheias de martelo-pilão, polia, manivela e roda dentada — e tudo começa a brilhar em valor.

Que enriquecimento para toda a água e terra de Inglaterra representa a chegada de James Watt ou de Brunel! Em toda companhia, há não apenas o sexo ativo e passivo, mas, em ambos, homens e mulheres, um sexo mental mais profundo e importante: a classe inventiva ou criativa e a classe não inventiva ou receptiva. Cada homem "positivo" representa o seu grupo e, se tiver a vantagem acidental da ascendência pessoal — que implica nem mais nem menos talento, mas simplesmente o olhar temperamental ou disciplinador de um soldado ou de um professor (que um

possui e outro não, tal como um tem bigode negro e outro loiro) — então, muito naturalmente e sem inveja ou resistência, todos os seus colaboradores e seguidores reconhecerão o seu direito a absorvê-los. O comerciante trabalha com o seu guarda-livros e caixa; o advogado com os pareceres reunidos por seus escrivães; o geólogo com os relatórios dos seus subordinados; o comandante Wilkes apropria-se dos resultados de todos os naturalistas da Expedição; a estátua de Thorwaldsen é concluída por talhantes; Dumas tem assistentes; e Shakespeare foi diretor de teatro, e utilizou o trabalho de muitos jovens, além dos próprios textos dramáticos.

Há sempre lugar para um homem de força, e ele cria lugar para muitos outros. A sociedade é um grupo de pensadores, e as melhores cabeças entre eles ocupam os melhores lugares. Um homem fraco vê as quintas vedadas e cultivadas, as casas construídas. O homem forte vê as casas e quintas possíveis. O seu olhar gera propriedades, com a mesma facilidade com que o sol gera nuvens.

Quando um novo rapaz entra numa escola, quando um homem viaja e encontra estranhos todos os dias, ou quando, num clube antigo, um recém-chegado é integrado, sucede o mesmo que acontece quando um boi estranho é introduzido num curral ou pasto onde já existem outros: dá-se de imediato uma prova de força entre o melhor par de cornos e o recém-chegado, e decide-se a partir daí quem será o líder. Assim também agora se dá uma medição de forças — muito cortês, mas decisiva — e uma aceitação mútua estabelece-se para o futuro. Cada um lê o seu destino nos olhos do outro. A parte mais fraca descobre que nenhuma das suas informações ou inteligência se encaixa verdadeiramente na ocasião.

Pensava saber isto ou aquilo, mas descobre que se esqueceu de aprender o desfecho. Nada do que sabe atinge verdadeiramente o alvo, enquanto todas as setas do rival são certeiras e bem lançadas. Mesmo que soubesse todos os factos da enciclopédia, isso não o ajudaria: trata-se de presença de espírito, atitude, aplomb; o oponente tem o sol e o vento a favor, e, em cada lance, a escolha da arma e do alvo; e, quando ele próprio enfrenta outro adversário, as suas próprias setas voam bem e acertam. É uma questão de estômago e constituição. O segundo homem é tão bom quanto o primeiro — talvez melhor — mas não tem a robustez ou o ânimo que o primeiro tem, e por isso o seu engenho parece demasiado refinado ou insuficiente.

A saúde é boa — é poder, é vida que resiste à doença, ao veneno e a todos os inimigos, sendo conservadora tanto quanto criadora. A cada primavera pergunta-se se se há de enxertar com cera ou com barro; se se há de caiar ou usar potassa, ou

podar; mas o que importa é a árvore vigorosa. Uma boa árvore, que se adapta ao solo, crescerá apesar das pragas, dos insetos, da poda ou do abandono, de dia e de noite, em todos os tempos e tratamentos. Vivacidade e liderança são indispensáveis, e não nos é permitido sermos exigentes na escolha.

Temos de puxar a bomba com água suja, se não houver limpa. Se quisermos fazer pão, precisamos de fermentação — seja ela induzida por fermento, borras ou qualquer outro agente — como o artista letárgico que procura inspiração a qualquer custo, pela virtude ou pelo vício, por amigo ou por demónio, por oração ou por vinho. E temos um certo instinto de que onde há grande quantidade de vida, mesmo grosseira e pecadora, ela possui os seus próprios mecanismos de regulação e purificação, e acabará por se revelar em harmonia com as leis morais.

Observamos nas crianças, com interesse comovente, o grau em que possuem força de recuperação. Quando são magoadas por nós, ou entre si, ou ficam no fundo da turma, ou perdem os prémios anuais, ou são vencidas no jogo — se perdem o ânimo e recordam o infortúnio no quarto, em casa, sofrerão um golpe sério. Mas se têm a leveza e resistência que as preenche com novo interesse pelo novo momento — as feridas cicatrizam e as fibras tornam-se mais fortes pela dor.

Apreciamos este "plus" de saúde quando vemos que todas as dificuldades se desfazem perante ela. Um homem tímido, ao ouvir os alarmistas no Congresso e nos jornais, ao observar a devassidão dos partidos — interesses de fação levados ao extremo, cegos às consequências, com a mente feita para medidas desesperadas, com o voto numa mão e a espingarda na outra — poderia facilmente acreditar que ele e o seu país já viram os seus melhores dias, e endurece-se o melhor que pode contra a ruína iminente.

Mas, depois de este presságio ter sido repetido com igual certeza cinquenta vezes, e os títulos da dívida pública não terem caído nem um quarto de milésimo, ele descobre que os imensos elementos de força em ação tornam a política quase irrelevante. O poder pessoal, a liberdade e os recursos naturais exigem o esforço de cada cidadão. Prosperamos com tal vigor que, como árvores vigorosas que crescem apesar do gelo, dos piolhos, dos ratos e dos perfuradores, também nós não sofremos com as enxames devoradores que engordam à custa do erário público.

Os animais grandes alimentam parasitas grandes, e a virulência da doença atesta a força da constituição. A mesma energia no Demos grego provocou o comentário de que os males do governo popular parecem maiores do que realmente são; há uma compensação no espírito e energia que desperta. O estilo rude e expedito de um

povo de marinheiros, lenhadores, agricultores e operários tem as suas vantagens. O poder educa o detentor do poder. Enquanto o nosso povo citar padrões ingleses, diminuirá a sua própria estatura. Um advogado proeminente do Oeste disse-me que desejava que fosse crime penal trazer um livro de direito inglês para um tribunal neste país, tal era o prejuízo que tinha observado, na sua experiência, pela deferência aos precedentes ingleses.

A própria palavra "comércio" só tem significado inglês, restringido às exigências estreitas da experiência britânica. O comércio dos rios, das linhas férreas, e quem sabe se o comércio dos balões, terão de acrescentar uma extensão americana ao charco do direito marítimo inglês. Enquanto o nosso povo citar padrões ingleses, falhará a soberania do poder; mas deixemos que esses cavaleiros rudes — legisladores em mangas de camisa — Hoosiers, Suckers, Wolverines, Badgers — ou qualquer cabeça dura enviada por Arkansas, Oregon ou Utah, meio orador, meio assassino, para representar a sua cólera e cobiça em Washington — deixemo-los conduzir como puderem; e a disposição dos territórios e terras públicas, a necessidade de equilibrar e conter as ruidosas maiorias de alemães, irlandeses e de milhões de nativos, conferirá prontidão, habilidade e razão, por fim, ao nosso caçador de búfalos, e autoridade e majestade de maneiras.

O instinto do povo está certo. Os homens esperam dos bons whigs, postos no poder pela respeitabilidade do país, muito menos competência para lidar com o México, Espanha, Inglaterra ou com os nossos próprios membros descontentes, do que esperam de algum transgressor de fibra, como Jefferson ou Jackson, que primeiro conquista o seu próprio governo, e depois usa o mesmo génio para vencer o estrangeiro. Os senadores que se opuseram à guerra mexicana de Polk não foram os que sabiam mais, mas os que, pela sua posição política, o podiam fazer; não Webster, mas Benton e Calhoun.

Este poder, é certo, não vem revestido de cetim. É o poder da lei de Lynch, de soldados e piratas; e intimida os pacíficos e leais. Mas traz o seu próprio antídoto; e aqui está o meu ponto — que todos os tipos de poder geralmente emergem ao mesmo tempo: energia boa e má; poder mental com saúde física; os êxtases da devoção com as exasperações do vício. Os mesmos elementos estão sempre presentes, apenas ora são mais visíveis uns, ora outros; o que ontem era primeiro plano, hoje é fundo — o que era superfície, desempenha agora papel não menos eficaz como base.

Quanto mais prolongada a seca, mais carregada está a atmosfera de água. Quanto mais rapidamente a esfera cai em direção ao sol, maior é a força com que tende a

afastar-se. E, na moral, a liberdade selvagem gera consciência férrea; naturezas com grandes impulsos têm grandes recursos e regressam de longe. Na política, os filhos dos democratas tornam-se whigs; enquanto o republicanismo vermelho no pai é um espasmo da natureza para gerar um tirano intolerável na geração seguinte. Por outro lado, o conservadorismo, cada vez mais medroso e estreito, desgosta os filhos e leva-os, em busca de ar fresco, para o radicalismo.

Aqueles que possuem mais desta energia bruta — os "brutamontes", que enfrentaram a prova dos comícios e das tabernas por todo o condado ou estado — têm os seus vícios, mas também a generosidade da força e da coragem. Ferozes e sem escrúpulos, são geralmente francos e diretos, e acima da mentira. A nossa política cai em más mãos, e parece haver consenso em que os clérigos e homens refinados não são pessoas aptas para o Congresso. A política é uma profissão deletéria, como alguns ofícios venenosos.

Os homens no poder não têm opiniões, mas estão disponíveis por pouco para qualquer opinião, para qualquer propósito — e, se a escolha for apenas entre o mais educado e o mais enérgico, eu inclino-me para o último. Esses Hoosiers e Suckers são realmente melhores que a oposição choramingas. A sua cólera é, pelo menos, ousada e viril. Eles veem, contra todas as declarações do povo, quanto crime o povo suportará; avançam passo a passo, e calcularam com demasiada justeza com Suas Excelências, os governadores da Nova Inglaterra, e com Suas Senhorias, os legisladores da Nova Inglaterra. As mensagens dos governadores e as resoluções das assembleias legislativas tornaram-se proverbiais para exprimir uma falsa indignação virtuosa que, no curso dos acontecimentos, se revela sempre desmentida.

No comércio, também, esta energia geralmente carrega um traço de ferocidade. Corpos filantrópicos e religiosos não costumam escolher santos para os seus executivos. As comunidades fundadas por socialistas — os jesuítas, os de Port-Royal, as americanas em New Harmony, Brook Farm, Zoar — só foram possíveis por confiarem o cargo de intendente a um Judas. Os restantes cargos podem ser ocupados por bons burgueses. O proprietário piedoso e caritativo tem um capataz não tão piedoso nem tão caritativo. O mais amável dos senhores rurais sente certo prazer na dentada do cão-de-guarda que vigia o seu pomar.

Da sociedade dos Shakers dizia-se, antigamente, que enviavam sempre o diabo à feira. E nas representações da Divindade, a pintura, a poesia e a religião popular sempre extraíram a cólera do Inferno. É uma doutrina esotérica da sociedade que um pouco de malícia é boa para fazer músculo; como se a consciência não fosse boa

para mãos e pernas, como se os formalistas decadentes da lei e da ordem não pudessem correr como cabras-monteses, lobos e coelhos; como se, tal como há uso médico para venenos, o mundo não pudesse girar sem patifes; como se o espírito público e a mão pronta não se encontrassem também entre os malignos. Não é raro ver a coincidência entre práticas privadas e políticas duvidosas com espírito público e boa vizinhança.

Conheci um corpulento Bonifácio que, durante muitos anos, manteve uma estalagem numa das nossas pequenas capitais rurais. Era um patife de quem a vila mal podia prescindir. Era uma criatura social, sanguínea, agarrada e egoísta. Não havia crime que não tivesse cometido ou não fosse capaz de cometer. Contudo, era amigo íntimo dos vereadores, servia-lhes o melhor bife quando jantavam em sua casa, e era também muito cordial com Sua Excelência o Juiz, apertando-lhe vigorosamente a mão. Introduziu na vila todos os demónios, masculinos e femininos, e reunia em si as funções de valentão, incendiário, burlão, taberneiro e ladrão. Ceifava as árvores e cortava as caudas dos cavalos dos adeptos da temperança durante a noite.

Liderava os "bêbados" e radicais nas assembleias municipais com discursos inflamados. Entretanto, em sua casa, era afável, gordo e apaziguado — precisamente o mais "cívico" dos cidadãos. Era ativo na reparação das estradas e na plantação de árvores de sombra; subscrevia para fontes, gás e telégrafo; introduzia o novo ancinho para cavalos, o novo raspador, o baloiço de bebé e tudo mais que o Connecticut enviava aos cidadãos admirados. Fazia-o com facilidade, pois o vendedor ambulante parava na sua estalagem e pagava a estadia montando a sua nova armadilha nos terrenos do estalajadeiro.

Enquanto essa energia de originar e executar trabalho se deforma pelo excesso, e o nosso machado acaba por cortar os nossos próprios dedos — este mal não está isento de remédio. Todos os elementos cujo auxílio o homem invoca podem, por vezes, tornar-se seus senhores, especialmente os de força mais subtil. Deverá, então, renunciar ao vapor, ao fogo e à eletricidade, ou aprender a lidar com eles? A regra para esta classe de agentes é: todo o excesso é bom — desde que colocado no lugar certo.

Homens com este excesso de sangue arterial não podem viver de nozes, chá de ervas e elegias; não podem limitar-se a ler romances e jogar às cartas; não satisfazem as suas necessidades nas Conferências de quinta-feira ou na Biblioteca de Boston. Anseiam por aventura e precisam ir até Pike's Peak; prefeririam morrer ao machado de um Pawnee do que passar os dias sentados a uma secretária. Foram

feitos para a guerra, o mar, a mineração, a caça e a desmatação; para aventuras por um triz, riscos enormes e o prazer de uma vida cheia de acontecimentos. Alguns homens não suportam uma hora de calmaria no mar. Lembro-me de um pobre cozinheiro malaio, a bordo de um paquete de Liverpool, que, quando o vento soprava em rajadas, não conseguia conter a alegria: "Sopra!" gritava, "eu te digo, sopra!" Os seus amigos e governantes devem providenciar alguma válvula de escape para essa natureza explosiva. Os rufiões destinados à infâmia em casa, se enviados para o México, "cobrem-se de glória" e regressam como heróis e generais.

Há Oregons, Califórnias e expedições de exploração suficientes associadas à América para lhes oferecerem limas para roer e crocodilos para comer. Os jovens ingleses são belos animais, cheios de sangue, e quando não têm guerras onde gastar o seu valor turbulento, procuram viagens tão perigosas quanto a guerra: mergulham em Maelstroms, nadam no Helesponto, sobem os nevados Himalaia, caçam leões, rinocerontes e elefantes na África Austral; vagueiam com Borrow por Espanha e Argélia; montam crocodilos na América do Sul com Waterton; servem-se de beduínos, xeques e paxás com Layard; velejam entre os icebergs de Lancaster Sound; espreitam crateras no equador; ou enfrentam as lâminas dos malaios em Bornéu.

O excesso de virilidade tem a mesma importância na história geral como na vida privada e industrial. Uma raça forte ou um indivíduo forte assenta, por fim, em forças naturais, que são mais puras no selvagem, que, como os animais à sua volta, ainda bebe diretamente do seio da Natureza. Rompe-se a ligação entre qualquer obra nossa e essa fonte primordial, e a obra torna-se superficial. O povo apoia-se nisso, e a multidão não é argumento tão fraco quanto às vezes se diz, pois tem esse lado positivo.

"Marchai sem o povo", disse um deputado francês na tribuna, "e marchareis na escuridão: os seus instintos são o dedo indicador da Providência, sempre apontado ao verdadeiro benefício. Mas, quando se apoia um partido de Orleães, um Bourbon, um Montalembert, ou qualquer outro que não seja orgânico, por mais bem intencionado que se esteja, acaba-se com uma personalidade em vez de um princípio, o que inevitavelmente arrastará para um beco."

As melhores anedotas desta força vêm da vida selvagem, de exploradores, soldados e corsários. Mas quem se importa com desentendimentos entre assassinos, lutas de ursos ou estalidos de icebergs? A força física não tem valor, se nada mais a acompanha. Neve em montes de neve, fogo em vulcões e solfataras é barato. O luxo do gelo é nos países tropicais e nos dias de verão. O luxo do fogo é

tê-lo moderadamente na lareira. E o da eletricidade, não os trovões das nuvens carregadas, mas o fluxo controlado nos fios do gerador. Assim é também com o espírito, ou energia; os seus vestígios no homem civil e moral valem mais do que todos os canibais do Pacífico.

Na história, o grande momento é quando o selvagem está a deixar de o ser, com toda a sua força pelásgica dirigida agora ao despertar do sentido de beleza: — e aí temos Péricles e Fídias — ainda não totalmente absorvidos na civilidade coríntia. Tudo o que há de bom na natureza e no mundo encontra-se nesse instante de transição, quando os sucos escuros ainda fluem abundantemente da natureza, mas a sua adstringência foi depurada pela ética e pela humanidade.

As conquistas da paz sempre estiveram próximas da guerra. Enquanto a mão ainda estava familiarizada com o punho da espada, enquanto os hábitos do campo de batalha ainda se vislumbravam na postura e no semblante do cavalheiro, o seu poder intelectual atingia o auge: a compressão e a tensão dessas condições severas formam um treino para as mais refinadas e suaves artes, e raramente podem ser compensadas em tempos tranquilos, a não ser por um vigor análogo extraído de ocupações tão duras quanto a guerra.

Dizemos que o sucesso é constitucional; depende de um estado "plus" da mente e do corpo, de força de trabalho, de coragem; que é de eficácia essencial na manutenção do mundo e, embora raramente se encontre no ponto ideal para ser um produto comerciável, e mais frequentemente em forma de excesso, tornando-se perigoso e destrutivo, não pode ser dispensado e deve ser aceite nessa forma, fornecendo-se absorventes para mitigar os seus efeitos.

A classe afirmativa monopoliza a homenagem da humanidade. São eles que originam e executam todas as grandes façanhas. Que força encerrada no crânio de Napoleão! Dos sessenta mil homens que compunham o seu exército em Eylau, parece que trinta mil eram ladrões e arrombadores. Homens que, em comunidades pacíficas, se manteriam — se possível — com ferros nos tornozelos, nas prisões, sob os mosquetes dos sentinelas, eram por ele conduzidos, mão a mão, puxados para o dever, e conquistava as suas vitórias com as baionetas deles.

Essa força aborígene dá um prazer surpreendente quando aparece sob condições de supremo refinamento, como nos mestres da alta arte. Quando Michelangelo foi obrigado a pintar a Capela Sistina em afresco, técnica que desconhecia, desceu aos jardins do Papa, atrás do Vaticano, e com uma pá escavou ocres, vermelhos e amarelos, misturou-os com cola e água com as suas próprias mãos e, depois de

muitas tentativas, tendo enfim obtido o que procurava, subiu aos andaimes e pintou, semana após semana, mês após mês, as sibilas e os profetas. Superou os seus sucessores tanto em vigor bruto como em pureza de intelecto e refinamento. Não se deixou esmagar pela única obra que, ao fim, ficou inacabada. Michel costumava desenhar as figuras primeiro como esqueletos, depois revesti-las de carne, e por fim vesti-las. "Ah!", disse-me um pintor corajoso, meditando nestas coisas, "se um homem falha, é porque sonhou em vez de trabalhar. Não há caminho para o sucesso na nossa arte, senão arregaçar as mangas, moer tinta e trabalhar como um operário na ferrovia, o dia todo, todos os dias."

O sucesso acompanha invariavelmente certo "plus" ou força positiva: uma onça de poder para equilibrar uma onça de peso. E, embora o homem não possa voltar ao ventre da mãe e nascer com nova vivacidade, existem duas economias que servem como melhores substitutos possíveis. A primeira é cortar decisivamente a atividade dispersa, e concentrar a força num ou poucos pontos; como o jardineiro que, ao podar severamente, força a seiva da árvore para um ou dois ramos vigorosos, em vez de a deixar dissipar-se numa ramada de ramos frágeis.

"Não aumentes o teu destino", disse o oráculo: "não tentes fazer mais do que te foi confiado." A única prudência na vida é a concentração; o único mal é a dissipação: e não importa se as nossas dissipações são grosseiras ou requintadas — bens e suas preocupações, amizades, hábitos sociais, política, música ou banquetes. Tudo o que retira mais um brinquedo e ilusão, e nos obriga a regressar ao lar para mais um golpe de trabalho fiel, é benéfico. Amigos, livros, quadros, deveres menores, talentos, lisonjas, esperanças — tudo são distrações que causam oscilações no nosso balão tonto e tornam impossível um bom equilíbrio e uma rota reta.

Deves escolher a tua obra; tomar aquilo que a tua mente suporta e largar o resto. Só assim poderá acumular-se a quantidade de força vital que permite dar o salto do saber para o fazer. Não importa quanta faculdade de ver passivamente um homem possua, o salto do saber para o fazer é raramente dado. É um passo fora de um círculo de giz de imbecilidade para a frutificação. Muitos artistas, por não terem esse impulso, carecem de tudo: veem o viril Angelo ou Cellini com desespero. Também eles alcançam, em pensamento, a Natureza e a Causa Primeira. Mas não possuem o espasmo de reunir e lançar o ser inteiro num só ato. O poeta Campbell dizia que "um homem habituado ao trabalho era capaz de qualquer feito que resolvesse realizar e que, para si, era a necessidade, e não a inspiração, o verdadeiro estímulo da sua musa."

A concentração é o segredo da força — na política, na guerra, no comércio, em suma, em toda a gestão dos assuntos humanos. Uma das grandes anedotas da história do mundo é a resposta de Newton à pergunta sobre como conseguiu realizar as suas descobertas: *"Pelo facto de manter sempre a minha mente concentrada."* Ou, se preferirmos um exemplo da política, tomemos este de Plutarco: *"Em toda a cidade, havia apenas uma rua onde Péricles era visto — a rua que conduzia ao mercado e à assembleia. Recusava todos os convites para banquetes, todas as reuniões e companhias festivas.*

Durante todo o tempo da sua magistratura, nunca jantou na casa de um amigo." Ou, ainda, se procurarmos um exemplo do comércio: *"Espero," disse um homem bem-intencionado a Rothschild, "que os seus filhos não sejam demasiado obcecados por dinheiro e negócios; tenho a certeza de que o senhor não desejará isso." — "Pois eu desejo exatamente isso: quero que dediquem mente, alma, coração e corpo ao negócio — essa é a via para a felicidade.*

É preciso grande ousadia e grande prudência para fazer uma fortuna; e, quando se tem uma, é preciso dez vezes mais astúcia para a conservar. Se eu ouvisse todos os projetos que me propõem, estaria arruinado em pouco tempo. Foca-te num só negócio, jovem. Foca-te na tua cervejaria," (disse ele a um jovem Buxton), *"e serás o grande cervejeiro de Londres. Tenta ser cervejeiro, banqueiro, comerciante e industrial ao mesmo tempo, e em breve estarás falido."*

Muitos homens são sabedores, são atentos e persistentes, mas não tomam decisões. Contudo, nos assuntos em fluxo constante, é necessário decidir — a melhor decisão, se possível; mas qualquer uma é melhor que nenhuma. Há vinte caminhos para alcançar um ponto, e um deles é o mais curto; mas parte imediatamente por um. Um homem com presença de espírito, capaz de convocar de imediato tudo o que sabe, vale, para a ação, por doze homens que sabem o mesmo, mas só o recuperam lentamente.

O bom orador parlamentar não é o que conhece toda a teoria das táticas da câmara, mas o que decide de pronto. O bom juiz não é o que se detém em subtilezas sobre cada alegação, mas o que, visando a justiça substancial, profere algo claro que oriente os demandantes. O bom advogado não é aquele que considera todos os lados e todas as nuances possíveis, e que relativiza as suas próprias cautelas, mas aquele que se lança do teu lado com tal vigor que consegue tirar-te do aperto. O Dr. Johnson dizia, numa das suas frases retumbantes: *"Miseráveis para além de qualquer nome de desgraça são os infelizes que se veem obrigados a*

reduzir antecipadamente todos os detalhes do seu dia doméstico a princípios de razão abstrata. Há casos em que pouco se pode dizer, e muito deve ser feito."

O segundo substituto do temperamento é o treino — o poder do hábito e da rotina. O cavalo de tiro é melhor cavalgador que o puro-sangue árabe. Na química, a corrente galvânica, lenta mas contínua, equivale em força à faísca elétrica e, nas nossas artes, é um agente mais útil. Assim também na ação humana, em oposição ao espasmo de energia, temos a continuidade do treino. Espalhamos a mesma força ao longo de muito tempo, em vez de a condensar num instante. É a mesma onça de ouro, aqui numa esfera, ali numa folha.

Em West Point, o coronel Buford, chefe de engenharia, martelou com insistência nos munhões de um canhão até os partir. Disparou a peça cem vezes seguidas até que rebentasse. Que golpe quebrou o munhão? Todos. Que disparo fez rebentar a peça? Todos. *"Diligência supera talento,"* costumava dizer Henrique VIII, ou seja: grande é o treino. John Kemble dizia que a pior companhia provincial de atores fazia melhor um espetáculo do que a melhor companhia de amadores. Basil Hall gostava de demonstrar que as piores tropas regulares venciam as melhores voluntárias.

A prática é nove décimos do sucesso. Um percurso por assembleias populares é bom treino para oradores. Todos os grandes oradores começaram como maus oradores. Sete anos de discursos por Inglaterra fizeram de Cobden um debatedor consumado. O dobro disso, percorrendo a Nova Inglaterra, formou Wendell Phillips. A melhor forma de aprender alemão é reler as mesmas doze páginas cem vezes, até conhecer cada palavra e partícula e saber recitá-las de cor. Nenhum génio recita uma balada à primeira leitura tão bem quanto a mediocridade à décima quinta ou vigésima. A regra para hospitalidade e criadas irlandesas é servir o mesmo jantar todos os dias do ano.

Enfim, a senhora O'Shaughnessy aprende a cozinhá-lo com perfeição, o anfitrião aprende a servi-lo, e os convidados são bem tratados. Um amigo espirituoso meu diz que a razão pela qual a Natureza é tão perfeita na sua arte, e consegue pôr de pé poentes de sol tão incrivelmente belos, é que aprendeu, por fim, através da repetição incessante, como se faz. Não conversa melhor quem já tem experiência sobre um tema, do que quem o aborda pela primeira vez? Os homens cuja opinião tem valor na Bolsa são apenas os que possuem experiência específica; fora desse campo, a sua opinião não vale nada. *"Mais são feitos bons pelo exercício do que pela natureza,"* disse Demócrito.

A fricção no mundo é tão grande que não se pode desperdiçar força alguma. Não se trata apenas de exprimir ideias, de escolher um caminho, mas de vencer resistências do meio e da matéria em tudo o que fazemos. Daí a utilidade do treino, e a inutilidade dos amadores frente aos profissionais. Seis horas diárias ao piano, apenas para ganhar agilidade nos dedos; seis horas a pintar, só para dominar os materiais ingratos — óleo, ocres e pincéis. Os mestres dizem que se reconhece um músico apenas pelo modo como pousa as mãos nas teclas — ato tão difícil quanto vital. Dominar as ferramentas, através de milhares de manipulações; dominar a arte do cálculo, com infinitas somas e divisões — eis o poder do mecânico e do escriturário.

Notei em Inglaterra — em confirmação do que tantas vezes vi entre nós — que, nos círculos literários, os homens de confiança e influência, escritores, editores, reitores e professores universitários, bispos inclusive, não eram de modo algum os que tinham maior talento literário, mas geralmente figuras de intelecto mediano, com uma espécie de atividade mercantil e capacidade de trabalho. Medíocres e escribas indiferentes ascendem, ao concentrar as suas forças num ponto lucrativo ou pelo poder do trabalho, acima de multidões de homens superiores, tanto na Nova como na Velha Inglaterra.

Não me esqueci de que há considerações sublimes que limitam o valor do talento e do sucesso superficial. Podemos facilmente elogiar em excesso o herói vulgar. Há fontes às quais não recorremos. Sei o que omito. Remeto o que tenho a dizer sobre esse assunto para os capítulos sobre Cultura e Culto. Mas esta força, ou espírito, sendo o meio de que a Natureza se serve para fazer avançar o trabalho do dia — na medida em que atribuamos importância à vida doméstica e aos prémios do mundo — deve ser respeitada.

E sustento que a ela se pode aplicar uma economia; é tão sujeita a leis exatas e aritméticas como os fluidos e os gases; pode ser poupada ou desperdiçada; cada homem é eficaz apenas enquanto é recipiente dessa força — e nunca houve ato ou feito marcante na história que não implicasse o seu dispêndio. Não é o ouro, mas o criador do ouro; não é a fama, mas a façanha.

Se estas forças e essa gestão estão ao alcance da nossa vontade, e as suas leis podem ser compreendidas, concluímos que todo o sucesso e todo o benefício imaginável para o homem estão também, mais cedo ou mais tarde, ao seu alcance, e possuem as suas sublimes economias por meio das quais se podem alcançar. O mundo é matemático e não tem casualidade alguma em toda a sua vasta e fluida curva. O sucesso não é mais excêntrico do que os tecidos de algodão ou musselina

que produzimos nas nossas fábricas. Não conheço lição mais comovente para os cérebros ocupados e astutos da Nova Inglaterra do que entrar numa das fábricas que temos alinhadas ao longo dos cursos de água. Um homem mal se apercebe de quanto é uma máquina até começar a fabricar telégrafos, teares, prensas e locomotivas à sua própria imagem. Mas, nestas, é forçado a deixar de lado as suas tolices e entraves, de modo que, ao visitar a fábrica, a máquina é mais moral do que nós.

Que um homem se atreva a aproximar-se de um tear, e veja se está à sua altura. Que máquina enfrente máquina, e vejamos qual vence. A fábrica do mundo é mais complexa do que a do algodão, e o arquiteto curvou-se menos. No tear da musselina, um fio quebrado ou uma falha estraga o tecido por dezenas de metros, e pode ser rastreado até à rapariga que o teceu, reduzindo-lhe o salário. O acionista, ao ver isso, esfrega as mãos de satisfação. Serás tu tão astuto, senhor Lucro-Prejuízo, e esperas enganar o teu mestre e patrão na peça que teces? Um dia é um tecido mais magnífico do que qualquer musselina; o mecanismo que o fabrica é infinitamente mais engenhoso; e não ocultarás as horas fracas, fraudulentas, gastas e podres que introduziste na peça — nem precisas recear que qualquer fio honesto, aço mais direito, ou eixo mais firme, deixe de as denunciar no tecido.

CULTURA

Pode o preceito ensinar
O deus que está para chegar?
Que seja musical,
Sutil, sensível, leal,
Que ao céu e ao campo responda,
Ao brilho da luz redonda,
E ceda ao leve esplendor
Do olhar de um ser sonhador.

Mas, firme ao centro natal,
Unirá tempo e sinal,
E os fados que o mundo gera
Moldará noutra esfera.

A palavra de ambição do nosso tempo é **Cultura**. Enquanto o mundo inteiro corre atrás do poder — e da riqueza como meio de poder — a cultura corrige essa teoria do sucesso. Um homem pode tornar-se prisioneiro do seu próprio poder. Uma

memória especializada faz dele um almanaque; talento para o debate faz dele um polemista; habilidade para fazer dinheiro torna-o num avarento — isto é, num pedinte. A cultura reduz essas inflamações invocando a ajuda de outros poderes contra o talento dominante, e recorrendo à hierarquia das capacidades. Observa o sucesso com atenção. A Natureza não tem piedade pelo desempenho: sacrifica o executante para que a obra se cumpra; faz dele um hidrópico ou um enfartado. Se precisa de um polegar, cria-o à custa de braços e pernas — e qualquer excesso de força num ponto é, geralmente, pago com uma deficiência noutra parte contígua.

A nossa eficácia depende tanto da concentração que, quando a Natureza envia ao mundo um homem de marca, carrega-o de tal viés que sacrifica a sua simetria em nome da força de execução. Diz-se que nenhum homem pode escrever senão um só livro; e se tem um defeito, este tende a marcar todas as suas obras. Se a Natureza cria um polícia como Fouché, ele será feito de suspeitas e tramas para as contornar.

"O ar", dizia Fouché, "está cheio de punhais." O médico Sanctorius passou a vida numa balança, a pesar os alimentos. Lord Coke valorizava Chaucer porque o Conto do Iémen Canónico ilustrava o estatuto de Henrique V, cap. 4, contra a alquimia. Conheci um homem que acreditava que os principais males do Estado inglês derivavam da devoção a concertos de música. Um maçom, há pouco tempo, tentou demonstrar que o principal motivo do sucesso de George Washington fora a ajuda dos maçons.

Mas pior ainda do que insistir sempre na mesma nota, a Natureza garantiu o individualismo atribuindo ao indivíduo uma elevada estima do seu peso no sistema. O flagelo da sociedade são os egotistas. Há egotistas brilhantes e obtusos, sagrados e profanos, grosseiros e refinados. É uma doença que, como a gripe, atinge todas as constituições. Na doença que os médicos chamam **coreia**, o doente por vezes gira sobre si mesmo sem parar. Será o egotismo uma variante metafísica desse mal? O homem gira num círculo traçado pelo seu próprio talento, cai na admiração de si mesmo, e perde a ligação com o mundo.

É uma tendência comum a todas as mentes. Uma das suas formas mais irritantes é a ânsia por simpatia. Os afetados desfilam as suas misérias, arrancam a gaze das feridas, revelam crimes indesculpáveis, só para que os lamentemos. Gostam da doença porque a dor física obriga os outros a mostrar algum interesse — como vimos crianças que, ao não se sentirem notadas quando os adultos chegam, tossem até quase sufocar, só para chamar atenção.

Esta enfermidade é o castigo do talento — de artistas, inventores e filósofos. Eminentes espiritualistas têm dificuldade em distanciar-se das suas palavras ou atos e vê-los como o que são — nada de especial. Cuidado com quem diz: "Estou prestes a ter uma revelação."

Esse hábito é logo castigado, pois convida os outros a tratá-lo com condescendência, fechando-o num egotismo ainda mais apertado, e excluindo-o do mundo vasto e solarengo dos homens e mulheres falíveis de Deus. Mais vale que sejamos insultados — enquanto ainda somos capazes de o sentir. A literatura religiosa está cheia de exemplos; e se consultarmos a nossa lista privada de poetas, críticos, filantropos e filósofos, veremos que muitos estão infetados com essa hidropisia e elefantíase que já devíamos ter drenado.

Este bócio de egotismo é tão comum entre pessoas notáveis que só podemos concluir que serve uma necessidade profunda da Natureza — como se vê também na atração sexual. A preservação da espécie é tão necessária que a Natureza sobrecarregou essa paixão, mesmo ao risco de crimes e desordens permanentes. Assim também o egotismo tem raízes nessa necessidade essencial de cada indivíduo permanecer fiel a si mesmo.

Ora, essa individualidade não só é compatível com a cultura, como é a sua base. Todo o ser valioso existe por direito próprio, e o estudante de que falamos deve possuir uma inteligência nativa invencível à cultura — que use todos os livros, artes, meios e elegâncias da convivência, mas que nunca se perca neles. Só é bem-formado o homem com uma firme determinação. E o fim da cultura não é destruir isso — Deus nos livre! — mas sim remover todos os obstáculos e impurezas, até restar só a força pura. O nosso estudante deve ter estilo e determinação, e dominar a sua especialidade. Mas, tendo isso, deve saber pô-la de parte.

Deve ter **universalidade**, a capacidade de olhar cada coisa com olhos livres e desapegados. Contudo, o interesse próprio é tão sobrecarregado que, se um homem busca um companheiro que olhe para os objetos por amor deles mesmos — sem afeto ou referência a si — dificilmente encontrará alguém que o satisfaça. A maioria sofre de frieza e indiferença logo que algo não se relaciona com o amor-próprio. Embora falem do objeto à sua frente, pensam em si mesmos, e a vaidade arma pequenas armadilhas para obter a tua admiração.

Mas depois de um homem perceber que há limites ao interesse que a sua história pessoal desperta no mundo, continua a conversar com a família, ou com alguns companheiros — talvez com meia dúzia de figuras célebres da sua vizinhança. Em

Boston, a questão da vida resume-se aos nomes de oito ou dez homens. Já viste o Sr. Allston, o Dr. Channing, o Sr. Adams, o Sr. Webster, o Sr. Greenough? Já ouviste Everett, Garrison, o Padre Taylor, Theodore Parker? Já falaste com os senhores Turbinewheel, Summitlevel e Lacofrupees? Então já podes morrer. Em Nova Iorque, os nomes são outros — oito, dez, vinte.

Já viste uns quantos advogados, comerciantes, corretores — dois ou três eruditos, capitalistas ou jornalistas? Nova Iorque é uma laranja espremida. Toda a conversa termina quando já se falou de uma dúzia de personalidades, domésticas ou importadas, que compõem a nossa existência americana. E nem esperamos que alguém seja mais do que uma cópia pálida desses heróis.

A vida é muito estreita. Reúne qualquer grupo de homens inteligentes passados dez anos, e se um génio perspicaz e sereno os levasse à franqueza, que confissão de loucuras ouviríamos! As "causas" a que nos sacrificámos — tarifas ou democracia, whiguismo ou abolicionismo, temperança ou socialismo — pareceriam raízes de amargura e dragões de cólera. E os nossos talentos, tão perigosos como se cada um tivesse sido raptado por uma ave de rapina que o afastou da fortuna, da verdade e da doce sociedade dos poetas — algum zelo, algum viés — e só agora, grisalho e cansado, lhe soltasse as garras, permitindo-lhe despertar para a sobriedade.

A cultura é a sugestão que nasce de certos pensamentos superiores — de que o homem tem uma gama de afinidades que lhe permite modular a violência de qualquer tom dominante que ressoe em excesso na sua escala, e ajudá-lo contra si próprio. A cultura restabelece o equilíbrio, coloca-o entre iguais e superiores, reaviva o delicioso sentido da simpatia, e alerta para os perigos da solidão e do isolamento.

Não é um elogio, mas uma desconsideração, consultar um homem apenas sobre cavalos, ou sobre máquinas a vapor, ou sobre teatros, ou sobre comida, ou sobre livros, e, sempre que ele aparece, virar atenciosamente a conversa para a criança mimada que se sabe que ele acarinha. No céu nórdico dos nossos antepassados, a casa de Thor tinha quinhentos e quarenta andares; e a casa do homem tem quinhentos e quarenta andares.

A sua excelência está na facilidade de adaptação e de transição através de muitos pontos relacionados, até aos contrastes e extremos mais amplos. A cultura mata a sua exageração, a sua vaidade pela aldeia ou pela cidade. Devemos deixar os nossos "bichos de estimação" em casa quando saímos para a rua, e encontrar os

homens em bases amplas de bom senso e boa intenção. Nenhuma realização vale a perda da cordialidade. É um preço cruel o que pagamos por certos artigos de fantasia chamados belas artes e filosofia. Na lenda nórdica, Allfadir não conseguiu beber da fonte de Mimir (a fonte da sabedoria) até deixar um olho como penhor. E aqui está um pedante que não consegue desdobrar as rugas, nem esconder a sua ira por ser interrompido, mesmo pelos melhores, se a conversa não se encaixa na sua impertinência — aqui está ele a afligir-nos com as suas manias pessoais.

É comum aos estudiosos imaginarem-se odiados de forma particular na sua comunidade. Tira-o deste limbo de irritabilidade. Limpa com sangue saudável a sua pele de pergaminho. Estás a devolver-lhe os olhos que ele deixou como penhor na fonte de Mimir. Se és vítima das tuas próprias ações, quem se importa com o que fazes? Podemos dispensar a tua ópera, o teu dicionário geográfico, a tua análise química, a tua história, os teus silogismos. O homem de génio paga caro pela sua distinção. A sua cabeça transforma-se numa torre, e em vez de um homem saudável, alegre e sábio, é um mestre escolar louco.

A Natureza é indiferente ao indivíduo. Quando tem objetivos a cumprir, ela cumpre-os. Andar em pântanos e à beira-mar é o destino de certas aves, e estão tão bem feitas para isso que ali ficam presas. Cada animal fora do seu habitat morre à fome. Para o médico, cada homem, cada mulher, é uma ampliação de um órgão. Um soldado, um serralheiro, um bancário e um bailarino não podem trocar de funções. E assim, somos vítimas da adaptação.

Os antídotos contra este egotismo orgânico são o alcance e a variedade de atrações, obtidos pelo contato com o mundo, com homens de mérito, com diferentes classes sociais, com viagens, com pessoas eminentes e com os altos recursos da filosofia, da arte e da religião: livros, viagens, sociedade, solidão.

O mais duro dos céticos, que tenha visto um cavalo ser domado, um cão de caça treinado, ou que tenha visitado um jardim zoológico, ou a exibição das Pulgas Trabalhadoras, não negará a validade da educação. "Um rapaz," diz Platão, "é o mais vicioso de todos os animais selvagens;" e, no mesmo espírito, o antigo poeta inglês Gascoigne afirma: "um rapaz é melhor não ter nascido do que não ser educado." A cidade gera um tipo de fala e maneiras; o interior, um estilo diferente; o mar, outro; o exército, outro ainda.

Sabemos que um exército fiável pode ser formado com disciplina; que, com disciplina sistemática, todos os homens podem tornar-se heróis: o Marechal Lannes disse a um oficial francês: "Saiba, Coronel, que só um cobarde se gaba de nunca ter

sentido medo." Grande parte da coragem vem de já se ter feito aquilo antes. E, em toda a ação humana, serão fortes as faculdades que são usadas. Robert Owen disse: "Dêem-me um tigre, e eu educá-lo-ei." É desumano não ter fé no poder da educação, pois melhorar é a lei da natureza; e os homens são valorizados precisamente pelo quanto exercem essa força de progresso ou de melhoria. Por outro lado, a cobardia é reconhecer uma inferioridade como incurável.

A incapacidade de melhorar é a única doença mortal. Há pessoas que nunca conseguem entender uma metáfora, ou qualquer segundo sentido nas palavras, ou qualquer humor; permanecem literalistas, mesmo depois de ouvirem durante setenta ou oitenta anos música, poesia, retórica e espírito. Estão para além da ajuda de cirurgião ou clérigo. Mas até esses percebem forquilhas e o grito de "fogo!", e notei em alguns deles uma aversão especial a terramotos.

Façamos da nossa educação algo corajoso e preventivo. A política é trabalho posterior, um mero remendo pobre. Estamos sempre um pouco atrasados. O mal já está feito, a lei já foi aprovada, e começamos então a difícil luta para revogar aquilo cuja aprovação deveríamos ter prevenido. Um dia aprenderemos a substituir a política pela educação. O que chamamos reformas radicais da escravatura, da guerra, do jogo, da intemperança, é apenas tratar os sintomas. Temos de começar mais acima — ou seja, na Educação.

As nossas artes e ferramentas oferecem a quem as sabe usar uma vantagem sobre o principiante que é quase como se prolongassem a sua vida dez, cinquenta ou cem anos. E creio ser sensato garantir a toda a alma nobre uma cultura tal que, aos trinta ou quarenta anos, não tenha de dizer: "Aquilo que podia fazer está agora perdido por falta de meios."

Mas admite-se que grande parte da nossa formação falha no efeito; que todo o sucesso é incerto e raro; que muito do nosso esforço e investimento se perde. A Natureza toma o assunto nas próprias mãos e, embora não devamos omitir um ponto sequer do nosso sistema, raramente podemos garantir que tenha servido de muito, ou que não tivesse surgido tanto bem a partir de outro sistema qualquer.

Os livros, por conterem os registos mais sublimes do engenho humano, devem sempre fazer parte da nossa noção de cultura. As melhores cabeças que já existiram — Péricles, Platão, Júlio César, Shakespeare, Goethe, Milton — eram homens bem lidos, educados de forma universal, e demasiado sábios para menosprezarem as letras. A sua opinião tem peso porque tinham meios para conhecer a opinião contrária. Esperamos de um grande homem que seja também um

bom leitor ou, na medida do seu poder espontâneo, que tenha poder de assimilação. Boa crítica é muito rara, e sempre preciosa. É sempre gratificante encontrar quem perceba a superioridade transcendente de Shakespeare sobre todos os outros escritores. Gosto de pessoas que gostam de Platão. Porque esse gosto não convive com a vaidade.

Mas os livros só são bons se o rapaz estiver pronto para eles. Por vezes, ele demora muito a estar pronto. Manda-se o filho para o professor, mas são os colegas de escola que o educam. Envia-se para a aula de latim, mas grande parte da sua aprendizagem vem, a caminho da escola, das montras das lojas. Gostamos de regras rígidas e de períodos longos; mas ele encontra a sua melhor orientação por atalhos próprios, e recusa companhias que não sejam da sua escolha.

Detesta a gramática e o *Gradus*, e adora armas, canas de pesca, cavalos e barcos. Pois bem, o rapaz tem razão; e não és digno de orientar a sua educação, se a tua teoria exclui o treino físico. O arco, o críquete, a arma e a cana, o cavalo e o barco, são todos educadores, libertadores; e também o são a dança, a indumentária e a linguagem das ruas; e — desde que o rapaz tenha recursos e seja de índole nobre e generosa — não o servirão menos que os livros. Aprende xadrez, *whist*, dança e teatro. O pai repara que outro rapaz aprendeu álgebra e geometria no mesmo período. Mas o primeiro rapaz adquiriu muito mais que esses jogos com eles.

Fica semanas fascinado por *whist* e xadrez; mas acaba por perceber, como tu, que quando se levanta de um jogo demasiado longo, sente-se vazio e desiludido consigo mesmo. Daí em diante, esse sentimento aplicar-se-á a outras coisas e pesará na sua experiência. Estas competências e feitos menores, como a dança, são bilhetes de entrada para o "camarote" da humanidade, e dominá-los permite ao jovem julgar com inteligência assuntos que, de outro modo, veria com olhar pedante. Landor disse: "Sofri mais por dançar mal do que por todas as desgraças e misérias da minha vida juntas."

Supondo sempre que o rapaz é ensinável (pois não queremos fazer uma estátua de cortiça), futebol, críquete, arco, natação, patinagem, escalada, esgrima, equitação, são lições na arte do poder, que é a sua principal aprendizagem — especialmente montar a cavalo, sobre o qual Lord Herbert de Cherbury disse: "um bom cavaleiro num bom cavalo está tão acima de si mesmo e dos outros quanto o mundo o pode pôr." Além disso, a arma, a cana de pesca, o barco e o cavalo constituem, entre todos os que os usam, uma espécie de maçonaria secreta. É como se todos pertencessem ao mesmo clube.

Há também um valor negativo nestas artes. A sua principal utilidade para o jovem não é o divertimento, mas o conhecimento do que são, para que não lhe permaneçam como fontes de frustração. Estamos cheios de superstições. Cada classe fixa o olhar nas vantagens que não tem; os refinados, na força bruta; os democratas, na origem nobre e na educação. Um dos benefícios da educação universitária é mostrar ao rapaz o pouco que ela vale.

Conheci um homem de destaque numa cidade importante, que, por não ter conseguido estudar na universidade, nunca se sentiu ao nível dos próprios irmãos que lá estudaram. A sua superioridade fácil face a muitos profissionais nunca chegou a compensar, para ele, essa falta imaginária. Bailes, equitação, festas com vinho e bilhares parecem, para um rapaz pobre, algo refinado e romântico — o que não são; e um acesso livre a esses ambientes, em pé de igualdade, se fosse possível, apenas uma ou duas vezes, valeria dez vezes o seu custo, por o desiludir.

Não sou grande defensor das viagens, e noto que os homens fogem para outros países porque não se sentem bem nos seus, e regressam ao seu país porque, nos novos lugares, não são ninguém. Na maioria dos casos, apenas as pessoas levianas viajam. Quem és tu, que não tens tarefa alguma que te prenda ao lar? Têm-me atribuído observações críticas sobre as viagens; mas pretendo ser justo. Penso que há no nosso povo uma inquietação que denuncia falta de carácter.

Todos os americanos educados, mais cedo ou mais tarde, vão à Europa — talvez porque seja o seu lar mental, como os hábitos de invalidez deste país parecem sugerir. Um eminente professor de jovens afirmou: "A ideia da educação de uma rapariga é tudo o que a qualifique para ir à Europa." Nunca conseguiremos arrancar esta ténia europeia do cérebro dos nossos compatriotas? Vê-se bem qual será o seu destino.

Quem não ocupa um lugar no seu próprio país, não o ocupará no estrangeiro. Vai apenas esconder a sua insignificância numa multidão maior. Não achas que encontrarás algo lá que não tenhas visto já cá? A matéria de todos os países é a mesma. Julgas que há algum país onde não fervam tachos de leite, não enfaixem os bebés, não queimem o mato e não grelhem peixe? O que é verdade em qualquer lugar, é verdade em todo o lado. E vá onde for, só encontrará tanta beleza ou valor quanto levar consigo.

Claro que, para alguns homens, viajar pode ser útil. Naturalistas, descobridores e marinheiros nascem assim. Alguns homens nascem para serem correios, cambistas, enviados, missionários, portadores de despachos, tal como outros nascem para

serem lavradores e operários. E, se o homem tem um temperamento leve e sociável, e a Natureza o moldou como criatura com pernas e asas, feita para o movimento, devemos seguir essa sugestão e dar-lhe essa formação que oferece circulação, com tanto cuidado como aquela que oferece valor. Mas não sejamos pedantes, e concedamos à viagem todo o seu efeito. Diz-se no campo que o rapaz crescido na quinta, que nunca de lá saiu, "nunca teve uma oportunidade", e rapazes e homens dessas condições veem o trabalho num caminho-de-ferro ou a labuta numa cidade como uma oportunidade.

Antigamente, os rapazes pobres do Vermont e do Connecticut deviam o pouco saber que tinham às suas viagens de venda ambulante pelos Estados do Sul. A Califórnia e a Costa do Pacífico são agora a universidade desta classe, como a Virgínia o era em tempos antigos. "Ter uma oportunidade" é o seu lema. E a expressão "conhecer o mundo", ou "viajar", é sinónima, para todos, de vantagem e superioridade. Sem dúvida, para um homem sensato, viajar oferece vantagens. Quantas mais línguas souber, mais amigos, mais artes e ofícios dominar — tantas vezes mais homem será.

Um país estrangeiro é um ponto de comparação para julgar o seu próprio. Uma das utilidades da viagem é recomendar os livros e obras da terra natal; [vamos à Europa para nos americanizarmos]; e outra é encontrar homens. Pois, tal como a Natureza distribuiu os frutos por latitudes, um novo fruto em cada grau, assim ela guarda o saber e a qualidade moral nobre em homens distantes. E assim, dos seis ou sete mestres de que cada homem precisa entre os seus contemporâneos, acontece frequentemente que um ou dois vivam do outro lado do mundo.

Além disso, há em cada constituição um certo solstício, quando as estrelas se imobilizam no nosso firmamento interior, e é então necessária alguma força exterior, alguma distração ou estímulo, para evitar a estagnação. E, como remédio médico, viajar parece um dos melhores. Tal como o homem que presencia o admirável efeito do éter a acalmar a dor e, ao pensar em feridas, cancros, trismos, rejubila com a benéfica descoberta do Dr. Jackson, assim o homem que contempla Paris, Nápoles ou Londres diz: "Se um dia tiver de abandonar o meu lar, aqui, pelo menos, os meus pensamentos poderão consolar-se com o mais prodigioso entretenimento e ocupação que a raça humana pôde conceber e acumular ao longo dos séculos."

Próximo do benefício da viagem estrangeira está o valor estético dos caminhos-de-ferro: unir as vantagens da vida urbana e rural, das quais não podemos prescindir. Um homem deve viver numa grande cidade ou nas imediações, porque,

seja qual for o seu génio, este repelirá tanto talento agradável e valioso como atrairá, e numa cidade a atração total de todos os cidadãos acabará por vencer qualquer repulsa, arrastando mesmo o mais improvável eremita para dentro dos seus muros, um dia por ano. Na cidade, encontrará a escola de natação, o ginásio, o mestre de dança, a galeria de tiro, a ópera, o teatro e o panorama; a loja do químico, o museu de história natural; a galeria de belas-artes; os oradores nacionais, por sua vez; viajantes estrangeiros, bibliotecas e o seu clube. No campo, encontrará solidão e leitura, trabalho viril, vida económica e os seus sapatos velhos; charnecas para caça, colinas para geologia e bosques para devoção. Aubrey escreve:

"Ouvi Thomas Hobbes dizer que, na casa do Conde de Devon, em Derbyshire, havia uma boa biblioteca e livros suficientes para ele, e sua senhoria abastecia-a com os que achava adequados. Mas a falta de boa conversa era um grande incómodo e, embora achasse que podia ordenar os seus pensamentos tão bem como qualquer outro, sentia uma grande carência. No campo, ao longo do tempo, pela falta de boa conversa, a mente e a invenção ganham musgo, como uma velha paliçada no pomar."

As cidades proporcionam-nos colisão. Diz-se que Londres e Nova Iorque "tiram as parvoíces a um homem". Grande parte da nossa educação é simpática e social. Rapazes e raparigas criados com pessoas bem informadas e superiores revelam nos seus modos uma graça inestimável. Fuller diz que "William, Conde de Nassau, conquistava um súbdito ao rei de Espanha cada vez que tirava o chapéu." Não se pode ter um homem bem-educado sem uma sociedade inteira de tais homens. Mantêm-se mutuamente num ponto elevado.

Especialmente as mulheres — são necessárias muitas mulheres cultivadas — salões de mulheres brilhantes, elegantes, leitoras, habituadas à comodidade e ao requinte, a espetáculos, quadros, escultura, poesia e à sociedade elegante — para que surja uma Madame de Staël. O chefe de uma casa comercial, ou um advogado ou político destacado, entra diariamente em contato com legiões de homens de todas as partes do país, e logo com os mais ativos, os homens de negócios de cada região, e dificilmente se poderá imaginar formação mais exigente para um homem atento.

Além disso, devemos lembrar as elevadas possibilidades sociais de um milhão de homens. O maior encanto que Londres hoje oferece à imaginação é o de, em tal variedade de pessoas e condições, podermos crer que há espaço para indivíduos de carácter romântico existirem, e que o poeta, o místico e o herói possam esperar encontrar os seus iguais. Oxalá as cidades pudessem ensinar a sua melhor lição — a

dos modos comedidos. É o defeito especialmente da juventude americana — a pretensão. A marca do homem do mundo é a ausência de pretensão. Não faz discursos; adopta um tom modesto e prático, evita fanfarronices, não se impõe, veste-se com simplicidade, nada promete, cumpre muito, fala em monossílabos, agarra-se aos factos. Chama ao seu trabalho o nome mais simples, e assim retira às línguas más a sua arma mais afiada.

A sua conversa limita-se ao tempo e às notícias, mas permite-se ser surpreendido pelo pensamento, e revelar o seu saber e filosofia. Como aguça a imaginação ouvir histórias de grandes homens passando incógnitos, como reis em trajes cinzentos — de Napoleão vestindo-se com simplicidade nos seus sumptuosos serões; de Burns, Scott, Beethoven, Wellington, Goethe, ou qualquer outro detentor de poder transcendente, a passar por ninguém; de Epaminondas, "que nunca dizia nada, mas ouvia eternamente"; de Goethe, que preferia assuntos triviais e expressões comuns quando falava com estranhos, roupas piores do que as necessárias e parecer um pouco mais caprichoso do que era. Há vantagens no chapéu velho e no sobretudo gasto.

Ouvi dizer que, neste país, se respeita o bom tecido; mas a roupa impõe alguma reserva: os homens não se comprometem. Mas o sobretudo é como o vinho — solta a língua, e os homens dizem o que pensam. Um velho poeta diz:

"Vai longe e vai com parcimónia,
Pois verás com certeza,
Quanto mais pobre e baixo pareceres,
Mais profundamente serás perscrutado." (*)

(*) Beaumont e Fletcher: *The Tamer Tamed*
De forma semelhante escreve Milnes, em *Lay of the Humble*:

"Para mim, os homens são o que são,
Não usam máscaras comigo."

É curioso que o nosso povo tenha — não água no cérebro — mas um pouco de gás lá dentro. Um estrangeiro perspicaz disse dos americanos que "tudo o que dizem tem um certo tom de discurso." Contudo, um dos traços frequentemente apontados nos livros como distintivo do anglo-saxão é a tendência para o desprezo próprio. É certo que, em países antigos e densamente povoados, entre um milhão de bons casacos, um casaco fino deixa de ser distintivo — e aí surgem os humoristas. Num grupo inglês, um homem sem modos marcantes nem feições notáveis, com um rosto como massa avermelhada, revela inesperadamente espírito, cultura, vasto leque de

temas e familiaridade pessoal com homens ilustres de todo o mundo, até se pensar ter-se encontrado alguma personagem célebre. Será possível que a floresta americana tenha revigorado algumas ervas daninhas de uma velha barbárie pietista prestes a desaparecer — o gosto pela pena escarlate, pelas contas e pelo brilho?

Os italianos gostam de roupas vermelhas, penas de pavão e bordados; e lembro-me de uma manhã chuvosa em Palermo, em que a rua parecia em chamas de tantos guarda-chuvas escarlates. Os ingleses têm um gosto sóbrio. As carruagens dos nobres são discretas. Uma libré exuberante denuncia riqueza citadina nova e desajeitada. Mr. Pitt, como Mr. Pym, achava o título de "Mister" suficientemente bom perante qualquer rei da Europa. Orgulhavam-se de governar o mundo inteiro a partir da pobre, austera e escura sala de comissões onde se reunia a Câmara dos Comuns, junto à lareira.

Enquanto precisamos das cidades como centros onde se encontram as melhores coisas, elas também nos degradam ao amplificarem ninharias. O camponês vê a cidade como um restaurante e uma barbearia. Perdeu as linhas de grandeza do horizonte, das colinas e planícies, e com elas, a sobriedade e a elevação. Veio parar entre uma tribo maleável, de língua fácil, que vive de aparências e é servil à opinião pública. A vida degrada-se até uma algazarra de preocupações e desastres mesquinhos. Dirás que os deuses deveriam respeitar uma vida cujos objetivos são os seus; mas nas cidades, eles traíram-te com uma nuvem de aborrecimentos insignificantes:

"Mirmidões, raça fecunda,
Mirmidões,
Enfim, comandamos;
Júpiter entrega o mundo
Aos mirmidões, aos mirmidões."

(*)

É luta desigual
Contra os deuses,
Quando querem enfrentar mirmidões.
Nós, gerando, gerando mirmidões,
Hoje é a nossa vez! Assumimos o comando,
Júpiter entrega o globo
Aos mirmidões, aos mirmidões.

(*) Béranger.

O que é odioso senão o ruído e as pessoas que gritam e se lastimam? Gente cujo cata-vento aponta sempre para leste, que vive para o jantar, que chama o médico, que se mima, que aquece os pés na grelha, que intriga para garantir uma cadeira almofadada e um canto sem correntes de ar. Se os deixares começar a enumerar as suas maleitas, o sol põe-se antes de terminarem. Que estes frívolos nos tirem o gosto pelos pequenos confortos. Para um homem ocupado, o frio é apenas uma cor: a chuva, o vento — esqueceu-os quando entrou.

Aprendamos a viver com rudeza, vestir com simplicidade, dormir duro. O mais pequeno hábito de domínio sobre o paladar tem efeitos benéficos que não se medem facilmente. Mas também não seremos empurrados para uma frugalidade caprichosa. É superstição insistir numa dieta especial. Tudo, no fim, é feito dos mesmos átomos químicos.

Um homem em busca da grandeza não sente pequenas necessidades. Como podes preocupar-te com dieta, cama, vestuário, cumprimentos, ou com a figura que fazes em sociedade, ou até com o sucesso das tuas ações, quando pensas quão insignificantes são as engrenagens e os operadores? Disseram-me, em Westmoreland, que Wordsworth foi elogiado por ter dado aos seus vizinhos um exemplo de um lar modesto onde o conforto e a cultura foram garantidos sem ostentação.

E um rapaz sensível, que usa o boné gasto e o casaco já pequeno, para garantir o lugar desejado na universidade e o direito à biblioteca, está a ser educado com propósito. Há muita abnegação e sentido de honra nas casas pobres e da classe média, tanto na cidade como no campo, que não chegou à literatura — nem chegará — mas que mantém a terra saudável; que poupa nos supérfluos e investe no essencial; que se deixa envelhecer, mas educa o rapaz; que vende o cavalo, mas constrói a escola; trabalha cedo e até tarde, aceita dois teares na fábrica, três, seis — mas paga a hipoteca da quinta paterna, e depois volta ao trabalho com ânimo.

É difícil prescindirmos dos benefícios sociais que as cidades oferecem; devemos usá-los — mas com cautela e altivez — e tirarão o seu maior valor daquele que melhor souber passar sem eles. Guardemos a cidade para as ocasiões, mas os hábitos devem ser moldados para a reclusão. A solidão, salvaguarda da mediocridade, é para o génio o amigo severo, o abrigo frio e obscuro onde mudam as asas que o levarão mais longe do que sóis e estrelas. Quem deve inspirar e guiar o seu povo tem de estar protegido de viajar com as almas alheias, de viver, respirar, ler e escrever sob o jugo gasto das opiniões dos outros. "De manhã —

solidão," dizia Pitágoras; para que a Natureza fale à imaginação, como nunca o faz em companhia, e para que o seu eleito possa fazer amizade com aquelas forças divinas que se revelam ao pensamento sério e recolhido.

É certo que Platão, Plotino, Arquimedes, Hermes, Newton, Milton, Wordsworth, não viveram no meio da multidão, mas desciam até ela de tempos em tempos como benfeitores; e o bom orientador insistirá nesta necessidade de garantir à alma jovem, na organização do tempo e da vida, períodos e hábitos de solidão. A grande vantagem da vida universitária é muitas vezes, diria eu, uma vantagem mecânica: um quarto separado com lareira — que os pais concedem sem hesitação em Cambridge, mas não consideram necessário em casa.

Falamos em solidão para assinalar o tom do pensamento; mas, se puder ser partilhada por dois ou mais, é mais feliz, e não menos nobre. "Nós quatro", escreveu Neander aos seus amigos sagrados, "desfrutaremos em Halle a bem-aventurança interior de uma civitas Dei, cujos alicerces são para sempre a amizade. Quanto mais vos conheço, mais me desagrado e tenho de me desagradar dos meus companheiros habituais. A sua mera presença entorpece-me. O entendimento comum afasta-se do centro único de toda a existência."

A solidão alivia a pressão das urgências imediatas para que relações mais universais e humanas possam surgir. O santo e o poeta procuram a privacidade para fins dos mais públicos e universais: e é este o segredo da cultura — interessar o homem mais na sua qualidade pública do que na privada. Eis um novo poema, que suscita bastantes comentários nos jornais e nas conversas. A partir desses comentários é fácil, por fim, extrair o juízo que os leitores fizeram dele; e esse é, na maioria, desfavorável. O poeta, como artesão, só se interessa pelo louvor que lhe é concedido, e não pela crítica, mesmo que justa. E o pobre poeta principiante escuta apenas isso e rejeita a censura, como prova da incapacidade do crítico.

Mas o poeta cultivado torna-se acionista de ambas as companhias — digamos, o Sr. Curfew — na ação Curfew e na ação Humanidade; e, nesta última, exulta tanto com a demonstração da fragilidade de Curfew como a sua participação na primeira lhe dá prazer com a sua aceitação. Pois a desvalorização da sua ação Curfew apenas mostra o imenso valor da ação Humanidade. Assim que toma o partido do crítico contra si mesmo, com alegria, é um homem cultivado.

Devemos ter qualidade intelectual em toda a propriedade e ação, ou nada valem. Preciso de filhos, de acontecimentos, de uma sociedade e de uma história, ou o meu pensar e o meu falar carecem de corpo e fundamento. Mas, para dar algum valor a

esses acessórios, devo conhecê-los como contingentes e mais aparentes do que reais — coisas que valem mais para os outros do que para mim. Vemos essa abstração nos estudiosos, por hábito; mas que encanto ela tem quando observada em homens práticos. Bonaparte, como César, era intelectual, e conseguia olhar para cada objeto por si só, sem afeição. Apesar de egocêntrico até ao extremo, era capaz de criticar uma peça de teatro, um edifício, um carácter com base universal, e dar uma opinião justa.

Um homem conhecido apenas como celebridade na política ou no comércio ganha imensamente em estima se se descobrir que possui algum gosto ou talento intelectual — como quando se aprende que Lord Fairfax, general do Longo Parlamento, tinha paixão por estudos antiquários; ou que Carnot, o regicida francês, possuía génio sublime para a matemática; ou que um banqueiro vivo tem sucesso na poesia; ou que um jornalista partidário se dedica à ornitologia.

Se, ao viajar pelos desertos monótonos do Arkansas ou do Texas, víssemos, no banco ao lado, um homem a ler Horácio, ou Marcial, ou Calderón, sentiríamos vontade de o abraçar. Em profissões que exigem a mais rude energia — soldados, capitães do mar, engenheiros civis — por vezes transparece uma sensibilidade fina, mesmo que apenas por certa gentileza fora do serviço; uma admissão bem-disposta de que há ilusões — e quem pode afirmar que não somos seus joguetes? Apenas variamos a frase, não a doutrina, ao dizermos que a cultura desperta o sentido da beleza.

Um homem é um mendigo se vive apenas para o útil e, por mais que sirva como parafuso ou rebite na máquina social, não se pode dizer que tenha alcançado o domínio de si. Sofro, todos os dias, com a falta de perceção da beleza nas pessoas. Não conhecem o encanto com que todos os momentos e objetos podem ser adornados — o encanto dos modos, do autocontrolo, da benevolência. O repouso e a jovialidade são o distintivo do cavalheiro — repouso em plena energia.

As cenas de batalha gregas são calmas; os heróis, mesmo envolvidos em atos violentos, conservam um semblante sereno; tal como se diz das cataratas do Niágara: caem sem velocidade. Um rosto alegre e inteligente é o fim da cultura — e sucesso suficiente. Pois indica o propósito da Natureza e a sabedoria alcançada.

Quando as nossas faculdades superiores estão ativas, estamos em casa connosco próprios, e o embaraço e o desconforto cedem lugar a movimentos naturais e agradáveis. Observa-se que a consideração dos grandes períodos e espaços da astronomia induz dignidade mental e indiferença perante a morte. A influência de

paisagens grandiosas, a presença das montanhas, acalma as nossas irritações e eleva as amizades. Mesmo uma cúpula elevada e o espaço amplo de uma catedral têm um efeito sensível sobre os modos. Ouvi dizer que pessoas rígidas perdem algo da sua rigidez sob tetos altos e em salões espaçosos. Creio que a escultura e a pintura também ensinam maneiras e abolem a pressa.

Mas, acima de tudo, a cultura deve reforçar, a partir de influxos mais elevados, as habilidades empíricas da eloquência, da política, do comércio e das artes úteis. Há certa elevação de pensamento e capacidade de organizar e ajustar os pormenores, que só advêm da visão do seu todo. O orador que uma vez viu as coisas na sua ordem divina nunca mais perderá totalmente essa visão, e virá aos assuntos terrenos como de uma altura superior e, mesmo sem falar em filosofia, terá um certo domínio sobre eles e uma incapacidade de se deixar deslumbrar ou intimidar, o que distinguirá o seu trato do dos advogados e comerciantes.

Um homem bem relacionado com os líderes de partidos em Washington lê os rumores nos jornais e as suposições dos políticos de província com uma chave que lhe permite discernir o certo e o errado de cada afirmação, e vê com clareza onde tudo aquilo irá parar. Arquimedes entenderia o teu engenho do Connecticut com um só olhar, e julgaria a sua adequação. E muito mais, um homem sábio, que conhece não só o que Platão, mas também o que São João pode mostrar-lhe, consegue facilmente elevar qualquer assunto a uma certa majestade.

Platão dizia que Péricles devia essa elevação às lições de Anaxágoras. Burke descia de uma esfera mais elevada quando procurava influenciar os assuntos humanos. Franklin, Adams, Jefferson, Washington, assentavam numa fina humanidade, perante a qual as contendas dos senados modernos não passam de política de taberna.

Mas há segredos mais altos da cultura, que não são para aprendizes, mas para os já iniciados. São lições apenas para os bravos. Devemos reconhecer os nossos amigos sob máscaras feias. As calamidades são nossos aliados. Ben Jonson especifica, no seu apelo à Musa:

"Conquista-lhe o rancor do tempo, o desagrado da corte,
E, reconciliado, mantém-no ainda suspeito,
Faz-lhe perder todos os amigos e, pior ainda,
Quase todos os caminhos para um rumo melhor;
Contigo deixa ele uma Musa melhor do que tu,
E que tu lhe trouxeste: a bendita Pobreza."

Queremos aprender filosofia de cor e jogar ao heroísmo. Mas o deus mais sábio diz: aceita a vergonha, a pobreza e a solidão penal que acompanham o dizer a verdade. Aprende nas águas agitadas, tanto quanto nas calmas. A água revolta ensina lições que vale a pena aprender. Quando o Estado está inquieto, as qualidades pessoais tornam-se mais decisivas que nunca.

Não temas uma revolução que te obrigue a viver cinco anos em um. Não sejas tão delicado por fazer um inimigo de vez em quando. Aceita, por vezes, ir para Coventry, e permite que o povo te ofereça o seu mais gélido desprezo. O homem completo deve provar de todas as maçãs. Deve manter até os ódios à distância, e não guardar rancor. Não tem amigos nem inimigos — apenas vê nos homens canais de poder.

Quem aspira ao alto deve recear um lar confortável e modos populares. O céu cerca por vezes os caracteres raros com fealdade e desprezo, como o ouriço que protege o fruto. Se há alguma coisa grande e boa reservada para ti, não virá ao primeiro nem ao segundo chamado, nem sob a forma de moda, conforto ou salões citadinos. A popularidade é para bonecas. "Íngreme e rochoso", disse Porfírio, "é o caminho dos deuses." Abre o teu Marco Aurélio.

Para os antigos, o grande homem era aquele que desprezava brilhar e que enfrentava as iras da fortuna. Preferiam a embarcação nobre, chegada tarde demais à maré, lutando contra ventos e ondas, desmantelada e desguarnecida, ao seu par que entrava no porto com bandeiras desfraldadas e salvas de artilharia. Não há bem social que não possa ser comprado caro demais, e a mera amabilidade não deve rivalizar com os altos propósitos e a autossuficiência.

Bettine responde à mãe de Goethe, que a repreende pelo desleixo no vestir: "Se não posso fazer como quero, na nossa pobre Frankfurt, então não irei longe." E o jovem deve avaliar com justeza a inconcebível leviandade da opinião local. Quanto mais vivemos, mais devemos suportar a existência elementar dos homens e mulheres; e todo o coração valente deve tratar a sociedade como uma criança, e nunca permitir que ela dite.

"Todas as virtudes severas e restritivas," disse Burke, "são quase demasiado caras para a humanidade." Quem quer ser severo? Quem quer resistir aos eminentes e polidos, em defesa dos pobres, dos rudes e dos ignorados? E quem, ao ousar fazê-lo, consegue manter o ânimo leve e o espírito jovial? As altas virtudes não são afáveis, mas redimem-se ao tornarem-se ilustres. Quantas florestas de louros e quantas lágrimas da humanidade oferecemos àqueles que se mantiveram

firmes contra a opinião dos seus contemporâneos! A medida de um mestre é o seu êxito em trazer todos os homens à sua opinião vinte anos depois.

Permitam-me dizer aqui que a cultura não pode começar cedo demais. Ao conversar com estudiosos, noto que perderam, com companheiros mais rudes, aqueles anos de infância que poderiam ter dado à literatura imaginativa um valor sagrado e infinito aos seus olhos. E vejo também que a probabilidade de apreciação aumenta muito por se ser filho de alguém que aprecia; e que estes rapazes que hoje crescem foram apanhados não só anos tarde demais, mas dois ou três nascimentos tarde demais, para se tornarem os melhores estudiosos. E creio que é um bom motivo, para um homem culto, o considerar-se parte daquela lenta melhoria secular pela qual a humanidade é suavizada, curada e refinada, e, assim, evitar gastar as suas forças em prazer ou lucro de forma a comprometer essa acumulação social e secular.

Os estratos fósseis mostram-nos que a Natureza começou por formas rudimentares, e ascendeu para as mais complexas à medida que a Terra se tornava apta a recebê-las; e que as inferiores perecem à medida que as superiores aparecem. Poucos da nossa espécie podem dizer-se homens acabados. Ainda trazemos colados a nós alguns vestígios da organização quadrúpede inferior. Chamamos homens a esses milhões; mas ainda não o são. Meia parte enraizados no solo, a escavar para se libertarem, os homens precisam de toda a música que os possa desprender.

Se o Amor, o vermelho Amor, com lágrimas e júbilo; se a Necessidade, com o seu açoite; se a Guerra, com os seus canhões; se o Cristianismo, com a sua caridade; se o Comércio, com o seu dinheiro; se a Arte, com os seus portfólios; se a Ciência, com os seus telégrafos pelos abismos do tempo e do espaço, conseguirem fazer vibrar os seus nervos entorpecidos, e, com golpes fortes sobre a crisálida rija, romper-lhe as paredes e deixar a nova criatura emergir ereta e livre — então, abram alas e cantem um peã! A era do quadrúpede está a terminar — e vem aí a era do cérebro e do coração.

Chegará o tempo em que as formas malignas que conhecemos já não poderão ser organizadas. A cultura humana não pode prescindir de nada — quer toda a matéria. Deve converter todos os impedimentos em instrumentos, todos os inimigos em força. O dano mais temível tornar-se-á o escravo mais útil. E se alguém ler o futuro da humanidade insinuado no esforço orgânico da Natureza de ascender e melhorar, e no impulso correspondente para o Melhor no ser humano, ousaremos afirmar que

não há nada que ele não supere e converta, até que, por fim, a cultura absorva o caos e a gehenna. Ele converterá as Fúrias em Musas e os infernos em bênção.

RIQUEZA

Resumo

"Riqueza" é um ensaio de Ralph Waldo Emerson publicado pela primeira vez em 1841. Nele, Emerson reflete sobre o significado e o valor da riqueza na sociedade. Defende que a riqueza não deve ser encarada como um fim em si mesmo, mas como um meio para alcançar outros objetivos e melhorar a própria vida e a dos outros. Sublinha que a verdadeira riqueza nasce da paz interior e da satisfação pessoal, enquanto a riqueza material, por vezes, gera ansiedade e descontentamento. Emerson observa também que a obsessão pela riqueza pode levar as pessoas a negligenciar aquilo que é realmente essencial: os relacionamentos, a autoexpressão e o sentido de propósito. O ensaio é considerado um dos mais importantes textos de Emerson e uma peça fundamental da literatura norte-americana, frequentemente estudado como uma afirmação do valor do equilíbrio e um alerta contra o materialismo.

Poema introdutório

Quem contará o que aconteceu,
Quando, no tempo já esquecido,
Sobre o globo morto e frio,
Astros e sóis pairavam a esmo e ao léu?

Que deus mandou no elemento?
Que vento levou o liquen leve,
Semeando a força, que em breve
Esgasta a rocha com movimento?

Bem sabia o pioneiro inicial
A tarefa que o tempo lhe confiou:
Paciência de eras — e construiu, afinal,
Na matéria, um lar para o ideal.

O ar teceu, em séculos rastejantes,
Um emaranhado vasto e denso,

Folhas de eras, por todo o extenso
Lagedo granítico, em mantos flutuantes,

Até que o trigo, em ouro a ondular,
Pudesse os campos enfeitar.

Que ferreiros, e em que fornalha ardente,
Fundiram, nos éons cegos e calados,
Que o cérebro, de tão tonto, não entende,
O cobre, o chumbo, o ferro, e o ouro reluzente?

Que estrela mais antiga ainda conserva
A fama de raças que, morrendo, servem
Para pavimentar, com pó de cal,
O chão do mundo — sepulcro universal?

Que felce e palmeira jazem, comprimidas,
Sob as montanhas desfeitas e caídas,
Guardadas, como ervas num herbário fiel,
No cofre escuro do carvão — terra cruel?

Mas, extraído o recurso do abismo,
Tudo é vão até que o engenho e o juízo
Tragam, do caos, ordem e artifício:
A mente fia, e do lodo faz o lirismo.

Erguem-se templos, mercados, cidades,
Oficinas de suor, salões de artes.
A vela cruza o mar, e as brisas tropicais
Nutrem o Norte com frutos e manjares.

O vento tece, o rio corre e dança,
O curso obedece à mente que o alcança.
Novos servos, de fio ou vapor,
Realizam os sonhos do sonhador.

Surgem docas, se armazena a produção,
E os lingotes crescem na acumulação.

Mas o homem, leve e distraído, esquece,
Enquanto a Matéria, fiel, jamais padece:

Ainda pulsa, nas massas e no pó,
A eletricidade e o laço da lei maior —
Que doma o furor da Natureza estranha
Com a consciência singela de uma criança.

Riqueza (início do ensaio)

Logo que um estranho é apresentado a um grupo, uma das primeiras perguntas que todos desejam ver respondida é: *"De que vive esse homem?"* — e com razão. Um homem não é completo enquanto não souber como ganhar a vida de forma digna. A sociedade permanece bárbara enquanto cada homem trabalhador não puder sustentar-se sem recorrer a hábitos desonestos.

Todo homem é consumidor — mas deveria também ser produtor. Falha no seu lugar no mundo aquele que não só não salda a sua dívida, mas também não acrescenta nada à riqueza comum. Nem poderá fazer justiça ao seu próprio génio se não exigir do mundo algo mais do que a mera subsistência. O homem é, por natureza, dispendioso — e precisa de ser rico.

A riqueza tem a sua origem na aplicação da mente à natureza — desde os golpes mais rudes da pá e do machado, até aos últimos segredos da arte. Há uma íntima ligação entre o pensamento e toda a produção, pois uma melhor organização equivale a enormes quantidades de trabalho bruto. As forças e resistências pertencem à Natureza, mas é a mente que age ao trazer as coisas de onde abundam para onde são necessárias; que combina sabiamente; que orienta a prática das artes úteis; e que cria valores mais subtis, pela arte, pela eloquência, pelo canto, ou pelas reproduções da memória. A riqueza está na aplicação da mente à natureza. E a arte de enriquecer não está tanto na indústria, e menos ainda na poupança, mas sim na ordem superior, na oportunidade, em estar no lugar certo.

Um homem pode ter braços mais fortes ou pernas mais longas; outro vê, pelo curso dos rios e pelo crescimento dos mercados, onde a terra será necessária; abre uma clareira junto ao rio, adormece — e acorda rico. O vapor não é mais forte hoje do que há cem anos; apenas é melhor aproveitado. Um sujeito perspicaz conhecia a força expansiva do vapor; via também o trigo e a erva a apodrecer no Michigan. Então ligou o tubo de vapor à colheita de trigo. Sopra agora, ó Vapor! O vapor sopra e expande-se como antes, mas agora leva às costas todo o Michigan, rumo à faminta Nova Iorque e à ainda mais faminta Inglaterra.

O carvão esteve em camadas sob a terra desde o Dilúvio, até que um operário, com picareta e guincho, o trouxe à tona. Bem o podemos chamar de "diamante

negro": cada cesto é força e civilização. O carvão é um clima portátil — transporta o calor dos trópicos até ao Labrador e ao círculo polar, e tem o dom de se transportar a si próprio até onde é necessário. Watt e Stephenson sussurraram ao ouvido da humanidade o segredo: uma meia-onça de carvão pode puxar duas toneladas por uma milha. E o carvão transporta mais carvão — por comboio e por barco — para tornar o Canadá tão quente como Calcutá, e, com o seu conforto, leva também o seu poder industrial.

Quando os pêssegos do agricultor são retirados debaixo da árvore e levados para a cidade, ganham novo brilho e um valor cem vezes maior do que os frutos que jazem, esquecidos, no chão. A arte do comerciante consiste precisamente nisto: levar algo de onde é abundante para onde se torna precioso.

A riqueza começa num telhado bem vedado, que impede a entrada da chuva e do vento; numa bomba de água que fornece um bom caudal de água doce; em dois factos de roupa, para se poder trocar quando se molha; em lenha seca para queimar; numa boa lâmpada de dupla torcida; em três refeições por dia; num cavalo, ou numa locomotiva, para atravessar a terra; num barco, para cruzar o mar; em ferramentas com que se trabalhe; em livros para ler — e assim, dando por todos os lados, através de instrumentos e auxiliares, a maior extensão possível aos nossos poderes, como se ganhássemos pés, mãos, olhos e sangue, como se ganhássemos horas ao dia, conhecimento, e boa vontade.

A riqueza começa com estes artigos de primeira necessidade. E é aqui que devemos lembrar a lei de ferro que a Natureza faz troar nestes climas do norte: antes de mais, exige que cada homem se alimente a si mesmo. Se, por sorte, não herdou bens de família, terá de trabalhar e, reduzindo as suas necessidades ou aumentando os seus ganhos, libertar-se daquele estado de dor e humilhação em que a Natureza força o pedinte a viver. Ela não lhe dá descanso até que o faça: priva-o de calor, riso, sono, amigos e luz do dia, até que conquiste o seu próprio pedaço de pão. Depois, de forma menos imperativa, mas ainda assim com aguilhão suficiente, incita-o à aquisição daquilo que realmente lhe pertence.

Cada armazém e montra, cada árvore de fruto, cada pensamento de cada hora, abre-lhe um novo desejo, cuja satisfação é importante para o seu poder e dignidade. Não adianta tentar calar as necessidades: os filósofos proclamaram a grandeza do homem em fazer com que os seus desejos sejam poucos — mas poderá um homem contentar-se com uma cabana e um punhado de ervilhas secas? Ele nasceu para ser rico. Está profundamente ligado ao mundo; é atraído pelos seus

apetites e caprichos a conquistar pedaços da natureza, até encontrar o seu bem-estar no uso do seu planeta — e de mais planetas, até.

A riqueza requer, para além do pão e do abrigo, — a liberdade da cidade, a liberdade da terra, as viagens, a maquinaria, os benefícios da ciência, a música, as belas-artes, a melhor cultura e a melhor companhia. Rico é aquele que consegue tirar proveito das capacidades de todos os homens. Mais rico ainda é o que sabe beneficiar-se do trabalho do maior número possível de homens, de homens de terras distantes, e de tempos passados. Existe entre o homem inteiro e a natureza inteira a mesma correspondência que há entre a sede no estômago e a água da nascente. Os elementos oferecem-lhe os seus serviços. O mar, que lava o equador e os pólos, oferece o seu auxílio perigoso — e o poder e império que daí decorrem — diariamente, à sua ousadia e engenho. *"Cuidado comigo,"* diz o mar, *"mas se souberes dominar-me, serei a chave de todas as terras."*

O fogo oferece, do seu lado, igual poder. fogo, vapor, relâmpago, gravidade, camadas de rocha, minas de ferro, chumbo, mercúrio, estanho e ouro; florestas de todas as madeiras; frutos de todos os climas; animais de todos os hábitos; os poderes do cultivo; os produtos do seu laboratório químico; as tramas do seu tear; a tração viril da locomotiva, os talismãs da oficina — tudo isso, minerais, gases, éteres, paixões, guerra, comércio, governo — são os companheiros naturais do homem, e, consoante a excelência da maquinaria interna de cada ser humano, é a atração que este sente pelas ferramentas que irá usar. O mundo é o seu baú de ferramentas, e o sucesso — ou o seu grau de educação — depende do casamento entre as suas faculdades e a natureza, isto é, do grau em que assimila as coisas em si mesmo.

Uma raça forte é forte nestes termos. Os saxões são os comerciantes do mundo; há mil anos, a raça dominante — e isso deve-se, sobretudo, à sua qualidade de independência pessoal e, em especial, à independência económica. Nenhuma dependência do governo para pão e circo, nenhum sistema de clãs, nenhum modo patriarcal de vida sustentado pelas rendas de um chefe, nenhum casamento de conveniência — nenhum sistema de clientelismo lhes serve. Cada homem tem de pagar o seu tributo. Os ingleses são prósperos e pacíficos, porque têm o hábito de considerar que cada um deve cuidar de si próprio e responsabilizar-se pela sua posição na sociedade.

O tema da economia mistura-se com o da moralidade, pois é um imperativo da virtude garantir a independência do indivíduo. A pobreza desmoraliza. Um homem endividado é, nesse grau, um escravo. E Wall Street considera fácil ser um homem

de palavra e de honra quando se é milionário, mas, em tempos difíceis, nenhum homem é de confiança quanto à sua integridade. E, ao observar, nos hotéis e palácios das capitais do Atlântico, os hábitos de despesa, o alvoroço dos sentidos, a ausência de laços, de clã ou de qualquer espírito de solidariedade, sente-se que, quando alguém é encostado à parede, as hipóteses de manter a integridade diminuem drasticamente — como se a virtude se estivesse a tornar num luxo acessível a poucos, ou, como disse Burke, *"a um preço quase acima da humanidade."* Pode fixar o seu inventário de necessidades e prazeres ao nível que desejar, mas, se quiser o poder e o privilégio de pensar, de traçar o seu próprio caminho e de ter a sociedade nos seus próprios termos, terá de manter os seus desejos dentro dos limites daquilo que é capaz de satisfazer.

O caminho digno é fazer, com toda a força e empenho, aquilo que se pode fazer. O mundo está cheio de dândis que nunca fizeram nada e que conseguiram convencer belas mulheres e homens de génio a ostentar o seu traje de dândi — e estes propagarão a opinião do dândi: que não é respeitável ser visto a ganhar a vida, que é muito mais respeitável gastar sem trabalhar. E essa doutrina da serpente sairá também da boca dos filhos eleitos da luz — pois os sábios nem sempre o são, e falarão cinco vezes pelo gosto ou pelo humor, para uma pela razão. O bravo trabalhador, mesmo que possa trair o que sente nos modos, se não sucumbir na prática, deve substituir a elegância perdida pelo mérito da obra feita. Pouco importa se faz sapatos, estátuas ou leis.

É privilégio de toda obra humana bem-feita conferir ao seu autor certa altivez. Quem tem uma obra honesta a seu favor, não precisa bajular ninguém. O artesão na sua bancada carrega um coração tranquilo e modos seguros, e lida de igual para igual com qualquer pessoa. O artista fez o seu quadro com tamanha verdade que desconcerta a crítica. A estátua é tão bela que não se contamina pelo mercado — antes transforma o mercado numa galeria silenciosa. O caso do jovem advogado era, à partida, miserável — uma questão banal de botões ou estojos de pinça — mas o jovem determinado viu nisso uma abertura para cravar o seu cinzel afiado, fez esquecer a insignificância do assunto e deu fama, com o seu génio e energia, ao nome e aos negócios da Fábrica de Rapé Tittleton.

A sociedade das grandes cidades é infantil, e a riqueza torna-se um brinquedo. A vida de prazeres é tão ostensiva que um observador superficial pensará que esse é o melhor uso da riqueza — e, por mais que se finja o contrário, tudo acaba em mimos e vaidades. Mas se este fosse, de facto, o principal uso do capital excedente, acabaríamos por ter barricadas, cidades em chamas e machados de guerra. Os homens sensatos veem na riqueza a assimilação da natureza ao seu ser

— a conversão da seiva e dos sumos do planeta na encarnação e sustento do seu desígnio. O que desejam é poder — não guloseimas; — poder para executar os seus planos, poder para dar pernas e pés, forma e realidade ao seu pensamento — o que, para um homem clarividente, parece o verdadeiro fim da existência do Universo, e o uso mais legítimo de todos os seus recursos. Colombo via na esfera um problema prático de navegação, tanto quanto de geometria de gabinete — e considerava reis e povos como marinheiros medrosos, até que ousassem equipá-lo. Poucos homens pertenceram mais verdadeiramente ao planeta do que ele. Mas foi forçado a deixar em branco muitas partes do mapa. Os seus sucessores herdaram o mapa — e herdaram também a fúria de o completar.

Assim também os homens da mina, do telégrafo, da fábrica, do mapa e do levantamento topográfico — os monomaníacos que andam pelos mercados e escritórios a promover os seus projetos e a implorar subscritores: como é que se construíram as nossas fábricas? Como é que a América do Norte ficou tecida de trilhos de ferro, senão pela insistência desses oradores que arrastaram os prudentes? Será o partido a loucura de muitos para o lucro de poucos? Pois bem, este génio especulativo é a loucura de poucos para o lucro do mundo. Os projetistas sacrificam-se, mas o público sai a ganhar. Cada um desses idealistas, ao seguir o seu pensamento, faria dele uma tirania, se pudesse. Mas encontra-se confrontado e equilibrado por outros especuladores, igualmente ardentes. O equilíbrio mantém-se por essas contrações — como uma árvore segura outra na floresta, para que esta não absorva toda a seiva. E o fornecimento, na natureza, de presidentes de caminho-de-ferro, de mineiros de cobre, de "grandes-juncionistas", de caçadores de fumo e de extintores de fogo, é limitado pela mesma lei que regula a proporção de carbono, alúmen e hidrogénio.

Ser rico é ter bilhete de entrada para as obras-primas e os grandes homens de cada povo. É ter o mar, viajando; visitar as montanhas, o Niágara, o Nilo, o deserto, Roma, Paris, Constantinopla; ver galerias, bibliotecas, arsenais, fábricas. O leitor do *Cosmos* de Humboldt segue os passos de um homem cujos olhos, ouvidos e mente estão armados com toda a ciência, arte e instrumentos que a humanidade acumulou, e que os utiliza para aumentar esse acervo. Assim foram Denon, Beckford, Belzoni, Wilkinson, Layard, Kane, Lepsius e Livingston. *"O homem rico,"* diz Saadi, *"é bem-vindo em todo o lado e sente-se em casa onde quer que vá."* O rico assimila mais do mundo à vida humana. Inclui o campo e a cidade, o litoral, as Montanhas Brancas, o Oeste selvagem e os antigos lares europeus na sua ideia de matéria aproveitável. O mundo pertence a quem tem meios para percorrê-lo. Chega à beira-mar, e um navio sumptuoso cobriu e acarpetou para ele o Atlântico tempestuoso, transformando-o

num hotel de luxo em pleno meio das tempestades. Os persas dizem: *"Para quem calça sapatos, é como se toda a terra estivesse coberta de couro."*

Diz-se que os reis têm braços longos, mas todo o homem deveria ter braços longos e colher o seu sustento, os seus instrumentos, o seu poder e o seu saber do sol, da lua e das estrelas. Não será então legítimo o desejo de riqueza? No entanto, nunca vi um homem verdadeiramente rico. Nunca vi um homem tão rico quanto todos os homens deveriam ser, ou com um domínio suficiente da natureza. O púlpito e a imprensa têm muitos lugares-comuns a condenar a sede de riqueza; mas, se os homens levassem esses moralistas à letra e deixassem de aspirar à riqueza, os próprios moralistas apressar-se-iam a reacender esse amor pelo poder entre o povo, a todo o custo, para que a civilização não se desfizesse.

Os homens são impelidos pelas suas ideias a conquistar o domínio sobre a natureza. As eras colhem cultura da riqueza dos Césares romanos, dos Leões Décimos, dos magníficos reis de França, dos Grão-Duques da Toscana, dos Duques de Devonshire, dos Townley, Vernon e Peel, em Inglaterra — ou de quaisquer outros grandes proprietários. É do interesse de todos que existam Vaticanos e Louvres cheios de obras de arte nobres; Museus Britânicos, Jardins de Plantas franceses, Academias de História Natural em Filadélfia, bibliotecas Bodleian, Ambrosiana, Real e do Congresso.

É do interesse de todos que existam Expedições de Exploração; que haja Cooks a dar a volta ao mundo, Rosses, Franklins, Richardsons e Kanes a procurar os pólos magnético e geográfico. Todos ficamos mais ricos com a medição de um grau de latitude na superfície da Terra. A nossa navegação é mais segura graças à carta náutica. Quão profundamente assenta o nosso conhecimento do sistema do Universo nisso! — e uma verdadeira economia, seja de um Estado ou de um indivíduo, esquecerá a parcimónia em nome de tais propósitos.

Embora seja do interesse de cada homem que não apenas existam conforto e conveniência, mas também riqueza ou produto excedente em algum lugar, tal não precisa de estar nas suas mãos. Muitas vezes é-lhe mesmo indesejável. Goethe disse bem: "ninguém deveria ser rico senão aqueles que compreendem a riqueza". Alguns homens nascem para possuir, e sabem animar todas as suas posses. Outros não: a sua posse não é graciosa; parece comprometer o seu carácter; parece que roubam os próprios dividendos.

Deveriam possuir aqueles que sabem administrar; não os que apenas acumulam e escondem; não os que, quanto maiores proprietários são, maiores mendigos se

tornam, mas sim os cujos trabalhos geram mais trabalho, abrem caminhos a todos. Pois o homem rico é aquele em quem o povo é rico, e o homem pobre é aquele em quem o povo é pobre: e a questão de como dar a todos acesso às obras-primas da arte e da natureza é o verdadeiro problema da civilização. O socialismo do nosso tempo tem prestado um bom serviço ao levar os homens a pensar em como certos benefícios civilizadores, hoje apenas usufruídos pelos abastados, podem ser gozados por todos.

Por exemplo, fornecer a cada homem os meios e o aparato da ciência e das artes. Há muitos artigos de uso ocasional que poucos conseguem possuir. Todo o homem gostaria de ver os anéis de Saturno, os satélites e cinturões de Júpiter e Marte; as montanhas e crateras da lua: mas quantos podem comprar um telescópio? E desses, quase nenhum suportaria o trabalho de o manter e exibir. O mesmo se aplica ao material elétrico e químico, e a muitas outras coisas semelhantes. Qualquer pessoa pode ter necessidade de consultar livros que não deseja possuir, como enciclopédias, dicionários, tabelas, cartas, mapas e documentos públicos: também imagens de aves, animais, peixes, conchas, árvores e flores, cujos nomes deseja conhecer.

Há uma influência refinadora nas artes do Desenho sobre uma mente preparada, tão real quanto a da música, e impossível de substituir por qualquer outra fonte. Mas quadros, gravuras, estátuas e moldes, para além do custo inicial, acarretam despesas de galerias e conservadores para exibição; e o uso que qualquer homem pode fazer deles é raro, e o seu valor aumenta quanto maior o número de pessoas que pode partilhar do seu usufruto. Nas cidades gregas, era tido como profano que alguém reivindicasse propriedade sobre uma obra de arte que pertencia a todos os que a podiam contemplar. Penso por vezes — se ao menos pudesse ter música nos meus próprios termos; — se pudesse viver numa grande cidade e soubesse onde ir sempre que desejasse uma purificação e inundação de ondas musicais — isso seria um banho e um remédio.

Se bens deste género fossem propriedade de Estados, vilas e liceus, aproximariam os laços de vizinhança. Uma vila existiria para um propósito intelectual. Na Europa, onde as formas feudais asseguram a permanência da riqueza em certas famílias, essas famílias compram e conservam tais bens, abrindo-os ao público. Mas na América, onde as instituições democráticas dividem cada herança em pequenas porções, após alguns anos, o público deveria assumir o lugar desses proprietários e providenciar essa cultura e inspiração ao cidadão.

O homem nasceu para ser rico, ou, inevitavelmente, enriquece pelo uso das suas faculdades; pela união do pensamento com a natureza. A propriedade é uma produção intelectual. O jogo requer frieza, raciocínio correto, prontidão e paciência dos jogadores. O trabalho cultivado substitui o trabalho bruto. Um número infinito de homens perspicazes, ao longo de anos incontáveis, chegou aos melhores e mais curtos métodos de fazer as coisas, e essa perícia acumulada nas artes, culturas, colheitas, conservações, manufaturas, navegações e trocas constitui o valor do nosso mundo atual.

O comércio é um jogo de perícia, que nem todos conseguem jogar, e poucos jogam bem. O comerciante ideal é aquele com uma média justa de faculdades, aquilo a que chamamos senso comum; um homem com forte afinidade com os factos, que toma decisões com base no que viu. Está plenamente convencido das verdades da aritmética. Há sempre uma razão, no homem, para a sua boa ou má sorte, e o mesmo se aplica ao fazer dinheiro. As pessoas falam como se houvesse magia nisso, e acreditam em magia em todos os aspetos da vida.

Ele sabe que tudo segue pela velha estrada, libra por libra, cêntimo por cêntimo — para cada efeito uma causa perfeita — e que "boa sorte" é apenas outro nome para tenacidade de propósito. Garante-se em cada transação e prefere ganhos pequenos mas seguros. A probidade e o apego aos factos são a base, mas os mestres da arte acrescentam uma certa aritmética longa. O desafio é combinar muitas operações distantes com a precisão e aderência aos factos que é fácil em transações pequenas e próximas; alcançar, assim, resultados gigantescos sem comprometer a segurança.

Napoleão gostava de contar a história do banqueiro de Marselha, que disse ao visitante, surpreendido com o contraste entre o esplendor do château do banqueiro e a modéstia do escritório onde o vira antes: "Rapaz, és demasiado jovem para entender como se formam as massas — o verdadeiro e único poder — seja feito de dinheiro, água ou homens, é tudo igual — uma massa é um imenso centro de movimento, mas tem de começar, tem de ser mantida" — e podia ter acrescentado que a maneira de começar e manter é obedecendo à lei das partículas.

O sucesso consiste numa adesão rigorosa às leis do mundo e, dado que essas leis são intelectuais e morais, numa obediência intelectual e moral. A Economia Política é um livro tão bom para ler a vida do homem e o domínio das leis sobre todas as influências privadas e hostis como qualquer Bíblia que nos tenha chegado.

O dinheiro é representativo, e segue a natureza e fortuna do seu dono. A moeda é um medidor subtil de mudanças civis, sociais e morais. O agricultor valoriza o seu dólar, e com razão. Não lhe é um acaso. Sabe quantos golpes de trabalho ele representa. Os seus ossos doem com a jornada que o ganhou. Sabe quanta terra ele representa; — quanta chuva, geada e sol. Sabe que, naquele dólar, oferece discrição e paciência, sacha e debulha. Tente levantar o dólar dele: terá de levantar todo esse peso. Na cidade, onde o dinheiro nasce de um risco ou de um golpe de caneta, ou de uma subida súbita de câmbio, passa a ser visto como leve. Gostaria que o agricultor o considerasse mais valioso e o gastasse apenas com pão verdadeiro; força por força.

O dólar do agricultor é pesado, e o do empregado é leve e ágil; salta-lhe do bolso; vai para cartas e mesas de jogo: mas ainda mais curiosa é a sua suscetibilidade a mudanças metafísicas. É o mais fino barómetro de tempestades sociais, e anuncia revoluções.

Cada passo de progresso civil torna cada dólar mais valioso. Na Califórnia, o país onde nasceu, — o que compraria? Há uns anos, compraria uma cabana, disenteria, fome, má companhia e crime. Há vastos países, como a Sibéria, onde hoje compraria pouco mais que algum alívio da miséria. Em Roma, compra beleza e magnificência. Há quarenta anos, um dólar comprava pouco em Boston. Hoje compra muito mais na nossa velha cidade, graças aos caminhos-de-ferro, telégrafos, navios a vapor, e ao crescimento simultâneo de Nova Iorque e de todo o país. Contudo, há ainda muitos bens próprios de uma capital que aqui não se podem adquirir, mesmo com uma montanha de dólares.

Um dólar na Florida não vale o mesmo que em Massachusetts. Um dólar não é valor, mas representante de valor e, no fim, de valores morais. Um dólar é avaliado pelo milho que compra, ou para sermos rigorosos, não pelo milho ou pela casa, mas pelo milho ateniense e pela habitação romana — pelo engenho, probidade e poder que nos levam a comer pão e habitar casas para partilhar e exercer. A riqueza é mental; a riqueza é moral. O valor de um dólar está em comprar coisas justas: um dólar vai crescendo em valor com todo o génio e toda a virtude do mundo. Um dólar numa universidade vale mais do que um dólar numa prisão; numa comunidade sóbria, instruída e respeitadora da lei, mais do que num antro de crime onde dados, facas e arsénico estão sempre em jogo.

O *Bank-Note Detector* é uma publicação útil. Mas o dólar atual, seja em prata ou papel, é por si mesmo o detetor do certo e do errado onde quer que circule. Não se valoriza ele imediatamente com o aumento da equidade? Se um comerciante recusa

vender o seu voto, ou mantém-se fiel a algum direito impopular, cria-se mais equidade em Massachusetts; e, no momento da sua ação, cada acre do Estado passa a valer mais. Se retirarmos da State Street os dez comerciantes mais honestos e os substituirmos por dez pessoas desonestas, controlando o mesmo capital — as taxas de seguros refleti-lo-ão; a solidez dos bancos também; as estradas tornar-se-ão menos seguras; as escolas sentirão o efeito; as crianças trarão para casa a sua pequena dose de veneno; o juiz sentar-se-á menos firme no banco, e as suas decisões serão menos justas; perdeu-se tanto apoio e contenção — de que todos precisamos; e o púlpito deixará transparecer isso numa moral mais frouxa.

Uma macieira, se cada dia, durante um certo tempo, lhe retirarmos uma carga de solo fértil e pusermos uma de areia nas raízes — dará por isso. Uma macieira é uma criatura bastante estúpida, mas, se tal tratamento se mantiver por algum tempo, creio que começaria a desconfiar de algo. E se tirássemos da classe poderosa do comércio cem homens bons e os substituíssemos por cem maus, ou, o que vem a dar no mesmo, introduzíssemos uma instituição desmoralizadora — não daria o dólar, que não é muito mais estúpido do que uma macieira, por isso em breve? O valor do dólar é social, pois é criado pela sociedade.

Cada homem que se muda para esta cidade com qualquer talento ou habilidade comercializável dá novo valor ao trabalho de todos os outros. Sempre que nasce talento no mundo, a comunidade das nações enriquece — e tanto mais quando nasce com um novo grau de probidade. A despesa do crime, uma das principais cargas de qualquer nação, fica assim parcialmente travada. Na Europa, observa-se que o crime aumenta ou diminui com o preço do pão. Se os Rothschilds, em Paris, não aceitarem letras de câmbio, o povo de Manchester, Paisley ou Birmingham é empurrado para o banditismo, e os senhorios são abatidos na Irlanda. Os registos policiais assim o confirmam.

As vibrações sentem-se logo em Nova Iorque, Nova Orleães e Chicago. E de forma semelhante, o poder económico atinge as massas através dos senhores políticos. Rothschild recusa o empréstimo russo, e há paz, e salvam-se as colheitas. Se o aceita, há guerra, e uma agitação percorre grande parte da humanidade, com todos os seus horrores, culminando em revolução e numa nova ordem.

A riqueza traz consigo os seus próprios equilíbrios e contrapesos. A base da economia política é a não-interferência. A única regra segura está no mecanismo autorregulador da procura e da oferta. Não legislem. Se interferirem, rompem os tendões com as vossas leis sumptuárias. Não concedam subsídios: façam leis iguais: garantam a vida e a propriedade, e não precisarão de dar esmolas. Abram as portas

da oportunidade ao talento e à virtude, e eles farão justiça por si mesmos, e a propriedade não ficará em más mãos. Numa república livre e justa, a propriedade escapa aos ociosos e imbecis e vai ter aos industriosos, corajosos e perseverantes.

As leis da natureza atuam através do comércio, tal como uma pequena pilha elétrica revela os efeitos da eletricidade. O nível do mar não se mantém com mais rigor do que o equilíbrio de valor na sociedade, pela procura e oferta: e a manha ou legislação artificiais punem-se a si próprias com reações, excessos e falências. As sublimes leis atuam indiferentemente nos átomos e nas galáxias. Quem entende o que acontece no ato de ganhar e gastar um pão ou uma cerveja; quem sabe que nenhum desejo altera os limites rigorosos dos pães de um cêntimo e das canecas de um pint; que tudo o que é consumido deixa tanto menos no cesto e no pote — mas que o que sai deles não é desperdiçado, se nutrir o corpo e o habilitar a terminar a tarefa; — esse sabe tudo sobre economia política que os orçamentos dos impérios lhe poderiam ensinar.

O interesse da pequena economia é este simbolismo da grande economia; o modo como uma casa e os métodos de um homem privado se alinham com o sistema solar e com as leis da troca universal; e, por mais desconfiados que estejamos das mentiras e dos truques mesquinhos que suicidamente praticamos uns sobre os outros, cada homem sente certa satisfação sempre que a sua ação comercial se baseia em factos inevitáveis; quando vê que são as próprias coisas que ditam o preço — como sempre tendem a fazer, e como, nas grandes indústrias, claramente fazem.

O vosso papel não é fino nem áspero o suficiente — é demasiado espesso ou demasiado fino. O fabricante diz que pode fornecer exatamente a espessura desejada; o padrão é-lhe indiferente; aqui está a tabela; — qualquer variedade de papel, mais barata ou mais cara, com os respetivos preços. Uma libra de papel custa um certo valor, e pode ser feita no padrão que se quiser.

Há, em todas as nossas trocas, uma autorregulação que substitui o regateio. Quereis alugar uma casa, mas tem de ser barata. O proprietário pode baixar a renda, mas assim incapacita-se de fazer as reparações devidas, e o inquilino acaba por ter uma casa inferior à que queria; além de que se estabelece entre senhorio e inquilino uma relação algo lesiva. Despede-se o trabalhador dizendo: "Patrick, chamo-te assim que não conseguir passar sem ti." Patrick vai-se embora satisfeito, pois sabe que as ervas daninhas crescerão com as batatas, que as vinhas têm de ser plantadas na semana seguinte, e, por muito que custe, os melões, curgetes e pepinos irão chamá-lo. Quem não há de desejar que todo o trabalho e valor se

sustentem neste mesmo mercado simples e inflexível? Se for o melhor do seu género, assim será. Precisamos do carpinteiro, do serralheiro, do lavrador, do padre, do poeta, do médico, do cozinheiro, do tecelão, do cocheiro; cada um a seu tempo, ao longo do ano.

Se uma pera de São Miguel se vende por um xelim, é porque custou um xelim a produzi-la. Se, em Boston, os melhores títulos oferecem doze por cento de retorno, é porque contêm seis por cento de insegurança. Pode não se ver que a pêra custou um xelim, mas à comunidade custou. O xelim representa o número de inimigos que a pera teve e o risco de a fazer amadurecer. O preço do carvão mostra a escassez dos jazigos e o confinamento obrigatório dos mineiros a determinada região.

Todos os salários são calculados com base em serviços contingentes, além dos efetivos. "Se o vento soprasse sempre sudoeste por oeste", disse o capitão, "as mulheres também podiam levar os barcos ao mar." Poder-se-ia dizer que todas as coisas têm o mesmo preço; que nada é barato nem caro; e que as disparidades aparentes que nos impressionam são apenas um truque de lojista para disfarçar o prejuízo no negócio. Um jovem vindo da sua quinta natal em New Hampshire, com as suas duras memórias de frugalidade ainda bem presentes, hospeda-se num hotel de primeira classe, e acredita que de algum modo enganou o Dr. Franklin e Malthus, pois os luxos parecem baratos.

Mas paga o conforto de uma melhor refeição com a perda de algumas das mais ricas vantagens sociais e educativas. Perdeu que guardiões! que estímulos! Talvez venha a perceber que deixou as Musas à porta do hotel e encontrou lá dentro as Fúrias. O dinheiro, muitas vezes, custa demasiado, e o poder e o prazer não são baratos. O poeta antigo dizia: "os deuses vendem todas as coisas a um preço justo."

Há um exemplo dessas compensações na história comercial deste país. Quando as guerras europeias lançaram, entre 1800 e 1812, o transporte marítimo do mundo para embarcações americanas, um navio americano era ocasionalmente apreendido. Claro que isso era um grande prejuízo para o proprietário, mas o país era indemnizado; pois cobrava-se três pence por libra no transporte do algodão, seis pence pelo tabaco, e assim por diante; o que pagava o risco e a perda, e trouxe ao país uma imensa prosperidade, casamentos precoces, riqueza privada, a edificação de cidades e de Estados: e, depois da guerra, ainda recebemos compensações por tratado por todas as apreensões. Pois bem, os americanos tornaram-se ricos e grandes. Mas o dia do pagamento chega. A Grã-Bretanha, a França e a Alemanha — que os nossos lucros extraordinários haviam empobrecido — enviam, atraídos pela

fama das nossas vantagens, primeiro os seus milhares, depois os seus milhões de pobres, para partilhar a colheita. Ao início, empregamo-los, e a nossa prosperidade aumenta: mas, no sistema artificial da sociedade e do trabalho protegido que também adotámos e ampliámos, surgem brevemente entraves e bloqueios. Então recusamos dar trabalho a esses pobres. Mas eles não aceitam tal resposta. Recorrem ao apoio social e, embora recusemos salários, temos agora de lhes pagar o mesmo sob a forma de impostos.

E mais: verifica-se que a maior parte dos crimes é cometida por estrangeiros. O custo do crime, os tribunais, as prisões, tudo temos de suportar, e também o exército permanente de polícia preventiva. O custo da educação da descendência desta grande colónia nem o tentarei calcular. Mas o montante bruto desses custos começará a compensar aquilo que pensámos ser um lucro líquido dos nossos clientes transatlânticos de 1800. É inútil recusar esse pagamento. Não podemos livrar-nos dessas pessoas, nem da sua vontade de ser sustentadas.

Isso tornou-se um elemento inevitável da nossa política; e, pelos seus votos, cada um dos partidos dominantes os corteja e ajuda a alcançar esse fim. Além disso, temos de pagar-lhes, não o que os teria satisfeito nos seus países, mas aquilo que aprenderam a considerar necessário aqui; de modo que a opinião, a fantasia e todo o tipo de considerações morais complicam o problema.

Há algumas medidas de economia que podem ser mencionadas sem provocar repulsa; pois o tema é delicado, e é fácil termos dele em excesso — assemelhando-se, assim, aos horrendos animálculos de que os nossos corpos são formados — ofensivos no particular, mas que, no conjunto, compõem massas valiosas e eficazes. A nossa natureza e génio forçam-nos a respeitar os fins, mesmo enquanto usamos os meios. Temos de recorrer aos meios, mas, mesmo no seu uso mais exato, devemos de algum modo ocultá-los, pois só lhes podemos conferir alguma beleza refletindo neles a glória do fim. Essa é a mente sábia: aquela que serve o fim e comanda os meios. A plebe é corrompida pelos seus meios: os meios dominam-na, e ela abandona o seu fim.

1. A primeira dessas medidas é que as despesas de cada homem devem proceder do seu carácter. Enquanto o teu génio for quem compra, o investimento é seguro, mesmo que gastes como um monarca. A natureza dota cada homem com uma faculdade que lhe permite realizar facilmente o que é impossível a qualquer outro, tornando-o necessário à sociedade. Essa determinação inata orienta o seu trabalho e os seus gastos. Ele precisa de meios e ferramentas próprios ao seu talento. E poupar nesse ponto seria neutralizar a força e a utilidade especial de cada mente.

Faze o teu trabalho respeitando a excelência da obra, e não a sua aceitação. Isto é economia em tal grau que, se for bem lido, é a própria definição de economia. A prodigalidade não consiste em gastar anos de tempo ou cofres de dinheiro — mas em gastá-los fora do rumo da tua vocação. O crime que arruína homens e nações é o trabalho avulso — desviar-se do teu desígnio principal para resolver questões passageiras aqui e ali. Nada está abaixo de ti, se estiver na direção da tua vida: nada é grande ou desejável, se estiver fora dela. Creio que aqui temos o direito de traçar uma linha reta e afirmar que a sociedade nunca poderá prosperar, mas estará sempre em bancarrota, enquanto cada homem não fizer aquilo para que foi criado.

Gasta naquilo que te compete, e corta nas despesas que não te dizem respeito. Allston, o pintor, costumava dizer que construíra uma casa simples e a mobilara com igual simplicidade, para não atrair visitas que não partilhassem dos seus gostos. Somos simpáticos, e, como crianças, queremos tudo o que vemos. Mas é um grande passo rumo à independência — quando um homem, ao descobrir o seu talento próprio, se livra da necessidade de falsas despesas. Como a noiva prometida, que, com uma afeição segura, se vê liberta de um sistema de escravidões — a necessidade diária de agradar a todos — assim também o homem que descobriu aquilo que pode fazer, pode gastar nisso, e deixar de gastar no resto. Montaigne disse: "quando era o irmão mais novo, vestia-se com elegância e ostentava boa carruagem; mas depois, o seu château e as suas herdades respondiam por ele."

Que o homem que pertence à classe dos nobres — aqueles que descobriram que podem fazer algo — se livre de todo o desperdício vago com objetos que não lhe dizem respeito. Que o realista ignore as aparências. Que delegue a outros as custosas cortesias e ornamentos da vida social. As virtudes são economistas, mas alguns vícios também o são. Assim, logo a seguir à humildade, reparei que o orgulho é um bom administrador. Um orgulho são vale, no meu entender, entre quinhentas a mil e quinhentas libras por ano. O orgulho é digno, económico: erradica tantos vícios, não permitindo subsistir nenhum exceto ele mesmo, que parece uma grande vantagem trocar a vaidade pelo orgulho.

O orgulho dispensa criados, roupas finas, pode viver numa casa de dois quartos, comer batata, beldroegas, feijão, milho demolhado, pode trabalhar a terra, caminhar a pé, conversar com pobres ou permanecer em silêncio, satisfeito, em salões luxuosos. Mas a vaidade custa dinheiro, esforço, cavalos, homens, mulheres, saúde e paz — e no fim não é nada, apenas um longo caminho que leva a parte

nenhuma. — Só um senão: os orgulhosos são insuportavelmente egoístas, enquanto os vaidosos tendem a ser gentis e generosos.

A arte é uma amante ciumenta e, se um homem tiver génio para pintura, poesia, música, arquitetura ou filosofia, será um mau marido e um fraco provedor, e deverá ser sensato a tempo, e não se prender com deveres que lhe tornarão os dias amargos e o estragarão para a sua verdadeira obra. Aqui na região, há vinte anos, entre os homens instruídos, houve uma espécie de fanatismo arcádico — um desejo apaixonado de voltar à terra e unir a agricultura às ocupações intelectuais. Muitos realizaram o seu propósito, e fizeram a experiência, e alguns tornaram-se mesmo lavradores convictos; mas todos perderam a fé de que o estudo e a lavoura prática (feita com as próprias mãos) pudessem andar juntos.

Com a testa franzida e o espírito determinado, o pálido erudito abandona a secretária para respirar melhor e encontrar uma formulação mais justa do seu pensamento, ao longo do passeio do jardim. Baixa-se para arrancar uma beldroega ou uma erva daninha que sufoca o milho jovem, e descobre que há duas; atrás da última, está a terceira; estende a mão para uma quarta; atrás dessa, estão quatro mil e uma. Fica suado e descompassado, e, dali a pouco, desperta do seu sonho idiota de ervas daninhas, para se lembrar do pensamento da manhã, e perceber que, com todos os seus firmes propósitos, foi ludibriado por um dente-de-leão.

Um jardim é como aquelas máquinas fatais que lemos todos os meses nos jornais: apanham a aba do casaco de um homem, ou a mão, e puxam o braço, a perna e o corpo inteiro para uma destruição irresistível. Numa hora infeliz, ele deitou abaixo o muro e acrescentou um campo à sua propriedade. Nenhuma terra é má — mas possuir terra é pior. Se um homem possui terra, a terra passa a possuir o homem. Agora, que tente ele sair de casa, se ousar. Cada árvore e enxerto, cada cova de melões, fila de milho, sebe viva — tudo o que fez e tudo o que tenciona fazer — ergue-se diante dele como cobradores à sua porta. A devoção a essas vinhas e árvores torna-se-lhe venenosa.

Longas caminhadas, voltas de quilómetros, libertam-lhe o espírito e servem-lhe o corpo. Marchas longas não o cansam. Crê que compõe facilmente nos montes. Mas este andar a remexer em poucos metros quadrados de jardim abate-o e embota-lhe o ânimo. O cheiro das plantas entorpece-o e rouba-lhe a energia. Sente uma paralisia nos ossos. Torna-se rabugento e sem ânimo. O génio da leitura e o da jardinagem são antagónicos, como a eletricidade resinosa e a vítrea. Um é concentrado em faíscas e choques; o outro é força difusa; de modo que cada um incapacita o seu praticante para os deveres do outro. Um gravador, cujas mãos

devem ter uma delicadeza extrema, não deve andar a erguer muros de pedra. Sir David Brewster dá instruções precisas para a observação microscópica: — "Deita-te de costas e segura a lente e o objeto sobre o olho", etc. — Quanto mais aquele que procura a verdade abstrata, que precisa de períodos de isolamento, concentração extática e quase sair do corpo para pensar!

2. Gasta segundo o teu génio, e com método. A natureza segue regras, não impulsos ou saltos. Tem de haver sistema nas economias. Poupar e viver com pouco não salva a família mais sofrida da ruína, nem rendimentos elevados tornam o gasto livre seguro. O segredo do sucesso nunca está no montante de dinheiro, mas na relação entre entradas e saídas; como se, uma vez fixadas as despesas num certo ponto, então, com a adição de pequenos mas constantes fluxos de rendimento, começasse a formar-se riqueza.

Mas, normalmente, à medida que os meios aumentam, o gasto cresce ainda mais depressa, de tal modo que grandes rendimentos, em Inglaterra ou noutro lugar, não resolvem os problemas — o apetite da dívida não perde voracidade. Quando a cólera ataca a batata, de que serve plantar mais? Em Inglaterra, o país mais rico do mundo, garantiram-me observadores astutos, que os grandes lordes e damas não têm mais moedas para dar do que os outros; que a generosidade com o dinheiro é tão rara, e tão notável quando ocorre, como aqui. A necessidade é um gigante que cresce sem cessar, e que o casaco do "Ter" nunca consegue cobrir por completo.

Lembro-me de, em Warwickshire, me terem mostrado um belo solar, ainda pertencente ao mesmo nome desde o tempo de Shakespeare. A renda, disseram-me, era de cerca de catorze mil libras por ano: mas, quando nasceu o segundo filho do proprietário, o pai ficou perplexo sobre como haveria de o sustentar. O filho mais velho herdaria o solar; que fazer com o filho excedente? Aconselharam-no a prepará-lo para a Igreja, e a colocá-lo na reitoria, que era do dom da família; o que foi feito.

É regra geral nesse país: rendimentos maiores não ajudam ninguém. Observa-se geralmente que uma riqueza súbita, como um prémio de lotaria ou uma grande herança a uma família pobre, não enriquece de forma duradoura. Nunca serviram um "aprendizado" da riqueza, e, com o dinheiro rápido, vêm exigências igualmente rápidas, que não sabem recusar, e o tesouro dissipa-se.

Tem de haver um sistema em toda economia, ou os melhores expedientes isolados de nada valem. Uma quinta é uma boa coisa, quando começa e termina em si mesma, e não precisa de um ordenado ou de uma loja para se sustentar. Assim, o gado é um

elo essencial na cadeia. Se o agricultor não conformista ou esteta prescinde do gado, e não prescinde também da necessidade que ele supre, terá de colmatar a lacuna pedindo ou roubando. Quando os homens hoje vivos nasceram, a quinta fornecia tudo o que nela se consumia. Não produzia dinheiro, e o lavrador vivia sem ele.

Se adoecia, os vizinhos vinham em auxílio: cada um dava um dia de trabalho, ou meio dia; ou emprestava os bois ou o cavalo, e mantinha o trabalho em dia: sachava as batatas, ceifava o feno, colhia o centeio — sabendo bem que ninguém podia contratar mão-de-obra sem vender a terra. No outono, o lavrador podia vender um boi ou um porco e obter algum dinheiro para pagar os impostos. Agora, o lavrador compra quase tudo o que consome — utensílios de lata, pano, açúcar, chá, café, peixe, carvão, bilhetes de comboio e jornais.

Um mestre em cada arte é necessário, porque a prática nunca lida com sujeitos imóveis ou mortos — eles mudam nas tuas mãos. Podes pensar que edifícios agrícolas e largas extensões de terra são propriedade sólida: mas o seu valor flui como a água. Requer tanta vigilância como se estivesses a decantar vinho de uma pipa. O lavrador sabe o que fazer com isso, tapa cada fuga, conduz todos os regatos para um único reservatório, e decanta vinho: mas um desajeitado que venha de Cornhill tenta a sua sorte e tudo se perde. O mesmo se aplica a ruas de granito ou a povoações em madeira, tal como a frutas ou flores. E nenhum investimento é tão permanente que possa ser deixado sem vigilância constante — como demonstra a história de cada tentativa de preservar uma herança durante duas gerações para um herdeiro ainda por nascer.

Quando o Sr. Cockayne aluga uma casa de campo e decide ter uma vaca, pensa que a vaca é um animal que se alimenta de feno e dá um balde de leite duas vezes por dia. Mas a vaca que ele compra dá leite durante três meses; depois, o úbere seca. O que fazer com uma vaca seca? Quem a comprará? Talvez também tenha comprado um jugo de bois para lavrar; mas eles ficam inchados ou coxos. O que fazer com bois assim?

O lavrador engorda os seus, depois do trabalho de primavera, e mata-os no outono. Mas como pode Cockayne, que não tem pastos e apanha o comboio todos os dias à mesma hora, ocupar-se com engordar e abater bois? Planta árvores; mas é preciso haver culturas que mantenham o solo lavrado à volta das árvores. Que culturas escolher? Não quer saber de árvores, então prefere relva. Depois de um ou dois anos, a relva tem de ser revolvida e lavrada: e agora, que culturas? Ingénuo Cockayne!

3. A ajuda vem com o costume do país, e a regra do *Impera parendo*. A regra não é mandar, nem insistir em realizar cada um dos teus planos por teimosia ignorante, mas aprender na prática o segredo que a natureza inteira sussurra — que as coisas recusam ser maltratadas, e mostrarão ao vigilante a sua própria lei. Ninguém precisa mexer uma mão ou um pé. O costume do país encarrega-se de tudo. Não sei construir nem plantar; nem comprar madeira, nem o que fazer com o terreno da casa, o campo ou o bosque, quando adquiridos.

Não temas: tudo está decidido há muito, pelo costume do país — se se deve usar areia ou argila, quando lavrar, como adubar, se plantar relva ou milho — e não podes ajudar nem impedir isso. A natureza tem a sua forma ótima de fazer cada coisa, e algures já no-lo disse claramente, se mantivermos olhos e ouvidos abertos. Caso contrário, ela não tardará em desiludir-nos, se preferirmos o nosso caminho ao dela. Quantas vezes temos de nos lembrar da arte do cirurgião, que, ao repor um osso partido, apenas liberta as partes da posição errada; e os músculos, por si, recolocam-no no sítio. Toda a nossa arte depende dessa arte da natureza.

Dos dois engenheiros eminentes na recente construção de caminhos-de-ferro em Inglaterra, o Sr. Brunel traçava uma linha reta de um terminal ao outro, passando por montanhas, sobre rios, cortando propriedades ducais ao meio, trespassando caves de uns e janelas de outros, e assim atingia o seu fim — com muito agrado dos geómetras, mas com grande custo para a companhia. Já o Sr. Stephenson, por sua vez, acreditando que o rio conhece o caminho, seguia o vale com a mesma fidelidade com que o nosso caminho-de-ferro ocidental segue o rio Westfield, e acabou por ser o engenheiro mais seguro e mais barato. Diz-se que as vacas traçaram Boston. Pois bem, há agrimensores piores. Todo o caminhante nos nossos pastos agradece frequentemente às vacas por terem aberto o melhor trilho pelo matagal e sobre as colinas: e viajantes e índios conhecem o valor de uma vereda de búfalo, que é sempre a passagem mais fácil por entre os contrafortes.

Quando um cidadão, recém-chegado de Dock Square ou Milk Street, compra terreno no campo, o primeiro pensamento é a bela vista das janelas: a sua biblioteca tem de dar para oeste; um pôr-do-sol diário a banhar os ombros das Blue Hills, de Wachusett e os picos de Monadnoc e Uncanoonuc. Trinta acres, e toda esta magnificência por mil e quinhentos dólares! Seria barato por cinquenta mil. De olhos húmidos de emoção, apressa-se a marcar o local da pedra angular. Mas o homem que há de nivelar o terreno pensa que serão necessárias centenas de cargas de cascalho para encher a depressão até à estrada. O pedreiro que há de cavar o poço pensa que terá de escavar quarenta pés. O padeiro duvida que goste de conduzir até à porta. O vizinho prático critica a localização do celeiro; e o cidadão

acaba por perceber que o seu antecessor, o lavrador, construiu a casa no lugar certo quanto ao sol e ao vento, à nascente e ao escoamento das águas, e à conveniência para o pasto, a horta, o campo e a estrada. E assim, Dock Square cede, e as coisas seguem o seu curso natural.

O uso tornou o lavrador sábio, e o cidadão tolo aprende a aceitar o seu conselho. De passo em passo, acaba por render-se totalmente. O lavrador finge receber ordens; mas o cidadão diz: "Podes perguntar-me quantas vezes quiseres, e sob que formas engenhosas, a minha opinião sobre como construir o muro, abrir o poço ou dividir o terreno, mas a bola voltará sempre para ti. São assuntos sobre os quais nada sei — nem preciso de saber. Estas são questões que tu, e não eu, deves responder."

Também dentro de portas, um sistema instala-se com autoridade e torna-se tirânico para o senhor, a senhora, o criado, a criança, o primo e o conhecido. É em vão que o génio, a virtude ou a energia de carácter lutem e protestem contra ele. Isto é destino. E é bem feito que o pobre marido leia num livro um novo modo de vida, e resolva adotá-lo em casa: que vá então para casa e o tente — se tiver coragem.

4. Outro ponto de economia é procurar semente do mesmo género daquela que se semeia: e não esperar comprar um tipo com outro. A amizade compra amizade; a justiça, justiça; o mérito militar traz sucesso militar. O bom lavrador encontra esposa, filhos e lar. O bom comerciante alcança lucros, navios, ações e dinheiro. O bom poeta, fama e crédito literário; mas nenhum deles obtém o que pertence ao outro. E, no entanto, há uma confusão generalizada nestas expectativas. Hotspur vive para o momento; vangloria-se disso; e despreza Furlong, por não fazer o mesmo. Hotspur, claro, é pobre; e Furlong, um bom provedor. O curioso é que Hotspur considera essa imprevidência uma superioridade, que devia ser recompensada com as terras de Furlong.

Não cumpri inteiramente o meu propósito. Mas não devemos abandonar o tema sem lançar um olhar aos recessos interiores. A filosofia ensina que o homem é um ser de gradações; que nada há no mundo que não se repita no seu corpo — sendo o corpo uma espécie de miniatura ou resumo do mundo; e que nada há no corpo que não se repita, como numa esfera celeste, na mente; e que nada há no cérebro que não se repita numa esfera superior, no sistema moral.

5. Ora, estas coisas são assim na Natureza. Tudo ascende, e a regra régia da economia é que ela também deve ascender — ou tudo quanto fizermos deve sempre

ter um fim mais elevado. Assim, é um axioma que o dinheiro é outro tipo de sangue. *Pecunia alter sanguis* — ou seja, os bens de um homem são apenas um corpo em maior escala, e admitem um regime análogo ao da sua circulação física. Por isso, não há máxima de comerciante — como "O melhor uso do dinheiro é pagar dívidas"; "Cada negócio por si"; "O melhor momento é o presente"; "O investimento certo está nas ferramentas do ofício" — que não admita um sentido mais amplo. As máximas do escritório, bem interpretadas, são leis do Universo. A economia do comerciante é um símbolo grosseiro da economia da alma.

Consiste em gastar para obter poder, não prazer. Consiste em investir o rendimento; ou seja, converter o particular em geral; os dias em eras integrais — literárias, emotivas, práticas — da sua vida, e continuar sempre a ascender nesse investimento. O comerciante tem apenas uma regra: absorver e investir. Deve ser capitalista: os restos e aparas devem regressar ao cadinho; o gás e o fumo devem ser queimados, e os lucros não devem aumentar as despesas, mas regressar ao capital. Pois bem, o homem deve ser capitalista. Vai ele gastar o seu rendimento, ou investir? O seu corpo e cada órgão obedecem à mesma lei.

O corpo é um jarro onde se guarda o licor da vida. Vai ele gastar para prazer? O caminho da ruína é curto e fácil. Não quer gastar, mas acumular para poder? Então passa pelas fermentações sagradas, pela lei da Natureza segundo a qual tudo sobe a patamares mais altos, e o vigor físico torna-se vigor mental e moral. O pão que come é, primeiro, força e ânimo: depois, em laboratórios mais subtis, transforma-se em imaginação e pensamento; e, em resultados mais altos, em coragem e resistência. Eis o verdadeiro juro composto; eis o capital duplicado, quadruplicado, centuplicado; o homem elevado ao seu mais alto poder.

A verdadeira parcimónia consiste sempre em gastar num plano mais elevado; investir e reinvestir, com uma avareza mais apurada, para poder gastar na criação espiritual — e não em aumentar a existência animal. O homem não se enriquece ao repetir as velhas experiências da sensação física, mas apenas se, por novos poderes e prazeres ascendentes, se reconhecer, pela experiência real do bem mais elevado, já a caminho do supremo.

A CONDUTA PARA A VIDA

Resumo:

A Conduta da Vida é uma coleção de ensaios de Ralph Waldo Emerson que explora diversos aspetos do comportamento individual e do carácter humano. Os ensaios cobrem uma ampla gama de tópicos, incluindo a autoconfiança, a amizade, o destino e a cultura, entre outros. Ao longo do livro, Emerson enfatiza a importância de viver uma vida autêntica e significativa, encorajando os leitores a cultivarem os seus próprios talentos e perspetivas únicos. Critica também as normas e convenções sociais que sufocam a criatividade e expressão individual, e defende uma abordagem mais independente e aventureira da vida. No geral, *A Conduta da Vida* oferece um guia filosófico e prático para o crescimento pessoal e a realização.

DESTINO

Resumo:

Destino é um ensaio de Ralph Waldo Emerson que explora o conceito de destino e a sua relação com a agência e liberdade humanas. Emerson argumenta que, embora possam existir forças ou circunstâncias que influenciem as nossas vidas, os indivíduos são, em última instância, responsáveis por moldar o seu próprio destino através do exercício da vontade livre e da imaginação criativa. Sugere que o espírito humano possui uma capacidade ilimitada de superação pessoal e crescimento, e que esse potencial pode ser realizado através de uma abordagem corajosa e aventureira da vida. Ao longo do ensaio, Emerson recorre a várias tradições filosóficas e religiosas para oferecer uma reflexão subtil e inspiradora sobre a complexa relação entre destino e liberdade, e para articular uma visão do potencial humano que enfatiza a criatividade, o individualismo e o crescimento espiritual.

Presságios delicados traçados no ar
Ao bardo solitário testemunham sem hesitar;
Pássaros com augúrios nas asas
Cantavam verdades sem engano
Para o atrair, para o alertar;
Bem podia então o poeta desprezar
Aprender com escriba ou mensageiro
Dicas escritas em caracteres mais vastos;

E na sua mente, ao romper do dia,
Sombras suaves da tarde se deitavam.
Pois a previsão está aliada
À coisa que significa;
Ou digamos, a previsão que espera
É o mesmo Génio que cria.

DESTINO

Aconteceu, durante um inverno, há alguns anos, que as nossas cidades se encontravam empenhadas na discussão da teoria da Época. Por uma estranha coincidência, quatro ou cinco homens notáveis estavam cada um a ler um discurso aos cidadãos de Boston ou Nova Iorque sobre o Espírito do Tempo. Aconteceu também que o tema tinha a mesma proeminência em alguns panfletos e jornais notáveis publicados em Londres nessa mesma estação. Para mim, no entanto, a questão da época resolvia-se numa questão prática da conduta da vida. Como devo viver? Somos incompetentes para resolver o espírito do tempo. A nossa geometria não consegue abranger as imensas órbitas das ideias dominantes, contemplar o seu retorno e reconciliar as suas oposições. Só podemos obedecer à nossa própria polaridade. É bonito especular e escolher o nosso rumo, se tivermos de aceitar uma imposição irresistível.

Nos nossos primeiros passos para alcançar os nossos desejos, deparamo-nos com limitações inamovíveis. Somos inflamados pela esperança de reformar os homens. Após muitas experiências, descobrimos que devemos começar mais cedo — na escola. Mas os rapazes e raparigas não são dóceis; nada conseguimos fazer com eles. Concluímos então que não provêm de boa linhagem. Temos de começar a reforma ainda antes — na geração: ou seja, existe o Destino, ou leis do mundo.

Mas se há uma imposição irresistível, essa imposição compreende-se a si mesma. Se devemos aceitar o Destino, não estamos menos obrigados a afirmar a liberdade, o significado do indivíduo, a grandeza do dever, o poder do carácter. Isto é verdade — e aquilo também o é. Mas a nossa geometria não consegue abranger estes pontos extremos e reconciliá-los. O que fazer? Obedecendo sinceramente a cada pensamento, insistindo — ou, se preferirmos, martelando — em cada corda, aprendemos por fim o seu poder. Pela mesma obediência a outros pensamentos, aprendemos os seus, e então surge alguma esperança razoável de os harmonizar. Temos a certeza de que, embora não saibamos como, a necessidade é compatível com a liberdade, o indivíduo com o mundo, a minha polaridade com o espírito do tempo. O enigma da época tem para cada um uma solução particular. Se alguém

quiser estudar o seu próprio tempo, deverá fazê-lo por este método: tomar, por sua vez, cada um dos grandes temas que pertencem ao nosso esquema de vida humana, enunciar firmemente tudo o que a experiência confirma em cada um, e fazer o mesmo com os factos contrários nos outros — assim, os verdadeiros limites tornar-se-ão visíveis. Qualquer excesso de ênfase num lado será corrigido, e alcançar-se-á um equilíbrio justo.

Mas apresentemos honestamente os factos. A nossa América tem má fama por superficialidade. Grandes homens, grandes nações, não foram fanfarrões nem bufões, mas sim percebedores do terror da vida, e prepararam-se para o enfrentar. O espartano, que corporificava a sua religião na pátria, morre diante da sua majestade sem questionar. O turco, que crê que o seu destino está escrito numa folha de ferro desde o momento em que entrou no mundo, lança-se contra o sabre do inimigo com vontade indivisa. O turco, o árabe, o persa aceitam o destino predeterminado.

"Em dois dias, não vale fugir da tua sepultura,
O marcado, e o não marcado dia;
No primeiro, nem bálsamo nem médico te salvam,
No segundo, nem o Universo te poderá matar."

O hindu, sob a roda, é igualmente firme. Os nossos calvinistas, da geração passada, tinham algo dessa mesma dignidade. Sentiam que o peso do Universo os mantinha firmes no seu lugar. O que podiam fazer? Os sábios sentem que há algo que não pode ser falado nem votado fora de existência — uma correia ou cinta que aperta o mundo.

"O Destino, ministro universal,
Que executa no mundo sobre tudo,
A providência que Deus viu de antemão,
Tão forte é, que mesmo que o mundo jurasse
O contrário de uma coisa com sim ou não,
Ainda assim, por vezes, ela cairá num dia
Que não ocorre senão uma vez em mil anos;
Pois, certamente, os nossos apetites aqui,
Seja de guerra, de paz, de ódio ou de amor,
Tudo isto é governado pela visão do Alto."
— Chaucer, *O Conto do Cavaleiro*

A tragédia grega expressava o mesmo sentimento: “O que está destinado, acontecerá. A mente imensa de Júpiter não pode ser transgredida.” Os selvagens apegam-se a um deus local de uma tribo ou cidade. A ética ampla de Jesus foi rapidamente reduzida a teologias de aldeia, que pregam eleição ou favoritismo. E, de tempos em tempos, um pastor amável, como Jung Stilling ou Robert Huntington, acredita numa Providência de tostão, que, sempre que o bom homem precisa de jantar, faz com que alguém bata à porta e lhe deixe meia moeda. Mas a Natureza não é sentimentalista — não nos mima nem acarinha.

Temos de perceber que o mundo é áspero e mal-humorado, e não se importa de afogar um homem ou uma mulher — engole o teu navio como um grão de pó. O frio, indiferente às pessoas, estremece-te o sangue, entorpece-te os pés, congela um homem como uma maçã. As doenças, os elementos, a sorte, a gravidade, os relâmpagos — nada disso respeita pessoas. O caminho da Providência é algo rude. O hábito da serpente e da aranha, o salto do tigre e de outros predadores sanguinários, o estalar dos ossos da presa na espiral da anaconda — tudo isto faz parte do sistema, e os nossos hábitos não diferem muito.

Acabaste de jantar, e, por mais escrupulosamente que o matadouro tenha sido ocultado pela distância elegante de milhas, há cumplicidade — raças dispendiosas — raças que vivem à custa de outras. O planeta está sujeito a choques de cometas, perturbações de planetas, fendas provocadas por sismos e vulcões, alterações de clima, precessões dos equinócios. Rios secam com a abertura das florestas. O mar muda de leito. Cidades e condados afundam-se nele. Em Lisboa, um terramoto matou homens como moscas.

Em Nápoles, há três anos, dez mil pessoas foram esmagadas em poucos minutos. O escorbuto no mar; o sabre do clima no oeste de África, em Caiena, no Panamá, em Nova Orleães, ceifou homens como num massacre. A nossa pradaria ocidental treme com febre e malária. A cólera, a varíola, foram tão letais para certas tribos como uma geada para os grilos que, tendo enchido o verão de ruído, se silenciam com uma descida de temperatura numa única noite.

Sem desvelar o que não nos diz respeito, nem contar quantas espécies de parasitas pendem de um bicho-da-seda; nem sondar parasitas intestinais, protozoários mordedores, ou as obscuridades da geração alternada — as formas do tubarão, do labro, o maxilar do lobo-do-mar revestido de dentes esmagadores, as armas do grampo e outros guerreiros ocultos no mar — são indícios da ferocidade nos interiores da natureza. Não o neguemos. A Providência segue um caminho selvagem, áspero, incalculável até ao seu fim, e é inútil tentar branquear os seus

imensos e variados instrumentos, ou vestir esse terrível benfeitor com a camisa limpa e a gravata branca de um estudante de teologia.

Dirás tu que os desastres que ameaçam a humanidade são excecionais, e que não é necessário prepararmo-nos para cataclismos todos os dias? Sim, mas aquilo que acontece uma vez, pode acontecer de novo — e, enquanto estes golpes não puderem ser evitados por nós, devem ser temidos.

Mas estes choques e ruínas são menos destrutivos para nós do que o poder furtivo de outras leis que atuam sobre nós diariamente. Um desequilíbrio entre fins e meios é destino — a organização a tiranizar o carácter. O bestiário, ou seja, as formas e forças da coluna vertebral, é um livro do destino: o bico da ave, o crânio da serpente, determinam de forma tirânica os seus limites. Assim também com a escala das raças, dos temperamentos; assim com o sexo; assim com o clima; assim com a reação dos talentos que aprisionam o poder vital em direções específicas. Cada espírito constrói a sua casa; mas, depois, a casa confina o espírito.

As linhas mais grosseiras são legíveis até para os mais toscos: o cocheiro é um frenologista, até certo ponto: olha para o teu rosto para ver se o seu xelim está seguro. Uma cúpula na testa denota uma coisa; uma barriga proeminente, outra; um estrabismo, um nariz achatado, tufos de cabelo, o pigmento da epiderme — tudo revela carácter. As pessoas parecem revestidas na sua organização resistente. Pergunta a Spurzheim, pergunta aos médicos, pergunta a Quetelet se os temperamentos nada determinam — ou se há algo que eles não determinem? Lê as descrições nos livros médicos dos quatro temperamentos, e parecerá que estás a ler os teus próprios pensamentos, ainda não ditos.

Observa que papel desempenham, separadamente, os olhos negros e os olhos azuis numa companhia. Como pode um homem escapar dos seus antepassados, ou extrair das suas veias a gota negra herdada do pai ou da mãe? Às vezes, numa família, parece que todas as qualidades dos progenitores foram engarrafadas em frascos distintos — cada filho ou filha da casa com uma qualidade dominante — e por vezes o temperamento não misturado, o elixir puro e implacável, o vício familiar, é concentrado num único indivíduo, aliviando os restantes proporcionalmente.

Por vezes, vemos uma mudança de expressão num companheiro e dizemos: o pai ou a mãe vêm à janela dos seus olhos — ou, por vezes, um parente remoto. Em horas diferentes, um homem representa cada um de vários dos seus antepassados, como se sete ou oito de nós estivessem enrolados na pele de cada homem — pelo menos

sete ou oito ancestrais — e eles constituem a variedade de notas dessa nova peça musical que é a sua vida. Na esquina da rua, lês a possibilidade de cada transeunte no ângulo facial, no tom da pele, na profundidade do olhar. A sua ascendência determina-o. Os homens são o que as suas mães fizeram deles. Tanto faz perguntar a um tear que tece estopa porque não produz caxemira, como esperar poesia deste engenheiro, ou uma descoberta química daquele especulador.

Pergunta ao cavador da valeta para explicar as leis de Newton: os órgãos delicados do seu cérebro foram esmagados por excesso de trabalho e pobreza miserável, de pai para filho, durante cem anos. Quando cada um sai do ventre da mãe, o portão dos dons fecha-se atrás dele. Que valorize as suas mãos e pés — tem apenas um par. Do mesmo modo, tem apenas um futuro, e esse já está predeterminado nos seus lobos cerebrais e descrito naquele rosto gorducho, olho porcino e forma rechonchuda. Todos os privilégios e toda a legislação do mundo não podem interferir ou ajudar a fazer dele um poeta ou um príncipe.

Jesus disse: "Aquele que olha para ela com desejo, já cometeu adultério." Mas ele já é adúltero antes mesmo de ter olhado para a mulher, pela superabundância do animal e pela falta de pensamento na sua constituição. Quem quer que o encontre, ou que a encontre, na rua, percebe que estão ambos prontos a tornarem-se vítimas um do outro.

Em certos homens, a digestão e o sexo absorvem a força vital, e quanto mais fortes forem estas forças, tanto mais fraco é o indivíduo. Quanto mais destes zangões perecem, melhor para a colmeia. Se, mais tarde, dão origem a algum indivíduo superior, com força suficiente para acrescentar a este animal um novo fim, e um aparelho completo para o realizar, todos os antepassados são alegremente esquecidos. A maioria dos homens e das mulheres não são mais do que mais um casal.

De tempos a tempos, alguém vê abrir-se uma nova célula ou camarilha no cérebro — um talento arquitetónico, musical, filológico, algum gosto ou habilidade fortuita para flores, ou química, ou pigmentos, ou contar histórias, uma boa mão para desenhar, um bom pé para dançar, um corpo atlético para viajar longamente, etc. — talento esse que em nada altera o lugar na escala da natureza, mas serve para passar o tempo, continuando a vida sensitiva como antes. Por fim, essas pistas e tendências fixam-se num só, ou numa sucessão.

Cada um absorve tanta comida e força que se torna, ele próprio, um novo centro. O novo talento atrai tão rapidamente a força vital que mal sobra o suficiente para

as funções animais — dificilmente o suficiente para a saúde; de tal forma que, na segunda geração, se surgir génio semelhante, a saúde deteriora-se visivelmente e a força geradora enfraquece.

As pessoas nascem com inclinação moral ou material — irmãos uterinos com destinos divergentes; e suponho que, com grandes aumentos de lente, Frauenhofer ou o Dr. Carpenter talvez conseguissem distinguir, no embrião ao quarto dia, aquele que é um Whig e aquele que é um abolicionista.

Foi uma tentativa poética para levantar esta montanha do Destino, para reconciliar este despotismo da raça com a liberdade, que levou os hindus a dizer: "O destino não é senão os atos cometidos numa existência anterior." Vejo a coincidência dos extremos da especulação oriental e ocidental na ousada afirmação de Schelling: "Existe em todo o homem uma certa sensação de que foi desde toda a eternidade aquilo que é agora, e que de modo algum se tornou tal no tempo." Dito de forma menos sublime, a história do indivíduo é sempre um relato da sua condição, e ele sabe que é parte responsável do seu estado presente.

Grande parte da nossa política é fisiológica. De tempos a tempos, um homem rico no auge da juventude adota a doutrina da liberdade mais ampla. Em Inglaterra, há sempre algum homem de fortuna e de vastas conexões que se posiciona, durante todos os anos de saúde, do lado do progresso, mas que, assim que começa a morrer, recua, chama as tropas e torna-se conservador. Todos os conservadores o são por defeitos pessoais.

Foram efeminados pela posição ou pela natureza, nascidos coxos e cegos, por conta dos luxos dos pais, e só conseguem agir, como inválidos, na defensiva. Mas naturezas fortes — os pioneiros do interior, os gigantes de New Hampshire, os Napoleões, os Burkes, os Broughams, os Websters, os Kossuths — são patriotas inevitáveis, até que a vida lhes escoe, e os defeitos, a gota, a paralisia e o dinheiro os pervertam.

A ideia mais forte encarna-se nas maiorias e nas nações, nos mais saudáveis e fortes. Provavelmente, a eleição decide-se por peso corporal: se pudéssemos pesar, literalmente, a tonelagem de cem membros dos partidos Whig e Democrata numa cidade, numa balança de Dearborn, à medida que passassem pela balança de fardos, poderíamos prever com segurança qual partido venceria. Em geral, seria mais rápido decidir o voto colocando o presidente da câmara e os vereadores nas balanças.

Na ciência, temos de considerar duas coisas: força e circunstância. Tudo o que sabemos sobre o ovo, com cada nova descoberta, é mais uma vesícula; e se, ao fim de quinhentos anos, surgir um observador melhor, ou um vidro mais potente, descobrirá dentro da última vesícula observada, outra ainda. No tecido vegetal e animal é o mesmo: tudo o que a força primária ou espasmo opera são vesículas, vesículas. Sim — mas a Circunstância tirânica!

Uma vesícula em novas circunstâncias, alojada na escuridão, pensava Oken, torna-se animal; na luz, planta. Alojada no animal progenitor, sofre alterações que acabam por libertar uma capacidade milagrosa na vesícula inalterada, e ela desdobra-se em peixe, ave, quadrúpede, cabeça e pé, olho e garra. A Circunstância é a Natureza. A Natureza é aquilo que te é permitido fazer. Há muito que não podes. Temos duas coisas — a circunstância e a vida. Em tempos pensávamos que o poder positivo era tudo.

Agora aprendemos que o poder negativo, ou seja, a circunstância, é metade. A natureza é a circunstância tirânica, o crânio espesso, a serpente envolta, o maxilar pesado como rocha; atividade forçada, direção violenta; as condições de uma ferramenta, como a locomotiva — forte na via, mas que fora dela só causa estragos; ou como patins — asas no gelo, algemas em terra.

O livro da Natureza é o livro do Destino. Ela vira as páginas gigantescas — folha após folha — nunca voltando atrás. Uma folha deita-a no chão, é granito; depois milénios, e vem ardósia; mais milénios, e surge carvão; milénios mais, e uma camada de marga e lama: aparecem formas vegetais; os primeiros animais disformes, zoófitos, trilobites, peixes; depois, saurianos — formas rudes, nas quais ela apenas esboçou a sua futura estátua, ocultando sob esses monstros pesados o tipo fino do rei que há de vir. A face do planeta arrefece e seca, as raças melhoram, e nasce o homem. Mas quando uma raça cumpre o seu tempo, não retorna.

A população do mundo é uma população condicional — não a melhor, mas a melhor que podia viver agora; e a escala das tribos, e a constância com que a vitória adere a uma e a derrota a outra, é tão uniforme como a sobreposição de estratos. Sabemos, pela história, o peso que pertence à raça. Vemos os ingleses, franceses e alemães a implantarem-se em todas as costas e mercados da América e da Austrália, e a monopolizarem o comércio destes países.

Gostamos do hábito nervoso e vitorioso do nosso próprio ramo familiar. Seguimos os passos do judeu, do índio, do negro. Vemos quanto esforço de vontade tem sido despendido em vão para extinguir o judeu. Veja-se as conclusões pouco agradáveis

de Knox, no seu *Fragment of Races* — escritor precipitado e insatisfatório, mas carregado de verdades pungentes e inesquecíveis: "A Natureza respeita a raça, e não os híbridos." "Cada raça tem o seu próprio habitat." "Separe uma colónia da sua raça, e ela deteriora-se como um caranguejo." Eis os matizes do quadro. Os milhões de alemães e irlandeses, tal como os negros, têm muito guano no seu destino. São transportados pelo Atlântico e depois levados através da América, para cavar e trabalhar, para baratear o milho, e por fim deitar-se precocemente, para criar uma mancha de relva verde na pradaria.

Mais uma acha para estas amarras adamantinas: a nova ciência da Estatística. É regra que os eventos mais casuais e extraordinários — se a base populacional for suficientemente ampla — se tornem matéria de cálculo fixo. Não seria seguro prever quando um capitão como Bonaparte, uma cantora como Jenny Lind, ou um navegador como Bowditch nasceriam em Boston; mas, com uma população de vinte ou duzentos milhões, é possível uma certa precisão.

"Tudo o que pertence à espécie humana, considerada no seu todo, pertence à ordem dos factos físicos. Quanto maior o número de indivíduos, mais desaparece a influência da vontade individual, deixando predominância a uma série de factos gerais dependentes das causas pelas quais a sociedade existe e se conserva." — Quetelet.

É fútil fixar de forma pedante a data de certas invenções. Todas elas foram inventadas repetidamente, cinquenta vezes. O homem é a máquina arquetípica, de que todos estes artifícios tirados de si mesmo são modelos de brinquedo. Socorre-se, em cada emergência, copiando ou duplicando a sua própria estrutura, apenas até onde a necessidade exige. É difícil encontrar o verdadeiro Homero, Zaratustra ou Menu; mais difícil ainda, o verdadeiro Tubalcaim, ou Vulcano, ou Cadmo, ou Copérnico, ou Fust, ou Fulton — o inventor indiscutível. Há dezenas e séculos deles. "O ar está cheio de homens." Este tipo de talento é tão abundante, esta eficiência construtiva e criadora de ferramentas, como se aderisse aos próprios átomos químicos, como se o ar que respira fosse feito de Vaucansons, Franklins e Watts.

Sem dúvida, por cada milhão, haverá um astrónomo, um matemático, um poeta cómico, um místico. Ninguém pode ler a história da astronomia sem perceber que Copérnico, Newton, Laplace não são homens novos, nem uma nova espécie de homens, mas que Tales, Anaxímenes, Hiparco, Empédocles, Aristarco, Pitágoras, Enópides os anteciparam — cada um com o mesmo cérebro geométrico tenso, apto para o mesmo cálculo vigoroso e lógica, uma mente paralela ao movimento do mundo. A milha romana provavelmente assentava numa medida de grau do meridiano.

Muçulmanos e chineses sabem o que sabemos sobre o ano bissexto, o calendário gregoriano e a precessão dos equinócios. Tal como, em cada barril de búzios trazido para New Bedford, haverá um *orangia*, também haverá, entre milhões de malaios e muçulmanos, um ou dois crânios astronómicos. Numa grande cidade, as coisas mais casuais — e aquelas cuja beleza reside na sua casualidade — produzem-se com tanta pontualidade como o bolo do padeiro ao pequeno-almoço. *Punch* faz exatamente uma boa piada por semana; e os jornais conseguem publicar uma boa notícia por dia.

E não trabalham menos as leis de repressão, as penalidades das funções violadas. A fome, o tifo, o frio, a guerra, o suicídio e as raças esgotadas devem ser considerados como partes calculáveis do sistema do mundo.

São calhaus da montanha, indícios dos termos pelos quais a nossa vida é murada, e que revelam uma espécie de exatidão mecânica, como a de um tear ou moinho, nos eventos que chamamos casuais ou fortuitos.

A força com que resistimos a estas torrentes de tendência parece tão ridiculamente inadequada, que não equivale a mais do que uma crítica ou protesto feito por uma minoria de um só, sob a compulsão de milhões. Parecia-me, no auge da tempestade, ver homens lançados borda fora, a lutar nas ondas, arrastados de um lado para o outro. Trocaram olhares inteligentes, mas pouco podiam fazer uns pelos outros; era muito, se cada um conseguisse manter-se à tona sozinho. Pois bem, tinham direito ao brilho do olhar — e todo o resto era Destino.

Não podemos brincar com esta realidade, esta emergência, nos nossos jardins cultivados, do núcleo do mundo. Nenhuma imagem de vida pode ser verdadeira se não admitir os factos odiosos. O poder de um homem é contido por uma necessidade que, através de muitas experiências, ele toca de todos os lados até aprender o seu arco.

O elemento que percorre toda a natureza, e que popularmente chamamos de Destino, é-nos conhecido como limitação. Tudo o que nos limita, chamamos Destino. Se somos brutos e bárbaros, o destino assume forma bruta e terrível. À medida que nos refinamos, os nossos limites tornam-se mais subtis. Se ascendemos à cultura espiritual, o antagonismo assume forma espiritual. Nas fábulas hindus, Vishnu segue Maya por todas as suas transformações ascendentes, de inseto e lagostim até elefante; qualquer que fosse a forma dela, ele tomava a forma masculina correspondente, até que ela se tornou mulher e deusa, e ele, homem e

deus. As limitações refinam-se à medida que a alma se purifica, mas o anel da necessidade está sempre pousado no cimo.

Quando os deuses do céu nórdico foram incapazes de prender o lobo Fenrir com aço ou com o peso das montanhas — pois um ele quebrou e o outro rejeitou com o calcanhar — colocaram-lhe ao pé uma cinta mole, mais suave que seda ou teia de aranha, e essa o conteve: quanto mais ele a repudiava, mais firme ela ficava. Tão suave e tão firme é o anel do Destino.

Nem aguardente, nem néctar, nem éter sulfúrico, nem o fogo do inferno, nem o ícor, nem a poesia, nem o génio o podem eliminar. Pois se lhe dermos o alto sentido que os poetas lhe conferem, até o pensamento está abaixo do Destino: também ele deve agir segundo leis eternas, e tudo o que nele é voluntarioso e fantasioso está em oposição à sua essência fundamental.

E, por fim, no ponto mais alto do pensamento, no mundo da moral, o Destino aparece como vingador, nivelando os altos, elevando os baixos, exigindo justiça no homem e sempre atuando, cedo ou tarde, quando a justiça não é feita. O que é útil durará; o que é prejudicial afundar-se-á. "O que faz, sofre", diziam os Gregos; "não se apazigua uma divindade que não pode ser apaziguada." "Nem Deus pode fazer o bem para os ímpios," dizia o triádico galês. "Deus pode consentir, mas só por um tempo," dizia o bardo de Espanha.

A limitação é intransponível por qualquer discernimento humano. Nos seus últimos e mais elevados patamares, até a intuição e a liberdade da vontade são membros obedientes. Mas não devemos cair em generalizações demasiado amplas, e sim mostrar os limites naturais ou distinções essenciais, procurando fazer justiça aos outros elementos também.

Assim, rastreamos o Destino na matéria, no espírito e na moral — na raça, nos retardamentos dos estratos e no pensamento e carácter igualmente. Está em todo o lado como limite ou contenção. Mas o Destino tem um senhor; a limitação tem os seus limites; é diferente vista de cima e de baixo; de dentro e de fora. Pois, embora o Destino seja imenso, também o é o Poder, que é o outro facto no mundo dual — imenso. Se o Destino acompanha e limita o Poder, o Poder acompanha e antagoniza o Destino.

Devemos respeitar o Destino como história natural, mas há mais do que história natural. Pois quem e o que é esta crítica que investiga a questão? O homem não é simples ordem da natureza, saco sobre saco, ventre e membros, elo de uma corrente, nem fardo ignóbil, mas um antagonismo estupendo, uma atração conjunta

dos polos do Universo. Ele revela a sua ligação com o que está abaixo dele — crânio espesso, cérebro pequeno, traços piscícolas, quadrumanos — quadrúpede mal disfarçado, mal escapado ao bípede, e pagou pelos novos poderes com a perda de alguns dos antigos. Mas o raio que explode e forma planetas, criador de planetas e sóis, está nele. De um lado, a ordem elementar — arenito e granito, escarpas rochosas, pântanos, florestas, mar e costa; do outro lado, o pensamento — o espírito que compõe e decompõe a natureza — aqui estão, lado a lado, deus e diabo, mente e matéria, rei e conspirador, cinto e espasmo, a cavalgar pacificamente juntos no olho e cérebro de cada homem.

Nem pode ele fechar os olhos à livre vontade. Arriscando a contradição — a liberdade é necessária. Se quiseres posicionar-te do lado do Destino e disseres "o Destino é tudo", então dizemos: uma parte do Destino é a liberdade do homem. Brota eternamente da alma o impulso de escolher e agir. O intelecto anula o Destino. Na medida em que um homem pensa, ele é livre. E embora nada seja mais repugnante do que o alarido sobre a liberdade por parte dos escravos — como a maioria dos homens são — e a confusão leviana entre liberdade e um preâmbulo em papel como a "Declaração de Independência", ou o direito legal de votar, por parte dos que nunca ousaram pensar ou agir — ainda assim, é salutar para o homem olhar não para o Destino, mas para o outro lado: a visão prática é a contrária.

A sua relação sã com estes factos é usá-los e comandá-los, não curvar-se a eles. "Não olhes para a natureza, pois o seu nome é fatal," dizia o oráculo. O excesso de contemplação desses limites induz à pequenez. Aqueles que muito falam de destino, da estrela sob a qual nasceram, etc., encontram-se num plano inferior e perigoso, e atraem os males que temem.

Citei as raças instintivas e heroicas como crentes orgulhosas no Destino. Conspiram com ele; há uma resignação amorosa perante o acontecimento. Mas o dogma produz impressão diferente quando é abraçado pelos fracos e preguiçosos. São os fracos e os viciosos que lançam a culpa sobre o Destino. O uso correto do Destino é elevar a nossa conduta à altura da natureza. Rudes e invencíveis, exceto por si próprios, são os elementos. Assim seja o homem.

Que esvazie o peito das suas vaidades e demonstre o seu senhorio pelos modos e pelos feitos à escala da natureza. Que mantenha o seu propósito como com o puxão da gravidade. Nenhum poder, persuasão ou suborno deverá fazê-lo desistir do seu ponto. Um homem deve comparar-se vantajosamente com um rio, um carvalho ou uma montanha. Não deve ter menos fluidez, expansão e resistência do que estes.

É o melhor uso do Destino ensinar uma coragem fatal. Enfrenta o fogo no mar, ou a cólera na casa do amigo, ou o ladrão na tua própria, ou qualquer perigo no caminho do dever, sabendo que estás guardado pelos querubins do Destino. Se acreditas no Destino para teu mal, acredita nele, pelo menos, para o teu bem.

Pois, se o Destino é tão prevalecente, o homem também faz parte dele, e pode confrontar destino com destino. Se o Universo tem estes acidentes selvagens, os nossos átomos são igualmente selvagens na resistência. Seríamos esmagados pela atmosfera, não fosse a reação do ar no interior do corpo. Um tubo feito de uma película de vidro pode resistir ao choque do oceano, se estiver cheio da mesma água. Se há omnipotência no golpe, há omnipotência na reação.

1. Mas destino contra destino é apenas parry e defesa: existem também as nobres forças criadoras. A revelação do Pensamento liberta o homem da servidão para a liberdade. É justo dizermos de nós próprios: nascemos, e depois renascemos — muitas vezes. Temos experiências sucessivas tão importantes que as novas fazem esquecer as antigas, e daí a mitologia dos sete ou nove céus. O dia dos dias, o grande dia da festa da vida, é aquele em que o olho interior se abre para a Unidade nas coisas, para a omnipresença da lei — vê que o que é, deve ser, e merece ser, ou é o melhor.
2. Esta bem-aventurança desce sobre nós desde o alto — e vemos. Não está tanto em nós, como nós estamos nela. Se o ar entra nos pulmões, respiramos e vivemos; se não, morremos. Se a luz entra nos olhos, vemos; caso contrário, não. E se a verdade vem à mente, expandimo-nos de imediato às suas dimensões, como se crescêssemos até mundos. Somos como legisladores; falamos pela Natureza; profetizamos e adivinhamos.

Esta visão lança-nos no partido e no interesse do Universo, contra todos e cada um — contra nós mesmos, tanto quanto contra os outros. Um homem que fala a partir da intuição afirma de si próprio o que é verdadeiro do espírito: ao ver a sua imortalidade, diz, "sou imortal"; ao ver a sua invencibilidade, diz, "sou forte." Não está em nós, mas nós estamos nele. É do criador, não do criado. Tudo é tocado e transformado por ele. Ele usa — não é usado. Distancia aqueles que o partilham dos que não o partilham.

Aqueles que não o partilham são rebanhos e manadas. Data de si mesmo — não de homens antigos ou melhores, evangelhos, constituições, universidades ou costumes. Onde ele brilha, a Natureza já não é intrusiva, mas todas as coisas produzem impressão musical ou pictórica. O mundo dos homens surge como uma comédia sem

riso — populações, interesses, governo, história — tudo são figuras de brinquedo numa casa de brincar. Não se sobrevaloriza uma verdade particular. Ouvimos com avidez cada pensamento e palavra citada de um homem intelectual. Mas, na sua presença, a nossa própria mente é estimulada à atividade, e esquecemos rapidamente o que ele disse, mais interessados no novo jogo do nosso próprio pensamento do que em qualquer ideia dele.

É a majestade em que subitamente ascendemos, a impessoalidade, o desprezo pelos egotismos, a esfera das leis, que nos prende. Outrora, dávamos passos ligeiros em direções várias; agora, somos como homens num balão — e já não pensamos tanto no ponto de partida ou de chegada, mas na liberdade e glória do caminho.

Tanto intelecto quanto adicionas, tanto poder orgânico acrescentas. Aquele que vê através do desígnio, preside sobre ele, e deve querer aquilo que deve ser. Sentamo-nos e governamos, e, mesmo dormindo, o nosso sonho realizar-se-á. O nosso pensamento, ainda que tenha apenas uma hora de vida, afirma uma necessidade antiga, inseparável do pensamento, e inseparável da vontade. Devem sempre ter coexistido. Revela-nos a sua soberania e divindade, que recusam ser separadas dele. Não é meu nem teu, mas a vontade de toda a mente. É derramado nas almas de todos os homens, como a alma que os constitui homens.

Não sei se existe, como se alega, na região superior da nossa atmosfera, uma corrente permanente de oeste, que leva consigo todos os átomos que sobem a essa altura; mas vejo que, quando as almas alcançam certa clareza de perceção, aceitam um conhecimento e um motivo acima do egoísmo. Um sopro de vontade sopra eternamente no universo das almas, na direção do Justo e do Necessário. É o ar que todos os intelectos inalam e exalam, e é o vento que organiza os mundos em ordem e órbita.

O pensamento dissolve o universo material, ao elevar a mente a uma esfera onde tudo é plástico. De dois homens, ambos obedecendo ao seu próprio pensamento, o que tiver pensamento mais profundo será o de carácter mais forte. Sempre há um homem que, mais do que outro, representa a vontade da Providência Divina no seu tempo.

2. Se o pensamento liberta, também o faz o sentimento moral. As misturas da química espiritual recusam-se a ser analisadas. E, no entanto, vemos que, com a perceção da verdade, surge o desejo de que ela prevaleça. Esse afeto é essencial à vontade. Além disso, quando uma vontade forte

surge, resulta geralmente de certa unidade de organização, como se toda a energia do corpo e da mente fluísse numa única direção. Toda grande força é real e elementar. Não se fabrica uma vontade forte. Tem de haver um peso para equilibrar outro. Onde há poder na vontade, este deve assentar na força universal. Alarico e Bonaparte tinham de acreditar que assentavam numa verdade, ou a sua vontade podia ser comprada ou dobrada. Há sempre um suborno possível para qualquer vontade finita. Mas a pura simpatia com fins universais é uma força infinita, e não pode ser subornada nem desviada.

Quem já experimentou o sentimento moral não pode senão acreditar num poder ilimitado. Cada pulsar desse coração é um juramento do Altíssimo. Não sei o que significa a palavra "sublime", se não for estas insinuações, neste infante, de uma força terrível. Um verso de heroísmo, um nome e uma anedota de coragem, não são argumentos, mas surtos de liberdade. Um deles é o verso do persa Hafez: *"Está escrito à porta do Céu: Ai daquele que se deixa trair pelo Destino!"* A leitura da história torna-nos fatalistas? Que coragem não revela a opinião contrária! Um pequeno capricho de vontade de ser livre, a lutar corajosamente contra o universo da química.

Mas a intuição não é vontade, nem o afeto é vontade. A perceção é fria, e a bondade morre nos desejos; como disse Voltaire, "uma das maiores desgraças dos homens honrados é que são cobardes." Deve haver uma fusão entre ambos para gerar a energia da vontade. Não há força propulsora senão pela conversão do homem na sua vontade — tornando-se ele a vontade, e a vontade nele. E pode-se afirmar com ousadia que nenhum homem tem perceção verdadeira de qualquer verdade, se não tiver sido por ela transformado, a ponto de estar disposto a ser seu mártir.

A única coisa séria e formidável na natureza é a vontade. A sociedade é servil por falta de vontade, e por isso o mundo precisa de salvadores e religiões. Um caminho é o correto a seguir: o herói vê-o e avança com esse objetivo, e tem o mundo sob os pés como raiz e apoio. Para os outros, ele é como o mundo. A sua aprovação é honra; a sua discordância, infâmia. O olhar dos seus olhos tem a força dos raios solares. Uma influência pessoal ergue-se na memória — digna — e esquecemos de bom grado números, dinheiro, clima, gravidade e o resto do Destino.

Podemos permitir a limitação, se soubermos que é a medida do crescimento do homem. Opondo-nos ao Destino, como as crianças se erguem contra a parede da casa do pai, marcando a sua altura ano após ano. Mas quando o rapaz cresce e se

torna homem, e é senhor da casa, derruba essa parede e constrói uma nova e maior. É apenas uma questão de tempo. Todo jovem corajoso está em treino para cavalgar e dominar este dragão. A sua ciência consiste em fazer dessas paixões e forças de travagem, armas e asas.

Agora, vendo estas duas coisas — destino e poder — será permitido acreditar na unidade? A maioria da humanidade acredita em dois deuses. Estão sob um domínio aqui em casa — como amigo e pai — nas relações sociais, nas letras, na arte, no amor, na religião; mas, na mecânica, ao lidar com o vapor e o clima, no comércio, na política, julgam estar sob outro domínio; e que seria um erro prático transferir o método de um domínio para o outro. Que homens bons, honestos e generosos em casa, são lobos e raposas na bolsa! Que homens piedosos na sala de estar votam em devassos nas urnas! Até certo ponto, acreditam que são cuidados por uma Providência. Mas, num barco a vapor, numa epidemia, numa guerra, creem que uma energia maligna governa.

Mas relação e conexão não existem apenas em certos lugares ou momentos, mas em todo lado e sempre. A ordem divina não termina onde termina a sua visão. A força amiga opera pelas mesmas regras na quinta ao lado, e no planeta vizinho. Mas, onde não têm experiência, colidem com ela — e magoam-se. O Destino, então, é um nome para factos que ainda não passaram pelo fogo do pensamento — causas ainda não penetradas.

Mas cada jato de caos que ameaça exterminar-nos pode ser convertido pelo intelecto em força benéfica. O Destino são causas não compreendidas. A água afoga o navio e o marinheiro como se fossem pó. Mas aprende a nadar, adapta o teu barco, e a onda que o afundou será por ele cortada, e fá-lo-á planar, como espuma sua — uma pluma e um poder. O frio é indiferente às pessoas, estremece o teu sangue, congela-te como orvalho. Mas aprende a patinar, e o gelo dará um movimento gracioso, doce e poético.

O frio reforçará os teus membros e cérebro para o génio, e fará de ti um homem destacado no seu tempo. O frio e o mar treinarão uma raça saxónica imperial, que a natureza não suporta perder, e, após a ter contido mil anos naquela Inglaterra, concede-lhe cem Inglaterras, cem Méxicos. Todos os sangues ela absorverá e dominará: e mais do que Méxicos — os segredos da água e do vapor, os espasmos da eletricidade, a ductilidade dos metais, o carro do ar, o balão com leme — esperam por ti.

A matança anual por tifo excede muito a da guerra; mas um bom sistema de esgotos destrói o tifo. A praga no serviço naval causada pelo escorbuto cura-se com sumo de limão e outras dietas portáteis ou acessíveis. A despovoação provocada pela cólera e pela varíola termina com esgotos e vacinação; e todas as outras pragas também fazem parte da cadeia de causa e efeito, e podem ser combatidas. E, enquanto a arte extrai o veneno, geralmente arranca algum benefício ao inimigo vencido.

A torrente destruidora é ensinada a trabalhar para o homem; os animais selvagens tornam-se úteis como alimento, vestuário ou trabalho; as explosões químicas são controladas como o seu relógio. Estes são agora os cavalos que ele monta. O homem move-se por todos os modos — pernas de cavalos, asas do vento, vapor, gás de balão, eletricidade — e põe-se em bicos de pés, ameaçando caçar a águia no seu próprio elemento. Nada há que ele não transforme no seu carregador.

O vapor era, até há pouco tempo, o diabo que temíamos. Cada panela feita por qualquer oleiro humano tinha um buraco na tampa, para deixar sair o inimigo, não fosse ele levantar a panela e o telhado, e levar a casa toda. Mas o Marquês de Worcester, Watt e Fulton pensaram: onde há poder, não há diabo, há Deus; que esse poder devia ser aproveitado, e de modo algum desperdiçado. Se ele podia levantar panelas, telhados e casas com tanta facilidade — era o operário que procuravam. Podia ser usado para levantar, prender e subjugar outros demónios ainda mais relutantes e perigosos, como quilómetros cúbicos de terra, montanhas, resistência da água, maquinaria, e os trabalhos de todos os homens do mundo; e o tempo ele prolongaria, e o espaço encurtaria.

Não foi muito diferente com tipos superiores de "vapor". A opinião das massas era o terror do mundo, e tentou-se ou dissipá-la, divertindo as nações, ou empilhá-la sob estratos da sociedade — uma camada de soldados; sobre essa, uma camada de lordes; e um rei no topo; com grampos e cintas de castelos, guarnições e polícia. Mas, às vezes, o princípio religioso introduzia-se e fazia rebentar os aros, rachando cada montanha sobreposta. Os Fultons e Watts da política, acreditando na unidade, perceberam que era uma força, e que, ao satisfazê-la (como a justiça a todos satisfaz), por meio de uma disposição diferente da sociedade — agrupando-a ao nível, em vez de a empilhar como uma montanha — conseguiram transformar esse terror na forma mais inofensiva e enérgica de um Estado.

Muito odiosas, confesso, são as lições do Destino. Quem gosta de ver um frenologista vaidoso a pronunciar-se sobre o seu futuro? Quem aprecia acreditar que traz escondidos no crânio, na espinha e na pélvis todos os vícios da raça

saxónica ou celta, que inevitavelmente o arrastarão — por maior que seja a sua esperança e resolução — a tornar-se um animal egoísta, mercenário, servil, e manhoso? Um médico erudito assegura-nos que, no caso do napolitano, é invariável o facto de, ao atingir a maturidade, assumir os traços do patife inconfundível. Está um pouco exagerado — mas pode aceitar-se.

Mas tudo isso são revistas e arsenais. O homem deve agradecer os seus defeitos, e sentir algum receio dos seus talentos. Um talento transcendente consome tanto das suas forças que o aleija; um defeito, por outro lado, paga-lhe rendimentos. A resistência, que é o distintivo do judeu, fez dele, nos nossos dias, o governante dos governantes da Terra. Se o Destino é minério e pedreira, se o mal é o bem em formação, se a limitação é o poder em potência, se as calamidades, oposições e pesos são asas e meios — então estamos reconciliados.

O Destino implica melhoria. Nenhuma formulação do Universo pode ser válida se não admitir esse esforço ascendente. A direção do todo, e das partes, é para o benefício, e em proporção com a saúde. Atrás de cada indivíduo fecha-se a organização; diante dele abre-se a liberdade — o Melhor, o Ótimo. As primeiras e piores raças já morreram. As segundas, imperfeitas, estão a desaparecer ou permanecem para maturação de outras superiores. Na raça mais recente — o homem — cada generosidade, cada nova perceção, o amor e o louvor que arranca aos seus semelhantes, são atestados de progresso — da saída do destino em direção à liberdade.

A libertação da vontade dos envoltórios e grilhões da organização, que ela já superou, é o fim e objetivo deste mundo. Cada calamidade é um estímulo e um indício valioso; e onde os seus esforços ainda não têm pleno êxito, marcam tendência. Todo o ciclo da vida animal — dente contra dente, guerra devoradora, guerra por alimento, ganido de dor e grunhido de triunfo, até que, por fim, todo o bestiário, toda a massa química, seja amaciada e refinada para uso superior — agrada, quando visto de distância suficiente.

Mas para ver como o destino desliza para a liberdade, e a liberdade para o destino, observa-se até onde correm as raízes de cada criatura, ou tenta-se encontrar um ponto onde não haja fio de ligação. A nossa vida é consentânea e amplamente relacionada. Este nó da natureza está tão bem atado que ninguém foi astuto o suficiente para encontrar as duas pontas. A natureza é intrincada, sobreposta, entrelaçada, interminável. Christopher Wren disse da belíssima capela do King's College: "se alguém me dissesse onde colocar a primeira pedra, eu

construiria outra igual." Mas onde encontraremos o primeiro átomo nesta casa do homem, que é toda consentimento, inosculação e equilíbrio de partes?

A teia da relação revela-se no habitat, revela-se na hibernação. Quando esta foi observada, percebeu-se que, enquanto alguns animais se tornavam inativos no inverno, outros o faziam no verão: a hibernação era, pois, um nome errado. O sono longo não é efeito do frio, mas regulado pela oferta de alimento adequado à espécie. O animal entra em torpor quando o fruto ou presa de que vive não está disponível, e recupera a atividade quando o seu alimento reaparece.

Os olhos surgem na luz; os ouvidos no ar audível; os pés em terra; as barbatanas na água; as asas no ar; e cada criatura está onde deveria estar, com uma adequação mútua. Cada zona tem a sua fauna. Há um ajuste entre o animal e o seu alimento, o seu parasita, o seu inimigo. Os equilíbrios mantêm-se. Não se permite que uma espécie diminua em número, nem que exceda. Ajustes semelhantes existem para o homem. A sua comida está cozinhada quando ele chega; o carvão na mina; a casa ventilada; a lama do dilúvio seca; os seus companheiros chegam à mesma hora e aguardam-no com amor, música, riso e lágrimas.

Estes são ajustes grosseiros, mas os invisíveis não são menos. Há mais pertenças para cada criatura do que o ar e a comida. Os seus instintos precisam de ser atendidos, e ele tem um poder predisponente que curva e molda o que está próximo ao seu uso. Ele não é possível até que as coisas invisíveis estejam também certas, como as visíveis. De que mudanças, então, no céu e na terra — e em céus e terras mais subtis — nos avisa a aparição de um Dante ou de um Colombo?

Como é isto feito? A natureza não é perdulária, mas toma o caminho mais curto para os seus fins. Tal como o general diz aos soldados: "se querem um forte, construam-no", também a natureza faz cada criatura realizar o seu trabalho e obter o seu sustento — seja planeta, animal ou árvore. O planeta faz-se a si mesmo. A célula animal forma-se; depois, forma o que necessita. Cada criatura — carriça ou dragão — fará o seu próprio abrigo.

Assim que há vida, há orientação pessoal, absorção e uso de material. A vida é liberdade — e é tanto mais vida quanto mais liberdade contém. É certo que o homem recém-nascido não é inerte. A vida opera voluntária e sobrenaturalmente na sua vizinhança. Julgas que ele pode ser medido pelo peso em quilos, ou que está contido na sua pele — esse ser que se projeta, irradia, ejacula? A mais pequena vela preenche uma milha com os seus raios, e as papilas de um homem estendem-se até cada estrela.

Quando há algo a ser feito, o mundo sabe como o fazer. O olho vegetal cria folha, pericarpo, raiz, casca ou espinho, conforme a necessidade; a primeira célula transforma-se em estômago, boca, nariz ou unha, conforme o que falta: o mundo lança a sua vida num herói ou num pastor, e coloca-o onde é necessário. Dante e Colombo foram italianos no seu tempo: hoje seriam russos ou americanos. As coisas amadurecem, novos homens chegam. A adaptação não é caprichosa. O fim ulterior, o propósito além de si, a correlação que faz com que planetas se formem e cristalizem, depois animem bestas e homens — não pára, mas opera até aos mais finos pormenores, e daí para os mais finíssimos.

O segredo do mundo é o laço entre pessoa e acontecimento. A pessoa faz o acontecimento, e o acontecimento faz a pessoa. Os "tempos", a "época" — o que são, senão alguns indivíduos profundos e alguns ativos que condensam esses tempos? — Goethe, Hegel, Metternich, Adams, Calhoun, Guizot, Peel, Cobden, Kossuth, Rothschild, Astor, Brunel, e outros. Deve presumir-se a mesma adequação entre o homem e o tempo e acontecimento, como entre os sexos, ou entre uma espécie e o alimento que consome, ou as espécies inferiores que utiliza.

Ele pensa que o seu destino é alheio, porque a ligação está oculta. Mas a alma contém o acontecimento que lhe há de suceder, pois o acontecimento é apenas a atualização dos seus pensamentos; e tudo aquilo que desejamos intimamente é sempre concedido. O acontecimento é a impressão da tua forma. Ajusta-se a ti como a tua pele. O que cada um faz é próprio dele. Os acontecimentos são filhos do seu corpo e mente. Aprendemos que a alma do Destino é a nossa própria alma, como canta Hafez:

"Ai de mim! até agora não sabia,
Que o meu guia e o da sorte são o mesmo."

Todos os brinquedos que encantam os homens, e pelos quais se jogam — casas, terras, dinheiro, luxo, poder, fama — são a mesma coisa, com uma ou duas camadas novas de ilusão. E de todos os tambores e chocalhos pelos quais os homens se deixam partir a cabeça, e são solenemente levados todos os dias em desfile — o mais admirável é este pelo qual somos levados a acreditar que os acontecimentos são arbitrários e independentes das ações. No espetáculo do ilusionista, detetamos o cabelo pelo qual ele move a marioneta, mas não temos olhos suficientemente apurados para discernir o fio que liga causa e efeito.

A natureza adapta magicamente o homem ao seu destino, tornando este o fruto do seu carácter. Os patos vão para a água, as águias para o céu, os pernaltas para a

margem do mar, os caçadores para a floresta, os escriturários para os gabinetes, os soldados para a fronteira. Assim, os acontecimentos crescem no mesmo caule que as pessoas — são pessoas inferiores. O prazer da vida é conforme o homem que a vive, e não conforme o trabalho ou o lugar. A vida é um êxtase. Sabemos a loucura que acompanha o amor — o poder de pintar um objeto vil com cores do céu. Tal como os insanos são indiferentes ao vestuário, à alimentação e a outras comodidades, e, tal como nos sonhos, executamos atos absurdos com serenidade — assim também, uma gota a mais de vinho no cálice da vida reconcilia-nos com companhia e trabalho estranhos.

Cada criatura projeta de si mesma a sua própria condição e esfera, como o caracol que segrega a sua casa viscosa sobre a folha da pereira, e os pulgões lanosos sobre a maçã suam o seu leito, e o peixe o seu invólucro. Na juventude, vestimo-nos de arco-íris, e marchamos corajosos como o zodíaco. Na velhice, expelimos outro tipo de suor — gota, febre, reumatismo, capricho, dúvida, irritação e avareza.

O destino de um homem é o fruto do seu carácter. Os seus amigos são os seus magnetismos. Vamos a Heródoto e Plutarco em busca de exemplos de Destino; mas nós próprios somos exemplos. "*Quisque suos patimur manes.*" A tendência de cada homem para realizar tudo quanto há na sua constituição é expressa na antiga crença de que os esforços que fazemos para escapar ao destino apenas servem para conduzir-nos a ele. E tenho notado: um homem prefere ser elogiado pela sua posição — como prova da excelência última — do que pelos seus méritos.

Um homem verá o seu carácter manifestar-se nos acontecimentos que parecem encontrá-lo por acaso, mas que, na verdade, emanam dele e o acompanham. Os acontecimentos expandem-se com o carácter. Tal como em tempos se encontrava rodeado de brinquedos, agora desempenha um papel em sistemas colossais, e o seu crescimento revela-se na sua ambição, nos seus companheiros e no seu desempenho. Pode parecer uma peça de sorte, mas é uma peça de causalidade — o mosaico, angulado e polido para se encaixar exatamente na lacuna que preenche.

Por isso, em cada cidade existe um homem que, na sua mente e na sua ação, representa uma explicação da lavoura, produção, fábricas, bancos, igrejas, modos de vida e sociedade dessa cidade. Se não o encontrares, tudo o que vês deixará um certo enigma; se o vires, tudo se tornará claro. Sabemos em Massachusetts quem construiu New Bedford, quem construiu Lynn, Lowell, Lawrence, Clinton, Fitchburg, Holyoke, Portland, e muitos outros mercados ruidosos. Cada um destes homens, se

fossem transparentes, pareceriam não tanto homens, mas cidades ambulantes, e, onde quer que os colocasses, construiriam uma.

A história é a ação e reação destes dois — Natureza e Pensamento — dois rapazes a empurrarem-se no lancil do passeio. Tudo é força que empurra ou é empurrada: e matéria e mente encontram-se em perpétua oscilação e equilíbrio, assim. Enquanto o homem é fraco, a terra absorve-o. Ele planta o seu cérebro e afetos. Mais tarde, será ele a tomar posse da terra, com os seus jardins e vinhas ordenados e produtivos segundo o seu pensamento. Cada sólido no universo está pronto a tornar-se fluido com a aproximação da mente, e o poder de o fundir é a medida da mente.

Se a parede permanece adamantina, acusa a falta de pensamento. Para uma força mais subtil, ela fluirá em novas formas, expressivas do carácter da mente. Que é a cidade onde nos sentamos senão um agregado de materiais incongruentes, que obedeceram à vontade de um homem? O granito era relutante, mas as suas mãos foram mais fortes, e ele veio. O ferro estava profundamente enterrado e bem unido à pedra; mas não conseguiu esconder-se do seu fogo. Madeira, cal, tecidos, frutos, gomas, estavam dispersos pela terra e pelo mar, em vão. Aqui estão, ao alcance do esforço diário de cada homem — tudo o que dele precisa.

O mundo inteiro é o fluxo da matéria sobre os fios do pensamento, até aos polos ou pontos onde se deseja construir. As raças humanas emergem do solo já possuídas por um pensamento que as governa, divididas em partidos prontos a lutar, já armados e furiosos, por essa abstração metafísica. A qualidade do pensamento distingue o egípcio do romano, o austríaco do americano. Os homens que entram em cena numa determinada época estão todos ligados entre si. Certas ideias estão no ar. Todos somos impressionáveis, pois somos feitos delas; todos impressionáveis, mas alguns mais que outros, e são estes os primeiros a expressá-las. Isto explica a curiosa simultaneidade de invenções e descobertas.

A verdade está no ar, e o cérebro mais sensível anunciá-la-á primeiro, mas todos a anunciarão alguns minutos depois. Assim também as mulheres, sendo geralmente mais suscetíveis, são o melhor índice da hora que se aproxima. Assim o grande homem, isto é, aquele mais imbuído do espírito do tempo, é o homem impressionável — de fibra irritável e delicada, como o iodo à luz. Ele sente as atrações mais ínfimas. A sua mente é mais afinada do que as outras, porque cede a uma corrente tão fraca que só pode ser sentida por uma agulha delicadamente equilibrada.

A correlação revela-se nas imperfeições. Moller, no seu Ensaio sobre Arquitetura, ensinou que o edifício que corresponde com precisão à sua finalidade acabar-se-á por revelar belo, mesmo que a beleza não tenha sido intencionada. Encontro semelhante unidade nas estruturas humanas, de forma mais virulenta e omnipresente; que uma crueza no sangue se mostrará no argumento; uma corcunda no ombro aparecerá no discurso e na obra manual. Se a mente dele pudesse ser vista, a corcunda seria visível. Se um homem tem uma voz oscilante, ela transparecerá nas suas frases, no seu poema, na estrutura da sua fábula, na sua especulação, na sua caridade. E, como cada homem é perseguido pelo seu próprio demónio, afligido pela sua própria doença, isto compromete toda a sua atividade.

Assim, cada homem, como cada planta, tem os seus parasitas. Uma natureza forte, adstringente, biliosa, tem inimigos mais truculentos que as lesmas e traças que corroem as minhas folhas. Um tal indivíduo é atacado por curculídeos, perfuradores, vermes de navalha: primeiro foi devorado por um burlão, depois por um cliente, depois por um charlatão, depois por cavalheiros suaves e plausíveis, amargos e egoístas como Moloch.

Esta correlação, sendo real, pode ser adivinhada. Se os fios estiverem presentes, o pensamento pode segui-los e revelá-los. Especialmente quando a alma é rápida e dócil; como canta Chaucer:

"Ou se a alma de natureza pura
For tão perfeita como se procura,
Que saiba o que está para vir,
E possa a todos advertir
De cada uma das suas aventuras,
Por premonições ou figuras;
Mas que a nossa carne não tem poder
Para o compreender como deve ser,
Pois é advertida demasiado vagamente."

Algumas pessoas são feitas de rima, coincidência, presságio, periodicidade e previsão: encontram a pessoa que procuram; o que o companheiro se prepara para lhes dizer, são elas que o dizem primeiro; e uma centena de sinais as advertem do que está para acontecer.

Maravilhosa é a complexidade da teia, maravilhosa a constância do desenho que esta vida errante admite. Admiramo-nos de como a mosca encontra o seu par, e ainda assim, ano após ano, encontramos dois homens, duas mulheres, sem laço legal

ou carnal, que passam uma grande parte do seu melhor tempo a poucos passos um do outro. E a moral é: o que procuramos, encontraremos; o que fugimos, foge de nós; como disse Goethe, "o que desejamos na juventude, vem em montes na velhice", muitas vezes como maldição pelo cumprimento da prece: e daí a grande cautela — uma vez que temos garantido que obteremos o que desejamos, tenhamos o cuidado de pedir apenas coisas elevadas.

Existe uma chave, uma solução para os mistérios da condição humana, uma solução para os velhos nós do destino, da liberdade e da presciência: a proposição da dupla consciência. Um homem deve cavalgar alternadamente os cavalos da sua natureza privada e da sua natureza pública, como os acrobatas no circo saltam agilmente de um cavalo para outro, ou colocam um pé nas costas de um e outro pé no outro. Assim, quando um homem é vítima do seu destino, sofre de ciática nos rins e de cãibras na mente; tem um pé torto e um raciocínio emperrado; um rosto azedo e um temperamento egoísta; um andar afetado e uma vaidade nas afeições; ou é esmagado até ao pó pelos vícios da sua raça; deve então apoiar-se na sua relação com o Universo, a qual o seu próprio sofrimento beneficia. Deixando o demónio que sofre, deve tomar o partido da Divindade que assegura o benefício universal através da sua dor.

Para compensar a força descendente do temperamento e da raça, aprende esta lição: pela astuta copresença de dois elementos, que existe por toda a natureza, tudo o que te tolhe ou paralisa traz consigo a divindade, de alguma forma, para recompensar. Uma boa intenção reveste-se de um poder súbito. Quando um deus deseja cavalgar, qualquer lasca ou seixo brota e cria pés alados, e serve-lhe de cavalo.

Construamos altares à Bem-Aventurada Unidade, que mantém a natureza e as almas em perfeita solução, e obriga cada átomo a servir a um fim universal. Não me admiro de um floco de neve, de uma concha, de uma paisagem de verão, ou do esplendor das estrelas; mas da necessidade de beleza sob a qual repousa o universo; de que tudo é e deve ser pictórico; de que o arco-íris, a curva do horizonte e a abóbada azul são apenas resultados do organismo do olho. Não é preciso que amadores tolos me chamem para admirar um jardim florido, uma nuvem dourada pelo sol, ou uma cascata, quando não consigo olhar sem ver esplendor e graça. Que inútil é escolher um brilho aqui ou ali, quando a necessidade interior planta a rosa da beleza na testa do caos, e revela a intenção central da Natureza como sendo harmonia e alegria.

Construamos altares à Bela Necessidade. Se pensássemos que os homens eram livres no sentido de que, por uma única exceção, uma vontade caprichosa poderia prevalecer sobre a lei das coisas, seria o mesmo que se a mão de uma criança pudesse puxar o sol para baixo. Se, em algum detalhe mínimo, alguém pudesse desordenar a ordem da natureza — quem aceitaria o dom da vida?

Construamos altares à Bela Necessidade, que assegura que tudo é feito de uma só peça; que queixoso e réu, amigo e inimigo, animal e planeta, alimento e consumidor, são da mesma espécie. Na astronomia, há espaço vasto, mas nenhum sistema estrangeiro; na geologia, tempo vasto, mas as mesmas leis de hoje. Porque deveríamos temer a Natureza, que nada mais é do que "filosofia e teologia incorporadas"?

Porque temer ser esmagados por elementos selvagens, nós que somos feitos dos mesmos elementos? Construamos altares à Bela Necessidade, que torna o homem corajoso ao acreditar que não pode evitar um perigo que lhe está destinado, nem incorrer num que não lhe está; à Necessidade que, rudemente ou suavemente, o educa para perceber que não há contingências; que a Lei rege toda a existência, uma Lei que não é inteligente mas inteligência — nem pessoal nem impessoal — despreza as palavras e transcende a compreensão; dissolve as pessoas; dá vida à natureza; e ainda assim convida os puros de coração a recorrer a toda a sua omnipotência.

RELIGIÃO

Nenhum povo, hoje em dia, pode ser explicado pela sua religião nacional. Não se sentem responsáveis por ela; está muito afastada deles. A sua lealdade à verdade, o seu trabalho e os seus gastos assentam em fundamentos reais, e não numa igreja nacional. E é evidente que a vida inglesa não se desenvolve a partir do credo atanasiano, dos Artigos de Fé ou da Eucaristia. A religião é como o casamento. Um jovem casa-se apressadamente; mais tarde, quando a sua mente se abre para a razão da conduta da vida, perguntam-lhe o que pensa da instituição do casamento e das relações justas entre os sexos. "Teria muito a dizer," poderia responder, "se a questão estivesse em aberto, mas tenho esposa e filhos, e para mim a questão está encerrada."

Nos tempos bárbaros de uma nação, forma-se ou importa-se algum culto; constroem-se altares, pagam-se dízimos, ordenam-se sacerdotes. A educação e o investimento do país seguem essa direção, e quando surgem riqueza, refinamento,

grandes homens e laços com o mundo, os seus homens prudentes dizem: Por que lutar contra o Destino, ou tentar levantar estas absurdidades que agora são montanhosas? Mais vale encontrar um nicho ou fenda nesta montanha de pedra, escavada e esculpida por eras religiosas, onde te possas recolher, do que tentar algo ridículo e perigosamente acima das tuas forças, como removê-la.

Ao ver castelos e catedrais antigas, às vezes digo, como hoje diante da torre da Igreja de Dundee, com oitocentos anos, "Isto foi construído por uma raça diferente e melhor do que qualquer uma que agora a contempla." E é evidente que houve grande poder de sentimento nesta ilha, do qual estes edifícios são prova; como os basaltos vulcânicos testemunham o trabalho do fogo há muito extinto. A Inglaterra sentiu o pleno calor do Cristianismo que fermentava a Europa e traçou, como a química do fogo, uma linha firme entre a barbárie e a cultura.

O poder do sentimento religioso pôs fim aos sacrifícios humanos, refreou os apetites, inspirou as cruzadas, inspirou a resistência aos tiranos, inspirou o respeito-próprio, impôs limites à servidão e à escravatura, fundou a liberdade, criou a arquitectura religiosa — York, Newstead, Westminster, Fountains Abbey, Ripon, Beverley e Dundee — obras cuja chave se perdeu, juntamente com o sentimento que as criou; inspirou a Bíblia inglesa, a liturgia, as histórias monásticas, a crónica de Ricardo de Devizes.

O sacerdote traduziu a Vulgata e converteu as santidades da velha hagiologia em virtudes inglesas em solo inglês. Era um certo estado afirmativo ou agressivo das raças caucasianas. O homem despertou revigorado pelo sono das eras. A violência dos bárbaros do norte exacerbou o Cristianismo até este ganhar força. Viveu do amor do povo. O bispo Wilfrid libertou duzentos e cinquenta servos que encontrou presos à terra. O clero obteve para o camponês folga do trabalho ao domingo e nas festas da igreja. "O senhor que obrigasse o seu servo a trabalhar entre o pôr-do-sol de sábado e o de domingo, perdia-o para sempre."

O sacerdote saía do povo e simpatizava com a sua classe. A igreja era o mediador, o contrapeso e o princípio democrático na Europa. Latimer, Wicliffe, Arundel, Cobham, Antony Parsons, Sir Harry Vane, George Fox, Penn, Bunyan são os democratas, assim como os santos das suas épocas. A Igreja Católica, lançada sobre este povo laborioso e sério, construiu ao longo de catorze séculos um sistema maciço, perfeitamente ajustado aos costumes e ao génio do país, ao mesmo tempo doméstico e imponente. Ao longo do tempo, misturou-se com tudo o que está no céu acima e na terra abaixo. Move-se através de um zodíaco de jejuns e festas, nomeia todos os dias do ano, todas as cidades, mercados, cabos e monumentos, e

acoplou-se ao almanaque, de modo que nenhum tribunal pode ser realizado, nenhum campo lavrado, nenhum cavalo ferrado, sem alguma licença da igreja. Todos os provérbios de prudência, de loja ou de lavoura estão fixados e datados pela igreja. Daí a sua força nas regiões agrícolas. A divisão da terra em paróquias impõe uma sanção eclesiástica a cada privilégio civil; e a graduação do clero — prelados para os ricos e curas para os pobres — com o facto de que o clérigo recebe uma educação clássica, faz deles "o elo que une o campesinato isolado ao progresso intelectual da época."

A Igreja de Inglaterra tem muitos certificados a apresentar pelo seu humilde e eficaz serviço na humanização do povo, em animar e refinar os homens, em alimentar, curar e educar. Tem o selo dos mártires e dos confessores; os livros mais nobres; uma arquitetura sublime; um ritual com os mesmos méritos seculares, nada de barato ou mercantil. Desta igreja, lentamente formada, emanam reações importantes; muito para a cultura, muito para orientar o afeto e a vontade da nação hoje. A capela esculpida e pintada — toda a sua superfície animada com imagens e emblemas — tornava a igreja paroquial uma espécie de livro e de Bíblia para os olhos do povo.

Depois, quando o instinto saxão assegurou um serviço em língua vernácula, tornou-se o tutor e a universidade do povo. Na catedral de York, no dia da entronização do novo arcebispo, ouvi o serviço da oração vespertina lido e cantado no coro. Foi estranho ouvir o bonito idílio do noivado de Rebeca e Isaac, na aurora do mundo, lido com minúcia em York Minster, a 13 de Janeiro de 1848, perante uma plateia inglesa decorosa, recém-chegada do jornal *Times* e do seu vinho, escutando com toda a devoção do orgulho nacional.

Isso sim, era unir o antigo ao novo com propósito. A reverência pelas Escrituras é um elemento de civilização, pois assim tem sido preservada, e continua a ser, a história do mundo. Aqui em Inglaterra, todos os dias um capítulo do *Génesis* e um editorial no *Times*.

Outra parte do mesmo serviço nessa ocasião não foi insignificante. O hino de coroação de Handel, *God Save the King*, foi tocado por Dr. Camidge no órgão, com efeito sublime. A catedral e a música foram feitas uma para a outra. Era uma sugestão do papel da igreja como instrumento político. Desde criança, cada inglês está habituado a ouvir orações diárias pela Rainha, pela família real e pelo Parlamento, nominalmente; e essa consagração vitalícia não pode deixar de influenciar as suas opiniões. As universidades também fazem parte do sistema

eclesiástico, sendo a sua finalidade inicial formar o clero. Assim, o clero tem sido, há mil anos, o corpo de estudiosos da nação.

O temperamento nacional aprecia profundamente a ordem ininterrupta e a tradição da sua igreja; a liturgia, a cerimónia, a arquitetura; a graça sóbria, a boa companhia, a ligação com o trono e com a história, que a enobrecem. E, enquanto se torna querida para homens de mais gosto do que atividade, a estabilidade da nação inglesa está apaixonadamente envolvida no seu apoio, pela sua ligação inextricável com a causa da ordem pública, com a política e com os fundos.

Boas igrejas não são construídas por maus homens; pelo menos, é necessário haver probidade e entusiasmo em alguma parte da sociedade. Estes mosteiros não foram construídos nem preenchidos por ateus. Nenhuma igreja teve homens mais eruditos, laboriosos ou devotos; muitos "clérigos e bispos que, fora das suas vestes, não viravam costas a ninguém." A sua arquitetura ainda resplandece com fé na imortalidade.

Chegam épocas de fervor e de graça na história, ou, digamos, plenitudes da Presença Divina, que causam marés altas no espírito humano, e aparecem grandes virtudes e talentos, como nos séculos XI, XII, XIII, e depois no XVI e XVII, quando a nação estava plena de génio e piedade. Mas a época dos Wicliffes, Cobhams, Arundels, Beckets; dos Latimers, Mores, Cranmers; dos Taylors, Leightons, Herberts; dos Sherlocks e Butlers, passou.

Revoluções silenciosas na opinião tornaram impossível o retorno de homens como esses, ou que eles encontrem lugar nos que foram outrora sagrados lugares. O espírito que habitava esta igreja deslizou para animar outras atividades, e os que chegam aos antigos santuários encontram macacos e atores remexendo os velhos paramentos.

A religião em Inglaterra é parte da boa educação.^ Quando se vê no continente o inglês bem vestido entrar na capela do seu embaixador e inclinar o rosto para oração silenciosa dentro do chapéu bem escovado, não se pode deixar de sentir quanto orgulho nacional reza com ele — e a religião de um cavalheiro. Tão longe está ele de atribuir qualquer significado às palavras, que acredita ter feito quase um ato generoso, e que foi muito condescendente da sua parte rezar a Deus.

Um grande duque disse, por ocasião de uma vitória, na Câmara dos Lordes, que achava que o Deus Todo-Poderoso não tinha sido bem tratado por eles, e que seria um gesto magnânimo, após tantos sucessos, tomarem providências para que fosse feito um devido agradecimento. É a igreja da aristocracia, mas não é a igreja dos

pobres. Os operários não a reconhecem como sua, e cavalheiros testemunharam recentemente na Câmara dos Comuns que, em toda a sua vida, nunca viram um pobre com casaco roto dentro de uma igreja.

A torpor da inteligência inglesa perante a religião mostra quanto espírito e tolice podem coabitar na mesma mente. A sua religião é uma citação; a sua igreja, uma boneca; e qualquer exame é interditado com gritos de terror. Em boa sociedade, espera-se que zombem do fanatismo do povo; mas não o fazem — eles são o povo.^

Os ingleses, como talvez toda a cristandade no século XIX, não respeitam o poder, mas apenas o desempenho; valorizam ideias apenas pelos seus resultados económicos. Wellington estima um santo apenas na medida em que pode ser capelão do exército: "O Sr. Briscoll, pela sua conduta admirável e bom senso, venceu o metodismo, que surgira entre os soldados e até entre os oficiais." Valorizam um filósofo como valorizam um boticário que traga quinino ou um purgante; e inspiração é apenas um tubo de ensaio ou um aperfeiçoamento mecânico.

Suspeito que haja no cérebro de um inglês uma válvula que pode ser fechada à vontade, como um engenheiro fecha o vapor. Os homens mais sensatos e bem informados possuem o poder de pensar apenas até onde pensa o bispo em matéria religiosa, ou o ministro das finanças em política. Falam com coragem e lógica, e mostram-nos resultados magníficos, mas os mesmos homens que levaram o livre-comércio ou a geologia ao seu atual nível, ficam graves e altivos e fecham a válvula logo que a conversa se aproxima da Igreja Anglicana. A partir daí, é como falar com uma tartaruga na sua carapaça.^

A ação da universidade, tanto no que ensina como no espírito do lugar, visa mais formar um cavalheiro inglês do que um santo ou um psicólogo. Ela amadurece um bispo e rejeita um filósofo.

Não sei se há mais cabala na Igreja Anglicana do que noutras, mas o clero anglicano está identificado com a aristocracia. Diz-se aqui que, ao falar com um clérigo, é certo encontrá-lo bem-educado, informado e cortês: acolhe a sua ideia ou projeto com simpatia e elogio. Mas se entra um segundo clérigo, a simpatia acaba: dois juntos são inacessíveis ao pensamento alheio, e, quando chega a altura de agir, o clérigo está invariavelmente do lado da sua igreja.

A Igreja Anglicana é marcada pela graça e bom senso das suas formas, e pela compostura viril do seu clero. O evangelho que prega é: "Pelo gosto sereis salvos." Mantém as antigas estruturas em bom estado, gasta fortunas em música e construção, compra obras de Pugin e literatura arquitetónica, e tem uma reputação

geral de amenidade e brandura. Não é, em geral, uma igreja persecutória; não é inquisitorial, nem sequer inquisitiva; é perfeitamente bem-educada e sabe fechar os olhos em todas as ocasiões convenientes. Se a deixarmos em paz, ela deixa-nos em paz. Mas o seu instinto é hostil a toda a mudança política, literária ou social. A igreja não fundou a Universidade de Londres, nem os Institutos de Mecânica, nem a Escola Gratuita, nem qualquer iniciativa que vise difundir o conhecimento. Os platonistas de Oxford são tão amargos contra esta heresia como Thomas Taylor.^

A doutrina do Antigo Testamento é a religião da Inglaterra.^ A primeira página do Novo Testamento não é sequer aberta. Acreditam numa Providência que não trata com leviandade uma libra esterlina. Não são nem transcendentalistas, nem cristãos. Não fazem orações socráticas, muito menos orações santas pelo espírito da Rainha; não pedem luz nem justiça, mas dizem diretamente: "Concede-lhe vida longa com saúde e riqueza."

E esta oração judaica pode ser seguida por toda a história privada inglesa, desde as preces do Rei Ricardo, na Crónica de Ricardo de Devizes,^ até aos diários de Sir Samuel Romilly e de Haydon, o pintor. "A passear com a minha esposa," escreve Pepys piedosamente, "pela primeira vez no meu próprio coche; o que faz o meu coração regozijar-se e louvar a Deus, e rezar-lhe que o abençoe para mim e me permita continuá-lo."^

O projeto de lei para a naturalização dos judeus (em 1753) foi contestado por petições de todas as partes do reino, incluindo da própria cidade de Londres, que condenava o projeto como "tendendo extremamente para a desonra da religião cristã, e extremamente prejudicial aos interesses e ao comércio do reino em geral, e da cidade de Londres em particular."

Mas não conseguiram congelar a humanidade por ato do Parlamento. "Os céus ainda caminham e não se detêm," e as artes, as guerras, as descobertas e as ideias seguem o seu curso. A nova era tem novos desejos, novos inimigos, novas profissões, novas caridades e lê as Escrituras com novos olhos. O falatório da política francesa, o apito das locomotivas, o zumbido das fábricas e o ruído dos emigrantes a embarcar tinham posto de parte a maioria das antigas lendas; de tal forma que, ao ler-se a liturgia a uma congregação moderna, parecia quase absurdo na sua desadequação, e sugeria um baile de máscaras com trajes antigos.

Nenhum químico teve sucesso em cristalizar uma religião. Ela é endógena, como a pele ou outros órgãos vitais. Requer uma nova formulação todos os dias. O profeta e o apóstolo sabiam disso, e o não-conformista refuta os conformistas citando os

próprios textos que estes têm de aceitar. É condição da religião exigir religiosidade ao seu expositor. Só profeta entende profeta; só apóstolo entende apóstolo. O estadista sabe que o elemento religioso não falhará, tal como não falha o fornecimento de fibrina e quilo; mas é da sua natureza ser construtivo e organizará a igreja que quiser. O legislador sábio investirá em templos, escolas, bibliotecas, colégios, mas evitará enriquecer os sacerdotes. Se de algum modo conseguir deixar a eleição e o pagamento do clero ao povo, fará bem.

Tal como os Quacres, pode resistir à separação de uma classe sacerdotal, e criar na sociedade a oportunidade e expectativa para ir ao encontro do dom natural nesse sentido.^ Mas quando a riqueza se acumula numa capelania, bispado ou reitoria, exige administradores abastados, que lhe darão uma direção diferente da dos místicos do seu tempo. Naturalmente, o dinheiro agirá segundo a sua natureza e trabalhará constantemente para dessacralizar e desespiritualizar o povo a quem foi legado. A classe que certamente será excluída de qualquer promoção será a dos religiosos — e estes serão empurrados para outras igrejas; o que é o *vis medicatrix* da natureza.

Os curas são mal pagos, e os prelados são pagos em excesso. Este abuso atrai para a Igreja os filhos da nobreza e outras pessoas impróprias, com gosto por luxo. Assim, um bispo é apenas um comerciante de batina. Através do seu traje de renda episcopal, consigo ver os botões reluzentes do casaco do lojista a brilhar. Uma riqueza como a de Durham torna-se quase um incentivo ao crime. Brougham, num discurso na Câmara dos Comuns sobre o direito de voto na Irlanda, disse: "Como poderão os reverendos bispos da outra câmara expressar a devida repulsa ao crime de perjúrio, se declaram solenemente, na presença de Deus, que quando são chamados a aceitar um benefício, talvez de quatro mil libras por ano, nesse mesmo instante são movidos pelo Espírito Santo a aceitar o cargo e a sua administração, e por nenhuma outra razão?"

Os modos de investidura são mais danosos do que os juramentos alfandegários. O bispo é eleito pelo deão e pelos cónegos da catedral. A rainha envia-lhes um *congé d'élire*, ou autorização para eleger; mas envia também o nome da pessoa que devem eleger. Eles entram na catedral, cantam e rezam, e suplicam ao Espírito Santo que os assista na escolha; e, após essas invocações, descobrem invariavelmente que as diretivas do Espírito Santo coincidem com as recomendações da rainha.

Mas há que pagar pela conformidade. Tudo corre bem enquanto se alinhar com os conformistas. Mas tu, que és um homem honesto noutros aspetos, sabes que vive em algum lugar um homem cuja honestidade chega ao ponto de não se ajoelhar

perante falsos deuses, e, no dia em que o encontras, passas a pertencer à classe dos falsos. Além disso, esta capitulação tem graves consequências. Se aceitas uma mentira, tens de aceitar tudo o que lhe pertence. A Inglaterra aceita esta ornamentada igreja nacional, e isso embacia os olhos, infla a carne, dá à voz um tom roufenho, e obscurece o entendimento dos que a recebem.

A Igreja Anglicana, minada pela crítica alemã, ficou com nada além da tradição; e foi logicamente conduzida de volta ao romanismo. Mas esse era um elemento que apenas cabeças quentes podiam suportar: perante a classe instruída, em geral, não era uma realidade capaz de enfrentar a luz do dia; e a alienação desses homens da igreja tornou-se completa.

A natureza, certamente, tinha o seu remédio. Pessoas religiosas são empurradas para fora da Igreja estabelecida em direção a seitas, que rapidamente ganham prestígio e mantêm a Igreja em cheque. A natureza tem também remédios mais incisivos. Os ingleses, que abominam a mudança em todas as coisas, e ainda mais na religião, agarram-se ao último farrapo da forma, e são terrivelmente inclinados ao fingimento moral.

Os ingleses (e gostaria que isto lhes fosse exclusivo, mas é um vício do sangue anglo-saxónico em ambos os hemisférios) — os ingleses e os americanos são mais hipócritas do que qualquer outra nação. Os franceses deixam-lhes inteiramente essa indústria. O que é mais odioso do que as reverências educadas a Deus nos nossos livros e jornais? A imprensa popular é tanto mais infame quanto mais afetada, e a religião do dia é um Sinai teatral, onde os trovões são fornecidos pelo responsável pelos adereços.

O fanatismo e a hipocrisia geram sátira. *Punch* encontra material inesgotável. Dickens escreve romances sobre a humanidade de Exeter Hall. Thackeray expõe a vida aristocrática sem coração. A natureza vinga-se de forma mais sumária com o paganismo das classes baixas. Lord Shaftesbury convoca os pobres ladrões e lê-lhes sermões, e eles chamam-lhe "conversa fiada." George Borrow ' reúne os ciganos para ouvir o seu discurso sobre os hebreus no Egipto, e lê-lhes o Credo dos Apóstolos em romani. "Quando terminei," diz ele, "olhei à minha volta. Os rostos da assembleia estavam retorcidos, e os olhos de todos fitavam-me com um estrabismo horrível; nenhum indivíduo presente deixava de vesgar; a distinta Pepa, o bem-humorado Chicharona, o Cosdami, todos vesgavam; o jóquei cigano vesgava pior que todos."

A igreja, neste momento, é digna de grande compaixão. Nada lhe resta senão a posse. Se um bispo encontra um cavalheiro inteligente e lê nos seus olhos perguntas fatais, não tem outro recurso senão tomar vinho com ele. A falsa posição introduz fingimento moral, perjúrio, simonia e uma classe cada vez mais baixa de mente e carácter no clero: e, quando a hierarquia teme a ciência e a educação, teme a piedade, teme a tradição e teme a teologia, não resta senão abandonar uma igreja que já não o é.

Mas a religião de Inglaterra — será a Igreja Estabelecida? Não. Serão as seitas? Também não; estas são apenas perpetuações da dissidência de algum indivíduo, e estão para a Igreja Estabelecida como os táxis estão para uma carruagem — mais baratos e mais práticos, mas, na verdade, a mesma coisa. Onde reside então a religião? Diz-me primeiro onde reside a eletricidade, ou o movimento, ou o pensamento, ou o gesto. Eles não residem nem permanecem.

A eletricidade não pode ser fixada, cimentada e encerrada, como o Monumento de Londres ou a Torre, de modo a que se saiba onde encontrá-la e mantê-la imutável, como os ingleses fazem com as suas coisas, para sempre; ela é passageira, cintilante, gesticulante; é uma viajante, uma novidade, uma surpresa, um segredo que os confunde e os desconcerta.[1] No entanto, se religião for o fazer de todo o bem, e, por esse bem, o sofrer de todo o mal — *souffrir de tout le monde, et ne faire souffrir personne* — esse segredo divino tem existido em Inglaterra desde os dias de Alfredo até aos de Romilly, de Clarkson e de Florence Nightingale, e em milhares de pessoas sem qualquer fama.

DONS

Diz-se que o mundo está em estado de falência; que o mundo deve ao mundo mais do que o mundo pode pagar, e que deveria ser colocado em liquidação judicial e vendido. Não creio que esta insolvência geral, que de certa forma envolve toda a população, seja a razão da dificuldade que se sente no Natal, no Ano Novo ou noutras ocasiões para oferecer presentes; pois é sempre agradável ser generoso, embora seja bastante aborrecido pagar dívidas. O obstáculo está na escolha. Se por acaso me ocorre que devo um presente a alguém, fico embaraçado quanto ao que oferecer, até que a oportunidade passa.

Flores e frutos são sempre presentes apropriados; flores, porque são uma afirmação orgulhosa de que um raio de beleza vale mais do que todas as utilidades do mundo. Estas naturezas alegres contrastam com o semblante algo severo da

natureza comum: são como música ouvida num asilo. A natureza não nos mima; somos filhos, não animais de estimação; ela não é carinhosa; tudo nos é concedido sem favoritismos, segundo leis universais rigorosas. No entanto, estas flores delicadas parecem uma travessura e interferência do amor e da beleza. Costumam dizer-nos que gostamos de lisonja mesmo quando não somos enganados por ela, porque mostra que somos suficientemente importantes para sermos cortejados. Algo semelhante ao prazer que as flores nos dão: "Quem sou eu, para que estas doces mensagens me sejam dirigidas?"

Os frutos são presentes bem recebidos porque são a flor das mercadorias, e admitem valores fantasiosos. Se um homem me convidasse a percorrer cem milhas para o visitar e me servisse um cesto de belos frutos de verão, eu acharia que havia alguma proporção entre o esforço e a recompensa.

Para presentes comuns, a necessidade dita a adequação e a beleza no dia-a-dia, e é um alívio quando a urgência nos retira a escolha; pois se o homem à porta não tem sapatos, não é preciso pensar se lhe deveríamos oferecer uma caixa de tintas. E, assim como é sempre satisfatório ver alguém comer pão ou beber água, dentro ou fora de casa, também é profundamente gratificante suprir estas primeiras necessidades. A necessidade faz tudo bem. Na nossa condição de dependência universal, parece heroico deixar que o peticionário julgue por si a sua necessidade, e dar-lhe tudo o que pede, ainda que com grande incómodo. Se for um desejo caprichoso, é melhor deixar a outros o ofício de o punir. Prefiro mil vezes outro papel ao das Fúrias.

A seguir às necessidades, a regra para um presente, segundo um amigo meu, é que se possa oferecer algo que pertença verdadeiramente ao carácter da pessoa, algo que se associe naturalmente a ela no pensamento. Mas os nossos gestos de cortesia e afeto são, na maioria, bárbaros. Anéis e outras joias não são presentes — são desculpas para não dar verdadeiros presentes. O único presente verdadeiro é uma parte de ti.

Tens de sangrar por mim. Por isso o poeta traz o seu poema; o pastor, o seu cordeiro; o agricultor, o milho; o mineiro, uma pedra preciosa; o marinheiro, coral e conchas; o pintor, o seu quadro; a rapariga, um lenço cosido por ela. Isto é justo e belo, pois restaura a sociedade, ainda que parcialmente, à sua base original, quando a biografia de um homem se expressa no que oferece, e a sua riqueza é um índice do seu mérito.

Mas é um ato frio e sem alma quando vais à loja comprar-me algo que não representa a tua vida e talento, mas sim a habilidade do ourives. Isso é apropriado para reis, e para ricos que os representam, e para um estado de propriedade falso, em que se oferecem ouro e prata como um símbolo de penitência ou pagamento de tributo.

A lei das ofertas é um canal difícil, que exige navegação cuidadosa, ou barcos rudes. Não é da função de um homem receber presentes. Como ousas oferecê-los? Queremos ser autossuficientes. Não perdoamos totalmente a quem dá. A mão que nos alimenta corre algum risco de ser mordida. Podemos aceitar tudo vindo do amor — pois é como se o recebêssemos de nós próprios —, mas não de alguém que assuma o direito de nos conceder algo. Às vezes odiamos o alimento que comemos, porque há nele algo de dependência humilhante:

"Irmão, se Júpiter te fizer um presente,
Cuidado com o que aceitas das suas mãos."

Queremos o todo. Nada menos nos satisfaz. Acusamos a sociedade se ela não nos der, para além da terra, do fogo e da água, oportunidade, amor, reverência e objetos de veneração.

É um homem de bem aquele que sabe receber bem um presente. Ficamos contentes ou tristes com um presente, e ambos os sentimentos são impróprios. Há sempre alguma violência, alguma degradação, quando me alegro ou entristeço com um presente. Lamento quando a minha independência é invadida, ou quando o presente vem de alguém que não compreende o meu espírito — e, por isso, o gesto não tem fundamento; e se o presente me agrada em demasia, então sinto vergonha que o doador veja que amo a sua mercadoria, e não a ele.

O presente, para ser verdadeiro, deve ser o transbordar do doador até mim, correspondente ao meu transbordar até ele. Quando as águas estão ao mesmo nível, os meus bens passam para ele, e os dele para mim. Tudo o que é dele é meu, tudo o que é meu é dele. Digo-lhe: “Como podes oferecer-me este frasco de azeite ou este cântaro de vinho, se todo o teu azeite e vinho são meus?” — crença esta que o presente parece negar. Daí a conveniência de coisas belas, e não úteis, como presentes.

Oferecer pode ser usurpação; e por isso, quando o beneficiado é ingrato — como todos os beneficiados detestam todos os Timões, sem considerar o valor do presente, apenas o tesouro maior de onde foi retirado —, tendo antes simpatia pelo beneficiado do que raiva pelo senhor Timon. A expectativa de gratidão é

mesquinha, e é continuamente castigada pela total insensibilidade do beneficiado. É uma felicidade escapar ileso, sem ressentimento, daquele que teve o azar de ser servido por ti. Ser servido é um fardo penoso, e o devedor sente naturalmente vontade de te dar um estalo. Um texto de ouro para estes senhores é aquele que tanto admiro nos budistas, que nunca agradecem e dizem: "Não lisonjeies os teus benfeitores."

Creio que a origem destas discórdias está no facto de que não há qualquer proporção entre um homem e qualquer presente. Nada se pode dar a uma pessoa magnânima. Depois de a servires, ela põe-te logo em dívida pela sua magnanimidade. O serviço que um homem presta ao amigo é trivial e egoísta quando comparado com o serviço que sabe que o amigo estava preparado para lhe prestar, tanto antes como depois de o ter servido. Comparado com a boa vontade que nutro por um amigo, o benefício que posso oferecer-lhe parece insignificante. Além disso, a nossa ação sobre os outros — para o bem e para o mal — é tão incidental e aleatória, que raramente ouvimos os agradecimentos de alguém sem algum embaraço e humilhação. Raramente conseguimos agir de forma direta, e temos de nos contentar com atos indiretos; raramente temos a satisfação de prestar um benefício direto que seja diretamente recebido. Mas a retidão espalha favores por toda a parte sem o saber, e recebe com espanto os agradecimentos de todos.

Temo trair a majestade do amor, que é o génio e deus dos presentes, e a quem não devemos fingir prescrever regras. Que ele distribua reinos de pétalas com indiferença. Há pessoas de quem esperamos sempre pequenos encantos — não deixemos de os esperar. É prerrogativa, e não deve ser limitada por regras mundanas.

Quanto ao resto, gosto de ver que não podemos ser comprados nem vendidos. O melhor da hospitalidade e da generosidade não está na vontade, mas no destino. Descubro que não sou muito para ti; não precisas de mim; não me sentes; então sou posto fora de casa, mesmo que me ofereças casa e terras. Nenhum serviço tem valor, exceto a semelhança. Sempre que tentei unir-me a outros através de serviços, foi apenas um truque intelectual — nada mais. Eles comem o vosso serviço como maçãs, e deixam-nos de fora. Mas tenham amor por eles, e eles senti-los-ão e deleitar-se-ão em vós a toda a hora.

Eles devoram o vosso serviço como maçãs, e deixam-te de lado. Mas se os amares, sentem-te e deliciam-se contigo a todo o instante.

A NATUREZA

Há dias que ocorrem neste clima — em quase qualquer estação do ano — em que o mundo atinge a perfeição; em que o ar, os astros e a terra se harmonizam, como se a natureza quisesse mimar os seus filhos; em que, nestes ermos frios do planeta, nada se deseja daquilo que ouvimos existir nas latitudes mais felizes, e nos deixamos banhar pelas horas brilhantes da Florida e de Cuba; em que tudo o que tem vida manifesta contentamento, e o gado deitado no chão parece entregar-se a pensamentos vastos e tranquilos.[1]

Estes dias serenos podem ser esperados com mais certeza naquele tempo límpido de Outubro que designamos por "verão índio". O dia, imensamente longo, repousa sobre os montes largos e os campos quentes e abertos. Ter vivido todas as suas horas solares parece, por si só, longevidade suficiente. Os lugares solitários já não parecem verdadeiramente sós. À entrada da floresta, o homem do mundo é forçado a abandonar os juízos urbanos de grande e pequeno, de sábio e tolo. A mochila do costume cai-lhe das costas com o primeiro passo que dá nestes domínios.

Aqui há uma santidade que envergonha as nossas religiões, e uma realidade que desacredita os nossos heróis. Aqui encontramos a Natureza como a circunstância que diminui todas as outras, e julga como um deus todos os homens que a ela chegam. Rastejamos para fora das nossas casas estreitas e apinhadas, rumo à noite e à manhã, e vemos que majestosas belezas nos envolvem diariamente no seu seio.

Com que prazer deixaríamos para trás as barreiras que as tornam impotentes por comparação — escapar à sofisticação e ao segundo pensamento, e deixar que a natureza nos enfeitiçasse. A luz suavizada das matas é como uma manhã perpétua — é estimulante e heroica. Os encantos ancestralmente atribuídos a estes lugares insinuam-se em nós. Os troncos dos pinheiros, dos abetos e dos carvalhos quase brilham como ferro aos olhos excitados. As árvores incomunicáveis começam a persuadir-nos a viver com elas e a abandonar a nossa vida de solenidades triviais.

Aqui, nenhuma história, igreja ou Estado se interpõe entre o céu divino e o ano imortal. Quão facilmente poderíamos continuar a caminhar por entre a paisagem que se abre, absorvidos por novas imagens e pensamentos que se sucedem velozmente, até que, pouco a pouco, a recordação de casa se esvaísse da mente, toda a memória obliterada pela tirania do presente — e fôssemos conduzidos em triunfo pela natureza.

Estes encantamentos são medicinais — serenam-nos e curam-nos. São prazeres simples, amáveis, naturais em nós. Voltamos ao que é nosso, reconciliamo-nos com a matéria, que o palavreado ambicioso das escolas procura convencer-nos a desprezar. Mas nunca podemos separar-nos dela; a mente ama a sua velha casa: assim como a água sacia a sede, a rocha, a terra, são para os nossos olhos, mãos e pés o mesmo — água sólida, chama fria — que saúde, que afinidade! Sempre um velho amigo, sempre como um irmão querido, que entra pela porta adentro quando conversamos de forma afetada com estranhos, e nos faz calar com o seu rosto honesto e liberdade grave, envergonhando-nos da nossa tolice.

As cidades não dão espaço suficiente aos sentidos humanos. Saímos diariamente, de noite e de dia, para saciar os olhos no horizonte — precisamos de tanto espaço como de água para o banho. Há todos os graus de influência natural, desde os poderes de quarentena da natureza até às suas mais queridas e graves ministrações à imaginação e à alma. Há o balde de água fria da nascente, o lume de lenha para o qual corre o viajante gelado em busca de refúgio, e há a moral sublime do outono e do meio-dia.

Aninhamos na natureza, e dela extraímos a vida como parasitas das suas raízes e grãos, e recebemos olhares — dos astros — que nos chamam à solidão e nos pressagiam o mais remoto futuro. O zénite azul é o ponto onde romance e realidade se encontram. Creio que, se fôssemos arrebatados para tudo aquilo e sonhássemos com o céu, e conversássemos com Gabriel e Uriel, o céu superior seria tudo o que restaria do nosso mobiliário.

Parece que o dia não é totalmente profano quando prestámos atenção a algum objeto natural. A queda dos flocos de neve num ar imóvel, preservando cada cristal na sua forma perfeita; o assobio da saraiva sobre uma superfície de água ou por planícies; o campo ondulante de centeio; a ondulação mimética de hectares de flores-silvestres, cujas inumeráveis florzinhas branqueiam e ondulam diante do olhar; os reflexos de árvores e flores em lagos vidrados; o vento sul, musical, fumegante, perfumado, que transforma todas as árvores em harpas eólias; o estalar e crepitar do abeto nas chamas, ou dos troncos de pinheiro, que emprestam glória às paredes e aos rostos da sala — tudo isto é a música e imagem da religião mais antiga.

A minha casa ergue-se em terras baixas, com vista limitada, e à beira da aldeia. Mas vou com um amigo até à margem do nosso pequeno rio, e com um só golpe de remo deixo para trás a política da vila, as personalidades — sim, o mundo inteiro das vilas e das personalidades — e penetro num reino delicado de pôr-do-sol e luar,

quase demasiado brilhante para que o homem manchado entre sem noviciado e provação. Penetramos fisicamente nesta beleza incrível; mergulhamos as mãos neste elemento pintado; os nossos olhos banham-se nestas luzes e formas.

Uma festa, uma veraneio, uma celebração régia — o festival mais orgulhoso, mais jubiloso que a valentia, a beleza, o poder e o gosto alguma vez adornaram — estabelece-se no instante. Estas nuvens do entardecer, estas estrelas que surgem delicadamente, com os seus olhares privados e indizíveis, anunciam e oferecem tudo isso.

Aprendo a pobreza da nossa invenção, a fealdade das cidades e dos palácios. A arte e o luxo cedo aprenderam que só podem trabalhar como embelezamento e continuação desta beleza original. Estou demasiadamente instruído para o meu regresso. Daqui em diante, serei difícil de agradar. Não posso voltar aos brinquedos. Tornei-me exigente e sofisticado. Já não posso viver sem elegância — e o camponês será o meu mestre de cerimónias. Aquele que mais sabe — que conhece os doces e virtudes da terra, das águas, das plantas, do céu, e como aceder a esses encantos — esse é o homem rico e real.

Só até onde os senhores do mundo invocaram a natureza como aliada é que alcançaram a verdadeira magnificência. Eis o sentido dos seus jardins suspensos, das suas vilas, das casas de campo, das ilhas, dos parques e coutadas — apoiar a sua personalidade falível com estes auxiliares poderosos. Não me admira que o interesse fundiário seja invencível no Estado com tais cúmplices perigosos. Estes seduzem e convidam — não reis, nem palácios, nem homens ou mulheres, mas estas estrelas ternas e poéticas, eloquentes de promessas secretas.

Ouvimos o que disse o homem rico, sabíamos da sua vila, do seu bosque, do seu vinho e da sua companhia — mas a provocação e a essência do convite vinham destas estrelas encantadoras. Nos seus olhares suaves vejo o que os homens tentaram realizar em algum Versailles, ou Pafos, ou Ctesifonte. Com efeito, são as luzes mágicas do horizonte e o céu azul como pano de fundo que salvam todas as nossas obras de arte — que, de outro modo, seriam apenas bibelôs. Quando os ricos oprimem os pobres com servilismo e bajulação, deviam considerar o efeito que os homens tidos como possuidores da natureza têm nas mentes imaginativas. Ah! — se os ricos fossem ricos como os pobres imaginam que são!

Um rapaz ouve uma banda militar tocar no campo à noite, e tem diante de si, como se os pudesse tocar, reis e rainhas e cavalaria célebre. Ouve o eco de um trompete nas montanhas, por exemplo nas Notch Mountains, e estas tornam-se uma harpa

eólia, e este trinado sobrenatural restitui-lhe a mitologia dórica, Apolo, Diana e todos os caçadores e caçadoras divinos. Poderá uma nota musical ser tão elevada, tão altivamente bela? Para o jovem poeta pobre, assim de fabulosa é a sua imagem da sociedade; ele é leal, respeita os ricos; eles são ricos para alimentar a sua imaginação — quão pobre seria a sua fantasia, se eles não o fossem! Que possuam um bosque bem cercado que chamam parque; que vivam em salões maiores e melhor decorados do que ele já viu, que se desloquem em coches, mantendo apenas a companhia dos elegantes, para estâncias termais e cidades distantes — tudo isto constitui a base sobre a qual ele delineia os seus domínios de romance, perante os quais as posses reais desses ricos não passam de barracas e currais.

A própria musa trai o seu filho e intensifica os dons da riqueza e da beleza nobre com uma radiação vinda do ar, das nuvens e das florestas ao longo da estrada — um certo favor altivo, como que vindo de génios patrícios para patrícios, uma espécie de aristocracia na natureza, um príncipe do poder do ar.[1]

A sensibilidade moral que facilmente cria Edens e Tempes pode não estar sempre presente, mas a paisagem material nunca está longe. Podemos encontrar estes encantos sem visitar o Lago de Como ou as ilhas da Madeira. Exageramos os louvores da paisagem local. Em cada paisagem, o ponto de assombro é o encontro do céu com a terra — e isso é visível do primeiro outeiro tanto quanto do cume dos Alleghanies.

As estrelas, à noite, inclinam-se sobre o mais castanho e pobre dos campos com toda a magnificência espiritual que derramam sobre a Campagna ou os desertos marmóreos do Egipto. As nuvens ondulantes e as cores da manhã e do entardecer transfiguram os áceres e os amieiros. A diferença entre paisagens é pequena; mas há grande diferença entre os que as contemplam. Não há nada tão maravilhoso numa paisagem específica como a necessidade de ser bela que todas carregam. A natureza não pode ser surpreendida despida. A beleza irrompe por todo o lado.

Mas é fácil perder a simpatia dos leitores neste assunto — que os escolásticos chamavam *natura naturata*, ou natureza passiva. É difícil falar dela diretamente sem cair no excesso. É tão embaraçoso como abordar o tema da religião em público. Uma pessoa sensível não gosta de se entregar a estes gostos sem alguma desculpa trivial: vai ver um bosque, ou inspecionar as colheitas, ou buscar uma planta ou um mineral a um local remoto, ou leva uma espingarda ou uma cana de pesca. Suponho que esta vergonha tem boas razões. Um diletantismo na natureza é estéril e indigno. O vaidoso dos campos é tão ridículo como o seu irmão da Broadway.

Os homens são naturalmente caçadores e curiosos da arte silvestre, e suponho que uma espécie de almanaque escrito por lenhadores e índios teria mais lugar nos salões mais sumptuosos do que todos os "Louros" e "Grinaldas de Flora" das livrarias. Contudo, quer por inaptidão para tema tão subtil, quer por outra razão qualquer, logo que os homens começam a escrever sobre a natureza, caem no eufemismo.

A frivolidade é uma oferenda indigna a Pã, que devia figurar na mitologia como o mais casto dos deuses. Não desejaria ser frívolo diante da admirável reserva e prudência do tempo — e, no entanto, não posso renunciar ao direito de voltar a este velho tema. A multidão de falsas igrejas dá crédito à verdadeira religião. A literatura, a poesia, a ciência são a homenagem do homem a esse segredo insondável sobre o qual nenhum homem sensato pode fingir indiferença ou desinteresse.

A natureza é amada pelo que há de melhor em nós. É amada como a cidade de Deus, precisamente por não ter cidadãos. O pôr-do-sol não se assemelha a nada do que está sob ele: falta-lhe o homem. E a beleza da natureza parecerá sempre irreal e zombeteira, até que a paisagem tenha figuras humanas à sua altura. Se houvesse homens bons, não haveria este enlevo pela natureza. Se o rei está no palácio, ninguém olha para as paredes. É quando ele parte, e a casa se enche de criados e curiosos, que desviamos o olhar das pessoas para encontrar consolo nos homens majestosos que as pinturas e a arquitetura sugerem.

Os críticos que se queixam da separação doentia entre a beleza da natureza e o que há a fazer devem considerar que a nossa busca do pitoresco é inseparável do protesto contra a sociedade falsa. O homem caiu; a natureza permanece ereta, e serve como termómetro diferencial, detetando a presença ou ausência do sentimento divino no homem. Por culpa da nossa apatia e egoísmo, olhamos para a natureza como para algo superior; mas, quando estivermos convalescentes, será a natureza a olhar para nós. Vemos o ribeiro espumante com compunção: se a nossa vida fluísse com a energia certa, envergonharíamos o ribeiro.

O fluxo do zelo brilha com fogo real — e não com reflexos de sol ou lua. A natureza pode ser estudada com o mesmo egoísmo que o comércio. A astronomia, para o egoísta, torna-se astrologia; a psicologia, em magnetismo (com intenção de descobrir onde desapareceram os nossos talheres); e a anatomia e fisiologia tornam-se frenologia e quiromancia.

Mas, tomando precauções a tempo e deixando muito por dizer, não podemos omitir a nossa homenagem à **Natureza Eficiente** (*natura naturans*), a causa viva diante da qual todas as formas fogem como neve levada pelo vento — ela própria secreta, as suas obras arrastadas à frente dela em rebanhos e multidões (como os antigos representavam a natureza por Proteu, um pastor), e em variedade indescritível. Publica-se nas criaturas, evoluindo das partículas e espículas através de transformação sobre transformação, até às simetrias mais elevadas, atingindo resultados consumados sem choque nem salto. Um pouco de calor — isto é, um pouco de movimento — é tudo o que distingue os brancos, ofuscantes e mortíferos polos da Terra dos climas tropicais fecundos.

Todas as mudanças passam sem violência, graças a duas condições cardinais: espaço ilimitado e tempo ilimitado. A geologia iniciou-nos na secularidade da natureza e ensinou-nos a abandonar as medidas da escola primária e a trocar os esquemas mosaicos e ptolomaicos pelo seu estilo grandioso. Nada conhecíamos de forma correta por falta de perspetiva. Agora aprendemos quantos períodos pacientes se devem suceder até se formar a rocha; depois, até que esta se quebre, e a primeira raça de líquenes desintegre a camada externa mais fina em solo, e abra a porta à Flora, Fauna, Ceres e Pomona remotas.

Quão distante ainda está o trilobite! Quão longínquo o quadrúpede! Quão inconcebivelmente remoto está o homem! Todos chegam a seu tempo — e depois vêm gerações e mais gerações de homens. É um longo caminho do granito até à ostra — e mais longo ainda até Platão e à pregação da imortalidade da alma. No entanto, tudo há de vir, tão certamente como o primeiro átomo tem dois lados.

Movimento ou mudança e identidade ou repouso — esses são os dois primeiros segredos da natureza: **Movimento e Repouso**. Todo o seu código de leis pode ser escrito na unha do polegar, ou no sinete de um anel. A bolha a girar à superfície do ribeiro revela-nos o segredo da mecânica celeste. Cada concha na praia é uma chave para ele.

Um pouco de água posta a rodar numa chávena explica a formação das conchas mais simples; o acréscimo de matéria, ano após ano, leva enfim às formas mais complexas; e, no entanto, tão pobre é a natureza com toda a sua engenhosidade, que, do princípio ao fim do universo, ela tem apenas **uma substância** — uma única substância com duas faces — para compor toda esta variedade onírica. Combine-a como quiser: estrela, areia, fogo, água, árvore, homem — é sempre a mesma substância, e denuncia as mesmas propriedades.

A natureza é sempre coerente, ainda que finja contrariar as suas próprias leis. Ela cumpre as leis — e parece ultrapassá-las. Arma e equipa um animal para encontrar o seu lugar e sustento na terra, e ao mesmo tempo equipa outro para o destruir. O espaço existe para separar as criaturas; mas ao revestir os flancos de um pássaro com algumas penas, confere-lhe uma pequena omnipresença. A direção é sempre para a frente, mas o artista volta atrás em busca de materiais e recomeça com os primeiros elementos no estágio mais avançado: caso contrário, tudo se desmorona.

Se olharmos para a sua obra, parece que surpreendemos um vislumbre de um sistema em transição. As plantas são a juventude do mundo, vasos de saúde e vigor; mas tateiam sempre para cima, rumo à consciência; as árvores são homens imperfeitos, e parecem lamentar o seu cativeiro, enraizadas no solo. O animal é o noviço e o postulante de uma ordem mais elevada. Os homens, embora jovens, tendo provado a primeira gota da taça do pensamento, já estão dissipados: os áceres e os fetos permanecem ainda incorruptos; mas sem dúvida, quando alcançarem a consciência, também eles hão de amaldiçoar e blasfemar.

As flores pertencem tão estritamente à juventude que nós, homens adultos, acabamos por sentir que as suas belas gerações já não nos dizem respeito: já tivemos o nosso tempo; agora deixemos as crianças ter o delas. As flores trocam-nos por outros — e tornamo-nos velhos solteirões com a nossa ternura ridícula.

As coisas estão tão intimamente relacionadas que, de acordo com a acuidade do olhar, a partir de qualquer objeto se podem prever as partes e propriedades de qualquer outro. Se tivéssemos olhos para ver, um fragmento de pedra de uma muralha urbana certificar-nos-ia da necessidade da existência do homem, tão prontamente como a própria cidade. Essa identidade torna-nos todos um só e reduz a nada as grandes distâncias na nossa escala habitual.

Falamos de desvios da vida natural, como se a vida artificial não fosse também natural. O cortesão mais refinado nos boudoirs de um palácio possui uma natureza animal, rude e aborígene como a de um urso polar, omnipotente para os seus próprios fins, e está diretamente relacionado, ali entre essências e bilhetes de amor, com as cordilheiras do Himalaia e o eixo da Terra.

Se considerarmos o quanto somos da natureza, não precisamos de ser supersticiosos quanto às cidades, como se essa força terrível ou benéfica não nos encontrasse também ali e não moldasse cidades. A natureza, que fez o pedreiro, fez a casa. Podemos facilmente ouvir demais sobre as influências rurais. O ar

fresco e desprendido dos objetos naturais torna-os invejáveis para nós, criaturas irritadas e exaustas de rosto ruborizado, e pensamos que seremos tão grandiosos quanto eles se acampássemos e comêssemos raízes; mas sejamos homens em vez de marmotas — e o carvalho e o olmo servir-nos-ão de bom grado, mesmo que estejamos sentados em cadeiras de marfim sobre tapetes de seda.

Essa identidade orientadora atravessa todas as surpresas e contrastes do universo e caracteriza cada lei. O homem carrega o mundo na cabeça, toda a astronomia e química suspensas num pensamento. Porque a história da natureza está escrita no seu cérebro, é ele o profeta e descobridor dos seus segredos. Cada facto conhecido da ciência natural foi antevisto pelo pressentimento de alguém antes de ser verificado. Um homem não ata os sapatos sem reconhecer leis que vinculam as regiões mais remotas da natureza: lua, planta, gás, cristal — são geometria e número concretos. O senso comum reconhece os seus iguais, e identifica os factos à primeira vista numa experiência química. O senso comum de Franklin, Dalton, Davy e Black é o mesmo senso comum que criou as estruturas que hoje descobre.

Se a identidade expressa repouso organizado, a ação contrária também se organiza. Os astrónomos diziam: "Dai-nos matéria e um pouco de movimento, e construiremos o universo." Não basta ter matéria; é preciso também um único impulso, um empurrão para lançar a massa e gerar a harmonia das forças centrífuga e centrípeta. Uma vez lançada a bola, poderemos mostrar como toda esta imensa ordem se desenvolveu. — "Exigência absurda", diziam os metafísicos, "e um simples peticionar da conclusão. Não podereis descobrir a génese da projeção, tal como a sua continuação?" A natureza, entretanto, não esperou pela discussão — certa ou errada, deu o impulso, e as bolas rolaram.

Não foi grande coisa, um mero empurrão, mas os astrónomos tinham razão em dar-lhe importância: as consequências do ato não têm fim. Esse famoso empurrão aborígene propaga-se por todas as esferas do sistema, por cada átomo de cada esfera; por todas as raças de seres e por toda a história e feitos de cada indivíduo.

A hipérbole faz parte do curso das coisas. A natureza não envia criatura ou homem algum ao mundo sem acrescentar um pequeno excesso da sua qualidade própria. Dado o planeta, é ainda necessário o impulso; assim, a cada criatura a natureza adiciona uma ligeira violência de direção no seu percurso próprio, um empurrão para a pôr em marcha; em cada caso, uma pequena generosidade, uma gota a mais. Sem eletricidade o ar apodreceria; e sem essa violência de direção que

homens e mulheres possuem — sem um grão de fanatismo ou de obstinação — não há entusiasmo nem eficácia. Apontamos acima do alvo para acertar no alvo. Cada ato tem em si alguma falsidade de exagero.

E quando, de vez em quando, surge um homem triste e perspicaz, que vê quão medíocre é o jogo em curso, e se recusa a jogar — mas revela o segredo — que acontece então? Fugiu o pássaro? Oh não: a cautelosa Natureza envia um novo grupo de formas mais belas, de jovens mais nobres, com um pouco mais de excesso na direção certa, para os manter firmes no seu propósito; fá-los ligeiramente cabeçudos no exato sentido em que têm razão — e o jogo continua com nova rotação por mais uma ou duas gerações.

A criança, com as suas doces travessuras, tola dos seus sentidos, comandada por cada som e imagem, sem poder de comparação ou hierarquia, rendida a um assobio ou a um botão pintado, a um soldado de chumbo ou a um cão de gengibre, individualizando tudo, sem generalizar nada, encantada com cada novidade — adormece à noite exausta da fadiga de um dia de louca doçura. Mas a natureza cumpriu o seu objetivo com esse lunático encaracolado e rosado. Exercitou todas as faculdades e assegurou o crescimento simétrico do corpo com essas posturas e movimentos — um fim de máxima importância, que não se podia confiar a cuidado menos perfeito do que o dela.

Esse brilho, esse lustro opalino, dança sobre o topo de cada brinquedo aos seus olhos para garantir a sua fidelidade — e ele é enganado para o seu próprio bem. Somos despertos e mantidos vivos pelas mesmas artes. Digam o que quiserem os estoicos: não comemos pelo bem de viver, mas porque a comida é saborosa e o apetite é forte.

A vida vegetal não se contenta em lançar da flor ou da árvore uma só semente — enche o ar e a terra com uma prodigalidade de sementes, para que, se milhares perecerem, milhares se possam fixar; para que centenas brotem, dezenas cheguem à maturidade; e pelo menos uma substitua a progenitora. Tudo revela essa mesma profusão calculada. O excesso de medo com que o corpo animal é cercado — retraindo-se do frio, sobressaltando-se ao ver uma serpente ou a ouvir um ruído súbito — protege-nos, através de inúmeros alarmes infundados, contra algum perigo real no fim.

O amante busca no casamento a sua felicidade e perfeição privadas, sem qualquer fim a longo prazo; e a natureza esconde na sua felicidade o seu próprio objetivo: a descendência, ou a perpetuidade da espécie.

Mas a habilidade com que o mundo foi feito também penetra na mente e no carácter dos homens. Nenhum homem é totalmente são; cada um carrega em si um veio de loucura, uma leve congestão de sangue na cabeça, para garantir que se agarre com firmeza a um ponto específico que a natureza tomou a peito. Grandes causas nunca são julgadas pelos seus méritos; mas são reduzidas a pormenores que se ajustem à estatura dos partidários, e a disputa é sempre mais acesa nas questões menores. Não menos notável é a fé excessiva que cada homem deposita na importância daquilo que tem para fazer ou dizer. O poeta, o profeta, valoriza o que pronuncia mais do que qualquer ouvinte — e por isso a sua palavra é dita.

O forte e autossatisfeito Lutero declara, com uma ênfase que não deixa margem para dúvida, que "nem o próprio Deus pode passar sem homens sábios." Jacob Böhme e George Fox traem o seu egotismo na persistência com que escrevem tratados polémicos, e James Naylor chegou a permitir que o adorassem como se fosse o Cristo. Cada profeta acaba por se identificar com o seu pensamento e considerar sagrados o seu chapéu e os seus sapatos. Por mais que isso possa descredibilizá-los aos olhos dos criteriosos, torna-os mais eficazes junto do povo, pois confere calor, intensidade e publicidade às suas palavras.

Experiência semelhante não é rara na vida privada. Cada jovem ardente escreve um diário, no qual, quando chegam as horas de oração e penitência, inscreve a sua alma. As páginas assim escritas ardem e perfumam para ele; lê-as de joelhos, à meia-noite ou sob a estrela da manhã; molha-as com lágrimas; são sagradas — demasiado boas para o mundo, e talvez ainda demasiado íntimas para o mais querido dos amigos. É o filho da alma que ali nasceu, e a sua vida ainda circula no recém-nascido. O cordão umbilical ainda não foi cortado.

Passado algum tempo, começa a desejar partilhar essa experiência sagrada com o amigo — e, com hesitação, mas firmeza, mostra-lhe as páginas. Não hão de queimar-lhe os olhos? O amigo folheia-as friamente, e passa da leitura à conversa com uma facilidade que surpreende e magoa o autor. Este não desconfia do valor do que escreveu. Dias e noites de vida fervorosa, de comunhão com anjos da luz e da escuridão, gravaram as suas sombras naquele livro manchado de lágrimas. Suspeita, portanto, da inteligência ou do coração do amigo. Existirá então amizade verdadeira?

Ainda não pode aceitar que alguém tenha experiências profundas e mesmo assim não saiba traduzi-las em literatura. E talvez a descoberta de que a sabedoria possui outras línguas e ministros além de nós — de que, mesmo se nos calássemos, a

verdade continuaria a ser dita — seja suficiente para refrear perigosamente o fogo do nosso zelo.

Um homem só pode falar enquanto não sente que o seu discurso é parcial e inadequado. De facto, é parcial — mas ele não o vê assim enquanto fala. Logo que se liberta do instinto e do imediato e percebe essa parcialidade, cala-se enojado. Ninguém pode escrever coisa alguma se não acredita que o que escreve é, naquele momento, a história do mundo; nem pode fazer bem o que quer que seja se não considerar que o seu trabalho é importante. O meu trabalho pode não o ser — mas não posso pensar assim, ou não conseguirei fazê-lo com impunidade.

Do mesmo modo, há na natureza algo de zombeteiro, algo que nos seduz e arrasta sempre para diante, mas nunca chega a lugar algum; não guarda fidelidade para connosco. Toda promessa supera o cumprimento. Vivemos num sistema de aproximações. Todo fim aponta para outro fim, igualmente provisório; sucesso redondo e final — em lado nenhum. Estamos acampados na natureza, não domesticados nela. A fome e a sede conduzem-nos a comer e a beber; mas o pão e o vinho, por mais bem preparados, deixam-nos famintos e sedentos depois de o estômago estar cheio.

O mesmo sucede com todas as nossas artes e realizações. A nossa música, a nossa poesia, a própria linguagem — não são satisfações, mas sugestões. A fome de riqueza, que reduz o planeta a um jardim, ludibria o perseguidor ansioso. Qual é, afinal, o objetivo? Claramente, garantir que o bom senso e a beleza não sejam perturbados por fealdade ou vulgaridade. Mas que método laborioso! Que maquinaria imensa para alcançar uma pequena conversa! Este palácio de tijolo e pedra, estes criados, esta cozinha, estes estábulos, cavalos e cocheiras, estas ações de banco e hipotecas; comércio com o mundo inteiro, casa de campo e chalé à beira-rio — tudo para uma simples conversa, elevada, clara e espiritual! Não se poderia tê-la igualmente entre mendigos na estrada?

Não. Tudo isso nasceu de esforços sucessivos desses próprios mendigos para remover os atritos da vida e criar oportunidade. A conversa, o carácter — esses eram os fins declarados; a riqueza era boa porque apaziguava os anseios animais, curava a chaminé fumegante, silenciava a porta a ranger, reunia os amigos numa sala quente e tranquila, e separava as crianças da mesa de jantar. O pensamento, a virtude, a beleza — esses eram os fins; mas sabia-se que até os homens de pensamento e virtude podiam sofrer de dores de cabeça, ou de pés molhados, ou perder tempo enquanto a sala aquecia nos dias de inverno.

Infelizmente, no esforço necessário para eliminar esses incómodos, a atenção principal desviou-se para o objetivo secundário — remover o atrito passou a ser o fim. Eis o ridículo dos ricos. Boston, Londres, Viena, e agora os próprios governos do mundo, são cidades e governos dos ricos; e as massas não são homens, mas pobres — isto é, homens que desejam ser ricos. Eis o ridículo dessa classe: que chegam, com esforço, suor e fúria... a lugar nenhum. Quando tudo está feito, não é por nada.

São como aquele que interrompe uma conversa para fazer o seu discurso — e, chegando a vez de falar, já esqueceu o que ia dizer. O que se vê por todo o lado é uma sociedade sem objetivo, nações sem objetivo. Serão os fins da natureza assim tão grandiosos e imperiosos, a ponto de exigirem este imenso sacrifício de homens?

Tal como acontece com os enganos da vida, há, como seria de esperar, um efeito semelhante no olhar perante a face da natureza exterior. Há nos bosques e nas águas um certo encanto e lisonja, acompanhados de uma incapacidade de proporcionar uma satisfação imediata. Esta desilusão sente-se em todas as paisagens. Vi a suavidade e a beleza das nuvens de verão a flutuar, plumas leves no céu, gozando, ao que parecia, da sua altura e privilégio de movimento, e, no entanto, não pareciam tanto a tapeçaria deste lugar e desta hora, mas antes prenunciavam pavilhões e jardins festivos que estariam para lá do horizonte.

É um ciúme estranho, mas o poeta sente-se nunca suficientemente próximo do seu objeto. O pinheiro, o rio, o canteiro de flores diante de si não parecem ser a natureza. A natureza está sempre algures. Isto ou aquilo é apenas periferia, reflexo longínquo e eco distante do triunfo que passou, e que agora brilha em esplendor e auge, talvez nos campos vizinhos ou, se estivermos no campo, então nos bosques ao lado. O objeto presente transmite-nos essa sensação de quietude que se segue a um cortejo que acaba de passar. Que distância esplêndida, que recantos de pompa e beleza inefáveis ao pôr-do-sol! Mas quem poderá ir até onde elas estão, ou pousar ali a mão ou o pé?

Caem para fora do mundo redondo para sempre. É o mesmo entre os homens e mulheres como entre as árvores silenciosas; uma existência sempre referida, uma ausência, nunca uma presença ou satisfação. Será que a beleza nunca pode ser alcançada? Será igualmente inacessível nas pessoas e nas paisagens? O amante aceite e prometido perdeu o encanto mais selvagem da sua amada no momento em que foi aceite por ela. Ela era o céu enquanto ele a perseguia como uma estrela: já não pode ser céu se se inclina para alguém como ele.

Que dizer desta aparência omnipresente daquele primeiro impulso projetado, desta lisonja e frustração de tantas criaturas bem-intencionadas? Não devemos supor, algures no universo, uma leve traição e escárnio? Não estaremos comprometidos com uma séria mágoa face a esta utilização que é feita de nós? Seremos trutas iludidas, tolos da natureza? Um só olhar para o rosto do céu e da terra apazigua todas as petulâncias, e acalma-nos com convicções mais sábias. Para o inteligente, a natureza transforma-se numa vasta promessa, e não se deixa explicar de forma precipitada.

O seu segredo permanece por revelar. Muitos Édipos chegam; têm todo o mistério a fervilhar no cérebro. Mas ai! A mesma feitiçaria arruinou a sua habilidade; não conseguem articular uma única sílaba. A sua órbita majestosa arqueia-se como o arco-íris fresco no abismo, mas ainda nenhuma asa de arcanjo foi forte o suficiente para a seguir e relatar o retorno da curva. Mas também parece que as nossas ações são secundadas e encaminhadas para conclusões maiores do que as que concebemos. Somos acompanhados por agentes espirituais em cada passo da vida, e um propósito benéfico está à espreita por nós.

Não podemos discutir com a Natureza, nem lidar com ela como lidamos com as pessoas. Se medirmos as nossas forças individuais contra as dela, podemos facilmente sentir que somos brinquedos de um destino insuperável. Mas se, em vez de nos identificarmos com a obra, sentirmos que a alma do Artífice flui através de nós, encontraremos a paz da manhã a habitar primeiro nos nossos corações, e os poderes insondáveis da gravidade e da química, e, sobre eles, da vida, a preexistir em nós na sua forma mais elevada.

A inquietação que nos causa a consciência da nossa impotência na cadeia de causas resulta de olharmos demasiado para uma única condição da natureza, a saber: o Movimento. Mas nunca se retira o travão da roda. Onde quer que o impulso exceda, o Repouso ou Identidade insinua a sua compensação. Por todos os campos vastos da Terra cresce a prunela ou erva-da-auto-cura. Após cada dia tolo, dormimos para dissipar os vapores e fúrias das suas horas; e embora estejamos sempre ocupados com os particulares, e muitas vezes escravizados por eles, levamos connosco a cada experiência as leis universais inatas.

Estas, enquanto existem na mente como ideias, permanecem à nossa volta na natureza eternamente encarnadas, uma sanidade presente para expor e curar a insanidade dos homens. A nossa servidão aos particulares trai-nos em cem expectativas tolas. Antecipamos uma nova era com a invenção de uma locomotiva ou de um balão; a nova máquina traz consigo os velhos travões. Dizem que com o

eletromagnetismo a tua salada poderá crescer da semente enquanto o teu frango assa para o jantar; é símbolo dos nossos objetivos e esforços modernos, da nossa condensação e aceleração dos objetos; — mas nada se ganha; a natureza não pode ser enganada; a vida do homem dura apenas setenta saladas, cresçam elas depressa ou devagar. Nestes travões e impossibilidades, contudo, encontramos a nossa vantagem, tanto quanto nos impulsos.

Que a vitória recaia onde quiser, estamos desse lado. E o conhecimento de que percorremos toda a escala do ser, desde o centro até aos polos da natureza, e temos uma parte em cada possibilidade, confere esse esplendor sublime à morte, que a filosofia e a religião tentaram expressar de forma demasiado literal e exterior na doutrina popular da imortalidade da alma. A realidade é mais excelente do que o relato. Aqui não há ruína, nem descontinuidade, nem projétil esgotado. As circulações divinas nunca param nem se demoram. A natureza é a encarnação de um pensamento, e volta a ser pensamento, como o gelo se torna água e depois gás.

O mundo é mente precipitada, e a essência volátil escapa-se para sempre de novo para o estado de pensamento livre. Daí vem a virtude e intensidade da influência que os objetos naturais, sejam inorgânicos ou orgânicos, exercem sobre a mente. O homem aprisionado, o homem cristalizado, o homem vegetativo, fala ao homem personificado. Esse poder que não respeita quantidades, que faz do todo e da partícula canais iguais, delega o seu sorriso à manhã, e destila a sua essência em cada gota de chuva.

Cada momento instrui, e cada objeto; pois a sabedoria está infundida em cada forma. Foi-nos vertida como sangue; convulsionou-nos como dor; escorregou para dentro de nós como prazer; envolveu-nos em dias sombrios e melancólicos, ou em dias de labor alegre; e não adivinhámos a sua essência senão muito tempo depois.

VERDADE

Os povos teutónicos possuem uma unidade nacional de coração que contrasta com as raças latinas. O nome germânico tem um significado proverbial de sinceridade e honestidade. As artes testemunham isso. Os rostos do clero e dos leigos em esculturas antigas e manuscritos iluminados transparecem uma crença sincera. A esta retidão hereditária junta-se a pontualidade e a precisão nos negócios que o comércio promove, e assim se forma a "verdade e crédito" ingleses. O governo cumpre estritamente os seus compromissos. Os súbditos não compreendem leviandades por parte dele.

Quando, nos tempos antigos do absolutismo, havia qualquer quebra de promessa, o povo ressentia-se como de uma afronta intolerável. E, nos tempos modernos, qualquer deslize na fé política do governo, qualquer recusa de compromissos ou desonestidade financeira, levaria toda a nação a exigir um inquérito e reforma. Os particulares cumprem as suas promessas, por mais triviais que sejam. A palavra dada é registada e torna-se indelével como o *Domesday Book*. O seu poder prático assenta na sua sinceridade nacional. A veracidade deriva do instinto e marca a superioridade da organização. A natureza dotou alguns animais com astúcia como compensação pela força que lhes foi negada, mas isso provocou a malevolência dos outros, como se fossem vingadores do mal público. Nos géneros mais nobres, onde a força pode ser concedida, as espécies são leais à verdade, pois esta é o alicerce do estado social.

Os animais que não fazem tréguas com o homem não quebram a fé entre si. Diz-se que o lobo, que esconde a presa e traz os seus companheiros ao local, se, ao escavar, ela não for encontrada, é imediatamente despedaçado sem resistência. A veracidade inglesa parece resultar de uma estrutura animal mais robusta, como se a pudessem permitir. São diretos ao dizer o que pensam, avarentos em promessas, e exigem honestidade dos outros. Não querem lidar com um homem mascarado. Que se saiba a verdade.

Traça-se uma linha reta, doa a quem doer. Alfredo, que o afeto nacional torna símbolo da sua raça, é chamado por um escritor da época da Conquista Normanda de "o que fala verdade" (*Alueredus veridicus*). Godofredo de Monmouth diz do Rei Aurélio, tio de Artur, que "acima de tudo, odiava a mentira". O normando Guttorm disse ao Rei Olaf: "Cumprir palavras reais é trabalho real". Os lemas das suas famílias são provérbios de advertência, como *Fare fac* — Diz, faz — dos Fairfax; *Say and seal*, da casa de Fiennes; *Vero nil verius*, dos De Vere. Ser "rei da sua palavra" é o seu orgulho. Quando desmascaram hipocrisias, dizem: "O inglês disto

é...", e chamar alguém de mentiroso é o insulto supremo. A expressão do povo mais simples é "honra limpa", e o elogio vulgar é "a palavra dele vale tanto quanto um contrato". Odeiam evasivas e equívocos, e a causa perde crédito público se se associar a qualquer duplicidade. Até Lord Chesterfield, com a sua educação francesa, ao definir um cavalheiro, declarou que a verdade era a sua distinção — e nada do que disse encontraria aprovação tão calorosa do seu povo.

O Duque de Wellington, com pleno direito a dizê-lo, afirmou ao general francês Kellermann que podia confiar na palavra de um oficial inglês. Os ingleses, de todas as classes, valorizam-se por este traço, que os distingue dos franceses, que, na crença popular, são mais corteses do que verdadeiros. Um inglês subestima, evita o superlativo, refreia-se nos elogios, alegando que, em francês, não se pode falar sem mentir.

Valorizam a realidade na riqueza, no poder, na hospitalidade, e não aprendem facilmente a fazer pose nem a levar o mundo como ele é. Não são dados a adornos, e, se os usam, têm de ser joias verdadeiras. Leem com gosto, em Fuller, que uma senhora do reinado de Isabel I "digeria tão pacientemente uma mentira como o uso de pedras falsas ou pérolas de imitação".

Têm o "desejo da terra", ou preferência por propriedade fundiária, característica atribuída às nações teutónicas. Constroem em pedra: os edifícios públicos e privados são maciços e duráveis. Comparando os seus navios, casas e escritórios com os americanos, costuma dizer-se que eles gastam uma libra onde nós gastamos um dólar. Roupas simples mas ricas, equipamento simples mas luxuoso, acabamentos simples mas requintados em toda a casa e pertences — tudo marca a verdade inglesa.

Confiam uns nos outros — inglês acredita em inglês. Os franceses reconhecem a superioridade desta honestidade. O inglês não está a montar uma armadilha para captar admiração — está honestamente a tratar da sua vida. O francês é vaidoso. Madame de Staël dizia que os ingleses irritavam Napoleão, principalmente por terem descoberto como unir sucesso com honestidade. Ela talvez não soubesse o quão amplamente os seus leitores estrangeiros aplicariam essa observação. Wellington descobriu a ruína dos assuntos de Bonaparte pela sua própria probidade.

Teve maus presságios do império assim que percebeu que era mentiroso e vivia da guerra. Se a guerra não trouxer como consequência novo comércio, melhor agricultura e indústria, mas apenas festas, fogo-de-artifício e espetáculos —

nenhuma prosperidade a pode sustentar; muito menos uma nação dizimada por conscrições e arruinada como França. Assim, trabalhou anos nas suas obras militares em Lisboa, e a partir dessa base estendeu finalmente as suas linhas gigantescas até Waterloo, confiando nos seus compatriotas e nos seus silogismos acima de toda a fanfarronice da Europa.

Num festival de São Jorge, em Montreal, onde me encontrava como convidado desde o regresso a casa, observei que o presidente elogiou os seus compatriotas dizendo que confiavam que, onde quer que encontrassem um inglês, encontrariam um homem que dizia a verdade. E não se pode considerar este festival infrutífero, se, em todo o mundo, no dia 23 de Abril, onde quer que dois ou três ingleses se encontrem, se reúnam para se encorajar mutuamente na nacionalidade da veracidade. Na capacidade de dizer verdades duras, às vezes em frente ao próprio leão, ninguém os supera.

No aniversário do rei, quando se esperava que cada bispo oferecesse uma bolsa de ouro ao rei, Latimer ofereceu a Henrique VIII uma cópia da Vulgata, assinalando a passagem "Deus julgará os fornicadores e adúlteros"; e eles respeitam tanto a coragem entre si que o rei não levou a mal. São tenazes nas suas crenças e não mudam facilmente de opinião consoante a ocasião. São como navios com demasiado ímpeto à proa para virar depressa, e nem a prosperidade nem a adversidade são suficientes para abalar a sua visão habitual da conduta. Enquanto eu estava em Londres, M. Guizot chegou de Paris, após a sua fuga em Fevereiro de 1848. Muitos amigos privados visitaram-no. O seu nome foi imediatamente proposto como membro honorário do Athenaeum. Guizot foi rejeitado a votos. Certamente conheciam o prestígio do seu nome.

Mas o inglês não é volúvel. Já há anos tinha formado uma opinião definitiva, ao ler o seu jornal, para odiar e desprezar M. Guizot; e a mudança de estatuto deste — agora um exilado ilustre e hóspede no país — não faz qualquer diferença para ele, ao contrário do que faria imediatamente para um americano.

Eles exigem a mesma firmeza, convicção profunda e autenticidade nos homens públicos. É a falta de carácter que dá má reputação aos deputados irlandeses. "Vejam-nos," diziam, "cento e vinte e sete a votar como carneiros, sem nunca proporem nada, e todos menos quatro a votar o imposto sobre o rendimento" — uma concessão mal calculada do governo, que aliviava a propriedade irlandesa dos encargos que pesavam sobre a inglesa.

Têm horror aos aventureiros, dentro ou fora do Parlamento. A paixão dominante dos ingleses hoje é o medo do embuste. E valorizam, na mesma medida, a honestidade, firmeza e coerência com os próprios princípios. Apreciam um homem comprometido com os seus objetivos. Detestam os franceses por serem frívolos; os irlandeses por não terem rumo; os alemães por serem meros professores. Em Fevereiro de 1848, diziam: "Vejam, o rei francês e o seu partido caíram por falta de um disparo; não tiveram consciência para atirar, tão esvaziada estava a monarquia por dentro."

Criticam os seus próprios políticos todos os dias, pelas mesmas razões: por serem aventureiros. Valorizam a firmeza na defesa dos próprios direitos, em recusar dinheiro ou promoções que impliquem cedências. O advogado recusa o título de Conselheiro da Rainha se o seu colega júnior o receber um dia antes. Lord Collingwood recusou a medalha pela vitória de 14 de Fevereiro de 1797 se não lhe fosse também atribuída uma pela vitória de 1 de Junho de 1794 — e a medalha há muito adiada acabou por ser concedida.

Quando Castlereagh tentou dissuadir Lord Wellington de comparecer à audiência real enquanto não se esclarecesse o impopular episódio de Cintra, ele respondeu: "Acabaste de me dar um motivo para ir. Ou vou a esta audiência, ou nunca mais vou a uma audiência real." A turba radical de Oxford gritava atrás do tory Lord Eldon: "Ali vai o velho Eldon; aplaudam-no; ele nunca mudou de lado." Deram o apelido parlamentar de *Trimmers* (os que andam ao sabor do vento) aos oportunistas — que o carácter inglês despreza.

São muito suscetíveis, na política, a delírios extraordinários; como acreditar, tal como consta nos livros mais sérios, que o movimento de 10 de Abril de 1848 foi incentivado ou apoiado por estrangeiros. O que, diga-se, é comparável à fantasia democrática neste país (EUA), partilhada por homens racionais noutras áreas, de que os ingleses estão por detrás da agitação contra a escravatura na política americana; e ainda às lendas populares francesas sobre a "Albion pérfida". Mas a suspeição transforma nações em tolos, tal como faz aos indivíduos.

O seu temperamento lento torna-os menos rápidos e prontos do que outros povos, e deu origem à observação de que o espírito de humor inglês vem sempre depois — o que os franceses designam por *esprit d'escalier* (espírito da escada). Esta lentidão alimenta o seu apego ao lar e a adesão, em qualquer país estrangeiro, aos hábitos da terra natal. O inglês que visita o Monte Etna leva consigo o seu bule até ao topo. O velho autor italiano da *Relação da Inglaterra* (em 1500) diz: "Tenho da melhor fonte que, mesmo no auge da guerra, eles procuram boa comida e todos os

outros confortos, sem pensar no que de mal lhes possa acontecer." Os seus olhos parecem postos no fundo de um túnel, e afirmam com toda a sinceridade o único facto que conhecem, como se nada mais existisse. E como a sua fé nas libras é total, aplicam com facilidade o argumento monetário como prova final.

Assim, quando os sons dos "rappings de Rochester" chegaram a Inglaterra, um homem depositou 100 libras num cofre selado num banco de Dublin, e anunciou nos jornais que qualquer sonâmbulo, mesmerista ou outro que conseguisse adivinhar o número da nota receberia o dinheiro. Deixou lá o dinheiro seis meses, incentivando os jornais, de tempos a tempos, a relembrar o desafio aos entendidos — mas ninguém conseguiu dizer-lhe o número. E ele concluiu: "Agora não me venham mais com esta mentira provada."

Conta-se que um bom Sir John ouviu os argumentos de um advogado, formou a sua opinião; depois, ao ouvir o outro lado, ficou tão confuso e indeciso que exclamou: "Que Deus me ajude! Nunca mais volto a ouvir provas." A Europa está cheia de deliciosos exemplos desta "estolidez" inglesa. Conheci um homem muito respeitável — creio que era magistrado na cidade de Derby — que foi à ópera ver Malibran. Numa cena, a heroína devia atravessar uma ponte em ruínas. O Sr. B. levantou-se e chamou, com calma mas firmeza, a atenção do público e dos atores para o facto de que, na sua opinião, a ponte era insegura!

Esta estolidez inglesa contrasta com a agilidade mental e tato franceses. Diz-se frequentemente que os franceses têm muito mais influência na Europa do que os ingleses. A influência dos ingleses é exercida pela força bruta da riqueza e do poder; a dos franceses, por afinidade e talento. O italiano é subtil, o espanhol traiçoeiro — dizem que nem as torturas arrancam a um egípcio a confissão de um segredo. Nenhum destes traços pertence ao inglês. A sua cólera e vaidade fazem com que revele tudo. Defoe, que conhecia bem os seus compatriotas, dizia deles:

"Na intriga secreta, são fracos por natureza,
Pois dizem tudo o que sabem com franqueza.
Minam os próprios planos sem intenção,
Por pura fraqueza, não por traição.
Daí, dizem os eruditos com razão,
Que as traições inglesas nunca têm sucesso,
Pois são de tal coração aberto,
Que revelam o que pensam — e o dos outros, por certo."

INSPIRAÇÃO

Esse rio que corre, vindo de regiões que não vejo, derrama por um tempo os seus fluxos dentro de mim.

"Se de cabeça erguida canto,
Mesmo que todas as Musas me emprestem forças,
Se for por mero amor a algo,
O verso é fraco e raso como a sua fonte.
Mas se de cabeça inclinada tateio,
Escutando atrás de mim por sabedoria,
Com fé superior à esperança,
Mais ansioso por conter do que por avançar,
Tornando a minha alma cúmplice
Da chama que o coração acendeu,
Então o verso vestirá eternidade —
O tempo não pode dobrar uma linha que Deus escreveu."
— "Inspiration", Thoreau.

Foi Watt quem disse ao rei Jorge III que trabalhava com um artigo de que os reis costumavam gostar — o Poder. É certo que o que todos queremos saber é onde se compra o poder. Mas queremos um tipo mais fino do que o do comércio; e qualquer homem sensato daria tudo — casa, terras, sustento futuro — por condensação, concentração e a capacidade de convocar, à vontade, uma alta energia mental. O nosso dinheiro é apenas um segundo melhor. Saltaríamos para comprar poder com ele — isto é, perceção intelectual movendo a vontade. Isso sim, é o melhor de tudo. Mas não sabemos onde é a loja. Se Watt soubesse, esqueceu-se de dizer o número da rua.

Há momentos em que o intelecto está tão ativo que tudo parece correr ao seu encontro. Os recursos surgem sem grande esforço ou estudo. O saber corre para o homem, e o homem corre para o saber. Na primavera, quando a neve derrete, os bordos vertem açúcar, e não se conseguem baldes com rapidez suficiente — mas é apenas por alguns dias. O caçador nas planícies, na época certa, não precisa escolher terreno: a leste, a oeste, junto ao rio, junto à floresta — está sempre perto da presa. Mas as condições favoráveis são mais exceção do que regra.

O homem primitivo, tal como visto pela geologia ou sob as ténues luzes do microscópio de Darwin, não é uma figura cativante. Ainda bem que comeu os seus peixes, caracóis e tutanos longe dos nossos olhos e ouvidos, e que as suas

experiências tristes ficaram para trás há muito tempo. Cortaram-lhe a juba, apararam-lhe as unhas, tiraram-lhe a cauda, puseram-no de pé, enviaram-no à escola e fizeram-no pagar impostos antes de ele começar a escrever a sua triste história para compaixão ou repúdio dos seus descendentes — que, em quase unanimidade, o renegam. Temos de aceitá-lo como o encontramos: já bem avançado na sua educação e, em tudo o que sabemos dele, uma criatura interessante, com vontade, invenção, imaginação, consciência e uma esperança inextinguível.

A lei do desenvolvimento interrompido, segundo Hunter, não se aplica apenas às estruturas vegetais e animais — atinge também o intelecto humano. No homem selvagem, o pensamento é infantil; e no civilizado, desigual, variando ao longo de uma extensa escala. Mesmo nas melhores raças é raro e imperfeito. Em momentos felizes, é reforçado, e desenvolve sugestões rudimentares até conclusões mais amplas, claras e grandiosas. O poeta não vê um fenómeno natural que não lhe exprima um facto correspondente da sua experiência mental; toma consciência de um poder para continuar e completar a metamorfose do natural em espiritual. Tudo o que ouvimos pela primeira vez já era esperado pela mente; a descoberta mais recente já era pressentida.

Chamamos inspiração a esta ampliação de poder. Acredito que nada grande e duradouro pode ser feito sem inspiração — sem confiar no presságio secreto. A visão e o poder do homem são interrompidos e esporádicos; pode ver e realizar esta ou aquela tarefa menor, à vontade, mas isso não o leva mais longe. Para dar o passo seguinte, recorre a meios mecânicos. Mas não pode ser feito assim. Esse passo seguinte também tem de ser dado por inspiração — se não por ele, por outro. Cada avanço verdadeiro é feito por aquilo que um poeta chamou de "olhares líricos", por facilidade lírica — nunca por força bruta e ignorância. Anos de trabalho mecânico apenas parecem fazer isso — mas não o fazem de verdade.

A inspiração é como o fermento. Não importa de qual das várias formas se obtém a infeção — pode-se aplicar uma ou outra igualmente bem ao propósito, e assim obter o pão. E todo trabalhador sincero, em qualquer ofício, conhece algumas condições favoráveis ao seu trabalho. Quando quero escrever sobre um tema, não importa que tipo de livro ou pessoa me dê um impulso — nem quão distante esteja do tema.

O poder é o bem supremo. Rarey pode domar um cavalo selvagem; mas se pudesse dar velocidade a um cavalo lento, não seria isso ainda melhor? O bêbado encontra o caminho para a taberna sem que lho digam, mas o poeta não sabe onde está o cântaro que guarda o seu néctar. Todo jovem devia conhecer o caminho para a

profecia tão naturalmente como o moleiro sabe abrir a água, ou o engenheiro, o vapor. Um surto de pensamentos é a única prosperidade verdadeiramente concebível. Belas roupas, carruagens, quintas, parques, prestígio social — nada disso disfarça a verdadeira pobreza e insignificância, aos meus olhos ou aos de outros como eu.

Os pensamentos revelam-nos a realidade. Nem milagre, nem magia, nem tradição religiosa, nem sequer a imortalidade da alma individual são inacreditáveis depois de termos experimentado uma intuição, um pensamento. Creio que isso só ocorre a alguns homens uma vez na vida — ora como impulso religioso, ora como visão intelectual. Mas o que nos falta é continuidade. É connosco como relâmpagos: um clarão de luz, depois uma longa escuridão, depois outro clarão. O sono que separa os nossos dias quase destrói a identidade.

Se ao menos pudéssemos transformar estas centelhas fugazes numa astronomia de mundos copernicianos! Para a maioria, mal resta um elo de memória que una o ontem ao hoje. A casa, o trabalho e a família servem-lhes de cordas para uma continuidade tosca. Esquecem os pensamentos de ontem; dizem hoje o que lhes ocorre — e amanhã, outra coisa qualquer. Esta insegurança na posse, este recuo veloz do poder — como se a vida fosse uma trovoada, em que por um relâmpago se vê o horizonte, mas logo de seguida nem a mão se enxerga — atormenta-nos. Não conseguimos tornar a inspiração contínua. Surge-nos uma visão, um ponto de vista que, pelo seu brilho, cega-nos quanto ao resto — mas não um panorama. Uma inspiração mais plena deveria fazer com que o ponto se tornasse linha, e a linha se curvasse até fechar o círculo.

Hoje a máquina elétrica não funciona, nenhuma faísca salta; depois, subitamente, o mundo inteiro é um dorso de gato: todo faísca e choque. Às vezes o mar está escuro; outras, brilha até ao horizonte. Por vezes a harpa eólica fica muda o dia inteiro à janela; depois torna-se tagarela e revela todos os segredos do mundo. Em Junho, a manhã é barulhenta com pássaros; em Agosto, já estão velhos e silenciosos.

Daí a questão: estarão estes estados de espírito sob algum controlo? Se ao menos soubéssemos comandá-los! Mas onde está o Franklin com a pipa ou haste para este fluido? Um Franklin que extraia eletricidade do próprio Júpiter, e a leve para as artes da vida, que inspire os homens, que os retire da vida de ninharias, lucros e comodidades, e torne o mundo transparente, para que possam ler os símbolos da Natureza? Que metafísico alguma vez se propôs enumerar os tónicos para a mente adormecida — as regras para recuperar a inspiração? O que há de melhor nela é

precisamente o que menos se pode controlar. Do modo como a inspiração se dá, não temos qualquer conhecimento.

Mas, na experiência dos homens meditativos, há certo consenso quanto às condições de receção. Platão, na sua sétima epístola, observa que a perceção só se realiza após longa familiaridade com os objetos do intelecto e uma vida conforme às próprias coisas. "Então, uma luz, como saltando de uma chama, acende-se de repente na alma, e alimenta-se a si própria." Ele disse também: "O homem que é senhor de si mesmo bate em vão às portas da poesia." O artista deve sacrificar-se à sua arte. Como as abelhas, tem de pôr a vida na ferroada que dá. Para que serve um homem sem entusiasmo? E o que é o entusiasmo senão este ousar a ruína pelo seu objeto?

Há pensamentos que estão além do alcance da nossa alma; ainda assim, somos atraídos por eles. A traça voa para a chama da lâmpada; e Swedenborg tem de resolver os problemas que o assombram, mesmo que enlouqueça ou morra por isso.

Há génio tanto na virtude como no intelecto. É a doutrina da fé sobre as obras. Os êxtases da bondade são tão antigos quanto a história, e tão novos quanto o nascer do sol. As lendas da Arábia, da Pérsia e da Índia têm o mesmo tom das cristãs. Sócrates, Manu, Confúcio, Zoroastro — reconhecemos em todos esse ardor por decifrar os indícios do pensamento.

Sustento que o êxtase é algo natural, apenas um exemplo, num plano mais elevado, da mesma suave gravitação com que as pedras caem e os rios correm. A experiência identifica. Shakespeare parece-te milagroso; mas as maravilhosas justaposições, paralelismos e transposições que o seu génio realizou estavam para ele interligadas como elos de uma corrente, e o modo como isso se deu era tão claro para uma inteligência superior como o índice o é para o escriba rotineiro. O resultado do escriba é inconcebível para o tipógrafo que aguarda por ele.

Devemos valorizar a nossa juventude. Mais tarde, falta-nos o calor para executar os planos: a boa vontade, o conhecimento, o arsenal completo de meios está lá, mas o certo fogo que antes nunca falhava recusa-se a cumprir o seu papel, e tudo é em vão até que esse combustível caprichoso seja reacendido. Parece um calor semi-animal — como se chá, vinho, ar do mar, montanhas, um companheiro inspirador ou uma ideia nova sugerida por um livro ou conversa pudesse acender a centelha, despertar a imaginação e a perceção clara. Carvão — onde encontrá-lo? De nada serve que o motor seja perfeito como um relógio — que o operário seja hábil e saiba manobrá-lo — se não há carvão.

Esperamos até que alguma ideia tirânica, surgindo do céu, nos arrebate esta liberdade com que nos dispersamos. Bem, temos diariamente o mesmo indício. "Hoje não estou no auge da minha condição," diz o homem, "mas chegará a hora favorável em que poderei comandar todas as minhas faculdades, e então será fácil fazer o que agora é impossível."

Vejam como as paixões aumentam a nossa força — a ira, o amor, a ambição — e, por vezes, a simpatia ou a expectativa dos outros. Garrick dizia que, no palco, os seus grandes paroxismos surpreendiam-no tanto a ele como ao público. Se isto é verdade neste plano inferior, é também verdade no superior. O génio de Swedenborg era a perceção da doutrina de que "o Senhor flui para os espíritos dos anjos e dos homens"; e todos os poetas testemunharam momentos raros em que se sentiam superiores a si mesmos — quando uma luz, uma liberdade, um poder lhes surgia, elevando-os a feitos que não poderiam alcançar noutras alturas; ao ponto de um poeta religioso me ter dito que valorizava os seus poemas não por serem seus, mas por não o serem. Acreditava que os anjos lhos tinham trazido.

Jacob Böhme disse: "A arte não escreveu aqui, nem houve tempo para ponderar como registar tudo com exatidão segundo a compreensão correta das letras, mas tudo foi ordenado conforme a direção do espírito, que frequentemente avançava apressado — de modo que a mão do escriba, por não estar habituada, tremia muitas vezes. E, embora eu pudesse escrever de modo mais claro, belo e compreensível, o fogo ardente forçava à pressa, e a mão e a pena tinham de correr atrás dele, pois vem e vai como uma chuva repentina. Em um quarto de hora vi e soube mais do que se estivesse anos numa universidade."

A profundidade das notas que soamos por acaso nas cordas da Natureza está completamente desproporcionada à nossa faculdade aprendida e certificada, e pode ensinar-nos quão estranhos e novatos somos, vagabundos neste universo de pura potência, do qual possuímos apenas a chave mais minúscula.

Herrick disse:

"Nem todos os dias estou
Pronto para profetizar;
Só quando o espírito enche
As partículas da fantasia
Com fogo, então escrevo
Como dita a Divindade.
Assim, em fúria, lanço os meus versos,

Como os da Síbila, pelo mundo.
Vê como logo o fogo sagrado
Ou se apaga ou se retira;
E assim arrefece a imaginação — até
Que volte esse bravo espírito."

Bonaparte disse: "Não há homem mais pusilânime do que eu ao traçar um plano militar. Amplifico todos os perigos, todos os infortúnios possíveis. Estou num estado de agitação profundamente dolorosa. Isso não impede que pareça totalmente sereno aos que me rodeiam. Sou como uma mulher grávida — e quando tomo uma decisão, tudo é esquecido exceto o que a pode fazer triunfar."

Claro que há certos riscos neste pressentimento da perceção decisiva, tal como no uso do éter ou do álcool:

"Grandes génios à loucura são vizinhos;
Ambos fazem da pobreza, orgulho."

Aristóteles disse: "Nenhum grande génio existiu sem alguma mistura de loucura, e nada de grandioso ou acima da voz dos mortais pode ser dito senão por uma alma agitada."

Podemos bem dizer que, nesses momentos memoráveis da vida, nós estávamos dentro deles — não eles em nós. Encontrámo-nos, por feliz acaso, numa porção iluminada, numa zona meteórica, e saímos dela de novo, tão distante estava ela da nossa vontade.

"É princípio de guerra," disse Napoleão, "que, quando se pode usar o relâmpago, é melhor do que canhões."

Quantas fontes de inspiração podemos contar? Tantas quanto as nossas afinidades. Mas, para fins práticos, podemos nomear algumas.

I. A saúde é a primeira musa, com os seus benefícios mágicos de ar puro, paisagem e exercício físico sobre a mente. Os árabes dizem que "Alá não conta como vida os dias passados na caça" — ou seja, esses são dados de graça. Platão achava que "o exercício quase cura uma consciência culpada." Sydney Smith dizia: "Nunca vais falhar num discurso no dia em que tiveres caminhado doze milhas."

Honro a saúde como a primeira musa, e o sono como a sua condição. O sono beneficia sobretudo pela saúde que proporciona; e, incidentalmente, pelos sonhos,

onde por vezes se insere uma lição divina no meio do caos onírico. A vida é feita de ciclos curtos; cansamo-nos rapidamente, mas recuperamos depressa. Um homem exausto pelo trabalho, faminto, prostrado — incapaz de erguer a mão para salvar a própria vida — cai num sono profundo e acorda com juventude renovada, esperança, coragem, fértil em recursos e ávido por aventuras ousadas.

"O sono é como a morte, e após o sono
O mundo parece recomeçado;
Pensamentos brancos mantêm-se firmes e luminosos,
Como estátuas ao sol;
Refrescada por fontes suprassensíveis,
A alma ascende a uma visão mais clara."

Um homem deve ser capaz de escapar às suas preocupações e medos, tal como à fome e à falta de sono; por isso, outro provérbio árabe contém uma verdade crua: "Quando o estômago está cheio, diz à cabeça: Canta, camarada!" A perfeição da escrita ocorre quando mente e corpo estão em harmonia; quando a mente encontra no corpo uma obediência perfeita.

E o vinho, sem dúvida, e toda a boa comida — como as frutas delicadas — fornecem alguma sabedoria elementar. E o fogo também, a arder na lareira; pois imagino que os meus troncos, que cresceram tanto tempo ao sol e ao vento de Walden, são uma espécie de Musas. Assim acontece com todos os elementos da saúde, do exercício, da nutrição adequada e dos tónicos. Algumas pessoas dir-te-ão que há muita poesia e nobre sentimento numa caixa de chá.

2. A experiência de escrever cartas é uma das chaves do modo de funcionamento da inspiração. Quando deixámos, há muito, de sentir aquela plenitude de pensamentos que outrora tornava o diário uma alegria além de uma necessidade, e passámos a acreditar que já não conseguimos uma imagem ou uma expressão feliz, ao escrever uma carta a um amigo podemos descobrir que ascendemos ao pensamento e a um poder cordial de expressão, sem esforço algum — e parece-nos que essa facilidade pode ser retomada e aplicada indefinidamente.

A riqueza da mente neste aspeto, da visão, é como a de um espelho, que nunca se cansa nem se desgasta com a multidão de objetos que reflete. Podemos levá-lo por todo o mundo, e estará sempre pronto e perfeito como dantes para refletir milhões de novidades.

3. Outra consideração, que não interessará tanto aos jovens, mas animará o coração dos estudiosos mais velhos, é que há repouso diário e secular. Tal como há

esta renovação diária da sensibilidade, acontece por vezes — embora raramente — que, após uma época de decadência ou eclipse, meses ou anos de obscuridade, as faculdades renascem com plena força. Um dos factos mais belos da ciência metafísica é o registo jubiloso de Niebuhr, de que, após ter perdido durante anos o seu dom para interpretar a História, esse dom lhe voltou. Como isso me alegrou, também me alegra o poema *The Flower*, de Herbert. A sua saúde tinha-se arruinado cedo, perdera a musa, e neste poema escreve:

"E agora, em idade, volto a florir;
Após tantas mortes, vivo e escrevo;
Sinto de novo o orvalho e a chuva,
E saboreio o verso. Ó minha única luz,
Não pode ser
Que eu seja aquele
Sobre quem caíram as tuas tempestades toda a noite."

O seu poema *The Forerunners* (*Os Precursores*) também tem supremo interesse. Entendo que os "precursores" se referem aos sinais da idade e da decadência que detecta em si — não apenas na sua constituição, mas também na imaginação, na facilidade e graça ao escrever verso. E expressa tanto o prazer nesta habilidade como a dor de que Herricks, Lovelaces e Marlowes, ou outros, usem talento semelhante para fins sensuais. Consola-se, porém, com o facto de que a sua fé e a vida divina nele permanecem inalteradas, intactas.

4. O poder da vontade é, por vezes, sublime. E para que serve a vontade, senão para nos ajudar em emergências? Séneca conta que, durante uma doença quase fatal, pensou no seu pai — que não suportaria tal perda — e isso o conteve: "Ordenei a mim mesmo que vivesse." Goethe disse a Eckermann: "Trabalho com mais facilidade quando o barómetro está alto. Desde que sei disso, esforço-me por contrariar o efeito negativo quando o barómetro está baixo — e consigo."

"Ao mortal perseverante, os imortais acorrem com rapidez."
Sim, porque sabem como te dar, num instante, a solução do enigma que meditaste durante meses. "Se não tivesse vivido com Mirabeau," diz Dumont, "nunca teria sabido tudo o que pode ser feito num só dia — ou melhor, num intervalo de doze horas. Para ele, um dia valia mais do que uma semana ou um mês para outros. O amanhã, para ele, não era o mesmo impostor que para a maioria."

5. Plutarco afirma que "as almas são naturalmente dotadas da faculdade da previsão, e a principal causa que desperta esta faculdade é certa disposição do ar e

dos ventos." O meu eremita considerava "triste que influências atmosféricas tragam à nossa poeira a comunhão com o Infinito"; mas alegro-me que a atmosfera seja excitante — alegro-me que até a rocha inerte seja inundada pela divindade, que se torne teísta, cristã, poética. As delicadas influências da manhã poucos as conseguem explicar — mas todos as reconhecem. Goethe reconhece-as num poema em que destitui o rouxinol do seu lugar como líder das Musas:

MUSAGETES

"Muitas vezes, na meia-noite profunda,
Invoquei as doces Musas.
Nenhuma aurora surgia,
Nenhum dia despontava;
Mas à hora certa
A lâmpada trazia-me luz piedosa,
Para que, em vez da Aurora ou de Febo,
Ela animasse o meu labor tranquilo.
Mas deixaram-me a dormir,
Entorpecido, sem ânimo.
E após cada manhã tardia
Seguiam-se dias infrutíferos.
Quando a Primavera despertou,
Disse eu aos rouxinóis:
'Queridos rouxinóis, trinem,
Cedo, ó cedo diante da minha janela.
Acordem-me do sono profundo
Que fortemente prende o jovem.'
Mas os cantores apaixonados
Entoaram, à noite, diante da minha janela,
As suas doces melodias —
Mantiveram desperta a minha querida alma.
Despertaram tenros anseios
No meu coração recém-tocado.
E assim passou a noite.
E a Aurora encontrou-me a dormir;
Sim, nem o sol me acordava.
Finalmente chegou o Verão,
E ao primeiro raio da manhã
A mosca matinal e diligente pica-me
Para fora do meu doce sono.

Sem piedade, volta de novo;
E quando o meio-desperto tenta afugentá-la
Chama as irmãs importunas.
E dos meus olhos
O doce sono tem de partir.
Com vigor, salto do leito,
Procuro as Musas amadas,
Encontro-as no bosque de faias,
Acolhedoras comigo;
E agradeço ao inseto importuno
Por tantas horas douradas.
Fiquem então, por mim, criaturas atormentadoras,
Altamente louvadas pelo poeta
Como verdadeiras Musagetas."

Os franceses têm um provérbio que diz que não só o dia, mas todas as coisas têm o seu amanhecer — *"Il n'y a que le matin en toutes choses."* É uma regra primordial: defender a tua manhã, manter-lhe todos os orvalhos, e com subtil previsão, livrá-la de qualquer ruído de afazeres — até mesmo da pergunta: "Qual tarefa?"

Lembro-me de um conselho sábio do velho Presidente Quincy, que me disse que nunca se deitava sem ter planeado os estudos da manhã seguinte. Acredito que, nos nossos bons dias, uma mente bem ordenada tem sempre um pensamento novo à espera logo pela manhã. E por isso, homens eminentemente reflexivos, desde Pitágoras até hoje, insistem na importância de uma hora diária de solidão — para se encontrarem consigo mesmos e escutarem o oráculo que têm para revelar. Se uma nova visão da vida ou da mente nos dá alegria, também a dá um novo arranjo. Não sei se não sentimos tanto prazer ao encontrar o lugar certo para uma velha observação como ao descobrir uma ideia nova.

6. O convívio solitário com a Natureza — pois daí jorram palavras doces e terríveis que nunca se proferem em bibliotecas. Ah! os dias de primavera, as madrugadas de verão, os bosques de Outubro! Confio que o meu leitor conhece esses segredos deliciosos — e que, talvez, já tenha desprezado a língua erudita de Minerva…

Mas saltamos de alegria quando, ao vento, soava a concha de Clio.

És poético, impaciente com o comércio, cansado do trabalho e dos assuntos mundanos? Queres ter o Monadnoc, o Agiocochook, o Helvellyn ou o Plinlimmon —

queridos do canto inglês — no teu escritório? Caerleon, a Provença, Ossian e Cadwallon? Ata duas cordas a uma tábua e coloca-a à janela: tens então um instrumento que nenhuma harpa de artista consegue rivalizar. Não requer ouvido treinado; se tens sensibilidade, ele admite-te a interiores sagrados. Traz a tristeza da Natureza, mas nos seus cambiantes ressoam tons de triunfo e notas festivas, em todas as medidas da grandeza. "Nunca reparaste", diz Gray, "'enquanto os ventos rugem e sopram', naquela pausa em que a rajada se recolhe e sobe ao ouvido numa nota aguda e plangente, como o crescendo de uma harpa eólica?

Asseguro-te que não há no mundo nada tão parecido com a voz de um espírito." Talvez recordes um prazer semelhante, que falou ao olhar, quando estiveste junto a um lago na floresta, no verão, e viste pequenas rachas de vento agitar repentinamente a superfície imóvel da água em frotas de ondulações — tão súbitas, tão subtis, tão espirituais, que mais pareciam o ondular da Aurora Boreal à noite do que qualquer espetáculo do dia.

7. Mas a solidão da Natureza não é tão essencial como a solidão do hábito. Encontrei vantagem em ir, no verão, para uma estalagem de campo, no inverno, para um hotel na cidade, com uma tarefa que em casa não prosperaria. Assim asseguro um isolamento mais absoluto; pois é quase impossível, para alguém que gere uma casa e é também pequeno agricultor, evitar interrupções e ordens necessárias — embora, por sistema, barre tudo o que posso e omita resolutamente, com prejuízo constante, tudo o que é omitível.

Em casa, o dia divide-se em pedaços curtos. No hotel, não tenho horários a cumprir, visitas a receber ou fazer, e comando um lazer astronómico. Esqueço a chuva, o vento, o frio e o calor. Em casa, mesmo na biblioteca, recordo as necessidades da quinta, e tenho simpatia a mais. Invejo a abstração de certos estudiosos que conheci, capazes de se sentar num lancil de rua e resolver um problema. Os meus olhos são mais femininos.

Todas as condições têm de estar certas para que eu tenha êxito — por mais modesto que seja esse êxito. O que desafina é tão prejudicial como o que me paralisa ou atordoa. A novidade, a surpresa, a mudança de cenário revigoram o artista — "quebram o teto monótono do céu em novas formas", como disse Hafiz.

A beira-mar, o gosto metálico de dois metais em contato, o aumento das nossas faculdades na presença — ou melhor, na aproximação e no afastamento — de um amigo, e a mistura de mentira com verdade, e a experiência da criatividade poética

que não se encontra nem em permanecer em casa nem em viajar, mas nas transições entre um e outro — e que, por isso, devem ser habilmente geridas para oferecer o maior número possível de superfícies de transição — são exemplos ou condições deste poder. "Um passeio junto ao mar, uma navegação perto da costa", dizia o antigo. Montaigne viajava com os seus livros, mas não os lia. "La Nature aime les croisements," diz Fourier.

Sei que há margem para caprichos aqui; mas quanto a certas trivialidades aparentes, há notável concordância sobre o incómodo que causam. E a máquina com que lidamos é de tal delicadeza que até os caprichos devem ser respeitados. É preciso que o fogo colabore. Não queremos apenas tempo — queremos tempo quente. George Sand dizia: "Não tenho entusiasmo por Natureza que o mais leve frio não destrua imediatamente." E lembro que Thoreau, com toda a sua força de vontade, sentia certos pequenos desconfortos perturbarem a delicadeza da saúde exigida pela composição — até mesmo o simples facto de ter bebido demasiada água no dia anterior. Até uma pena de aço é um incómodo para alguns escritores.

Alguns de nós recordar-se-ão de uma petição publicada há anos nos jornais ingleses, assinada por Carlyle, Browning, Tennyson, Dickens e outros escritores de Londres, contra a licença dos tocadores de realejo que infestavam as ruas próximas das suas casas — a exigir deles um tributo sonoro.

Certas localidades — como cimos de montanhas, a beira-mar, margens de rios e ribeiros rápidos, parques naturais de carvalhos e pinheiros, onde o chão é limpo e suave — excitam a musa. Todo artista conhece algum retiro favorito. E, no entanto, a experiência de alguns bons artistas ensinou-lhes a preferir o aposento mais pequeno e simples, com uma cadeira e uma mesa e sem qualquer vista, a essas liberdades pitorescas. William Blake dizia: "Os objetos naturais sempre enfraqueceram, amorteceram e obliteraram a minha imaginação." E Sir Joshua Reynolds não gostava de Richmond; dizia: "A face humana é a minha paisagem."

Estes prazeres devem ser usados com grande cautela. Allston raramente saía do estúdio durante o dia. Um velho amigo levou-o, certa tarde luminosa, num amplo passeio pelo campo, e ele pintou dois ou três quadros como frutos desse passeio. Mas tinha como regra não ir à cidade dois dias seguidos. Um era descanso; mais seria tempo perdido. Os momentos de força devem ser bem geridos, e o estudante sábio recordar-se-á da prudência de Sir Tristão, em *Morte d'Arthur*, que, tendo recebido de uma fada um encantamento que lhe concedia seis horas diárias de força crescente, cuidava de lutar nas horas em que essa força aumentava; pois do meio-dia em diante a força diminuía.

Quanta prudência exige todo artista, todo estudioso, na segurança do seu cavalete ou da sua secretária! Estes devem estar afastados do labor da casa e do conhecimento de quaisquer passos que venham ou vão.

Diz-se que Allston tinha dois ou três quartos em diferentes partes de Boston onde não podia ser encontrado. Pois as delicadas musas perdem a cabeça se a atenção se distrai. Talvez, se fosses bem-sucedido no convívio e nas transações com os homens, não regressarias à estante e à tarefa. Quando o espírito te escolhe como escriba para publicar algum mandamento, torna-te odioso aos homens, e torna os homens odiosos para ti — e deves aceitar esse nojo com alegria. A traça voa para a chama, e tu tens de resolver essas questões, mesmo que te custem a vida.

8. A conversa — que, quando é autêntica, é uma sucessão de intoxicações. Não Aristóteles, nem Kant ou Hegel, mas a conversa é o verdadeiro professor de metafísica. Esta é a escola real da filosofia — este é o colégio onde se aprende o que são os pensamentos, que poderes habitam nesses clarões fugitivos e o que lhes sucede; como fazem história. Um homem sábio vai a este jogo para tocar nos outros e para ser tocado, e está pelo menos tão curioso em descobrir o que pode ser extraído de si como do outro.

Pois, no diálogo com um amigo, o nosso pensamento — até então embrulhado na nossa consciência — desprende-se e mostra-se como pensamento, de modo tão novo e encantador para nós como para os nossos interlocutores. Para provocar o pensamento, usamos a nós próprios e aos outros. Algumas perceções — creio que as melhores — são concedidas à alma solitária; vêm das profundezas e às profundezas regressam, sendo as mais permanentes e determinantes. Outras requerem dois. Precisamos de ser aquecidos pelo fogo da simpatia, para entrar nas condições e ângulos certos de visão. Conversa — pois a atividade intelectual é contagiosa. Somos naturalmente emulativos.

Se o tom do companheiro é mais elevado do que o nosso, deleitamo-nos em elevá-lo ainda mais. É uma observação histórica que o escritor precisa de encontrar uma audiência à altura do seu pensamento, ou deixará de se importar em partilhá-lo — acabando por descer ao nível deles ou ficar em silêncio. Homero disse: "Quando dois se encontram, um compreende antes do outro"; mas é porque um pensou bem que o outro pensa melhor: dois homens de bom espírito despertam a atividade mútua, cada um tentando ultrapassar o pensamento do outro.

Na conversa alargada, surgem sugestões que exigem novos modos de vida, novos livros, novos homens, novas artes e ciências. Pela simpatia, cada um se abre à eloquência, e começa a ver com os olhos da mente. Estávamos todos sós, desligados — e de súbito, um princípio revela-se a todos: vemos novas relações, muitas verdades; cada mente as agarra ao passar; cada um apanha pela crina um desses corcéis velozes como cavalos das pradarias, e galopa no mundo do intelecto.

Vivemos dia após dia sob a ilusão de que são os factos ou os acontecimentos que importam, quando, na verdade, o que tem significado não é isso, mas o uso que lhes damos — ou o que pensamos sobre eles. Consideramos as nações importantes, até descobrirmos que alguns indivíduos nos dizem muito mais; depois, mais tarde, que nem sequer são os indivíduos ou heróis sagrados que contam, mas sim a humildade, a entrega, a grande recetividade à verdade de uma única mente — como se, nas estreitas paredes de um coração humano, coubesse todo o reino da verdade, o mundo da moral, o tribunal que julga o universo.

9. Nova poesia — entendendo por isso, sobretudo, a poesia antiga que é nova para o leitor. Ouvi de pessoas com prática em escrever versos que bastava ler qualquer poesia original para se sentirem impulsionadas a compor. O melhor da literatura está nas palavras afirmativas, proféticas, fecundas dos poetas que fazem homens. Só é poesia aquilo que me purifica e me torna mais homem.

Palavras usadas num novo sentido e figuradamente lançam um brilho encantador; e cada palavra admite um novo uso, e sugere sentidos ulteriores. Ainda não aprendemos a lei da mente — não conseguimos controlar nem domesticar à vontade os altos estados de contemplação e pensamento contínuo. "Nem por mar, nem por terra", dizia Píndaro, "podes alcançar o caminho dos Hiperbóreos" — nem por mero desejo, nem por regra de três ou palpite.

Contudo, encontro algum alívio ou consolo em levar sempre comigo, nas viagens, um bom livro — Horácio, Marcial, Goethe — um livro que me eleve por completo para fora do mundo prosaico e do qual extraia conhecimento duradouro. Um epigrama grego da antologia, um verso de Herrick ou Lovelace, estão em harmonia tanto com o sentido como com o espírito.

Não deves ler jornais, nem política, nem romances, nem Montaigne, nem o mais recente livro francês. Podes ler Plutarco, Platão, Plotino, mitologia e ética hindus. Podes ler Chaucer, Shakespeare, Ben Jonson, Milton — e a prosa de Milton tanto quanto os seus versos; ler Collins e Gray; ler Hafiz e os *trouveurs*; até mitologia galesa e britânica de Artur, e (em segredo) Ossian. Livros de factos, que todos os

génios prezam como matéria-prima e como antídoto à verbosidade e à falsa poesia. Livros de factos, se os factos forem bem e profundamente contados, estão muito mais próximos da poesia do que muitos livros escritos em verso. Só o conhecimento mais recente atua como fonte de inspiração e pensamento — como apenas a camada mais externa do líber de uma árvore. Livros de ciências naturais, especialmente os escritos pelos antigos — geografia, botânica, agricultura, explorações do mar, dos meteoros, da astronomia — tanto melhor se escritos sem ambição literária. Todo livro é bom, se põe o leitor em estado de trabalho. O livro profundo, por mais distante que esteja o seu assunto, é o que melhor nos serve.

E estas não são, certamente, todas as fontes — nem posso nomeá-las todas. A recetividade é rara. As ocasiões ou circunstâncias predisponentes nunca consegui catalogar; mas ora uma paisagem, ora uma forma, uma cor, um companheiro — ou talvez uma simples palavra ou sílaba sonora — "toca a cadeia elétrica com que estamos misteriosamente ligados", e é impossível reproduzir, deliberadamente, as condições subtis a que devemos os nossos momentos mais felizes de lucidez. O dia é bom quando tivemos o maior número de perceções. A análise é tanto mais difícil quanto mais folhas de papoila são espalhadas no momento em que a generalização é feita; pois nunca consigo recordar os pormenores a que devo determinada visão, para repetir a experiência ou me recolocar nas mesmas condições:

"Das tarefas mais difíceis é manter
As alturas que a alma tem poder de alcançar."

Valorizo a biografia literária pelas pistas que oferece, vindas de tantos estudiosos, em tantos países, sobre que hábitos de higiene, que ascetismo, que ginástica, que práticas sociais a sua experiência sugeriu e aprovou. São, na sua maioria, homens a quem bastava uma pequena riqueza. Grandes propriedades, compromissos políticos ou hospitalidades opulentas teriam sido obstáculos para eles. São homens a quem um livro podia entreter, um pensamento novo inebriar e prender por anos, talvez.

Aubrey, Burton e Wood contam-me episódios que não considero insignificantes. São sugestões sobre aquilo que, em toda a educação, é a principal necessidade: o governo correto — ou, direi antes? — a obediência correta às potências da alma humana. Ela é, em si, a ditadora; a mente, o oráculo sagrado. Todo o nosso poder, toda a nossa felicidade, reside na recetividade aos seus sinais — que se tornam mais claros e sublimes à medida que lhes obedecemos.

ELOQUÊNCIA

Aquele a quem as Musas sorriem
E tocam com suave persuasão,
Suas palavras, como vento de tempestade,
Trazem terror e beleza em seu voo;
Em cada sílaba que profere
Habita a natureza verdadeira;
E ainda que fale na mais escura meia-noite —
Sem estrela no céu, nem faísca na terra —
Diante do ouvinte
O mundo dança em êxtase.
A floresta ondula, a manhã rompe,
Os prados dormem, os lagos ondulam.
As folhas cintilam, as flores ganham rosto,
E a vida pulsa na rocha ou na árvore.

É doutrina comum entre os mestres populares da música que quem sabe falar, sabe cantar. Assim, provavelmente, todo homem é eloquente uma vez na vida. Os nossos temperamentos diferem na capacidade de calor — ou melhor, fervem a diferentes temperaturas. Um homem chega ao ponto de ebulição com a simples excitação de uma conversa na sala. As águas, naturalmente, não são muito profundas. Tem um entusiasmo de dois centímetros, uma ebulição de forma de tarte. Outro requer o calor adicional de uma multidão e de um debate público; um terceiro precisa de um antagonista, ou de uma indignação ardente; um quarto, de uma revolução; e um quinto, nada menos do que a grandeza das ideias absolutas — os esplendores e sombras do Céu e do Inferno.

Mas, como todo homem é orador, por mais mudo que tenha sido, uma assembleia torna-se tanto mais sensível. A eloquência de um estimula todos os outros — alguns até ao ponto de falarem, e os restantes até um grau tal que se tornam excelentes ouvintes e condutores; e vingam-se do seu silêncio forçado com uma loquacidade redobrada ao regressarem ao convívio junto à lareira.

O destino destes cérebros fleumáticos é melhor do que o daqueles que fervem precocemente e irrompem em fala antes de tempo. As convenções locais exibem muitas vezes um estilo de eloquência "panela pequena — fervura rápida". Lembram-nos demasiado uma experiência médica em que uma série de pacientes inala gás hilariante. Cada paciente, por sua vez, manifesta os mesmos sintomas — rubor facial, verbosidade, gesticulação violenta, atitudes delirantes, uma alarmante

perda da noção do tempo, um prazer egoísta nas suas sensações, e perda de consciência do sofrimento da audiência.

Platão dizia que o castigo dos sábios que se recusam a participar no governo é viverem sob o governo de homens piores; e essa mesma tristeza se insinua a todos os ouvintes como o preço por não falarem — terem de escutar oradores piores do que eles próprios. Mas esse desejo de falar revela o sentimento universal da energia do espírito e a curiosidade humana por tocar os seus mecanismos. De todos os instrumentos musicais que os homens podem tocar, uma assembleia popular é o que possui a maior gama e variedade — e, com génio e estudo, os efeitos mais prodigiosos podem ser extraídos dela.

Uma audiência não é a simples soma dos indivíduos que a compõem. A sua simpatia cria nela um certo organismo social, que preenche cada membro, em seu grau, e principalmente o orador, como um frasco numa bateria é carregado com a eletricidade de toda a bateria. Ninguém pode observar o rosto de uma assembleia em fervor sem sentir que ali há nova oportunidade para pintar com fogo o pensamento humano — e ser agitado para agitar. Quantos oradores se sentam mudos na plateia! Vêm para ver feita justiça ao seu ouvido e intuição — que nenhum Chatham, nenhum Demóstenes jamais satisfez.

Dizem os Tríades Galeses: "Muitos são os amigos da língua dourada." Quem pode admirar-se com o magnetismo do Parlamento, do Congresso ou da advocacia, para os nossos jovens ambiciosos, quando os mais altos prémios da sociedade estão aos pés do orador bem-sucedido? Ele tem a audiência ao seu dispor. Todas as outras glórias silenciam perante a dele. Ele é o verdadeiro potentado; pois não são reis os que se sentam em tronos, mas os que sabem governar.

As definições de eloquência revelam o seu apelo aos jovens. Antifonte, o Ramnusiano, um dos dez oradores de Plutarco, anunciava em Atenas que curava perturbações da mente com palavras. Nenhum homem tem uma prosperidade tão alta ou firme que duas ou três palavras não possam abalar. E não há calamidade que palavras justas não comecem a remediar.

Sócrates definia a sua arte como "o poder de engrandecer o pequeno e de reduzir o grande" — uma definição astuta, mas parcial. Entre os espartanos, a arte assumia forma espartana: a de arma cortante. Sócrates diz: "Se alguém desejar conversar com o mais humilde dos lacedemónios, achará ao início que ele é insignificante na fala; mas, dada a oportunidade, esse mesmo homem, como um lançador hábil,

arremessará uma frase digna de atenção — curta e contorcida — deixando o interlocutor sem vantagem, como se fosse apenas um rapaz."

Platão definiu a retórica como "a arte de governar as mentes dos homens." O Corão diz: "Uma montanha pode mudar de lugar, mas o homem não muda a sua disposição." E, no entanto, não será esse o fim da eloquência? Alterar, em duas horas — talvez em meia hora de discurso — convicções e hábitos de anos?

Os jovens, também, estão ávidos por experimentar esta sensação de poder acrescido e existência simpática ampliada. O orador vê-se como órgão de uma multidão, concentrando nela os seus valores e forças…

"Mas agora o sangue de vinte mil homens
Ruborizava-me o rosto."

Aquilo que o orador deseja — aquilo a que a eloquência deve aspirar — não é apenas a habilidade particular em contar uma história, ou resumir com destreza uma prova, ou argumentar com lógica, ou manipular habilmente os preconceitos da plateia — não, é algo mais: é tomar posse soberana da audiência. Chamamos artista àquele que consegue tocar numa assembleia de homens como um mestre toca as teclas de um piano — aquele que, vendo o povo furioso, o suaviza e acalma, e que os conduz, quando quiser, ao riso e às lágrimas. Leva-o até ao seu público e, sejam quem forem — grosseiros ou refinados, agradados ou descontentes, fechados nos seus dogmas ou com as opiniões guardadas a sete chaves — ele há de tê-los a rir, a chorar, a render-se ao seu comando; e eles levarão a cabo o que ele lhes ordenar.

Este é o despotismo que os poetas celebraram no Flautista de Hamelin, cuja música atraía como a força da gravidade — soldados e padres, mercadores e convivas, mulheres e rapazes, ratos e camundongos; ou no trovador de Meudon, que fez os carregadores do caixão dançarem à volta do féretro. Trata-se de um poder com muitos graus, que exige do orador uma ampla gama de faculdades e experiências, requerendo um homem de natureza composta, como só raramente a Natureza organiza — de modo que, na nossa experiência, somos forçados a recolher essa figura em fragmentos, aqui um talento, ali outro.

A audiência é um medidor constante do orador. Em toda assembleia pública há muitas audiências, cada uma das quais se torna dominante por turnos. Se algo cómico e grosseiro é dito, emerge de imediato o grupo dos rapazes e desordeiros, tão ruidosos e vivazes que se poderia pensar que a sala está cheia deles. Mas se o orador introduz temas novos, mais graves e elevados, esses rufias recuam; e uma atenção mais casta e sábia ocupa o seu lugar. Dir-se-ia que os rapazes

adormeceram, e que os homens — com todas as suas profundidades — despertaram. Se o orador profere uma sentença nobre, a atenção aprofunda-se, e surge uma audiência nova e superior, que escuta em silêncio reverente — calando todas as anteriores: a do riso, a dos factos, a da razão.

Há, de facto, algo de excelente em toda audiência — a capacidade de virtude. Estão prontos para serem beatificados. Sabem tanto mais do que o orador — e são tão justos! Há nelas uma tábua preparada para cada linha que ele puder gravar, mesmo que ele se eleve aos mais altos níveis. Pessoas humildes sentem uma iluminação nova; testas estreitas alargam-se com afetos expandidos; espíritos delicados, há muito desconhecidos de si próprios, disfarçados em fortunas ásperas, ouvem agora pela primeira vez a sua língua nativa — e estremecem ao ouvi-la. Mas todas essas audiências distintas, cada qual mais elevada que a anterior, que se revelam sucessivamente consoante o estilo e o tema, são na verdade compostas pelas mesmas pessoas — por vezes até o mesmo indivíduo participa ativamente em todas, por turnos.

Essa variedade de poderes no orador consumado, e de públicos dentro de uma mesma assembleia, leva-nos a considerar os vários estágios da oratória.

Talvez seja das qualidades mais baixas do orador — mas em tantas ocasiões a mais crucial — uma certa robustez e saúde física radiante; ou, direi talvez, um grande volume de calor animal. Quando cada ouvinte sente que ocupa espaço a mais naquela sala ainda vazia e estremece com o frio da audiência matinal — receando que tudo falhe por causa de um discurso infeliz — a mera energia e calor humano tornam-se inestimáveis.

Sabedoria e erudição pareceriam duras e indesejadas, comparadas com a substância de um homem cordial, feito de "leite", como se diz — um aquecedor de ambientes, com sua honestidade visível e boas intenções, e um estilo de discurso em alarme que inunda a assembleia com uma torrente de vitalidade e torna tudo seguro e propício a qualquer tipo de boa oratória. Não coloco esta eloquência animal entre as mais elevadas; mas, como temos de ser alimentados e aquecidos antes de fazermos qualquer bom trabalho — mesmo o melhor — também essa exuberância meio-animal, como um bom fogão, é da primeira necessidade numa casa fria.

O clima influencia muito — o clima e a raça. Peçam a um nova-iorquino para descrever um acidente que presenciou. Quanta hesitação e contenção no seu relato! Conta com dificuldade alguns pormenores e apressa-se até ao resultado, esperando que com isso se perceba o quadro todo. Agora ouçam uma mulher

irlandesa relatar uma experiência sua. O discurso corre como um rio — tão espontâneo, tão bem-humorado, tão comovente, com justiça feita a todas as partes! É uma verdadeira transubstanciação — o facto convertido em fala, tudo quente, colorido, vivo, como aconteceu. O nosso povo do Sul é, quase todo, naturalmente orador, e tem todas as vantagens sobre os nova-inglêses, cujo clima é tão frio que se diz que nem gostam de abrir muito a boca. Mas nem mesmo o sulista dos Estados Unidos, nem os irlandeses, se comparam com os habitantes do sul da Europa.

O viajante na Sicília não precisa de nenhum espetáculo melodramático mais exuberante do que aquele que encontrará na *table d'hôte* da sua hospedaria, na conversa dos hóspedes festivos. Imitam a voz e o gesto da pessoa que descrevem; cacarejam, guincham, assobiam, ladram, gritam como loucos — e, mesmo que fosse só pela energia física despendida na narrativa, mantêm a mesa inteira em agitação.

Mas, em toda constituição, é necessário algum grau elevado de vigor físico como base para as qualidades superiores da arte.

No entanto, a eloquência tem de ser atrativa — ou não é eloquência. A virtude dos livros está em serem legíveis; a dos oradores, em serem interessantes. E isso é um dom da Natureza — como Demóstenes, o mais laborioso dos estudantes da retórica, reconheceu ao escrever "Boa Sorte" como mote no seu escudo. Sabemos que o poder de discurso de certos indivíduos chega à fascinação, ainda que não tenha efeito duradouro. Uma pitada desse "açúcar" deve sempre estar presente.

A verdadeira eloquência não precisa de sino para chamar as pessoas, nem de polícia para as manter. Atrai as crianças do seu jogo, os velhos das poltronas, o doente do seu quarto aquecido. Prende o ouvinte; rouba-lhe os pés, para que não parta; a memória, para que esqueça os assuntos mais urgentes; a crença, para que não aceite argumentos contrários. As descrições que dela temos nos tempos semi-bárbaros — quando ela ainda gozava da vantagem de públicos mais simples — mostram aquilo a que ela aspira. Diz-se que os *Khans*, ou contadores de histórias, em Ispahan e noutras cidades do Oriente, alcançam um poder de controlo sobre a audiência, mantendo-a atenta durante horas a aventuras das mais fantasiosas e extravagantes.

O mundo inteiro conhece bem o estilo desses improvisadores — e quão fascinantes são — pelas traduções das *Mil e Uma Noites*. Xerazade conta histórias para salvar a vida — e o encanto de jovens europeus e americanos nelas prova que ela mereceu, de facto, salvá-la. E quem não se recorda, na infância, de alguma

Xerazade — branca, negra ou amarela — que, com o seu talento para narrar infinitas façanhas de fadas, magos, reis e rainhas, era mais querida e maravilhosa para um círculo de crianças do que qualquer orador de Inglaterra ou da América é hoje?

A disposição mais indolente e imaginativa dos povos orientais torna-os muito mais sensíveis a estes apelos ao imaginário. Essas lendas são apenas exageros de acontecimentos reais, e toda a literatura contém elogios sublimes à arte do orador e do bardo — desde os hebreus e gregos até ao escocês Glenkindie, que

"tirava um peixe da água salgada com a harpa,
ou água de uma pedra,
ou leite do seio de uma donzela
que nunca teve filho."

Homero deleitava-se particularmente em desenhar essa figura. Pois que é a *Odisseia* senão a história do orador, no seu estilo mais amplo, conduzido por uma série de aventuras que oferecem oportunidades brilhantes ao seu talento? Vejam com que cuidado e prazer o poeta o traz ao palco. Helena está a apontar a Príamo, desde uma torre, os diferentes chefes gregos. "O velho perguntou: 'Diz-me, minha filha, quem é aquele homem, mais baixo que Agamémnon, mas que parece mais largo nos ombros e no peito?

Os seus braços caem ao lado do corpo, mas ele, como líder, caminha entre as hostes. Parece-me como um carneiro altivo, que marcha à frente do rebanho.' Ao que Helena, filha de Júpiter, respondeu: 'Este é o sábio Ulisses, filho de Laertes, criado no estado rochoso de Ítaca, conhecedor de todos os ardis e conselhos sensatos.' E Antenor, o prudente, replicou: 'Ó mulher, disseste a verdade. Pois o sábio Ulisses veio cá certa vez, em embaixada, com Menelau, o querido de Marte. Acolhi-os e recebi-os em minha casa. Tornei-me familiar com o génio e os juízos prudentes de ambos.

Quando se misturaram com os troianos reunidos, e ficaram de pé, os ombros largos de Menelau destacavam-se acima dos demais; mas, sentados, Ulisses era mais majestoso. Quando falavam, entrelaçando histórias e opiniões com todos, Menelau falava de forma concisa — poucas mas muito doces palavras, pois não era falador nem redundante no discurso, e era mais jovem. Mas quando o sábio Ulisses se levantava, fitando o chão, e não mexia o cetro nem para trás nem para diante, mas o segurava imóvel, como um homem desajeitado — dir-se-ia um tolo ou alguém colérico — e depois soltava do peito aquela voz poderosa e as palavras caíam como

a neve do inverno, então nenhum mortal ousaria competir com Ulisses; e nós, ao vê-lo, já não nos admirávamos tanto do seu aspeto.'"

Assim, Homero não deixa de dotar Ulisses, desde o início, com o poder de superar toda a oposição pelos encantos do discurso. Plutarco conta que Tucídides, quando o rei Archidamo de Esparta lhe perguntou quem era o melhor lutador — Péricles ou ele — respondeu: "Quando o deito ao chão, ele diz que nunca caiu, e convence os próprios espectadores disso." Filipe da Macedónia disse, ao ouvir o relato de um discurso de Demóstenes: "Se eu estivesse lá, ele ter-me-ia convencido a pegar em armas contra mim mesmo." E Warren Hastings disse, sobre o discurso de Burke no seu julgamento: "Enquanto o ouvia, senti-me, durante mais de meia hora, o ser mais culpado à face da Terra."

Nestes exemplos, já entraram qualidades mais elevadas, mas o poder de prender o ouvido com palavras agradáveis e de cativar a fantasia e a imaginação existe frequentemente mesmo sem maiores méritos. Quando isolada, esta fascinação pelo discurso — se visa apenas o entretenimento — é, embora eficaz no momento, uma ilusão, sem força duradoura.

Ouvimo-la como se fosse uma banda de música a passar na rua: transforma todos os transeuntes em poetas, mas é esquecida assim que vira a esquina. E, a menos que essa língua oleada possa, como se diz no Oriente, lamber o sol e a lua, deve ser tratada como o ópio — um delírio sem remédio, a não ser o algodão nos ouvidos, ou a cera com que Ulisses tapou os ouvidos dos marinheiros para passarem ilesos pelas Sereias.

Há todos os graus de poder, e mesmo os menores são interessantes — mas não devem ser sobrestimados. Há a língua fácil e o sangue-frio do vendedor de loja, que, como é bem sabido, consegue vencer a prudência e a resolução de donas e donos de casa. Há a fluência do advogado de província, que é suficientemente impressionante para quem não possui essa arte — embora, em tantos casos, se trate apenas de uma facilidade em exprimir com rapidez e precisão o que todos pensam e dizem lentamente; sem novas informações, sem profundidade de pensamento — apenas mais do mesmo.

Não é preciso nenhum talento especial para editar um jornal local. No entanto, quem for capaz de dizer, frase a frase, o que se encontra impresso — nem melhor nem pior — será muito impressionante para o nosso público geralmente satisfeito. Estes oradores pertencem à mesma classe dos que prosperam, como o célebre professor que se mantinha sempre uma lição à frente do aluno. Acrescente-se um

pouco de sarcasmo e agilidade em comentar os assuntos do dia — e temos o político malicioso e ruidoso do congresso. Um toque de malícia, um tom grosseiro na retórica, não lhe fará mal nenhum perante o seu público. Estas habilidades pertencem à mesma espécie — apenas num grau superior — ao convencimento do leiloeiro ou ao "falar de boca" do tipo que grita nas esquinas. Têm o seu uso e serventia para quem os pratica, mas podemos dizer de todos eles que o hábito da oratória tende a desqualificá-los para a verdadeira eloquência.

Um dos nossos estadistas disse: "A maldição deste país são os homens eloquentes." E não é de admirar a inquietação que, por vezes, se manifesta entre os políticos experientes, habituados aos assuntos públicos, ao verem a vantagem desproporcionada dada de repente à oratória sobre o serviço sólido e acumulado. Num senado ou comité executivo, o resultado concreto depende de alguns poucos homens com talento prático — eles sabem como lidar com os factos, como organizá-los de forma exequível, e valorizam os outros apenas pela capacidade de contribuir para o trabalho.

Mas aparece alguém novo, sem qualquer utilidade prática, irrelevante no comité — mas que tem talento para falar. E, num debate público, esse indivíduo faz um discurso que é impresso e lido por todo o país — e imediatamente torna-se famoso e assume liderança na opinião pública, sobrepondo-se a todos os homens eficazes — que, naturalmente, ficam indignados ao ver alguém sem tato nem competência colocado acima deles apenas por essa habilidade verbal que tanto desprezam.

Deixando de lado essas pretensões, para pior, e aproximando-nos da verdade: a verdadeira eloquência é cativante porque é uma expressão de ascendente pessoal — um poder total e resoluto, raro porque exige uma rica combinação de faculdades: intelecto, vontade, simpatia, carácter — e, acima de tudo, boa sorte quanto à causa que se defende. Temos meio caminho andado para acreditar que esse tipo de pessoa é, de facto, capaz de contrabalançar todos os outros.

Acreditamos que pode existir um homem que seja mestre dos acontecimentos, alguém que nunca encontrou o seu igual, perante quem os outros, ao colidirem, se partem — um homem de recursos pessoais inesgotáveis, capaz de aceitar qualquer desvantagem e ainda assim vencer. O que desejamos é uma mente à altura de qualquer exigência, alguém em quem se possa confiar na zona rural ou na cidade, em plena luz do dia, sob os olhos da polícia e de cem mil pessoas. Mas... e no Atlântico, durante uma tempestade — compreendes o que é infundir razão em homens dominados pelo terror e ainda assim salvar-te a ti próprio? E entre ladrões, ou perante uma multidão furiosa, ou mesmo entre canibais? Frente a frente com um

salteador armado, que tem todas as tentações e oportunidade de te roubar e matar, conseguirias escapar apenas com a tua inteligência, através da palavra? — um problema simples para César ou Napoleão. Sempre que chega um homem desse calibre, o salteador encontrou o seu mestre. Que diferença há entre os homens na força do rosto! Um homem vence porque tem mais poder no olhar do que outro, e assim o ilude ou confunde. Os jornais, todas as semanas, relatam aventuras de algum vigarista audacioso que, pela firmeza da postura, enganou quem deveria saber melhor.

E, no entanto, os burlões que conhecemos são novatos e trapalhões — como o prova a má fama que deixam. Um maior poder de presença conseguiria tudo — e, com os lucros, ainda apagaria o mau nome. Um maior poder de agir com elevação e perfeita confiança confundiria comerciantes, banqueiros, juízes, homens de influência e poder, poetas e presidentes, podendo liderar qualquer partido, destronar qualquer soberano e revogar qualquer constituição, na Europa ou na América.

Dizia-se que um homem alcançava um vasto poder no momento em que renunciava ao escrúpulo moral e decidia que não mais hesitaria perante nada. Dizia-se de William Pepperell, uma das figuras notáveis da Nova Inglaterra, que "onde quer que o colocassem, ele comandava, e o que desejava acabava por acontecer." Júlio César disse a Metelo, quando este, tribuno, tentou impedi-lo de entrar no tesouro romano: "Jovem, é mais fácil eu ordenar a tua morte do que dizer-te isso"; e o jovem cedeu. Em tempos anteriores, César fora capturado por piratas. E então? Instalou-se no navio deles, criou laços extraordinários, contou-lhes histórias, declamou-lhes discursos; se não o aplaudissem, ameaçava enforcá-los — o que viria a fazer mais tarde — e, em pouco tempo, dominava por completo o ambiente a bordo.

Um homem assim, que não se deixa perturbar, e que pode, por isso, jogar a sua última carta com serenidade, tem uma reserva de poder — e acerta sempre no alvo. Com um rosto tranquilo, converte um reino. O que se diz dele parece miraculoso; e tem esse efeito nos homens. A confiança depositada nele é generosa, e ele transforma o mundo — e surgem histórias, poemas e novas filosofias para o explicar. Um comandante supremo sobre todas as suas paixões e afetos — mas o segredo do seu domínio é mais alto ainda: é o poder da Natureza a fluir sem entraves, do cérebro e da vontade até às mãos.

Homens e mulheres são o seu jogo. Onde quer que estejam, ele nunca está sem recursos. "Quem sabe falar bem", disse Lutero, "é um homem." Eram homens deste

tipo que os estados gregos pediam a Esparta como generais. Não solicitavam tropas aos lacedemónios — diziam: "Enviem-nos um comandante"; e os éforos despachavam Pausânias, ou Gílipo, ou Brásidas, ou Ágis.

É fácil ilustrar esta personalidade avassaladora com exemplos de soldados e reis; mas há também homens de vida pacífica e princípios tranquilos que são sentidos por onde passam, tão intensamente quanto o sol de Julho ou o frio de Dezembro — homens que, se falam, são escutados mesmo que sussurrem; que, quando agem, agem de forma eficaz, e o que fazem é imitado; e tais exemplos podem ser encontrados tanto em palcos humildes como nos mais elevados.

Nos países antigos atribui-se um grande valor pecuniário aos serviços de homens que alcançaram distinção pessoal. Quem tem causas a defender deve contratar, não um advogado hábil, mas uma pessoa imponente. Um advogado em Inglaterra chegou a ganhar trinta ou quarenta mil libras por ano, representando empresas ferroviárias perante comités da Câmara dos Comuns. Os clientes não lhe pagavam tanto por conhecimento jurídico, mas por qualidades humanas — coragem, presença, conduta firme e uma posição imponente que lhe permitia fazer ouvir e respeitar as suas causas.

Sei bem que, entre o nosso povo frio e calculista, onde cada um exerce um domínio sobre si mesmo, onde fervores, pânicos e abandonos estão fora do sistema, há bastante ceticismo quanto à influência extraordinária. Falar de uma mente avassaladora provoca a mesma reação de ceticismo e desdém que se vê à volta de uma mesa onde se contam anedotas maravilhosas sobre magnetismo. Cada ouvinte põe fim à conversa exclamando: "Mas ele consegue magnetizar-me a mim?" — cada um interroga-se se algum orador poderá mudar as suas convicções.

Mas alguém se julga mesmo assim tão inexpugnável? Acredita que não é possível que venha um homem capaz de o persuadir a abandonar a sua decisão mais firme? Por exemplo, fazer de um cidadão calmo e ponderado um fanático? Ou, se é avarento, levá-lo a gastar dinheiro com algo que hoje nem imagina? Ou, sendo ele prudente e trabalhador, convencê-lo a abandonar o seu ofício para se dedicar dias e semanas a uma nova causa?

Não, ele desafia qualquer um. Ah! Está a pensar na oposição, em alguém de natureza oposta à sua. Mas e se aparecer alguém com a mesma inclinação de espírito — apenas mais capaz, que vê muito mais além no mesmo caminho? Um homem com gostos como os meus, mas com mais poder, dominar-me-á em qualquer dia — e eu amarei esse domínio.

Assim, não são as capacidades de discurso que consideramos primeiro com esta palavra *eloquência*, mas sim o poder que, estando presente, lhes dá perfeição — e cuja ausência as deixa com um valor meramente superficial. A eloquência é o órgão próprio da energia pessoal mais elevada. O ascendente pessoal pode existir com ou sem talento adequado para a sua expressão. Mas sente-se com tanta certeza como uma montanha ou um planeta; e, quando está armado com o poder da palavra, parece, pela primeira vez, tornar-se verdadeiramente humano — atua em todas as direções e fornece à imaginação os materiais mais ricos.

Esta circunstância entra em toda a consideração sobre o poder dos oradores, e é a chave para todos os seus efeitos. Numa assembleia, o orador e o público encontram-se em perpétuo equilíbrio; e a predominância de um ou de outro é indicada pela escolha do tema. Se existem talentos de oratória, mas falta a personalidade forte, então temos bons oradores que exprimem na perfeição a vontade do público, e até a população mais vulgar sente-se lisonjeada por ver o seu pensamento mais trivial devolvido com todo o ornamento que o talento feliz pode conferir. Mas se o orador tiver personalidade, o cenário muda.

O público assume a postura de aluno, segue o orador como uma criança segue o preceptor, e escuta o que ele tem a dizer. É como se, no conselho do rei em Madrid, Ximenes defendesse um ataque à França, Mendoza sugerisse manter Flandres subjugada, e Colombo, sendo então chamado, fosse interrogado sobre como o seu saber geográfico poderia ajudar o gabinete — e ele nada dissesse nem a um nem a outro, mas mostrasse como toda a Europa podia ser diminuída e reduzida sob o domínio do rei, anexando à Espanha um continente tão vasto como seis ou sete Europas.

Esse equilíbrio entre orador e audiência manifesta-se no que se chama a *pertinência do orador*. Há sempre uma tensão entre o orador e a ocasião, entre as exigências do momento e a predisposição individual. A emergência que convoca uma reunião costuma ser mais importante do que qualquer coisa que os oradores tenham na mente, e por isso impõe-se-lhes. Mas se um deles tiver algo de necessidade imperiosa no coração, depressa encontrará maneira de o exprimir — e com aplauso da assembleia!

Este equilíbrio observa-se mesmo na mais íntima das conversas. O pobre Tom nunca conheceu ocasião tão insignificante que lhe permitisse dizer o que lhe ia na alma sem ser travado por falares deslocados; mas se Bacon falasse, os sábios prefeririam ouvi-lo, mesmo que estivessem em marcha as revoluções de reinos.

Ouvi contar de um pregador eloquente, cuja voz ainda não foi esquecida nesta cidade, que, em ocasiões de luto ou desastres trágicos que mergulhavam a congregação na tristeza, subia ao púlpito com mais entusiasmo do que o habitual e, virando-se para as suas lições favoritas de gratidão jubilosa — "Louvemos o Senhor" — arrastava consigo ouvintes, enlutados e luto, varrendo toda a impertinência da dor pessoal com hosanas e cânticos de louvor.

Pepys dizia de Lord Clarendon (por quem estava "loucamente apaixonado") ao regressar de uma conferência: "Nunca tinha reparado como é muito mais fácil falar quando se sabe que todos os presentes nos são inferiores — pois, embora ele tenha falado de forma excelente, a sua maneira e liberdade, como se brincasse com o assunto e estivesse apenas a instruir os demais, foi encantadora."

Este conflito entre o orador e a ocasião é inevitável — e a ocasião sempre cede perante a eminência do orador, pois um grande homem é a maior das ocasiões. Claro que o interesse do público e do orador acabam por convergir. Tudo corre bem quando a influência dele é total; só então o público está verdadeiramente satisfeito. E o orador confirma o seu poder criando, e não aceitando, o tema. Se tentasse instruir o povo sobre o que este já sabe, falharia; mas, tornando-o sábio naquilo que ele próprio sabe, tem vantagem sobre a assembleia a cada momento. A tática de Napoleão de marchar sobre o flanco do exército inimigo e apresentar sempre superioridade numérica é também o segredo do orador.

As diversas qualidades que o orador emprega — as armas esplêndidas que equiparam Demóstenes, Ésquines, Demades (o orador nato), Fox, Pitt, Patrick Henry, Adams ou Mirabeau — merecem ser enumeradas. Não devemos deixar de referir as principais.

O orador, como vimos, tem de ter uma personalidade substancial. Em primeiro lugar, deve ter poder de exposição — tem de ter o facto e saber comunicá-lo. Em qualquer grupo de homens a conversar sobre qualquer tema, aquele que sabe mais será ouvido, se quiser, e conduzirá a conversa, não importa que génio ou distinção tenham os outros. E numa assembleia pública, aquele que tiver os factos e souber expô-los, será ouvido — mesmo que seja ignorante em outras matérias, mesmo que seja rouco, desajeitado, que gagueje ou grite.

Num tribunal, o público é imparcial; quer mesmo chegar à verdade. E, no interrogatório de testemunhas, surgem por vezes, inesperadamente, três ou quatro palavras ou frases teimosas que são o cerne e o destino do processo — que ficam no ouvido de todos e determinam o resultado. Tudo o resto é repetição e

qualificação. O tribunal e o condado estão lá, no fundo, para ouvir essas três ou quatro expressões memoráveis que denunciam o pensamento e o sentido de alguém.

Em qualquer grupo, o homem que detém o facto é como o guia contratado para conduzir a caravana pela montanha ou por território difícil. Pode não se comparar a nenhum dos outros membros em espírito, educação, coragem ou riqueza — mas é muito mais importante para a necessidade presente do que qualquer um deles. É por isso que se vai ao tribunal — para ouvir a exposição do facto e do facto geral, a verdadeira relação entre as partes. E é a certeza com que, em qualquer assunto bem tratado, a verdade nos fita de frente, apesar de todos os disfarces — um fragmento da vida humana bem conhecida — que torna interessante um julgamento para o espectador inteligente.

Lembro-me, há muito tempo, de ter sido atraído para um tribunal pela distinção dos advogados e pela importância local do caso. Os defensores do réu eram os mais fortes e astutos da província. Encurralaram o procurador público, desmontando-lhe os argumentos e reduzindo-o ao silêncio — mas não à submissão. Quando pressionado, vingou-se exigindo do juiz uma definição de "salvamento marítimo".

O juiz, forçado, encheu tempo com palavras, inventou casos, descreveu deveres de seguradores, capitães, pilotos e oficiais diversos — como um professor apanhado por um problema difícil que lê o enunciado em voz alta para se orientar. Mas tudo isto não serviu de tinta ao choco, e o tubarão — o procurador — lá continuava, imóvel e à espera, com o seu "O tribunal tem de definir." O pobre juiz, então, declarou-se incompetente — que o tribunal superior teria de decidir a lei — e começou a ler decisões do Supremo. Mas lia para quem não tinha pena. Por fim, foi forçado a tomar uma decisão — e os advogados salvaram o vigarista no nevoeiro de uma definição.

Os papéis estavam tão bem distribuídos que foi um jogo interessante de observar. O governo estava suficientemente representado. Era estúpido, mas tinha força de vontade e poder, e aguentou-se nisso até ao fim. O juiz enfrentava uma tarefa para a qual não estava preparado, mas o seu papel mantinha-se real: estava ali para representar uma grande realidade — a justiça dos Estados — que podíamos ver a pairar sobre ele, e que o seu palavreado não afetava nem impedia, porque ele era, no fundo, bem-intencionado.

A exposição dos factos, no entanto, fica aquém da exposição da lei, que exige poderes incomparavelmente mais elevados, e é um dom raríssimo — sendo, nos grandes mestres, uma e a mesma coisa. Nos juristas não é nada de técnico, mas

sempre uma expressão de bom senso, tão interessante para leigos como para profissionais. O mérito de Lord Mansfield é o mérito do bom senso. É essa mesma qualidade que admiramos em Aristóteles, Montaigne, Cervantes, Samuel Johnson ou Franklin. A sua aplicação ao direito parece quase acidental. Cada uma das decisões célebres de Mansfield contém uma ou duas frases simples e certeiras. As suas frases nem sempre são polidas à vista, mas são-no para o espírito. São frases densas, mas que expõem claramente uma proposição sólida, uma distinção verdadeira. Nascem da compreensão humana saudável e regressam a ela. Não me surpreende que os juristas mais eruditos da época troçassem das suas "decisões equitativas", como se não fossem também profundamente instruídas.

E, de facto, é para isto que serve a linguagem — para fazer a exposição clara das coisas; e tudo o que se chama eloquência parece-me de pouco uso para quem a possui, mas de valor inestimável para quem tem algo de importante a dizer.

Depois do conhecimento do facto e da sua lei, vem o método — que constitui o génio e a eficácia de todos os homens notáveis. Um grupo de pessoas sobe ao Salão Faneuil; todos estão razoavelmente familiarizados com o propósito da reunião, todos leram os mesmos factos nos jornais. O orador não possui informação que os ouvintes não tenham, mas ensina-os a ver a realidade com os seus olhos. Através de uma nova disposição das coisas, os factos adquirem nova solidez e valor. Cada detalhe ganha importância ao ser nomeado por ele, e as minudências tornam-se essenciais.

As suas expressões fixam-se na memória das pessoas e correm de boca em boca. A sua mente tem um novo princípio de organização. Onde ele pousa o olhar, tudo se alinha. Que dirá a seguir? Deixem falar este homem — e só ele. Ao aplicar os hábitos de um pensamento mais elevado às questões práticas da vida, introduz beleza e magnificência por onde passa. Tal era o poder de Burke, e deste tipo de génio tivemos brilhantes exemplos entre os nossos políticos e juristas.

Imagens. O orador deve ser, até certo ponto, um poeta. Somos seres tão imaginativos que nada atua tão fortemente sobre a mente humana, bárbara ou civilizada, como uma figura retórica. Condense uma experiência quotidiana num símbolo fulgurante, e a audiência é eletrificada. Sentem que acabaram de conquistar um novo poder sobre um facto que podem agora destacar e dominar mentalmente. É uma ajuda maravilhosa à memória, que retém a imagem e nunca a perde. Uma assembleia popular — como a Câmara dos Comuns, a Assembleia Nacional Francesa ou o Congresso Americano — é governada por estes dois poderes: o facto, e a habilidade em o apresentar. Expresse-se o argumento de

forma concreta, numa imagem — uma frase forte, redonda e sólida como uma bola, que se possa ver, tocar e levar para casa — e a causa está meio ganha.

Declaração, método, imagem, capacidade de seleção, memória tenaz, aptidão para lidar com os factos, para os iluminar, para os enfraquecer por ridículo ou desviar a atenção, generalização rápida, humor, pathos — são todas chaves que o orador detém. E ainda assim, esses dotes tão finos não são a eloquência propriamente dita — e, muitas vezes, até a dificultam.

Se nos aproximarmos do coração do mistério, talvez devêssemos dizer que o verdadeiro orador é um homem são, com a capacidade de comunicar a sua sanidade. Se o armarmos com as armas extraordinárias desta arte — conhecimento dos factos, erudição, fantasia rápida, sarcasmo, alusão esplêndida, ilustração interminável — todos estes talentos, por mais poderosos e encantadores que sejam, têm também o poder de enganar e desorientar tanto o público como o próprio orador. Os seus talentos são-lhe excessivos, como cavalos que fogem desgovernados. E o público percebe sempre se o orador conduz — ou se é conduzido.

Mas esses talentos são outra coisa completamente diferente quando subordinados e postos ao serviço do orador. E é por isso que se vai a Washington, a Westminster Hall ou se daria a volta ao mundo — para ver um homem que conduz e não é conduzido; um homem que, ao prosseguir grandes propósitos, domina absolutamente os meios de expressar as suas ideias, e usa-os unicamente para isso: para organizar os factos, para posicionar os homens. No meio da incrível leviandade humana, não se desvia, nem por um instante, da sua verticalidade.

Há para cada homem uma forma possível de declarar aquela verdade que ele menos quer ouvir — uma forma tão clara e tão aguda que ele não a pode ignorar, tendo de ceder ou morrer com ela. Caso contrário, não existiria sequer a palavra *eloquência*, que significa isto mesmo. O ouvinte não consegue ocultar de si próprio que lhe foi mostrado algo — e ao mundo inteiro — que ele não queria ver; e como não o consegue contornar, é ele próprio que é contornado.

A história dos homens públicos e dos assuntos em América está cheia de exemplos trágicos desta força fatal. Para que a arte atinja os seus triunfos mais elevados, ainda se requer algo mais: um reforço do homem pelos acontecimentos — que lhe dê o duplo poder da razão e do destino. Na eloquência transcendente, há sempre uma crise nos assuntos, capaz de envolver profundamente o orador na causa que defende, e concentrar toda a sua força nesse ponto. Para que haja

explosão, tem de haver calor acumulado, brasas acesas no centro. E quando uma convicção profunda é gerada, o orador eloquente não é um belo falador, mas alguém embriagado interiormente por uma crença. Ela agita-o, rasga-o por dentro, e talvez quase lhe tire o poder de articular. Então, essa força irrompe dele em gritos breves, em torrentes de sentido. O domínio que o tema tem sobre a sua mente é tão total que garante uma ordem de expressão que é a própria ordem da Natureza — e, por isso, a de maior força, e impossível de imitar por qualquer arte.

E a principal diferença entre ele e os outros bons atores está na convicção — transmitida por cada palavra — de que a sua mente contempla um todo, inflamado por essa visão global, e que as palavras e frases que profere, por mais admiráveis que sejam, não passam de partes involuntárias desse todo terrível que ele vê — e que quer que também vejamos. A esta concentração, junta-se uma certa calma dominante, que no meio do tumulto nunca diz uma sílaba antes de tempo, mas guarda o segredo do seu método e dos seus meios — e o orador ergue-se diante do povo como uma força demoníaca cujos milagres ninguém sabe explicar. Essa terrível seriedade dá razão à antiga superstição do caçador: a bala atingirá sempre o alvo, desde que antes mergulhada no sangue do atirador.

A eloquência tem de estar assente no mais simples relato. Depois, pode aquecer-se até exalar símbolos de todas as espécies e cores, falar apenas pelas formas mais poéticas; mas, primeiro e último, deve ter por base uma exposição bíblica dos factos. O orador é orador justamente por manter sempre os pés firmes num facto.

Só assim o orador é invencível. Nenhum dom, graça, espírito ou erudição compensa a falta disto. Todas as audiências são justas até este ponto. A fama da voz ou da retórica pode levar o público a ouvir um orador algumas vezes, mas depressa se começa a perguntar: "Afinal, o que é que ele pretende?" E se esse homem não representar verdadeiramente nada, será rapidamente abandonado. Um bom defensor de algo em que se acredita, alguém que fala com verdade, será seguido durante muito tempo; mas uma pausa no carácter do orador — uma hesitação no que ele é — resulta, e justamente, na perda de atração.

Quando o pregador enumera os seus "tipos de homens" e eu não me vejo representado em nenhum, suspeito que mais ninguém se vê. Tudo me é próximo; e enquanto ele disser coisas concretas, sinto que está a tocar em algo que me diz respeito, e fico inquieto; mas quando passa apenas a palavras, ficamos todos libertos da atenção.

Se me queres elevar, tens de estar num plano mais alto. Se me queres libertar, tens de ser livre. Se queres corrigir a minha visão errada dos factos, mostra-me esses mesmos factos na verdadeira ordem do pensamento — e eu não poderei voltar atrás na minha convicção.

O poder de Chatham, de Péricles, de Lutero, assentava nesta força de carácter que, porque não temia nada nem ninguém, fazia dos seus opositores algo de irrelevante — sendo por vezes subtilmente provocadora, por vezes absolutamente aterradora para eles.

Temos poucos relatos vivos sobre estes homens, nem os podemos encontrar nesses livros pesados que registam os seus discursos. Alguns, como Burke, eram escritores, mas a maioria não o era — e não ficou nenhum registo que se equipare à sua fama. Além disso, o que havia de melhor perde-se sempre: a chama viva do momento. No entanto, as condições para a eloquência estão sempre presentes. Está constantemente a desaparecer dos locais consagrados e a reaparecer nos cantos escondidos.

Onde quer que os pólos opostos se encontrem — onde quer que o impulso moral fresco, o instinto de liberdade e de dever, colida com o conservadorismo fossilizado e a sede de lucro — a faísca acende-se. A resistência à escravatura neste país tem sido um berço fértil de oradores. A ligação natural que criou com outras reformas morais e o ligeiro, mas suficiente, grau de organização partidária deram novo sangue à cidade, vindo dos bosques e das montanhas.

Homens rudes — como João Batistas, Pedro o Eremita, John Knox — expressam o sentimento selvagem da Natureza no coração das capitais comerciais. Todos os anos, aparece um novo pedaço de força original, um tronco de carvalho humano que não pode ser silenciado, insultado nem intimidado por uma multidão, porque ele próprio é mais multidão do que eles. É alguém que "molda a multidão" — um camponês robusto sobre quem nem o dinheiro, nem os modos, nem os insultos, nem os ovos, nem os socos, nem as pedras fazem qualquer efeito.

Está pronto para enfrentar os salões de bêbados e os valentões — é ele próprio um valente e um sarcástico, mas é também algo mais. É formado no cabo da enxada, no mato e no frio; conhece os segredos dos pântanos e dos nevões, e não tem nada a aprender sobre trabalho duro, pobreza ou vida agreste. Na infância, passou pelo rigor do calvinismo — texto e mortificação — e agora, em qualquer assembleia da Nova Inglaterra, representa o mais puro espírito da região, lançando sarcasmos em

todas as direções. Não só traz consigo os documentos para sustentar os seus argumentos, como tem a razão eterna dentro da cabeça.

Este homem renuncia, com desprezo, às vossas instituições civis — município, governador ou exército — ele é a sua própria marinha, artilharia, juiz, júri, legislador e executivo. Aprendeu as suas lições numa escola dura. E, se o aluno tiver fibra para aguentar, essa é a melhor universidade que se pode recomendar a um homem de ideias: o crivo das multidões.

Quem quiser treinar-se nesta ciência da persuasão deve centrar a educação, não nas artes populares, mas no carácter e na visão. Deve perceber que a sua fala não pode estar desligada da ação; que ao falar, não está a fazer nada de vazio ou errado, mas sim a comprometer-se com um esforço saudável. Deve olhar para a oposição como uma oportunidade. Ele não pode ser derrotado nem silenciado. Há nele um princípio de ressurreição, uma imortalidade de propósito.

Os homens resistem e hostilizam, para dar valor ao seu apoio. Não é o povo que está errado por não se deixar convencer — é ele que ainda não soube convencê-lo. Deve moldá-lo, pois está armado com a razão e o amor, que são também o núcleo da natureza humana. Não se trata de neutralizar a oposição, mas de a converter em apóstolos fervorosos da mesma sabedoria.

O mais alto patamar da eloquência é o sentimento moral. É aquilo a que se chama verdade afirmativa — e tem o poder de vigorizar quem ouve. Traz consigo uma sugestão da nossa eternidade, quando nos sentimos interpelados por princípios que sobreviverão a tudo: ao tempo, ao lugar, ao partido. Tudo o que é hostil cai por terra perante os sentimentos morais; a sua majestade é sentida até pelos mais duros de coração. É notável que, assim que alguém fala a grandes massas, o elemento moral tem de ser reconhecido e entra inevitavelmente em ação; mesmo os que menos estão habituados a apelar a esses sentimentos acabam por os invocar quando se dirigem a nações. Até Napoleão teve de aceitá-lo e usá-lo como pôde.

É apenas a estes gestos simples que pertence o verdadeiro poder — quando uma fraca mão humana toca, ponto por ponto, as vigas eternas sobre as quais assenta toda a estrutura da Natureza e da sociedade. No meio deste mar revolto de ilusão, sentimos com os pés o adamante. No reino do acaso, encontramos um princípio de permanência. Por isso, não aceito aquela definição de Isócrates, segundo a qual a arte do orador é tornar grande o pequeno e pequeno o grande. Pelo contrário, considero ser essa a sua perfeição: quando o orador vê através de todas as máscaras e se orienta pela escala eterna da verdade — ao ponto de conseguir

segurar diante dos olhos dos homens o facto do dia, medido por esse padrão — e assim tornar o grande verdadeiramente grande, e o pequeno verdadeiramente pequeno. E é essa a verdadeira forma de surpreender e transformar a humanidade.

Todos os grandes oradores do mundo foram homens sérios, que confiavam nesta realidade. Havia uma ideia, segundo os filósofos contemporâneos de Demóstenes, que atravessava todos os seus discursos — a saber: **"a virtude garante o seu próprio êxito."** "Apoiar-se nos próprios pés" é, segundo Heeren, a nota dominante nos discursos de Demóstenes, como também nos de Chatham.

A eloquência, como qualquer outra arte, assenta nas leis mais exatas e definidas. É a melhor expressão da melhor alma. Pode muito bem ser o expoente de tudo o que há de grandioso e imortal no espírito humano. Se não se faz instrumento da verdade, mas procura brilhar por si só, como puro ornamento, então é falsa e fraca. No seu exercício legítimo, é uma força elástica e inesgotável — quem alguma vez a sondou ou mediu verdadeiramente? — e cresce à medida que se expandem os nossos interesses e afetos.

Os seus grandes mestres, embora valorizassem todo o auxílio para a alcançar e considerassem que nenhum esforço era demasiado, se contribuísse de algum modo para o seu aperfeiçoamento — como o célebre guerreiro árabe que trazia dezassete armas no cinturão e, em combate, usava todas conforme necessário —, subordinavam, no entanto, todos os meios ao fim. Jamais permitiam que qualquer talento — fosse a voz, o ritmo, o poder poético, a anedota ou o sarcasmo — surgisse como exibicionismo. Eram homens graves, que preferiam a sua integridade ao brilho pessoal, e que estimavam o objetivo a que se dedicavam — fosse a prosperidade da pátria, as leis, uma reforma, a liberdade de expressão ou de imprensa, a literatura ou a moral — como algo acima de todo o mundo, e acima de si próprios também.

ELOQUÊNCIA

Ele, quando a tempestade crescente dos partidos rugia, trouxe a sua imponente testa para a mesa do conselho. Ali, enquanto cabeças exaltadas inquietavam o Estado com receios, o patriota varonil permanecia calmo como a manhã. Quando finalmente a sua voz soou clara como um clarim, parecia ser a própria consciência do país a falar.

Nem o próprio Monadnock se erguia com mais firmeza do que ele em defesa do bom senso e do bem comum. Não era um imitador; retirava os seus conselhos do peito. Acreditava que a eloquência era sempre a verdade. Unia o abismo entre o eternamente bom e sábio e aquilo que é visível aos olhos pequenos. Centrado em si mesmo, quando pronunciava palavras genuínas, estas abalavam ou cativavam todos os que o ouviam. Corriam da sua boca até às montanhas e ao mar, e ardiam nos corações nobres como provérbios e profecias.

"A verdadeira eloquência, concluo, não é senão o amor sincero e ardente pela verdade; e quando a mente de alguém é completamente possuída por um desejo fervoroso de conhecer as boas coisas, e com a mais profunda caridade de as transmitir aos outros, quando tal homem fala, as suas palavras, pelo que consigo expressar, são como ágeis e leves servidores que saltitam em seu redor ao comando, e, bem ordenadas, caem no devido lugar como ele desejaria." — Milton

Não conheço nenhum tipo de história, salvo o relato de uma batalha, que desperte mais interesse do que uma anedota de eloquência; e os sábios consideram-na superior a uma batalha. É um triunfo de poder puro, com uma beleza e surpresa prodigiosas. Numa batalha, todos conseguem ver e compreender os meios da vitória: contam-se os exércitos, observam-se os canhões, a mosquetaria, a cavalaria, e as vantagens do terreno. Muitas vezes, o desfecho é previsto com certeza antes do primeiro toque de carga. Mas não assim num tribunal ou numa assembleia legislativa.

Quem sabe, antes do debate começar, quais os preparativos ou meios dos intervenientes? Os factos, os argumentos, a lógica — e, acima de tudo, a chama da paixão e a energia contínua da vontade — tudo isto será libertado perante juízes ou uma audiência heterogénea reunida das ruas, e é invisível e desconhecido. Muito do poder a ser revelado ainda não existe; surgirá do desenrolar inesperado dos acontecimentos — pela aparição de novas provas ou pela revelação de preconceitos imprevistos nos juízes ou na audiência. Esta é, por excelência, uma arte que apenas floresce em países livres. Diz o provérbio antigo: "Todo o povo tem o seu profeta",

e cada classe também. A nossa sociedade percorre uma vasta escala de poder mental, desde o mais alto refinamento até aos limites da ignorância rude e selvagem. Há que atender não só às necessidades dos intelectuais, eruditos e poetas, mas também aos vastos interesses da propriedade pública e privada, da mineração, das manufaturas, do comércio, dos caminhos-de-ferro, entre outros.

Cada melhoria ou interesse precisa dos seus defensores. E depois há as questões políticas que agitam milhões, formando ou revelando homens naturalmente talhados para discutir e explicar essas matérias, tornando-as inteligíveis e aceitáveis aos eleitores. O mesmo se aplica à educação, à arte, à filantropia. A eloquência revela o poder e a possibilidade do ser humano. Alguém que passava despercebido revela, de repente, uma virtude secreta — a capacidade de pintar os factos passados e os acontecimentos futuros com tal clareza que parece que todos os veem diante dos olhos. Ao conduzir o pensamento da audiência, conduz também a sua vontade, e consegue fazer com que façam, de bom grado, aquilo que uma hora antes nem acreditariam ser possível.

Pode fazê-los felizes, furiosos ou penitentes à sua vontade; transforma inimigos em amigos e enche de esperança e alegria os que estavam desanimados. Após o discurso de Sheridan no julgamento de Warren Hastings, Pitt pediu o adiamento da sessão, para que a Câmara pudesse recuperar do efeito avassalador daquela oratória. Recorde-se o prazer que a eloquência súbita provoca — o espanto de um momento tão rico. O orador é um curandeiro. Quer fale no Capitólio ou numa carroça, é um benfeitor que eleva os homens acima de si mesmos e desperta um apetite mais elevado do que aquele que sacia.

O orador é aquele que todos procuram ao entrar nos tribunais, nas convenções, ou em qualquer assembleia popular — embora muitas vezes se sintam desapontados, nunca perdem a esperança. Pode surgir no Senado, vindo da floresta, um jovem de sobrancelhas carregadas, trazendo a mesma energia que mostrou a conduzir gado pelas colinas ou a atravessar pântanos e rios em busca de caça. Na sua testa e postura, a Natureza marcou o seu filho; e naquele lugar artificial, talvez indigno, ele recorda as lições aprendidas nos dias passados com os touros, as gralhas e as raposas, enquanto caçava ursos nas florestas escuras de pinheiros.

Ou talvez esteja num modesto templo à beira-mar, onde um metodista de rosto duro, com cicatrizes e rugas, se torna poeta dos marinheiros e pescadores, vertendo torrentes de pensamento numa linguagem cheia de imaginação, brilhante e ardente; um homem que nunca conheceu espelho nem crítica; que não foi moldado por universidades nem por patronos, e que o elogio não corrompe — um homem que

conquista a audiência ao infundir-lhes a sua alma, falando com o direito de ser aquele que mais tem a dizer, fazendo com que todos os outros pareçam pequenos e tímidos. Por momentos, a intensidade da sua vida eclipsa todas as outras dádivas — a filosofia, o gosto, o saber — e todos os ouvintes aceitam de bom grado serem nada diante dele, partilhando essa surpreendente emanação, embriagados e enobrecidos pelo vinho novo da eloquência.

Ensina-nos o poder do homem sobre os outros; que o homem é um motor; e na medida do seu ser, é força. Em contraste com esta eficácia sugerida, a nossa vida e sociedade parecem um dormitório. Quem pode surpreender-se com o seu impacto nas mentes jovens e ardentes? Rapazes incomuns seguem homens incomuns, e penso que todos nós podemos recordar a primeira vez que fomos cativados por um mestre desta arte — numa audiência no tribunal ou numa reunião política.

Consideramos a advocacia, o parlamento, o jornalismo e o púlpito como profissões pacíficas, mas nenhuma escapa à exigência de coragem, e não há verdadeiro orador que não seja também um herói. A sua postura na tribuna exige que equilibre a audiência. Ele é o desafiante, e deve responder a todos os que se lhe oponham. O orador deve estar sempre com o pé em avanço, na atitude de quem avança. O seu discurso deve estar sempre um passo à frente da assembleia, à frente da humanidade, ou é inútil. O seu discurso não se distingue da ação.

É a eletricidade da ação. É ação, tal como a palavra de comando do general ou o mapa de batalha. Preciso sentir que o orador se compromete perante a audiência, que vem com um propósito — é um grito na borda perigosa da luta — ou então, que se cale. Vá a uma reunião municipal onde as pessoas são chamadas a um dever desagradável, como tantas vezes aconteceu durante a guerra, por ocasião de um novo recrutamento. Chegam contrariadas; já deram dinheiro uma ou duas vezes, generosamente. Já enviaram os melhores homens; os jovens e os ardentes, os de temperamento guerreiro, partiram nas primeiras levas, e não é fácil ver quem mais pode ser poupado ou persuadido a ir.

O silêncio e a frieza após a abertura da reunião e a declaração do seu propósito não são encorajadores. Quando um homem honrado se levanta numa assembleia fria e maliciosa, pensa-se: "Ora, senhor, seria mais prudente manter-se em silêncio; por que não descansar sobre a sua boa reputação? Ninguém duvida do seu talento e capacidade, mas quanto a este assunto em particular, já sabemos tudo, e estamos cansados de ser empurrados para o patriotismo por quem permanece em casa." Mas ele, não se guiando por feitos passados, mas sim pela inspiração do sentimento presente, surpreende-os com as suas notícias, com o seu melhor conhecimento, a

sua visão mais ampla, o seu olhar firme voltado para o novo e para o futuro, do qual eles não haviam sequer pensado. E ficam interessados como crianças, e arrebatados, esquecem completamente as suas considerações maliciosas. Ele conquista-os pela profecia, onde eles esperavam mera repetição. Sabia perfeitamente que eles olhavam para trás enquanto ele olhava para a frente, e por isso era sensato falar. Então o observador diz: "Que bênção é este tipo de homem para uma vila!" — e ele, que talento tem! Está construído como um relógio de Waltham, ou como uma locomotiva acabada de sair das oficinas de Tredegar.

Nenhum ato revela mais saúde universal do que a eloquência. Os ingredientes especiais desta força são: perceções claras, memória, capacidade de exposição, lógica, imaginação — ou a habilidade de vestir o pensamento em imagens naturais — paixão, que é o calor, e uma grande vontade que, quando legítima e constante, chamamos de carácter, o cume da masculinidade. Assim que um homem revela um raro poder de expressão, como Chatham, Erskine, Patrick Henry, Webster ou Phillips, todos os grandes interesses — do Estado ou da propriedade — correm até ele para que seja seu porta-voz, tornando-se imediatamente um potentado, um governante de homens.

Um cavalheiro digno, o Sr. Alexander, ouvindo os debates da Assembleia Geral da Igreja Escocesa em Edimburgo, desejando intervir mas falhando completamente nas suas tentativas, encantado com o talento demonstrado pelo Dr. Hugh Blair, foi ter com ele e ofereceu-lhe mil libras esterlinas se o ensinasse a falar com propriedade em público. Se o desempenho do orador atinge um sucesso elevado, é recompensado em Inglaterra com dignidades nas profissões, com cargos no governo, títulos de nobreza e lugares de destaque.

E é fácil compreender que os grandes e crescentes interesses em jogo neste país devem pagar preços proporcionais aos seus representantes e defensores. Por isso não nos surpreende que Plutarco nos diga que em Atenas se pagavam grandes somas aos mestres de retórica; e se os alunos recebiam o valor do que pagavam, então as lições eram baratas.

Mas este poder que tanto fascina, surpreende e comanda é apenas a ampliação de um talento universal. Todos os homens são concorrentes nesta arte. Todos já assistimos a reuniões convocadas para um objetivo pelo qual ninguém tinha inicialmente qualquer entusiasmo. Cada orador levantou-se contra vontade, e até o seu discurso foi uma desculpa medíocre; mas é apenas o primeiro mergulho que assusta. Um interesse profundo ou uma simpatia genuína derretem o gelo, soltam a língua, e transportam o tímido e receoso até ao domínio de si mesmo e da audiência.

Vá-se a uma assembleia bem acesa, como uma reunião política fervorosa na véspera de uma crise. Aí percebe-se que a eloquência é tão natural como nadar — uma arte que todos poderiam aprender, embora tão poucos o façam. Basta que sejam empurrados, de uma só vez, para dentro de água, sem boias, e após algumas lutas desesperadas descobrem o equilíbrio e o uso dos braços — e a partir daí dominam esse novo e maravilhoso elemento.

Aquele companheiro de punho cerrado, inquieto e perturbador do pensamento pode, numa assembleia pública, revelar-se um orador fluente, versátil e eficaz. Então percebe-se para que servia todo aquele excesso de energia que nos irritava em conversa privada. O que há de particular nisso é um certo calor criativo que um homem atinge talvez apenas uma vez na vida. Aqueles que admiramos — os grandes oradores — possuem algum hábito desse calor, e ainda por cima um certo controlo sobre ele, uma arte de o economizar — como se tivessem a mão no manípulo de um órgão, sabendo quando usar o poder com moderação, e quando libertá-lo por inteiro.

Recordo que Jenny Lind, quando esteve neste país, queixava-se das salas de concerto e dos salões municipais por não lhe darem espaço suficiente para desenrolar a sua voz, e rejubilava quando atuava em grandes salas construídas sobre estações ferroviárias. E o mesmo se aplica à ação da mente: um homem com este talento pode parecer frio e lento em privado, talvez até um companheiro aborrecido; mas, perante uma ocasião marcante e a inspiração de uma multidão, surpreende com poderes novos e inesperados. Antes, estava deslocado — como um canhão numa sala de estar.

Claro que há vantagens físicas que conduzem a esta arte. Falei da voz de Jenny Lind. Uma boa voz tem tanto encanto no discurso como no canto; por vezes prende a atenção por si só, e revela uma sensibilidade rara — sobretudo quando treinada para dominar todos os seus recursos. A voz, tal como o rosto, denuncia a natureza e disposição da pessoa, e rapidamente revela o alcance da sua mente. Muitos não têm ouvido para a música, mas todos reconhecem uma leitura bem feita. Todos nós já fomos, em algum momento, vítimas de uma voz bem modulada e hábil, e talvez tenhamos sido afastados para sempre por um orador áspero e mecânico.

A voz é, de facto, um índice delicado do estado de espírito. Ouvi um pregador eminente dizer que, ao ouvir os primeiros tons da sua própria voz num domingo de manhã, sabia se iria ter um dia de sucesso. Um cantor pouco se importa com as palavras da canção; ele pode tornar gloriosas quaisquer palavras. Penso que o mesmo se aplica ao bom leitor. Na igreja, considero bom leitor aquele que consegue

dar sentido e poesia a qualquer hino do livro. Plutarco, ao enumerar os dez oradores gregos, fez questão de mencionar as suas excelentes vozes e o esforço que alguns dedicavam a treiná-las. Que carácter, que variedade infinita pertence à voz! Por vezes é uma flauta, outras vezes um martelo pneumático; que amplitude de força! Em momentos de pensamento mais claro ou simpatia mais profunda, a voz atinge uma musicalidade e penetração que surpreende tanto o orador como o ouvinte — ele próprio partilha do vento elevado que sopra sobre as suas cordas.

Acredito que alguns oradores vão à assembleia como a um santuário onde encontram os seus melhores pensamentos. O poeta persa Saadi conta-nos que um homem de voz desagradável lia o Corão em voz alta, quando um homem santo, ao passar, perguntou qual era o seu vencimento mensal. Respondeu: "Nenhum." "Então por que te esforças tanto?", perguntou o outro. O homem respondeu: "Leio por amor a Deus." E o santo replicou: "Pelo amor de Deus, não leias; pois, se leres o Corão desta forma, destruirás o esplendor do Islão."

Depois, há pessoas com fascínio natural, uma certa franqueza, maneiras cativantes, quase carinhosas no estilo — como Bouillon, que quase nos convencia de que uma febre quartã era saudável; como Luís XI de França, a quem Comines elogiava por "saber conquistar todas as mentes com o tom e as carícias do discurso"; como Galiani, Voltaire, Robert Burns, Barclay, Fox e Henry Clay. Que discursos não seriam os de São Bernardo, quando mães escondiam os filhos, esposas os maridos, e amigos os companheiros, com receio de que, tocados pela sua eloquência, se deixassem levar para o mosteiro!

Diz-se que um dos melhores leitores do seu tempo foi o falecido Presidente John Quincy Adams.

Ouvi dizer que nenhum homem conseguia ler a Bíblia com um efeito tão poderoso. Acredito facilmente, embora nunca o tenha ouvido falar em público até que a sua bela voz estivesse já bastante desgastada pela idade. Mas as maravilhas que conseguia realizar com aquele órgão gasto e desobediente mostravam o poder que deve ter tido na juventude. Se, como dizia Horácio, "a indignação faz versos", não é menos verdade que uma boa indignação faz um excelente discurso. Nos primeiros anos do século XIX, o Sr. Adams, então senador dos Estados Unidos em Washington, foi eleito Professor de Retórica e Oratória na Universidade de Harvard.

Quando leu as suas primeiras lições, em 1806, não apenas os estudantes o ouviam com deleite, mas a sala enchia-se de professores e visitantes invulgares. Lembro-

me de, já muito mais tarde, quando entrei na universidade, ouvir histórias sobre o número de carruagens em que os seus amigos vinham de Boston para o ouvir. No inverno, regressando ao Senado em Washington, adotou, nos debates seguintes, uma posição que lhe fez perder o apoio de muitos dos seus eleitores em Boston. Quando regressou e retomou as suas aulas em Cambridge, a turma assistiu, mas as carruagens de Boston já não vinham — e muitos dos seus antigos aliados políticos haviam-no abandonado.

Em 1809 foi nomeado ministro plenipotenciário na Rússia, e renunciou ao seu cargo na universidade. A sua última aula, na despedida da turma, continha algumas alusões sentidas ao tratamento que recebera por parte dos antigos amigos, o que mostrava quanto o havia magoado, e deixou uma impressão profunda nos estudantes. Eis o parágrafo final, que durante muito tempo ressoou em Cambridge:

"Em nenhuma hora da vossa vida o amor pelas letras vos pesará como um fardo, nem vos faltará como recurso. Na exaltação vã e tola do coração que os momentos brilhantes da vida por vezes despertam, a vigilante guardiã da Ciência chamar-vos-á aos prazeres serenos da sua cela sagrada. Nas mortificações da desilusão, a sua voz suave sussurrar-vos-á serenidade e paz. No convívio com os grandes mortos da Antiguidade, nunca sentireis a dor amarga da dependência dos grandes vivos do presente.

E, nas vossas lutas com o mundo, se porventura chegar o momento em que até a amizade julgue prudente abandonar-vos, quando até a vossa pátria pareça disposta a abandonar-se a si mesma e a vós, quando o sacerdote e o levita passem ao vosso lado e sigam adiante, procurai refúgio, meus amigos fiéis, e sabei que o encontrareis na amizade de Lélio e Cipião, no patriotismo de Cícero, Demóstenes e Burke, bem como nos preceitos e no exemplo d'Aquele cuja lei é o amor, e que nos ensinou a recordar as ofensas apenas para as perdoar."

O orador deve dominar toda a escala da linguagem, do mais elegante ao mais rude e vil. Todos sentimos como a linguagem das ruas é superior em força à da academia. A rua deve ser uma das suas escolas. Não deverá o estudioso ser capaz de exprimir-se com tanta concisão e vigor como o estafeta ou o carroceiro? E Lord Chesterfield dizia que "sem conhecer o dialeto das Halles, ninguém pode ser um verdadeiro mestre do francês." O discurso do homem da rua é invariavelmente forte, e não o podemos melhorar tornando-o "parlamentar". Diz-se: "Se ao menos ele soubesse exprimir-se." Mas ele já se exprime — melhor do que qualquer outro o faria por ele — e consegue sempre captar a atenção da audiência em detrimento de todos os outros. Isso é um exemplo evidente. Aquilo que cada homem nasceu para

dizer e fazer, só ele o pode transmitir plenamente — tem direito a atenção suprema. O poder do seu discurso reside no facto de ser plenamente compreendido por todos. E acredito que é verdade que, quando um orador se eleva no pensamento, desce na linguagem — ou seja, quando atinge um ápice de reflexão ou paixão, comunica numa linguagem acessível ao ouvido de toda a audiência. Esta é a virtude de John Brown em Charlestown e de Abraham Lincoln em Gettysburg — nos dois melhores exemplos de eloquência que tivemos neste país. E repare-se que toda a poesia é escrita com as palavras mais antigas e simples do inglês.

O Dr. Johnson dizia: "Em toda a nação há um estilo que nunca se torna obsoleto, um modo de expressão tão conforme com a analogia e os princípios da língua respetiva que permanece fixo e inalterado. Esse estilo encontra-se no convívio comum entre os que falam apenas para serem compreendidos, sem ambição de elegância. Os cultos estão sempre a seguir modas, e os eruditos afastam-se do vulgar quando o vulgar está certo; mas existe uma conversação acima da grosseria e abaixo do requinte onde reside a propriedade."

Mas tudo isso são exercícios, a educação da eloquência — e não a eloquência em si. Não podem ser considerados nem praticados em excesso como preparação, mas os poderes reais são os que mencionei em primeiro lugar. Se tivesse de elaborar uma lista mínima das qualidades do orador, começaria pela virilidade — que aqui talvez signifique presença de espírito. Os homens diferem imenso na capacidade de controlar as suas faculdades! Em muitos, e na verdade em todos, pode encontrar-se uma certa igualdade fundamental. Fundamentalmente, todos sentem e pensam de forma semelhante, e sob intensa emoção todos conseguem exprimir-se com quase igual força.

Mas é necessário um grande calor para que um homem pesado se iguale a quem tem sensibilidade rápida. Todos conhecemos homens que perdem talento, espírito, imaginação, sempre que são chamados de súbito a intervir. Sob pressão, colapsam e não conseguem reagir. Se têm de apresentar algo bem estruturado, adequado ao momento e à audiência, a mente esvazia-se. Algo que qualquer rapaz contaria com cor e vivacidade, eles apenas conseguem balbuciar de forma literal — dizem-no exatamente como ouviram, sem outra forma possível.

Esta falha é muito comum entre homens estudiosos — como se quanto mais tivessem lido, menos soubessem. O Dr. Charles Chauncy era, há cem anos, um homem de destacada capacidade entre o clero da Nova Inglaterra. Mas, ao ir pregar na palestra de quinta-feira em Boston (que naquela época atraía pessoas até de Salem a pé), foi informado nas escadas do púlpito de que um rapaz tinha caído

no Frog Pond, no Common, e morrido afogado. Pediram-lhe que aproveitasse a triste ocasião. O doutor ficou bastante perturbado, e na oração hesitou, tentou fazer aproximações suaves, orou por Harvard College, pelas escolas, e implorou à Divindade "que — que — que abençoasse todos com o rapaz que esta manhã se afogou no Frog Pond." Isto não é falta de talento ou saber, mas de virilidade. O doutor, fechado no seu gabinete e na sua teologia, tinha perdido alguma ligação natural aos homens, e a capacidade de aplicar prontamente o pensamento aos acontecimentos. E há quem diga que orou certa vez pedindo "que nunca fosse eloquente" — e, ao que parece, a oração foi atendida.

Por outro lado, seria fácil apontar muitos mestres cuja prontidão é segura — como os franceses dizem de Guizot, que "o que ele aprendeu esta manhã, parece tê-lo sabido desde toda a eternidade." Esta falta de virilidade é um resultado comum da nossa educação incompleta — ensinar um jovem latim, metafísica e história, e negligenciar o treino rijo de rapaz — permitindo-lhe fugir aos jogos, ao patim, às descidas de trenó, e a tudo o mais que o manteria em pé de igualdade com os demais, para que pudesse liderar por sua vez.

Desejo que os seus tutores considerem que, ao evitarem isso, estão a prepará-lo para um papel lamentável na idade adulta. Em Inglaterra, mandam o menino mais delicado e protegido da sua casa luxuosa para aprender a enfrentar as dificuldades com os outros rapazes nas escolas públicas. Algumas nódoas negras e arranhões não fazem mal, se com isso aprender a não ter medo. É esta sábia mistura de rigor na gramática latina com disciplina nos jogos, nos barcos e na luta, que é o orgulho da educação inglesa — e de enorme importância para o tema em questão.

Lord Ashley, em 1696, enquanto o projeto de lei para regular os julgamentos em casos de alta traição estava em debate, ao tentar proferir um discurso preparado no Parlamento a favor da cláusula que concedia ao réu o direito a advogado, caiu num tal estado de perturbação que não conseguiu prosseguir. No entanto, ao recuperar o ânimo e o domínio das suas faculdades, conseguiu tirar da sua própria confusão um argumento que mais favoreceu a sua causa do que todos os poderes da eloquência poderiam ter feito.

"Pois", disse ele, "se eu, que não tenho qualquer interesse pessoal na questão, fui tão dominado pelos meus próprios receios que não consegui encontrar palavras para me exprimir, que será então de quem tem a sua vida em jogo e depende da sua própria capacidade de defesa?" Este desfecho feliz foi de grande utilidade para promover a aprovação daquela excelente lei.

Estes são degraus ascendentes — uma boa voz, maneiras cativantes, linguagem simples, mas depurada pela escola até à correção —, mas devemos chegar à essência: o poder da exposição. Conhece bem o teu facto; abraça o teu facto. Pois o essencial é o fervor, e o fervor nasce da sinceridade. Fala sobre aquilo que sabes e em que acreditas; em que estás pessoalmente envolvido; e do qual te responsabilizas por cada palavra.

A eloquência é o poder de traduzir uma verdade numa linguagem perfeitamente compreensível para quem ouve. Aquele que deseja convencer o digno Sr. Cabeça-Oca de uma verdade que ele não vê, deve ser mestre na sua arte. A declamação é comum; mas esta posse do pensamento que aqui se exige, esta alquimia prática de converter uma verdade escrita na linguagem de Deus numa verdade expressa na linguagem de Cabeça-Oca, é uma das armas mais belas e eficazes forjadas na oficina do Artífice Divino.

Dizia-se da audiência de Robespierre que, embora não compreendesse as palavras, percebia a fúria nelas e apanhava a sua contagiante força. Isso leva-nos à classe mais elevada — os homens de carácter — que trazem uma personalidade avassaladora ao tribunal, e a causa que defendem ganha importância graças ao prestígio do seu advogado. Exige-se uma convicção absoluta, e o orador deve tê-la ou saber simulá-la. Se a causa for impopular, ele fá-la-á parecer nobre. É o melhor homem na melhor preparação.

Se não conhece o teu facto, mostrará que esse facto não merece ser conhecido. De facto, como os grandes generais que vencem sem travar muitas batalhas, mas com táticas, também toda a eloquência é uma guerra de posições. O que é dito é a parte menor da oração. O que importa é a atitude assumida, o sinal inconfundível — por mais casual — no tom de voz, no modo, ou numa palavra, de que um espírito maior fala através de ti do que aquele que é interpelado por ti.

Mas digo isto pressupondo que a tua causa é realmente honesta. Há sempre uma questão prévia: como chegaste a esse lado? O teu argumento é engenhoso, a tua linguagem fluente, as tuas ilustrações brilhantes, mas a tua premissa principal é manifestamente absurda. Queres sustentar uma mentira? És um escritor elegante, mas não consegues elevar o que por natureza tende para baixo.

Um escritor metafísico engenhoso, o Dr. Stirling, de Edimburgo, observou que as obras intelectuais, em qualquer campo, geram-se mutuamente por um processo que chamou *zymosis*, ou seja, fermentação. Assim, na era elisabetana houve uma fermentação dramática, que culminou em Shakespeare; do mesmo modo, na

Alemanha assistimos a uma fermentação metafísica que culminou em Kant, Schelling, Schleiermacher, Schopenhauer, Hegel, e depois cessou. A isto poderíamos acrescentar as grandes eras não só de pintores, mas também de oradores. O historiador Paterculus disse de Cícero que só durante a vida de Cícero existiu verdadeira eloquência em Roma; da mesma forma, dizia-se que nenhum membro das duas câmaras do Parlamento britânico pode ser considerado orador se Lord North não o viu, ou se ele próprio não viu Lord North.

Mas eu diria, antes, que quando um grande sentimento — como a religião ou a liberdade — se faz profundamente sentir numa época ou país, surgem grandes oradores. Tal como os Andes ou os Alleghanies assinalam a linha de fratura na crosta terrestre por onde foram erguidos, assim também as grandes ideias que, num certo momento, dilatam de repente a mente da humanidade, se manifestam através de oradores.

Se houve alguma vez um país onde a eloquência é poder, esse país são os Estados Unidos. Aqui há espaço para todos os graus de eloquência, em todos os seus degraus ascendentes — desde o discurso útil nas convenções comerciais, industriais, ferroviárias e educativas, até ao conselho político e à persuasão no maior dos palcos, com alcance, como todos os homens de bem esperam, num vasto futuro, exigindo assim o melhor pensamento e a mais nobre capacidade administrativa que o cidadão possa oferecer. E aqui estão também os serviços da ciência, as exigências da arte e as lições da religião a serem trazidos à prática imediata de trinta milhões de pessoas.

Não será digno da ambição de qualquer jovem generoso preparar e armar o seu espírito com todos os recursos do saber, do método, da graça e do carácter, para servir tal público?

GRANDEZA

Nenhum destino, salvo por culpa da própria vítima, é vil. Pois Deus escreveu todos os desígnios com magnificência. Assim, a culpa não atravessa a Sua vontade terna.

"A verdadeira dignidade pertence apenas àquele que, na hora silenciosa do pensamento íntimo, consegue ainda suspeitar de si e ainda se respeitar, com humildade de coração."
— *Wordsworth*

Há um prémio que todos ambicionamos, e quanto mais poder e bondade tivermos, maior é a energia dessa aspiração. Cada ser humano tem direito a ele, e, nessa busca, não obstruímos o caminho uns dos outros. Pois trata-se de uma escala longa de graus, com uma grande variedade de perspetivas, e cada aspirante, ao ter êxito, não prejudica, mas ajuda os seus concorrentes.

Eu poderia chamá-lo de "completude", mas isso viria mais tarde — talvez adiado por séculos. Prefiro chamar-lhe **Grandeza**. É o cumprimento de uma tendência natural em cada homem. É um estudo fértil. É o melhor tónico para a alma jovem. E nenhum homem é um ser isolado; por isso admiramos os homens eminentes, não por eles mesmos, mas enquanto representantes.

É certo que não devemos, nem poderemos, estar satisfeitos com qualquer meta já alcançada. O nosso objetivo não é menos que a grandeza; aquilo que chama por todos, que pertence a todos — perante o qual às vezes somos infiéis, cobardes, desleais, mas do qual nunca desesperamos por completo, e que, em cada momento são, decidimos tornar nosso. É também a única base em que todos os homens podem encontrar-se. Que tipo de histórias queremos ouvir ou ler sobre alguém? Apenas as melhores. Certamente não aquelas em que foi reduzido à mediocridade ou ao vício, mas as que mostram como se elevou acima de toda a concorrência ao obedecer a uma luz que só a ele brilhou. Essa é a história mais digna do mundo.

Grandeza* — *o que é? Não há nela alguma afronta, algum insulto para nós? Aquilo a que vulgarmente chamamos de grandeza é apenas isso aos nossos olhos bárbaros ou infantis. Não é o soldado, nem Alexandre, Bonaparte ou o Conde Moltke, que representam a força suprema da humanidade; não é o braço forte, mas sim a sabedoria e a civilidade, a criação de leis, instituições, letras e arte. A essas chamamos por excelência as humanidades — e não ao braço forte ou ao coração valente, que também são indispensáveis à sua defesa.

Pois os estudiosos representam o intelecto, pelo qual o homem é verdadeiramente homem; o intelecto e o sentimento moral — que, na análise final, não podem ser separados. Quem poderá duvidar do poder de uma mente individual, ao observar o abalo provocado por Maomé em povos adormecidos há séculos — uma vibração propagada pela Ásia e pela África? E que dizer de Manu? de Buda? de Shakespeare? de Newton? de Franklin?

Há certos pontos em comum nos quais esses mestres concordam. O respeito próprio é a forma precoce da grandeza. O homem na taberna mantém a sua opinião, mesmo quando todos os outros discordam; e imediatamente somos atraídos por ele.

O estafeta ou carroceiro recusa uma recompensa por encontrar a sua carteira, ou por o salvar de um afogamento. Com o gesto, oferece-lhe um impulso moral. Dizemos de certa pessoa nova: "Esse homem irá longe" — porque vemos nos seus modos que o reconhecimento alheio não lhe é necessário. E que sensação agridoce sentimos quando corremos a expressar o nosso apreço pela nobreza de um homem e o encontramos completamente indiferente à nossa opinião! Devem temer o Destino aqueles que têm qualquer vício de hábito ou de objetivo; mas quem repousa no que é, tem um destino superior ao destino, e pode rir-se da Fortuna.

Se a centralidade de um homem nos é incompreensível, é como zombar do sol. Há algo em Arquimedes, em Lutero ou em Samuel Johnson que dispensa qualquer proteção. Há algo no verdadeiro sábio que não pode ser ridicularizado, nem intimidado ou comprado. Mantém-te fiel ao que é teu; não te envolvas no crime local, social ou nacional, mas segue o caminho que o teu génio traça — como a galáxia celeste para caminhares nela.

Uma pessoa sensata verá depressa a tolice e maldade de querer agradar. Homens sensatos são muito raros. Um homem sensato não se gaba, evita mencionar os nomes dos seus contatos ilustres, omite-se com a mesma frequência com que outro se impõe, e limita-se a apresentar os factos de forma simples e fundamentada. Não deves dizer-me que a tua empresa, os teus sócios ou tu próprio são importantes; não me digas que aprendeste a conhecer os homens — faz com que eu sinta isso. Dizê-lo, é negá-lo. Não enumeres os teus conhecidos brilhantes, nem cites os títulos dos livros que leste. Que eu deduza o teu convívio pelo nível da tua informação e maneiras, e a tua leitura pela riqueza e precisão da tua conversa.

Os jovens pensam que o carácter viril exige que vão para a Califórnia, para a Índia, ou para o exército. Quando perceberem que a sala de estar, a universidade e o escritório exigem tanta coragem como o mar ou o campo de batalha, estarão mais dispostos a respeitar a sua própria força e educação ao escolherem um caminho.

A cada função e domínio da Natureza correspondem homens vocacionados: para a geologia, homens rijos, com gosto por montanhas e rochas, olhar atento para as diferenças e transformações químicas. Dá-lhes primeiro um curso de Química, e depois um levantamento geológico. Outros dedicam-se à história natural do homem e dos mamíferos; outros à ornitologia, aos peixes ou aos insetos; outros às plantas; outros aos elementos que constituem o mundo. Estes estudos ganharam novo alento com as extraordinárias revelações do espectroscópio — que o sol e os planetas são, em parte ou no todo, compostos dos mesmos elementos que a Terra. Depois há o rapaz que nasce com paixão pelo mar, e que, se necessário for, foge de casa para

trabalhar num navio; outro deseja viajar por terras estrangeiras; outro será advogado; outro, astrónomo; outro, pintor, escultor, arquiteto ou engenheiro. Assim, não há porção da Natureza sem que nasça um homem cuja vocação, à medida que se revela, o leve lenta ou rapidamente a dedicar-se a ela. E ainda há o poeta, o filósofo, o político, o orador, o clérigo, o médico. É gratificante ver esta adaptação do homem ao mundo — e a cada uma das suas partes e partículas.

Muitos leitores recordar-se-ão de que Sir Humphry Davy, quando elogiado pelas suas importantes descobertas, disse: "A minha melhor descoberta foi Michael Faraday." Em 1848, tive o privilégio de ouvir o Professor Faraday, na Royal Institution em Londres, dar uma palestra sobre o que ele chamava *diamagnetismo* — ou seja, magnetismo cruzado. Mostrou-nos várias experiências com gases para provar que, enquanto o magnetismo do aço atua habitualmente de norte para sul, noutros materiais, como certos gases, atua de leste para oeste.

E experiências posteriores levaram-no à teoria de que cada substância química possuiria a sua própria polaridade, distinta das demais. Não sei até onde chegaram as suas experiências — ou as de outros — neste campo, mas um facto parece-me evidente: o diamagnetismo é uma lei da mente, em toda a extensão da ideia de Faraday; ou seja, cada mente tem a sua própria bússola, um novo norte, uma direção única, que diferencia o seu génio e propósito de todas as outras.

Assim como cada homem, mesmo com semelhanças familiares, possui um rosto único, um modo próprio, uma voz distinta, pensamentos novos e carácter original. Ainda que partilhe com toda a humanidade o dom da razão e do sentimento moral, há em cada um um ensinamento interior que o conduz por um caminho novo, e quanto mais esse caminho é seguido, mais o distingue e torna necessário à sociedade.

Chamamos a essa particularidade a *tendência* de cada indivíduo. E nenhum de nós fará algo de excelente ou notável senão quando escutar esse sussurro que apenas ele pode ouvir. Swedenborg chamava-lhe o *proprium* — não um pensamento partilhado, mas algo constitucional ao homem. Um ponto de educação sobre o qual nunca insisto demais é este princípio: que cada indivíduo tem uma tendência própria que deve obedecer, e que é apenas quando a sente e a segue que se desenvolve adequadamente e atinge o seu poder legítimo no mundo.

É a sua agulha magnética, que aponta sempre numa direção única, mais ou menos distante da de qualquer outro. Nunca será feliz ou forte até a encontrar e seguir;

até aprender a sentir-se em casa consigo mesmo; até aprender a observar os sinais e intuições subtis que lhe surgem e a confiar plenamente no seu próprio juízo.

E nesse respeito por si mesmo, ou nessa escuta do oráculo mais íntimo, ele encontra a sua tranquilidade — posso dizer — ou jamais se sentirá perdido. Em moral, é a consciência; no intelecto, o génio; na prática, o talento — não para imitar ou superar outro homem no seu caminho, mas para abrir o seu próprio. A cada um, o seu método, estilo, engenho, eloquência. É fácil comandar quando se tem vocação. Apegando-se à Natureza, ou à porção dela que conhece, não comete erros, mas atua conforme as suas leis e ao seu ritmo, de tal modo que as suas ações, perfeitamente naturais, parecem milagres aos olhos dos menos atentos.

Montluc, o grande marechal de França, disse do almirante genovês André Doria: "Parecia que o mar tinha respeito por este homem." E um génio semelhante, Nelson, afirmou: "Sinto que sou mais apto para a ação do que para descrevê-la." Por isso direi que outro traço da grandeza é a *facilidade*.

Esta necessidade de assentar no real, de dizer o que é verdadeiramente seu — pensamento e experiência — poucos jovens compreendem. Mandai dez homens escrever um diário de um dia, e nove deles omitirão o seu pensamento mais autêntico, o resultado propriamente dito — isto é, a sua experiência íntima — e perder-se-ão a relatar, de forma imprecisa, as supostas experiências de outros. De facto, considero essencial advertir os jovens escritores para que não deixem de fora, nos seus textos, a única coisa que o texto pretendia realmente dizer. Que essa convicção que é só tua flua livremente.

Tenho observado que, em toda a oratória pública, a verdadeira força do orador não começa com o desfile de factos, mas sim quando a sua convicção profunda, e o direito e a necessidade que sente de a comunicar à audiência, brilham e ardem no seu discurso. Quando o pensamento pelo qual se ergue confere autoridade à sua voz, dá-lhe uma personalidade mais nobre, confere-lhe coragem, amplitude e novo poder intelectual — de tal modo que já não é ele que fala, mas a própria humanidade através dos seus lábios. Há uma certa transfiguração; todos os grandes oradores a têm, e os que desejam sê-lo tentam imitá-la.

Se nos perguntarmos o que é este respeito por si mesmo, seremos levados às mais altas questões. É a nossa perceção prática do divino no homem. Tem raízes profundas na religião. Se alguma vez conheceste uma boa mente entre os Quacres, terás notado que este é o cerne da sua fé. Como o exprimem, poderia ser assim: "Não pretendo nenhuma revelação ou mandamento especial, mas se, em algum

momento, concebo um plano, uma viagem ou uma decisão, e sinto um obstáculo silencioso na mente, que não consigo explicar — deixo-o repousar, a ver se desaparece; mas se não passar, cedo-lhe, obedeço-lhe. Queres que o descreva? Não consigo. Não é um oráculo, nem um anjo, nem um sonho, nem uma lei; é demasiado simples para ser descrito, é como um grão de mostarda — mas, tal como é, nada no mundo poderia fazê-lo vacilar, nem todo o consenso da humanidade o tornaria mais verdadeiro."

É natural sentires-te inspirado por certos livros ou homens que despertam a tua reverência e emulação. Mas nenhum deles se compara à grandeza daquele conselho que te é acessível na feliz solidão. Refiro-me ao seguimento de um guia interior — uma discriminação lenta, mas certa, que te mostra, a cada momento, o melhor conselho, a palavra justa, o ato adequado. E o caminho de cada um, seguido com fidelidade, conduz à grandeza. Como é gratificante encontrar num homem ou mulher uma ênfase nova, sua.

Mas se a primeira regra é obedecer à tua tendência natural, aceitar o trabalho para o qual foste interiormente moldado — a segunda regra é *concentração*, que duplica a força. Assim, se és um estudioso, sê-o plenamente. As mesmas leis que se aplicam ao operário aplicam-se a ti. O sapateiro faz um bom sapato porque não faz outra coisa. Que o estudante se mantenha atento à sua missão; que espere, todas as manhãs, pelas novas revelações sobre a estrutura do mundo que o espírito lhe trará.

Não foi ainda descoberto modo algum de tornar o heroísmo fácil — nem mesmo para o estudioso. O trabalho, o trabalho de ferro, é também para ele. O mundo foi criado como plateia para ele; os átomos de que é feito são oportunidades. Lê o desempenho de Bentley, Gibbon, Cuvier, Geoffroy Saint-Hilaire, Laplace. "Ele sabe trabalhar terrivelmente", disse Cecil sobre Sir Walter Raleigh. Estas poucas palavras picam e fustigam-nos quando somos frívolos. Fujamos dos seus golpes tornando-as verdadeiras em nós próprios. Há tanto por fazer, que devemos apressar-nos a começar. Este nosso labor diário tem, reconheçamos, ainda um certo ar simbólico, como a lavra cerimonial do imperador da China. Façamo-lo em suor honesto.

Que o estudioso meça o seu valor pela capacidade de enfrentar gigantes intelectuais. Deixemos a outros a contagem de votos e o cálculo de ações. A sua coragem é pesar Platão, julgar Laplace, compreender Newton, Faraday, Darwin, criticar Kant e Swedenborg — e, perante todos eles, despertar a coragem central da intuição. A coragem do estudioso deve ser tão terrível quanto a do Cid —

embora nasça da natureza espiritual e não da força bruta. A Natureza, quando acrescenta dificuldade, acrescenta também inteligência.

Juntamente com esse respeito pela tendência da mente individual, acrescente-se, de forma coerente, a mais ampla recetividade para o génio dos outros. O dia chegará em que não haverá insígnias, fardas ou medalhas — quando o olhar, que traz em si influências planetárias de todas as estrelas, indicará o estatuto de alguém apenas pelo seu poder. Pois é verdade que a estratificação das crostas geológicas não é mais precisa do que os graus de hierarquia entre as mentes. E um homem dirá:

"Nasci para esta posição; devo ocupá-la, e nem tu nem eu podemos impedir ou favorecer isso." Certamente, então, não preciso inquietar-me para proteger a minha própria dignidade.

O grande homem aprecia a conversa ou o livro que o desafia, não aquele que o conforta ou lisonjeia. Faz-se de sem reputação; esconde o seu saber, esconde a sua caridade. Pois a sabedoria mais elevada não se preocupa com homens em particular, mas com o Homem apaixonado pela Lei e pela Fonte Eterna. Diz, com Antonino: "Se a obra é boa, que importa quem a fez? Que importa por quem foi feito o bem, por ti ou por outro? Se é verdade, que importa quem a disse? Se foi justo, que importa quem o fez?"

Toda a grandeza é uma questão de grau, e há mais acima do que abaixo. Onde estaria o teu próprio intelecto se maiores que tu não tivessem vivido? E sabes o verdadeiro sentido da Fama? É essa simpatia — ou antes, esse elemento refinado — pelo qual os bons se tornam parceiros da grandeza dos seus superiores.

Os extremos tocam-se, e não há melhor exemplo do que a altivez da humildade. Nenhum aristocrata, nenhum príncipe nascido na púrpura, se compara ao respeito próprio do santo. Porque é ele tão humilde, senão porque sabe que o pode ser, apoiando-se na grandeza de Deus nele? Li num antigo livro que Bárcena, o jesuíta, confessou a outro membro da sua ordem que, quando o Diabo lhe apareceu na cela certa noite, ele, na sua profunda humildade, levantou-se para o receber e convidou-o a sentar-se na sua cadeira, pois considerava-o mais digno de ali estar do que ele próprio.

Queres que te diga o segredo do verdadeiro sábio? É este: todo o homem que encontro é meu mestre em algum ponto — e nesse ponto aprendo com ele. O povo dirá, com Home Tooke: "Se queres ser poderoso, finge que és poderoso." Eu prefiro dizer, com o velho profeta hebreu: "Procuras coisas grandiosas? —não as

procures"; ou, como se dizia do príncipe espanhol: "Quanto mais lhe tiravam, maior ele parecia" — *Plus on lui ôte, plus il est grand.*

Centelhas de grandeza surgem aqui e ali em homens de carácter desigual, e não estão de modo algum confinadas à classe culta ou moral. É fácil recolher traços de Napoleão, que não era generoso nem justo, mas era intelectual e conhecia a lei das coisas. Napoleão conquista o nosso respeito pela sua enorme autoconfiança, o hábito de ver com os seus próprios olhos — não a superfície, mas o cerne da questão, fosse uma estrada, um canhão, um carácter, um oficial ou um rei — e pela rapidez e firmeza da sua ação, sempre renovada.

Deixou uma biblioteca de manuscritos, uma multidão de ditos, cada um com aplicação vastíssima. Era um homem que caía sempre de pé. Quando um dos seus planos favoritos falhava, tinha a faculdade de retomar o seu génio, como dizia, e levá-lo para outro lado. "Seja o que for que vos digam, acreditai que se combate com canhões como com os punhos; uma vez iniciado o fogo, a mínima falta de munições torna inútil tudo o que já foi feito."

Acho fácil traduzir toda a sua técnica para a minha, e os seus conselhos oficiais parecem-me mais literários e filosóficos do que as memórias da Academia. O seu conselho ao irmão, o rei José de Espanha, foi: "Só tenho um conselho para ti: sê senhor." A profundidade intelectual atenua até a mancha do crime com um halo de luz. Talvez vejamos os seus crimes como experiências de um estudante universal — tal como pode ler qualquer livro aquele que os lê a todos — e como o juiz inglês de outrora, quando o saber era raro, perdoava a um réu que soubesse ler e escrever.

É difícil encontrar grandeza pura. Mas agrada-me encontrá-la difusa — uma centelha de verdadeiro fogo em meio a muita corrupção. É alguma garantia, espero, da saúde da alma que possui esse sangue generoso. Quantos homens, odiados pela história contemporânea hostil, sobre os quais, agora que a névoa se dissipou, conseguimos rever os nossos juízos e vê-los, no conjunto, como instrumentos de grande benefício!

Diderot não era um modelo, mas tão impuro como a sociedade em que vivia; no entanto, era o homem mais bondoso de França, sempre pronto a ajudar um infeliz. A sua humanidade não conhecia limites. Um pobre escriba, que tinha escrito um libelo contra ele e queria dedicá-lo a um devoto Duque de Orleães, veio em desespero ter com Diderot — e Diderot, compadecido da criatura, escreveu-lhe a dedicatória e assim arranjou vinte e cinco luises para salvar o seu faminto detrator.

Entretanto, detestamos o queixume moralista. Não desejo que superes outros de forma estreita, profissional ou monástica. Gostamos da grandeza natural da saúde e da força selvagem. Confesso que ela me atrai tanto em rapazes como, por vezes, em pessoas fora do comum — sem educação formal, sem modos sociais, sem filiação religiosa — mesmo entre os suspeitos de vida desregrada ou imoral, entre boémios — como nos exemplos mais ordeiros.

Devemos lembrar que na vida dos soldados, marinheiros e aventureiros, faltam muitas das âncoras e guardas da vida doméstica, mas as oportunidades para feitos sublimes estão frequentemente ali, ao alcance. Devemos ter alguma caridade pelo senso popular, que admira o poder natural e o prefere a homens virtuosos mas menos vigorosos. Tem a desculpa de que o natural está verdadeiramente aliado ao poder moral, e pode sempre ser esperado que a ele se aproxime por instinto. O intelecto, ao menos, não é estúpido — e verá a força da moral sobre os homens, mesmo que não a obedeça.

Henrique VII de Inglaterra era um rei sábio. Quando Gerald, Conde de Kildare, que se rebelara contra ele, foi levado a Londres e examinado perante o Conselho Privado, alguém disse: "Toda a Irlanda não consegue governar este conde." E o rei respondeu: "Então que este conde governe toda a Irlanda."

É sabido de alguns estudiosos, como Swift, Gibbon e Donne, que fingiam vícios que não tinham — tal era o seu desprezo pela hipocrisia. William Blake, o artista, dizia abertamente: "Nunca conheci um homem mau em quem não houvesse algo de muito bom." Bret Harte deliciou-se a registar a virtude súbita que irrompia entre os reprováveis selvagens dos ranchos e minas da Califórnia.

Os homens são enobrecidos pela moral e pelo intelecto; mas esses dois elementos reconhecem-se mutuamente e atraem-se até se unirem, enfim, no homem verdadeiramente grande. Aquele que te vende uma lamparina mostra que a chama de óleo, que antes te contentava, lança agora uma sombra diante da luz do petróleo; e esta, por sua vez, gera sombra diante da luz elétrica. Assim também o intelecto quando se encontra perante o carácter: o carácter apaga a sua luz.

Goethe, na correspondência com o seu Grão-Duque de Weimar, não brilha; vê-se que o Príncipe tinha vantagem sobre o génio olímpico. É ainda mais claro na correspondência entre Voltaire e Frederico da Prússia: Voltaire é brilhante, ágil e variado — mas Frederico tem o tom superior. Curiosamente, Byron escreve em tom inferior para Scott; já Scott escreve para ele com reverência.

Os Gregos superavam todos os povos — até enfrentarem os Romanos, momento em que o carácter romano prevaleceu sobre o génio grego. Enquanto os graus de intelecto interessam apenas a classes específicas — como químicos, astrónomos, matemáticos ou linguistas — e não despertam o interesse da multidão, há sempre homens dotados de um génio mais universal, verdadeiramente grandes enquanto seres humanos, que inspiram entusiasmo generalizado. Um herói de grande estilo atrai todas as classes, todos os extremos da sociedade, até dizermos que até os cães acreditam nele.

Tivemos tais exemplos neste país: Daniel Webster, Henry Clay e o pregador dos marinheiros, Father Taylor; em Inglaterra, Charles James Fox; na Escócia, Robert Burns; e em França, embora nos seja menos evidente, Voltaire. Abraham Lincoln é talvez o exemplo mais notável dessa classe que já vimos — um homem acolhido com igual conforto entre os mais humildes, e cuja veia prática e espírito nas horas de terror conquistaram a admiração dos mais sábios. O seu coração era tão grande quanto o mundo, mas não havia nele espaço para guardar a lembrança de uma ofensa.

Estes exemplos servem como indicações locais de um magnetismo que cada estudioso conhece melhor — e de forma mais subtil — no seu pequeno Olimpo pessoal de favoritos, e que o leva a exigir calor humano e humanidade nos seus heróis. E o que são estes senão promessa e preparação para um dia em que o ar do mundo será purificado por uma sociedade mais nobre, e em que a medida da grandeza será a utilidade no sentido mais elevado — uma grandeza feita de verdade, reverência e boa vontade?

A vida é feita de ilusões, e uma das mais comuns é a opinião que se ouve em todas as aldeias: "Ah, se eu vivesse em Nova Iorque, ou Filadélfia, ou Cambridge, New Haven, Boston ou Andover, então haveria sociedade à altura; mas acontece que na minha terra não há jovens notáveis, nem mulheres superiores." Ouvimos isto todos os dias — mas é um comentário superficial. Ah! Será que ainda tens de aprender que *o olhar que muda, muda tudo*? Que "o mundo é um eco que nos devolve aquilo que dizemos"?

O que falta não são exemplos de grandeza, mas sensibilidade para os reconhecer. Um bom botânico encontrará flores entre os paralelepípedos da rua, e qualquer homem repleto de uma ideia ou propósito encontrará exemplos, ilustrações e aliados onde quer que vá. O engenho atrai engenho, e o carácter atrai carácter. Não sabes que as pessoas são como aquelas com quem convivem? E se todos — ou alguns — me parecem pesados, esse facto acusa-me a mim.

Por que queixar-me, como se a dívida de um homem para com os seus inferiores não fosse pelo menos igual à que tem para com os seus superiores? Se todos os homens fossem iguais, as águas não se moveriam — mas a diferença de nível que faz do Niágara uma catarata é a mesma que gera a eloquência, a indignação e a poesia naquele que descobre que tem muito a comunicar. Portanto, juntamente com o respeito por si mesmo, deve existir no aspirante uma empatia forte, uma humanidade que faz com que homens de todas as classes se aqueçam nele como seu líder e representante.

Assim, somos levados a exprimir o nosso instinto de verdade revelando os fracassos da experiência. Procuramos o homem que ainda não vimos — aquele em quem nenhum interesse pessoal corrompe o adorador das leis; aquele que, ao governar-se, governa os outros; lúdico no trato, mas inexorável nos atos; aquele que vê longevidade na sua causa; cujo propósito está sempre claro para si; aquele que é autorizado a ser ele mesmo em sociedade; aquele que transporta o destino no olhar — *é esse* que procuramos, encorajados a cada boa hora de que, aqui ou no além, ele há de ser encontrado.

EXPERIÊNCIA

Onde nos encontramos? Num encadeado de que não conhecemos os extremos e acreditamos que não os tem. Acordamos e descobrimo-nos numa escada; há degraus abaixo de nós, que nos parece termos subido; há degraus acima, muitos, que sobem para o alto e desaparecem da vista. Mas o Génio que, segundo a antiga crença, se encontra à porta por onde entramos e nos dá de beber o letes — para que não possamos contar o que passou — misturou demasiado forte o seu cálice, e não conseguimos libertar-nos da letargia nem mesmo ao meio-dia.

O sono paira sobre os nossos olhos por toda a vida, como a noite espreita durante o dia nos ramos dos pinheiros. Tudo brilha e ondula. A nossa vida não está tanto ameaçada como a nossa perceção. Fantasmagóricos, deslizamos pela natureza, e não saberíamos reconhecer o nosso lugar se o voltássemos a ver.

Terá o nosso nascimento ocorrido numa crise de pobreza e parcimónia da natureza, que foi tão avara do seu fogo e tão generosa com a terra, que nos parece que nos falta o princípio afirmativo, e, embora tenhamos saúde e razão, não temos excesso de espírito para novas criações? Temos o suficiente para viver e levar o ano por diante, mas nem uma grama para repartir ou investir. Ah, se o nosso Génio fosse um pouco mais… génio! Somos como moleiros nos níveis inferiores de um rio,

quando as fábricas a montante já consumiram toda a água. Também nós imaginamos que os de cima devem ter levantado as suas comportas.

Se ao menos soubéssemos o que estamos a fazer, ou para onde vamos, quando julgamos saber! Hoje, nem sabemos se estamos ocupados ou ociosos. Em tempos em que nos considerávamos indolentes, depois percebemos que muito se havia realizado, e muito começado em nós. Os nossos dias parecem tão improdutivos enquanto passam, que é espantoso onde ou quando obtivemos aquilo a que chamamos sabedoria, poesia, virtude. Nunca a adquirimos num dia assinalado no calendário. Devem ter sido intercalados dias celestiais em algum ponto, como aqueles que Hermes ganhou com os dados da Lua, para que Osíris pudesse nascer.

Dizem que todo o martírio parecia insignificante no momento em que era sofrido. Cada navio é um objeto romântico — exceto aquele em que navegamos. Embarca, e a magia abandona a nossa embarcação e passa para todas as outras velas no horizonte. A nossa vida parece trivial, e evitamos registá-la. Os homens parecem ter aprendido do horizonte a arte de recuar perpetuamente. "Lá ao longe, nas colinas, há pastagens férteis, e o prado do meu vizinho é abundante, mas o meu campo", diz o lavrador queixoso, "apenas sustenta o mundo." Cito as palavras de outro; e, por azar, esse outro afasta-se do mesmo modo e cita-me a mim. É este o truque da natureza, o de degradar o presente; muito ruído, e algures um resultado que surge como por magia.

Todos os telhados são agradáveis à vista até serem levantados; então encontramos tragédias, mulheres a chorar, maridos de olhar duro e dilúvios de letes, e os homens perguntam: “Que há de novo?”, como se o velho fosse tão mau assim. Quantos indivíduos conseguimos contar na sociedade? Quantas ações? Quantas opiniões? Tanto do nosso tempo é preparação, tanto é rotina, e tanto é retrospetiva, que o núcleo do génio de cada homem se condensa em muito poucas horas. A história da literatura — veja-se o resultado líquido de Tiraboschi, Warton ou Schlegel — resume-se a muito poucas ideias e a muito poucos enredos originais; o resto são variações. E o mesmo ocorre nesta vasta sociedade em que vivemos: uma análise crítica revelaria muito poucas ações espontâneas. Quase tudo é hábito e senso comum. Mesmo as opiniões são raras, e parecem ser orgânicas nos que as expressam, sem perturbar a necessidade universal.

Que ópio é instilado em cada desastre! Parece formidável à medida que nos aproximamos, mas no fim não há fricção áspera — apenas superfícies escorregadias; caímos suavemente sobre um pensamento; Ate, a deusa, é gentil:

"Sobre as cabeças dos homens caminha no alto,
Com pés tão leves que mal se ouvem."

As pessoas lamentam-se, mas não lhes corre tão mal quanto dizem. Há estados de espírito em que procuramos o sofrimento, na esperança de aí, pelo menos, encontrarmos realidade — picos afiados, arestas da verdade. Mas acaba por ser tudo cenário e ilusão. A única coisa que a dor me ensinou foi o quão superficial ela é. Tal como o resto, brinca à superfície, e nunca me introduz na realidade — aquela com que desejaríamos contactar, mesmo ao custo de filhos e amores. Foi Boscovich quem descobriu que os corpos nunca tocam verdadeiramente? Bem, as almas também nunca tocam os seus objetos. Um mar intransponível lava, com ondas silenciosas, entre nós e aquilo a que aspiramos ou com que conversamos.

A dor também nos transforma em idealistas. Com a morte do meu filho, há mais de dois anos, parece-me ter perdido uma bela propriedade — e nada mais. Não consigo trazê-la para mais perto de mim. Se amanhã me informassem da falência dos meus principais devedores, a perda dos meus bens seria, talvez, um grande incómodo durante anos; mas deixar-me-ia como me encontrou, nem melhor nem pior. Assim é esta calamidade: não me toca; algo que imaginei ser parte de mim, que não poderia ser arrancado sem me rasgar ou acrescentado sem me enriquecer, caiu de mim — e não deixou cicatriz. Era caducifólio. Lamento que a dor nada me tenha ensinado, nem me tenha levado um passo mais fundo na natureza real.

O índio que foi amaldiçoado para que o vento não soprasse sobre ele, nem a água corresse para ele, nem o fogo o queimasse, é um retrato de todos nós. Os eventos mais queridos são como chuva de verão, e nós os casacos impermeáveis que repelem cada gota. Nada mais nos resta senão a morte. Olhamos para ela com uma satisfação austera, dizendo: ali, pelo menos, está uma realidade que não nos escapará.

Tomo esta evanescência e escorregadiça natureza de todas as coisas — que nos escapam entre os dedos justamente quando as apertamos com mais força — como o aspeto mais ingrato da nossa condição. A natureza não gosta de ser observada, e prefere que sejamos os seus tolos e companheiros de brincadeira. Podemos ter o planeta como bola de críquete, mas nem uma baga para a nossa filosofia. Nunca nos foi dado o poder de atingir diretamente; todos os nossos golpes resvalam, todos os nossos acertos são acasos. As nossas relações uns com os outros são oblíquas e casuais.

O sonho entrega-nos ao sonho, e não há fim para a ilusão. A vida é uma sucessão de estados de alma, como um fio de contas coloridas, e, ao passarmos por elas, elas pintam o mundo à sua cor, e cada uma só revela o que está no seu foco. Da montanha, vê-se a montanha. Animamos o que conseguimos, e vemos apenas o que animamos. A natureza e os livros pertencem aos olhos que os veem. Depende do estado de espírito do homem se verá o pôr do sol ou o poema. Sempre há poentes, e sempre há génio — mas só há poucas horas suficientemente serenas para que possamos saborear a natureza ou a crítica.

O (...) depende mais ou menos da estrutura ou do temperamento. O temperamento é o fio de ferro onde se enlaçam as contas. De que serve a fortuna ou o talento a uma natureza fria e defeituosa? Que importa quanta sensibilidade ou discernimento um homem tenha demonstrado em tempos, se adormece na sua cadeira? Ou se se ri e se ri tolhidamente? Ou se pede desculpa? Ou se está infetado de egotismo? Ou pensa no seu dinheiro? Ou não consegue passar sem comida? Ou teve um filho ainda na juventude? De que serve o génio, se o órgão é demasiado convexo ou côncavo e não consegue focar-se dentro do horizonte real da vida humana?

De que serve, se o cérebro é demasiado frio ou demasiado quente, e o homem não se importa o suficiente com os resultados para se motivar a experimentar e perseverar? Ou se a teia é demasiado fina, demasiado sensível ao prazer e à dor, de tal forma que a vida estagna por excesso de receção e falta de saída? Para quê fazer votos heroicos de emenda, se é o mesmo infrator habitual a tentar cumpri-los? Que ânimo poderá oferecer o sentimento religioso, quando se suspeita que este depende secretamente das estações do ano e do estado do sangue?

Conheci um médico espirituoso que localizava o credo no ducto biliar, e afirmava que se o fígado estivesse doente, o homem tornava-se calvinista; se estivesse são, tornava-se unitário. É bastante mortificante a experiência relutante de que algum excesso ou fraqueza não amiga neutraliza a promessa do génio. Vemos jovens que nos devem um novo mundo, tal é a facilidade e generosidade com que prometem — mas nunca saldam a dívida; morrem jovens e escapam à prestação de contas; ou se vivem, perdem-se na multidão.

O temperamento também entra plenamente no sistema de ilusões e encerra-nos numa prisão de vidro que não conseguimos ver. Há uma ilusão ótica sobre cada pessoa que encontramos. Na verdade, são todos criaturas de determinado temperamento, que se revelará num carácter próprio, cujos limites jamais ultrapassarão; mas olhamo-los, parecem vivos, e presumimos que há neles impulso.

No momento, parece haver impulso; num ano, numa vida inteira, revela-se ser uma melodia uniforme que a manivela da caixa de música tem de tocar. Os homens resistem a esta conclusão de manhã, mas à medida que o dia avança, acabam por aceitá-la: o temperamento prevalece sobre tudo — tempo, lugar e circunstância — e é incombustível nas chamas da religião. O sentimento moral consegue impor algumas modificações, mas a textura individual mantém o seu domínio — se não para distorcer os julgamentos morais, ao menos para fixar o grau de atividade e prazer.

Assim exprimo a lei tal como é lida da plataforma da vida comum, mas não posso deixá-la sem mencionar a grande exceção. O temperamento é um poder que nenhum homem gosta de ouvir elogiar — a não ser quando é ele próprio a fazê-lo. Na plataforma da física, não conseguimos resistir às influências redutoras da assim chamada ciência. O temperamento expulsa toda a divindade. Conheço bem a inclinação mental dos médicos. Ouço o riso dos frenologistas.

Raptores teóricos e senhores de escravos, veem cada homem como vítima de outro, que o manipula com facilidade por conhecer a lei do seu ser; e, com sinais tão baratos como a cor da barba ou o formato do crânio, leem o inventário do seu destino e carácter. Nem a ignorância mais crassa causa tanta repulsa quanto esta pretensa sapiência. Os médicos dizem que não são materialistas — mas são: para eles, o espírito é matéria tornada extremamente rarefeita. Oh, tão rarefeita! Mas a verdadeira definição de espiritual deve ser: aquilo que é evidência por si mesmo.

Que ideias fazem eles do amor! Ou da religião! Nem nos apetece pronunciar tais palavras diante deles, para não lhes dar oportunidade de as profanarem. Vi um cavalheiro afável que adapta a sua conversa à forma da cabeça do interlocutor! Sempre imaginei que o valor da vida residia nas suas possibilidades indecifráveis — no facto de nunca saber, ao dirigir-me a uma nova pessoa, o que me poderá acontecer. Levo comigo as chaves do meu castelo, pronto a lançá-las aos pés do meu senhor — seja qual for a sua aparência. Sei que ele está por perto, escondido entre vagabundos. Deverei excluir o meu futuro sentando-me num trono e adaptando amavelmente a minha conversa ao formato dos crânios? Quando chegar a isso, que os médicos me comprem por um tostão.

Mas, senhor, a história médica, o relatório ao Instituto, os factos provados! Desconfio dos factos e das inferências. O temperamento é o poder de veto ou limitação na constituição — justamente aplicado para conter excessos opostos — mas apresentado de forma absurda como obstáculo à justiça original. Quando a virtude está presente, todos os poderes subordinados adormecem. No seu próprio

plano ou sob o olhar da natureza, o temperamento é decisivo. Não vejo, se alguém for apanhado nesta armadilha das chamadas ciências, como poderá escapar às correntes da necessidade física. Dado tal embrião, seguirá tal história. Nesta plataforma, vive-se num chiqueiro de sensualismo — e não tardará até que se deseje o suicídio.

Mas é impossível que o poder criador se exclua a si mesmo. Em toda a inteligência existe uma porta que nunca se fecha — por onde passa o criador. O intelecto, que busca a verdade absoluta, ou o coração, que ama o bem absoluto, intervém para nos socorrer — e ao mais ténue sussurro desses altos poderes, despertamos da luta vã com este pesadelo. Lançamo-lo de volta ao seu próprio inferno, e não conseguimos de novo reduzir-nos a tão baixo estado.

O segredo da ilusão está na necessidade de uma sucessão de estados ou objetos. Com alegria desejaríamos ancorar, mas a âncora cai em areia movediça. Este truque de avançar da natureza é demasiado forte para nós: *Eppur si muove.* À noite, ao olhar a Lua e as estrelas, pareço estar parado, e são elas que correm. O nosso amor pelo real atrai-nos para a permanência, mas a saúde do corpo reside na circulação, e a sanidade da mente na variedade ou facilidade de associação. Precisamos de mudança de objetos.

A dedicação a um único pensamento rapidamente se torna odiosa. Passamos a viver entre loucos, e temos de lhes dar razão; depois a conversa morre. Houve um tempo em que Montaigne me encantava tanto que pensei não precisar de outro livro; antes disso, Shakespeare; depois, Plutarco; depois Plotino; noutro tempo, Bacon; mais tarde, Goethe — até em Bettine; mas agora folheio-os com indiferença, ainda que continue a apreciar o seu génio.

O mesmo acontece com as pinturas: cada uma suporta uma ênfase de atenção apenas uma vez — não a pode reter, embora desejássemos continuar a sentir prazer da mesma forma. Senti fortemente em relação a quadros que, uma vez bem vistos, é tempo de lhes dizer adeus — nunca mais os verei da mesma forma. Recebi boas lições de pinturas que, mais tarde, revi sem emoção ou comentário.

É preciso fazer um desconto nas opiniões que até os sábios emitem sobre um novo livro ou acontecimento. A sua opinião transmite-me notícias do seu estado de espírito e uma vaga ideia do novo facto — mas não é de modo algum confiável como relação duradoura entre esse intelecto e aquele objeto.

A criança pergunta: “Mamã, porque é que já não gosto da história como ontem?” Ai, criança, assim é também com os mais velhos querubins do conhecimento. Mas

servirá dizer-te: "Porque nasceste para o todo, e esta história é apenas uma parte"? A razão da dor que esta descoberta nos causa (e fazemo-la tarde, no que toca às obras de arte e de intelecto) é o lamento trágico que sussurra em relação às pessoas, à amizade e ao amor.

Aquela imobilidade e ausência de elasticidade que encontramos nas artes, encontramos com mais dor no artista. Não há poder de expansão nos homens. Os nossos amigos cedo nos aparecem como representantes de certas ideias que nunca ultrapassam nem excedem. Estão à beira do oceano do pensamento e do poder, mas nunca dão o único passo que os levaria até lá. Um homem é como um pedaço de feldspato de Labrador, que não brilha enquanto o rodamos na mão, até que atinja um certo ângulo; então revela cores profundas e belas.

Não há adaptação nem aplicabilidade universal nos homens, cada um possui o seu talento especial, e o domínio dos homens bem-sucedidos consiste em manter-se habilmente onde e quando essa faceta possa ser praticada com mais frequência. Fazemos o que devemos e chamamos isso pelos melhores nomes que conseguimos encontrar, desejando ardentemente o louvor por termos pretendido o resultado que surgiu. Não consigo lembrar-me de nenhuma forma de homem que não seja, por vezes, supérflua. Mas não será isto lamentável? A vida não vale a pena ser vivida apenas para fazer truques.

Claro que é necessária toda a sociedade para dar a simetria que procuramos. A roda multicolorida tem de girar muito depressa para parecer branca. Algo se ganha também ao conviver com tanta tolice e defeito. Em suma, seja quem for que perca, estamos sempre do lado que ganha. A divindade está por detrás também dos nossos fracassos e loucuras. As brincadeiras das crianças são disparates, mas disparates muito educativos.

Assim é com as coisas mais vastas e solenes — o comércio, o governo, a igreja, o casamento de cada homem, e até com a história do pão e os meios pelos quais ele o há de obter. Como um pássaro que nunca pousa, mas salta constantemente de ramo em ramo, assim é o Poder que não habita em nenhum homem ou mulher, mas por um momento fala através deste, e por outro momento através daquele.

Mas que ajuda nos vêm desses enfeites ou pedantices? Que ajuda do pensamento? A vida não é dialética. Creio que, nos nossos tempos, já tivemos lições suficientes da futilidade da crítica. Os nossos jovens pensaram e escreveram muito sobre o trabalho e a reforma, e, apesar de tudo o que escreveram, nem o mundo nem eles próprios avançaram um passo. O gosto intelectual pela vida não

substitui a atividade muscular. Se um homem considerasse minuciosamente a passagem de um pedaço de pão pela sua garganta, morreria à fome. Na Quinta da Educação, a mais nobre teoria da vida sentava-se sobre as mais nobres figuras de jovens homens e mulheres — completamente impotente e melancólica. Não revolvia nem lançava uma tonelada de feno; não esfregava um cavalo; e deixava os homens e mulheres pálidos e famintos.

Um orador político comparou espirituosamente as promessas do nosso partido às estradas do Oeste, que começavam com majestade, ladeadas de árvores plantadas para atrair o viajante, mas que depressa se estreitavam até terminarem num trilho de esquilo e subiam por uma árvore. Assim acontece connosco e com a cultura: acaba em dor de cabeça. A vida parece indescritivelmente triste e estéril para aqueles que, há poucos meses, se deslumbravam com o esplendor das promessas do tempo. "Já não existe nenhum caminho certo nem qualquer abnegação entre os iranianos." Já tivemos a nossa dose de objeções e críticas.

Há objeções para todos os modos de vida e ação, e a sabedoria prática deduz daí uma indiferença, da omnipresença da objeção. Toda a estrutura das coisas prega a indiferença. Não enlouqueças a pensar, mas vai tratar dos teus assuntos onde quer que estejas. A vida não é intelectual nem crítica, mas firme. O seu bem principal é para as pessoas bem equilibradas, que conseguem desfrutar do que encontram, sem questionar. A natureza odeia a bisbilhotice, e as nossas mães expressam bem esse sentido quando dizem: "Crianças, comam a comida e não falem mais nisso." Preencher a hora — isso é felicidade; preencher a hora sem deixar espaço para arrependimento ou aprovação.

Vivemos à superfície, e a verdadeira arte da vida é saber deslizar bem sobre ela. Sob as mais antigas e bolorentas convenções, um homem de força nata prospera tão bem como no mundo mais novo, e isso graças à habilidade de manuseamento e tratamento. Pode pegar em qualquer coisa, em qualquer lugar. A própria vida é uma mistura de poder e forma, e não tolera o mínimo excesso de um ou de outro. Concluir o momento, encontrar o fim da jornada em cada passo do caminho, viver o maior número possível de boas horas — isso é sabedoria.

Não cabe aos homens, mas sim aos fanáticos — ou, se quiserem, aos matemáticos — dizer que, considerando a brevidade da vida, não importa se durante tão pouco tempo estamos prostrados na miséria ou sentados no topo. Uma vez que a nossa tarefa é com os momentos, devemos poupá-los. Cinco minutos de hoje valem tanto para mim como cinco minutos no próximo milénio. Sejamos ponderados, sábios, e fiéis a nós mesmos — hoje. Tratemos bem os homens e as mulheres; tratemo-los

como se fossem reais — talvez o sejam. Os homens vivem na fantasia, como bêbados cujas mãos são demasiado suaves e trémulas para um trabalho eficaz. É uma tempestade de fantasias, e o único lastro que conheço é o respeito pela hora presente. Sem sombra de dúvida, no meio deste turbilhão de aparências e políticas, instalo-me cada vez com mais firmeza na convicção de que não devemos adiar, nem remeter, nem desejar, mas fazer justiça plena onde estamos, com quem quer que lidemos, aceitando os nossos companheiros e circunstâncias atuais, por mais humildes ou odiosos que sejam, como os oficiais místicos aos quais o universo delegou todo o seu prazer para nós.

Se forem mesquinhos e malévolos, a sua satisfação — que é a última vitória da justiça — é um eco mais satisfatório para o coração do que a voz dos poetas ou a simpatia ocasional de pessoas admiráveis. Penso que, por mais que um homem pensante sofra com os defeitos e absurdos da sua companhia, não pode, sem afetação, negar a qualquer grupo de homens e mulheres uma sensibilidade ao mérito extraordinário. Os grosseiros e frívolos têm um instinto de superioridade, se não tiverem simpatia, e honram-no à sua maneira cega e caprichosa, com uma homenagem sincera.

Os jovens refinados desprezam a vida, mas em mim — e naqueles como eu, livres de dispepsia, para quem um dia é um bem sólido e saudável — é um excesso de delicadeza mostrar desdém e clamar por companhia. Tornei-me, por simpatia, algo ansioso e sentimental, mas deixem-me em paz e saborearei cada hora e o que ela me trouxer, o que calhar no dia, com tanto gosto como o mais velho falador da taberna. Sou grato pelas pequenas bênçãos. Comparei impressões com um amigo meu que espera tudo do universo e fica desapontado quando algo não é o melhor possível, e percebi que começo no extremo oposto — não espero nada, e estou sempre cheio de gratidão por bens moderados. Aceito o estrondo e a dissonância de tendências contrárias.

Encontro valor também nos bêbados e nos enfadonhos. Eles conferem uma realidade ao quadro envolvente, da qual tal aparência meteórica e fugaz muito carece. De manhã, acordo e encontro o velho mundo — esposa, filhos e mãe, Concord e Boston, o querido velho mundo espiritual e até o velho diabo por perto. Se aceitarmos o bem que encontramos, sem fazer perguntas, teremos em abundância. Os grandes dons não se obtêm por análise. Tudo o que é bom está à beira da estrada. A região intermédia do nosso ser é a zona temperada. Podemos escalar até ao reino frio e rarefeito da geometria pura e da ciência sem vida, ou afundar-nos no da sensação. Entre esses extremos encontra-se o equador da vida, do pensamento, do espírito, da poesia — uma faixa estreita. Além disso, na

experiência popular, tudo o que é bom está à vista. Um colecionador espreita em todas as lojas de arte da Europa à procura de uma paisagem de Poussin, de um esboço a carvão de Salvator; mas a Transfiguração, o Juízo Final, a Comunhão de São Jerónimo, e obras tão transcendentais quanto estas, estão nas paredes do Vaticano, dos Uffizi ou do Louvre, onde qualquer lacaio as pode ver — sem falar das pinturas da Natureza em cada rua, dos pores e nasceres do sol diários, e da escultura do corpo humano que nunca falta.

Um colecionador comprou recentemente num leilão público, em Londres, por cento e cinquenta e sete guinéus, um autógrafo de Shakespeare; mas por nada, um estudante pode ler o *Hamlet* e descobrir nele segredos da mais alta importância ainda por publicar. Penso que nunca lerei senão os livros mais comuns — a Bíblia, Homero, Dante, Shakespeare e Milton. E, no entanto, impacientamo-nos com uma vida e um planeta tão públicos, e corremos de um lado para o outro à procura de recantos e segredos. A imaginação encanta-se com o saber dos índios, dos caçadores e dos apanhadores de abelhas.

Imaginamo-nos estranhos neste mundo, como se não estivéssemos tão intimamente enraizados no planeta como o homem selvagem, os animais e os pássaros. Mas essa exclusão também os alcança; atinge igualmente o homem que trepa, voa, desliza, o homem de penas ou de quatro patas. A raposa e a marmota, o falcão, a narceja e o abetouro, quando vistos de perto, não têm mais raízes no mundo profundo do que o homem, e são apenas inquilinos superficiais do globo. A nova filosofia molecular mostra espaços astronómicos entre átomo e átomo; mostra que o mundo é todo exterior — não tem interior.

O mundo intermédio é o melhor. A natureza, tal como a conhecemos, não é santa. As luzes da igreja, os ascetas, os gentios ou comedores de grãos — ela não os distingue com qualquer favor. Ela vem comer, beber e pecar. Os seus preferidos — os grandes, os fortes, os belos — não são filhos da nossa lei; não saíram da escola dominical, não pesam a comida, nem cumprem pontualmente os mandamentos. Se quisermos ser fortes com a força dela, não devemos alimentar essas consciências desoladas, emprestadas também das consciências de outras nações. Devemos afirmar com firmeza o presente contra todos os rumores de ira, passados ou vindouros.

Tantas coisas estão por resolver que seria da maior importância esclarecer — e, enquanto não se resolvem, faremos o que temos a fazer. Enquanto prossegue o debate sobre a justiça do comércio — e que não se encerrará por um ou dois séculos — a Velha e a Nova Inglaterra podem continuar com as suas lojas. A

questão do direito de autor e do direito internacional de autor está em discussão, e, enquanto isso, venderemos os nossos livros pelo melhor preço que conseguirmos. A conveniência da literatura, a razão da literatura, a legitimidade de escrever um pensamento, tudo isso é posto em causa; há muito a dizer de ambos os lados e, enquanto a luta se intensifica, tu, querido estudante, mantém-te nessa tarefa tola, acrescenta uma linha a cada hora e, entre tempos, mais uma linha.

O direito à posse da terra, o direito à propriedade, está em disputa, e as convenções reúnem-se — e antes de a votação ser feita, cava no teu jardim e gasta os teus ganhos como se fossem dádivas ou achados, para todos os fins serenos e belos. A própria vida é uma bolha, um ceticismo, um sono dentro de outro sono. Concede-lhes tudo isso, e mais ainda se quiserem, mas tu, amado de Deus, dá atenção ao teu sonho privado; ninguém dará pela tua ausência no desprezo e no ceticismo — já há demasiados por aí.

Fica aí no teu canto e trabalha até que os restantes decidam o que fazer com tudo isto. Dizem que a tua doença e o teu estado débil exigem que faças isto ou evites aquilo, mas sabe que a tua vida é um estado transitório, uma tenda para uma só noite — e tu, doente ou são, cumpre o teu dever. Estás doente, mas não estarás pior, e o universo, que te tem em estima, ficará melhor por isso.

A vida humana é feita de dois elementos: poder e forma, e é indispensável manter a proporção entre ambos se quisermos que a vida seja doce e saudável. Cada um destes elementos, em excesso, provoca tanto mal como a sua falta. Tudo tende ao excesso; qualquer qualidade boa se torna nociva se for pura e isolada, e, para levar o perigo ao limite da ruína, a natureza faz com que a peculiaridade de cada homem seja excessiva. Aqui, entre as quintas, tomamos os estudiosos como exemplo desta traição. São as vítimas da natureza pela expressão.

Tu, que vês o artista, o orador, o poeta de perto, e descobres que a sua vida não é mais excelente do que a de mecânicos ou lavradores — e que eles próprios são vítimas da parcialidade, muito ocos e desgastados — declaras com razão que são fracassos, não heróis, mas charlatães, e concluis, com boa lógica, que estas artes não são para o homem, mas são doenças. No entanto, a natureza não te dá razão. A natureza irresistível fez os homens assim, e continua a criar legiões deles todos os dias.

Tu gostas do rapaz a ler um livro, a olhar para um desenho ou uma escultura; mas que são esses milhões que leem e observam, senão escritores e escultores em potência? Acrescenta-se apenas um pouco mais dessa qualidade que agora lê e vê, e

eles pegarão na caneta e no cinzel. E, se alguém se lembrar de como começou, de forma tão inocente, a ser artista, percebe que a natureza se juntou ao seu inimigo. Um homem é uma impossibilidade dourada. O caminho que deve seguir é da largura de um fio de cabelo. O sábio, pelo excesso de sabedoria, torna-se tolo.

SOCIEDADE E SOLIDÃO

Durante as minhas viagens, cruzei-me com um humorista que tinha no seu quarto um molde da Medusa Rondanini. Assegurou-me que o nome atribuído a essa belíssima obra de arte nos catálogos era um erro, pois estava convencido de que o escultor a tinha concebido como sendo a Memória, mãe das Musas. Na conversa que se seguiu, o meu novo amigo fez algumas confissões extraordinárias. "Não vê", disse ele, "a penalidade do saber?

Cada um destes estudiosos que conheceu em S..., mesmo que fosse o último homem, tal como o carrasco no poema de Hood, guilhotinaria o penúltimo?" Acrescentou muitas observações espirituosas, mas a sua evidente sinceridade despertou o meu interesse, e nas semanas que se seguiram tornámo-nos mais próximos. Tinha boas capacidades, um temperamento afável e nenhum vício; mas tinha um defeito — não conseguia falar no tom do povo. Havia nele uma espécie de paralisia de vontade, de modo que, quando encontrava homens em termos comuns, falava de forma fraca e deslocada, como uma rapariga caprichosa. A sua consciência da falha tornava-a pior.

Invejava cada vaqueiro e lenhador na taberna pela sua fala viril. Cobiçava o "terrível dom da familiaridade" de Mirabeau, acreditando que aquele cuja simpatia desce mais baixo é o homem de quem os reis mais têm a temer. Dizia que nem sequer conseguia estar sozinho o suficiente para escrever uma carta a um amigo. Deixou a cidade; escondeu-se nos campos. O rio solitário não era solitário o bastante; o sol e a lua perturbavam-no. Quando comprou uma casa, a primeira coisa que fez foi plantar árvores. Não conseguia esconder-se o suficiente. Mandou plantar sebes aqui; carvalhos ali — árvores atrás de árvores; acima de tudo, plantou perenes, pois estas guardam um segredo durante todo o ano.

O maior elogio que lhe podiam fazer era insinuar que não o tinham notado numa casa ou rua onde se haviam cruzado com ele. Sofria por ser visto onde estava, mas consolava-se com o delicioso pensamento do número inconcebível de lugares onde não estava. Tudo o que pedia ao seu alfaiate era que lhe providenciasse um corte e cor tão sóbrios que nunca prendessem o olhar por um momento. Viajou até Viena,

Esmirna, Londres. Em toda a variedade de trajes, um autêntico carnaval, um caleidoscópio de roupas, para seu horror nunca conseguia encontrar alguém na rua vestido como ele. Teria dado a alma pelo anel de Giges. O seu desespero pela sua visibilidade tinha-lhe embotado o medo da morte. "Pensa que tenho grande pavor de ser alvejado — eu, que apenas aguardo para me livrar deste casaco corpóreo e desaparecer para as estrelas distantes, colocando os diâmetros do sistema solar e órbitas siderais entre mim e todas as almas — para aí passar eras em solidão, esquecendo até a própria memória, se tal for possível?"

Sentia remorsos que beiravam o desespero pelas suas desajeitadas interações sociais, e caminhava quilómetros e quilómetros para expulsar os tiques do rosto e os sobressaltos e encolhimentos dos braços e ombros. Deus pode perdoar os pecados, dizia ele, mas a falta de jeito não tem perdão nem no céu nem na terra. Admirava em Newton não tanto a sua teoria da lua, mas sim a carta a Collins, na qual o proibia de incluir o seu nome na publicação da solução do problema nos *Philosophical Transactions*: "Talvez aumentasse os meus conhecidos, precisamente aquilo que mais procuro evitar."

Estas conversas conduziram-me, algum tempo depois, ao conhecimento de casos semelhantes, e à descoberta de que não são assim tão raros. Poucas substâncias se encontram puras na natureza. As constituições que conseguem aguentar a rudeza do mundo à luz do dia devem ser de uma estrutura média, como o ferro, o sal, o ar atmosférico ou a água. Mas há metais, como o potássio e o sódio, que só se mantêm puros se forem conservados sob nafta. Assim são os talentos vocacionados para especialidades, que uma civilização culminante fomenta no coração das grandes cidades e nos salões reais. A natureza protege as suas próprias obras. Para a cultura do mundo, um Arquimedes ou um Newton é indispensável; por isso, ela guarda-os com uma certa aridez.

Se fossem bons camaradas, apreciadores de danças, vinho do Porto e clubes, não teríamos a Teoria da Esfera nem os *Principia*. Sentiam essa necessidade de isolamento que o génio exige. Cada um tem de se manter no seu tripé de vidro se quiser conservar a sua eletricidade. Mesmo Swedenborg, cuja teoria do universo assenta na afeição, e que condena com insistência os perigos e vícios do intelecto puro, é forçado a fazer uma exceção extraordinária: "Há também anjos que não vivem em sociedade, mas isolados, casa a casa; e estes habitam no meio do céu, porque são os melhores anjos."

Conhecemos muitos génios notáveis com esse defeito: não conseguem fazer nada de útil — nem sequer escrever uma frase limpa. É pior ainda, e trágico, que nenhum

homem com qualidades excecionais seja adequado para a convivência social. À distância, é admirado; mas, em contato próximo, é um inválido. Um protege-se pela solidão, outro pela cortesia, outro ainda por um modo ácido e mundano — cada um ocultando como pode a fragilidade da sua pele e a sua incapacidade para a convivência rigorosa. Mas não há remédio que cure o cerne da doença, a não ser hábitos de autossuficiência que levem à independência face à raça humana, ou então uma religião de amor. Tal homem mal parece ter direito ao casamento — como pode proteger uma mulher, aquele que nem a si próprio consegue proteger?

Rezamos para ser convencionais. Mas o prudente Céu garante que não o sejamos, se houver algo de bom em nós. Dante era péssima companhia, e nunca era convidado para jantar. Miguel Ângelo teve uma vida triste e amarga. Os ministros da beleza raramente são belos em carruagens e salões. Colombo não descobriu ilha ou chave mais solitária do que ele próprio. No entanto, cada um destes potentados via claramente a razão da sua exclusão. Solitário? Pois claro; mas a sua companhia era limitada apenas pela quantidade de cérebro que a natureza havia reservado naquela era para governar o mundo. "Se eu ficar", disse Dante quando se ponderava a ida a Roma, "quem irá? E se eu for, quem ficará?"

Mas a necessidade de solidão é mais profunda do que dissemos, é orgânica. Vi muitos filósofos cujo mundo era suficientemente grande apenas para uma pessoa. Fingem ser bons companheiros, mas estamos sempre a surpreender o seu segredo — querem e precisam de impor o seu sistema aos demais. A determinação de cada um é em direção oposta aos outros, como cada árvore que sobe ao espaço livre. Não admira, então, que, quando cada um tem a sua cabeça inteira, as nossas sociedades sejam tão pequenas. Tal como o Presidente Tyler, o nosso grupo afasta-se de nós todos os dias, e acabamos por ter de viajar sozinhos numa charrete.

Querido coração! Leva isto contigo, com tristeza — não há cooperação. Começamos com amizades, e toda a nossa juventude é um reconhecimento e recrutamento da santa fraternidade que se unirá para a salvação dos homens. Mas assim como as estrelas mais distantes parecem uma nébula de luz unida, nenhuma há que um telescópio não consiga resolver; e os amigos mais queridos estão separados por abismos intransponíveis. A cooperação é involuntária e é-nos imposta pelo Génio da Vida, que reserva isso como parte da sua prerrogativa. É bonito falarmos disto; sentamo-nos, meditamos, estamos serenos e completos; mas no momento em que nos encontramos com alguém, cada um torna-se apenas uma fração.

Embora o material da tragédia e dos romances esteja na união moral de duas pessoas superiores cuja confiança mútua, durante longos anos, à vista e fora dela, contra todas as aparências, é por fim justificada por uma prova vitoriosa de probidade perante os deuses e os homens — suscitando emoções, lágrimas e glória —, mesmo os heróis, apesar desta união moral, continuam tão distantes como sempre de uma união intelectual. E essa união moral serve propósitos relativamente baixos e exteriores, como a cooperação de uma tripulação de navio ou de um corpo de bombeiros. Mas quão insulares e pateticamente solitárias são as pessoas que conhecemos! Nem ousam dizer o que realmente pensam umas das outras quando se cruzam na rua. Que direito temos, então, de censurar os mundanos pelas suas cortesias superficiais e traiçoeiras?

Tal é a trágica necessidade que a ciência rigorosa encontra por debaixo da nossa vida doméstica e de vizinhança, impelindo irresistivelmente cada alma adulta, como se fosse com chicotes, para o deserto, tornando os nossos vínculos calorosos meros sentimentalismos momentâneos. Temos de inferir que os fins do pensamento são imperativos, se para os alcançar se exige um custo tão ruinoso. São mais profundos do que se pode dizer, pertencendo às imensidões e eternidades. Descem até àquela profundidade onde a própria sociedade tem origem e desaparece; onde a pergunta é: o que vem primeiro, o homem ou os homens? — onde o indivíduo se perde na sua origem.

Mas esse exílio para as rochas e ecos, nenhuma metafísica o pode justificar ou tornar tolerável. Esse resultado é tão contra a natureza, tão incompleto, que tem de ser corrigido pelo senso comum e pela experiência. "Um homem nasce ao lado do pai, e aí permanece." O homem tem de ser revestido de sociedade, ou sentiremos nele uma certa nudez e pobreza — como se fosse um membro deslocado e por mobilar. Deve ser vestido com artes e instituições, tal como com as roupas do corpo. De tempos a tempos, há um homem delicadamente moldado que pode viver só — e deve; mas, se se fechar a maioria dos homens, destrói-se-lhes o espírito.

"O rei vivia e comia no salão com os homens, e compreendia os homens", dizia Selden. Quando um jovem advogado disse ao Sr. Mason: "Fico no meu quarto a estudar direito", o veterano respondeu: "Estudar direito? É na sala de audiências que se aprende direito." E o mesmo se aplica à literatura: quem quiser aprender a escrever, tem de aprender nas ruas. Tanto para o veículo como para os fins das belas-artes, é preciso frequentar a praça pública. O povo, e não o colégio, é a casa do escritor. Um estudioso é uma vela que o amor e desejo dos homens acendem. Não são as suas terras ou rendas, mas o poder de encantar a alma disfarçada sob estas barbas ou sob aquele rosto rosado que é a sua verdadeira renda e sustento.

Os seus produtos são tão necessários quanto os do padeiro ou do tecelão. A sociedade não pode prescindir dos homens cultivados. Mal as primeiras necessidades estão satisfeitas, tornam-se imperativas as necessidades superiores.

É difícil mesmerizarmo-nos a nós próprios, pôr a girar o nosso próprio pião; mas, através da simpatia, tornamo-nos capazes de energia e resistência. A atuação em conjunto incendeia as pessoas com uma fúria de desempenho que raramente atingem sozinhas. Aqui está a utilidade da sociedade: é tão fácil, na presença dos grandes, sermos grandes; tão fácil alcançar o padrão existente — tão fácil como para o amante atravessar as vagas sombrias até à sua amada. Os benefícios do afeto são imensos; e o único acontecimento que nunca perde o seu romantismo é o encontro com pessoas superiores, em termos que permitem a mais feliz convivência.

De modo algum se segue que não somos talhados para a sociedade só porque os serões nos parecem enfadonhos ou porque também parecemos enfadonhos aos outros. Um rústico, enviado para a universidade, contou-me que, ao ouvir os jovens mais bem-educados da escola de direito conversarem, se considerava um bronco; mas, sempre que apanhava um deles a sós, era o outro que lhe parecia o bronco, e ele o homem superior. E, se recordarmos as raras horas em que encontrámos as melhores pessoas, foi aí que nos encontrámos a nós próprios — e só então é que a sociedade pareceu existir. Isso era sociedade, mesmo que fosse no camarote de uma embarcação ou nos recifes da Florida.

Um sangue frio e lento pensa não ter factos suficientes para a conversa, e abstém-se. Mas quem fala não tem mais — por vezes até tem menos. Não são os factos novos que contam, mas o calor que dissolve os factos de todos. O calor coloca-nos na relação certa com os armazéns de factos. O defeito capital das naturezas frias e áridas é a falta de espírito animal. Esse espírito parece um poder incrível, como se Deus ressuscitasse os mortos. O recluso observa, com certo temor, o que os outros conseguem fazer com esse dom.

Está tão fora do seu alcance como a coragem de Ricardo Coração de Leão, ou o dia de trabalho de um irlandês nos caminhos de ferro. Diz-se que o presente e o futuro são sempre rivais. O espírito animal constitui o poder do presente, e os seus feitos são como a construção de uma pirâmide. O seu resultado é um senhor, um general, ou um bom companheiro. Perante eles, quão miserável pedinte é a Memória, com o seu emblema de couro! Mas este calor vital está latente em todas as constituições, e só se liberta pelo atrito da sociedade. Tal como Bacon dizia sobre os modos: "Para os adquirir, basta não os desprezar", assim dizemos do espírito

vital que é um produto espontâneo da saúde e do hábito social. "Quanto ao comportamento, os homens aprendem-no como aprendem doenças — uns com os outros."

Mas o povo deve ser tomado em doses muito pequenas. Se a solidão é orgulhosa, a sociedade é vulgar. Na sociedade, as qualidades superiores são atribuídas ao indivíduo como defeitos. Através da simpatia, afundamo-nos tão facilmente como nos elevamos. Muitos homens que conheço são degradados pelas suas simpatias; os seus objetivos naturais são suficientemente nobres, mas a relação é demasiado sensível face às pessoas grosseiras à sua volta. Os homens não conseguem viver juntos com base nos seus méritos e ajustam-se mutuamente pelos seus deméritos — pelo gosto pela bisbilhotice ou por mera tolerância e bonomia. Desafinam e dissipam o ânimo do verdadeiro aspirante.

O remédio é reforçar cada um destes estados com o outro. A conversa não nos corromperá se formos ao convívio com o nosso próprio modo de ser, com a nossa fala e com a energia da saúde para escolher o que é nosso e recusar o que não é. Precisamos de sociedade; mas que seja verdadeira sociedade, e não apenas troca de novidades ou partilha de comida. Será isso sociedade — sentar-me numa das tuas cadeiras? Nem sequer posso ir à casa dos meus parentes mais próximos, porque não quero sentir-me só. A sociedade existe por afinidade química, e de nenhuma outra forma. Juntem-se pessoas em liberdade de conversa e rapidamente se distribuem em grupos e pares.

Os melhores são acusados de exclusividade. Seria mais verdadeiro dizer que se separam como o óleo da água, como crianças dos velhos, sem amor ou ódio — cada um procura os seus semelhantes; e qualquer interferência nessas afinidades produz constrangimento e sufoco. Toda a conversa é uma experiência magnética. Eu sei que o meu amigo pode falar eloquentemente; tu sabes que ele mal consegue articular uma frase: vimos isso em companhias diferentes. Organiza bem o teu grupo, ou não convides ninguém. Junta Stubbs e Coleridge, Quintiliano e a tia Miriam em pares, e tornarás todos infelizes. É uma prisão improvisada dentro da sala de estar. Deixa-os procurar os seus pares, e estarão alegres como pardais.

Uma civilidade mais elevada restabelecerá nos nossos costumes uma certa reverência que perdemos. Que fazer com estes jovens impetuosos que rompem todas as barreiras e se sentem em casa em qualquer casa? Eu percebo de imediato se a minha companhia não é desejada, e nem cordas me podem prender quando o meu acolhimento termina. Dir-se-ia que as afinidades se manifestariam com uma reciprocidade mais segura. Aqui, mais uma vez, como tantas vezes, a natureza

encanta-se em colocar-nos entre antagonismos extremos, e a nossa segurança reside na habilidade com que mantemos a linha diagonal. A solidão é impraticável, e a sociedade é fatal. Devemos manter a cabeça numa e as mãos noutra. As condições cumprem-se se conservarmos a nossa independência sem perder a nossa simpatia. Estes cavalos maravilhosos precisam de mãos delicadas a guiá-los.

Precisamos de uma solidão que nos prenda às suas revelações mesmo quando estamos na rua ou em palácios; pois a maioria dos homens intimida-se na sociedade e diz coisas boas em privado que não ousa sustentar em público. Mas não sejamos vítimas das palavras. Sociedade e solidão são nomes enganosos. O que importa não é ver mais ou menos pessoas, mas sim a prontidão da simpatia; e uma mente sã extrairá os seus princípios da intuição, numa ascensão cada vez mais pura até ao que é suficiente e absolutamente justo, e aceitará a sociedade como o elemento natural onde esses princípios devem ser aplicados.

IMORTALIDADE

Não abrirás o teu coração para conhecer
O que os arco-íris ensinam, e os poentes revelam?
O veredicto que se acumula
No rolo crescente dos destinos humanos.
Voz da terra que à terra retorna,
Orações de santos que arderam em silêncio, —
Dizendo: o que é excelente,
Enquanto Deus vive, é permanente;
Corações tornam-se pó, mas o amor dos corações permanece,
E o amor do lar voltará a encontrar-te.
Orador mudo! bem versado em persuadir
E convencer sem uma palavra,
Tu socorres e remédias
A brevidade dos nossos dias,
E prometes, com a verdade do teu Criador,
Uma longa manhã para esta juventude mortal.
— Monadnock

No ano de 626 da nossa era, quando Edwin, rei anglo-saxão, ponderava sobre receber os missionários cristãos, um dos seus nobres disse-lhe: "A vida presente do homem, ó rei, comparada com aquele tempo além, sobre o qual nada sabemos

com certeza, faz-me lembrar um dos vossos banquetes de inverno, onde estais sentado com os vossos generais e ministros. A lareira arde no centro e um calor reconfortante espalha-se à volta, enquanto lá fora uivam tempestades de chuva e neve. Impelido pela tempestade gélida, um pequeno pardal entra por uma porta, voa alegremente ao nosso redor, e sai pela outra. Enquanto permanece no nosso salão, não sente o inverno; mas, mal esse breve momento de felicidade termina, é forçado a regressar à mesma tempestade sombria de onde viera, e nunca mais o vemos. Assim é a vida do homem, e somos tão ignorantes do estado que precedeu a nossa existência como do que a seguirá. Sendo assim, sinto que, se esta nova fé pode dar-nos mais certeza, merece ser acolhida."

Nos primeiros registos de qualquer nação minimamente reflexiva e cultivada, surge naturalmente alguma crença na vida para além da morte. O povo egípcio fornece-nos os mais antigos pormenores de uma civilização estabelecida, e leio no segundo livro de Heródoto esta frase memorável: "Os egípcios foram os primeiros entre os homens a afirmar a imortalidade da alma." E não me interessa menos o facto de o historiador associar essa crença à doutrina da metempsicose; pois sei bem que, onde esta crença alguma vez existiu, assumiria inevitavelmente uma forma grosseira entre os bárbaros e uma forma pura entre os sábios — assim, vejo no falso apenas a prova de que a fé genuína esteve ali.

A crença dos homens, mais do que a raça ou o clima, molda os seus costumes; e a história da religião pode ler-se nas formas de sepultura. Nunca houve tempo em que a doutrina da vida futura não fosse sustentada. A moralidade tinha de ser imposta, mas entre homens rudes os juízos morais eram representados rudemente sob formas de cães e chicotes, ou de uma vida mais fácil e abundante após a morte. E como o selvagem não conseguia separar na mente a vida da alma do corpo, tratava o corpo com o maior cuidado.

Assim, toda a vida do homem nos primeiros tempos era pesadamente orientada para a morte; e, como sabemos, a organização social egípcia, as leis das cidades, das ruas e das casas, obedeciam ao imperativo do sepultamento. Tornava cada homem um coveiro, e o sacerdócio, um senado de coveiros. Todo o palácio era uma porta para uma pirâmide: um rei ou um homem rico era um piramidário. O trabalho de gerações foi gasto na escavação de catacumbas. Sendo o objetivo supremo do homem ser bem sepultado, as artes mais valorizadas eram a alvenaria e a mumificação, para dar incorruptibilidade ao cadáver.

O grego, com os seus sentidos e perceções perfeitas, tinha uma filosofia totalmente diferente. Amava a vida e deleitava-se na beleza. Aplicou o seu engenho

e gosto, como gás elástico, sob esses montes de pedra, e fê-los erguer. Afastou os embalsamadores; não construiu mais esses túmulos fúnebres e montanhosos. Embelezou a morte, trouxe coroas de salsa e louro; tornou-a luminosa com jogos de força e perícia, e corridas de quadrigas. Via a morte apenas como a distribuidora de glória imperecível. Nada supera a beleza dos seus sarcófagos. Levou as suas artes para Roma, e construiu belos túmulos em Pompeia.

O poeta Shelley dizia destas câmaras delicadamente talhadas em mármore branco: "Não parecem tanto esconderijos daquilo que deve apodrecer, mas câmaras voluptuosas para espíritos imortais." No mesmo espírito, os gregos modernos pedem nos seus cantos que sejam enterrados onde o sol os possa ver, e que se abra uma janelinha no túmulo, de onde se possa ver a andorinha quando regressa na primavera.

O cristianismo trouxe uma nova sabedoria. Mas o conhecimento depende do que o discípulo pode receber. Nenhuma verdade pode ser transmitida além daquilo que a mente popular consegue suportar, e os bárbaros que receberam a cruz tomaram a doutrina da ressurreição como os egípcios a tinham tomado: uma questão do corpo, ainda mais estreitada pelo furor sectário — tanto que se aspergiam terrenos com água benta para que recebessem apenas pó ortodoxo; e, para guardar o corpo ainda mais sagradamente para a ressurreição, enterrava-se nos próprios muros da igreja. As igrejas da Europa são, na verdade, sepulcros. Li na abadia de Melrose a inscrição no portão em ruínas:

"A Terra caminha sobre a Terra a brilhar em ouro;
A Terra regressa à Terra mais cedo do que queria;
A Terra constrói sobre a Terra castelos e torres;
A Terra diz à Terra: Tudo isto é nosso."

Entretanto, os verdadeiros discípulos viam, através da letra, a doutrina da eternidade, que dissolvia o pobre corpo e também a natureza, e conferia grandeza ao momento que passa. O passo mais notável na história religiosa das últimas épocas foi dado pelo génio de Swedenborg, que descreveu as faculdades morais e afetivas do homem com o realismo rigoroso de um astrónomo a descrever os sóis e planetas do nosso sistema, e explicou a sua visão sobre a história e o destino das almas em forma narrativa — como alguém que em transe tivesse visitado a sociedade de outros mundos.

Swedenborg descreveu um céu inteligível, onde se continuavam os mesmos trabalhos, nas mesmas circunstâncias que conhecemos: homens em sociedades, em

casas, cidades, ofícios, divertimentos — uma continuação da nossa experiência terrena. Passaremos à existência futura como entramos num sonho agradável. Toda a natureza nos acompanhará até lá.

Milton antecipou a ideia central de Swedenborg quando escreveu, em *Paraíso Perdido*:

"E se a Terra
For apenas a sombra do Céu, e as coisas nela
Se assemelharem mais entre si do que julgamos cá em baixo?"

Swedenborg tinha um génio vasto e anunciou muitas verdades admiráveis, embora sempre envoltas em tons algo sombrios e estigianos. Essas verdades, saindo do seu sistema e entrando em circulação geral, são hoje encontradas no quotidiano, influenciando as doutrinas de todas as igrejas — e também dos homens sem igreja. E creio que todos reconhecemos uma revolução na opinião. Há sessenta anos, os livros lidos, os sermões e orações ouvidos, os hábitos de pensamento dos religiosos estavam todos voltados para a morte. Tudo vivia sob a sombra do calvinismo e do purgatório católico romano, e a morte era terrível.

A ênfase de todos os bons livros oferecidos aos jovens recaía sobre a morte. Todos éramos ensinados a acreditar que nascemos para morrer; e sobre essa ideia somavam-se todos os terrores que a teologia podia reunir dos povos selvagens, para acentuar a escuridão. Uma grande mudança ocorreu. A morte passou a ser encarada como um acontecimento natural e enfrentada com firmeza. Um homem sábio da nossa época mandou gravar no seu túmulo: "Pensa em viver." Essa inscrição assinala um progresso na opinião. Cessa de antecipar a tua experiência. Ao dia de hoje bastam os deveres de hoje. Não desperdices a vida em dúvidas e receios; consome-te na tarefa diante de ti, certo de que o cumprimento justo dos deveres desta hora será a melhor preparação para as horas — ou eras — que se seguem:

"O nome da morte nunca foi terrível
Para quem soube viver."

Um homem pensante está disposto tanto a viver como a morrer; suponho que porque viu o fio em que as contas estão enfiadas, e percebeu que ele se estende para cima e para baixo, existindo independentemente das ilusões do presente. Um homem de negócios teme morrer, atormentado por terrores, porque lhe falta essa visão, sendo vítima daqueles que moldaram os dogmas religiosos em sistemas bem organizados, como o calvinismo, o romanismo ou o swedenborguismo, para uso doméstico. É o medo do pássaro jovem que receia confiar nas suas asas. Mas as

experiências da alma rapidamente superam esse alarme. A frase de Marco Aurélio dificilmente poderia ser melhorada: "É bom morrer se há deuses; e triste viver se não há." Creio que todas as mentes sensatas assentam numa convicção preliminar: que, se for melhor que a vida consciente e pessoal continue, ela continuará; se não for melhor, então não continuará; e nós, se víssemos o todo, naturalmente compreenderíamos que assim é melhor.

Schiller disse: "O que é tão universal como a morte deve ser um benefício." Um amigo de Miguel Ângelo disse-lhe que o seu labor constante pela arte devia fazer com que pensasse na morte com pesar — "De forma alguma", respondeu ele; "pois se a vida é um prazer, a morte, sendo enviada pela mão do mesmo Mestre, não nos deveria desagradar." Plutarco, na Grécia, acreditava profundamente que a doutrina da Providência Divina e a da imortalidade da alma assentavam no mesmo fundamento.

Ouve a opinião de Montesquieu: "Se a imortalidade da alma fosse um erro, lamentaria não acreditar nela. Confesso que não sou tão humilde quanto o ateu; não sei como eles pensam, mas por mim, não trocaria a ideia da imortalidade pela bem-aventurança de um único dia. Delicio-me em acreditar que sou tão imortal quanto o próprio Deus. Independentemente das ideias reveladas, as ideias metafísicas dão-me uma esperança vigorosa no meu bem-estar eterno, da qual jamais abdicaria."

Contaram-me há pouco sobre crianças que sentem certo terror diante da ideia de vida eterna. "Como assim? Nunca acaba?", perguntou uma criança; "Nunca morremos? Nunca, nunca? Isso deixa-me tão cansada..." E recordo a expressão de um crente mais velho que me disse: "A ideia de que este ser frágil jamais terá fim é tão avassaladora que o único abrigo é a presença de Deus." Essa inquietação não passa de uma fase de transição. O estado saudável da mente é o amor à vida. Aquilo que é tão bom, que dure.

Vejo que aquilo a que se chama uma vida grande e poderosa — a administração de grandes negócios, no comércio, nos tribunais, no Estado — tende a desenvolver talentos estreitos e específicos; mas, a menos que esteja combinada com uma inclinação contemplativa, com gosto pela verdade abstrata e pelas leis morais, não gera fé nem conduz ao contentamento. Há uma melancolia profunda na base dos homens de talento ativo e poderoso, raramente suspeitada.

Há muitos anos, havia dois homens no Senado dos Estados Unidos, ambos já falecidos. Vi ambos; um deles conheci pessoalmente. Ambos eram distintos e participaram ativamente na política do seu tempo. Eram homens de intelecto, e um

deles contou, mais tarde, a seguinte anedota a um amigo: disse que, ao entrar para o Senado, tornou-se rapidamente íntimo de um colega e, embora cumprissem as suas obrigações públicas, passavam os dias a conversar sobre a imortalidade da alma e outras questões intelectuais, ligando-se pouco a mais nada. Quando o meu amigo deixou o Congresso, separaram-se — o colega permaneceu. Como viviam em regiões distantes, nunca mais se encontraram, até que, vinte e cinco anos depois, se avistaram, à distância, em salas contíguas durante uma receção na casa do Presidente, em Washington.

Avançaram lentamente um para o outro, por entre a multidão elegante, e finalmente encontraram-se — nada disseram, apenas apertaram as mãos longamente e com cordialidade. Por fim, o seu amigo perguntou: "Alguma luz, Albert?" "Nenhuma," respondeu Albert. "E tu, Lewis, alguma luz?" "Nenhuma," replicou. Olharam-se em silêncio, apertaram-se uma última vez, e separaram-se para sempre.

Ora, eu diria que o impulso que levou estes espíritos a essa busca ao longo de tantos anos constitui uma prova afirmativa mais poderosa do que a sua falha em encontrar uma resposta possa ser prova negativa. Devo acrescentar que, embora homens de mente apurada, ambos eram materialistas bastante convictos no seu modo de vida. Admito que encontramos muito ceticismo nas ruas, nos hotéis, nos locais de diversão grosseira. Mas isso significa apenas que as faculdades práticas se desenvolvem mais depressa do que as espirituais.

Onde há depravação, há um pensamento ao estilo de matadouro. Um argumento a favor da vida futura é precisamente o desconforto da mente na presença de tais companhias — a nossa dor diante de cada afirmação cética. O cético afirma que o universo é um conjunto de caixas, e que a última está vazia. Toda a zombaria do homem é amarga, e desencoraja a boa atividade. Quando Bonaparte insistia que o coração era apenas uma víscera, e que é o estômago que move o mundo — sentimo-nos gratos por tal ensinamento? O nosso desgosto é o protesto da natureza humana contra uma mentira.

O fundamento da esperança está na infinitude do mundo; essa infinitude reaparece em cada partícula, os poderes de toda a sociedade em cada indivíduo, e de toda a mente em cada mente. Sei, contra todas as aparências, que o universo não pode sofrer dano algum; que há um remédio para cada erro e uma satisfação para cada alma. Eis aqui este pensamento maravilhoso. Mas de onde veio ele? Quem o colocou na mente? Não fui eu, nem foste tu; ele é elementar — pertence ao pensamento e à virtude; e sempre que temos um ou outro, vemos os raios dessa luz.

Quando o Mestre do universo tem algo a cumprir na sua governação, imprime a sua vontade na estrutura das mentes.

Mas, avançando na enumeração dos poucos e simples elementos da fé natural, o primeiro facto que nos impressiona é o nosso encanto pela permanência.

Todas as grandes naturezas são amantes da estabilidade e da permanência, como expressão do Eterno. Após o despertar da ciência, a crença na permanência deve seguir-se numa mente saudável. As coisas são tão atraentes, os desígnios tão sábios, o operário secreto tão transcendentemente hábil, que várias gerações de observadores são necessárias apenas para desvendar, parte a parte, o engenhoso e delicado ajustamento de uma erva, de um musgo, às suas necessidades, ao seu crescimento e perpetuação.

Todos esses ajustes tornam-se perfeitamente compreensíveis ao nosso estudo — e o artífice de tudo isto permanece para sempre oculto! Respirar, dormir — são maravilhas. Mas jamais conhecer a Causa, o Dador, e deduzir o seu carácter e a sua vontade? De que serve este céu vazio, estes elementos a soprar, estas vidas insignificantes cheias de amores egoístas, discussões e tédio? Tudo é orientado para o que há de vir, e o homem está destinado a viver mais adiante. Que o mundo existe para a sua educação é a única solução sensata do enigma. E creio que o naturalista não trabalha para si, mas para a mente crente, que transforma as suas descobertas em revelações, recebendo-as como sinais privados da grande boa vontade do Criador.

A mente deleita-se com o tempo imenso; encanta-se com rochas, metais, cordilheiras e as provas dos vastos períodos geológicos que estes revelam; com a idade das árvores — como as sequóias, algumas das quais abrangem toda a história da humanidade; com a nobre resistência e durabilidade da palmeira, que floresce mesmo sob abuso; deleita-se com a arquitetura, cujas construções duram séculos — "Uma casa", diz Ruskin, "não está no seu auge antes de completar quinhentos anos" —, e eis as pirâmides, com milhares, e os *cromlechs* e montes funerários, ainda mais antigos do que elas.

Deliciamo-nos com a estabilidade, e realmente nada nos interessa que tenha fim. O que dura um século agrada-nos mais do que o que dura uma hora. Mas um século, uma vez familiarizado e comparado com uma verdadeira antiguidade, parece-nos raquítico e recente; e não adianta somar números se vemos que haverá um fim, que chegará com a mesma certeza que no mais curto dos tempos. Uma vela com um quilómetro ou cem quilómetros de comprimento não ajuda a imaginação; apenas o

faz um fogo que se alimenta a si mesmo, uma lâmpada inextinguível — como o sol e a estrela, cuja data e origem ainda desconhecemos. Mas a teoria nebular ameaça também a sua duração, privando-os dessa glória, e tenta prolongar uma espécie de eternidade por sucessão, tal como o fazem plantas e animais.

E que são estes encantos pelo vasto, permanente e forte, senão aproximações e semelhanças daquilo que é pleno e suficiente — vida criadora e autossustentada? Pois o Criador mantém a sua palavra connosco. Esses objetos de longa duração são para nós apenas símbolos de algo dentro de nós que vive ainda mais tempo. As nossas paixões, os nossos esforços, pareceriam ridículos e zombeteiros se terminássemos tão abruptamente. Se não houver continuidade, que valor tem a trombeta da fama, senão como os sinos de um tolo?

A Natureza não convoca, como a imperatriz Ana da Rússia, toda a genialidade arquitetónica do império para erguer e mobilar um palácio de neve que se derrete na primeira desgeada. Hás de, com vasto custo e esforço, educar os teus filhos nas suas artes, e assim que estejam prontos a criar uma obra-prima, mandar vir uma fileira de soldados para os abater? Temos de inferir o nosso destino pela preparação. Somos levados, por instinto, a acumular experiências sem valor visível, podendo rodar por muitas vidas antes de as assimilarmos ou esgotarmos.

Ora, não há nada na Natureza que seja caprichoso, excêntrico, acidental ou sem suporte. A Natureza nunca salta, mas avança sempre com firmeza e apoio. O implante de um desejo indica que a satisfação desse desejo faz parte da constituição do ser que o sente; o desejo de alimento, de movimento, de sono, de companhia, de conhecimento — não são caprichos aleatórios, mas enraizados na estrutura do ser, e destinados a ser satisfeitos por alimento, movimento, sono, sociedade, conhecimento.

Se há o desejo de viver — e de viver em esfera mais ampla, com mais saber e poder — é porque a vida, o conhecimento e o poder são bons para nós, e somos os depositários naturais desses dons. O amor à vida é desproporcional ao valor que damos a um único dia, e parece indicar, como todas as nossas outras experiências, uma convicção de recursos e possibilidades imensas, próprios da nossa natureza, e ainda por explorar.

Todo o consolo que encontrei ensina-me a confiar que não terei menos em tempos e lugares que ainda desconheço. Conheci pessoas admiráveis, sem sentir que esgotaram as possibilidades da virtude e do talento. Vi glórias de clima, de manhãs e noites de verão, de céus à meia-noite; usufruí os benefícios desta complexa

maquinaria das artes e da civilização, e os seus frutos de conforto. O bom Poder pode facilmente proporcionar-me milhões de experiências igualmente boas. Deverei apegar-me com ambas as mãos a cada posse mesquinha? Tudo o que vi ensina-me a confiar no Criador por tudo aquilo que ainda não vi. Seja o que for que a grande Providência nos prepara, há de ser algo grandioso e generoso, no estilo majestoso das suas obras.

O futuro tem de estar à altura das nossas faculdades — da memória, da esperança, da imaginação, da razão. Tenho uma casa, um armário com os meus livros, uma mesa, um jardim, um campo: será isto, qualquer ou tudo isto, razão para recusar o anjo que me chama — como se não houvesse em parte alguma espaço ou engenho que pudesse reproduzir para mim, conforme as minhas necessidades, algo semelhante ou superior? Desejamos viver por aquilo que é nobre, não por aquilo que é mesquinho. Não quero viver pelo conforto da minha casa quente, do meu pomar, ou das minhas pinturas. Não quero viver apenas para gastar as minhas botas.

Como indício de existência sem fim, podemos considerar a novidade que constantemente acompanha a vida. A alma não envelhece com o corpo. À beira do túmulo, o homem sábio olha em frente com a mesma elasticidade de mente, ou esperança; e por que não, após milhões de anos, à entrada de uma nova existência? Pois é da natureza dos seres inteligentes serem eternamente novos para a vida. A maioria dos homens é insolvente — ou prometem, pela sua aparência, conversa e esforço inicial, muito mais do que alguma vez cumprem — sugerindo um plano ainda por realizar; o homem precisa de novos motivos, novos companheiros, novas condições e outro ciclo.

Franklin dizia: "A vida é mais um estado de embrião, uma preparação para a vida. O homem não está completamente nascido até ter passado pela morte." Todo o homem verdadeiramente capaz, seja qual for o campo em que trabalhe — nos grandes negócios, na invenção, na política, na oratória, na poesia, na pintura —, se falar contigo com sinceridade, considerará a sua obra, por mais admirada que seja, como aquém do que deveria ser. E o que é esse "Melhor", esse Ideal sempre fugidio, senão a promessa perpétua do seu Criador?

A fábula do Judeu Errante agrada aos homens porque estes desejam mais tempo e espaço para concretizar os seus pensamentos. Mas há que dar um uso mais poético a essa lenda. Tomemo-nos como somos, com a nossa experiência, e sejamos transferidos para um novo planeta, onde possamos digerir, para os seus habitantes, a sabedoria que reunimos deste. Depois de ali descobrirmos a nossa profundidade e assimilarmos essa nova experiência, sejamos levados para outro cenário. Em cada

transição teremos adquirido, ao ver à distância, um novo domínio sobre pensamentos antigos, nos quais antes estávamos demasiado imersos. Em suma, toda a nossa ação intelectual, mais do que prometer, concede uma sensação de existência absoluta. Somos retirados do tempo e respiramos um ar mais puro. Não sei de onde retiramos a certeza da vida prolongada, de uma vida que atravessa o abismo a que chamamos morte e se agarra ao que é real e permanente, por tantas vias quanto nos dá a nossa história intelectual.

O sal é um bom conservante; o frio também o é. Mas uma verdade cura melhor a mácula da mortalidade e "preserva do mal até outro tempo." Há uma espécie de absolutismo que acompanha toda a perceção da verdade — sem cheiro de antiguidade, sem indício de corrupção. É autossuficiente, íntegra, sólida.

Lord Bacon disse: "Alguns dos filósofos menos divinos negaram, em geral, a imortalidade da alma, mas chegaram ao ponto de reconhecer que quaisquer movimentos que o espírito humano pudesse realizar sem os órgãos do corpo poderiam permanecer após a morte — sendo estes apenas os do entendimento, e não os das afeições; tão imortal e incorruptível lhes parecia o conhecimento." E Van Helmont, o filósofo holandês, retirou a sua prova suficiente puramente da ação do intelecto. "É o meu maior desejo", dizia ele, "que aos ateus fosse concedido saborear, pelo menos por um só momento, o que é compreender intelectualmente — para que pudessem sentir a imortalidade da mente, como que por toque."

Um agricultor, um operário, um mecânico, é impelido pelo trabalho durante todo o dia, mas este termina à noite; tem um fim. Mas, na medida em que o operário ou agricultor é também um estudioso ou pensador, o seu trabalho não tem fim. O que ele aprendeu é que há muito mais por aprender. Quanto mais sábio for, mais sente a sua insuficiência. "O que sabemos é um ponto comparado com o que ignoramos." Mil anos — dez vezes, cem vezes as suas faculdades — não bastariam. As exigências da sua tarefa tornam-se omnipresentes. Ele estuda ao caminhar, nas refeições, nos momentos de lazer e até no sono. Montesquieu dizia: "O amor ao estudo é em nós quase a única paixão eterna.

Todas as outras abandonam-nos à medida que esta miserável máquina que as contém se aproxima da ruína." "A arte é longa", diz o pensador, "e a vida é breve." Ele é apenas como uma mosca ou verme diante da montanha, do continente onde habitam os seus pensamentos. Esta perceção vem da atividade do intelecto; nunca à mente preguiçosa ou ferrugenta. A coragem vem naturalmente a quem tem o hábito de enfrentar o trabalho e o perigo, conhecendo assim a força dos seus braços e corpo; e a coragem ou confiança no espírito vem a quem conhece, pelo uso,

as suas maravilhosas forças, inspirações e regressos. A crença no futuro é uma recompensa reservada apenas a quem faz uso dela. "Para mim," disse Goethe, "a existência eterna da minha alma prova-se pela ideia de atividade. Se trabalhar incessantemente até à morte, a Natureza está obrigada a conceder-me outra forma de existência, quando esta já não puder sustentar o meu espírito."

É um provérbio do mundo que a boa vontade gera inteligência, que a bondade em si é um olho; e a única doutrina comum a todas as religiões é que nova luz é concedida à mente na medida em que usa a que tem. "Aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre." Pessoas ignorantes confundem reverência pelas intuições com egotismo. Mas não há confusão nas coisas em si. A saúde da mente consiste na perceção da lei. A sua dignidade está em estar sob a lei. A sua bondade é a mais generosa expansão dos nossos interesses privados até à dignidade e generosidade das ideias. Nada me parece tão excelente como a crença nas leis. Ela comunica nobreza e, por assim dizer, um santuário em templos à alma leal.

Confesso que tudo o que se relaciona com a nossa personalidade se desvanece. A Natureza nunca poupa o indivíduo; somos sempre impedidos de alcançar um sucesso completo: nenhuma prosperidade é prometida ao nosso amor-próprio. Temos a nossa compensação apenas na realidade moral e intelectual a que aspiramos. Essa é imortal — e nós apenas por ela. A alma não reivindica nenhum bem privado. Aquilo que é privado não vejo que seja bom. "Se a verdade vive, eu vivo; se a justiça vive, eu vivo," dizia um dos antigos santos, "e estas, pelo sofrimento de qualquer homem, são engrandecidas e entronizadas."

O sentimento moral mede-se pelo sacrifício. Arrisca ou destrói bens, saúde, a própria vida, sem hesitação, por uma ideia — e todos os homens justificam o ato com o seu louvor. E Maomé, no mesmo espírito, declarou: "Não mortos, mas vivos deveis considerar todos aqueles que caem no caminho de Deus."

Com base nisto, creio que, onde quer que o homem amadureça, esta crença audaciosa cedo aparece — no selvagem, de forma selvagem; no justo, com pureza. Logo que o pensamento é exercido, essa crença é inevitável; assim que a virtude arde, essa crença confirma-se. É uma espécie de resumo ou coroamento do homem. Não pode assentar numa lenda; não pode ser citada de uns para os outros; tem de ser sustentada pela confiança que as faculdades humanas têm de que podem preencher um palco maior e um tempo mais amplo do que o que a Natureza aqui lhe concede.

Goethe disse: "É absolutamente impossível para um ser pensante imaginar-se inexistente, deixar de pensar e de viver; tanto carrega cada um em si a prova da imortalidade, de forma completamente espontânea. Mas logo que o homem tenta tornar-se objetivo e sair de si, logo que tenta, dogmaticamente, agarrar uma duração pessoal para sustentar, à maneira burguesa, essa segurança interior — perde-se em contradições." A doutrina não é sentimental, mas assenta nas necessidades e forças que possuímos. Nada se sustenta senão aquilo que somos obrigados a ser e a fazer:

"O coração do homem, o Todo-Poderoso destinou ao Futuro
Por molas secretas mas invioláveis."

A revelação verdadeira está escrita nas palmas das mãos, no pensamento da mente, no desejo do coração — ou então em lado nenhum. A minha ideia do céu é que nele não há melodrama algum; que é inteiramente real. Eis o peso da consciência e da experiência; não é uma especulação, mas a mais prática das doutrinas. Achas que a cadeia eterna de causa e efeito que perpassa a Natureza, que enfia os globos como contas num colar, deixa isto de fora — deixa de fora este desejo de Deus e do homem como se fosse um acaso vulgar, sem razão ou mérito?

Vivemos pelo desejo de viver; vivemos pela escolha, pela vontade, pelo pensamento, pela virtude, pela vivacidade das leis que obedecemos e, obedecendo, partilhamos a sua vida — ou morremos pela preguiça, pela desobediência, por perder o contato com a vida, que nos escapa. Mas, se bem que encontre sinais, sugestões e pistas nobres e saudáveis — se bem que veja que todos os caminhos da vida virtuosa sobem e não descem —, não é meu dever provar a mim mesmo a imortalidade da alma. Esse conhecimento está oculto com grande engenho. Talvez nem os próprios arcanjos consigam descobrir o segredo da sua existência, tal como o olho não pode ver-se a si mesmo — mas, tenha fim ou não, viver enquanto viver.

Há um obstáculo ao valor de todas as exposições desta doutrina, e creio que muitos se abstêm de escrever ou imprimir sobre a imortalidade da alma porque, ao chegarem ao fim, os olhos famintos que percorrem o texto fecham-se dececionados; os ouvintes dizem: "Não está aqui o que desejamos"; — e eu serei tão mal julgado pelas suas conclusões apressadas quanto eles se sentirão traídos pelas minhas omissões.

Quero dizer que sou melhor crente — e todas as almas sérias são melhores crentes na imortalidade — do que aquilo que conseguimos exprimir. A verdadeira

prova é demasiado subtil, ou está acima do que podemos traduzir em proposições, e por isso a *Ode* de Wordsworth é o melhor ensaio moderno sobre o tema.

Não podemos provar a nossa fé com silogismos. O argumento recusa formar-se na mente. Uma conclusão, uma inferência, um augúrio grandioso paira sempre, mas ao tentarmos sustentá-lo, todas as razões se desvanecem e mostram-se insuficientes. Não se pode fazer uma teoria escrita ou uma demonstração disto como se faz de um modelo do sistema de Copérnico. Deve ser tratado com sacralidade. Fala do monte no monte. Não por literatura ou teologia, mas apenas por rara integridade — por um homem ou mulher impregnado com os ares do céu, com amor duradouro e puro — é que a visão pode tornar-se clara e útil no seu mais sublime propósito. E é por isso que o testemunho de algumas poucas almas inspiradas teve tanto peso e penetração na mente dos homens.

Não digas: "Ó meu bispo, ó meu pastor, haverá ressurreição? O que pensas tu? O Dr. Channing acreditava que nos reconheceríamos? E Wesley? E Butler? E Fénelon?" Que perguntas são essas! Vai ler Milton, Shakespeare ou qualquer verdadeiro poeta ideal. Lê Platão, ou qualquer vidente das realidades interiores. Lê Santo Agostinho, Swedenborg, Immanuel Kant. Deixa qualquer mestre simplesmente recitar-te as leis substanciais do intelecto, e na presença dessas leis jamais voltarás a fazer perguntas tão elementares.

A imortalidade será apenas uma qualidade intelectual, ou — poderei dizer — apenas uma energia, sem que haja um lado passivo? Possui-a apenas aquele que dá vida a todos os nomes, pessoas, coisas, por onde passa. Nenhuma religião, nem a mitologia mais extravagante, morre para ele; nenhuma arte se perde. Ele vivifica tudo o que toca. O estado futuro é uma ilusão para quem vive o estado sempre presente. Não se trata de duração da vida, mas da sua profundidade. Não é o tempo que conta, mas o sair da alma para além do tempo — como acontece em toda a ação elevada do espírito: quando vivemos nos sentimentos, não fazemos perguntas sobre o tempo.

O mundo espiritual ocorre — é aquilo que é sempre o mesmo. E vê como este sentimento é sábio. Jesus nada explicou, mas a sua influência fazia as pessoas transcenderem o tempo, e elas sentiam-se eternas. Uma grande integridade torna-nos imortais: uma admiração, um amor profundo, uma vontade forte, armam-nos contra o medo. Isso torna um dia memorável. Dizemos que vivemos anos naquela hora.

É curioso que Jesus seja tido pela humanidade como o portador da doutrina da imortalidade. Ele nunca é fraco nem sentimental; é extremamente contido nas explicações; nunca prega a imortalidade pessoal — enquanto Platão e Cícero permitiram-se ultrapassar os rígidos limites do espírito, presenteando o povo com imagens reconfortantes.

Quão mal casa esta majestosa ideia de imortalidade da nossa religião com uma população frívola! Irás construir magnificamente para ratos? Oferecerás impérios a quem não consegue pôr em ordem uma casa ou tratar dos próprios assuntos? Eis pessoas que não sabem como ocupar um dia; uma hora pesa-lhes nas mãos — e queres oferecer-lhes eras intermináveis? Mas é assim que crescemos.

Dentro do pensamento de cada homem existe um pensamento mais alto — dentro do carácter que hoje exibe, um carácter superior. O jovem abandona as ilusões da infância; o homem abandona a ignorância e as paixões tumultuosas da juventude; e, avançando, liberta-se do egoísmo da maturidade e torna-se, por fim, uma alma pública e universal. Ele eleva-se a maiores alturas, mas também a maiores realidades; as relações exteriores e circunstâncias morrem, ele penetra mais fundo em Deus, e Deus nele, até que a última veste do egoísmo cai, e ele está com Deus — partilha da vontade e da imensidão da Causa Primeira.

É curioso encontrar este mesmo sentimento — que não se trata de imortalidade, mas de eternidade; não de duração, mas de entrega total ao Supremo, e assim participação na sua perfeição — a surgir tanto no extremo Oriente como no Ocidente. A mente humana não reconhece fronteiras de geografia, língua ou mitos — em toda a parte, expressa o mesmo instinto.

Yama, o Senhor da Morte, prometeu a Nachiketas, filho de Gautama, conceder-lhe três desejos à sua escolha. Nachiketas, sabendo que o seu pai Gautama estava zangado com ele, disse: "Ó Morte, que Gautama se apazigue e esqueça a sua ira contra mim — este é o primeiro desejo que peço." E Yama respondeu: "Pelo meu favor, Gautama lembrar-se-á de ti com amor como antes." Como segundo desejo, Nachiketas pede que lhe seja revelado o fogo sagrado que conduz ao céu, o que Yama também lhe concede.

E então diz: "Escolhe o teu terceiro desejo, ó Nachiketas!" E Nachiketas disse: "Há esta questão: alguns dizem que a alma existe após a morte do homem; outros, que não. Gostaria de saber, ensinado por ti, qual a verdade. Este é o terceiro desejo." Yama respondeu: "Essa questão foi objeto de inquirição desde tempos antigos, até pelos deuses; não é fácil compreendê-la. A sua natureza é subtil.

Escolhe outro desejo, Nachiketas. Não me obrigues a responder a este." Nachiketas insistiu: "Mesmo os deuses a indagaram. E quanto ao que dizes, ó Morte, que não é fácil de entender — não há outro mestre como tu. Não há desejo igual a este." Yama então propõe: "Escolhe filhos e netos que vivam cem anos; escolhe gado, elefantes, ouro, cavalos; escolhe a vasta terra, e vive tu mesmo tantos anos quantos quiseres.

Ou, se conheces outro desejo semelhante, escolhe-o — com riqueza e longa vida. Sê rei, Nachiketas! Na vasta terra farei de ti o detentor de todos os desejos. Todas essas coisas difíceis de obter neste mundo — pede-as, se quiseres: as belas ninfas do céu, com as suas carruagens e instrumentos musicais; coisas que os homens não podem alcançar. Eu dar-tas-ia — mas não me perguntes sobre o estado da alma após a morte." E Nachiketas respondeu: "Todos esses prazeres são de ontem. Contigo fiquem os cavalos e elefantes; contigo fiquem a dança e o canto. Mesmo que tivéssemos riqueza, viveríamos apenas enquanto tu o permitisses. Já disse qual o desejo que escolho."

Yama disse: "Uma coisa é boa, outra é agradável. Feliz aquele que escolhe o bom; mas quem escolhe o agradável perde o objetivo do homem. Tu, ao considerares os objetos de desejo, abandonaste-os. Estas duas — ignorância (que visa o que é agradável) e sabedoria (que visa o que é bom) — estão separadas e conduzem a destinos diferentes. Crendo que este mundo é tudo e que não há outro, o jovem descuidado cai sob o meu domínio. Esse conhecimento pelo qual perguntaste não pode ser obtido por argumentos. Sei que a felicidade mundana é transitória, pois o que é firme não pode ser alcançado por aquilo que não o é. O sábio, pela união do intelecto com a alma, pensando naquele que é difícil de contemplar, abandona tanto a tristeza como a alegria.

A ti, ó Nachiketas, reconheço como casa cuja porta está aberta a Brahma. Brahma, o supremo — quem o conhece obtém tudo o que deseja. A alma não nasce nem morre; não foi produzida por ninguém. Nem ninguém foi produzido a partir dela. Incriada, eterna, não é morta quando o corpo é morto; mais subtil do que o mais subtil, maior do que o maior, sentada vai longe, dormindo vai por toda a parte. Pensando na alma como incorpórea entre corpos, firme entre coisas efémeras, o sábio liberta-se de toda a tristeza. A alma não se conquista por conhecimento, nem por entendimento, nem por múltipla ciência. Só pode ser obtida pela alma que a deseja. Ela revela a sua própria verdade."

POESIA PERSA

Vai, transmuta o crime em sabedoria, aprende a travar
O vício de Jafé pelo pensamento de Sem.
Só Deus sabia como Saadi se alimentava;
Rosas comia, e vento bebia.
Como o velho e grisalho Jelaleddin,
Parecia deleitar-se, sonhar e brincar,
Sem esperança ou medo longínquos,
A não ser entreter o ouvido
E passar o tempo abrasador do verão
Num palmeiral com uma rima;
Sem se importar que cada palavra engenhosa
Fosse ouvida por tribos e gerações:
Esses refrões ociosos ditaram as leis
Que prendem a Natureza à sua causa.

Devemos ao Barão von Hammer Purgstall, falecido em Viena em 1856, o melhor conhecimento que temos dos persas. Ele traduziu para alemão, além do *Divan* de Hafiz, excertos de duzentos poetas que escreveram durante um período de cinco séculos e meio, de 1050 a 1600. Os sete mestres do Parnaso persa — Firdusi, Enweri, Nisami, Jelaleddin, Saadi, Hafiz e Jami — deixaram de ser nomes vazios; e outros, como Ferideddin Attar e Omar Khayyam, prometem ganhar maior estima no Ocidente. Aquilo para que os livros existem essencialmente encontra-se nestes ricos excertos.

Muitas qualidades fazem um bom telescópio — como a amplitude do campo de visão, a facilidade de varrer o meridiano, a pureza acromática das lentes, etc. — mas o seu valor supremo é a capacidade de penetrar o espaço. Também os livros têm muitas virtudes, mas o seu valor essencial é o de acrescentar conhecimento ao nosso acervo, pelo registo de factos novos e, melhor ainda, pela exposição de intuições que organizam os factos e constituem fórmulas que suplantam todas as histórias.

A vida e a sociedade oriental, especialmente entre os povos do sul, contrastam violentamente com o pormenor multitudinário, a estabilidade secular e o vasto conforto médio das nações ocidentais. A vida no Oriente é intensa, curta, arriscada e extrema. Os seus elementos são poucos e simples, não exibindo a longa progressão e os altos e baixos da existência europeia, mas alcançando rapidamente o melhor e o pior. Os ricos alimentam-se de frutos e caça — os pobres, da casca de

uma melancia. Tudo ou nada é o génio da vida oriental. O favor ou o desagrado do sultão é uma questão de destino. Uma guerra pode começar por um epigrama ou um dístico, tal como na Europa por um ducado. O sol prolífico e a abundância súbita e intensa gerada pelo seu calor tornam a subsistência fácil. Por outro lado, o deserto, o simum, a miragem, o leão e a peste colocam-na em risco, e a vida depende de ter ou não um odre de água. A própria geografia da antiga Pérsia ilustrava estes contrastes.

"O império do meu pai", disse Ciro a Xenofonte, "é tão vasto que se morre de frio numa extremidade, enquanto se sufoca de calor na outra." O temperamento do povo concorda com essa vida de extremos. A religião e a poesia são toda a sua civilização. A religião ensina um destino inexorável. Só distingue dois dias na vida de cada homem: o seu nascimento, chamado o Dia do Lote, e o Dia do Juízo Final. Coragem e submissão absoluta ao que lhe está destinado são as suas virtudes.

O clima favorável, que facilita a subsistência e incentiva a vida ao ar livre, permite aos povos orientais uma organização intelectual elevada — deixando de lado, por agora, o génio dos hindus (ainda mais orientais em todos os sentidos), a quem ninguém superou na grandeza da expressão ética. Os persas e os árabes, com muito tempo livre e poucos livros, têm um sentido apuradíssimo do prazer da poesia. Layard deu alguns detalhes sobre o efeito que os *improvvisatori* tinham sobre as crianças do deserto.

"Quando o bardo improvisava uma canção amorosa, o entusiasmo do jovem chefe era quase incontrolável. Os outros beduínos não ficavam menos comovidos com estas rudes estrofes, que produzem o mesmo tipo de efeito nas tribos selvagens das montanhas persas. Tais versos, cantados pelos seus poetas autodidatas ou pelas raparigas dos seus acampamentos, impeliam os guerreiros para o combate, sem medo da morte, ou eram uma recompensa suficiente no regresso dos perigos do *ghazon* ou da batalha. A excitação que provocam supera a da uva.

Quem quiser compreender a influência dos poemas homéricos na era heroica deve testemunhar o efeito que composições semelhantes têm sobre os nómadas selvagens do Oriente." Noutro ponto, acrescenta: "A poesia e as flores são o vinho e os licores dos árabes; um dístico equivale a uma garrafa e uma rosa a um trago, sem os efeitos nocivos de nenhum deles."

A poesia persa assenta numa mitologia cujas poucas lendas estão ligadas à história judaica e às tradições anteriores do Pentateuco. A principal figura nas alusões da poesia oriental é Salomão. Este possuía três talismãs: primeiro, o anel-

sinete com que comandava os espíritos, gravado com o nome de Deus; segundo, o espelho no qual via os segredos dos seus inimigos e as causas de todas as coisas, figuradas; terceiro, o vento leste, que era o seu cavalo. O seu conselheiro era Simorg, rei dos pássaros, a ave sapientíssima que vive desde o início do mundo e agora habita sozinha no cume mais alto do Monte Kaf. Nenhum caçador o capturou, e nenhum ser humano vivo o viu. Foi Simorg que ensinou a Salomão a linguagem dos pássaros, de modo que ele ouvia segredos sempre que passeava pelos seus jardins.

Quando Salomão viajava, o seu trono era colocado sobre um tapete de seda verde, largo e comprido o suficiente para conter todo o seu exército — os homens à sua direita, os espíritos à sua esquerda. Quando todos estavam em posição, o vento leste, ao seu comando, erguia o tapete e transportava-o com todos os que nele estavam para onde ele quisesse — o exército de aves voando por cima e formando um dossel para os proteger do sol.

Conta-se que, quando a Rainha de Sabá veio visitar Salomão, ele construiu, para a ocasião, um palácio com chão de vidro colocado sobre água corrente, onde nadavam peixes. A Rainha, enganada pela aparência, levantou as vestes, julgando ter de atravessar a água. No dia do casamento de Salomão, todos os animais compareceram diante do seu trono com presentes. Por fim veio a formiga, com uma lâmina de erva; Salomão não desprezou a oferta da formiga. Asaf, o vizir, perdeu certa vez o selo de Salomão, que foi encontrado por um dos Dews ou espíritos malignos, o qual governou em nome de Salomão, enganando o povo.

Firdusi, o Homero persa, escreveu no *Shah Nameh* os anais dos reis fabulosos e heroicos do país: de Karun (o Creso persa), o riquíssimo alquimista, que jaz sepultado com os seus tesouros perto das Pirâmides, no mar que leva o seu nome; de Jamschid, o dominador de demónios, cujo reinado durou setecentos anos; de Kai Kaus, no cujo palácio, construído por demónios no monte Alburz, ouro, prata e pedras preciosas eram usados com tanta abundância que o brilho conjunto fazia parecer que noite e dia eram iguais; de Afrasiyab, forte como um elefante, cuja sombra se estendia por milhas, com um coração tão generoso como o oceano e mãos como as nuvens quando vertem chuva sobre a terra.

O crocodilo nos rios não escapava a Afrasiyab. No entanto, ao lutar contra os generais de Kaus, era apenas um insecto nas mãos de Rustem, que o agarrou pelo cinto e o puxou do cavalo. Rustem sentiu tal fúria diante da arrogância do Rei de Mazinderan que cada pelo do seu corpo se eriçou como uma lança. A força do seu aperto fazia estalar os tendões dos inimigos.

Estas lendas — com Chiser, a fonte da vida; Tuba, a árvore da vida; os romances dos amores de Leila e Medschnun, de Chosru e Schirin, e os do rouxinol pela rosa; o mergulho em busca de pérolas e as virtudes das gemas; o *cohol*, um cosmético com que as pérolas e sobrancelhas são tingidas de negro de forma indelével; a bexiga onde se transporta o almíscar; a penugem do lábio, o sinal na face, a pestana; os lírios, as rosas, as túlipas e os jasmins — compõem o repertório imagético essencial das odes persas.

Os persas têm epopeias e contos, mas, na maioria, preferem poemas curtos e epigramas. Versos gnómicos — regras de vida expressas por imagens vívidas, especialmente aquelas dirigidas ao olhar e contidas numa única estrofe — sempre circularam no Oriente; e, quando o poema é longo, não passa de uma sequência de versos independentes. Usam uma inconexão que pode parecer alarmante à lógica ocidental, e a ligação entre as estrofes das suas odes mais longas assemelha-se àquela entre os refrões das velhas baladas inglesas — como "The sun shines fair on Carlisle wall" ou "The rain it raineth every day" — e a narrativa principal.

Eis alguns exemplos desses versos gnómicos:

"O segredo que não deve ser revelado,
Nem à tua gente deve ser confiado;
Trancar os portões da cidade podes tentar,
Mas nunca a boca de quem te quer trair."

Ou este de Omar Khayyam:

"Pelas amplas vias da terra abaixo
Apenas dois homens vão com sossego:
Aquele que sabe o que é certo e o que é proibido,
E aquele a quem o saber é vedado."

Eis um poema sobre um melão, de Adsched de Mem:

"Cor, sabor e aroma — esmeralda, açúcar e almíscar.
Âmbar para a língua, para o olhar um quadro raro.
Se cortares a fruta em fatias, cada uma é um crescente perfeito.
Se a deixares inteira, tens a lua cheia da colheita outonal."

Hafiz é o príncipe dos poetas persas, e reúne dons extraordinários: além de atributos de Píndaro, Anacreonte, Horácio e Burns, possui a intuição de um místico, oferecendo por vezes vislumbres da Natureza mais profundos que os desses

bardos. Aborda todos os temas com uma audácia despreocupada. Diz: "Só é digno de companhia quem sabe valorizar a felicidade terrena por algo tão simples como um gorro de dormir. O nosso pai Adão vendeu o Paraíso por dois grãos de trigo; então não me censures se o estimo por um caroço de uva."

Dirige-se ao Xá dizendo: "Tu, que governas segundo palavras e pensamentos que ouvido nenhum escutou nem mente alguma concebeu, mantém-te firme até que o teu jovem destino arranque o manto azul ao velho de barbas grisalhas do céu." E ainda:

"Rebento a roda do céu
Quando ela gira torta;
Não sou um dos lamurientos
Que nela tombam e morrem."

A rapidez dos seus volte-faces é sempre surpreendente:

"Vede como as rosas ardem!
Trazei vinho para apagar o fogo!
Ai de nós! As chamas aproximam-se.
Perecemos de desejo."

À maneira do seu povo, abunda em sentenças incisivas que bem poderiam ser gravadas na lâmina de uma espada ou até num anel:

"Morre com honra quem jamais se espanta diante dos grandes."
"Eis o resumo: quando uma porta se abre, outra se fecha."
"De todos os lados surgem emboscadas das tropas furtivas das circunstâncias; é por isso que o cavaleiro da vida esporeia o seu corcel a galope."
"A terra é um anfitrião que assassina os seus convidados."
"Bom é tudo o que segue o caminho da Natureza.

No trilho reto, o viajante não se perde."
"Ai de mim! Só agora percebi
Que o meu guia e o da Fortuna são um só."
"A moeda de cobre da razão
Não vale o ouro do amor."
"Está escrito na porta do Paraíso:
'Ai daquele que se rende ao Destino!'"
"O mundo é uma noiva esplendidamente adornada —
Quem a quiser por dote, pagará com a alma."

"Desata os nós do coração; não penses no teu destino:
Nenhum Euclides desfez tal embaraço."
"Habita nos que sofrem
Um veneno mortal;
Afasta-te deles —
É peste letal."

Os haréns e as tabernas oferecem-lhe apenas novos pontos de observação, de onde extrai por vezes uma moral mais profunda do que a vida sóbria e regulada pode fornecer, como previu:

"Hei de embriagar-me e cair com o vinho;
Tesouros se encontram numa casa em ruínas."

A desordem, pensa ele, pode arrancar ao destino oculto o véu que o encobre:

"Para ser sábio, o cérebro lento pulsa com afinco.
Tragam faixas de vinho para a cabeça estúpida."

"O Arquiteto do céu
Separou a terra,
De modo que nenhum caminho
Leva para fora dela.

Pelas estradas do assombro
O vinho conduz a mente
Direita, de lado, para cima,
A sul, oeste e norte.

Firme está a abóbada adamantina
Até ao Dia do Juízo;
A taça de vinho há de
Transportar-te além."

Essa coragem e igualdade interior próprias de toda a alma sã — que nascem da consciência de que o espírito dentro de si é inteiro e tão válido quanto o mundo — conferem ao poeta autoridade, fazem dele figura de interesse, e tornam cada uma das suas frases e sílabas significativa. Hafiz possui essa integridade, e isso robustece e enobrece o seu tom.

O seu era um espírito fluente, em que todo o pensamento e sentimento acorriam prontamente aos lábios. "Desata os nós do coração", diz ele. Absorvemos bastantes elementos, mas faltam-nos folhas e pulmões para uma transpiração e crescimento saudáveis. Um ar de esterilidade, de incapacidade de alcançar os seus fins, paira sobre muitos que têm tanto experiência como sabedoria.

Mas uma fala ampla, um rio que escava as suas próprias margens, uma perceção rápida e expressão correspondente, uma constituição para a qual cada manhã é um novo dia, apta para as exigências da vida, ao mesmo tempo terna e audaz, com grandes artérias — essa generosidade de fluxo e refluxo é satisfatória, e devemos estar prontos a morrer quando chegar a nossa hora, tendo vivido plenamente. A diferença não reside tanto na qualidade do pensamento dos homens, mas no poder de o expressar. O que permanece contido e sufocado no ator silencioso, não se acumula no poeta — antes transborda, em nova forma, alívio e criação.

Outra das virtudes de Hafiz é a sua liberdade intelectual — verdadeiro sinal de pensamento profundo. Aceitamos as religiões e as políticas nas quais caímos, mas são poucos os espíritos subtis que conseguem ver que toda a teia da convenção é a imbecilidade daqueles que nela se enredam — que a mente não aceita nenhuma religião nem império além do seu próprio. É em respeito à verdade absoluta que Hafiz usa os símbolos mais estáveis e veneráveis, razão pela qual frequentemente é acusado de irreligiosidade.

A hipocrisia é alvo constante das suas setas:

"Passemos o capuz pelo ribeiro do vinho."
Diz à sua amada que não é o dervixe nem o monge, mas o amante, quem possui no coração o espírito que inspira o asceta e o santo; e, certamente, não são os seus hábitos e cerimónias que lhe conferem o fogo e a virtude necessários a tal renúncia, mas sim os olhares dela. A injustiça não será injustiça para Hafiz apenas por força do nome. Uma lei ou estatuto é para ele o que uma vedação é para um rapaz ágil — uma tentação para saltar.

"Nada faríamos senão o bem, caso contrário a vergonha cairia sobre nós no dia em que a alma tiver de partir; e se nesse momento nos negarem o Paraíso, as próprias huris o abandonarão para vir ter connosco."

Hafiz transmite essa sua total emancipação intelectual ao leitor. Não há exemplo de tal facilidade de alusão, de uso tão livre de todos os materiais. Nada é demasiado elevado nem demasiado vulgar para o momento. Nada teme, nada o detém. O amor nivela tudo; Alá torna-se um cocheiro, e o céu, um armário, nas suas

ousadas canções à amante ou ao copeiro. Esta carta de liberdade ilimitada é o direito do génio.

Não queremos adoçar aranhas engarrafadas nem fazer teologia mística a partir do *Cântico dos Cânticos*, muito menos a partir das canções eróticas e báquicas de Hafiz. Ele próprio se opõe a qualquer interpretação hipócrita: arranca o turbante da cabeça e atira-o ao dervixe intrometido, seguido do copo. Mas o amor ou o vinho de Hafiz não se confundem com devassidão vulgar. O que importa é o espírito com que a canção é escrita, e não os temas.

Hafiz louva o vinho, as rosas, donzelas, rapazes, pássaros, madrugadas e música para dar vazão à sua imensa alegria e empatia com toda forma de beleza e júbilo; insiste nesses temas para marcar o seu desprezo pela hipocrisia e pela prudência mesquinha. Estes são os tópicos naturais e a linguagem da sua inteligência e sensibilidade. Mas o que ama é o jogo do espírito e a alegria do canto; e se alguém o toma por um vadio vulgar, responde com versos que exprimem o vazio dos prazeres sensuais e, com igual fervor, proclama afirmações heroicas e desprezo pelo mundo.

Por vezes é um olhar vindo das alturas do pensamento:

"Trazei vinho; pois no salão da independência da alma, que são o sentinela ou o sultão? Que importa o sábio ou o ébrio?"

E por vezes, o banquete, os convivas e o próprio mundo são apenas mais uma pedra no redemoinho eterno do Destino:

"Sou o que sou.
O meu pó voltará a sê-lo."

Um santo poderia escutar as alegres brincadeiras de Falstaff, pois não se destinam a excitar os apetites animais, mas a exprimir o júbilo de uma inteligência sobre-humana. Em toda poesia, prevalece a regra de Píndaro — *αυτοῖς φωνεῖ*, "fala aos inteligentes" — e Hafiz é um poeta para poetas, quer escreva, por vezes, com a pena de um papagaio, ou noutras, com a de uma águia.

Cada poema de Hafiz é nova prova de que o tema pouco importa para o êxito, desde que o tratamento seja sincero. Em geral, o que há de mais enfadonho do que dedicatórias ou louvores dirigidos a nobres? E, no entanto, no *Divan*, não se saltam esses versos, pois a musa raramente o inspira mais:

"Que formas mais belas tomam as coisas
Agora que o Xá regressa!"

E ainda:

"Para perseguir os teus inimigos e derrubar os invejosos,
Ergue Arcturo manhã e noite a sua lança."

Conta-se que, depois de Hafiz ter escrito um elogio a um belo jovem —

"Toma o meu coração na tua mão, ó belo rapaz de Shiraz!
Por uma só pinta da tua face daria Samarcanda e Bucara!" —
os versos chegaram aos ouvidos de Timor, no seu palácio. Timor acusou Hafiz de desrespeitar aquelas duas cidades, que conquistara nações inteiras para levantar e embelezar. Hafiz respondeu:
"Ai de mim, meu senhor, se eu não fosse tão pródigo, não seria tão pobre!"

Os persas dispunham do sistema mais eficaz de assegurar direitos de autor de que há notícia. A lei do *ghaselek*, ou ode breve, exigia que o poeta inserisse o seu nome na última estrofe. Quase todos os muitos poemas de Hafiz contêm o seu nome entrelaçado, mais ou menos subtilmente, com o tema. Isso constitui por si só uma prova de mestria, pois nomear-se dessa forma não é tarefa simples. Em inglês, recordamos apenas dois ou três exemplos: o de Chaucer, em *The House of Fame;* o epitáfio de Jonson para o filho —

"Ben Jonson, a sua melhor peça poética";
e o de Cowley —
"O melancólico Cowley jazia ali."

Mas Hafiz fá-lo com naturalidade. Essa prática oferece-lhe ocasião para afirmações lúdicas, sempre elegantes, por vezes com a irreverência de Falstaff, outras com uma delicadeza quase feminina. Diz-nos:

"Os anjos no céu andavam a aprender os meus últimos versos."
Diz também:

"Os peixes vertem as suas pérolas de desejo e saudade assim que o barco de Hafiz navega o fundo."

"Do Oriente ao Ocidente, ninguém me compreende;
Feliz de mim, que só ao vento confio os meus segredos!"

“Esta manhã ouvi a lira das estrelas soar:
‘Tons mais doces ouvimos de Hafiz!’”
“Ouvi a harpa do planeta Vénus, e ela disse, na madrugada:
‘Sou discípula do doce-vozeiro Hafiz!’”
“Quando Hafiz canta, os anjos escutam, e Anaitis, líder da hoste estelar, chama até o Messias para dançar.”
“Ninguém revelou pensamentos como Hafiz, desde que os caracóis da Noiva do Mundo foram pela primeira vez enrolados.”
“Só despreza os versos de Hafiz quem, por natureza, não é nobre.”

Mas tentemos agora dar a algumas dessas imagens poéticas a forma métrica que merecem:

“Para o acorde azul das Plêiades são próprias
As canções que entoei, as pérolas que enfiei.”

Outro:

“Tesouros não guardei,
Mas tenho um gozo imenso:
O primeiro, de Alá para o Xá;
O último, de mim, Hafiz, contento.”

Outro ainda:

“Ânimo nobre, ó Hafiz!
Ainda que não tenhas
Ouro fino nem prata em veios,
Vale mais para ti o poço da canção,
E a visão clara, em que te embrenhas.”

E mais este:

“Ó Hafiz, não fales da tua necessidade;
Não são estes versos teus?
Então, todos os poetas concordam:
Ninguém pode lamentar-se menos.”

Hafiz afirma com orgulho a sua dignidade como poeta e como homem inspirado do seu povo. Ao vizir regressado de Meca, Hafiz diz:

"Não te vanglories apressadamente, ó príncipe dos peregrinos, da tua fortuna. Viste, de facto, o templo — mas eu, o Senhor do templo.

Nem homem algum inalou, da bexiga de almíscar do mercador ou da brisa matinal perfumada, aquele doce aroma que a mim é concedido respirar a toda a hora do dia."

E com ainda mais vigor, afirma:

"Muitas vezes o disse, e volto a dizê-lo:
Eu, um errante, jamais me afasto de mim.
Sou como um papagaio; seguram-me o espelho diante;
O que o Eterno diz, eu, balbuciando, repito.
Dai-me o que quiserdes; como cardos como rosas.
E segundo o alimento, cresço e dou.
Não me desprezeis — sabei que possuo a pérola,
E apenas procuro quem a receba."

E este direito foi-lhe reconhecido desde o início. Os condutores de mulas e camelos, em plena travessia do deserto, cantam trechos das suas canções — não tanto pelo pensamento, mas pelo tom jubiloso. Os persas cultos sabem os seus poemas de cor. No entanto, Hafiz não parece ter atribuído grande valor aos seus versos, pois foram os seus discípulos quem os reuniu pela primeira vez após a sua morte.

Num dos seus poemas, a alma é figurada como a Fénix que pousa na Tuba, a Árvore da Vida:

"Há muito que a minha fénix garantiu
O seu ninho na abóbada celeste;
Enjaulada no corpo,
Cansava-se da esperança da vida.

Voando em torno desta pilha de cinzas,
A ave gira sem cessar;
Mas nesse nicho odorífero do céu,
Pousa novamente a ave.

Uma vez erguida, poisar-se-á
No ramo dourado de Tuba;

O seu lar está naquele arco frutífero
Que refresca os bem-aventurados.

Se sobre este mundo estender
As suas asas, a minha fénix,
Que sombra graciosa cai sobre terra e mar,
E refrigera a alma!

Habita ambos os mundos,
Vê girar os planetas sob si;
O seu corpo é feito de puro ar,
A sua alma, escrava de Alá."

Segue-se uma ode, tida como favorita de todos os persas instruídos:

"Vem! — o palácio do céu repousa em pilares de ar,
Vem, e traz-me vinho; os nossos dias são vento.
Proclamo-me escravo daquela alma viril
Que renuncia para sempre a laços e alianças terrenas.
Disse-te ontem de manhã como o arco-íris celeste
Trouxe à minha taça um evangelho de alegria?
Ó falcão de voo alto! a Árvore da Vida é o teu poleiro;
Esta esquina de mágoa não serve de ninho.
Escuta! chamam-te das muralhas do céu;
Não posso adivinhar o que te prende aqui na rede.
Também eu tenho um conselho para ti; ouve-o e guarda-o,
Pois recebi-o do Mestre lá de cima:
Não procures fé nem verdade num mundo de raparigas levianas;
Esta noiva perigosa conta mil pretendentes.

Não te afligas com o mundo — e este preceito não esqueças:
É apenas um brinquedo que uma amante errante nos deixou.
Aceita o que vier; descobre a testa dos teus cabelos;
Nunca a mim nem a ti foi dada escolha.
Nem constância nem verdade residem no riso da rosa.
O rouxinol amoroso lamenta-se — e tem razão para tal;
Porque há de a ave invejar os versos que de Hafiz fluem?
Sabe que foi um deus quem lhe concedeu a fala eloquente."

O cedro, o cipreste, a palmeira, a oliveira e a figueira — e as aves que neles habitam — bem como as flores do jardim, nunca faltam nestes versos perfumados,

sempre nomeadas com efeito. "Os salgueiros," diz ele, "curvam-se perante todo o vento, de vergonha por não darem fruto." Em qualquer parte abrimos um catálogo floral:

"Ao respirar os canteiros de rosas,
Encontrei o bosque puro pela manhã.
No concerto dos rouxinóis,
Curei a minha mente embriagada.

Com olhar desprendido,
Olhei a rosa nos olhos:
Ao entardecer,
Brilhava como lâmpada próxima.

Orgulhosa da sua beleza,
E mais ainda da juventude,
Enquanto ao seu coração em chamas
O bulbul dava fidelidade.

A doce narciso cerrou
O olho, pressionado pela paixão;
As túlipas, por inveja, queimaram
Sinais carmesins no peito.

Os lírios alvos estenderam
A língua em forma de espada para o aroma;
As anémonas em cacho
Sussurraram segredos delicados."

E mais adiante:

"Todo o dia a chuva
Banhou em vão as escuras jacintas.
Pode o dilúvio cair de manhã à noite,
Mas não branqueia as belas índias."

Esta descrição dos primeiros dias da primavera, de Enweri, parece pertencer a Hafiz:

"Sobre a água do jardim passa o vento, a sós,
Para polir a face da onda;

O lume apagou-se no amado lar,
Mas arde de novo nas túlipas valentes."

A amizade é tema favorito dos poetas orientais, e em nobreza de conceção iguala o que Montaigne escreveu sobre ela. Hafiz diz:

"Nenhum segredo se aprende antes de conhecer a amizade,
Pois ao que não é são não chega saber celeste algum."

Ibn Jemin escreve:

"Desdenho a plebe,
E nos altos não encontro igual.
Amigo é palavra de tom régio,
Amigo é poema singular.

A sabedoria é como o elefante —
Hóspede raro e altaneiro:
Habita desertos ou palácios;
Com mercadores, não tem paradeiro."

Jami escreve:

"Amigo é aquele que, tratado como inimigo,
Se mostra mais gentil do que nunca;
Lança-lhe pedras ou lanças,
Ele constrói com elas chão mais firme."

Da poesia amorosa de Hafiz devemos citar com parcimónia, embora ela forme o núcleo do *Divan*. Ele percorre toda a gama da paixão — do sagrado ao limiar, e para além, do profano. A mesma confusão entre o alto e o baixo, a rapidez de transição e alusão que as musas mais frias nos proíbem, é-lhe habitual. A partir do verso simples —

"O alquimista do amor
Este barro perecível
— fosse feito de lodo —
Transmutará em ouro"

— passa à celebração do seu desejo. Nada, nem nas tradições religiosas nem científicas, é demasiado sagrado ou remoto para não lhe servir de metáfora para a

amada. A Lua, que julgava bem conhecer a sua órbita, ficou confusa ao ver a curva da face de Zuleika:

"E desde que curvas se desenham
Nos lábios da minha amada,
A própria Lua hesita, intrigada —
Não será ali o seu caminho ao Sul?"

A sua engenhosidade nunca repousa:

"Ah, se me pudesse esconder na canção,
Para beijar os teus lábios de onde ela flui!"

E brinca em mil cortesias graciosas:

"Bendito seja o teu coração suave!
Farias uma boa obra?
Reza pelos mortos
Que as tuas pestanas mataram!"

E que ninho encontrou para a sua bela ave repousar!

"No caminho dos reis e czares,
Lançam-se joias e gemas de valor:
Mas para a tua cabeça, hei de arrancar estrelas
E pavimentar-te a senda com olhos.

Procurei para ti uma cúpula mais rica
Que o alto palácio de Mahmoud.
E tu, ao voltares, encontrarás o lar
No centro do Olho do Amor."

E enfim, temos todos os graus do abandono apaixonado:

"Conheço esta perigosa vereda do amor —
Não sei aonde leva o viajante;
Mas a minha fantasia vive do aroma
Dos teus cabelos emaranhados."

"Na meia-noite dos teus cabelos,
Renego o dia;

No anel dos teus lábios de rosa,
O meu coração esquece-se de rezar."

E por vezes o seu amor eleva-se a sentimento religioso:

"Lança-te nessas ondas iradas,
Renunciando à dúvida e ao cuidado;
O fluir dos sete vastos mares
Jamais molhará o teu cabelo.

Está o rosto de Alá sobre ti,
Inclinando-se com amor benigno,
E tu, não menos, sobre o olho de Alá,
Ó mais bela, voltas o teu olhar."

A estes fragmentos de Hafiz acrescentam-se alguns exemplos de outros poetas persas:

NISAMI

"Enquanto as rosas floresciam pela planície,
Disse o rouxinol ao falcão:
'Por que razão, entre todas as aves, és tu mudo?
Com a boca fechada não dizes
— nem ao morrer — uma última palavra ao homem.
E contudo, pousas na mão dos príncipes
E alimentas-te do peito da perdiz.
Eu, que gasto cem mil joias
Num único trinado,
Vivo de vermes
E moro entre espinhos.'

O falcão respondeu: 'Ouve com atenção:
Eu, experiente nos assuntos do mundo,
Vejo cinquenta coisas e não digo uma;
Tu, que nada fazes, falas mil.
A mim, caçador nomeado,
A mão do rei dá o peito da perdiz;
Mas um tagarela como tu
Roerá vermes no espinheiro. Adeus!'"

ENWERI

CORPO E ALMA

"Um pintor, na China, pintou outrora um salão;
Jamais semelhante tapeçaria adornou o muro de um imperador —
Metade, de sua mão, escorria em cores ricas;
A outra metade, tocada por um raio de sol.
Tudo o que deleitava o olhar num lado,
Respondia, ponto por ponto, no outro.
Em ti, amigo, está essa câmara de Tiro:
Teu é o teto a apontar às estrelas, e o chão a assentar na terra.
Está uma metade pintada com cores menos vivas?
Cuida que a outra resplandeça com luz!"

IBN JEMIN

"Li no pórtico de um palácio imponente,
Numa tabuleta púrpura, letras fundidas:
'Uma casa, mesmo com mil invernos,
Se feita de terra, um dia ruirá.
Então extrai tuas pedras do cristal eterno
E constrói a cúpula que não cairá.'"

O místico Feisi clama:

"Que necessidade de palácios e tapeçarias?
Que necessidade até de uma cama?
O Vigia eterno, que vela toda a noite
No cofre de barro do corpo,
Fará dos teus braços uma almofada,
E do teu peito, um travesseiro."

FERIDEDDIN ATTAR

A CONFERÊNCIA DOS PÁSSAROS

Ferideddin Attar escreveu *A Conferência dos Pássaros*, um conto místico em que as aves, reunidas para eleger um rei, decidem empreender uma peregrinação ao Monte Kaf para prestar homenagem ao Simorg. Extraímos o seguinte trecho —

escrito há quinhentos anos — como prova da universalidade do misticismo ao longo das épocas. O tom é surpreendentemente moderno.

Na fábula, as aves logo se cansam da longa e árdua viagem, e quase todas desistem. Apenas três perseveram e chegam diante do trono do Simorg:

"A alma das aves sentia-se envergonhada;
Seus corpos estavam completamente aniquilados;
Haviam-se purificado do pó
E eram agora iluminadas pela luz.

O que foi e o que não foi — o Passado —
Fora apagado dos seus peitos.
O sol, ali perto, irradiava
A mais pura luz nas suas almas.
O esplendor do Simorg brilhava
Como um só refletido nas três.

Não sabiam, atónitas, se eram
Isto ou aquilo.
Viram-se todos como o Simorg,
E a si próprios no Simorg eterno.

Quando erguiam os olhos para o Simorg,
Viam-no entre eles;
E, olhando-se uns aos outros,
Viam-se no Simorg.

Um único olhar unificou as duas partes.
O Simorg surgiu — o Simorg desvaneceu —
Este naquele, aquele neste,
Como nunca se ouviu dizer no mundo.

E assim ficaram, mergulhados em assombro,
Sem pensar, no mais fundo pensamento,
E inconscientes de si mesmos.
Rezaram em silêncio ao Altíssimo
Para que revelasse o segredo,
E abrisse a chave do "Tu" e do "Nós."

E veio uma resposta sem voz:
'O Altíssimo é um espelho solar;
Quem a Ele chega, vê-se a si mesmo nele.
Vê corpo e alma, alma e corpo;
Quando chegastes ao Simorg,
Três nele vos pareceram surgir.

E, se cinquenta de vós tivessem vindo,
Assim também cinquenta se veriam.
Nenhum de nós jamais o viu.
As formigas não alcançam as Plêiades.
Pode o mosquito, com os dentes,
Segurar o corpo do elefante?

Aquilo que vedes não é Ele;
O que ouvis não é Ele.
Os vales que atravessais,
Os atos que realizais,
Estão sob a nossa orientação
E entre as nossas propriedades.

Vós, três aves, estais perdidas,
Impacientes, desorientadas, sem coração.
Bem acima de vós me elevo,
Pois sou em ação o Simorg.

Apagais o meu ser mais elevado,
Para vos encontrardes no meu trono;
Sempre vos apagais a vós próprios,
Como sombras ao sol. Adeus!'"

A CELEBRAÇÃO DO INTELECTO

Não posso consentir em desviar-me dos deveres deste dia para mergulhar no tumulto da política. O ruído bruto dos canhões tem, bem sei, um eco poético nestes tempos, quando são instrumentos de liberdade e dos sentimentos primordiais da humanidade. No entanto, são apenas representações, meios distantes e servos; aqui, na universidade, estamos na presença da própria essência e princípio.

Aqui reside, ou deveria residir, a majestade da razão e a causa criativa; seria um erro de gradação e reverência permitir que o brilho das espadas, a luta juvenil das paixões e a fraqueza da força militar invadissem esta santidade e omnipotência da Lei Intelectual. Às façanhas dos soldados, oponho a coragem dos estudiosos, que consiste precisamente em ignorar a primeira. Não deveis erigir na vossa Academia a estátua de César ou Pompeu, de Nelson ou Wellington, de Washington ou Napoleão, de Garibaldi, mas sim de Arquimedes, de Milton, de Newton.

Arquimedes recusou-se a dedicar-se às artes úteis, preferindo apenas as liberais ou causais. Hierão, o rei, censurou-o pelos seus estudos estéreis. Como Tales, mostrou-lhe que era perfeitamente capaz nas questões práticas, se assim o desejasse, e liderou a defesa de Siracusa contra os Romanos. Depois disso, voltou à sua geometria; e quando o soldado romano, durante o saque da cidade, invadiu o seu estudo, o filósofo não se levantou da sua cadeira nem do seu diagrama, e aceitou a morte sem resistência.

Miguel Ângelo dedicou-se à arte, desprezando ocupações menores. Quando a guerra chegou à sua cidade, emprestou o seu génio à defesa de Florença, enquanto foi obedecido. Milton felicita o Parlamento pelo facto de, enquanto Londres estava sitiada e bloqueada, o Tâmisa infestado, com incursões e rumores de batalha às suas portas, o povo, ou a maior parte dele, estar mais do que nunca dedicado ao estudo das matérias mais elevadas e importantes a reformar, raciocinando, lendo, inventando e discursando sobre temas até então inéditos – um feito que demonstra confiança justa na grandeza e autossuficiência da causa da liberdade religiosa, que tornava qualquer guerra material irrelevante.

Ou a ciência e a literatura são uma hipocrisia, ou não o são. Se o forem, então entreguem a vossa carta ao Parlamento, transformem a vossa universidade em quartéis e armazéns, e redirecionem os fundos dos vossos fundadores para um estaleiro de cordas, uma fábrica de velas, uma curtimenta ou outro empreendimento útil à população local. Mas, se o interesse intelectual for, como sustento, a única realidade, então é nosso dever entronizá-lo, obedecê-lo e

permitir que nos possua a nós e ao que é nosso – incluindo, entre outras coisas, entregar a universidade às suas mãos, derrubando todo o ídolo, todo o impostor, toda a mentira respeitável e todo o erro consagrado que tenha entrado na sua administração.

Nesta época do ano, as universidades celebram os seus aniversários, e neste país onde a educação é um interesse primordial, cada família tem um representante nas suas salas – um filho, um irmão, ou alguém próximo que ali se encontra em formação. Mas mesmo que não tivéssemos nenhum filho ou amigo entre eles, a universidade faz parte da comunidade e está lá por nós, a formar os nossos professores, civilizadores e inspiradores.

É, essencialmente, a mais pública e radiante das instituições – semelhante, mas melhor, do que o farol, o sino de alarme, o sentinela que dispara um canhão de aviso, ou o telégrafo que transmite as notícias locais por todo o país. Além disso, lida com uma força que não pode monopolizar nem restringir; não pode conceder essa força apenas aos que vêm até ela e recusá-la aos que estão fora. Não duvido da existência dessa força – a única questão para mim é se ela reside ou não no seu interior.

Esse poder com que ela lida é caro a todos. Se as universidades fossem melhores, se detivessem realmente esse monopólio – se tivessem de facto o poder de transmitir pensamento valioso, princípios criativos, verdades que se tornam forças, pensamentos que se tornam talentos – se pudessem tornar uma mente superficial em profunda – todos acorreríamos às suas portas; em vez de criarem incentivos para atrair estudantes, teriam de colocar polícia à entrada para controlar a multidão que lá acorreria.

Dizem que estes são tempos instáveis e que a universidade será abandonada. Não – nunca foi tão necessária. Eu digo que os tempos instáveis foram os que precederam estes; os tempos atuais são tempos de julgamento e responsabilidade. Foi porque a universidade traiu a sua missão, porque os estudiosos não aprenderam nem ensinaram, porque se tornaram mercadores e abandonaram os seus altares, bibliotecas e culto à verdade, bajulando presidentes, generais e congressistas, conferindo graus e honras literárias e sociais àqueles que deviam ter criticado e exposto – atraindo o desprezo de quem deviam ter feito temer – que a universidade se tornou suicida; deixou de ser escola; o poder esvaiu-se ao mesmo ritmo que a verdade, e em vez de dominar os fortes e sustentar os bons, tornou-se num hospital de tutores decadentes.

Essa integridade que está acima de todo o conhecimento e perícia parcial, essa homenagem à verdade – quão rara é! Poucos homens desejam realmente saber como as coisas são, qual é a sua lei, sem referência a pessoas. Outros são vítimas dos seus próprios meios – a sanidade consiste em não ser dominado por eles.

Dois homens não podem conversar sobre qualquer tema sem, rapidamente, perceberem onde cada um se situa no julgamento moral; e cada um aprende se a visão do outro comanda ou é comandada pela sua. Percebo de imediato se o meu interlocutor tem mais ou menos sinceridade, mais ou menos esperança na humanidade, se o seu sentido de dever é mais ou menos severo e a sua generosidade maior do que a minha; se defende a justiça ideal ou uma prudência temerosa.

A sociedade é sempre idólatra e exagera os méritos daqueles que perseguem fins vulgares. Mas o génio revela-se pela sua probidade. Nunca houve coragem pura – e quase diria, nunca verdadeira habilidade – ao serviço de uma má causa. Pois a ambição enlouquece.

A sociedade é sempre surpreendida por qualquer novo exemplo de bom senso ou de justiça simples, como se fosse uma descoberta extraordinária. Assim foi com o método de Mr. Rarey de domar cavalos com gentileza, ou com a libertação da Itália por Garibaldi em nome da própria Itália; com a introdução da delicadeza nos asilos psiquiátricos e da limpeza e conforto nos presídios. Um agricultor queria comprar um boi. O vendedor contou-lhe como bem tratara o animal. "Mas," disse o agricultor, "eu perguntei ao boi, e o boi mostrou-me, com marcas que não mentem, que foi maltratado."

Aparentamos desprezar a Inglaterra e os ingleses. Mas noto que temos um orgulho imenso em Bunker Hill, Yorktown e Nova Orleães. Não nos impressionaria vencer índios ou mexicanos, mas vencer ingleses! Os jornais ingleses e alguns escritores de renome menosprezam a América. No entanto, noto que o povo britânico emigra para cá aos milhares – uma expressão de opinião muito sincera e geralmente muito ponderada. A emigração britânica e continental para a América é o elogio mais competente e honesto ao país. Até o inimigo da propriedade e do governo assegura que o seu título de propriedade seja registado; e o livro escrito contra a fama e o saber tem o nome do autor na capa.

Senhores, eu também sou americano e valorizo o talento prático. Gosto de resultados e detesto esforços inúteis. Delicio-me com pessoas que sabem fazer. Valorizo o talento, talvez mais do que qualquer outro. Prezo profundamente o poeta

que conhece tão bem a sua arte que, ao fazer vibrar a sua voz, enche o ouvinte de canto solidário, como uma nota poderosa de órgão faz vibrar todas as cordas afinadas à sua volta. O romancista com a sua narrativa, o arquiteto com o seu palácio, o compositor com a sua partitura – todos me encantam. Desejo que sejais eloquentes, que agarreis o raio e o lanceis certeiramente. Desejo ver esse Mirabeau que sabe como tocar as cordas do coração do povo e mover-lhe os passos e gestos segundo a sua vontade, enchê-lo de si, encantá-lo de tal forma que a sua vontade se suspenda e ele o sirva com um milhão de mãos, tão docilmente como os próprios membros obedecem ao seu corpo.

Mas ainda mais estimo quando esse poder é legítimo, quando o talento está em ordem verdadeira, sujeito ao génio, sujeito ao sentimento nativo e total do homem, e, por isso, em harmonia com o sentimento público da humanidade. Assim é o patriotismo de Demóstenes, de Patrick Henry, e do melhor de Cícero e Burke; não uma defesa engenhosa, nem uma construção astuciosa de argumentos, mas algo forte pela própria força dos factos. Então o orador continua a ser um dos ouvintes, convencido pelas mesmas razões que os convencem; não é um ventríloquo, nem um ilusionista, nem um manipulador pago para gerir bastidores e comícios.

Em Demóstenes encontramos este realismo do génio. Ele vence a sua causa com honestidade. A sua doutrina é a autoconfiança: "Se assim vos agradar, reparai: os meus conselhos não são daqueles que me fariam grande entre vós, e pequeno entre os Gregos; são antes daquelas ideias que, por vezes, não me é favorável dar, mas que sempre são boas para vós seguirdes."

Vós, senhores, fostes escolhidos do meio da multidão dos vossos iguais, separados por alguma forte convicção vossa ou dos vossos amigos de que sois capazes do alto privilégio do pensamento. Há grande necessidade de tal ordem de sacerdotes do intelecto e do conhecimento; e é nobre a missão, bem merecedora e digna do último sacrifício e da mais elevada capacidade. Mas preferia que fosse desnecessário ter de exortar-vos, eruditos, quanto às exigências do pensamento e da aprendizagem. A ordem do mundo educa com diligência os sentidos e o entendimento...

Os homens são como pensam. Uma certa quantidade de poder acompanha uma certa quantidade de verdade. E o homem que conhece uma verdade ainda não percebida pelos outros é, nesse domínio e nas suas implicações, senhor de todos os demais. Imaginam que o raio cai em vão? Pensam que a mentira produz e opera como a verdade? Toda a batalha se trava em poucas cabeças. Uma ordem ligeiramente superior, um ângulo de visão mais amplo, domina séculos de factos e

milhões de pessoas sem pensamento. Inverte toda a hierarquia; "aquele que distingue é pai do seu próprio pai…"

E, no entanto, o mundo não está salvo. Com este oráculo divino, de algum modo, não conseguimos aprender. Continuam a existir milhões de seres humanos perversos, cheios de paixão, crime e sangue. Há maus governantes e maus governados. Aliás, na classe considerada intelectual, os homens não são melhores que os ignorantes. Usam o engenho e o saber ao serviço do Diabo. Há maus livros, maus professores, juízes corruptos; e nas instituições de ensino uma falta de fé na sua própria causa.

Por vezes, os bem-educados e refinados, moradores das cidades, entre universidades, igrejas, museus científicos, conferências, poetas, bibliotecas, jornais e outros apoios supostamente intelectuais, são mais viciosos e malévolos do que os rudes camponeses, e precisam que o seu voto corrupto e violência sejam corrigidos pelos sufrágios mais limpos e sensatos dos pobres agricultores. O poeta já não acredita na sua poesia. Os homens têm vergonha do seu intelecto.

O instinto é o nome dado à inteligência potencial, aquele sentimento que cada um tem de que tudo o que é feito por outro homem ou agente é feito pelo mesmo engenho que é seu. Olha para todos os homens como representantes seus e alegra-se ao ver que o seu espírito pode resolver um problema como deve ser resolvido – e até melhor do que ele próprio o faria; seja a construir, a calcular, a esculpir, a pintar, a cantar, a curar, a jogar xadrez, a cavalgar ou a nadar. Sentimo-nos como se um único homem tivesse escrito todos os livros, pintado todos os quadros, construído tudo, mesmo nos tempos sombrios – e temos a certeza de que podemos fazer mais do que alguma vez foi feito. Foi a mesma mente que criou o mundo.

O Entendimento é o nome que damos à capacidade limitada, voltada para fins curtos, para a vida diária da casa e da rua. É esta a capacidade que o mundo dos homens adota e educa. Ele é o calculista, o comerciante, o político, o operário do útil; trabalha por artifícios, por compromisso, por lei, por suborno. Todas as suas atividades visam fins pessoais e imediatos, e tende a ser um falador, um jactancioso, um bisbilhoteiro.

Permitam-me dizer o que penso ser a lei orgânica da aprendizagem: é observar a ordem, manter o talento submisso, entronizar o Instinto. Deve haver um contínuo apelo e recuperação; cada talento liga-se tão rapidamente ao amor-próprio e ao interesse mesquinho que perde de vista a sua obediência, que é bela, e afirma-se por si, criando confusão. A falsidade começa assim que desobedece; passa a

trabalhar para o espetáculo, para o mercado, e quanto mais cresce, maior o dano e o engano, até que tudo está errado: o talento é confundido com génio, o dogma ou o sistema com a verdade.

A ideia de uma universidade é uma assembleia de tais homens, cada um obediente a essa luz pura e a dela extraindo iluminação para a ciência ou arte que a sua constituição e afetos o atraem. E a maior vantagem que um jovem com boa mente pode encontrar é um professor assim. Nenhum livro, nenhum recurso, laboratório, aparelho ou prémio se compara a isto. Aqui há simpatia; aqui existe uma ordem que corresponde à da sua própria mente e à de todas as mentes sãs, e transmite esperança e impulso. Então a educação é o que deveria ser: um desdobrar agradável das faculdades numa ordem justa.

Gostaria, sinceramente, que fosse diferente, mas há uma certa timidez em relação ao génio, ao pensamento livre, ao mestre da arte nas universidades – tão antiga quanto a rejeição de Molière pela Academia Francesa, de Bentley pelos pedantes do seu tempo, e, recentemente, de Arago; em Oxford, a rejeição de Max Müller... Se a verdade for dita, o pensamento é tão raro nas universidades quanto nas cidades. A necessidade de um sistema mecânico é inegável. Os jovens têm de ser organizados e ocupados, não segundo as necessidades secretas de cada mente, mas por um plano prático que produza resultados semanais e anuais; e alguma violência deve ser feita ao génio individual para que isso se cumpra.

O génio, no entanto, é sempre lei para si mesmo e tende a ser impaciente e rebelde a essa norma, o que faz com que, inevitavelmente, surja uma certa hostilidade e inveja do génio por parte dos mestres da rotina. E, a menos que, por rara boa sorte, o professor tenha uma simpatia generosa para com o génio e saiba interpor algum alívio, acolhimento e reverência pelo poeta selvagem ou filósofo nascente que deteta nas suas turmas, acontecerá, como tantas vezes acontece, que o melhor aluno – aquele para quem a universidade existe – se verá ali como um estranho e um órfão.

É precisamente análogo ao que acontece nas sociedades religiosas. No romance *Spiridion*, de há alguns anos, tivemos aquilo que parece ter sido um pedaço de autobiografia fidedigna: a história de uma jovem santa que entra num convento para receber educação. Não se integrando no sistema nem nos pequenos grupos internos, mas inspirada por um entusiasmo que nada ali conseguia alimentar, bastaram alguns dias para que todas as mãos se voltassem contra essa jovem devota. A piedade, num convento, acusa todos – da noviça à abadessa. "Que direito

tens tu de seres melhor que a tua vizinha?" A piedade passa a ser vista como uma espiã e uma rebelde.

Quantas vezes não se repetiu já a história do jovem que nada se destacou na universidade porque os seus métodos eram novos e extraordinários – e que só prosperou quando abandonou os métodos deles e seguiu o seu próprio caminho?

É verdade que a Universidade e a Igreja, que deveriam ser instituições de contrapeso às grandes forças materiais do comércio e do poder territorial, não exprimem o sentimento da política popular nem do otimismo popular, seja ele qual for. A Universidade de Harvard não tem voz dentro de si mesma – é a State Street que a vence em cada votação. Tudo o que contribua para adornar o *Whiggism* de Boston será permitido: geologia, astronomia, poesia, antiguidades, arte, retórica.

Mas aquilo para que a universidade existe – ser uma fonte de novidades vindas do céu, um Delfos a emitir avisos e oráculos arrebatadores para elevar e conduzir a humanidade – isso não lhe será permitido pensar ou fazer. Pelo contrário, toda a generosidade de pensamento é suspeita e ganha má fama. Todos os jovens saem de lá cidadãos débeis; nenhum profeta, nenhum poeta, nenhum espírito divino – todos silenciados, sufocados ou expulsos. O que se procura no ensino é apenas treino; tutores, não inspiradores.

Imagino que uma universidade não deve ter ambições pequenas, mas sim aspirar a uma disciplina reverente e a um chamamento da alma; que aqui, se em mais nenhum lugar do mundo, o génio encontre o seu lar. Que aqui a Imaginação seja saudada com os problemas que lhe dão prazer; que as tarefas mais nobres sejam propostas à Musa e os prémios mais cordiais e honrosos atribuídos.

Que aqui se incentivem os deveres mais elevados e que o entusiasmo pela liberdade e sabedoria gere mais entusiasmo e forme heróis para a nação. A universidade devia sustentar o pensamento profundo, e a Igreja o grande coração a que a nação se volta – e ambas deveriam equilibrar a má política e o comércio egoísta. Mas só há uma instituição, e não três. A Igreja e a Universidade hoje seguem o tom da Cidade, e já não ditam o seu próprio.

Todos vós conheceis bem a tendência descendente na literatura, a facilidade com que os homens renunciam aos seus ideais de juventude e dizem: "O esforço é demasiado duro, o prémio demasiado elevado para mim"; e aceitam as ocupações do mercado.

Ah, senhores, talvez seja apenas um sonho meu, e talvez nunca se torne realidade, mas pensei que uma universidade era um lugar não para formar talentos úteis, não para formar advogados e homens que dizem o que bem entendem, mas para cultivar o Génio, que apenas fala a verdade – e pela via que a verdade usa, ou seja, a Beleza. Uma universidade devia ensinar geometria, ou as belas leis do espaço e da forma; química, botânica, zoologia – o fluir do pensamento em forma, a precipitação dos átomos que é a própria Natureza.

Esta, então, é a teoria da Educação: o feliz encontro entre a alma jovem, cheia de desejo, e o professor vivo, que já percorreu passo a passo o caminho intelectual desde o centro até à teoria e prática da ciência específica. Ora, se houver génio no aluno – isto é, uma sensibilidade delicada às leis do mundo e a capacidade de as expressar novamente numa forma nova – ele encontrará o seu próprio caminho. Saudará com alegria o mestre sábio, mas nem universidades nem professores lhe serão absolutamente essenciais. Ele encontrará mestres em todo o lado.

Gostaria que confiásseis sempre na Natureza – sábia, criadora, de mil mãos, pronta para cada emergência. Ela pode muito bem passar sem universidades. Se o latim, o grego, a álgebra ou a arte estavam nos pais, estarão nos filhos, mesmo sem serem colados neles à força.

Se a vossa universidade e a vossa literatura não se fazem sentir, é porque nelas não há verdade. Quando dizeis que os tempos e as pessoas são prosaicos – onde está a arquitetura feudal, sarracena ou egípcia? Onde estão os modos românticos? Onde está a religião romana ou calvinista, que fazia da atmosfera uma espécie de poesia para Milton, Byron ou Belzoni? Se para nós tudo isso parece estéril, é sinal de que perdemos a fé.

É um caminho-de-ferro, uma fábrica de sapatos, um escritório de seguros, um banco ou uma padaria menos digna ou mais afastada de Deus do que um pasto de ovelhas ou um banco de marisco? Estará a química suspensa? As eletricidades e as influências imponderáveis não continuam a agir com toda a sua magia? A gravidade e a polaridade não mantêm o seu rigor sobre uma agulha e linha, sobre a pedra de um sapateiro ou a alavanca de um ferroviário, tal como sobre a órbita da Lua?

Basta trazer um observador profundo, e ele verá tanto valor na nova loja como na velha catedral – ou nas circunstâncias novas que vos afligem. Verá que as circunstâncias não mudaram: há a mesma nuvem de mistério sobre a causa, o mesmo esplendor sobre a lei invencível. É assim tão importante saber se um homem usa fivela ou cordel nos sapatos?

Tragam o discernimento, e ele encontrará tantas belezas, heróis e rasgos de génio à sua volta como Shakespeare, Ésquilo ou Dante alguma vez viram. Foi num pobre campo de urzes, foi numa modesta estalagem rural que Burns encontrou o seu génio tão vivo. Achais os tempos e lugares pobres? Meu amigo, estica alguns fios sobre uma harpa eólica comum, coloca-a na janela e escuta o que ela diz sobre os tempos e sobre o coração da Natureza. Não creio que, ao ouvi-la, ainda penses que o milagre da Natureza está esgotado, ou que o poder da química se tenha dissipado. Observa o romper da manhã, os encantos do pôr do sol...

Se eu tivesse jovens a quem ensinar, dir-lhes-ia: mantenham o intelecto sagrado. Reverenciem-no. Entreguem-lhe tudo. Os seus oráculos compensam todas as coisas. A atenção é a sua prece mais bem acolhida. Senta-te humildemente e espera longamente; e sabe que, a seguir a ser seu ministro — como Aristóteles —, e talvez melhor ainda do que isso, está o recebê-lo profundamente, com simpatia, sem a ambição que o seculariza e comercializa. Vai sentar-te com o Eremita que há em ti, que sabe mais do que tu. Verás a vida tornar-se mais plena, e portas abrirem-se para grandiosos encantamentos. E tudo o que ele faz ocorre naturalmente, como a neve, o vapor, o calor, o vento e a luz. O poder não custa nada a quem o tem verdadeiramente. Dir-lhes-ia: faz o que consegues fazer. Aquele que recorre ao seu próprio talento não pode ser ofuscado nem substituído.

A homenagem à verdade distingue o bem do mal. O poder nunca se afasta dela.

As nossas universidades podem diferir bastante quanto ao grau de exigência, aos exames de admissão, aos critérios para atribuição de diplomas e distinções — e poderás encontrar aqui ou ali facilidades, traduções, resumos e tutores que te ajudem a passar. Mas é absolutamente certo que um exame mais adiante nos espera — e uma comissão examinadora da qual não se pode fugir nem enganar. Todo o estudante será posto frente às suas próprias capacidades e terá de ouvir as perguntas que lhe forem feitas e respondê-las por si, recebendo honra ou desonra conforme a fidelidade demonstrada. Pois os homens e mulheres do teu tempo, o círculo dos teus amigos e empregadores, as tuas circunstâncias, o mundo invisível — todos eles são os interrogadores.

Quando o grande pintor foi confrontado por um medíocre, que lhe disse: "Pintei cinco quadros enquanto tu fizeste apenas um", respondeu: *Pingo in æternitatem* — "Pinto para a eternidade." "O estudo para a eternidade sorriu-me", disse Van Helmont. E seria uma boa regra ler todos os dias algumas linhas que não pertençam às exigências ou tarefas do dia, mas sim ao estudo da eternidade.

Detive-vos por demasiado tempo; mas é privilégio do sentimento moral ser, a cada instante, novo e imperativo — e um homem velho como eu não pode ver os poderes da sociedade, as instituições, as leis sob as quais viveram, a passarem — ou prestes a passar — para as mãos vossas e dos vossos contemporâneos, sem desejar com sinceridade que tenham vislumbrado a vossa elevada vocação, as vossas vastas possibilidades e os vossos deveres inspiradores.

EDUCAÇÃO

Com a chave do segredo, ele avança mais depressa,
De força em força, e da noite faz nascer o dia,
Enquanto classes ou tribos, demasiado fracas para dominar
As condições flutuantes da vida, sucumbem.

Um novo grau de poder intelectual parece barato a qualquer preço. A utilidade do mundo é que o homem possa aprender as suas leis. E a raça humana assinalou sabiamente esta consciência ao chamar à riqueza "meios" — sendo o homem o fim. A linguagem é sempre sábia.

Por isso louvo a Nova Inglaterra, porque é o lugar do mundo onde se gasta mais livremente com a educação. Já demos, aquando da fundação das colónias (tanto quanto sei, pela primeira vez na história), o passo inicial, que pela sua importância poderia ter sido resistido como a mais radical das revoluções — e que determinou, logo de início, o destino deste país. Isto é: que o pobre, a quem a lei não permite colher uma espiga de milho quando morre de fome, nem tirar uns sapatos para os pés gelados, pode, no entanto, meter a mão no bolso do rico e dizer: "Educar-me-ás — não como tu queres, mas como eu quiser." Não apenas nos elementos básicos, mas também, com apoio adicional, nas línguas, nas ciências, nas artes úteis e nas belas artes. A criança será acolhida pelo Estado e ensinada, às custas do público, nos rudimentos do saber, até alcançar os frutos mais maduros da arte e da ciência.

Falando humanamente, a escola, a universidade e a sociedade fazem a diferença entre os homens. Todos os contos de fadas de Aladino, do anel de Giges ou do talismã que abre palácios reais ou salões encantados no mar ou debaixo da terra, são apenas ficções que indicam o único milagre verdadeiro — o da ampliação intelectual. Quando um homem ignorante se torna inspirado, quando o mesmo homem passa do torpor à perceção, sai do ruído das trivialidades e do entorpecimento dos sentidos para entrar numa espécie de omniciência do pensamento elevado — para cima e para baixo, em redor, todos os limites

desaparecem. Nenhum horizonte o enclausura. Ele vê as coisas nas suas causas, todos os factos nas suas conexões.

Um dos problemas da história é o início da civilização. Os animais que acompanham e servem o homem não progridem enquanto espécies. Os ditos "domésticos" são capazes de aprender com o homem alguns truques úteis ou divertidos, mas não conseguem transmitir essa habilidade à sua espécie. Cada indivíduo tem de ser ensinado de novo. O cão treinado não consegue treinar outro cão. E o próprio homem, em muitas raças, conserva quase a mesma inaptidão do animal. Durante mil anos, as ilhas e florestas de grande parte do mundo estiveram povoadas por selvagens que não deram um único passo de progresso além das necessidades de alimentação e abrigo. Certas nações, com um cérebro mais desenvolvido e geralmente em climas mais temperados, fizeram progressos que, comparados com os desses povos, equivalem à diferença entre estes e o urso ou o lobo.

A vitória sobre as coisas é o papel do homem. Naturalmente, até que essa vitória seja alcançada, é a guerra e a humilhação das coisas sobre ele. A sua tendência constante — o seu grande perigo — é esquecer que o mundo é apenas o seu mestre, e que a natureza do sol e da lua, das plantas e dos animais, existe apenas como meio de despertar a sua atividade interior. Apaixonado pela sua beleza, confortado pela sua conveniência, procura-os como fins em si mesmos e rapidamente perde de vista o facto de que eles não só não têm valor em si como podem tornar-se prejudiciais quando ele se torna seu escravo.

Este conjunto de necessidades e faculdades, este corpo desejoso, cujos órgãos exigem todos os elementos e funções da Natureza para a sua satisfação, educa a criatura maravilhosa que satisfaz com luz, calor, água, madeira, pão, lã. As necessidades impostas por esta estrutura sensível e interligada ensinaram ao homem a caça, a pastorícia, a agricultura, o comércio, a tecelagem, a carpintaria, a alvenaria, a geometria, a astronomia.

Eis um mundo atravessado por leis naturais e demarcado por divisões civis e propriedades, que impõem novos limites ao jovem habitante. Ele também deve entrar neste círculo mágico de relações e conhecer a saúde e a doença, o medo da agressão, o desejo do bem externo, o encanto da riqueza e do poder. O lar é uma escola de poder. Ali, dentro da porta, aprende-se a tragicomédia da vida humana. Aí está a realidade sincera, a composição maravilhosa para a qual o dia e a noite giram. Nesse quotidiano vivem as relações sagradas, as paixões que unem e separam. Ali está a pobreza, com toda a sabedoria que as suas necessidades odiadas podem ensinar; ali o trabalho se arrasta, os afetos ardem, os segredos do

carácter se revelam, os guardiões do homem e da mulher atuam, e as compensações, como anjos da justiça, saldam todas as dívidas: o ópio do costume, de que todos bebem e muitos enlouquecem. Ali há Economia, Alegria, Hospitalidade, Cerimónia, Franqueza, Calamidade, Morte e Esperança.

Cada um possui uma confiança de poder: cada homem, cada rapaz, uma jurisdição — seja sobre uma vaca, um talhão de batatas, uma frota de navios ou as leis de um Estado. E que atividade inspira o desejo de poder! Que esforços sustenta! Como aguça as perceções e enche a memória de factos. Assim, um homem pode bem passar muitos anos da sua vida no comércio. É um constante ensinamento das leis da matéria e da mente. Nenhum dólar de propriedade pode ser criado sem contato direto com a Natureza — e, por consequência, sem aquisição de conhecimento e força prática. É um combate constante com as faculdades ativas dos homens, um estudo das consequências de cada ação, uma acumulação de poder e, se as faculdades superiores do indivíduo forem ocasionalmente despertadas, ele adquirirá sabedoria e virtude através do seu trabalho.

Tal como cada vento extrai música da harpa eólica, assim cada objeto da Natureza extrai música da mente humana. Não é verdade que cada paisagem que contemplo, cada amigo que encontro, cada ato que realizo, cada dor que sofro, me deixa diferente de como me encontrou? Que a pobreza, o amor, a autoridade, a ira, a doença, o luto, o sucesso — tudo trabalha ativamente sobre o nosso ser e nos revela novas faculdades mentais? Independentemente dos fins privados ou mesquinhos que falhem, este fim é sempre cumprido: qualquer que seja a experiência do homem, abre-se sempre uma nova câmara da sua alma — um novo sentimento, um novo pensamento, um novo órgão. Não vemos como o homem é maravilhosamente moldado para este fim?

O que o leva à ciência? Porque persegue, no céu da meia-noite, uma centelha pura, uma mancha luminosa que vagueia de século em século? Porque adquire, com isso, um sentido majestoso de poder: ao aprender que, na sua própria constituição, pode ordenar o labirinto brilhante, encontrar e reter a sua lei na mente, e ver a sua ideia simples refletida, lá em cima, em distâncias vertiginosas e períodos de tempo assustadores.

Se Newton vem e é o primeiro a perceber que não apenas certos corpos caem a uma taxa específica, mas que todos os corpos no universo caem sempre, e à mesma taxa; que cada átomo da Natureza atrai todos os outros, ele estende o poder da sua mente não apenas sobre cada partícula do seu planeta natal, mas relata as condições de milhões de mundos que nunca viu com os seus olhos.

E qual é o encanto de cada minério, de cada planta nova, de cada novo facto sobre os ventos, as nuvens, as correntes oceânicas, os segredos da composição e decomposição química para Humboldt? Nada mais do que o reconhecimento de que o espírito humano contém, nas suas câmaras transparentes, os meios para classificar os fenómenos mais rebeldes, de lhes retirar o caos aparente e subordiná-los a uma razão luminosa — dando assim ao homem uma espécie de propriedade, a mais elevada que se pode ter sobre cada partícula e território do globo.

Pela permanência da Natureza, os espíritos formam-se de modo semelhante e tornam-se inteligíveis uns aos outros. Na nossa condição residem as raízes da linguagem e da comunicação — e essas lições nunca se esgotam.

De certo modo, o fim da vida é que o homem integre o universo em si mesmo — ou, dessa pedreira infinita, não deixe nada por representar. A montanha longínqua há de migrar para a sua mente. A astronomia magnífica, no fim, será por ele assimilada — trazendo consigo a lua, os planetas, os solstícios, os períodos, os cometas e as estrelas binárias, compreendendo-lhes a relação e a lei. Em vez do rapaz tímido que foi, tornar-se-á o robusto Arquimedes, Pitágoras, Colombo ou Newton da física, da metafísica e da ética do desígnio do mundo.

Com efeito, a população do globo tem a sua origem nos fins que a sua existência deve servir — e o mesmo se passa com cada uma das suas partes. A verdade encarna-se em formas que a podem exprimir. E assim, na história, uma ideia paira sempre, como a lua, dominando a maré que se eleva simultaneamente em todas as almas de uma geração.

Enquanto o mundo existe para a mente; enquanto o homem é constantemente chamado para dentro, para reinos brilhantes de conhecimento e poder pelos sinais do mundo — que lhe interpretam a infinitude da sua própria consciência — é missão de uma educação justa despertá-lo para esse facto.

Nada aprendemos verdadeiramente até aprendermos o carácter simbólico da vida. Os dias arrastam-se uns atrás dos outros, cheios de factos aborrecidos, estranhos, desprezados — coisas que não conseguimos desprezar o suficiente, a que chamamos pesadas, prosaicas, vazias. Tentamos matar o tempo, e é considerado elegante desviar a atenção das coisas à nossa volta. E eis que o intelecto, despertado, encontra ouro e pedras preciosas num desses factos desprezados — e depois descobre que o dia dos factos é uma rocha de diamantes; que um facto é uma Epifania de Deus.

Temos a nossa teoria da vida, a nossa religião, a nossa filosofia; e cada acontecimento — a chuva, o desastre de um barco a vapor, o rosto belo que passa, a apoplexia do vizinho — é um teste à nossa teoria, ao resultado aproximado a que chamamos verdade, e que nos revela as suas falhas. Se renunciei à procura da verdade, se ancorei num dogmatismo pretensioso — seja uma nova ou uma velha igreja, um Schelling ou um Cousin —, então morri para a utilidade destes novos acontecimentos, que o tempo fértil gera incessantemente em multidão de vida. Sou como um falido a quem se apresentam oportunidades brilhantes em vão. Acabei de hipotecar a minha liberdade, amarrei as mãos, tranquei-me e entreguei a chave a outro.

Quando vejo as portas por onde Deus entra na mente; quando percebo que não há tolo, patife, rufião ou pedante em quem não penetrem pensamentos por vias que ele próprio nunca abriu, posso esperar qualquer revolução de carácter. "Tenho esperança," disse o grande Leibniz, "de que a sociedade possa ser reformada, quando vejo quanto pode ser reformada a educação."

É um mau presságio, quase uma suspeita de crime, que a palavra *educação* soe com tanto frio e desespero. Um tratado sobre educação, uma conferência, um sistema — tudo nos provoca um ligeiro torpor e um bocejo inevitável. Não nos anima que a lei lhe toque com os dedos. A educação deveria ser tão ampla quanto o homem. Tudo o que nele existe, ela deveria fomentar e revelar. Se ele for hábil, a sua instrução deve evidenciar isso; se for capaz de dividir os homens com o fio penetrante do seu pensamento, a educação deve desembainhar e afiar essa lâmina; se tiver em si afinidades que tudo reconciliam e unem a sociedade, apressemo-nos a pô-las em ação! Se é jovial, mercurial, magnânimo, engenhoso, útil, elegante, espirituoso, profético, vidente — a sociedade precisa de todos eles.

A imaginação deve ser convocada. Porque é que nos mantemos sempre à superfície da Natureza, sem jamais abrirmos o seu interior — não pela ciência, que continua a ser superficial — mas pela poesia? Não será o Vasto um elemento da mente? E, no entanto, qual dos ensinamentos ou livros de hoje apela ao Vasto?

A nossa cultura curvou-se aos tempos, aos sentidos. Não é digna do Homem. Se o vasto e o espiritual são omitidos, o mesmo acontece ao prático e ao moral. Ela não nos torna corajosos nem livres. Ensinamos os rapazes a serem o que nós somos. Não os ensinamos a aspirar a tudo quanto podem ser. Não os treinamos como se acreditássemos na nobreza da sua natureza. Mal educamos os seus corpos. Não treinamos os olhos nem as mãos. Exercitamos apenas o entendimento para a apreensão e comparação de alguns factos, para uma certa destreza com números e

palavras. Pretendemos formar contabilistas, advogados, engenheiros — mas não homens capazes, sinceros, de grande coração.

O grande objetivo da educação deve estar à altura do objetivo da vida. Deve ser moral: ensinar a autoconfiança; inspirar o jovem a interessar-se por si próprio, a questionar a sua própria natureza; dar-lhe a conhecer os recursos da sua mente e ensiná-lo que aí reside toda a sua força; acendê-lo com uma piedade pelo Grande Espírito em que vive. Assim, a educação conspiraria com a Providência Divina. O homem é pequeno enquanto trabalha por si e para si; mas, quando dá voz às regras do amor e da justiça, torna-se divino — a sua palavra é aceite em todos os países; e todos os homens, mesmo os seus inimigos, tornam-se seus amigos e obedecem-lhe como se fosse a sua própria voz.

Ao afirmar que a natureza moral do homem é o elemento predominante e, portanto, o que mais deve ser tido em conta na organização de uma escola, não quero de modo algum que ela engula todos os outros instintos e faculdades. Deve ser entronizada na mente, sim; mas, se monopoliza o homem, ele ainda não está completo, ainda não conhece a sua riqueza interior. Corre o risco de se tornar apenas devoto — e aborrecido, pela monotonia do pensamento. É igualmente necessário que as faculdades intelectuais e ativas sejam nutridas e amadurecidas. Apliquemos aqui a mesma luz que usamos para observar todos os fenómenos do nosso tempo: a infinitude de cada homem. Tudo ensina isso.

Um facto constitui toda a minha confiança: esta juventude perpétua que, enquanto houver algum bem em nós, não conseguimos perder. É certo que a geração que parte e a que chega raramente se compreendem. O velho acha que o jovem não tem propósito definido, porque nunca conseguiu ouvir dele nada que parecesse claro ou sério. Talvez o jovem pense que não vale a pena explicar-se a alguém tão duro e tão pouco recetivo. Conduzam-no com paciência clarividente; não reprimam os seus impulsos ou loucuras com desdém, indignação ou desespero.

Chamo ao nosso sistema um sistema de desespero — e encontro toda a correção e revolução de que necessitamos, e que os melhores espíritos da nossa época prometem, resumida numa palavra: Esperança. Quando a Natureza envia um novo espírito ao mundo, enche-o previamente com o desejo daquilo que quer que ele conheça e faça. Esperemos para ver o que é essa nova criação, de que novo órgão o Grande Espírito precisava quando encarnou essa nova vontade. Um novo Adão no jardim, ele deverá nomear todas as feras do campo, todos os deuses do céu.

E parece ter havido uma providência ciumenta que o preparou de forma a que ninguém possa invadir ou contaminar esse novo ser com os velhos trapos da vossa linguagem e opiniões. O encanto da vida está nesta variedade de génio, nestes contrastes e sabores com que o Céu modulou a identidade da verdade — e há sempre uma ânsia de violar essa individualidade, de forçar os seus modos de pensar e agir a imitar os nossos.

Um amor-próprio mesquinho no pai deseja que o filho repita o seu carácter e destino — uma expectativa que, se houver justiça, o filho há de desapontar com nobreza. Ao partirmos do princípio de que essa semelhança existe, fazemos tudo o que está ao nosso alcance para frustrar a promessa individual da criança e gerar o comum e o medíocre. Sofro sempre que vejo o espetáculo, tão comum, de um pai ou adulto impor a sua opinião, a sua forma de ser e pensar, a uma alma jovem para a qual tudo isso é inadequado.

Não poderemos deixar as pessoas serem elas próprias e viverem à sua maneira? Estás a tentar fazer daquele homem outro igual a ti. Um já basta.

Ou sacrificamos o génio do aluno — as possibilidades desconhecidas da sua natureza — a uma uniformidade segura e arrumada, como os turcos que caiaram os mosaicos preciosos que os gregos deixaram nas paredes dos seus templos. Prefiro ter homens cuja maturidade seja apenas a continuação da sua infância — caracteres naturais ainda. Esses são capazes e férteis para ação heroica — e não aquele triste espetáculo, tão familiar, de olhos educados em corpos não educados.

Gosto de rapazes — os donos do recreio e da rua — rapazes com entrada livre e liberal em todas as lojas, fábricas, oficinas, assembleias, reuniões políticas, motins, festas populares, como as moscas entram em todo o lado; completamente despercebidos, entrando com naturalidade como o porteiro, conhecidos por não terem dinheiro nos bolsos, e sem suspeitarem do valor dessa pobreza; sem pôr ninguém em alerta, mas vendo tudo por dentro, ouvindo os bastidores.

Nada lhes é segredo — sabem tudo o que se passa na corporação de bombeiros, os méritos de cada bomba e de cada homem na manivela, como operar o equipamento — e estão prontos a experimentar. Sabem tudo sobre cada locomotiva nos carris e convencem o maquinista a deixá-los subir e puxar as alavancas até à estação. Estão ali apenas por diversão — e nem sabem que estão a aprender, no tribunal ou na feira de gado, tanto ou mais do que estavam há uma hora na aula de aritmética.

Sabem distinguir a verdade da imitação tão rapidamente como um químico. Detetam fraqueza nos teus olhos e no teu comportamento uma semana antes de abrires a boca — e dão-te o benefício da sua opinião num piscar de olhos. Não cometem erros, não têm pedantismo — só fé na experiência. As suas escolhas no basebol ou no críquete são baseadas no mérito — e são acertadas. Não passam por nadadores até saberem nadar, nem por timoneiros até saberem remar — e eu desejo ser poupado ao seu desprezo. Se consigo ser aceite por eles, posso lidar facilmente com os seus pais.

Todos se encantam com a energia com que os rapazes se relacionam e conversam uns com os outros — a mistura de diversão e seriedade, de crítica e persuasão, de carinho e raiva com que jogam; a independência bem-disposta e desafiadora do rapaz líder no pátio da escola. Como invejamos, mais tarde, esses jovens felizes, para quem os jogos barulhentos e os exercícios brutos fornecem o elemento exato que equilibra e valoriza as tarefas da escola e da universidade — e que, mesmo sem se aperceberem, lhes ensina o valor dessas tarefas.

Na sua diversão e ousadia extrema, tocam no sentido mais elevado de Horácio. O jovem gigante, bronzeado pela caça, conta bem a sua história, entremeada de alusões a Homero, Virgílio, canções universitárias, Walter Scott; e Júpiter e Aquiles, perdizes e trutas, ópera e binómios, César na Gália, Sherman em Savannah, e trotes em Harvard dançam pelo seu discurso numa alegre confusão — e, mesmo assim, a lógica é boa.

Se ele consegue usar assim os livros na pesca e na caça, é fácil ver como a leitura e a experiência, à medida que se acumularem, se vão entrelaçar. E todos desejamos que esta energia pura da ação, esta abundância narrativa, animada com tanto humor e retórica de rua, se mantenha no hábito do jovem adulto — purgada do alarido e rudeza, mas com toda a sua vivacidade intacta.

As suas caçadas e acampamentos deram-lhe uma base indispensável; desejo agora acrescentar-lhe o gosto pela boa companhia, nascido da sua impaciência com a má. Esse génio tempestuoso precisa de alguma orientação — para jogos, charadas, versos de salão, canções e uma correspondência, ano após ano, com os seus amigos mais sábios e melhores. A amizade é uma ordem de nobreza; pelas suas revelações, entramos de forma mais digna na Natureza. A sociedade é essencial — sem ela, ele é verdadeiramente pobre; entra com gosto numa escola onde se proíbe a presunção, a afetação, o exagero e a monotonia, e se exige apenas a flor da sua natureza e experiência; que peça boa vontade, beleza, espírito e informação

selecionada; e ensine, pela prática, a lei da conversação — a saber, ouvir tão bem quanto falar.

Entretanto, se as circunstâncias não permitem tais vantagens sociais, a solidão também tem as suas lições. O jovem obscuro aprende aí a prática, em vez da teoria, das suas virtudes; e, devido ao efeito perturbador das paixões e dos sentidos — que com mil ninharias desviam o olhar da mente da tranquila busca daquela linha de horizonte subtil que a verdade mantém — o caminho para o conhecimento e para o poder tem sido sempre o da fuga ao excesso de envolvimento com negócios e posses; não por meio da abundância, mas através da renúncia e da privação; e quanto mais se perde, mais riqueza real e inevitável do ser se revela.

O solitário conhece a essência do pensamento; o estudioso em sociedade, apenas o seu rosto belo. Não faltam exemplos de grandes homens, grandes benfeitores, que foram monges e eremitas por hábito. A inclinação da mente, por vezes, é irresistível nesse sentido. O homem nasce, por assim dizer, surdo e mudo, e destinado a uma vida estreita e solitária.

Deixe-o estudar a arte da solidão, e ceder com graça ao seu destino. Porque não colher os frutos da sua sina? Se desde a eternidade está decidido que ele e a sociedade nada terão a ver um com o outro, por que há de ele corar e fazer caretas para manter o seu lugar no mundo polido? O Céu muitas vezes protege almas valiosas, portadoras de grandes segredos, encerrando-as longamente consigo próprias. E mesmo os mais afáveis e sociáveis dos homens precisam de alternar sociedade com solidão e aprender as suas lições severas.

Chega, para cada um, o período da imaginação — uma juventude mais madura: o poder da beleza, dos livros, da poesia. A cultura torna os seus livros reais para ele, os personagens mais brilhantes e mais marcantes do que os seus colegas reais. Não hesiteis em pôr romances nas mãos dos jovens, como passatempo ocasional e experiência; mas, acima de tudo, poesia — boa poesia, de todos os géneros: épica, tragédia, lírica.

Se conseguirmos tocar-lhes a imaginação, servimo-los — nunca esquecerão. Que leia *Tom Brown em Rugby*, *Tom Brown em Oxford*; ou melhor ainda, a *Vida de Hodson*, aquele que capturou o rei de Deli. Todos ensinam a mesma verdade: confiar, contra todas as aparências e privações, no seu próprio valor, e não em artifícios, intrigas ou protecionismos.

Acredito que a nossa própria experiência nos ensina que o segredo da Educação está em respeitar o aluno. Não é função do professor escolher o que ele deve saber ou fazer. Isso já foi escolhido e predestinado — e só ele detém a chave do seu próprio segredo. Com as vossas interferências e controlos excessivos, podeis afastá-lo do seu rumo e impedir que alcance o seu destino. Respeitai a criança. Esperai e observai o novo produto da Natureza. A Natureza ama as analogias, mas não as repetições. Não sejais demasiado pais. Não invadam a sua solidão.

Mas oiço já a objeção que se levanta contra esta sugestão: "Quereis, então, abandonar as rédeas da disciplina pública e privada? Deixar a criança entregue à loucura das suas paixões e caprichos, e chamar a isso respeito pela sua natureza?" Eu respondo: respeitai a criança — até ao fim — mas respeitai também a vós mesmos. Sede companheiros do seu pensamento, amigos da sua amizade, amantes da sua virtude — mas nunca cúmplices do seu vício. Que ele vos encontre tão fiéis a vós próprios que sejais o inimigo irreconciliável do seu erro, e o impassível desprezador das suas trivialidades.

Os dois pontos essenciais na formação de um rapaz são: preservar a sua natureza e afastar tudo o que a corrompa; manter a sua essência, mas reprimir o tumulto, a tolice, o espalhafato. Conservar a sua natureza, e armá-la com o conhecimento na direção que ela própria indica. Eis os dois factos fundamentais: Génio e Disciplina. O primeiro é a inspiração do menino são e bem-nascido, a nova perceção que tem da Natureza. Algo vê nas formas, ou ouve na música, ou apreende na matemática, ou acredita ser possível na mecânica ou na sociedade, que mais ninguém vê, ouve ou acredita.

Esta é a eterna novidade da vida, a invasão de Deus num mundo velho e morto, quando envia para casas tranquilas uma alma nova com um pensamento ainda não reconhecido — à procura de algo que ali não está, mas que devia estar. O pensamento é vago, mas certo, e ele procura, inquieto, meios e mestres que o ajudem a realizá-lo; tenta, de forma desajeitada, explicar-se, invocar a ajuda dos que o rodeiam. Frustrado pela falta de linguagem e métodos para expressar o que sente — que nem ele compreende ainda — convence-se de que, se não for nesta casa ou nesta cidade, será noutra que encontrará o mestre sábio que lhe mostrará os instrumentos e as regras para cumprir a sua vontade.

Feliz o jovem com essa inclinação, com um pensamento que o arrebata, que o conduz ora por desertos, ora por cidades — tolo de uma ideia. Que a siga, seja bem ou mal falado, em boa ou má companhia — ela justificá-lo-á e acabará por conduzi-lo à sociedade ilustre dos amantes da verdade.

Em Londres, numa reunião privada, conheci um cavalheiro, Sir Charles Fellowes, que, estando em Xanthos, no mar Egeu, viu um turco apontar com o bastão para uma escultura quase enterrada.

Fellowes limpou a terra, impressionou-se com a beleza do ornamento, e, ao olhar em redor, viu mais blocos semelhantes. Voltou ao local com trabalhadores, desenterrou muitos fragmentos, regressou a Inglaterra, comprou uma gramática de grego e aprendeu a língua. Estudou história e arte antiga para interpretar as suas pedras. Interessou o escultor Gibson, pediu apoio ao governo britânico, recorreu a Sir Humphry Davy para analisar os pigmentos, a especialistas em moedas, estudiosos e conhecedores; e na sua terceira visita trouxe para Inglaterra tantas esculturas e planos que conseguiu reconstruir, no Museu Britânico, onde ainda hoje se encontra, o modelo perfeito do monumento jónico de troféu — cinquenta anos mais antigo que o Partenon — destruído por terramotos, iconoclastas cristãos e turcos bárbaros.

Mas repare-se: nessa tarefa, obteve uma educação excelente, associou-se a estudiosos de renome que se interessaram pela sua busca — em suma, criou uma universidade para si mesmo. O entusiasta encontrou o mestre, os mestres, que procurava. O génio procura sempre o génio, nada deseja mais do que ser discípulo e encontrar quem o ajude a aperfeiçoar-se.

E os dois elementos — entusiasmo e disciplina — não são incompatíveis. A exatidão é essencial à beleza. A própria definição de intelecto, segundo Aristóteles, é: "aquilo pelo qual conhecemos os termos ou limites." Dá a um rapaz perceções exatas. Ensina-lhe a diferença entre o semelhante e o idêntico. Faz com que chame as coisas pelos seus nomes certos. Não lhe perdoes erro algum. Então ele te dará uma satisfação sólida por toda a vida.

É melhor ensinar-lhe aritmética e gramática latina do que retórica ou filosofia moral, porque aquelas exigem precisão na execução; garantem que a lição é dominada — e esse poder de execução vale mais do que o mero saber. Ele poderá aprender qualquer coisa importante para si, desde que tenha adquirido o poder de aprender. Tal como dizem os mecânicos: quando alguém aprende a usar as ferramentas, é fácil mudar de ofício.

Letra a letra, sílaba a sílaba, a criança aprende a ler e, a seu tempo, transmite a todo o lar o sentido de Shakespeare. Por muitos passos, todos pequenos, o rapaz que gagueja e o estudante hesitante, nos debates da escola, nos clubes da universidade, no tribunal simulado, acabam por chegar à plena e segura expressão

do pensamento perante o público, com tal força que todos os passos anteriores se esquecem.

Mas esta função de abrir e alimentar a mente humana não se cumpre com métodos mecânicos ou militares. Não pode ser confiada a habilidade menor do que a da própria Natureza. Não se deve negligenciar a forma — mas é necessário garantir a essência. É curioso quão perversos e intrometidos somos — e quanto tempo e recursos investimos para fazer o que está errado. Enquanto, na nossa vida prática, seguimos os métodos naturais, na educação o senso comum falha — e estamos constantemente a experimentar máquinas dispendiosas contra a natureza, em escolas patenteadas, academias, grandes colégios e universidades.

O método natural confunde para sempre os nossos ensaios, e acabamos sempre por voltar a ele. Toda a teoria da escola está no colo da ama ou da mãe. A criança tem tanto desejo de aprender quanto a mãe de ensinar. Há um prazer mútuo. A alegria da infância ao ouvir belas histórias contadas por uma tia hábil e carinhosa tem de ser repetida na juventude.

O rapaz quer aprender a patinar, a deslizar encosta abaixo, a apanhar um peixe no riacho, a acertar num alvo com uma bola de neve ou uma pedra; e um rapaz um pouco mais velho sente-se igualmente satisfeito por lhe ensinar essas ciências. Não é menos delicioso o prazer mútuo de ensinar e aprender os segredos da álgebra, da química, da boa leitura e recitação de poesia ou prosa, ou de factos escolhidos da história ou da biografia.

A Natureza previu a comunicação do pensamento ao plantar, juntamente com ele, no espírito que o recebe, uma ânsia de o transmitir. Assim é em toda a arte, em toda a ciência. Um arde por contar o novo facto; o outro arde por o ouvir. Vede até onde irá um jovem médico para assistir a uma operação cirúrgica nova. Já vi uma oficina de carroçarias esvaziar-se de todos os operários que correram para a rua, para examinar um novo modelo vindo de Nova Iorque. E na literatura, o jovem com gosto por poesia, por imagens belas, por pensamentos nobres, é insaciável deste alimento — e esquece o mundo inteiro diante do amigo mais erudito, que encontra igual alegria em partilhar os seus tesouros.

Feliz o colégio natural, autoinstituído, em torno de todo verdadeiro mestre: os jovens de Atenas à volta de Sócrates; os de Alexandria com Plotino; os de Paris com Abélard; os da Alemanha com Fichte, Niebuhr ou Goethe — em suma, a esfera natural de todo espírito guia. Mas, no momento em que isto se organiza, surgem as dificuldades. O colégio destinava-se a ser o berço e o lar do génio; mas, se é

verdade que cada jovem nasce com alguma determinação na sua natureza, com um génio em potência, e que está destinado a sê-lo um dia, é igualmente certo que, na maioria, esse génio está obstruído e adiado. Os sentidos abrem-se antes da mente. São mais sensuais do que intelectuais. Têm apetite e preguiça, mas não entusiasmo. Estes vêm em número; os génios, poucos. E o ensino começa a ser moldado para os muitos, e não para os poucos. Daí que pareça exigir tutores hábeis, metódicos e sistemáticos, mais do que mestres ardentes e inventivos.

Além disso, os jovens de génio são excêntricos, não se deixam treinar, são irritáveis, inconstantes, explosivos, solitários — não são homens do mundo, nem bons para a convivência quotidiana. Tendes de trabalhar para grandes turmas, e não para indivíduos; de baixar a bandeira, reduzir as velas e esperar pelos alunos mais lentos. Tornais-vos departamentais, rotineiros, quase militares na disciplina e na vigilância.

Mas que escola assim formará um carácter grande e heroico? Que esperança duradoura pode inspirar? Que reformador alimentará? Que poeta criará para cantar à humanidade? Que descobridor das leis da Natureza incitará a enriquecer-nos, revelando no espírito o estatuto que toda a matéria deve obedecer? Que alma ardente enviará para aquecer uma nação com a sua caridade? Que mente tranquila preparará para caminhar com humildade em deveres privados e obscuros, para esperar e sofrer?

Não é evidente que as nossas instituições académicas deveriam ter um escopo mais vasto? Que não deveriam ser tímidas e seguir os sulcos da geração anterior, mas sim que homens sábios, pensando por si e buscando de coração o bem da humanidade — contando com os custos da inovação — ousassem despertar os jovens para uma vida justa e heroica? Que a natureza moral deveria ser convocada na sala de aula, e as crianças tratadas como nobres candidatos à verdade e à virtude?

Ver o jovem com esse olhar exige, sem dúvida, uma paciência rara — uma paciência que só a fé nas forças reparadoras da alma pode dar. Observais o seu sensualismo; notais a ausência de gostos e perceções que sustentam o vosso carácter. Muito provavelmente. Mas ele tem outra coisa. Se tem um vício, tem também a virtude correspondente. Cada mente deve ser autorizada a declarar-se em ação — e o seu equilíbrio há de surgir. Em tais julgamentos, é necessária aquela visão antecipada atribuída a um eminente reformador, do qual se dizia que "a sua paciência via no botão da aloé a flor que só surgiria ao fim de cem anos".

Ai da prática coxa quando tenta alcançar a teoria voadora! Tentai aplicar o vosso ideal à melhor escola — e encontrareis alunos de todas as idades, temperamentos e capacidades. Difícil agrupá-los: uns demasiado novos, outros lentos, outros rebeldes. Cada um exige tanto que a esperança matinal do professor de viver um dia de amor e progresso termina, ao entardecer, em desespero.

Cada caso, quanto mais examinado, mais mostra haver por fazer — entre as horas rígidas, de um lado, e o número de tarefas do outro. Sejam quais forem os métodos, os limites permanecem: seis horas e trinta, cinquenta ou cento e cinquenta alunos. Algo tem de ser feito — e depressa — e, nessa aflição, os mais sábios sentem-se tentados a adotar meios violentos: proclamar lei marcial, castigo corporal, organização mecânica, subornos, espiões, raiva, força bruta e ignorância — em vez daquela influência sábia, generosa e providencial que sonhavam, e que talvez esperem ainda aplicar um dia.

Claro que a obsessão pelos detalhes prejudica o próprio professor. Ele já não pode seguir o seu génio, nem deliciar-se com as relações pessoais com os jovens — pois o olhar está sempre preso ao relógio, e vinte turmas o aguardam até ao fim do dia. Como pode ele agradar-se com o génio e cultivar a modesta virtude? Uma proporção certa de velhacos e ignorantes infiltra-se em toda escola e exige uma parte cruel do tempo — e o professor gentil, que desejava ser uma Providência para a juventude, torna-se um disciplinador rígido, desconfiado, conhecedor de tanto vício como um juiz de tribunal — e perde o amor pelo saber entre gramáticas e compêndios.

Uma regra é tão fácil que não precisa de um homem para a aplicar; um autómato pode manter uma escola assim. Facilita tanto o trabalho e o pensamento que é tentador, nas grandes escolas, abdicar da tarefa interminável de atender às necessidades de cada espírito individual — e governar a vapor. Mas o custo é assustador. Os nossos métodos de ensino procuram acelerar, poupar esforço — fazer pelas massas o que não pode ser feito senão um a um, reverentemente. Antes digamos: é preciso o mundo inteiro para educar cada aluno.

As vantagens do sistema de emulação e exibição são tão imediatas, tão evidentes — é um economizador de tempo, atua fortemente sobre os lentos e os fracos, e é tão fácil de aplicar — que qualquer tutor, no seu primeiro ano, o pode usar. Não admira, pois, que esse "calomelano da cultura" seja uma medicina popular. Por outro lado, a abstinência total desta droga — e a adoção da disciplina simples e da fidelidade à Natureza — exige tempo, atenção, reflexão, experiência, os grandes

ensinamentos e apoios de Deus; e só conceber esse caminho já implica carácter e profundidade. Enveredar por ele é ser bom e grande.

É precisamente como a diferença entre o uso da punição corporal e os métodos do amor. É tão fácil desferir um golpe num rapaz desobediente, dominá-lo e obter obediência sem palavras — que, neste mundo apressado e distraído, quem pode esperar pelos frutos da razão e pela conquista de si mesmo? Especialmente na incerteza de saber se isso algum dia acontecerá? E, no entanto, a observação habitual das compensações universais devia sugerir o temor de que tal repressão sumária de um mau humor seja mais perigosa do que a sua continuação.

A correção desta prática charlatã está em importar para a educação a sabedoria da vida. Abandonai esta pressa militar e adotem o ritmo da Natureza. O seu segredo é a paciência.

Sabem como aprende o naturalista todos os segredos da floresta, das plantas, dos pássaros, dos animais, dos répteis, dos peixes, dos rios e do mar? Quando entra na mata, as aves fogem, e nada encontra. Quando vai à beira do rio, os peixes e os répteis nadam para longe. O seu segredo é a paciência. Senta-se — e fica quieto. Torna-se uma estátua, um tronco. Essas criaturas não dão valor ao tempo — e ele tem de o desvalorizar também. Com teimosa imobilidade, o réptil, o peixe, o pássaro e o animal — todos desejosos de regressar ao seu habitat — começam a voltar.

Ele permanece imóvel; e, ao aproximarem-se, não reage mais do que a pedra sobre a qual se senta. Perdem o medo. Começam a sentir curiosidade por ele. Aos poucos, a curiosidade vence o medo — e eles vêm nadando, rastejando, voando até ele; e, como ele continua imóvel, não só retomam as suas rotinas diante dele, como se mostram em plena naturalidade e chegam mesmo a fazer avançar alguma espécie de amizade ou entendimento com aquele bípede que se comporta tão civilizadamente.

Não poderás tu vencer a impaciência e o descontrolo da criança com a tua tranquilidade? Não poderás esperá-la, como fazem a Natureza e a Providência? Não poderás manter pela sua mente e os seus caminhos a mesma curiosidade que reservas para o esquilo, a serpente, o coelho, o pato bravo ou o veado? Cada criança tem um segredo — métodos maravilhosos dentro de si — é, cada uma, um novo estilo de homem. Dá-lhe tempo. Dá-lhe oportunidade.

Falais de Colombo e de Newton? Eu digo-vos: a criança que acaba de nascer naquela cabana pobre é o início de uma revolução tão grande como a deles. Mas é preciso ter o olhar crente e profético. Tende o autocontrolo que desejais inspirar.

O vosso ensino e disciplina devem ter a reserva e o silêncio da Natureza. Ensinai-os a calar-se, calando-vos. Falai pouco; não resmungueis; não ralheis; governai com o olhar. Vede o que precisam — e assegurai que seja feito o que é justo.

Confesso-me inteiramente perdido quando se trata de sugerir reformas concretas nos nossos métodos de ensino. Nenhuma decisão, por mais criteriosa que seja, confiada a uma comissão escolar, a inspetores ou a visitantes de um liceu ou universidade, será capaz de alcançar as dificuldades e perplexidades que se apresentam. Mas elas resolvem-se por si mesmas quando deixamos de lado as instituições e nos dirigimos aos indivíduos.

A vontade — o poder masculino — organiza, impõe o seu pensamento e desejo aos outros, e cria aquele olhar militar que controla os rapazes como controla os homens: admirável nos seus resultados, uma bênção para quem o possui, e apenas perigoso quando leva o educador a sobrevalorizar e abusar desse poder, impedindo-o de recorrer a meios mais subtis. A simpatia — a força feminina — que devem usar aqueles que não possuem a primeira, é menos eficaz no domínio imediato e na quebra da resistência, mas é mais subtil, mais duradoura e mais criativa.

Aconselho os professores a cultivarem o bom senso natural. Presumo que manterão a ordem na gramática, leitura, escrita e aritmética — isso é simples, e evidente que o farão. Mas façam contrabando de um pouco de espírito, fantasia, imaginação, pensamento. Se tiverem um gosto que reprimiram por não ser partilhado por quem vos rodeia, partilhem-no. Estabeleçam esta regra, aconteça o que acontecer às regras da escola: os alunos não devem cochichar, muito menos conversar — mas se um deles disser algo sábio, celebrem-no e deixem que todos batam palmas.

Nenhum livro além dos manuais escolares será permitido na sala — mas se alguém trouxer um Plutarco, um Shakespeare, um Dom Quixote ou Goldsmith, ou outro bom livro, e compreender o que lê, coloquem-no imediatamente no topo da turma. Ninguém deverá ser indisciplinado ou levantar-se sem permissão — mas se um rapaz ou uma rapariga correr do lugar porque o lume caiu ou para impedir que um cobarde cause mal a um colega indefeso, retirem a medalha ao melhor aluno e entreguem-na no instante ao corajoso salvador. Se uma criança demonstrar saber algo sobre astronomia, plantas, aves, rochas ou história que desperte o vosso e o seu interesse, calem todas as turmas e incentivem-na a partilhar, para que todos ouçam. Assim, tereis feito da sala de aula uma réplica do mundo.

É claro que exigireis modéstia às crianças e respeito pelos professores. Mas se um aluno vos interromper, afirmar que estais enganado e corrigir-vos com razão — abracem-no!

A quem quer que tenha uma mente reta e um coração que pulsa, é-vos confiado o dever de educar. Pela vida simples, pela alma ilimitada, inspirais, corrigis, instruís, elevais, embelezais tudo. Com o vosso próprio exemplo, ensinareis ao observador como realizar o possível. Conforme a profundidade da vossa fonte de vida, assim será a profundidade não só do vosso esforço como dos vossos modos e presença.

A bela ordem do mundo uniu aqui a vossa felicidade ao vosso poder. Trabalhai com retidão e absoluto sentido de dever, e estareis a dar braço e alento a toda a juventude do universo. Consentindo em ser um órgão do vosso mais alto pensamento, eis que, de repente, colocais todos os homens em dívida convosco e vos tornais fonte de uma energia que pulsa com ondas de benefício até aos confins da sociedade, até à periferia das coisas.

A SOBERANIA DA ÉTICA

Desde a descoberta de Ørsted — de que o galvanismo, a eletricidade e o magnetismo são apenas formas distintas de uma mesma força, conversíveis entre si — tem-nos sido constantemente sugerida uma generalização mais ampla: de que cada um dos grandes domínios da Natureza — a química, a vegetação, a vida animal — manifesta as mesmas leis em planos diferentes; de que os mundos intelectual e moral são análogos ao mundo material.

Há uma espécie de omnisciência latente não só em cada homem, mas em cada partícula. Aquela convertibilidade que tanto admiramos nas estruturas das plantas e dos animais — pela qual se reparam e adaptam partes danificadas com recurso a outras — esse autossocorro e criação própria provêm do mesmo poder original que opera de longe nas mais grandiosas e nas mais humildes formas com o mesmo desígnio, atuando num lagostim ou num verme como um sábio o faria, se confinado a tal forma.

É o esforço de Deus — do Intelecto Supremo — nos confins extremos do seu universo.

Tal como esta unidade se manifesta na organização do inseto, do animal e da ave, até ascender ao homem — e, no homem, do tipo mais baixo ao mais elevado — assim

também ela se revela no espírito ou inteligência do animal. Em épocas ignorantes, era comum vangloriar a superioridade humana desprezando o instinto dos outros animais; mas uma perceção mais justa descobre que a diferença reside apenas na intensidade. A experiência demonstra que aves e cães raciocinam como caçadores; que todos os animais revelam o mesmo bom senso que o homem — inimigo ou amigo — possui no seu caminho mais elevado; e, se em menor grau, ao menos não é corrompido por capricho e loucura, como o do homem tantas vezes é.

Saint-Pierre dizia dos animais que um sentimento moral parecia ter moldado a sua organização física.

Vejo a unidade do pensamento e da moral atravessar toda a Natureza animada; não há diferença de qualidade, apenas de grau. O animal, inteiramente submetido à Natureza, não tem ansiedades. Ao render-se, como é forçado a fazer, ele amplia-se e atinge o seu mais alto potencial. A pobre larva, no buraco de uma árvore, ao submeter-se à Natureza, passa incólume pela sua etapa mais baixa e, no fim, é recompensada: deita fora o seu invólucro imundo, expande-se numa forma bela, com asas de arco-íris, e torna-se parte do dia de verão. Os Gregos chamavam-lhe *Psyche*, símbolo manifesto da alma.

O homem, dominado pela Natureza, ocupa-se em guardar, alimentar, aquecer e multiplicar o seu corpo; e, enquanto não conhece mais do que isso, justificamo-lo. Mas, subitamente, dá-se uma mudança mística: uma nova perceção abre-se, e ele torna-se cidadão do mundo das almas. Sente aquilo a que se chama dever; sabe que deve obediência a um princípio superior — viver e agir como membro digno deste universo. Na medida em que sente isso, ele é verdadeiramente homem; ascende à vida universal.

O mais elevado intelecto está absolutamente em consonância com a natureza moral. Um pensamento está embutido num sentimento — e a tentativa de destacar e ostentar o pensamento é como exibir flores cortadas. A moral é a medida da saúde; e na voz do Génio ouço invariavelmente o tom moral, mesmo quando é negado pelas palavras. Saúde, melodia e um horizonte mais amplo acompanham a sensibilidade moral. Quanto mais refinado o sentido de justiça, melhor o poeta. O crente diz ao cético:

"Uma vereda te estava velada,
Pela qual eu vaguei até à verdade eterna."

A humildade é essa vereda.

É verdade que exageramos ao apresentar estes dois elementos — intelecto e moralidade — como separados. Todo o homem partilha de ambos, mas geralmente um prevalece.

Na juventude e na velhice, somos moralistas; e, na maturidade, o elemento moral sobe constantemente em apreço entre os homens sensatos.

É proverbial a confissão de muitos eruditos — quase uma "última fala" — a de que se arrependem por terem cortejado a donzela em vez da senhora (filosofia e matemática, em detrimento da teologia). Hoje chamaríamos a isso "ética".

E quando afirmo que o mundo é feito de forças morais, não o digo em sentido separado. Todas as forças encontram-se na Natureza unidas ao que movem: o calor não está isolado, nem a luz, nem a gravidade, nem a eletricidade — todas estão combinadas. E o mesmo se dá com os poderes morais: são impulsos de ação e, quanto mais acumulados, mais moldam e formam.

O desenvolvimento começa no "estômago das plantas" e culmina nos círculos do universo. Vai do gorila ao cavalheiro; do gorila a Platão, Newton, Shakespeare — até às santidades da religião, às refinadas legislações, aos cumes da ciência, da arte e da poesia. Os começos são lentos e frágeis, mas o progresso é sempre acelerado.

O mundo geológico é marcado pela crescente maturidade das camadas — desde as mais simples até àquelas que acolhem formas superiores de plantas e animais. A história da civilização humana pode ser traçada pelas sucessivas elevações morais: a virtude significava, a princípio, coragem física; depois castidade e temperança; em seguida, justiça e amor. Vieram os patos entre reis e povos, o reconhecimento de direitos para certas classes; depois para as massas. E, por fim, chegou o dia — como bem dizem os historiadores — em que os nervos do mundo foram eletrificados pela proclamação de que **todos os homens nascem livres e iguais**.

Toda a verdade conduz a outra. O botão expulsa a folha antiga, e cada verdade traz consigo aquela que a substituirá. No tribunal da lei, o juiz senta-se sobre o réu, mas no tribunal da vida, na mesma hora, o juiz também se ergue como réu perante um verdadeiro tribunal. Todo o juiz é um culpado, toda a lei um abuso. Montaigne elimina fanáticos como o feijão-couve mata vermes; mas há uma Musa mais alta, sentada num lugar onde ele não ousou ascender, com um olhar tão penetrante que pode dar conta de um reino onde todo o engenho e saber do francês nada mais são do que a astúcia de uma raposa.

É o mesmo facto, existindo como sentimento e como vontade na mente, que atua na Natureza como lei irresistível, influenciando nações, seres inteligentes ou reinos de brutos e de átomos químicos. A Natureza é um pântano tropical iluminado pelo sol: nas suas franjas ouvimos o canto das aves de verão e vemos gotas de orvalho prismáticas — mas o seu interior é terrível, cheio de hidras e crocodilos. Nos tempos pré-adâmicos, ela produziu apenas bravura; mais tarde chega ao homem e acrescenta ternura — e assim ergue a virtude, pouco a pouco.

Quando traçamos a evolução desde o princípio, vemos que a ferocidade tem utilidade; só assim se cumpriam as condições do mundo então existente, e esses monstros eram os varredores, carrascos, escavadores, pioneiros e fertilizadores, destruindo o que era ainda mais destrutivo do que eles e tornando possível uma vida melhor. Vemos o objetivo constante do benefício em vista desde o início. A melhoria é a lei. O inimigo mais cruel é um benfeitor disfarçado. As guerras que tornam a História tão sombria serviram a causa da verdade e da virtude. Há sempre um sentido instintivo de justiça, uma ideia obscura que anima ambas as partes e que, em longos períodos, acaba por se justificar.

Assim, alimenta-se no fundo do coração uma confiança sublime de que, apesar das aparências, da malícia e do egoísmo cego que vive no momento, uma necessidade eterna e benéfica está sempre a corrigir as coisas. E mesmo que cruzássemos os braços — o que não podemos fazer, pois o dever exige que sejamos as próprias mãos desse sentimento orientador e que trabalhemos no momento presente — os males que sofremos acabarão por se extinguir devido à oposição incessante da Natureza a tudo o que é nocivo.

A excelência dos homens consiste na completude com que o sistema inferior é absorvido pelo superior — processo moroso e delicado, mas em que nenhum ponto do inferior deve ser deixado por traduzir; de modo que a guerra das feras seja renovada num campo mais nobre, para vitórias mais elevadas. A guerra selvagem dá lugar à de Turenne e Wellington, já com limites e códigos. Esta, por sua vez, dá lugar à disputa mais refinada da propriedade, onde a vitória é riqueza e a derrota pobreza.

As inevitabilidades estão sempre a minar toda prosperidade aparente fundada no erro. Não importa quão gordo pareça um lucro baseado no crime — isso nunca será bom para a abelha se for mau para a colmeia. Vejamos como tudo isto se revela nas páginas da História. As nações vão e vêm, cidades erguem-se e caem, todos os instintos do homem — bons e maus — agem, e cada desejo, apetite e paixão corre para se concretizar e consagra-se em costumes, protegendo-se com leis.

Alguns desses costumes são úteis, universalmente aceites, não impedem ninguém e ajudam todos — esses são honrados e perpetuados. Outros são nocivos. A comunidade de bens foi experimentada — como num clã tártaro ou numa tribo indígena —, mas acabou por se perceber que um sistema de propriedade, onde cada um cerca e cultiva um terreno sob termos próprios, é o melhor para todos.

Napoleão disse: "Pela minha parte, não é o mistério da encarnação que encontro na religião, mas o mistério da ordem social, que associa ao céu a ideia de igualdade, impedindo que os ricos destruam os pobres."

Deverei então dizer que é mais verdadeiro imaginar a Necessidade como calma, bela, impassível, sem sorriso, coberta de insígnias de dor, estendendo o seu urdidura sombria sobre o universo? Esses fios são os elementos nocivos da Natureza: as suas inundações, os miasmas, as doenças, os venenos; o frio cortante, os répteis horrendos e piores homens — canibais e as depravações da civilização; os segredos das prisões da tirania, o escravo e o seu senhor, o desprezo do homem orgulhoso, as lágrimas do órfão, os vícios humanos — luxúria, crueldade e avareza impiedosa.

Estes tecem a urdidura sombria das eras. A humanidade senta-se diante do tear temível, lança a lançadeira e enche-a de arco-íris de alegria, até que o fundo sombrio se cubra com uma trama de indústria e sabedoria humanas, de exemplos virtuosos, de símbolos de artes úteis e generosas, com beleza e amor puro, coragem e as vitórias dos justos e sábios sobre a malícia e o erro.

A Natureza não é tão impotente que não possa, por fim, libertar-se de todo o crime. Um poeta oriental disse, ao descrever a Idade de Ouro, que Deus tornara a justiça tão cara ao coração da Natureza, que, se alguma injustiça se ocultasse debaixo do céu, a abóbada azul encolher-se-ia como uma pele de serpente e a expeliria em espasmos. Mas os espasmos da Natureza duram anos e séculos, e exigirão grande fé do homem para esperar tanto.

O homem está sempre a projetar louvor ou censura sobre os acontecimentos, sem ver que ele é o único real, e o mundo o seu espelho e eco. Atribui o golpe ao acaso, quando, na verdade, é ele quem o desfere. O estudante descobre um dia que vive num encantamento: a casa, os trabalhos, as pessoas, os dias, os climas — tudo o que chama Natureza, tudo o que chama instituições —, uma vez ativada a sua mente, revelam-se apenas visões, alegorias maravilhosas, quadros significativos das leis da mente; e, por essa galeria encantada, é guiado por mãos invisíveis a ler e aprender as leis do Céu.

Esta descoberta pode surgir cedo — por vezes, na infância, para uma criança rara; mais tarde, na escola, mas com mais frequência já com a mente madura. E para multidões de homens carentes de atividade mental, ela nunca chega — como a poesia ou a arte. Mas deveria chegar: pertence ao intelecto humano, é uma perceção de que não podemos prescindir.

A ideia de justiça existe na mente humana, e manifesta-se no equilíbrio da Natureza: nas igualdades e ritmos do nosso sistema, no nível dos mares, na ação e reação das forças. Nada é permitido exceder ou absorver o resto; se o fizer, é doença, e rapidamente será destruído. Foi uma descoberta precoce da mente — esta regra benéfica.

A força emerge na proporção em que o elemento moral prevalece. A força do animal para comer, gozar e usurpar é rudeza e imbecilidade. A lei é: a cada um será dado o que é seu. Como semeares, assim colherás. Feres, serás ferido. Serves, serás servido. Se amares e servires os homens, não poderás, por qualquer disfarce ou estratagema, escapar à recompensa. Recompensas secretas restauram sempre o equilíbrio da Justiça Divina quando ele é perturbado. É impossível inclinar a balança. Todos os tiranos, proprietários e monopolistas do mundo tentam em vão mover a barra — pois ela assenta eternamente, e homem, ácaro, estrela e sol devem alinhar-se com ela, ou serão pulverizados pelo recuo.

É uma doutrina de consolo indizível. Quem nela firma o pé, sai imediatamente do reino das ilusões. Outros podem bem sofrer com o quadro horrível do crime que preenche a terra e ameaça a vida social, mas o hábito de respeitar essa grande ordem — que certamente contém e dispõe do nosso pequeno sistema — eliminará todo o medo do coração. Ela própria criou e distribuiu tudo o que foi criado e distribuído; e, confiando no seu poder, deixamos de nos preocupar com aquilo que, com certeza, será bem ordenado.

Para os homens de bem, como os chamamos, esta doutrina da Confiança é um segredo não sondado. Usam a palavra, aceitaram a noção de uma supervisão mecânica da vida humana, por meio da qual aquele ser maravilhoso, a quem chamam Deus, assume os seus assuntos onde a sua inteligência falha, e de algum modo tece e coordena os seus destinos para lá do alcance das suas faculdades. Não veem que Ele — que o Isso — está lá, ao lado e dentro; o pensamento do pensamento; o centro de todos os assuntos; que Ele é a própria existência, e que, sem Ele, eles não seriam.

Não percebem que os particulares são-lhe tão sagrados quanto o plano geral; que esses episódios da vida quotidiana são obra sua; que, no momento em que cessam de interferir, esses particulares ganham doçura e grandeza, tornando-se a linguagem de princípios sublimes.

O homem deveria ser hóspede na sua própria casa e hóspede no seu próprio pensamento. Está ali para falar pela verdade — mas quem é ele? Um torrão que a verdade ergueu do chão e moldou com fogo num homem momentâneo. Sem a verdade, volta a ser torrão. Encontre ele a sua superioridade em não desejar superioridade; encontre as riquezas do amor, que possui aquilo que adora; as riquezas da pobreza; a grandeza da humildade; a imensidão do presente; e, na hora que passa, a eternidade das eras.

Ó estado maravilhoso do homem — nunca tão feliz como quando perdeu todos os interesses e vaidades pessoais, e existe apenas em obediência e amor ao Autor.

A alma ardente disse: "Permite que eu seja uma nódoa neste belo mundo, o mais obscuro, o mais solitário sofredor — com uma única condição: que saiba que é Ele quem age. Amá-lo-ei, mesmo que Ele espalhe geada e trevas por todos os caminhos meus." A ênfase dessa doutrina bendita reside na humildade. O novo santo glorificava-se nas suas fraquezas. Quem ou o que era ele? A sua queda e a sua redenção eram vicárias. Ele caiu noutro; ele ergue-se noutro.

Perecemos — e perecemos de bom grado — se a lei permanecer. Espero que seja concebível que um homem possa ir alegremente à ruína, se com isso não recair qualquer sombra sobre aquilo que ama e adora. Não precisamos de estar sempre a exigir a nossa camisa lavada e o nosso assado diário. Não deixamos de acreditar na astronomia ou na vegetação só porque nos contorcemos e gememos nas nossas camas com reumatismo. Aleijados e inválidos que sejamos, não duvidamos de que há corças a saltar nas florestas e lírios a erguer-se com caule gracioso; do mesmo modo, também não duvidamos nem deixamos de amar a lei eterna, embora sejamos seus praticantes tão medíocres.

A verdade recompõe-se, imaculada e ilesa, apesar de todas as nossas capitulações, ocultações e parcialidades — nunca ferida pela traição ou queda dos seus melhores defensores, sejam eles Lutero, William Penn ou São Paulo. E quando nos falam da má conduta de Lutero ou de Paulo, respondemos: "E então? Quem sofreu mais com isso do que o próprio Lutero ou Paulo?"

Devemos nós agarrar-nos com fervor aos nossos mestres e figuras históricas e achar que o alicerce da verdade é abalado se for revelada alguma falha nos seus

registos? Como poderia a verdade ser prejudicada pela queda de alguém que dela se afastou? A lei da gravidade não se vê abalada por cada acidente, mesmo que partamos uma perna. Do mesmo modo, a lei da justiça não é enfraquecida pelas nossas transgressões.

Devemos saber que nunca estamos sem timoneiro. Quando não sabemos como guiar, nem ousamos içar as velas, podemos deixar-nos levar à deriva. A corrente conhece o caminho, mesmo que nós não o conheçamos. Quando surgem as estrelas e o sol, quando conversamos com navegadores que conhecem a costa, podemos começar a remar e a ajustar a vela. O navio do céu guia-se a si mesmo — e não aceitará um leme de madeira.

Já disseste a ti próprio: "Renuncio a todas as escolhas. Vejo agora que não me cabe interferir. Vejo que fui apenas parte da multidão; que fui uma criatura lamentável, por desejar ser o meu próprio senhor, por querer vestir-me e ordenar toda a minha forma de viver. Achava que me saía bem nisso. E vejo que os meus vizinhos também o achavam. Ouvi orações, rezei mesmo, mas nunca até agora imaginei que essa empresa — o total domínio dos meus assuntos — não fosse recomendável. Nunca percebi que isso me diminuía. Só agora, com este raio abençoado que atravessou a minha alma, vejo que há um poder na Natureza capaz de me aliviar o fardo. Agora vejo."

Que é este sentimento intoxicante que liga este fragmento de pó a toda a Natureza e a todo o Destino, que faz desta boneca uma habitante das eras, zombando do tempo, capaz de desprezar todas as vantagens exteriores, igual e senhora dos elementos? Aprendo com ele que tudo o que toca qualquer fio na vasta teia do ser, me toca a mim. Sou representante do todo — e o bem do todo, ou aquilo que chamo de justo, torna-me invulnerável.

Como foi que esta criação se teceu de forma tão mágica, que nada me pode fazer mal a não ser eu próprio, que uma cerca invisível protege o meu ser de todo o dano que eu deseje resistir? Se eu me mantiver firme, a criação não me pode dobrar. Mas se me trair, se cometer um crime, o relâmpago atrasa-se apenas pela velocidade da retribuição, e cada ato é recompensado, não num "depois", mas instantaneamente, conforme a sua natureza.

A virtude é a adoção, pela vontade individual, do mandamento da mente universal. O carácter é o hábito dessa obediência, e a religião é a emoção que a acompanha — a emoção de reverência que a presença da mente universal desperta sempre no indivíduo.

Vamos aos livros famosos em busca de exemplos de carácter, tal como mandamos vir da Inglaterra arbustos que crescem bem nos nossos próprios quintais e campos de vacas. A vida é sempre rica, e graças espontâneas e forças elevam-na em cada círculo doméstico — e são ignoradas enquanto lemos algo inferior nos autores antigos.

Pela obscuridade e acaso das que conheço, infiro a obscuridade e acaso de igual bálsamo, consolo e imortalidade em milhares de lares que não conheço, por todo o mundo. E não vejo razão para que, a esses instintos simples — simples mas grandiosos — não estejam abertos todos os cumes e transcendências da virtude e do entusiasmo. Há neles poder suficiente para mover o mundo. E não é por esterilidade ou falha da ética, mas por negligência nossa destes monitores sublimes e sentimentos universais, que a religião se torna fria e a vida mesquinha.

Apesar da imensa energia do sentimento do dever e da reverência pelo sobrenatural exercerem influência incomparável sobre a mente, são muitas vezes pervertidos. A tradição é recebida com temor, mas sem ação correspondente de quem a recebe. Assim encontramos tantos homens dominados por esse tema! Sensatos em tudo o resto, perdem o juízo quando falam de religião. Existe um preconceito robusto no espírito público de que a religião é algo separado — um departamento distinto de todas as outras experiências — e que os critérios e julgamentos que os homens prontamente aplicam a outras coisas, não se aplicam aqui.

Por vezes, falamos com o cidadão mais grave e virtuoso, e no instante em que se aborda o tema da religião, ele mergulha numa superstição infantil. O rosto revela fascínio, tal como a conversa. Certa vez, falei com um missionário fervoroso e apontei-lhe que a sua doutrina não encontrava respaldo na minha experiência. Ele respondeu: "Não é assim na tua experiência, mas é no outro mundo." Eu repliquei: Outro mundo? Não há outro mundo. Deus é um e omnipresente; aqui ou em lado nenhum está o facto total. O único milagre que Deus realiza eternamente é na Natureza — ao manifestar-se à mente.

Quando perguntamos simplesmente: "O que é verdadeiro no pensamento? O que é justo na ação?", estamos a render o coração privado à Mente Divina — e todas as preferências pessoais e exigências de milagres são profanas.

A palavra "milagre", tal como é usada, só revela a ignorância do devoto — pasmado por ver água transformar-se em vinho, e desatento ao facto estupendo da sua própria personalidade. Ali está ele, um pensamento solitário organizado em

harmonia com o universo da mente e da matéria. Que narrativa de prodígios, vinda de mil anos, deveria captar-lhe mais a atenção do que essa?

É claro que é humano valorizar o consentimento geral, a fraternidade de crentes, uma igreja cheia. Mas, à medida que o sentimento se purifica e se eleva, abandona as multidões. Passa a fazer igrejas de dois, de um. Um erro fatal comete aquele Swedenborg — ou outro qualquer — que se oferece para pensar por mim. Parece impiedade escutar um ou outro santo quando o Espírito de Deus fala de forma tão clara a cada alma. Jesus foi melhor do que os outros porque se recusou a escutá-los — e escutou dentro de si.

Tu interessas-te verdadeiramente pelo teu pensamento. Já meditaste, em silenciosa admiração, sobre a tua existência neste mundo. Percebeste, no primeiro facto da tua vida consciente, um milagre tão espantoso — um milagre que abrange todo o universo de milagres — que isso esgota o assombro e te deixa sem necessidade de procurar aqui ou ali novas exibições de poder.

Depois, aparece alguém com uma citação de 1 João 5:7 ou uma frase complicada de São Paulo, que considera como o machado à raiz da tua árvore. Mas tu não consegues interessar-te por isso. Dizes: "Corta, se quiseres — a minha árvore é Yggdrasil, a Árvore da Vida." Por um momento, ele interrompe a tua confiança tranquila na Providência Divina. Mas dá-lhe a conhecer, com a tua serenidade, que a tua convicção é clara e suficiente — e que, mesmo que fosse o próprio Paulo, tu também estás aqui — e com o teu Criador.

Todos nós cedemos a superstições. A casa onde nascemos não é apenas madeira e pedra — ainda está assombrada por pais e antepassados. Os credos em que fomos iniciados na infância já não ocupam o mesmo lugar nas mentes reflexivas, mas não são nada para nós — e detestamos que sejam tratados com desprezo. Há tanto que desconhecemos, que concedemos a essas ideias o benefício da dúvida.

É da natureza da mente humana que, ao fixar-se num objeto, se desvie de todos os outros. Pode agarrar-se a uma fórmula precisa, a um credo verbal, com tal concentração que o universo lhe escapa. Mas os astros continuam a girar acima, o sol aquece-o. Com paciência e fidelidade à verdade, pode abrir caminho — nem que seja ao deparar-se com alguém que acredite em mais fábulas do que ele — e, ao tentar dissipar as ilusões do vizinho, abre os próprios olhos.

No Cristianismo deste país há enormes diferenças de opinião quanto à inspiração, profecia, milagres, ao estado futuro da alma; toda a variedade de opiniões, e mudanças rápidas nas últimas décadas. É simplesmente impossível ler a velha

história do primeiro século como se lia no nono; para isso, seria necessário abolir mentalmente as lições de todos os séculos entre o nono e o século XIX.

Deverei eu cometer o erro de batizar a luz do dia, o tempo e o espaço com o nome de João ou Josué, em cuja tenda por acaso os vislumbrei? Que antropomorfistas somos nós, que não conseguimos deixar as distinções morais como são, e temos de as moldar à imagem do homem!

A “mera moralidade” não consiste em ser atribuída a um mestre pessoal da moral. A nossa religião é geográfica, pertence ao nosso tempo e lugar; venera e mitifica um determinado momento, local, pessoa e povo. Por isso, é ocasional. Visita-nos apenas em circunstâncias excecionais e cerimoniais — num casamento ou batizado, num leito de doença, num funeral ou talvez numa vitória nacional sublime ou na assinatura de um tratado de paz. Mas essa, fiquem certos, não é a religião da providência universal e insone, que se manifesta nos pormenores, nas vozes suaves e subtis, nos segredos do coração e nos pensamentos mais íntimos, com a mesma eficácia com que se expressa nos nossos triunfos e proclamações.

Longe de mim diminuir os homens ou igrejas que fixaram os corações dos fiéis e organizaram os seus impulsos devotos em boas instituições. A Igreja de Roma teve os seus santos e inspirou a consciência da Europa — Santo Agostinho, Tomás de Kempis, Fénelon. A piedade da Igreja Anglicana viu-se em Cranmer, Herbert e Taylor; a Igreja Reformada teve Scougal; os místicos, Behmen e Swedenborg; os Quacres, Fox e James Naylor. Confesso que a nossa geração parece despreocupada, frívola, em comparação com os fervores religiosos do último ou penúltimo século. Havia então uma referência séria e constante ao mundo espiritual, presente em diários, cartas, conversas — até mesmo em testamentos e documentos legais — que faz com que a nossa “libertação” pareça ligeiramente vaidosa e superficial.

A religião de há setenta anos era como um cinto de ferro que dava concentração e força ao espírito. Um povo rude era mantido respeitável pela sua fixação no mundo eterno. Hoje, os homens dispersam-se, perdem orientação, sofrem no carácter e no intelecto. Uma sonolência alastra-se sobre as grandes funções humanas. O entusiasmo apaga-se. No seu lugar, uma prudência rasteira tenta manter a sociedade coesa, mas os seus braços são curtos — cordas e máquinas nunca substituem a vida.

Lutero preferiria cortar a mão do que escrever teses contra o Papa se suspeitasse que com isso estaria a preparar o caminho para as pálidas negações do

Unitarismo de Boston. Não entrarei agora nas considerações metafísicas sobre esse movimento pendular da história em que um período de fé é seguido por uma era de crítica, na qual o espírito dominante substitui a crença pela astúcia, e o respeito exagerado por formas vazias se torna mais evidente precisamente nas mentes menos religiosas. Não explorarei agora as causas, mas o facto é recorrente — e nunca foi tão evidente como na igreja americana contemporânea.

À igreja ardente e sacrificante pessoal que se deleitava em ritos e ordenanças sucedeu uma geração fria, intelectual, que analisa as orações e salmos dos antepassados e, quanto mais inteligente, mais rejeita toda a autoridade e costume com uma petulância sem precedentes. É quase sinal de honestidade declarar o quanto se acredita pouco, enquanto a maioria segue os velhos rituais com uma escrupulosidade infantil — e temos pontualidade em vez de fé, bom gosto em vez de carácter.

Mas espero que esta falta de fé seja apenas aparente. Descobriremos que a liberdade tem os seus próprios guardiões e que, mal se transforma em licença entre os vulgares, todos os homens razoáveis se apressam a procurar esses guardiões. Não considero que o nosso tempo tenha alcançado o seu auge se não atingir a elevação a que religião e filosofia chegaram em qualquer época passada. Se me faltarem a inspiração dos santos calvinistas, dos platónicos ou budistas, então os nossos tempos não são à altura dos deles ou, mais justamente, ainda não encontraram a sua força legítima.

O culto é o respeito por aquilo que está acima de nós. Os homens são respeitáveis apenas na medida em que respeitam. Deliciamo-nos com as crianças por causa daquele olhar reverente que as habita, pela sua devoção aos mais velhos e aos objetos da sua crença. O humilde trabalhador irlandês conquista-nos o respeito por acreditar em algo — na sua igreja, nos seus empregadores.

As pessoas supersticiosas impõem-nos respeito, pois a sua existência não se limita ao chapéu e aos sapatos: caminham acompanhadas por imagens do espírito, às quais prestam homenagem. Não se pode empobrecer o homem retirando-lhe o que está acima dele sem o arruinar. É triste ver homens que acham que a sua bondade provém apenas de si próprios; é comovente ver aqueles que acreditam no contrário.

Todas as épocas de crença foram grandiosas; todas as de descrença, medíocres. Os orientais creem no Destino. O que lhes acontecer está escrito numa folha de ferro; não mudam sequer de direção para fugir à fome, à peste ou à espada do inimigo. Isso é grandioso, e confere dignidade ao povo. Já entre nós, americanos,

acusa-se uma grande falta de reverência; dizem que a veneração não faz parte do nosso carácter; que as nossas instituições, a nossa política e o nosso comércio promoveram uma autossuficiência mesquinha, ruidosa, cheia de agitação. Recusamos tudo o que se coloque acima de nós no Estado e vangloriamo-nos com exagero, confiando nos nossos sentidos e raciocínio, enquanto a imaginação e o sentimento moral jazem desolados. Também na religião carecemos de objetos elevados. Estamos a perder — ou já perdemos — a antiga reverência; novas conceções de inspiração, milagres e santos substituíram as velhas, e é inútil tentar restaurá-las. As revoluções não recuam — e todas as igrejas lamentam a decadência da antiga piedade, enquanto tudo ameaça descambar em apatia e indiferença.

Compete-nos ponderar se não poderemos ter uma fé verdadeira e objetos reais em vez destes falsos. A mente humana, quando é respeitada, nunca se trai a si mesma. Se houver sinceridade e boa intenção — se houver verdadeiramente em nós o desejo de procurar os nossos superiores, aquilo que está legitimamente acima de nós — não demoraremos a encontrar.

Entretanto, existe uma centralidade vigorosa — uma força centrípeta igual à força centrífuga. O místico ou teísta não se assusta com qualquer materialismo estrondoso. Conhece as leis da gravidade e da repulsão — e sabe que estas são surdas a oradores franceses, por mais espirituosos que sejam. Se a teologia mostra que as opiniões estão em rápida mutação, o mesmo não se pode dizer das convicções morais dos homens. Essas permanecem. O mais ousado heroísmo, a mais refinada cultura, a mais extática santidade — nenhuma delas jamais esgotou o apelo dos deveres humildes, nem jamais penetrou na sua origem. Não podemos desiludir-nos ou empobrecer-nos com a obediência; é pela humildade que nos elevamos, pela obediência que comandamos, pela pobreza que somos ricos, pela morte que vivemos.

Estamos eternamente remetidos à retidão, apenas à retidão — e isso é tudo quanto podemos fazer para melhorar. Mas o fanático estigmatiza-a como uma filosofia estéril de recanto. Pois bem, a minha primeira afirmação é que a religião natural ainda fornece todos os factos que os dogmas das crenças populares apenas disfarçam. O progresso da religião conduz, de forma constante, à sua identidade com a moral.

Como se edificará a nova geração? Porque não haveria de o ser? A vitalidade daquelas tradições outrora omnipotentes não estava na lenda, mas no sentimento moral e no facto metafísico que ela continha — e esses sobrevivem. Um novo

Sócrates, Zénon, Swedenborg ou Pascal — ou uma nova geração de génios como os da era elisabetana — pode nascer nesta era e, com coração leve e inclinação para o teísmo, trazer de volta o ascetismo, o dever e a magnanimidade.

É verdade que o Estoicismo, sempre atrativo para os intelectuais e cultos, já não tem templos, academia, um Zénon ou um Antonino. Isso acusa-nos. Ética pura ainda não foi formulada ou corporizada num culto, numa irmandade com assembleias e feriados, com cânticos e livros, com tijolo e pedra. Porque não abandonaram os que nela creem tudo por essa causa? Porque não se consagraram a escrever as suas escrituras científicas — a torná-la a Vulgata para milhões?

Respondo, por mim, que as inspirações que temos desta lei não são contínuas nem técnicas, mas faíscas alegres, registadas pela sua beleza, pelo deleite que proporcionam, não pela obrigação que impõem. E esse é o seu valor inestimável: encantam e elevam — não impõem. Ainda não tem o seu primeiro hino. Mas, para que cada linha e palavra sejam brasas de fogo verdadeiro, terão de passar eras até que essas fagulhas dispersas possam ser recolhidas e se tornem numa chama firme sobre o altar.

Ainda não é claro quais formas tomará o sentimento religioso. Prepara-se para se erguer acima de todas as formas em direção a uma justiça absoluta e uma perceção sã. Já se vê um novo sentimento de humanidade a infundir-se na ação pública. Há agora contribuições financeiras mais extensas e sistemáticas do que nunca para acudir a desastres distantes, e apoio político a povos oprimidos. Depois há as novas convenções da ciência social, perante as quais se apresentam para debate questões como os direitos das mulheres, as leis do comércio, o tratamento do crime, a regulação do trabalho. Se tudo isto são sinais de correntes firmes de pensamento e vontade nesta direção, poderemos muito bem estar diante do nascimento de uma nova nação.

Sei quão delicado é este princípio, quão difícil é a sua adaptação às disposições práticas e sociais. Não pode ser profanado; não pode ser forçado; desviá-lo do seu curso natural é perder, de imediato, toda a sua força. As experiências que recordamos são aquelas em que algum dogma ou seita formou o vínculo, e isso era um elemento artificial que arrefeceu e travou a união.

Mas será assim tão impossível acreditar que os homens possam ser atraídos uns pelos outros simplesmente pelo respeito que cada um sente por outro no qual descobre uma honestidade absoluta? O respeito que sente por alguém que acha a vida demasiado grosseira e frívola e que gostaria de a elevar um pouco, de ser

amigo da virtude de outro? Por aquele que, sob as suas concessões à sociedade artificial, anseia genuinamente por ser útil a alguém, por testar a sua própria realidade tornando-se indispensável?

O homem não vive apenas de pão, mas de fé, de admiração, de simpatia. É muito superficial afirmar que o algodão, o ferro, a prata ou o ouro são os reis do mundo; há forças que, a qualquer momento, fazem esquecer esses bens — o medo faz, o amor faz, o carácter também. Os homens vivem das suas crenças. Os governos subsistem por elas — pela fé que o povo partilha, quer provenha da religião em que foi educado, quer de uma consciência original interior que a religião popular apenas ecoa.

Se um governo se sustentasse apenas pela força, se o instinto do povo fosse resistir-lhe, então esse governo teria de ser dois para um, para estar seguro — e mesmo assim não estaria livre de indivíduos desesperados. Mas não: o velho mandamento "Não matarás" é o que mantém a ordem em Nova Iorque, Londres e Paris — não a polícia, nem a cavalaria.

São as crenças dos homens que os moldam e criam, a seu gosto, uma ou outra superfície. À medida que a mente se abre, transfere rapidamente as suas preferências das circunstâncias para as causas; da cortesia para o amor, das invenções para a ciência, da lei de Londres ou Washington, ou da opinião pública, para a ideia revelada pelo próprio espírito; de tudo o que o talento executa para o sentimento que enche o coração e dita o futuro das nações.

O facto dominante que nunca deixo de ver é a suficiência do sentimento moral. Em épocas ou horas superficiais, sustentamo-lo com lendas, tradições e formas — cada uma válida no momento em que era símbolo feliz do Poder —, mas o Poder envia logo de seguida uma nova lição, que perdemos enquanto os olhos permanecem fixos no passado, a tentar perpetuá-lo.

A América há de introduzir uma religião pura. Diz-se que a ética não satisfaz a afeição. Mas toda a religião que temos é a ética de uma ou outra pessoa santa; assim que o carácter se manifesta, o amor também se manifesta, bem como a veneração, os relatos e as fábulas sobre essa pessoa, e a admiração que os bons homens e mulheres sentem por ela.

E que abismos de grandeza e beleza conhecemos na verdade ética! Que capacidade de adivinhação ou perceção profunda lhe pertence! A inocência é um elixir maravilhoso, que purga os olhos para perscrutar a natureza das almas que por ela passam. Que armadura é para proteger o bom contra males exteriores e

interiores! Com que poder converte acidentes maléficos em benefícios! O poder do seu rosto; o poder da sua presença! Só a ela chega a verdadeira amizade; com ela vem a grandeza da situação e a perceção poética, que enriquece tudo quanto toca.

Outrora, os homens pensavam que o Espírito era divino e a Matéria diabólica — um era Ormuzd, o outro, Arimã. Hoje, a ciência e a filosofia reconhecem o paralelismo, a aproximação, a unidade entre ambos: como um reflete o outro, como o rosto responde ao rosto num espelho; e mais, como as leis de ambos são uma só, ou como uma é a realização da outra. Estamos a aprender a não temer a verdade.

O homem do nosso tempo deve ser matriculado na universidade das ciências e tendências oriundas de todos os períodos passados. Não deve ser alguém que se deixe surpreender ou naufrague com qualquer palavra ousada ou subtil pronunciada por homens astutos ou maliciosos — mas sim alguém educado em todos os ceticismos e incredulidades, um destruidor de casas de cartas e muros de papel, um filtrador de todas as opiniões, desde a infância colocado cara a cara com a Realidade.

Um homem habituado a olhar para todas as suas circunstâncias como extremamente mutáveis, a carregar os seus bens, as suas relações pessoais e até as suas opiniões na palma da mão, e a descobrir em todas estas o princípio e a lei moral — esse homem colocou-se fora do alcance de qualquer ceticismo. E parece que tudo o que é mais comovente e sublime no nosso convívio, na nossa felicidade e nas nossas perdas, tende constantemente a elevar-nos a uma vida tão extraordinária que, poder-se-ia dizer, é sobre-humana.